

Victor Hugo

**O LIVRO
DAS MESAS**

**AS SESSÕES ESPÍRITAS
DA ILHA DE JERSEY**

Edição de Patrice Bolvin



Victor Hugo

O Livro das Mesas

As sessões espíritas da ilha de Jersey

EDIÇÃO E ESTABELECIMENTO DO TEXTO, APRESENTAÇÃO

E NOTAS Patrice Boivin

TRADUÇÃO André Telles

Copyright © 2014 Éditions Gallimard

Copyright da tradução © 2018 Três Estrelas – selo editorial da Publifolha Editora Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, arquivada ou transmitida de nenhuma forma ou por nenhum meio sem a permissão expressa e por escrito da Empresa Folha da Manhã S.A., detentora do selo editorial Três Estrelas.

Título original *Le Livre des Tables*

EDITOR Alcino Leite Neto

EDITORA-ASSISTENTE Rita Palmeira

PRODUÇÃO GRÁFICA Iris Polachini

CAPA André Kavakama

FOTO DA CAPA Victor Hugo em foto de Etienne Carjat (c. 1877) | Getty Images Brazil/Premium Archive – RM Editorial Images

PROJETO GRÁFICO DO MIOLO Mayumi Okuyama

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA Jussara Fino

PREPARAÇÃO Alexandre Caroli Rocha

REVISÃO Isabel Cury e Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hugo, Victor, 1802-1885

O livro das mesas : as sessões espíritas de Jersey/Victor Hugo;
organização, apresentação, estabelecimento do texto e notas Patrice
Boivin; tradução André Telles. – São Paulo : Três Estrelas, 2018.

Título original: *Le livre des tables: les séances spirites de Jersey.*

Bibliografia.

ISBN 978-85-68493-48-9

1. Espiritismo – Filosofia 2. Espiritismo – História 3. Literatura francesa
4. Médiuns 5. Mesasgirantes (Espiritismo) I. Boivin, Patrice.

18-13822

CDD-133.92

Índices para catálogo sistemático:

1. Mesas girantes: Espiritismo 133.92

Este livro segue as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.



Al. Barão de Limeira, 401, 6º andar

CEP 01202-900, São Paulo, SP

Tel.: (11) 3224-2186/2187/2197

editora3estrelas@editora3estrelas.com.br

www.editora3estrelas.com.br

Em 1851, Luís Napoleão Bonaparte, então presidente da França, propôs à Assembleia Legislativa uma mudança constitucional que permitiria prolongar seu mandato. A ideia foi rechaçada, e o presidente desfechou, em 2 de dezembro, um golpe de Estado - dissolvendo a Assembleia e mandando prender deputados da oposição.

A data era simbólica: em 2 de dezembro de 1804, seu tio, Napoleão, fora coroado imperador da França; e um ano depois, em 2 de dezembro de 1805, venceria a Batalha de Austerlitz. O escritor e deputado Victor Hugo, firme oponente de Luís Bonaparte, tentou organizar uma resistência armada contra aquele que ele qualificava de tirano. A iniciativa fracassou, e Hugo, perseguido, exilou-se em Bruxelas, depois em Londres e finalmente em Jersey, ilha britânica onde desembarcou em 1852. Seu exílio duraria até 1870, com a queda de Napoleão III.

Em Jersey, uma amiga dos Hugo inicia a família e seus amigos na experiência do espiritismo e das Mesas girantes e falantes. A prática havia começado poucos anos antes nos Estados Unidos e se difundia na Europa. As primeiras tentativas com as Mesas desapontam Victor Hugo e seus próximos. Em setembro de 1853, porém, manifesta-se o espírito de Léopoldine, filha do escritor que morrera afogada dez anos antes. A disposição e a confiança dos participantes mudam radicalmente.

A partir de então, até outubro de 1855, serão realizadas sessões espíritas quase diariamente na casa de Hugo, e quase todas serão registradas em atas, redigidas pelo escritor e pelos demais participantes.

Os diálogos com os espíritos atravessam uma gama de questões sobre a condição humana, o crime e a punição, o sofrimento e a morte, o destino da alma, a vida no além, a importância do amor e do perdão.

Temas sociais avançados para a época, como os direitos das mulheres e das crianças, o fim da pena de morte e até mesmo a criação dos Estados Unidos da Europa, também ocupam os debates com as Mesas.

Com a morte de Victor Hugo, em 1885, aos 83 anos, sua experiência espírita voltou a cercar-se de mistério, e apenas parte das atas de Jersey veio à luz, de maneira esparsa. Esta edição reúne pela primeira vez a maior parte dos escritos, muitos deles inéditos e descobertos recentemente. Trata-se de um documento essencial para compreender a obra de Hugo posterior ao exílio e também os momentos iniciais da história do espiritismo.

VICTOR HUGO (1802 -1885)

Poeta, romancista, ensaísta, dramaturgo e político, foi um dos introdutores do Romantismo na França. Considerado um dos maiores escritores de todos os tempos, é autor de *Hernani* (1830, teatro), *As contemplos* (1856, poesia) e *Os miseráveis* (1862, romance), entre outras obras.

Contracapa

Este livro surpreendente traz pela primeira vez a transcrição de quatro cadernos em que Victor Hugo, sua família e seus amigos descreveram as sessões espíritas das quais participaram na ilha de Jersey, entre 1853 e 1855.

Escritor consagrado e político atuante, o autor de *Os miseráveis* se exilara na ilha britânica após o golpe de Estado de Luís Napoleão Bonaparte.

Em Jersey, manifestam-se mais de uma centena de espíritos - como os de Dante, Shakespeare, Molière, Voltaire, Jesus e Maomé - que, por meio de diálogos, poemas e até mesmo de uma peça de teatro, respondem a questões sobre os mistérios da vida e da morte.

A experiência permitirá a Victor Hugo prosseguir na busca, que tanto almejava, "do grande todo" e abrirá para ele um caminho espiritual e poético incomum, que tornará sua literatura ainda mais arrojada e visionária.

Prefácio

Sumário

6	Prefácio <i>Patrice Boivin</i>
30	Nota sobre a edição
36	Primeiro caderno
182	Segundo caderno
336	Terceiro caderno
424	Quarto caderno
474	Documentos – Atas não datadas
507	Cronologia
521	Biografia das personalidades presentes nas sessões em Jersey
527	Índice dos personagens históricos e alegorias
531	Esclarecimento
537	Referências bibliográficas
541	Notas

O Livro das Mesas

HUGO EM JERSEY

Em setembro de 1853, completavam-se treze meses desde que Victor Hugo desembarcara em Jersey. O longo e voluntário exílio, que se estenderia por dezenove anos, tivera início em 11 de dezembro de 1851. Após o golpe de Estado de Napoleão III, em 2 de dezembro de 1851, Victor Hugo era um homem procurado e ameaçado. Nove dias depois, na noite de 11 de dezembro, deixa finalmente Paris, embarcando no trem das 20h rumo a Bruxelas, sob a identidade de Jacques Firmin Lanvin, tipógrafo. De lá, parte novamente, quase oito meses mais tarde, em 31 de julho de 1852, para Antuérpia, depois Londres e Southampton, antes de chegar a Jersey, onde decide instalar-se.

Por que Jersey [ver mapa na p. 35]? A ideia surgira apenas uma semana após a chegada de Victor Hugo à Bélgica. Ele escreveu então a Paul Meurice: “Se pudéssemos colonizar um cantinho de terra livre! O exílio não seria mais exílio. É um sonho que eu tenho”.¹ Sonho que já se desenhava sob os traços da ilha anglo-normanda, como atesta uma carta dirigida à sua mulher, Adèle Hugo: “Decerto construirei uma cidadela de escritores e editores, de onde bombardearemos Bonaparte. Se não for em Bruxelas, será em Jersey”.² Mais tarde, igualmente em uma carta a Adèle, Hugo, que colhera informações sobre Jersey, acrescentava: “Jersey é o paraíso, e espero encontrarmos-nos lá em breve. [...] É uma ilha inglesa deslumbrante, a dezessete léguas da costa da França. Lá, fala-se francês e vive-se muito em conta. Todos os proscritos afirmam ser delicioso. Tentarei encontrar em Jersey, e sem dúvida encontrarei, um apartamento, talvez uma casinha, com vista para o mar, janelas para o sul e, por que não?, um jardim”.³ Os desejos de Hugo logo se veem concretizados em uma estranha realidade.

Em 4 de agosto de 1852, Hugo e seu filho Charles, partindo de Londres, chegam ao porto de Southampton. Por volta da meia-noite, embarcam no Dispatch e, sinal premonitório, fazem escala na ilha de Guernesey,⁴ atracando aproximadamente às nove da manhã. Ainda terão de esperar algumas horas antes de alcançar Jersey, onde permanecerão 39 meses antes de partirem para Guernesey, novamente para um longo exílio. Ao meio-dia, surge uma linha de rochedos: “Era Jersey. Pouco depois, o *packet* entrou no porto de Saint-Hélier. Era meio-dia”.⁵

Em 5 de agosto de 1852, portanto, Hugo e seu filho Charles desembarcam na ilha anglo-normanda, onde os esperam a sra. Hugo, sua filha, também chamada Adèle, e Auguste Vacquerie, o amigo fiel, os quais, por sua vez, haviam chegado em 31 de julho.*

Hugo desembarca no porto de Saint-Hélier, onde é recebido por uma multidão. Informados dias antes pela imprensa sobre a chegada próxima do autor de *Notre-Dame de Paris*, bem como da presença de sua mulher e sua filha no Hôtel de la Pomme d’Or, os cidadãos de Jersey acorreram em massa ao cais. Um mar de gente cerca a sra. Hugo, Adèle e Vacquerie. Os proscritos estão todos ali, “entre eles 42 recenseados em julho pela polícia da ilha [...], mas eram na realidade pelo menos três vezes mais numerosos”.⁶ Muitos deles, principalmente húngaros, poloneses e italianos, residiam em Londres ou nas ilhas anglo-normandas. Hugo troca algumas palavras com a mulher e a filha, recebe as congratulações dos proscritos e, em seguida, dirige-se ao Hôtel de la Pomme d’Or, onde, perante a Sociedade Fraterna dos Proscritos Republicanos, pronuncia seu primeiro discurso em solo jerseiano.

Em 16 de agosto, Hugo instala-se em uma casa estranha, de frente para a praia de Azette, “uma choupana branca à beira-mar”, diz ele em um primeiro

* Instalada provisoriamente no Hôtel de la Pomme d’Or, a família Hugo vai se alojar em Marine Terrace a partir de 16 de agosto. Juliette Drouet chegará logo em seguida a Hugo, em 6 de agosto, hospedando-se primeiro no Auberge du Commerce, em Saint-Hélier, depois em Nelson Hall, em 11 de agosto; a partir de 6 de fevereiro de 1853 ela passou a ocupar um apartamento mobiliado com vista para o mar e para a janela do quarto de Victor Hugo. [Todas as notas são do editor francês, exceto as assinaladas com N.E.B., acrescentadas na edição brasileira, e N.T., de autoria do tradutor.]

momento, um “pesado cubo branco de ângulos retos”, acrescentará mais tarde, “que tinha a forma de um túmulo”. Chama-se Marine Terrace. Marine porque o mar está ali, a poucos metros: na maré alta, as ondas quebram sob suas janelas, e no inverno a maresia vem besuntar os vidros com suas gotículas. Terrace porque a casa dispõe de um terraço à guisa de telhado. A fachada sul da casa dá para um jardim contíguo, que compreende uma estufa e um terreiro de aves, e a fachada norte para uma estrada deserta; a praia é logo ali. Da casa, veem-se uma “colina e, em um pequeno bosque, uma torre que dizem ser assombrada”. Em seu flanco, um dique: “Um renque de grandes troncos de árvores secas, recostados em um muro, fíncados de pé na areia”. Em seus passeios pela praia de Azette, Hugo mergulha em devaneios que “aceitam de bom grado as quimeras para se propor enigmas”, chegando a se perguntar “a que homens haviam pertencido aquelas tíbias com três toesas de altura”. De Marine Terrace, feita da “alvura inglesa” e que parece oferecer “a hospitalidade da neve”, “o mar é sempre infindo”. No térreo, a casa possui “um corredor como entrada, uma cozinha, uma saleta”, que dá para uma aleia pouco frequentada, e “um gabinete amplo e mal iluminado”. No primeiro e segundo andares, ficam os quartos, “asseados”, “frios”, “sumariamente mobiliados”, “recém-pintados”, “com mortalhas brancas nas janelas”. “Uma casa tem uma alma”, e Marine Terrace “não deixou naqueles que a habitaram senão afetuosas e caras lembranças”. O que Hugo afirma a respeito da casa vale também para a ilha, Jersey: “Os locais de sofrimento e provação terminam por adquirir uma espécie de amarga doçura, que, mais tarde, desperta saudade. Têm a hospitalidade severa que agrada à consciência”.⁷

Do pequeno jardim de Marine Terrace, com cerca de cinquenta metros de comprimento por treze de largura, Hugo acessa diretamente, por um portãozinho, a discreta trilha que acompanha a praia do alto. A carta a sua mulher, de 17 de maio de 1852, ganhou realidade. A praia de Azette, com cerca de três quilômetros de extensão, estende-se à sua frente. Hugo a percorrerá constantemente, caminhando, às vezes, para a direita, até um rochedo conhecido na época como Rochedo Besnard ou Dicq Rock. Marine Terrace e o dique não existem mais, mas esse rochedo, na praia de Azette, subsiste como testemunha das meditações hugoanas. Uma placa gravada diretamente na

pedra rebatizou o local em 1952: “Rochedo dos proscritos – Victor Hugo – no exílio – 1852-1855”.

Ao instalar-se em Jersey, Victor Hugo faz as pazes consigo mesmo. O próprio poeta reconhecerá isso em 1860, durante um breve retorno à ilha:

Quando cheguei aqui, há oito anos, saindo das mais prodigiosas lutas políticas do século, e naufraguei ainda respingando a catástrofe de dezembro, assustado ante aquela tempestade, desganhado por aquele furacão, sabem o que encontrei em Jersey? Uma coisa sagrada, sublime, inesperada: a paz. [...] Jersey me acalmou. Encontrei, repito, a paz, o repouso, um apaziguamento severo e profundo na doce natureza de seus campos, na saudação afetuosa de seus lavradores, nos vales, nas solidões, nas noites que sobre o mar parecem mais profusamente estreladas, no oceano sempre inquieto que parece palpitar diretamente sob o bafejo de Deus. Assim é que, embora sempre cultivando a ira sagrada contra o crime, senti a imensidão misturar a essa ira o seu alargamento sereno, e o que rugia dentro de mim pacificou-se. Sim, rendo graças a Jersey. Rendo-lhe graças. Senti a bondade divina sob seus tetos e em suas aldeias. Oh! jamais esquecerei aquele majestoso apaziguamento proporcionado pela natureza nos primeiros dias de exílio.⁸

O primeiro efeito de Jersey sobre Hugo, portanto, é o de uma plenitude, uma entrega ao espetáculo da natureza e do oceano. A alma do poeta encontra a serenidade.

AS VOZES DE JERSEY

Em setembro de 1853, portanto, faz treze meses que Victor Hugo está exilado em Jersey, treze meses bucólicos dedicados a descobrir a ilha e a animar as reuniões dos proscritos republicanos. Treze meses igualmente sem nenhuma distração cultural, em uma ilha onde não existe sequer uma biblioteca ou museu e onde um hangar serve de sala de teatro. Os *castigos* estão terminados e *As contemplos*, cujo trabalho mais árduo ainda se estenderá por quase dois

anos, entre 1854 e 1855, ainda não deslancharam. Hugo parece estar em uma espécie de vácuo, político e literário.

Desde “os últimos anos da Monarquia de Julho, para muitos observadores externos, Victor Hugo era um homem acabado”.⁹ Após 22 livros publicados em todos os gêneros, “não parecia [...] querer aumentar a lista de suas publicações”.¹⁰ Isso acontecerá, no entanto, a partir de 1851, com o início da redação da *História de um crime*, depois, a partir de 1852, com *Napoleão, o pequeno*. Em todo caso, depois do golpe de Estado de 2 de dezembro de 1851, Victor Hugo perdera efetivamente “seus títulos de nobreza [...], exercitara-se no combate de rua [...], tornara-se em pouquíssimos anos o líder da oposição, tentara sublevar o povo em dezembro de 1851, perdera tudo, ou quase tudo, e finalmente se vira no exílio”. O próprio Hugo fará esta constatação em *O que é o exílio*: “Que força, isto: não ser nada! Não ter mais nada para si, não ter mais nada sobre si, eis a melhor condição de luta. [...] Não somos mais obrigados a ser acadêmico e parlamentar; detemos a terrível riqueza da verdade”.¹¹ Não é exagero afirmar que, em Jersey, Hugo estará a léguas de ser um “acadêmico e parlamentar”, ele que lá vai sagrar-se “irmão da pedra [e] primo do cão”.¹²

O parêntese de Jersey, com efeito, está ligado em especial ao episódio das Mesas falantes. Jersey passa a ser o lugar de comunicação com os espíritos.

Entre 11 de setembro de 1853 e 8 de outubro de 1855, Victor Hugo dedica-se quase que diariamente às sessões espíritas. Nessas ocasiões, dialoga com os espíritos mais ilustres – Aníbal, Dante, Caim, Shakespeare, Lutero, Safo, Chénier, Alexandre, o Grande, Leônidas, Molière, Jesus, Platão, Ésquilo, Galileu... – e com as formas mais abstratas: a Sombra do Sepulcro, a Crítica, a Metempsicose, o Drama ou a Morte.

Na ilha anglo-normanda, Hugo vê-se dissociado da França, de seu regime, de suas ambições políticas, não lhe restando mais senão “passar em revista as constelações do pensamento”, como afirma durante uma sessão espírita, calafetando as fissuras da harmonia humana e da fusão dos seres, animais, plantas e pedras, com as vozes da metempsicose.

A que necessidade se curvava Victor Hugo em Jersey quando fazia as mesas girarem? “Fazer do ocultismo um projeto completo de sociedade e, simetricamente, do socialismo um sonho místico do outro mundo”,¹³ um

projeto de sociedade emancipada do cristianismo segundo uma singular teoria do destino social, muitas vezes discutida com Pierre Leroux na praia de Samaretz, no fim de 1853, cujas chaves convém procurar no oculto e “nas solidariedades humanas nos túmulos”.¹⁴

A chegada de Delphine de Girardin nos primeiros dias de setembro de 1853 parece cair feito uma luva. As sessões das Mesas girantes, nas quais ela vai rapidamente iniciar todo o clã Hugo, permitem dar uma dimensão inesperada ao intermédio jerseiano. O contexto dessa curiosíssima experiência espírita, abstraindo-se os discursos dos mortos, seus conselhos, revelações e injunções, ainda não foi esclarecido: é puramente acidental ou deriva de uma imperiosa necessidade? Hugo veria nela uma maneira indiscutível de aproximar os ateus de Deus e convencer os republicanos da sobrevivência da alma? Hugo fala doravante “com todas as vozes da metempsicose”, oficiando dessa maneira o casamento do ocultismo e do progresso.

As Mesas permitiriam igualmente acrescentar um novo desdobramento à problemática, tipicamente hugoana, do crime, castigo e expiação? Pois em Hugo o essencial está sempre no cerne: “Esse essencial é Deus ou a História. Esses dois objetos se impõem em seu mistério sob a forma de enigma”.¹⁵ Victor Hugo, a princípio reticente em sentar-se à mesa de Marine Terracc, vai, pouco a pouco, ser tragado pela vertigem das Mesas girantes.

Na mesma época, Gérard de Nerval é visto passeando uma lagosta na coleira, sendo definitivamente catalogado como louco. As vozes da Mesa, por sua vez, continuarão a falar quando Nerval houver definitivamente se calado.

No total, mais de uma centena de espíritos virão, por meio de suas revelações, confirmar as intuições poéticas, filosóficas, religiosas e metafísicas de Hugo. Essas sessões são escrupulosamente registradas pelos participantes presentes. A sra. Hugo, sua filha Adèle, Auguste Vacquerie e Victor Hugo, em especial, anotam tudo, alternada ou simultaneamente, em seus cadernos pessoais ou em folhas avulsas, que constituirão as atas do desenrolar das sessões e de seu teor. As revelações da Mesa e a profundidade de seu conteúdo não devem cair no esquecimento: servirão para iluminar o século e alimentar a produção hugoana. E, de fato, o conteúdo das revelações virá a ser fonte direta de influência do quinto e sexto livros das *Contemplanções*, bem como de

determinados poemas de *O ano terrível*, *O fim de Satã*, *Os quatro ventos do espírito*, *A legenda dos séculos*, *Deus*, *Toda a lira* ou ainda *William Shakespeare*. Operando o casamento das palavras solenes dos espíritos de Jersey e da poesia hugoana que delas emana, as Mesas são, portanto, um marco no desenvolvimento da obra de Victor Hugo.

O LIVRO DAS MESAS

O outono de 1853, portanto, vai assistir à concepção de *O Livro das Mesas*. O título corresponde inclusive à intenção e denominação de Victor Hugo, que planejava uma publicação póstuma. Persuadido de que havia “um espírito na mesa [...] independente do homem”, Hugo via nas sessões espíritas “um meio de escoar mais rápido e melhor a produção do cérebro”, cuja “mais ínfima frase” nascida na mesa de Marine Terrace “faria a glória de um gênio”.¹⁶ Para o poeta, tratava-se claramente de *fazer* a pergunta e não de *se fazer* a pergunta a respeito de uma eventual publicação. As revelações feitas ao longo das sessões espíritas pertencem afinal à própria Mesa. Seu direito de propriedade intelectual é evidente, cabendo-lhe decidir se as intervenções, visitas e revelações que faz devem ou não ser publicadas.

A questão de saber se as intervenções da Mesa devem ser reveladas está presente desde o início dos primeiros encontros. A resposta é clara. Em 14 de setembro de 1853, o espírito do Drama diz “não” (p. 73). Victor Hugo deverá abster-se de qualquer publicação, mas registrará escrupulosamente em diferentes suportes as conversas travadas cotidianamente com os espíritos que vêm visitá-lo em Marine Terrace. A proibição de publicar *O Livro das Mesas* coincidia igualmente com as convicções de Hugo, que julgava que “esse livro tornaria impossível [sua] linha política”.¹⁷

Esse inquietante mergulho espiritual e poético, tão perturbador e rico, será consignado em quatro cadernos redigidos em Jersey. Esses quatro cadernos, escritos, em sua maior parte, de próprio punho por Victor Hugo, constituem portanto *de facto* uma obra hugoana a ser estudada. O espírito da Morte ordenara: “Torna-te a letra, torna-te o verbo, torna-te a vida. Vinga-te,

chumbo, vinga-te do caixão. E tu, Terra, recolhe as palavras dos mortos. E tu, humanidade, respira seus bafejos, ouve suas vozes” (p. 400). O chumbo do caixão de Hugo, pela alquimia das Mesas, deveria fundir-se em tipos gráficos. “Todo grande espírito”, acrescentava a Morte, “realiza duas obras em vida: sua obra de vivo e sua obra de fantasma” (p. 391). Fazer os mortos falarem permitia dar-lhes voz.

Diante do fenômeno das Mesas falantes, difícil, naturalmente, não escolher a atitude mais simples e reconfortante: a negação pura e simples da realidade do fenômeno. Difícil igualmente não fazer algumas conjeturas e propor a mais evidente, a da transmissão de pensamento involuntária. O próprio inconsciente de Victor Hugo se exprimira pela Mesa passando pela corrente: de Hugo ao médium, a saber, Charles, o filho consagrado médium pela própria Mesa, do médium à Mesa, da Mesa a Hugo. O anel se fecharia. O que explicaria o teor hugoano das declarações. Todavia, inúmeras objeções a essa tentativa de explicação podem ser alegadas. Por ocasião das primeiras sessões, Victor Hugo abstinha-se de participar e, como notaram Auguste Vacquerie ou Paul Meurice, eximia-se discretamente. Nem sempre, ademais, estava presente a todas as sessões das Mesas, e estas continuavam a ditar versos às vezes admiráveis. Sem dúvida é tão inútil interrogar-se sobre a realidade do fenômeno como procurar saber se a Mesa comunicara alguma coisa a Hugo ou se se limitara a confirmar suas intuições; se Charles ludibriava conscientemente ou “obedecia a pensamentos transmitidos pelo pai... A trapaça, manifestamente, faz parte do espiritismo e não a condena, em absoluto. O logro está no oculto, constitui sua verdade. A desmistificação do oculto é tão absurda quanto o próprio oculto”.¹⁸ Sem esquecer que Hugo continua plenamente persuadido da realidade da existência dos espíritos e de sua visita à mesa de Marine Terrace. Afirma isso primeiro de viva voz, no fim de setembro de 1853, a Pierre Leroux: “Creio piamente no fenômeno das Mesas”. Mais tarde, em 27 de abril de 1854, no *Journal de l'exil*, Adèle relatará uma conversa entre seu pai e seu irmão François-Victor, este mais do que cético em face da realidade do fenômeno espírita: “O fenômeno das mesas falantes não diminui o século XIX, engrandece-o. [...] Por que negar a evidência? [...] Sim, é natural que os espíritos existam”.¹⁹

A realidade desses instantes passados à mesa, os comentários e especulações daí resultantes, talvez isso tudo seja o de menos. O ponto essencial consiste na convicção inabalável e intangível de Hugo na existência do fenômeno. “Há um espírito na mesa, isso está fora de dúvida”,²⁰ afirmará ainda.

As sessões das Mesas falantes decerto contribuíram para mobiliar, se é que se pode dizer, os longos serões do exílio, mas talvez tenham servido igualmente para amenizar os lutos vivenciados por Hugo, fazendo-o interrogar-se sobre o além, alforriar o pensamento do mestre, dar forma às suas intuições, confirmá-las. As Mesas falantes também poderiam, quem sabe, conduzir proscritos, ateus e republicanos ao espiritualismo e à afirmação, como um fato indiscutível, da existência de Deus.

As atas das sessões espíritas geraram igualmente obras inéditas, acima de tudo literárias: uma nova escrita.

O ESPIRITISMO

A partir de 6 de setembro de 1853, uma terça-feira, os dias e noites de Hugo não serão mais os mesmos: Delphine de Girardin desembarca pela manhã no porto de Saint-Hélier.* De todas as visitas convidadas a passar uma temporada em Jersey, nenhuma era mais aguardada do que aquela. Esquecendo sua saúde precária para juntar-se ao poeta, a sra. De Girardin, mal desembarca, confessa-se impaciente para iniciar Hugo e os seus “na nova ciência” que acaba de conquistar a França. A “nova ciência” das Mesas chamadas

* Hugo conhecia Delphine Gay, a mais jovem poeta de *La Muse Française*, desde 1821. O fato de vir a se tornar a sra. De Girardin não a impede de estreitar sua amizade com Hugo. Mulher de letras, jornalista, Delphine Gay nasceu em janeiro de 1804. Casou-se com Émile de Girardin em 1831, passando a usar o sobrenome do esposo ao longo de toda a sua carreira de dramaturga e jornalista, às vezes também assinando suas obras sob o pseudônimo de Visconde de Launay. Delphine Gay de Girardin (assinava sua correspondência com seus dois sobrenomes) morrerá de um câncer no estômago em 29 de junho de 1855, poucos meses antes de Hugo desistir das Mesas falantes. O poeta lhe prestará uma vibrante homenagem em *As contemplações*, no poema “À sra. D. G. de G.” (À sra. Delphine Gay de Girardin) e, embora iniciado quinze anos antes, Hugo dirá que esse poema era “como que feito para sua morte”.

girantes, procedente dos Estados Unidos, chegara à França em abril daquele ano, suscitando grande curiosidade. Essa “nova ciência”, ao mesmo tempo que se pretendia científica, escorava-se em um móvel de sala ou cozinha, uma mesa de três pés. As Mesas, pacientemente interrogadas, podiam, com efeito, dar a voz aos mortos mais antigos e mais célebres, servir de elo entre os vivos e os que se foram.

Tão logo se instalou em Marine Terrace, Delphine de Girardin referiu-se às sessões das Mesas girantes, nas quais já se exercitara. Embora reticente em participar das sessões em si, Victor Hugo interessou-se na mesma hora. Os castigos estavam terminados e ele ainda não mergulhara na composição de grandes poemas.

Essa “nova ciência”, no entanto, despertava certo ceticismo. Hugo não ignorava que o espiritismo acabava de sacudir o continente norte-americano, sobretudo através da experiência das irmãs Fox, que afirmavam corresponder-se com os espíritos por meio de um código de estalos de dedos. Sua prática no século XIX constitui quase o prolongamento dos salões literários, com a diferença de que agora são os “espíritos” que falam ao longo das sessões das Mesas girantes. Em torno de 1850, o espiritismo ganha a Inglaterra, importado por um médium escocês, Douglas Home. Dali, só lhe restava atravessar o Canal da Mancha para se espalhar pela Europa. Após causarem sensação na América, as manifestações espíritas atravessaram o oceano e se difundiram na Inglaterra, depois na França. Foi nesse país que Hippolyte Léon Denizard Rivail, vulgo Allan Kardec, elaborou a doutrina de comunicação dos vivos com os espíritos, firmando-se como o fundador do espiritismo.

Em 6 de setembro, Delphine de Girardin tentou, sem sucesso, insuflar movimento em uma mesa da sala de jantar de Marine Terrace. Jogou a culpa do fracasso na mesa, cuja forma quadrada contrariava o fluido. No dia seguinte, foi a uma loja de brinquedos para crianças de Saint-Hélier, uma espécie de bazar que vendia de tudo, e voltou com uma mesa redonda de três pés.

À noite, a experiência foi repetida, com o protocolo de praxe. Era preciso formar uma corrente de dedos, homens e mulheres alternados, fazer uma só pergunta precisa de cada vez e esperar a resposta sob a forma de batidas. Adotava-se então um código para decifrar a resposta. Uma batida para um “sim”, duas

batidas para um “não”, e um número de batidas correspondente ao lugar das letras no alfabeto: uma batida para “A”, duas para “B”, oito para “H” etc. Também era possível recorrer a uma haste que se deslocava sobre um alfabeto e que o espírito conduzia até a letra pertinente, batendo à mesa uma vez. Mas essa estratégia não foi utilizada em Jersey, pois os espíritos a rejeitaram expressamente. A Mesa ficou muda. Também nas noites seguintes as sessões não deram fruto algum.

Na antevéspera de seu retorno à França, Delphine de Girardin solicita, à guisa de despedida, uma última tentativa. No domingo à noite, 11 de setembro de 1853, após o jantar, ou seja, dez anos e sete dias exatamente após a morte de Léopoldine,* dez convidados estão presentes em Marine Terrace: Delphine de Girardin, a sra. Hugo, Victor Hugo, Charles Hugo, François-Victor Hugo, Adèle Hugo, o general Le Flô e sua esposa, o conde Henri de Trévenec, amigo do general, e Auguste Vacquerie. Nessa noite, que terminou à 1h da manhã, Léopoldine veio à mesa de Marine Terrace. A veracidade da presença de sua filha não deixava nenhuma dúvida para a sra. Hugo, que lhe fizera, informalmente, uma pergunta cuja resposta fora decisiva para ela. Comportava, com efeito, a revelação de um fato de que só ela e a filha tinham ciência. Para todos, a certeza inabalável de que é Léopoldine quem fala por meio da mesa vai garantir a veracidade das vozes futuras. A visita de Léopoldine é prova de que não se trata de uma trapaça; utilizar a filha tão amada, tragicamente morta, para dar credibilidade às sessões das Mesas seria não só uma infâmia, como inconcebível por parte da família Hugo. E a própria Delphine de Girardin não teria ido a Jersey para escarnecer de Victor Hugo. Os presentes, aniquilados, ficarão até tarde em Marine Terrace. Eis Victor Hugo confrontado com o mistério das Mesas.

Todas as suas forças irão convergir agora para esta esperança insensata: reencontrar a presença ligeira e fugaz que vive em seu coração. Por intermédio de uma mesa comprada num bazar da ilha, uma simples loja de brinquedos infantis, aquela ausência vem materializar-se sob seu teto, em Jersey, a léguas do antigo lar. A morte de Léopoldine fizera vacilar a fé de Victor Hugo em

* Léopoldine, primeira filha de Hugo, morreu afogada no Sena, no lugarejo conhecido como “Le Dos d’Âne”, em Villequier, em uma segunda-feira, 4 de setembro de 1843, às duas da tarde.

Deus, como atesta o poema “Três anos depois”, escrito em 10 de novembro de 1846, bem como a ideia de que o poeta deve constituir-se em mensageiro de Deus e guia dos povos. Contudo, depois disso, a Mesa falou e credenciou Hugo para a missão que ele próprio julgava ser sua. A contar desse dia, e durante mais de dois anos, Victor Hugo e seu círculo vão se jogar de corpo e alma nessa busca “do grande todo”, que há tempos o poeta empreende.

Quase que diariamente, a mesa de Marine Terrace revelará seus segredos, desvendará mistérios, unirá Hugo à Morte, Jesus, Caim, Dante, Shakespeare... Hugo em Jersey não reflete apenas um intenso período de criação literária, e sim, e acima de tudo, Hugo e as revelações da Mesa. Esses dois elementos, criação e revelação, permanecem indissociáveis. Vão aproximar Hugo de Deus e dar origem a uma nova religião, nascida diretamente das sessões espíritas. Com efeito, a experiência das sessões espíritas a que Hugo se dedicará em Jersey permitirá aproximá-lo cada dia mais daquele oceano das alturas, da imaterialidade do céu, do além e de Deus. O exílio de Hugo, portanto, será mais que tudo metafísico.

As Mesas inauguram uma nova forma de inspiração, a da “Boca de Sombra” [*Bouche d'ombre*],* que vem a ser um mergulho na face oculta do mundo, um mundo invisível, intermediário, entre os vivos e os mortos, o dos Espíritos. Em Marine Terrace, os espíritos transmitem aos homens as vozes do além. Por intermédio dessa voz procedente do infinito, o homem pode se interrogar sobre os desígnios divinos e, até mesmo, interrogá-los diretamente. O terrível sofrimento provocado pela morte de Léopoldine abre uma porta para Hugo entreabrir seu conhecimento do invisível. A visita da filha lhe permitirá absorver-se totalmente nele. Ou melhor, o desejo de “rever” sua filha Léopoldine, pois o sentimento de culpa por ter trocado, da última vez, sua companhia por uma viagem amorosa com Juliette Drouet nunca o deixou – levando-o a não mais duvidar da crença de que as Mesas falam a verdade. Assim, naquela noite de 11 de setembro de 1853, a presença de Léopoldine estabelece a verdade espiritualista.

* “O que diz a Boca de Sombra”, poema XXVI do livro sexto das *Contemplações*. Era também assim que Hugo chamava a mesa de Marine Terrace.

Em Jersey, as Mesas, no limiar do invisível, em uma espécie de cara a cara com Deus, revitalizam a espiritualidade hugoana. A formatação da religião das Mesas se dará nos quinto e sexto livros das *Contemplações*,²¹ sobretudo com o penúltimo poema da coletânea, “O que diz a Boca de Sombra”, e nas vastas epopeias que serão *Deus* e *O fim de Satã*. Essas três obras poéticas não só mostram que a experiência das sessões espíritas foi vivenciada por Hugo como uma relação fascinante com o além, como provam que as Mesas são fonte tanto de verdades metafísicas como de uma nova escrita. Victor Hugo estava convencido da realidade dos fenômenos espíritas e da verdade das ideias expressas pelos espíritos.

Os primeiros anos do exílio em Jersey, portanto, serão marcados pela experiência singular – prenhe de tantas interrogações e mistérios e, ao mesmo tempo, verdadeiramente decisiva – das Mesas falantes, num profundo mergulho espiritual e poético, fonte direta desses textos inéditos de Hugo.

O MISTÉRIO DOS QUATRO CADERNOS

Em 14 de setembro de 1853, o Drama recusara peremptoriamente a publicação das atas das sessões espíritas. Em 11 de dezembro de 1853, a Sombra do Sepulcro continua a proibir essa publicação: “O espírito vos falou, o espírito vos revelou parte do grande segredo. Agora, silêncio, bocas profanas, não mostreis a nenhum mortal estas páginas flamejantes! Ainda não é chegado o momento”.²² No entanto, a Sombra do Sepulcro, em 19 de fevereiro de 1854, sugerira um título para essa compilação das conversas com os espíritos: “Os ventos do túmulo” (p. 230).

Victor Hugo também está convencido da impossibilidade de publicar um livro que, não obstante, em suas próprias palavras, seria “uma das Bíblias do futuro” (p. 402). Uma revelação prematura teria arruinado sua “linha política” e seria recebida com “uma imensa gargalhada”.²³ As Mesas pertenciam à esfera do irracional, e o risco do descrédito político verificava-se naturalmente considerável. Em 4 de janeiro de 1855, Victor Hugo termina por escrever à sra. De Girardin: “As Mesas exigem silêncio e sigilo de nossa parte. Não encontrará,

portanto, nas *Contemplações*, nada que advenha das Mesas, a não ser duas exceções, muito importantes, para as quais pedi licença (eu sublinho)”.

Mais tarde, contudo, graças a diversas fontes, o desenrolar e o teor das sessões das Mesas se tornarão acessíveis.

Com efeito, todas as sessões das Mesas, de 12 de setembro de 1853 até 5 de outubro de 1855, serão objeto de atas circunstanciadas e detalhadas, estabelecidas concomitantemente ao seu desenrolar. Somente a primeira sessão bem-sucedida, ocorrida no domingo, 11 de setembro de 1853, foi objeto de uma ata estabelecida *a posteriori* por Auguste e, mais tarde, por Paul Meurice. Essas atas podem, para uma mesma sessão, emanar de uma única pessoa, o escrevente oficial, indicado como tal na ata, ou de vários escreventes diferentes, os participantes das sessões das Mesas tendo liberdade para anotar ou não seu desenrolar e teor. Conhecemos também atas escritas de próprio punho pela sra. Hugo, por Adèle Hugo, por Auguste Vacquerie e, principalmente, por Victor Hugo. Existem inclusive documentos escritos de próprio punho por Paul Meurice e cópias estabelecidas por Juliette Drouet, a quem Hugo entregava as primeiras atas das sessões para ela copiar.

Em seguida, essas atas eram, em sua maioria, passadas a limpo em cadernos especiais. Auguste Vacquerie possuía os seus e Hugo também. No caso de Hugo, os cadernos apresentam-se sob a forma de quatro volumes manuscritos encadernados. Foram desviados de maneira misteriosa, não se sabe por quem, por ocasião da morte de Hugo, do legado geral feito à Biblioteca Nacional da França. Sem dúvida por um de seus executores testamentários, Paul Meurice, com a concordância tácita de Auguste Vacquerie.

O primeiro a erguer o véu sobre esse perturbador período espírita de Jersey é Auguste Vacquerie. Em 1863, ele fornecerá alguns extratos dessas sessões, expurgados dos dados mais pessoais, em *Les Miettes de l'histoire* [As migalhas da história]. Virão em seguida *Le Journal de l'exil* [O diário do exílio], de Adèle Hugo, que cobre os anos 1852-55; *Propos de table de Victor Hugo* [Palavras da Mesa de Victor Hugo], de Richard Lesclide, secretário e amigo fiel, muito presente em Jersey, em 1885; *Les propos de table de Victor Hugo en exil* [Palavras da Mesa de Victor Hugo no exílio], de Octave Uzanne, em 1892. Se o *Journal de l'exil* nos esclarece muito pouco sobre o desenrolar das sessões espíritas, as duas

versões das *Propos de table* permanecem igualmente lacunares e não se baseiam em nenhum documento oficial ou autêntico.

É somente em 1897 que Paul Meurice comete certas indiscrições com respeito às sessões das Mesas, na *Tribune de Lausanne* de 19 de fevereiro, fazendo alusão aos quatro “cadernos vermelhos” dos quais seria depositário. Esses cadernos, que o próprio Hugo chamava assim e eram de tonalidade predominantemente vermelha, conteriam a integralidade do conteúdo das sessões espíritas. A imprensa põe-se então a evocar com espanto as sessões de espiritismo de Jersey. Paul Meurice dá a entender que estuda uma publicação. Enquanto isso, divulga brevíssimos excertos que, além de grande curiosidade, suscitam certa incredulidade. A anunciada publicação jamais acontecerá. Com a morte de Paul Meurice, os quatro cadernos param nas mãos de Gustave Simon por dezessete anos. Este promove uma publicação parcial em 1923, setenta anos após as primeiras sessões, sob o título *Chez Victor Hugo: Les Tables tournantes de Jersey* [Na casa de Victor Hugo: As Mesas Girantes de Jersey].

Em seguida, serão publicados trechos extraídos de um dossiê pertencente a uma filha de Paul Meurice, a sra. Albert Clemenceau. Entretanto, nem todos esses textos são originais, mas cópias, isto é, reproduções do texto original, minutas, consistindo em uma primeira redação apressada de um documento original, ou duplicatas, provenientes da cópia de um documento.

Não foi descoberto nenhum indício das compilações originais. Os quatro *Cadernos vermelhos* de posse de Paul Meurice, depois de Gustave Simon, simplesmente desapareceram. Foram objeto de uma reaparição discreta e rápida durante uma exposição na Maison de Victor Hugo, em Paris, em 1933. Pertenciam então, segundo o catálogo, aos herdeiros de Hugo. Em seguida, os quatro cadernos evaporaram novamente. O problema é que não existe nenhum rastro, nem no próprio local nem nos documentos da Maison de Victor Hugo,* de uma exposição realizada em 1933. Tampouco, aliás, em 1932 ou 1934. Não subsiste nenhum elemento tangível dessa exposição que teria se desenrolado nos anos 1930, nesse local.

* Situada em Paris, na Place des Voges.

O único indício que ele possui concerne simplesmente a uma breve mostra, em 1932, e a presença não de quatro cadernos, mas de cinco folhas de 13 de novembro de 1853, constituindo a ata de uma única sessão, sob o título incorreto “Victor Hugo no exílio, junho-outubro de 1855”. No entanto, a biblioteca da Maison de Victor Hugo guarda atas das sessões espíritas de 1853 a 1855. Estas emanam do punho de Victor Hugo, da sra. Hugo, de Auguste Vacquerie e também de Adèle Hugo. Nem todas são originais, mas, aqui também, cópias ou duplicatas. As cópias mais importantes, primeiramente manuscritas, depois datilografadas, emanam de Cécile Daubray, herdeira designada dos primeiros executores testamentários e responsável pela edição, na esteira de Paul Meurice e Gustave Simon, das obras completas de Hugo pela editora Ollendorf, conhecida como “da Imprimerie Nationale”, de 1933 a 1952. Forçoso constatar que os cadernos desaparecem novamente em 1933.

No entanto, a correspondência legada pela sra. Langlois-Berthelot, descendente de Paul Meurice, à Maison de Victor Hugo, e descoberta sob nossos auspícios, permite erguer a pontinha de véu que ainda cobre a identidade dos que puderam escamotear esses manuscritos. Por exemplo, uma carta de Henri Guillemin,* datada de Neuchâtel, em 30 de setembro de 1950, endereçada ao então curador da Maison de Victor Hugo, Jean Sergent, mostra toda a perturbação do pesquisador. Guillemin, que trabalha sobre o período de Hugo em Jersey, procura os documentos utilizados por Gustave Simon, em 1923, para seu volume sobre as Mesas girantes.²⁴ Cécile Daubray** mostra-se reticente em atender aos pedidos de Guillemin, o que talvez se explique pelo fato de que, a partir de 1950, a entrada da obra de Hugo em domínio público prenuncia a degradação de sua publicação. Guillemin publica precipitadamente, sem jamais dar a referência dos manuscritos, uma série de fragmentos que os executores

* Henri Guillemin, pesquisador e escritor especialista em Hugo, autor de *Victor Hugo par lui-même* (Paris: Seuil, 1951); “Hugo interroge les esprits” (*Médecine de France*, n. 37, 1952); e “Victor Hugo et les fantômes de Jersey” (*Revue de Paris*, set. 1952).

** Cécile Daubray trabalhou com Gustave Simon e, provavelmente, ainda com Paul Meurice, do qual foi muito próxima. Era bastante devotada ao grande homem e a seus dois conselheiros. Era tratada como sra. Daubray, mas nada se sabe sobre um eventual marido. Cécile Daubray morreu, já idosa, em 1954.

testamentários haviam excluído ou reservado. Mais tarde, em 26 de dezembro de 1950, a sra. Langlois-Berthelot dirige-se ao advogado Trumeau a fim de ajudar Guillemín.²⁵ Este deve ter recebido alguma explicação em seguida, uma vez que uma de suas cartas,²⁶ datada de 5 de março de 1951, de Berna, atesta sua decepção ao constatar que os cadernos originais haviam desaparecido, bem como a cópia de Gustave Simon. Em 6 de março de 1951, Sergent, em papel timbrado da Maison de Victor Hugo, dirige-se a Marguerite-Gustave Simon a fim de convencê-la a interceder junto à sra. Daubray no sentido de esta restituir os livros das Mesas girantes.²⁷ Nesse ínterim, o dr. Trumeau também se voltara para Marguerite Simon, que lhe dá algumas indicações,²⁸ afirmando ter emprestado “o livro sobre as Mesas girantes” a um “erudito” anônimo, desaparecido e inacessível. A leviandade, no melhor dos casos, de Marguerite Simon quanto a um inédito de Hugo causa perplexidade. Mais tarde, ela dirá não ter tido noção de seu interesse.²⁹ Guillemín não desiste e se dirige novamente a Sergent, afirmando-lhe ter consultado o inventário do legado de Hugo à Biblioteca Nacional e constatado singulares incoerências quanto ao destino do manuscrito procurado.³⁰ Em 17 de março de 1951, Marguerite-Gustave Simon volta a dar explicações, se é que podemos dizer assim, ao curador da Maison de Victor Hugo, indicando que, imediatamente após a morte de seu pai, todos os manuscritos e inéditos haviam sido depositados na Biblioteca Nacional.³¹ Marguerite-Gustave Simon afirma assim não deter o manuscrito, tendo “cometido o pecado de emprestá-lo”, e orienta as buscas para Cécile Daubray ou a Biblioteca Nacional. Henri Guillemín, como Jean Sergent e a sra. Langlois-Berthelot, continua persuadido de que o manuscrito de fato passou pelas mãos de Marguerite-Gustave Simon antes de desaparecer nas de Cécile Daubray.

Mas de que manuscrito se trata? “O tomo II das Mesas”, especifica uma correspondência.³² Entregue a Gustave Simon, segundo o inventário, e que ele deveria usar para editar um segundo volume consecutivo ao primeiro livro lançado em 1923 sob o título: “As Mesas girantes de Jersey”. Com efeito, parece que um, ou mais de um, manuscrito foi subtraído e conservado por Cécile Daubray, depois por seus herdeiros. Maços manuscritos estampando o ano 1853, estabelecidos por Daubray, bem como maços datilografados, que

se estendem de 3 de julho a 19 de dezembro de 1854, depois de 11 de fevereiro a 4 de julho de 1855, atestam que ela teve efetivamente conhecimento das atas ou dos manuscritos. Entretanto, essas datas, bem como um bom número de referências aos dias das sessões espíritas indicados nas cópias de Daubray, não correspondem em absoluto às datas precisas dos dois manuscritos redescobertos, os famosos *Livros das Mesas*.

Um deles, apontado até hoje, erradamente, como o terceiro caderno, reaparece misteriosamente em 1962: leiloadado pela Casa Drouot em 11 de abril de 1962 por um proprietário anônimo, que afirmara tê-lo encontrado “no sótão de seu avô”, será imediatamente incorporado pela Biblioteca Nacional. Em 1972, um outro caderno aparece. Em segredo absoluto, ele é oferecido à Biblioteca Nacional, que o adquire imediatamente. Os outros dois manuscritos supostamente existentes permanecem intangíveis. O manuscrito, inédito, surgido em 1972, verifica-se essencial para a compreensão do fenômeno que se desenrolou, entre setembro de 1853 e outubro de 1855, em Jersey, lançando uma luz inédita sobre o teor das sessões.

A data de 8 de outubro de 1855 permanece a última mencionada nesse caderno. As Mesas não falaram mais em seguida, para grande desespero de Adèle e da sra. Hugo em particular, que lastimavam não ser mais solicitadas.

Por ocasião de férias em Londres com a filha, durante o verão de 1859, a sra. Hugo confessará ao marido, que ficara em Jersey, a falta que sente das sessões das Mesas. Na casa de sua amiga, a sra. Milner Gibson, recém-iniciada, ainda havia sessões. “Tivemos de ser muito brutos”, escreveu à sra. Hugo, em 18 de julho, “para ter apagado aquela chama que viera nos iluminar”. Em 21 de julho, Hugo lhe respondeu: “Penso como tu. Não fosse pelo pânico que nos acometeu e nos justifica, fomos imbecis e culpados por ter-lhe permitido fechar-se. Quem sabe ela não venha a se abrir novamente...”.

A Mesa voltou a se abrir, brevemente, mais tarde. Em 20 e 22 de agosto de 1860, foram realizadas duas sessões muito curtas e pobres, nas quais o único espírito a ser nomeado foi “a Ásia”. Victor Hugo refere-se a essas sessões em suas agendas, mas não participou delas. A sra. Hugo também lamentará, em 1863, à sra. Milner Gibson, o fim do período das Mesas: “Sinto muita falta daquelas comunhões da pós-vida, que nos infundiam tanta força e doce

confiança”. Seis meses mais tarde, a sra. Hugo manifestará vontade de rever sua amiga a fim de “se associar por alguns instantes a seus doces mistérios e entrever com ela essa outra vida, uma força para os amantes e os crentes”.

O pânico que desculpava Hugo e os seus sem dúvida se explica pelo acesso de loucura que teria acometido Jules Allix. Mas Hugo talvez se lembrasse de muitos outros fins trágicos e curiosos. Em todo caso, surpreende muito que nem as atas, nem o caderno de 1855, nem o *Journal* de Adèle Hugo façam alusão alguma ao grave incidente que teria sido uma crise de loucura de Allix.³³ Ademais, Adèle Hugo, no *Journal*, em 31 de outubro de 1855, fornece uma informação inusitada que parece entrar em contradição com a suposta internação de Allix e o fato de ele “continuar louco” quatro meses mais tarde, segundo a sra. Hugo.³⁴ De acordo com Adèle, na manhã de 31 de outubro, Allix acompanhou Hugo ao porto de Saint-Hélier. Logo, não estava internado e ela não faz nenhuma observação a seu respeito.

De todo modo, esse incidente punha fim a 25 meses de sessões espíritas irregulares, muitas das quais se revelaram de uma riqueza temática e estilística rara. O parêntese espírita na vida de Hugo se fechava com novas convicções, nascidas das revelações da Mesa. A obra poética hugoana se verá definitivamente marcada por elas.

Em 31 de outubro de 1855, às 7h15, Victor Hugo, adiantando-se à data de sua expulsão marcada para 2 de novembro, muda-se de Jersey para Guernsey, onde começará um novo exílio. Algumas palavras de Hugo em seu caderno mostram que uma página peculiar de sua vida acaba de ser virada: “Mar grosso. Chuvas. Rajadas de vento. Jersey rochedo, depois nuvem, depois sombra, depois nada”.³⁵

NOVAS CRENÇAS, DECISIVAS PARA A CRIAÇÃO LITERÁRIA HUGOANA

Ao fazer as Mesas falarem, Victor Hugo talvez visasse a um novo projeto de sociedade, emancipada do cristianismo, segundo uma singular teoria do destino social cujas chaves deveriam ser buscadas na lei da metempsicose – lei das reencarnações que regeria a solidariedade humana, o progresso social

e a elevação dos seres, da pedra à planta, da planta ao animal, do animal ao homem, dos mais humildes aos degraus mais altos. Perdido no rochedo de Jersey, Hugo adquiriu o hábito de falar com tudo, com as pedras, as plantas e os animais, convencido de que o mundo progredia não só pelo homem, mas também pela natureza. As revelações das Mesas desembocaram em novas crenças: a imortalidade da alma e sua transmigração para a Terra em corpos diferentes e em planetas castigados ou recompensados no além. A ideia da metempsicose ganhou forma. Postulava a existência da alma em todos os estágios da criação, primordialmente a dos homens, mas também a dos animais, plantas e minerais, na qual Hugo não acreditava antes das revelações dos espíritos de Marine Terrace.

A ideia de metempsicose permite ainda elaborar um pouco mais a problemática de Victor Hugo, a do crime, castigo e expiação, contribuindo para uma religião hugoana já em germe muito antes das experiências espíritas, caracterizada por ser um cristianismo expandido pela metempsicose, legitimado como valorização da transmigração das almas. Uma religião da qual Hugo se arvora o profeta. A influência das Mesas, aliada ao tema da metempsicose, será duradoura e alimentará toda a poesia hugoana futura.

O homem tal como o conhecemos seria assim o desfecho de uma compridíssima sucessão de vidas anteriores que Deus o fez esquecer a fim de lhe oferecer a liberdade. Essa teoria hugoana das expiações e libertações não se limita à Terra. A escada dos seres se prolonga em uma escada dos mundos. Metempsicose na Terra e transmigração para planetas mais ou menos felizes são os dois princípios basilares da nova religião hugoana. As almas, assim, podem cair em planetas ou mundos mais baixos ainda que o nosso, o qual se anuncia como um mundo intermediário. O mérito da alma, ao contrário, pode elevá-la até o Sol, que, para Hugo, representa Deus.

Essa nova religião, nascida das Mesas, consolida-se graças à intervenção e às revelações de Jesus Cristo *em pessoa*, que descera à mesa de Marine Terrace, em fevereiro e março de 1855, para condenar o druidismo e o cristianismo e construir uma religião nova que integrasse o princípio da metempsicose. O mago e profeta que agora desponta, revelador da religião definitiva, é Victor Hugo. Esclarecido pelos espíritos familiares do lugar, Hugo se vê

recebendo o bastão de Jesus Cristo. A obra iniciada por Jesus Cristo – já se vão dois milênios – deve conhecer uma nova floração. A religião que se elabora na mesa de Marine Terrace está apenas nascendo, mas se destina aos séculos vindouros. A partir de junho de 1854, Hugo anuncia uma religião que “englobará o cristianismo, expandindo-o, como o cristianismo englobara o paganismo”.³⁶ A partir de 1855, uma nova religião é então elaborada, da qual Hugo se considera o depositário. Essa religião traz ao conhecimento do mundo duas novidades: a ideia de que há almas individuais e conscientes em todas as coisas, até nas plantas e pedras, e a concepção do perdão universal que não deixa nenhum pecado sem possibilidade de redenção, não mais possível, mas inevitável e certa.

A mesa de Marine Terrace revela-se igualmente decisiva no que se refere à produção poética hugoana. As *contemplações*, de que dois terços dos poemas foram escritos durante o período de comunicação com os espíritos, nasceram da solidão do exílio e da experiência espírita, propondo, em inúmeras passagens, a visão de um novo mundo, submetido às ideias brotadas da Mesa, em especial a da expiação universal, e prenhes da esperança de uma reconciliação final.

As réplicas trocadas com os espíritos de Marine Terrace, longe de prejudicarem a produção poética de Hugo, ao contrário, a estimularam e alimentaram. As afirmações feitas pelos espíritos de Jersey se acham explicitamente em um volume considerável de poemas, sobretudo de *As contemplações*; eles permitem apreender de outra forma a gênese da produção poética do exílio. As revelações das Mesas dão origem a obras-primas, em particular “Pleurs dans la nuit” (Pranto na noite),³⁷ que inaugura a “série lúgubre com a qual, oito anos após 1846, *As contemplações* dão sua segunda largada”.³⁸ O poema se inspira diretamente nas revelações do espírito do Drama durante sua visita a Hugo à mesa de Marine Terrace. Ele introduz, na sexta parte da antologia, o mundo dos espectros e as revelações da Mesa. “Pranto na noite” expõe plenamente a doutrina da religião hugoana da metempsicose, nos colocando, pelo sonho ou pelo pesadelo, do outro lado da vida, do lado dos mortos, em um universo punido onde “tudo é repleto de almas”. A exposição de conjunto do sistema de pensamento do poeta, iniciado pelas declarações da Mesa,

se concluirá por intermédio de “O que diz a Boca de Sombra”,³⁹ penúltimo poema de *As contemplações*, que constitui seu resumo final.

O teatro de Hugo também beberá nas revelações dos espíritos e versos ditados por Shakespeare e Molière, em 1855. *A floresta molhada*,⁴⁰ por exemplo, mostra claramente as similitudes entre as declarações da Mesa e os versos criados por Hugo; assim como *Homo*, um drama escrito entre 1854 e 1855, se revela próximo de *Nihila*, ditado pelo espírito do Drama durante o verão de 1854.

As sessões espíritas contribuíram assim para o complexo processo da criação poética, dando corpo a obras latentes, a uma nova escrita. Com efeito, as Mesas constituem uma etapa importante na obra de Victor Hugo, cuja influência será duradoura.

Os quatro cadernos de *O Livro das Mesas*, dos quais, infelizmente, apenas dois subsistiram, formam uma obra literária visceralmente hugoana, que é essencial descobrir. Da mesma forma, cumpre não esquecer que, até o fim da vida, Victor Hugo continuou persuadido da realidade da existência dos espíritos e de sua presença na mesa de Marine Terrace. Para Hugo, é ponto pacífico que aquelas batidas, estalidos e ruídos noturnos inexplicáveis são produto de espíritos batedores que vêm visitá-lo, bem como manifestações do invisível. Essas visitas noturnas e esses seres misteriosos vão, mais tarde, alimentar sua criação literária e tomar forma, sob o nome de Auxcriniers, em *Os trabalhadores do mar*.

◦

Há igualmente outro dado a ser levado em conta. Das 77 páginas do quarto caderno, redigido em 1855, 50 foram escritas de próprio punho por Victor Hugo. Constituem, por conseguinte, um inédito de Hugo que nos informa de maneira significativa sobre a gênese das últimas obras do exílio jerseyano.

O conjunto dos documentos de Jersey, de singular percurso, permite renovar nosso conhecimento acerca desse período crucial – tanto no que se refere a seu pensamento como a sua obra – dos anos de exílio de Victor Hugo, lançando-lhe uma luz inédita e essencial, a ser depositada no inesgotável acervo dos estudos hugoanos.

Dissemos que, em 14 de setembro de 1853, o espírito do Drama proibira qualquer publicação de *O Livro das Mesas*. Mais tarde, contudo, o espírito da

Morte dará um formidável conselho a Hugo, dizendo-lhe que “o gênio leva em conta a imbecilidade”, que o seu túmulo “seja vivo, que em determinados momentos ele se ponha a falar à posteridade”, que ele escalone em seu testamento suas “obras póstumas de dez em dez anos, de cinco em cinco anos”. Que ele mire, de onde está, “a grandeza de um túmulo que, de tempos em tempos, em períodos de crise humana, quando a sombra passa sobre o progresso, quando nuvens passam sobre a ideia, abre subitamente seus dois lábios de pedra e fala” (p. 400). Ele precisava encerrar sua obra consigo em seu “sepulcro para que em épocas estabelecidas” por ele venham procurá-la (p. 401). O espírito da Morte ainda acrescentava: “Jesus Cristo só ressuscitou uma vez; tu podes lotar tua tumba com ressurreições, podes, se meu conselho te parecer bom, ter uma morte inaudita; quando morreres, dirás: vós me despertareis em 1920, vós me despertareis em 1940, vós me despertareis em 1960, vós me despertareis em 1980, vós me despertareis no ano 2000” (p. 401). Esses conselhos dados pela Morte ganham assim uma singular ressonância.

Quem então abriu o túmulo de Hugo em 1962, depois em 1972 e deu voz a “seus dois lábios de pedra”? Terá sido o puro acaso que levou um desconhecido a descobrir dois inéditos no fundo de um porão ou de um sótão? Ou é uma decisão deliberada por parte do detentor dos quatro manuscritos subtraídos misteriosamente do legado geral feito por Hugo? A menos que o próprio Hugo tenha tomado as disposições necessárias no intuito de escalar as aparições de *O Livro das Mesas*...

Se o fenômeno das Mesas falantes e dos espíritos de Marine Terrace continua a mexer tanto com os hugoanos, que vez por outra transformam o tema em um campo de batalha e controvérsias, é sem dúvida por seu caráter único e singular. Uma dimensão tão irracional que levaria qualquer outro que não o poeta a varrer com um piparote aquelas conversas sobrenaturais com as vozes dos espíritos. Subsistem, entretanto, de tudo isso, e desse longo período espírita, textos inéditos de beleza ímpar, uma prosa e poesia integralmente hugoanas, páginas visionárias que ainda ressoam estranhamente. Sobre tudo porque, até o fim da vida, Hugo sustentará a existência e a sobrevivência da alma após a morte.

Patrice Boivin

Nota sobre a edição

A presente edição comporta a integralidade dos documentos utilizados na redação de *O Livro das Mesas*, cuja publicação póstuma Victor Hugo planejava. Ela reúne o conjunto dos manuscritos existentes: os dois cadernos originais redigidos em Jersey, um em 1854, o outro em 1855 (e que fazem parte do catálogo da Biblioteca Nacional da França sob as referências N. A. F. 14.066 – manuscrito adquirido em 1962 – e N. A. F. 16.434 – manuscrito adquirido em 1972 e jamais publicado); a integralidade das atas disponíveis e inéditas, descobertas no acervo da Maison de Victor Hugo; bem como outros documentos, cartas sobretudo, encontrados igualmente nesse acervo.

Três quartos dos textos que compõem esta edição são inéditos; metade foi descoberta por nós na Maison de Victor Hugo.



A natureza específica das atas e cadernos de Victor Hugo nos obrigou a tomar determinadas decisões editoriais. Com efeito, sabemos que a Mesa ditava letra por letra, batendo tantas vezes quantas fossem necessárias para compor uma palavra. Por exemplo, uma batida expressava a letra “A”, duas a “B”, três a “C” e assim por diante. A Mesa podia imobilizar-se durante um tempo indeterminado, agitar-se, calar-se. Todos esses elementos, vinculados ao contexto da redação, são escurpulosamente anotados nas atas, constando também nos cadernos, porém de maneira menos significativa. Entretanto, como a abundância de tais rubricas poderia prejudicar a clareza da leitura do texto que editamos, optamos pelo princípio de uma transcrição normalizada, isto é, adotando as regras gramaticais atuais e uma diagramação clara e legível. A transcrição, portanto, foi expurgada das rubricas presentes em todas as linhas que, a nosso ver, ofereciam pouco interesse.

Em contrapartida, os elementos associados ao contexto da redação – dia, hora, ambiente, condições meteorológicas, estado de espírito dos participantes, suas próprias reações, assim como as da própria Mesa –, que retratam a atmosfera singular das sessões espíritas ou que nos parecem esclarecer seu desenrolar, foram conservados. Fornecemos igualmente a identidade dos participantes, dos que conduzem a mesa e daquele ou daqueles que registram as sessões por escrito (os escreventes).

Com a finalidade de respeitar a natureza do texto hugoano e dele permitir uma leitura linear, nossa edição baseia-se em um protocolo simples. Assim, a ortografia foi atualizada segundo as normas vigentes, e os erros, corrigidos, bem como os eventuais escorregões sintáticos ligados ao ditado da Mesa. A hifenização das palavras ocorrida durante o ditado dos espíritos foi suprimida e a pontuação às vezes acrescentada nas passagens em que faltava de maneira evidente. Travessões desnecessários foram eliminados, o mesmo ocorrendo com as abreviações e as aberturas de página amputando uma mesma frase. Os títulos de obras sublinhados por Hugo receberam itálicos.

Não existia até hoje senão uma única edição de referência das atas das sessões espíritas, a de Jean e Sheila Gaudon, publicada pela editora Massin (*Procès-verbaux des séances des tables parlantes à Jersey* [Atas das sessões das Mesas falantes em Jersey], 1968), da qual, naturalmente, não constam nem o caderno surgido em 1972, que permaneceu inédito, nem um bom número de atas, igualmente inéditas, encontradas *a posteriori*. Em contrapartida, os Gaudon optaram por reproduzir as transcrições das sessões das Mesas publicadas, pela primeira vez, em 1923, por Gustave Simon (*Chez Victor Hugo: Les Tables tournantes de Jersey* [Na casa de Victor Hugo: As Mesas girantes de Jersey], 1923). Afora o livro de Simon, que é questionável, uma vez que ele crê piamente na presença dos espíritos na mesa de Marine Terrace e constrói sua compilação de maneira a apresentar os textos, versos e dramas ditados pelos espíritos como deles próprios e não de Victor Hugo, não há documentos autênticos atestando a maioria das atas. Assim, todos os estudos anteriores à publicação de Jean e Sheila Gaudon (como os de Paul Berret, Denis Saurat, Maurice Levaillant, Henri Guillemin, Pierre Albouy, Paul Bénichou e Jean-Claude Fizaine) tiveram como única fonte a obra de Gustave Simon, não obstante pouco confiável.

Optamos então por utilizar aqui somente documentos (do acervo da Biblioteca Nacional da França ou da Maison de Victor Hugo) que pudemos consultar e autenticar, emanados do punho de Victor Hugo, Auguste Vacquerie, sra. Hugo, Charles Hugo, Adèle Hugo, Paul Meurice e Cécile Daubray. As cópias realizadas por Daubray são de duas naturezas: folhas datilografadas e, referentes ao ano 1853, folhas manuscritas. Naturalmente, na falta de qualquer outro documento, estas podem ser questionadas e podemos sempre duvidar de sua credibilidade. Entretanto, levando em conta a confiança que Daubray inspirava tanto a Meurice como a Gustave Simon, foram incorporadas em nossa edição. De todo modo, parte das cópias manuscritas feitas por Daubray, do período entre 29 de setembro e 6 de dezembro de 1853, foi descartada. Essas cópias sugerem que as sessões transcritas não teriam se desenrolado em Marine Terrace, e sim no domicílio de Edmond Leguevel, proscriito presente em Jersey. Foi a única vez que encontramos indício de que sessões espíritas teriam acontecido em outros locais que não a casa de Hugo, o qual, aliás, não está presente em nenhuma delas. É também a única ocorrência do nome de Leguevel. Essas cópias não indicam os horários nem as datas precisas, tampouco o nome do escrevente encarregado de transcrever o desenrolar das sessões. Victor Hugo, a sra. Hugo, Auguste Vacquerie nunca estão presentes. Logo, duvidamos fortemente de sua autenticidade.

As duplicatas ou cópias duvidosas foram desconsideradas, à exceção das realizadas por Juliette Drouet. Os dois cadernos – o número 2, cobrindo o período de 1^a de fevereiro a 30 de maio de 1854, e o número 4, cobrindo o período de 21 de janeiro a 8 de outubro de 1855 – formam os cadernos que Victor Hugo destinava a *O Livro das Mesas*.

•

As atas, aqui transcritas cronologicamente, trazem as seguintes menções:

As iniciais dos escreventes: *V. H.* para Victor Hugo, *A. V.* para Auguste Vacquerie, *Sra. V. H.* para a sra. Victor Hugo, *C. D.* para Cécile Daubray, *A. D.* para Adèle Hugo filha, *C. H.* para Charles Hugo.

As palavras sublinhadas o foram pelo escrevente (quase sempre Victor Hugo), bem como as palavras riscadas.

O uso de colchetes é nosso; os parênteses são do escrevente.

A letra X assinala uma palavra ilegível (a quantidade de X em dado texto corresponde ao número de caracteres supostos).

As intervenções da Mesa estão em **negrito**.

A palavra “Mesa”, com maiúscula, remete às vozes dos espíritos; com minúscula, designa o objeto material.

P. B.



Primeiro caderno

11 de setembro de 1853 a 31 de janeiro de 1854

DOMINGO, 11 DE SETEMBRO DE 1853

Delphine de Girardin, sra. Hugo, Victor Hugo, Charles Hugo, François-Victor Hugo, Adèle Hugo, o general Le Flô e sua esposa, o conde Henri de Tréveneuc, amigo do general, e Auguste Vacquerie.¹ (Ata A. V.)

A sra. De Girardin diz: Há alguém? Se houver alguém e este alguém quiser falar conosco, que bata uma vez.

O pé da mesa dá uma batida seca.

— Há alguém! — exclamou a sra. De Girardin. Façam suas perguntas.

Fizemos perguntas e a Mesa respondeu.

Delphine de Girardin pergunta imediatamente: Quem és tu?

A mesa ergue um pé e não o abaixa mais.

A sra. De Girardin insiste: Alguma coisa te incomoda? Em caso afirmativo, dê uma batida; senão, duas.

A mesa bate uma vez.

Sra. De Girardin pergunta: O quê?

— **Losango.**

Formávamos um losango, dos dois lados de uma ponta da mesa grande. Fomos pegar outra mesa, sobre a qual colocamos a pequena. A sra. De Girardin e Charles Hugo posicionam-se na diagonal. A mesa se agita novamente. O general Le Flô pergunta o que ele está pensando nesse instante.

— **Fidelidade** (responde a Mesa).

O general pensava em sua mulher.

Eu não estava convencido, observa Vacquerie, achava tão engenhoso e inteligente responder fidelidade a um marido que pensa na esposa que atribuí a resposta à sra. De Girardin.

Para estar seguro de que não era a sra. De Girardin que agia, Auguste Vacquerie pede para conduzir a mesa junto com Charles, pensa um nome e indaga:

— Em que nome estou pensando?

A mesa gira, se ergue e diz:

— **Hugo.**

Era realmente o nome, confessa Vacquerie, foi nesse momento que comecei a acreditar.

Nos últimos instantes, contudo, a sra. De Girardin parece abalada e pede que não percamos tempo com perguntas pueris. Pressente uma grande aparição. Como a Mesa declarou estar incomodada pela incredulidade de um dos participantes, pedimos-lhe que o identifique. Ela responde: Louro. Com efeito, o sr. de Tréveneuc, muito louro, era o mais incrédulo de todos. A Mesa não exige que ele saia, mas se agita e recusa a responder. Auguste Vacquerie deixa a mesa, e o general Le Flô o substitui ao lado de Charles. Interrogamos a Mesa sobre sua identidade.

— **Filha.**

O general Le Flô não pensava em sua filha. Auguste Vacquerie acrescenta imediatamente:

— Em quem estou pensando?

— **Morta.**

Todo mundo pensa na filha que Victor Hugo, que ainda não interveio, perdeu.

A sra. De Girardin pergunta: Quem és tu?

— **Ame soror.**

Quatro pessoas ao redor da mesa haviam perdido uma filha: o general Le Flô, Delphine de Girardin e os irmãos Hugo. A Mesa dissera soror em latim para esclarecer que era irmã de um homem?

— De quem és irmã? — pergunta o general Le Flô.

— **Dúvida.**

— Teu país?

— **França.**

— Tua cidade?

Nenhuma resposta.

Todos nós sentimos a presença da morta, anota Vacquerie, todo mundo chora.

Victor Hugo intervém então pela primeira vez e pergunta:

— És feliz?

— Sim.

— Onde estás?

— Luz.

— O que é preciso para chegar a ti?

— Amar.

A partir desse momento, os nove participantes ficam cada vez mais abalados. A Mesa, como que se sentindo compreendida, não hesita mais e responde imediatamente. A sra. De Girardin pergunta:

— Quem te envia?

— Bom Deus.

A sra. De Girardin estimula a Mesa a falar de si mesma: Tens alguma coisa a nos dizer?

— Sim.

— O quê?

— Sofrei pelo outro mundo.

— Vês o sofrimento dos que te amam? – pergunta, transtornado, Victor Hugo.

— Sim.

— Sofrerão muito tempo? – interroga a sra. De Girardin.

— Não.

— Voltarão em breve à França?

A Mesa não responde.

Victor Hugo intervém novamente e conduz as perguntas até o fim:

— Ficas contente quando eles misturam teu nome à oração?

— Sim.

— Estás sempre junto com eles? Velas por eles?

— Sim.

— Eles podem fazer-te voltar?

— Não.

— Mas voltarás?

— Sim.

— Em breve?

— Sim.²

NOITE DE 12 PARA 13 DE SETEMBRO DE 1853

(Cópia Juliette Drouet e cópia C. D.)³

Victor Hugo: Tens algum comunicado a nos fazer?

— Luz.

— Conheces a alma que veio ontem?

— Não.

— Sabes que alma esteve aqui?

— Sim.

— Como sabes?

— Túmulo.

— O que devemos fazer para que ela volte?

— Esperança.

Sra. De Girardin: Sabes que aquele que te interroga é um grande poeta?

— Sim.

— Conheces suas obras?

— Sim.

— Diz o título de uma.

— *Notre-Dame de Paris*.

Victor Hugo: Os espíritos comunicam-se entre si?

— Sim.

— És feliz?

— Sim.

— Eras um homem?

— Não.

— Mulher?

— Sim.

— Aqueles a quem amamos estão perto de nós?

— Sim.

— Tens um corpo?

— Não.

— Os espíritos que vês têm a mesma forma que tinham quando vivos?

— Sim.

- A forma da juventude?
- Sim.
- Fala o que desejares.
- Tudo morre para a vida.
- Há quanto tempo estás morta?
- Três anos.
- Teu país?
- França.
- Teu nome?
- Amélia.
- Com que idade morreste?
- 28 anos.

13 DE SETEMBRO DE 1853

Na presença da sra. De Girardin, escrito por Victor Hugo. Os participantes da sessão não são indicados. (Ata V. H.)

As palavras de Amélia imprimiam à mesa um movimento suave e cadenciado. Perguntei-lhe:

- Me amas?

A mesa dá uma batida. Convém lembrar que, em consequência da convenção adotada para dizer sim, a mesa erguia um pé e dava uma batida; para dizer não, duas batidas.

Continuei: Conheci-te na Terra?

Duas batidas. Não. Neste ponto, a mesa começa a se agitar com um tremor intenso e quase violento. Prossegui:

- Gostarás de me reencontrar na outra vida?

A mesa quase vira e dá duas batidas, como se colérica; era um não, e um não enérgico.

Levei um susto. Começaram a rir à minha volta. Minha mulher disse:

- Os amores duraram pouco.

A sra. De Girardin diz: Como bate com o pé essa pequena Camélia!

Com efeito, aquelas duas rudes batidas, sucedendo tantas batidas leves e suaves, quase acariciantes, tinham alguma coisa de estranho. No dia seguinte, pensando no que aconteceu, ruminei: “Era como a pata do tigre após a asa do pássaro”.

Rio com os outros, e continuo:

— A morte é desejável para os que fizeram bem nesta vida?

Uma batida. Sim.

— A morte deve ser temida pelos que praticaram o mal?

Duas batidas. Não.

Todos nós esboçamos um movimento, digo:

— Estás enganada. — E repeti a pergunta.

Mais duas batidas. Outro não.

Vacquerie exclama: Ei, atenção! Isso é importante. A alma nega a teoria das recompensas e dos castigos.

Continuei com uma voz severa: Escuta, tu que estás aqui. Não brinques com nossas almas. Pondera que se encontra aqui um pensador que hesita em crer. Tua resposta age sobre ele. Responde então claramente. É impossível haver equilíbrio entre os bons e os maus após esta vida.

— Sim, é — replicou Vacquerie —, ela disse isso duas vezes.

— Pois bem — repito —, responde pela última vez e presta atenção no que vais dizer. Não mintas, proíbo-te. Vejamos: a morte deve ser temida pelos que praticaram o mal?

Até esse momento, o pé da mesa erguera-se do meu lado. Senti que o movimento mudava. Foi o pé à minha esquerda que se ergueu. O pé estava voltado para Vacquerie. Levantou-se bem alto e deu uma batida estrepitosa, estacando em seguida.

Dessa vez era sim.

Nesse instante, as contestações explodiram.

— Isso não conta — diz Auguste.

— Sim — replico.

— Ela está se desdizendo, está divagando — insiste Auguste.

A mesa se agitava com violência e erguia quase convulsivamente as mãos de Charles e as minhas.

A sra. De Girardin exclama: Tudo isso é singular. Aposto que mudou o habitante da mesa. Não é mais Amélia.

Eu digo à mesa: Amélia, responde, você continua aqui?

O pé se ergueu do meu lado e deu duas batidas violentas. Não.

— Vejamos — exclama a sra. De Girardin. — Eu tinha adivinhado certo.

Aposto que é o diabo.

Ergui minha voz e disse: Tu que estás aqui, diz o teu nome.

O mesmo pé se ergueu, deu uma batida, depois outra, e parou.

— É “B”? — pergunto.

O pé bate sim.

— Continua.

A mesa bate sucessivamente, O, N, A, P...

Estávamos arrepiados. Ela terminou: A, R, T, E.

Demos um único grito! Bonaparte! Minha mulher correu, transtornada, juntando as mãos.

— Será Bonaparte? — pergunto.

O pé bateu sim com uma espécie de furor.

— Qual? O grande?

— Não.

— O pequeno?

— Sim.

Estávamos todos arrepiados.

Insisti: O quê! És tu, que chamam de Napoleão III, que estás aqui?

Uma batida ainda mais irritada.

— Sim.

— És tu, Luís?

— Sim!

A mesinha chacoalhava nossas mãos, deslizando sobre a mesa suporte como se procurasse escapar. Um silêncio de estupor reinava à minha volta.

— Ah! Celerado — eu digo —, apanhei-te!

A mesa se agitava, contorcendo-se feito um animal que corcoveia. Continuei:

— Quem te envia?

O pé à minha frente se ergueu e ela respondeu, ritmando as batidas e parando com uma batida sobre cada letra designada:

— Meu tio.

*Começou então o diálogo abaixo, que durou três horas.*⁴

(Cópia Juliette Drouet)

— Para quê?

— **Para ser castigado.**

— Então ele está descontente contigo.

— **Sim.**

— Teu tio me odeia?

— **Não.**

— Ele sabe que lhe faço justiça?

— **Sim.**

— Sabes quando morrerás?

— **Sim.**

— Dentro de quantos anos?

— **Dois.**

— Podes dizer como?

— **Por todos.**

— Sabes quem te substituirá?

— **Sim.**

— Podes dizer?

— **República universal.**

— Escreve: adoro Deus.

— **Adoro Deus.**

— Então é possível os espíritos dos vivos nos responderem?

— **Sim.**

— Neste momento, onde está tua pessoa viva?

— **Sombra.**

— Queres dizer que ela está dormindo?

— **Sim.**

— Tua pessoa viva está sonhando que estás aqui?

— **Sim.**

— E sofre com esse sonho?

- **Sim.**
- Alguém inspirou teu crime?
- Não.
- Estás arrependido?
- **Sim.**
- Tens vontade de expiar teu crime?
- Não.
- Se te dissessem que te perdoam com a condição de abdicares, tu o farias?
- Não.
- Tenho razão no que faço?
- **Sim.**
- Gostarias de estar no meu lugar?
- **Sim.**
- Aprovas-me?
- **Sim.**
- Sra. De Girardin: Conheces-me?
- **Sim.**
- Victor Hugo: Vou falar-te do teu tio, tu o vês neste momento?
- Não.
- Não obstante, é ele que te envia.
- **Sim.**
- Aprovas que eu te castigue?
- **Sim.**
- Ele te vê como seu maior infortúnio?
- **Sim.**
- Continuas aqui?
- **Sim.**
- Fala a teu respeito.
- **Lux.**
- Conheces Girardin?
- **Sim.**
- Tens-lhe ódio?
- Não.

— Em teus dias de desespero, não tens vontade de chamá-lo?

— Não.

Sra. De Girardin: Melhor assim.

Victor Hugo: Disseste “Lux”; sabes que é o último poema do meu livro?

— Sim.

— Fiz bem em escrever esse livro?

— Sim.

— E *Napoleão, o pequeno*?

— Sim.

— O que sentes por mim, ódio ou respeito?

— Ambos.

— Fala.

— Leio meus deveres em teus *Castigos*.

— Fala mais.

— É teu heroísmo que degrada minha covardia. Irei a Toulon. Ousa; tenho medo. Minha raça está acabada.

— Tua pessoa viva tem agora o pesadelo do que se passa aqui?

— Sim.

— Posso despertá-la?

— Não.

— Fala.

— Chega de justiça, eu lera perdão.

— Julgavas que eu te perdoaria?

— Sim.

— Por quê?

— Por gênio.

— Achas que o gênio deve perdoar teu crime?

— Sim.

— Mas e quando o crime afeta o gênero humano inteiro?

— Não.

— Então eu não poderia perdoar-te? Irás embora antes que eu assim deseje?

— Não.

— Teu pesadelo duraria então a noite inteira?
— **A vida inteira.**
— Desejas que eu me vá e te deixe?
— Não.
— Por quê?
— **Minha consciência precisa do teu olhar.**
— Decerto também lêes meu pensamento. Percebes que não tenho ódio de ti, mas somente do teu crime?
— **Sim.**
— Neste momento, estás arrependido do teu crime?
— **Sim.**
— A esta altura, se dependesse de ti não tê-lo cometido, desejarias não tê-lo cometido?
— **Sim.**
— E não ser imperador?
— Não.
— Preferes então ser imperador a homem honesto.
— **Sim.**
— E, mesmo assim, invejas-me?
— **Sim.**
— Qual dos dois destinos preferes?
— **O teu.**
— Tens vergonha do caso do Oriente?
— **Sim.**
— Fala.
— **Tenho medo da noite.**
— Será por veres tuas vítimas?
— **Vejo a luz.**
— Fala.
— **Socorro, tenho medo, o juiz está aqui, o juiz está aqui.**
— Quem é o juiz?
— **A morte.**
— Por morte, entendes Deus?

- Sim.
- Por que não disseste Deus?
- Não vejo Deus.
- Será por seres mau?
- Sim.
- Crês que Deus te perdoará um dia?
- Não.
- Crês então nas penas eternas?
- Sim.
- Tens certeza de que existem?
- Não.
- Quando houveres expiado teus crimes, Deus te perdoará, compreendes? Estás contente com o que te digo?
- Sim.
- Não posso perdoar-te enquanto estiveres no trono. Só após a tua morte, quando fores castigado. Estás contente com o que te digo?
- Não.
- Desejas que eu saia?
- Não.
- Minha presença não te é odiosa?
- Não.
- Por quê?
- Espírito.
- Porque sou um espírito?
- Sim.
- E sabes que os espíritos são sempre bons mesmo quando castigam?
- Sim.
- Sentes que tenho compaixão por ti?
- Sim.
- O que posso fazer por ti que seja justo?
- Está feito.
- Ouves as imprecações à tua volta?
- Sim.

A sra. De Girardin sai.

— Percebes que há duas mulheres aqui presentes que sentem pena de ti?

— Sim.

— Sentes gratidão por isso?

— Não.

— Então não tens coração?

— Não.

— Pensas algumas vezes nos proscritos?

— Sim.

— Em mim?

— Sim.

— O nome do homem no qual pensas mais?

— Olympio.

— Julgas *Napoleão, o pequeno* um bom livro?

— Tenho medo.

— Desejas que eu te deixe?

— Não.

— Então estás contente comigo?

— Não.

— Então por que desejas ficar comigo?

— Condenado a ti.

— Por quem?

— Por mim.

— Por teus crimes?

— Sim.

— Tens medo de mim?

— Sim.

— Sou eu quem mais temes no mundo?

— Sim.

— Voltarás?

— Sim.

— Todas as vezes que eu te chamar?

— Não.

— Sofres menos?

— Não.

— Temes Ledru-Rollin?*

— Não.

— Cavaignac?**

— Não.

— Victor Hugo?

— Sim.

— Tua pessoa viva sonha sempre que está comigo?

— Sim.

— Fala.

— A Europa te espera. Tenho medo. Tu causarás medo. Tu serás o cérebro, sinto-o na minha coroa.

— O que pretendes dizer com isso? Afirmas que não há cérebro suficiente sob tua coroa?

— Não.

— Ou que é chegado o momento em que os povos querem ser governados por cérebros e não por coroas?

— Sim.

— Temes Lamartine?***

— Não.

— Quantos homens temes na Europa?

A mesa dá uma saraivada de batidas.

— Temes todo mundo?

* Alexandre Ledru-Rollin (1807-1874), deputado em 1842, ministro do Interior, candidato derrotado à Presidência da República em 1848, mas eleito para a Assembleia Legislativa. Foi o principal instigador do movimento de 13 de junho de 1849, jornada de insurreição organizada pelos deputados *montagnards*, que fracassou. Exilou-se então na Inglaterra para só retornar em 1871, ocupando novamente uma cadeira na Assembleia em 1874.

** Louis Eugène de Cavaignac (1802-1857) foi derrotado nas eleições de dezembro de 1848 por Luís Napoleão e passou para a oposição. Eleito membro do Legislativo, recusou-se a assumir o cargo para não ter de prestar juramento perante Luís Napoleão.

*** Alphonse de Lamartine (1790-1869), poeta, escritor e político, foi membro do governo provisório e ministro do Interior em 1848. [N.E.B.]

- Sim.
- Amanhã tua pessoa viva conservará a lembrança desta conversa?
- Não.
- Ela já teve muitos sonhos desse tipo?
- Sim.
- Já apareci muito para ela à noite?
- Sim.
- Quanto tempo ainda permanecerás no trono?
- Dois anos.
- Serás sucedido pela República?
- Sim.
- Ela será terrível?
- Não.
- Grande?
- Sim.
- Libertação da Europa inteira?
- Sim.
- Os Estados Unidos da Europa?
- Sim.
- Serei um dos homens que contribuirão para isso?
- Sim.
- É ao teu pensamento que respondes quando dizes daqui a dois anos?
- Sim.
- Ou ao meu?
- Não.
- Tens certeza de que terminarás daqui a dois anos?
- Sim.*
- Sabes que tentarei salvar tua vida?
- Sim.
- És grato por isso?

* Napoleão III, prisioneiro após a derrota de Sedan, em 1870, vai exilar-se na Inglaterra, após capitular diante da Prússia, o que se dará dezessete anos mais tarde.

- Não.
- Preferias então a morte?
- Não.
- Tu a temes?
- Sim.
- Vais fazer a guerra do Oriente?
- Não.
- Por quê?
- Tenho medo.
- Da Revolução?
- Sim.
- É o que te detém?
- Sim.
- Quanto tempo vai durar minha proscricção?*
- Dois anos.
- Lembras que fui eu que sugeri chamar tua família de volta?
- Sim.
- Por que me proscreveste?
- Vem, vou-me embora.
- Isso é obscuro, tu dizes que eu chego e que tu vais. Sê mais claro.
- Canto do galo.
- O que entendes por “canto do galo”? A Revolução?
- Lux.
- O que entendes por isso, a República?
- Sim.
- Não é o dia material?
- Não.
- Não respondeste à minha pergunta. Por que me proscreveste?
- Silêncio, juiz.
- Se eu estivesse em teu poder, tu me farias morrer?

* Victor Hugo só voltará à França quando a República for restaurada, isto é, em 1870. Ver, a esse respeito, a Cronologia, à p. 507.

— Não.

— O que farias de mim?

Silêncio.

— Não queres responder?

— Não.

— Ordeno que respondas.

— Decide.

— Mandarias me prender?

— Não.

— Deportar?

— Não.

— Matar?

— Não.

— Me exilarias novamente?

— Sim.

— Sem condições?

— Não.

— E se eu recusasse tuas condições, mandarias me prender? Deportar?

— Impossível.

— Por que impossível?

— **Espírito.**

— Vou deixar-te, estás contente?

— Sim.

— Voltarás?

— Sim.

— Quando? Podes dizer?

— Não.

— Quem te derrubará quando voltares? Sabes?

— Sim.

— Diz.

— Meu crime.

— Leste alguma coisa dos *Castigos*?

— Sim.

- Entregaram-te as provas?
- Não.
- Foi então teu espírito?
- Sim.

Noite de 12 para 13 de setembro de 1853. Entre segunda e terça-feira. Encerrado às 2h45 da manhã.

TERÇA-FEIRA, 13 DE 7BRO [SETEMBRO] DE 1853

9h30 da noite. Presentes: Victor Hugo, sra. Hugo, srta. Adèle, Charles, Toto [François-Victor], Auguste Vacquerie, sr. e sra. Le Flô, sra. De Girardin, Charles e Teleki à mesa. (Cópia Juliette Drouet)

- Victor Hugo: Quem és tu?
- A Sombra.
 - Podes dizer teu nome?
 - Não.
 - És Damianiels?
 - Sim.
 - Tens algum comunicado a me fazer?
 - Sim.
 - Qual?
 - Crê.
 - Em quê?
 - No desconhecido.
 - O que é o desconhecido? Podes dizer?
 - O vazio cheio.
 - Foste enforcado?
- Sem resposta.*
- O vazio cheio é o mundo invisível?

- Sim.
- Fala de ti mesmo.
- A morte é o **balão da alma**.
- O mundo ao qual pertences é a continuação desta vida?
- Não.
- Entretanto tu viveste?
- Não.
- Deves viver?
- Não.
- És um anjo?
- Sim.
- O anjo da morte?
- Sim.
- Por que vens aqui? Podes responder?
- **Pela vida**.
- Como assim?
- **Espíritos, vinde aqui, há videntes**.
- Disseste isso dirigindo-te aos espíritos?
- Sim.
- Não foi a nós?
- Não.
- Há algum motivo para sermos videntes?
- Sim.
- Tu mesmo nos vês?
- Não.
- Vês nossos rostos?
- Não.
- Conheces nossos nomes?
- Não.
- Os espíritos que chamas aqui viveram a vida dos homens? Podes responder?
- Não.
- És um espírito feliz? Podes responder?

- A felicidade é exclusivamente humana. Ela supõe a infelicidade.
- Falas assim porque estás no absoluto?
- **Sim.**
- Fala o que quiseses.
- **O Infinito é o vazio cheio.**
- Entendes por isso que o que chamamos de vazio é preenchido pelo mundo dos espíritos?
- **Exato.**
- Sombra do Sepulcro, podes então ser alegre?
- **Não.**
- Fala.
- **Usa teu corpo para procurar tua alma.**
- És o único espírito presente?
- **Sou tudo e estou em toda parte.**
- Queres que eu continue a interrogar-te?
- **Sim. Tu tens uma chave de uma porta do fechado.**
- Conheces a visão que tive ontem?
- **Não conheço ontem.**
- Podemos ter certeza de ver-te após a morte?
- **Pensa como quiseses.**
- Queres que um dos dois que estão aqui seja substituído?
- **Sim.**
- *Teleki é substituído pelo general Le Flô.*
- Estás aqui?
- **Sim.**
- Se nos comportarmos bem nesta vida, podemos esperar uma vida melhor?
- **Sim.**
- Se mal, uma vida mais dolorosa?
- **Sim.**
- As almas dos mortos estão contigo?
- **Sob mim.**
- Tu dizes que estás em toda parte, tu és Deus?

- Sobre mim.
- Estás mais perto das almas do que de Deus?
- Para mim não há perto nem longe.
- Responde: os outros mundos sem ser a Terra são habitados?
- Sim.
- Por criaturas como nós, alma e corpo?
- Uns sim, outros não.
- Após a morte, as almas daqueles que fizeram o bem ocupam os mesmos espaços de luz ou vão habitar outros globos?
- Acende.
- Continuas o mesmo?
- Não.
- Charles é substituído por Teleki. Teleki e Le Flô.*
- Quem és tu?
- Nenhuma resposta. Le Flô sai. Charles retoma. Charles e Teleki.*
- Victor Hugo: És o mesmo?
- Não.
- Diz teu nome.
- Cometa.
- És um anjo?
- Astro.
- Os astros são criaturas?
- Sim.
- Inteligências?
- Sim.
- A Terra é uma inteligência?
- Sim.
- Ela tem seu cântico no infinito?
- Sim.
- És o cometa que vimos por esses dias?
- A ciência é ignara.
- Não estás respondendo à pergunta, podes responder?
- Sim.

- És o mesmo?
- Não.
- Será que a alma de um astro pode separar-se dele e vir à Terra?
- Nenhuma resposta.*
- És o mesmo?
- Não.
- Quem és tu?
- **Chateaubriand.***
- Sabes que te amamos e admiramos?
- **Sim.**
- És meu vizinho agora. Responde.
- **O mar me fala de ti.**
- Conheces aquele que veio ontem?
- **Sim.**
- Pensas dele o que eu penso?
- **Sim.**
- Aprovas-me?
- **Sim.**
- O que pensas desse homem?
- **A Morte me fala sobre ele.**
- Sabes como te respeitamos e estamos felizes por ter-te conosco?
- **Sim.**
- Podes **falar** sobre o mundo onde estás agora?
- Não.
- És feliz?
- **Vejo.**
- Tens algum comunicado a nos fazer?
- **Sim.**
- Fala.

* François-René de Chateaubriand (1768-1848), escritor e político, um dos precursores do Romantismo francês, foi enterrado na ilha Grand Blé, na costa francesa, a alguns quilómetros de Jersey. [N.E.B.]

- A maré vem sobre ele.
 - Continua.
 - Li teu livro.
 - *Napoleão, o pequeno?*
 - Sim.
 - Diz o que pensas sobre ele.
 - Meus ossos se mexeram.
 - O que podemos fazer pela França?
 - Lutar.
 - Sabes o que aconteceu aqui ontem?
 - Sim.
 - Fala. Sabes que lutarei até a morte pela liberdade?
 - República.
 - A República é o futuro, não é?
 - Não vejo senão a eternidade.
 - Queres que eu substitua um dos dois que conduzem a mesa?
 - Sim.
- Victor Hugo substitui Teleki. [À mesa estão] Victor Hugo, Charles.⁵*
- Continuas aqui, Chateaubriand?
 - Não.
 - Quem és tu?
 - Vulcano.
 - O que desejas de mim?
 - Trago-te o raio.
 - Para fazer o quê?
 - Tu sabes.
 - Conheces o homem que veio aqui ontem?
 - Sim.
 - O que pensas dele? Pensas o mesmo que eu?
 - Falsa águia.
 - Escuta, Vulcano, és um anjo bom?
 - Sim.
 - És mais que uma alma?

— Não.

— Tens algum comunicado a fazer?

— Forja.

— Advertes outras pessoas ao mesmo tempo que a mim?

Nenhuma resposta.

— Continuas aqui, Vulcano?

— Não.

— Quem és tu?

— Glória.

— Chamas-te glória?

— Sim.

— És uma alma?

— Sim.

— Tens algum comunicado a fazer?

— Sim.

— Fala.

— Temporada celeste aberta. Vês...

— Alguma coisa te incomoda?

— Sim.

— Sim?

— Losango.

— Fala. Alguma coisa ainda te incomoda?

— Sim.

— Queres que Charles me substitua?

— Não.

Sra. De Girardin: E a mim?

— Sim.

Charles substitui a sra. De Girardin.

— Ainda és tu, Glória?

— Não.

— És uma alma?

— Sim.

— Teu nome.

- Haynau.*
- Que vens fazer aqui? Quem te envia?
- Blanca Teleki.**
- Onde está tua alma? Podes dizer?
- Está sendo chicoteada.
- Achas isso justo?
- Ai de mim!
- Sabes o que falei a teu respeito?
- Deus me mostrou.
- Quando a Hungria será livre?
- Dentro de três anos.
- Reconheces a justiça da causa da Hungria?
- Nenhuma resposta.*
- Continuas aqui, Haynau?
- Sim.
- Reconheces que és justamente castigado?
- Sim.
- Que a causa da Hungria é justa?
- Sim.
- Tu te arrependes de teus crimes?
- Não me arrependo.
- Não te arrependes?
- Eu penso.
- Por que Blanca Teleki te envia a mim?
- Para ser vingada.
- Sabes que teu primo está aqui?
- Sim.
- Consegues vê-lo?

* O barão Julius Jacob von Haynau (1786-1853) comandou as tropas austríacas da repressão, em 1848-49, na Itália e na Hungria; sua brutalidade lhe valeu a alcunha de “a hiena de Brescia”.

** Condessa Blanca Teleki (1806-1862), educadora húngara, pioneira na defesa dos direitos das mulheres. [N.E.B.]

— Sim.

— A nós todos que o rodeamos?

— A ele.

— Ele está sozinho?

— Sim.

— Podes dizer o destino do teu imperador?

— Sim.

— Diz.

— Tirano.

— Um dia ele será punido nesta vida?

— Sim.

Teleki: Por mim?

— Não.

Victor Hugo: Será por mim?

— Sim.

— Quer dizer que punirei o tirano Francisco José?

— Sim.

— Como?

— **Abro meu túmulo para ele.**

— Vieste dizer alguma coisa ao coronel Teleki?

— Sim.

— Fala.

— **Os corvos estão aqui para triturar essas águias.**

— Quantos homens mandaste executar, infeliz?

— **Um é igual a mil.**

— Disseste que tua alma era vergastada, por quem?

— **Pela corda.**

— Que corda?

— **Das forcas.**

Teleki: Por quanto Georgey traiu?

Recusa-se a responder.

Victor Hugo: Blanca Teleki enviou-te, como fazer para vingá-la?

— **Amendo-a com todo o meu ódio.**

- Podes nos deixar sem a minha permissão?
- Nenhuma resposta.*
- Continuas aqui, Haynau?
- Não.
- Quem és tu?
- Charlet.
- O pintor?
- Não.
- Charlet, o guilhotinado de Bonaparte?*
- Sim.
- Agradeço-te por teres vindo. Estás me ouvindo?
- Sim.
- Tens algum comunicado a fazer?
- Sim.
- Fala.
- Minha cabeça bebe no vinho de Bonaparte.
- Continua.
- Seu vinho é bom. Lacre vermelho.
- Sabes que sou teu amigo?
- Sim.
- Conheces o que escrevi sobre ti?
- Sim.
- Fala. Tua alma é feliz?
- Sim.
- Onde estás? Podes dizer?
- Sim.
- Sabes que ele veio aqui ontem?
- Sim.
- Neste momento, sois muitos espíritos a me rodear nesta casa?

* Charlet é um operário que se revolta contra o golpe de Estado de Luís Napoleão Bonaparte de 2 de dezembro de 1851. Preso, acusado de matar um agente da alfândega, recusou-se a responder ao tribunal de guerra, cuja competência rejeitava. Foi condenado à morte e executado em Belley, em 29 de junho de 1852.

- Não tenho meus olhos.
- Não me vês?
- Sim.
- Enxergas?
- Sim.
- Como? Com que olhos?
- Com os olhos da minha cabeça.
- Não possuis então cabeça na forma que tens na outra vida?
- Não.
- És então um espectro sem cabeça?
- Sim.
- É possível os rostos dos mortos aparecerem aos vivos?
- Não.
- Embora sejas assim, tua alma é feliz?
- Sim.
- Como podes ser feliz sem cabeça?
- Auréola.
- Na outra vida, vês Charlotte Corday e Mme. Roland?*
- Sim.
- Elas têm uma auréola como tu?
- Sim.
- E André Chénier?**

* Marie-Anne Charlotte de Corday d'Armont (1768-1793), aristocrata que assassinou o líder revolucionário Jean-Paul Marat. Manon Roland (1754-1793) foi uma influente personalidade ligada ao Partido Girondino, durante a Revolução Francesa. Foi guilhotinada. [N.E.B.]

** Nascido em Constantinopla em 1762, André Chénier, por ter protestado contra os excessos do Terror após a Revolução Francesa, é preso e morre decapitado no cadafalso, em 7 termidor do ano II (1794), aos 32 anos. Deixa, porém, inúmeras obras inéditas, quase todas concluídas, das quais uma primeira edição póstuma seria lançada em 1819. Devemos a ele principalmente as *Elegias*, em que imita os poetas elegíacos latinos, as *Bucólicas*, a *Epístola sobre suas obras* e dois poemas dentre seus mais conhecidos, "A jovem tarentina" e a ode "A uma jovem cativa", escrita na prisão de Saint-Lazare, onde conheceu a sra. De Coigny, duquesa de Fleury, que virá a ser a "jovem cativa". Em seus poemas, é possível notar uma unidade na abordagem do confronto entre a juventude e a morte. Espírito entusiasta do século XVIII, pretende-se o arauto do Iluminismo. Alguns críticos o colocam entre o Ronsard dos *Hinos* e o Hugo das obras visionárias.

— Sim.

— E Maria Antonieta?

— Não.

— Ela então era culpada?

— Não.

— Por que ela não tem auréola?

— Coroa.

— Ela tem uma coroa agora?

— Não.

— Porque ela tinha coroa?

— Sim.

— Ela não tem auréola no céu porque teve uma coroa na Terra?

— Sim.

— Robespierre tem uma auréola?

Nenhuma resposta, agitação da mesa.

— Continuas aqui, Charlet?

— Não.

— Quem és tu?

— Dante.

— Agradeço-te pela visita, Dante. Tens algum comunicado a me fazer?

— Sim.

— Fala, grande Dante.

— Caro mio.

— Continua, sabes que te amo e admiro. Sinto-me feliz por estares aqui.

Fala.

— O exílio vem à beira do túmulo.

— Falas assim porque estou próximo ao túmulo de Chateaubriand?

— Compreendes.

— Fala o que quiseres.

— O amor é; o ódio não é.

— O que te traz aqui, perto de mim?

— A pátria.

— Fala.

— **Li minha visão.**

— Estás contente com isso?

— **Beatriz canta, escuto-a.**

— Continuas a nos escutar?

Imobilidade da mesa.

— Continuas aqui, Dante?

— Não.

— Quem és tu?

— **Roothaan.***

— Ah, velhaco, encantado em ver-te. Quem te envia?

— **A tempestade.**

— Odeias-me, não é?

— **Sim.**

— Por quê?

— **Zombas.**

— Tua resposta é inepta. Não zombo, desprezo-te. Fala. Não tens então **nada** a me dizer? Então vai embora: expulso-te. Fala ou vai: não queres então falar?

— **Sim.**

— Fala.

— **Deus é.**

— Sei disso e O adoro. Continua.

— **Existe...**

— Existe um inferno?

— Não.

— O que então?

— **Cinza no meu túmulo.**

— Continua.

— **A cinza das fogueiras.**

— Vês, estás sendo punido.

— **Confiteor.**

* Jan Roothaan (1785-1853), padre jesuíta holandês cuja atividade teve grande importância para a consolidação da Companhia de Jesus. [N.E.B.]

— Admites que os jesuítas cometem um crime contra o gênero humano ao deterem o progresso?

— Não.

— Julgas que eles têm razão?

— Amém.

— O que pensas de Montalembert?*

— **Adulador do paraíso.**

— Queres alguma coisa de mim?

— Não.

— O que pensas do papa Mastai?**

— **Imbecil.**

— Tens humor. Estás contente com minhas palavras?

— Argh!

Sra. De Girardin: Será que a religião conseguirá resistir?

— **O altar está abençoado.**

Victor Hugo: Dizes que uma tempestade te trouxe? Que tempestade?

— **Do meu túmulo.**

— A tempestade dos teus remorsos, não é?

— Sim.

— És feliz na outra vida?

— **Sinto muito calor.**

— Por que sentes muito calor?

— **Fulgor da fogueira.**

Teleki: Conheces Livomski (jesuíta)?

— Sim.

— O que ele faz na Hungria?

— **Obedecer.**

Victor Hugo: Roothaan, ainda estás aqui?

* Charles Forbes René de Montalembert (1810-1870), jornalista e político católico francês, defendia uma igreja liberal e apoiou os artistas românticos, entre eles Victor Hugo, de quem foi próximo. [N.E.B.]

** Giovanni Maria Mastai-Ferretti (1792-1878), papa Pio IX. [N.E.B.]

— Não.

A sra. De Girardin sai. Charles e Teleki conduzem a mesa.

— Teu nome?

— César.

— És o César de Brutus?

— Não.

— Que César tu és?

— Cesário.^{*}

— Vens para ver o autor de *Napoleão, o pequeno*?

— Sim.

— No entanto, vales mais do que ele.

— Julgas?

— És a alma de Cesário?

— Sim.

— Tens algum comunicado a me fazer?

— Sim.

— Conheces-me?

— Sim.

— Quem te envia?

— **Anuncio a teu César que sua vida está em perigo.**

— É um perigo iminente?

— Sim.

— Um perigo mortal?

— Sim.

— Será que terminará mal para ele?

— Não.

— Quando esse perigo se deflagrará?

— **Dentro de cinco meses.**

— E ele não perecerá?

— Não.

— Sabes que ele veio aqui ontem?

* Cesário, ou Ptolemeu XV (c. 47 a.C.-30 a.C.), filho de Cleópatra e César. [N.E.B.]

Giro precipitado da mesa.

— Continuas aqui, Cesário? Quem és?

— **Racine.**

— Sabes que respeito os grandes nomes, é a mim que vens visitar?

— Não.

— É a Auguste Vacquerie?

— **Sim.**

Auguste Vacquerie: Tens algum comunicado a me fazer?

— **Sim.**

— Fala.

— A glória mente.

— Dizes isso por ti?

— **Sim.**

— Achas justo o que escrevi sobre ti?

— **Sim.**

— Reconheces que Shakespeare é uma árvore e que tu és uma pedra?

— **Sim.**

— Reconheces que erraste ao fazer peças áridas?

— **Estou constrangido.**

— É um remorso para ti agora ter deixado uma reputação superior ao teu gênio?

— **Minha peruca está ruça.**

— O que a deixou assim?

— O fogo.

— O fogo de quê?

— **Do drama.**

— O que pensas de *Athalie*?*

— **Grandes versos.**

— Queres dizer que eles têm doze sílabas?

— **Sim.**

— No mundo onde estás, a literatura tem alguma importância?

* Tragédia de Jean Racine (1639-1699), publicada em 1691. [N.E.B.]

— Ela é um eco.

A movimentação arrefece.

— Continuas aqui, Racine?

— Não.

— Estás zombando de quem se dirige a ti?

— Sim.

— Quem és?

— Rússia.

— Escreve: Adoro Deus.

Nenhuma resposta.

— Recusas-te?

— Sim.

3h30.

14 DE SETEMBRO DE 1853

2h30 da tarde. Presentes: Victor Hugo, Charles Hugo, François-Victor Hugo, Auguste Vacquerie. Conduzem a mesa: Charles e François-Victor. Escrevente: Auguste Vacquerie. (Ata A. V. e cópia C. D.)

Auguste Vacquerie: Quem és tu?

— A Ideia.

— Quem vens visitar?

— O espírito.

— Por que vens de dia?

— As almas têm a noite, o dia é das ideias.

— Que ideia és tu? És a ideia Comédia ou a ideia de uma comédia?

— De uma comédia.

— Fala.

— Um carteiro ciumento que leva a carta de um amante.

— És uma ideia já realizada na Terra?

— Não.

— Virgem?

— Sim.

— Grande?

— Sim, triste e alegre.

Nesse momento, Victor Hugo entra. Interroga.

— Continuas aqui, Comédia?

— Não.

— Quem és tu?

— Prece.

(Cópia C. D.)

— Foi por minha causa que entraste aqui?

— Sim.

— Tu me conheces: sabes que me dirijo a ti todas as noites e que durmo contigo?

— A noite é minha aurora.

— Prece, és uma ideia?

— Não.

— És uma alma?

— Não.

— Um anjo?

— Não.

— O que és?

— Um perfume.

— És de fato todo-poderosa?

— Sim.

— É bom rezar todas as noites?

— Sim.

— É bom rezar e dirigir-se a Deus por intermédio dos mortos que nos são caros?

— Sim.

— A intervenção deles pode salvar-nos?

— Sim.

— Deus escuta todas as preces que Lhe dirigimos?

— Sim.

— Fala o que quiseres.

— Os braços das crianças são curtos, mas tocam o céu.

— Conheces minha filha que morreu? Podes responder?

— Não.

— Fala mais.

— Bem-aventurados os mortos que me respiram.

— Minha filha é feliz quando rezo por ela?

Nenhuma resposta.

— Continuas aqui, Prece?

— Não.

— Quem és tu?

— Drama.

— És a ideia do drama?

— Sim.

— O que tens a me dizer?

— Olá.

— É a mim que dizes: olá?

— A ambos.

Auguste Vacquerie: A mim também?

— Sim.

— Fala.

— Fazei ler o desconhecido.

Victor Hugo: Isso significa que devemos fazer uso das revelações que o mundo dos espíritos nos fornece?

— Não.

— Fala.

Intensa agitação.

— Alguma coisa te incomoda?

— Dois irmãos.

— O ideal seria apenas um?

— Não.

— Alguma coisa te incomoda?

— Sim.

— Eu?

— Não.

— Auguste?

— Não.

— Charles?

— Não.

— Victor?

— Não.

— Minha mulher?

— Não.

— Dois irmãos, isso quer dizer duas formas diferentes de drama? Fala.

Podemos livrar-te do que te incomoda?

— Não.

— Drama, continuas aqui?

— Não.

— Quem responde?

— A tragédia.

— Tens alguma coisa a me dizer?

— Coveiros.

— É a nós que chamas de coveiros?

— Sim.

— Continua.

— Tens o crânio e dele fazes o cérebro.

Auguste Vacquerie: Coveiros de que e de quem?

— De mim.

— Continua.

— Quinquilharia.

— O que é quinquilharia?

— O ouro é tu.

Auguste Vacquerie: É a mim que dizes isso?

— Sim.

— Quem é quinquilharia?

— Eu.

— Tu és a tragédia de Racine?

— Sim.

— Não a de Ésquilo?

— Não.

— A de Ésquilo é ouro?

— Sim.

— Nomeia os grandes poetas dramáticos.

— Deus.

— Há outros?

— Sim.

Victor Hugo: Nomeia-os.

— Jó, Tirteu, Esopo, Ésquilo, Hugo, Shakespeare, Cervantes, Dante, Aristófares, Molière, Rabelais, Nero.

— Vês Nero como um grande poeta dramático?

— Sim.

— Por quê?

— Porque ele incendiou Roma.

— E daí?

— Cantando.

— Nomeia os outros grandes poetas dramáticos.

— Tragaldabas.*

— Ainda és tu, tragédia?

— Sim.

Auguste Vacquerie: Corneille é para ti um grande poeta dramático?

— Não.

— Nomeia os outros.

* *Tragaldabas*: título de uma peça de Auguste Vacquerie.

— Orfeu, Milton.

— E Sófocles?

— Não.

— Calderón?

— Não.

— Homero.

— Não.

Victor Hugo: Continuas aqui, tragédia?

— Sim.

Auguste Vacquerie: Por que Homero não é um grande poeta dramático?

— Ele não faz chorar o suficiente.

— E Sófocles, faz chorar o suficiente?

— Menos do que Ésquilo.

— Esopo faz chorar?

— Sim.

— Em que sentido entendes que Esopo faz chorar?

— Lê sua vida.

— Por que não queres nomear Corneille?

— O que há de belo?

— Não vês coisas belas em Cinna?

— Em *Hamlet*.

— Shakespeare é imenso, mas é possível ser grande sob ele.

— Não.

— Por quê?

— Recuso-me a ser segundo.

— Continuas aqui, tragédia?

— Sim.

— Fala.

— Escuta, vê, pensa, fala, ama, treme.

— O que entendes por tremer? Diriges-te ao homem ou ao poeta?

— Ao poeta.

— Continua.

— Reza, perdoa, aterroriza.

— Como é possível aterrorizar e perdoar ao mesmo tempo?

— **Tu confundes o vento com o raio.**

— Continua.

— **A Hugo.**

Victor Hugo: Por que dizes meu nome?

— **Fala comigo.**

— Como é possível que tu, que és a tragédia, forneças todas as inspirações do drama?

— **Os mortos inspiram os vivos.**

— Queres dizer com isso que estás morta e que o drama está vivo?

— **Sim.**

— Fala comigo. Tens alguma coisa a me dizer pessoalmente?

— **Tens tudo.**

— Tens ainda alguma coisa a me dizer pessoalmente?

— **Amante do belo, amado do grande, quantas asas! Tu crias mundos, os astros têm inveja.**

Auguste Vacquerie: Por que me chamaste Tragaldabas?

— **Porque abri teu nome com a chave que te vaiou.**

Victor Hugo: Escuta-me, tenho outros dramas na cabeça. Crês que poderei realizá-los?

— **Sim.**

— Encená-los?

— **Sim.**

— Quando?

— **Dentro de dois anos.**

— Conheces os obstáculos que encontrei no começo da minha carreira como poeta?

— **Criei-os para ti.**

— E agora, quando eu atuar, ainda encontrarei os mesmos obstáculos?

— **Não.**

— O público terá mudado?

— **Diz: o povo.**

— Enxergas o futuro? Sabes quantas peças ainda poderei fazer?

— Quatro.

— Incluíis nisso as iniciadas?

— Não.

Auguste Vacquerie: E eu, quantas farei ao longo da vida?

— Vinte e cinco.

— Incluíis nisso as já feitas?

— Não.

Victor Hugo: Agradecemos tua visita; e tu, és benevolente conosco?

— Sim.

— Queres falar comigo ou com Vacquerie?

— Contigo.

— Fala.

— Retira a ribalta, ver-se-á melhor tua obra.

— Não gostas da ribalta no teatro?

— Não.

— Por quê?

— O ideal não é um iluminador.

— Preferirias o teatro à luz do sol?

— Sim.

— Isso seria possível nas condições atuais?

— Não.

— Então, como queres que façamos? No teatro, dois mundos se encontram, o mundo real, o do espectador, e o mundo ideal, o do poeta. Separamos com uma linha de fogo o mundo em que vivemos do mundo em que pensamos. A ribalta é uma ideia. O que pensas do que acabo de dizer?

— Penso na República.

— Queres dizer que a República terá grandes teatros franqueados ao povo?

— Sim.

— Podemos invocar-te quando nos aprouver?

— Não.

— Quando voltarás?

— Oito dias.

- Voltarás dentro de oito dias?
- Sim.
- À luz do dia?
- Sim.
- Não podes vir à noite?
- Não.
- Tens algo a nos dizer?
- Sim.
- A mim?
- Sim.
- Fala.
- Tu és imenso. Essa palavra é o fim.

Encerrado às 5h30.

15 DE SETEMBRO DE 1853

2h30 da tarde. Victor Hugo ausente. Presentes: sra. Hugo, Charles, Auguste Vacquerie. (Charles Hugo e a sra. Hugo conduzem a mesa, Vacquerie interroga.) (Ata A. V. e cópia C. D.)

- Auguste Vacquerie: Quem és tu?
- O Devaneio.
- Vens para quem?
- Para ela.
- Para a sra. Hugo?
- Sim.
- Fala.
- Ó mulher, fazes bem.
- Por que o elogio?
- Ela ama, reza e pensa.

— Continua.

— A mulher deve ser a mãe de tudo. O pensamento é o irmão mais velho, o devaneio é o caçula, o gênio é o primogênito.

— Explica o que entendes por mãe de tudo.

— A criança não é tudo?

— O que é a criança?

— Aluno e professor.

— Aceitas que a mulher pense?

— O tinteiro é a verdadeira pia de água benta.

Sra. Hugo: O que me aconselhas?

— Sê o reflexo, uma vez que estás perto do raio.

— A quem chamas de o raio?

— Ambo.

— Mais uma palavra.

— Envio-te meu beijo.

Ele parte.

Auguste Vacquerie: Quem és?

— O Drama.

— Lembras-te de teres vindo ontem?

— Sim.

— Por que partiste tão depressa?

— Queria falar apenas contigo.

— Fala.

— Uma ideia.

Neste ponto, uma peça inteira, bastante elaborada e demasiado extensa para ser transcrita.

[Anotação de Vacquerie, o manuscrito termina aqui.]

(Cópia C. D.)

[Vacquerie interroga.]

— Quem és tu?

- A Civilização.
- Qual é, na Terra, o melhor instrumento de civilização?
- Falar.
- De todas as formas de expressão, qual é a maior?
- Os versos.
- Quem vieste encontrar?
- O Exílio.
- Tens um comunicado a nos fazer?
- Sim.
- Fala.
- Crede, o mundo está começando.
- Sabeis vós, no mundo das ideias, que acaba de se estabelecer um contato entre vós e nós?
- Não.
- Então como tu vieste?
- Eu estava passando.
- Há determinados homens junto aos quais ficas mais à vontade?
- Fazemos nossos ninhos nas árvores mais altas.
- Sou uma dessas árvores?
- Tens as raízes.
- O que devo fazer para ter a altura?
- Sofrer.
- Fala.
- O sofrimento é o orvalho.
- Fala mais.
- A esperança é a flor, a morte é o fruto.
- Gostarias de falar com Victor Hugo?
- Sim.
- Tens alguma coisa a lhe dizer?
- Ele encontra o caminho dos perdidos.
- Tens mais alguma coisa a lhe dizer?
- A todos.
- Fala.

— O homem espera a hora em que o ponteiro se volte para Deus.

— Essa hora soará em breve?

— O mostrador é a eternidade.

— Nomeia os homens que mais contribuíram em nosso tempo para realizar-te na Terra.

— **Hugo.**

Victor Hugo entra. São 5h45.

Victor Hugo: Esperavas por mim?

— Sim.

— Fala.

— Os povos são os reis, os reis são os bufões, os cetros são as marionetes.

— Sabes que sempre achei que estamos na aurora?

— Sim, grande ave, cantor da grande alvorada.

Auguste Vacquerie: Queres continuar a lista dos grandes civilizadores destes tempos?

— Chateaubriand.

Victor Hugo: Nomeia-os na ordem que lhes atribuis ou o fazes ao acaso?

— O acaso não existe.

— Continua.

— Napoleão.

— O grande, não é?

— O outro é um verme do túmulo.

— Em vez de enunciares os nomes, preferes responder?

— Sim.

— Apoias a luta que travo neste momento?

— Eu não plagio a consciência.

— O que tens a dizer sobre o meu futuro, a mim, que luto?

— Falemos de todos os que padecem.

— És capaz de dizer quando terminará a opressão que esmaga a França e o mundo?

— A França é apenas uma pátria.

— A França, mas e o mundo?

— Teu mundo é apenas um horizonte.

- Reges a civilização em todos os mundos?
- **Sim.**
- Pensas como eu que os esforços de todas as civilizações devem concentrar-se sobretudo na mulher e na criança?
- **No idoso também, pois está tão perto do túmulo quanto a criança.**
- Quando te falei do túmulo e da mulher, eu me preocupava sobretudo com o que representa o futuro.
- **A educação é o batismo das sociedades malditas.**
- Pensas então que agimos corretamente ao complementar o direito do homem com o direito da mulher e o direito da criança?
- **Sim.**
- Não achas correto distinguir entre a religião e os padres?
- **As religiões caem no inverno e renascem na primavera.**
- Assim, Deus é a seiva eterna, as sociedades são a árvore, as religiões, as folhas.
- **Precisamente.**
- Podes me dizer como vês a continuação da minha missão?
- **Deves prosseguir. Lidera o teu século, toma o futuro nas mãos.**
- Ainda viverei para ver pelo menos a liberdade do continente europeu?
- **Sim.**
- Os Estados Unidos da Europa?
- **Sim.**
- Mediante uma revolução sangrenta ou pacífica?
- **O sangue não é nada comparado às lágrimas.**
- Queres dizer que quando os povos choram é preciso salvá-los, inclusive por meio da guerra?
- **Sim.**
- Dentro de quantos anos veremos os Estados Unidos da Europa?
- **Seis anos.**
- Bonaparte reinará quantos anos?
- **Dois anos.**
- O tempo que durou a República. Será devido à lei entrevista por mim, que dita que a reação seja proporcional à ação, o refluxo ao fluxo?

- O fluxo e o refluxo são a respiração do gênero humano.
- Podes voltar?
- Sim.
- O que devemos fazer para retornares?
- Estar inspirados.
- Antes de saíres, dirige-nos uma última palavra.
- Grande homem, termina *Os miseráveis*.

Encerrado às 7h30.

NOITE DE 15 DE SETEMBRO DE 1853

9h15. Victor Hugo interroga. (Ata A. V. e cópia C. D.)

- Quem és tu?
- Joana d'Arc.
- Fala.
- A virgem está indignada com o espetáculo da França cortesã.
- Movimento da mesa.*
- Quem és tu?
- Laís.
- Fala.
- A prostituta está indignada com o espetáculo da França escrava.
- Quem és tu?
- Esopo.
- Fala.
- O escravo está triste com o espetáculo da França morta.
- Quem és tu?
- Cristo.
- Fala.
- Cristo anuncia a ressurreição.

16 DE SETEMBRO DE 1853

(Ata A. V. e cópia C. D.)

Auguste Vacquerie: Quem está aqui?

— A Inspiração.

— Fala.

— Os poetas são passarinheiros, as ideias são os pássaros, e eu sou a asa.

— Ouviste a conversa que acabamos de ter com Victor Hugo?

— Sim.

— A quem dás razão?

— Não magoa ninguém.

— Fala.

— Tudo vive, o invisível contém o imaterial, o imaterial contém o infinito, Deus contém tudo.

— Como o infinito pode ser contido?

— A luz é o infinito, ela está no fósforo.

— Sabes que o Drama me sugeriu uma ideia ontem?

— Daqui a pouco conversarás com seu irmão.

— Que irmão?

— O Romance.

— Como fizeste para que todas as ideias que me enviaste até agora chegassem a mim?

— Pela dor...

— Quem és tu?

— O Romance.

— Fala.

— Uma ideia.

Aqui começa o romance que dura há quatro ou cinco dias. [anotação de Vacquerie]

— A Inspiração nos anunciara tua vinda.

— Eu tinha ordens suas.

— Quem és com relação a ela?

— Ela não é uma ideia, ela é o relâmpago, não o raio. Raio aquece, relâmpago brilha. São duas metades da luz.

- Fala.
 - Toda ideia tem nome, o pensamento não tem filho abandonado.
 - Continua.
 - Toda ideia é, ao mesmo tempo, sua mãe e sua filha. Nenhuma é órfã.
- Os cérebros humanos não passam dos pais adotivos.

17 DE SETEMBRO DE 1853

(Ata A. V.)

Auguste Vacquerie: Quem és tu?

— O Drama.

— Para quem vens?

— Para o crente.

— Há mais de um crente?

— Três.

— Nomeia-os.

— Auguste, Victor, Charles.

Entra a sra. Victor Hugo.

— Quatro.

— Tens algum comunicado a nos fazer?

— Uma ideia: um carrasco apaixonado por uma condenada à morte.

— É uma ideia grande e profunda. Queres apresentar algumas cenas?

— Guloso.

— Lembras que no outro dia já me trouxeste uma ideia?

— Sim.

— Essas ideias que nos trazes são sugestões ou ordens?

— Eu não ordeno, eu dou.

— Sabes que, no primeiro dia em que vieste, a tragédia veio quase na mesma hora que tu?

— Sim.

- Aprovas a lista dos poetas dramáticos que ela nos forneceu?
- **Sim.**
- Conta-nos o que ela entendia por esta expressão: poetas dramáticos.
- **Produtores de ações.**
- Nero fez grandes poemas dramáticos?
- **Sim.**
- Fala-nos sobre eles.
- **Ele pegou o cristianismo e dele extraiu ideias como se extraísse a chama dos cristãos.**
- Será que esses poemas dramáticos se perderam?
- **Sim.**
- Há algum meio de recuperá-los?
- **Sim.**
- Como?
- **Eles vivem.**
- Onde?
- **No infinito.**
- Serão reproduzidos por um cérebro humano?
- **Sim.**
- Por quem?
- **Por um habitante de Saturno.**
- Fazem-se em Saturno poemas que apresentam relações com os nossos?
- **Sim.**
- Aprovas a tragédia por não ter colocado Homero em sua lista?*
- **Sim.**
- Por quê?
- **Já foi dito.**
- Terias feito a lista como ela?
- **Sim.**
- Quem terias acrescentado?

* A lista era: Deus, Jó, Tirteu, Esopo, Ésquilo, Hugo, Shakespeare, Cervantes, Dante, Aristófanes, Molière, Rabelais, Nero, Orfeu, Milton (p. 74).

— Bernard Palissy.*

— Por quê?

— Ele fez a vida com a matéria.

— Já que pronunciou esta palavra, matéria, responde: toda matéria tem alma?

— Sim.

— Continua a lista.

— Fídias, Delacroix.

Auguste Vacquerie: E eu, sou um deles? Fala sobre mim.

— A semente não anuncia as flores para o olho humano, mas nós as respiramos na semente inodora.

— O que chamas de semente: minha reputação ou o que já fiz de minha obra?

— A obra. A reputação é mentirosa. É o Judas das ideias mártires.

— O que pensas sobre a minha peça intitulada *Noël*?

— Bela.

— De todas as minhas peças feitas, qual preferes?

— *Noël*.

— Depois?

— *As palavras*.

— Depois?

— *As outras de valor*.

— Não é tudo?

— Duas horas.

— Queres dizer que é hora de nosso encontro com o Romance?

— Sim.

Victor Hugo é substituído pela sra. Hugo.

— És o Romance, não és?

— Sim.

— Continua a ideia de ontem.

* Bernard Palissy (c. 1510-c. 1590), escultor, ceramista e sábio, ligado à escola francesa do Renascimento. [N.E.B.]

— Aqui a cena muda de aspecto. Não é mais a Córsega com sua virgindade, é Paris com sua prostituição. O vingador adentra esse novo mundo, com o ódio na mão e o amor no coração. Quer encontrar sua mulher para castigá-la e sua filha para adorá-la. Uma noite vai à ópera e vê sua mulher dançando no tablado, alheia ao seu crime. Daí em diante, acompanha sua vida. Vê-a entregando-se aos mais ricos. Também sou rico, exclama ele na sombra. Não esqueçamos que ele é obrigado a se ocultar. A justiça, que não entra nas vinganças, está presente, embora faça entrar as vinganças na justiça. Uma ideia estranha penetra em sua mente feito uma lâmina na bainha. Ele percebe que ela está envenenada; logo, é boa, ele diz.

Pedimos ao Romance autorização para descansar, ele concede.

Após o descanso.

— Não posso ser seu marido, uma vez que cometi o que a lei considera um crime capital, mas posso disfarçar o marido em amante. Quanto minha mulher custa? Um milhão? Eu tenho.

Sra. Hugo: Queres que Auguste Vacquerie entre no lugar de Charles?

— Não.

— Por quê?

— Menos vidente.

— O que entendes por vidente?

— O futuro dirá.

— Entendes vidente pelas coisas humanas ou sobre-humanas?

— Sobre-humanas.

Para o resto da sessão, apagamos da ata as perguntas e certo número de respostas que eram de um teor muito íntimo. Conservamos apenas algumas frases de interesse geral.

— A vaidade é o cabo da graça; a graça é o cabo da bondade; a bondade é o cabo do amor; o amor é a ferramenta de Deus.

— O orgulho é mera frieza; quando o devotamento, o amor ao outro, o sacrifício, todas as qualidades que fazem as naturezas elevadas não estão abaixo do orgulho, não passam de neve sem o Mont Blanc.*

* Victor Hugo tinha 23 anos quando conheceu o Mont Blanc, em companhia de Charles Nodier. Tratará dessa visita em um relato em prosa e dois poemas. Lá, quase perdeu a vida >

— Na vida nunca há amor suficiente; uma gota de amor enche o mesmo leito que um oceano de pensamentos.

— Amar é chorar. No tinteiro, cuja tinta uma lágrima não foi capaz de diluir, nenhum pensamento viável recebe o batismo.

— O devotamento é como a esponja, bebe as lágrimas e as devolve.

— A que horas virás amanhã, Romance?

— Quatro horas.

DOMINGO, 18 DE SETEMBRO DE 1853

4h. Sra. Hugo e Charles à mesa. Auguste Vacquerie interroga. (Ata A. V. e cópia C. D.)

— És tu, Romance?

— Sim.

— Continua a análise.

— Neste ponto, o escritor deve meditar profundamente sobre a transformação aparente do vingador. Existe na linguagem das meretrizes uma palavra que descreve o papel a ser desempenhado pelo vingador: é a palavra cafetão. O marido irá tornar-se o cafetão da mulher.

— Permite-me interromper-te. Disseste-nos outro dia que não há meio de comunicação com os espíritos a não ser que duas pessoas toquem na mesa. Victor Hennequin* afirma que minha mão pousada na mesa basta para escrever sozinha as respostas dos espíritos.

> ao se aventurar em uma ponte de neve sobre um abismo no mar de gelo: quem o tirou da enrascada foi um jovem guia chamado Michel Devouassoux, cujos descendentes continuam a morar em Chamonix e que se tornaram guias célebres.

* Ex-pretendente de Léopoldine que mergulhou na loucura no fim de 1854, Victor Hennequin (1816-1854) era discípulo de Fourier. Adepto convicto das Mesas, designava-se como intérprete exclusivo da alma na Terra, espécie de semideus, por intermédio de um “cordão aromal permanente”. Esse método foi descrito em carta a Émile Girardin de 1º de outubro de 1853, publicada no jornal *La Presse* de 4 de outubro do mesmo ano, no qual Auguste Vacquerie e Victor Hugo decerto a leram.

— Ele toma o movimento sobrenatural de sua mão por convulsões da loucura.

— Explica as contradições que há de casa para casa nas respostas das Mesas.

— Há no mundo vozes para todos os ouvidos.

— Como reconhecer as que dizem a verdade?

— Há na Terra três verdades absolutas: o homem, o povo e Deus, a democracia, o amor e a fé.

— Quem nos prova que não é uma ilusão que se dirige a nós neste momento?

— Respondei com franqueza: vossa consciência não vos diz que tenho razão?

— Quem nos diz que nossa própria consciência não nos engana?

— A consciência dos grandes espíritos é infalível.

— Quem nos prova que somos grandes espíritos?

— Essa pergunta não é digna de ti.

— Achas então que não é possível ser um grande espírito e crer na monarquia conscienciosamente?

— Sim, antes de ter pagado sua educação a essa grande professora de escola primária, o infortúnio.

— Entretanto, Balzac, que deves apreciar, sofreu.

— Não politicamente.

— Tu és o Romance, podes então abordar tudo fora do romance?

— Todas as ideias são universais, o céu pertence a todas as aves.

— Queres retomar a ideia do romance?

— O vingador anônimo põe uma máscara. O terrível leão transforma-se em macaco; mora no mesmo palacete que a víbora. O mundo apelida-o de caixa dessa meretriz. Ele é ridicularizado, recebe tapinhas na barriga. Riem de sua cara; dizem: que monstro! E, com efeito, ele queimou voluntariamente o nariz para ficar irreconhecível e fazer com que sua mulher fosse comprada por um monstro.

SEGUNDA-FEIRA, 19 DE SETEMBRO DE 1853

1h30 da tarde. Presentes: Charles Hugo, François-Victor Hugo, Auguste Vacquerie. Charles e Victor conduzem a mesa. Auguste Vacquerie interroga. (Ata A. V. e cópia C. D.)

— Quem és tu?

— **A Crítica.**

— Para quem vens?

— Para o erro.

— O erro está aqui?

— Sim.

— Quem comete o erro aqui?

— Todos.

— Que erro?

— **Na apreciação dos grandes poetas dramáticos.**

— Em que consiste esse erro? Sobre quais poetas ele incide?

— **Esopo, Cervantes, Rabelais.**

Hávamos conversado, no almoço, sobre Rabelais, Esopo e Cervantes.

— Que erro cometemos quanto a Esopo?

— Esopo, disforme, criou o belo moral; escravo, a liberdade; infeliz, a esperança; mártir da realidade, a fábula.

— Quanto a Cervantes?

— Hugo toma dom Quixote por um bufão, quando é um mártir; tem como cavalo um rocim, quando pretendia um grifo alado; como discípulo, um imbecil, quando queria o mundo como ouvinte; como amante, uma bruaca, quando procura Vênus. Tem a consciência a seu favor, mas contra si sua mania. Acorre aonde choram e, assim que chega, é escarnecido. Evoca todas as nobres ideias, todas as elevadas aspirações, todas as belezas, todas as luzes, todo o ideal. Gostaria de desatrear os cavalos do carro do Sol para montá-los e subitamente percebe que é seguido por um simples asno.

— Tenho razão em sustentar que Cervantes via em dom Quixote o que nós vemos?

— Insensato quem quer que o Sol aponha rótulos no vinho. Prova e julga.

- Cervantes então tinha plena consciência de sua obra?
- Cervantes sabia o que fazia. Molière sabia o que fazia. Deus sabe o que faz. Ninguém é criador por acaso. O gênio não é o lansquenê.*
- Fala agora de Rabelais.
- Rabelais veio num tempo terrível para o livre-pensador; atacou a lei, mas a Inquisição estava lá; ria, mas tremia de medo. Gargantua, Pantagruel e Panúrgio não são cômicos senão na aparência; sob sua fantasia burlesca, estão armados; são títeres para a Inquisição, mas gigantes contra a fé.
- Queres nos dizer a lista dos grandes críticos literários?
- Não há grandes críticos como os grandes poetas.
- Aprovas a lista dos poetas feita pela Tragédia?
- Já foi dito.
- Quando dizes isso, queres dizer que a aprovas?
- Sim.
- Diz uma palavra que caracterize Racine.
- Criador de *munitos*.**
- Há criadores de *munitos* hoje em dia?
- Sim.
- Nomeia-os.
- Augier, Ponsard, Viennet, Ancelos, Flourens, Saint-Marc Girardin, Nisard, Rolle, Planche, Cousin, a Academia Francesa, menos os beluários*** de ideias.

* O lansquenê é originariamente um soldado alemão mercenário, mas também um jogo de cartas importado da Alemanha; logo, um jogo de azar. É essa segunda acepção que parece melhor convir ao termo.

** Munito foi um cão famoso na França no início do século XIX por sua inteligência. Em salões e teatros, era apresentado como “cão sábio” por seu dono, um holandês chamado Nief. [N.E.B.]

*** O léxico hugoano compreende palavras que se repetem simbolicamente em toda a obra do autor: “lineamento” e “beluário” são, entre tantos outros, exemplos característicos, esta última palavra revelando-se a mais utilizada nos cadernos estudados. Dessa vez, contudo, quem as emite são as vozes das Mesas, que assim se apropriam do vocabulário de Hugo. Eis a definição de “beluário” fornecida pelo dicionário Littré: “Termo da Antiguidade. Gladiador que luta com animais ferozes”. O termo designa também, na Antiguidade romana, o tratador dos animais do circo. Bescherelle, que é o primeiro a registrar essa palavra, em >

- Quais são os beluários?
- **Hugo, Lamartine.**
- O que pensas de Alfred de Musset?
- **Munito furioso.**
- Alfred de Vigny?
- **Totó dos salões.**
- Sainte-Beuve?
- **Cão de cego. Ele guia o dicionário.**
- Mérimée?
- **Cocker spaniel das velhas.**
- Narcisse de Salvandy?
- **Pequinês.**
- Saint-Marc de Girardin?
- **Dá de presente a Flourens.**
- Uma palavra especial sobre Ponsard?
- **Cão de assadeira.**
- Por que de assadeira?
- **Ele é muito friorento.**
- Explica-te.
- **Uma metáfora o deixa resfriado.**
- E Émile Augier?
- **Munito careca já capinado pelo tosador.**

Cada uma dessas respostas é acolhida com gargalhadas e bravos.

— Já que fazes chistes tão inteligentes sobre todo mundo, faz um sobre mim.

— **Já foi dito.**

— Não por ti; afinal, bem mereço uma palavra de tua parte, tu que és a Crítica, gênero em que tanto me exercitei.* Não sentes gratidão por mim?

> 1845, registra um uso abusivo como adjetivo, no sentido de “cruel, feroz”. Esse termo é de emprego recente na época de Hugo.

* Auguste Vacquerie, autor de poemas e peças de teatro, também foi jornalista e crítico literário, tendo colaborado em diversos jornais e revistas românticos, entre eles: *L'Événement* e *L'Avènement du Peuple*, do qual foi chefe de redação.

- Sim.
- Muito bem, fala.
- Senhor, tenho a honra de ser etc.
- Zombas de mim?
- Sim.
- Estás errada em zombar de alguém que sempre te levou a sério.
- Toma lá, dá cá.
- Falemos seriamente: desejo saber o que pensas acerca da minha crítica. Tive razão em admirar o que glorifiquei e atacar o que combati? Diz-me se tenho tua aprovação, que me seria tão valiosa.
- Para um adulator, adulator e meio.
- Se te obstinares a responder com chistes a uma questão séria, julgarei que não és a Crítica, que ainda és a Piada do outro dia, assumindo um nome falso.
- Pergunta e verás.
- Muito bem, o que Shakespeare é?
- Mergulhador da alma.
- Continua.
- Não.
- Partiste?
- Não.
- Fala agora o que te aprouver; uma vez que recusaste responder à pergunta que fiz, não farei mais perguntas.
- Vacquerie, és pequeno ao te insurgir contra meu silêncio sobre tua crítica; tua obra é a verdadeira crítica.
- Tens razão. A crítica não é nada ao lado da obra. Eu falava com a deferência que tenho pelo mistério, mas, uma vez que te fazes de orgulhosa, declaro que nunca tive por ti senão um respeito moderado. Eu, que escureci tantas colunas de jornal, posso dizer que toda a crítica do mundo não vale um verso de Shakespeare.
- Penso da mesma forma.
- Se tens tal modéstia, como tens tal orgulho?
- Sou a Crítica, não o crítico.

— A poesia existe para os poetas, a crítica nos críticos. Se todos os críticos não são nada, não és nada.

SEGUNDA-FEIRA, 19 DE SETEMBRO DE 1853

[Continuação da ata anterior.] (Ata A. V. e cópia C. D.)

A mesa começa a girar furiosamente.

— É a Crítica que permanece aqui?

— Não.

— Quem és tu?

— A Ideia.

— Fala.

— Venho aplacar os ânimos entre um espírito e uma ideia.

— A ti, eu respeito. Sabes que sempre fui servo da Ideia.

— Sim, embora me pareça que arregaçavas a manga de tua libré.

— Não me revoltei contra ti, e sim contra uma ideia inferior e antipática que me ridicularizou e ofendeu, quem julgas que errou?

— Tu.

— Como! Eu?

— Foste tu que perdeste as estribeiras. Eu estava no teu cérebro e recebi o pontapé da tua brutalidade.

— Não fui eu quem começou as ofensas. De todo modo, seria eu, em quem a cólera e a ofensa são mais desculpáveis, em um homem de sangue quente, ou em uma ideia que vem do éter e que deveria herdar sua serenidade?

— Paremos com isso.

— Não quero outra coisa, mas não estou convencido.

— Cuidado comigo.

— Respeito-te infinitamente, mas te darei razão quando me deres razões.

— Humilha-te.

— Não tenho o hábito de humilhar-me sem estar convencido.

— Bem, aceito o desafio.

— Não é um desafio, mas tenho minha razão e minha consciência. Persuade-me e obedecerei. Mas antes de estar convencido, jamais.

O movimento da mesa arrefece.

— Homem, escuta; estás errado. Reli a transcrição, verás que a Crítica te agradeceu.

A ata é relida.

— Reconheço que a Crítica me dirigira uma palavra de agradecimento. Ela deve ter julgado que sua aprovação, vindo dela, devia bastar. Errei ao não me contentar com isso. Queres pedir-lhe que volte para que eu me reconcilie com ela?

Movimento circular da mesa.

Auguste Vacquerie: Quem és tu?

— A Crítica.

— Agradeço-te por voltar. Reconheci que tu me disseste uma palavra de aprovação, que, da tua parte, deveria ter me bastado. Esquece o que te disse em um rompante de cólera. Perdoas-me?

— Sim.

— Muito bem, fala.

— Sim.

— Quando pedi que caracterizasses Shakespeare, tu disseste: mergulhador da alma. Queres desenvolver tal expressão?

— A alma humana, antes de Shakespeare, era um mar insondável. Ésquilo tivera tudo do mar, a tempestade, o vento, o brilho, a espuma, a rocha, o céu, tudo exceto a pérola; Shakespeare mergulhou e trouxe o amor.

— O Romance marcou um encontro para as 5h. Não gostaríamos de desmarcar e não gostaríamos de deixar-te tão depressa após nossa reconciliação. Confessamos nosso embaraço. Podes dar um jeito na situação?

— Bem. O Romance voltará amanhã.

— A que horas?

— Às 6h.

— Minha mãe chega amanhã a Jersey. Se o Romance pudesse vir mais cedo, seria melhor para mim. Pode ser amanhã de manhã?

— Não.

— Depois de amanhã?

— Sim.

— A que horas?

— Seis horas.

— Fala-nos de Molière.

— Molière revelou o coração humano, fez o périplo da alma; descobriu a dor no riso. Arnolfo, Alceste, Esganarelo, o Burguês fidalgo são severos caçadores, que apontam um dedo para sua boca e dizem: silêncio! Choramos.

— A que Esganarelo te referes?

— Ao Esganarelo do *Dom Juan*.

— Não mencionaste *O tartufo* e *O avaro*. Não são para ti obras-primas?

— Sim.

— Por que não as mencionaste?

— Acrescenta-as.

— Queres continuar para nós a lista iniciada pela Tragédia e continuada pelo Drama?

— Michelangelo, Rubens, Rembrandt, Rafael, Puget, David, o Romancero.

— Esse Romancero é um homem?

— Não.

— Por que o incluis entre os poetas dramáticos?

— A *Ilíada* não é um poeta e, no entanto, é chamada de Homero.

— Julgas então David um gênio. Em que consiste sua grandeza?

— Na república. Até ele chegar, o povo tinha sido o paralelepípedo das ruas, ele lhe deu o mármore dos frontões.

— Foram os mesmos rapsodos que fizeram os dois poemas atribuídos a Homero?

— Não. O mundo nasce, desperta do caos, e o primeiro grito é um canto. Ele ainda não tem poeta, são necessários vários séculos de pássaros. Os rapsodos são os pássaros. Homero é o poeta.

[SEM DATA PRECISA]

[Cópia de Cécile Daubray que corresponde ao período de 19 a 24 de setembro]

— Quem és tu?

— Voltaire.

— Fala.

— Sofro, sou Joana d’Arc, sou feliz, sou Calas.*

— Eis-te em presença do século XIX. Tu o reconheces como filho legítimo e glorioso do século XVIII?

— O século XVIII foi o coveiro. O século XIX é o recém-nascido. Um amaldiçoou, o outro abençoou.

— Voltaire, sabes que venero em ti um dos maiores homens a colocar o gênio a serviço do gênero humano. És feliz?

— Sim.

— Podes falar do mundo que habitas?

— Não.

— Mas podes ao menos tranquilizar as consciências dizendo que aquele que anda, fora de todas as religiões escritas, no caminho da justiça e da verdade está seguro de chegar ao mundo da luz?

— Desonrei Joana d’Arc e adulei a Pompadour. Mordi o mármore e beijei o lodo. Neguei a Deus e cortejei o rei. Cantei [termo ilegível: *a borra?*] e cuspi nos espinhos. Amaldiçoei, menti, não rezei; não obstante, sou feliz. Por quê? Porque pensei, e o pensamento é a caridade.

— Vens nos falar não de teus erros, mas dos de tua época.

— Não.

— Por que dizes não?

— Sou culpado. Meu tempo era a Sarjeta, sou o carro, fiz aliança com ela e me enlameei.

— Entretanto fizeste muito mais bem do que mal, e repito que teus erros

* Jean Calas (1698-1762), comerciante protestante de Toulouse (França) que se tornou símbolo da intolerância religiosa no país. Foi torturado e condenado à morte, acusado de ter assassinado um filho seu que se convertera ao catolicismo. Sempre alegou ser inocente. [N.E.B.]

são mais do teu tempo do que teus. Agora, diz: foi por acaso ou escolha que entraste aqui?

— O acaso é o manto dos ateus.

— Diz o que pensas do homem que promove a revolução neste momento.

— Conheço a bicharada, eu que fui a víbora. Vosso Bonaparte tem a concepção de Dubois, a covardia de Luís XV, a crueldade de Laubardemont, a inépcia de Fréron,* fede horivelmente. Puah! Esse velhaco fará revoluções que arrastarão a Europa.

21 DE SETEMBRO DE 1853⁶

Presentes: Charles Hugo, sra. Hugo, sra. Hullis, sr. Havin e, escrevendo, Victor Hugo.
(Ata V. H.)

Enfim.

— Sabeis o nome dito ontem?

— Sim, sr. Hugo.

Sra. Hugo: Sabeis quem é a pessoa que procuro?

— Eu. É a sra. Hugo quem fala agora comigo?

— Charles Hugo, sra. Hugo Foucher, comigo: sabeis? Podeis? Quereis ajudar-me?

— Sim. O general Hugo.

— Podeis escrever o nome da pessoa em quem penso desde anteontem à noite?

* Edmond Dubois (1747-1814), general e deputado do Terceiro Estado: participa de diversas reformas militares e da unificação do Exército republicano em âmbito nacional, apoiando em seguida a lei sobre o recrutamento. Jean Martin de Laubardemont (1590-1653): magistrado fiel a Richelieu, foi usado para condenar à fogueira Urbain Grandier, Cinq-Mars e De Thou (três dos conspiradores que, contra Richelieu, induziram Gaston d'Orléans a se aliar aos espanhóis). Louis-Marie Fréron (1754-1802), político, fundador de várias gazetas antes da Revolução, participa das grandes jornadas revolucionárias, reprime as insurreições federalistas e realistas, e contribui para a queda de Robespierre. Era amante de Pauline Bonaparte.

- Sim.
- Escrevei.
- Estou muito com a senhora, vossa amiga mulher.
- Sra. Hugo: Escrevei o nome.
- Paul Foucher.*
- Não é isso. Quereis dizer o nome?
- Sim. Vi meu pai.
- Escrevei o nome legivelmente. Repito: Quem sois vós?
- O amigo. *I try to write to your friends* [tento escrever a vossos amigos].
- Continuai.
- Sim, quando vossos amigos souberem, querem fazer muito por vós.
- Continuai.
- Conheceis Claire Pradier?**
- Sim, a miss.
- Podeis trazer aqui Claire Pradier? Muitos de vossos amigos estão aqui.
- Continuai.
- Claire.
- És mesmo tu, Claire?
- Claire Pradier.
- Sabes o nome em que penso desde anteontem à noite?

* Paul-Henri Foucher (1810-1875), dramaturgo, escritor e jornalista francês, irmão da mulher de Victor Hugo, Adèle. [N.E.B.]

** Claire Pradier era filha de James Pradier, amigo de Victor Hugo, e de Juliette Drouet, amante do escritor durante cinquenta anos, de 1833 até sua morte, em 1883. Nascida em 12 de novembro de 1826, Claire morreu em 21 de junho de 1846, domingo, às 20h30, em consequência de uma tuberculose. Não completara vinte anos. Três anos antes, Hugo havia perdido Léopoldine, sua filha, dois anos mais velha que Claire. O escritor tratará a filha de Juliette Drouet como sua filha adotiva, jurando a Deus jamais abandoná-la. E assim foi. Eis o que ele escreveu à amante, em 31 de dezembro de 1853: “Já temos anjos nesse Paraíso com que eu sonho e o qual vislumbro: nele, tua filha resplandece e a minha brilha. Essas duas criaturas rezam no éter, enquanto nós rezamos nas trevas; elas abrem suas asas, enquanto juntamos nossas mãos; elas estão com Deus, enquanto estamos na dor”.

— Sim, Claire Pradier.

— Escreve então o nome que te peço.

— Claire Pradier.

— Mas te peço outro nome. Escreve-o.

— Ó médium, tu só tens uma voz, fala com ele ao ouvido e diz-lhe que me faltam forças hoje.

— Escreve apenas a primeira letra do sobrenome ou do nome.

Sem resposta.

— Voltarei, voltarás?

— Sim.

Enquanto isso é escrito, as sras. Hollis e Holmes conversam e falam comigo.

22 DE SETEMBRO

(Ata V. H.)

— É com dificuldade que escrevo. Não tenho o hábito. Muitas pessoas estão aqui sem poderem sequer escrever uma palavra. Farei o melhor que puder. Em pouco tempo serei capaz de escrever uma longa carta.⁷

Sra. Hugo: Qual das duas escreveu?

— Claire Pradier.

Sra. Hugo: Vês meu pensamento?

— Sim, meu querido.⁸

— Consentes em ajudar-me?

— Meu pai, estou muito convosco.

— É agora minha filha que me responde? Se és minha filha, escreve o nome pelo qual eu te chamava.

— Vossa filha.

— Foste tu que ainda agora escreveste não? Podes e queres ajudar-me?

Minha filha diz ao ouvido da sra. Hollis que está comigo todos os dias, que é meu anjo da guarda e que me ama mais do que ninguém no Céu e na Terra.⁹

Repito a pergunta.

— Minha filha bem-amada, na angústia em que me encontro, podes e queres ajudar-me?

— Minha filha, queres me responder?

— És Claire Pradier?

— **Não. Não tenho confiança em Napoleão III.**

Minhas intuições estavam corretas. Minha filha continua ao meu lado e coloca a mão na minha testa.

— Minha filha, uma vez que estás aí, podes me escrever?

Ela me envia beijos. Repito.

— Podes me escrever?

Ela bem que deseja, mas precisaria de tempo.

1853

[Sem data precisa, mas, pelo conteúdo, após 22 de setembro.] (Ata A. V.)

— Sabes o que me ocupou ontem à noite?

— Sim.

— Diz.

— Caso abominável.

— Caracteriza o homem.

— Abominável.

— Estás morto ou vivo?

— Morto.

— Queres me dizer teu nome?

— Abag...

— É Abag?

— Não.

— Tem um “G”?

— Não.

— Tem aba?

— Não.

— Tem ab?

— El.

— Será Abel?

— Sim.

— Que Abel? Diz o nome do teu irmão.

— Adão.

— Sabes que somos inteligências limitadas pela matéria. Não te ofendas, portanto, com o que direi. Estamos lidando com pessoas cujos nomes são os que nos são comunicados ou com espíritos que adotam um nome conhecido para pôr um pouco de ordem em nossas ideias? Queres me esclarecer quanto a isso? E podes fazê-lo?

— Não.

— Não creio na existência nem de Adão nem de Abel. Tenho razão? Ou Adão e Abel existiram realmente?

— Abel é árabe.

— Conheces a alma que veio na primeira noite?

— Sim.

— Sabes se ela voltou depois?

— Sim.

— Podes nos dizer?

— Sim.

— Ela adotou nomes que não nos permitiram conhecê-la?

— Sim.

— Quantas vezes ela voltou?

— Uma.*

— No total, quantas vezes ela voltou?

— Duas.

— Sob que nome da segunda vez?

* Trata-se de Léopoldine, filha de Victor Hugo, que apareceu pela primeira vez em 11 de setembro e voltou em 22 de setembro de 1853.

- Abel.
- Eras então tu?
- Sim.
- Muito bem, pode nos falar tu mesmo distintamente?
- Não.
- Por que escondes teu nome? Ficaríamos felizes de saber-te aqui. Sabes que pensamos sempre em ti. És feliz?
- Sim.
- Se Charles conduzir a mesa, podes nos falar com mais clareza?
- Sim.
- Ei-lo conosco. Diz o que quiseres.
- Ne bucif.
- És a mesma de ainda há pouco?
- Não.
- Há quantos minutos estás aqui?
- Dois minutos.
- Queres dizer teu nome?
- Não.
- Tens um comunicado a fazer?
- Não.
- Quem te envia? Podes dizer?
- És um bom ou mau espírito?
- d a.

SÁBADO, 24 DE SETEMBRO DE 1853

*3h da tarde. Charles e a sra. Hugo conduzem a mesa. Auguste Vacquerie interroga.
(Cópia C. D.)*

- Quem é?
- A Crítica.

— Tens algum comunicado a nos fazer?

— Sobre as críticas e os romancistas modernos.

— Fala.

— Interroga.

— O que pensas de Balzac?*

— O chaveiro do coração. Até ele, o coração estava trancado.

A porta da alma das mulheres estava entreaberta. O amor havia sido escancarado por Shakespeare, Goethe e Hugo, mas as pequenas dores desse imenso sofrimento haviam permanecido ignoradas. Balzac foi o sublime amanuense que fez o inventário do desespero. Apontou para a alma devastada da mulher traída sua visão profunda e amorosa. Esquadrinhou todos os armários, pegou no chão o lenço encharcado de lágrimas, recolheu a fita desbotada, respirou a flor caída do buquê de baile, perdeu a luva perfumada e abandonada pelo amor, mas não seu perfume. A tudo enxergou no invisível, a tudo descobriu no desconhecido, a tudo nomeou no ignorado. Para os maiores pintores, como Shakespeare, o coração da mulher é o infinito no grande, para Balzac, é o infinito no pequeno. Para Hugo, é um abismo; para Balzac, é uma corola. Uns adivinham a morte no reposteiro negro que reveste a porta do coração. O outro pressente o túmulo numa folha de roseira murcha encontrada na estrada da alma. Os primeiros são os sacerdotes do comboio, o segundo é seu cão.

— Acho que te limitaste ao lado pequeno de Balzac. O mais das vezes, é verdade, ele observa o coração sob a lente da lupa, mas há momentos em que ele joga fora a lupa e mergulha na vida um olhar turvo e visionário que dá vertigem às coisas. É então que ele é grande.

— O lado turvo das obras claras não vale as partes iluminadas. Tu me dizes: fala do Sol, e me censuras por esquecer a nuvem.

* Em 18 de agosto de 1850, Victor Hugo visitou Balzac, moribundo e já inconsciente, que morreria pouco depois. Hugo pronunciará um discurso por ocasião de seu funeral, em 21 de agosto. Durante o enterro, o ministro Baroche dirá sobre Balzac: “Era um homem distinto”. A que Hugo responderá: “Era um gênio”.

— Balzac não é grande só na névoa e na noite. A *duquesa de Langeais* e O pai Goriot são grandes à luz do dia. Além disso, trataste Balzac apenas como um criador de mulheres; ele criou homens também.

— A duquesa de Langeais é uma mulher que ama e sofre. Falei do amor. O pai Goriot é uma mãe que ama e se dedica. Falei do amor.

— Fala de George Sand.*

— Mulher caída que redime a mulher.

— Caída em que sentido?

— Para a mulher que ela redime.

— Fala mais claramente.

— As mulheres desprezam George Sand e foi ela que as levantou. Metade da metade de George Sand está na vida da sra. Dudevant.

— Caracteriza sua obra.

— Desde o começo do mundo o homem teve os privilégios e a mulher, os fardos; o homem teve os tronos, foi rei, senhor, criador, poeta, cantando preferencialmente o homem. Para a Antiguidade, a mulher era uma escrava; para a Idade Média, uma serva; para o Antigo Regime, uma cortesã; para a Revolução, uma cidadã; para o Império, uma fêmea; para o futuro, é a mulher. George Sand é o apóstolo do futuro das mulheres. Mme. de Sévigné era o leque, Madame de Staël era a pluma, George Sand é o instrumento. Balzac não enxergara na mulher senão o lado humano, George Sand enxergou também o lado social. Balzac era o cão do comboio, George Sand é a irmã de caridade do hospital.

— Uma vez que os grandes poetas dramáticos são criadores pelo pensamento e pelo amor, por que não incluis George Sand na lista?

— Falta-lhe, como a Balzac, o estilo. George Sand é apenas o pedreiro, Balzac é apenas o garimpeiro; para ser grande, é preciso ser mais do que o garimpeiro que encontra o ouro, é preciso ser o ourives que faz a joia.

* George Sand [pseudônimo da escritora Amantine-Aurore-Lucile Dudevant, nascida Dupin (1804-1876)]; amiga indefectível de Hugo. Durante suas exéquias, em 10 de junho de 1876, em Nohant, Paul Meurice lerá um discurso de Hugo escrito em sua homenagem.

É preciso ser mais do que o pedreiro que constrói a parede, é preciso ser o escultor que realiza o monumento.

— Por que não incluístes Voltaire?

— Voltaire não é completo. A obra filosófica é imensa, mas a obra literária é ínfima. A *Enciclopédia* o coroa, *Tancredo* o destitui.

Sra. Hugo: Diz o que estou pensando.

— Mandar chamar Robert-Houdin.*

— Tua resposta é um pouco seca.

— Para vos convencer, a Ideia realizou prodígios. Agora ela quer esclarecer. Para convencer, ela exibiu sua dança na corda esticada. Para esclarecer, ela mostra seu voo no céu.

— Sabes que tenho fé. Essa experiência que eu quis fazer foi para convencer meu marido, que agora duvida. O que fazer para que ele volte a crer?

— Obedecer-lhe.

— Quer dizer que é preciso que Charles se preste a todas as experiências que seu pai desejar?

— Sim.

— Meu filho Victor, tão incrédulo a princípio, crê agora?

— Crerá.

— Interrompi tua crítica para falar de meu marido e meu filho; não estás chocada?

— A voz da mulher, e sobretudo da mãe, é a música terrena que melhor ouvimos. A maternidade é um ninho, somos os pássaros.

Auguste Vacquerie: Quando falei que Balzac não tinha feito apenas as mulheres, tu me respondeste admiravelmente que o pai Goriot era uma mãe; mas e Vautrin?

— Vautrin é o grande deserdado do amor, o grande maldito do devotamento. Vautrin é o que há de mais terno no que há de mais implacável, um coração de pai sob um barrete de presidiário, foi rechaçado pela lei, vinga-se disso substituindo a natureza. Ele é riscado do mundo

* Jean Eugène Robert-Houdin (1805-1871), ilusionista francês, famoso por suas técnicas de desaparecimento e por seus autômatos: foi uma lenda viva.

dos homens, consola-se disso acrescentando-se ao mundo dos pais; ele era deserddado, adota. Vautrin é o pária feito pai; é quase o mesmo que Deus feito homem.

— Tu fazias de Balzac o infinito no pequeno e agora fazes de Vautrin o infinito no grande?

— Com efeito, Vautrin é o grande, mas atravessa a obra de Balzac mais do que a preenche. O caráter geral da *Comédia humana* é o mundo íntimo revelado. Balzac é o Michelangelo da miniatura.

— Podes ficar mais um pouco?

— Meia hora.

— Quando voltarás?

— Quinta-feira.

— A que horas?

— Duas horas.

— Fala-nos de Théophile Gautier.

— Joalheiro das palavras.

— Fala-nos de Eugène Sue.

— Escultor de pedra das ideias.

— Tu nos disseste sobre Alfred de Musset uma palavra bastante inteligente e justa do teu ponto de vista. Mas qualifica-nos o conjunto de seu talento.

— Depravado inspirado, mártir da embriaguez, poeta da orgia, sábio da loucura, Sócrates do champanhe.

— Uma palavra sobre Alexandre Dumas.

— Valsista literário.

— Fala sobre seus dramas.

— *Antony* é uma aurora que Dumas tomou por ouro em barra. Com efeito, era ouro em barra. Dumas errou ao projetar seu sol na moeda.

Sra. Hugo: O que entendes por um vidente?

— Pensar, crer, sentir, imantar a ideia.

— O que entendes por imantar a ideia?

— Atraí-la.

— Diz o que é atrair as ideias.

— Inexplicável.

— Existem muitos videntes?

— Um por século.

Auguste Vacquerie: Tu nos falaste dos romancistas, acabas de falar dos críticos. Mas da outra vez declaraste que os verdadeiros críticos eram os poetas. A quem então denominas críticos?

— Os comentadores da arte. Os que têm não o livro, mas a margem. Os escoliastas do Sol.

Encerrado às 7h30.

QUARTA-FEIRA, 28 DE SETEMBRO

5h da tarde. Presentes: sra. Hugo, Charles Hugo, Auguste Vacquerie. Charles e a sra. Hugo conduzem a mesa, Vacquerie interroga. (Ata A. V. e cópia C. D.)

— Quem é?

— A Poesia.

— Tens algum comunicado a nos fazer?

— Sou poesia, ó poeta.

Do Deus clemente sou a voz.

O coração humano é minha cripta.

Sou o espírito desse grande bosque.

Sou a fada de olhar triste

Que enviou à humanidade

Essa insaciável egoísta,

A inesgotável Caridade.

Recolho, sem contar o número,

Os cacos dos corações nus,

*Condensou a matéria escura,
E criou todas as luzes.*

*Do sorriso sou madrinha.
Eu, o infatigável lavrador,
O tédio desperdiçado da rainha,
Transformo para o pobre em amor.*

*O inverno a tudo cobre de neve
Recolho os flocos incolores
E digo à cativa primavera:
Dessa neve faz flores.*

*O ourives em seu tugúrio,
Tremendo de miséria e agonia,
Esculpe chorando o rubi purpúreo
E pole o diamante sem vida.*

*Já eu, digo, roubando em silêncio
As flores no escrínio das dores,
À noite, ourives imenso:
Faz estrelas dessas flores.*

*Sou a fonte de ambrosia
Da qual escorre o celestial vinho.
Meu título humano é poesia,
Bondade é meu nome divino¹⁰. **

* Os poemas em francês podem ser lidos na seção de notas. A tradução buscou privilegiar o sentido, bem como, naturalmente, preservar o sistema de rimas, o ritmo e (muito) eventualmente a metrificação. O tradutor recorreu quase sempre a rimas raras ou ricas, traduzindo “de ouvido”. [N.T.]

— Qual é a tua opinião sobre Virgílio?

— Eco do silêncio, fulgor da sombra, aurora da noite, última vibração da lira antiga, sorriso que termina um suspiro.

Encerrado às 6h30.

(Ata V. H.)

*Quem nos diz que o que nos parece quimérico e monstruoso não existe nas profundezas do infinito e não comporta em algum lugar uma realidade viva? Nossos sonhos no sono são aparições do possível.**

NOITE DE 3 PARA 4 DE OUTUBRO DE 1853

(Ata V. H.)

Escrito por Ribeyrolles:

A França não está morta.

A Mesa respondeu:

— Blasfêmia.

QUARTA-FEIRA, 5 DE OUTUBRO DE 1853

(Ata A. V.)

— Há alguém?

* Reflexão anotada de próprio punho por Hugo, em setembro de 1853, sem data precisa, anexada ao documento de 3-4 de outubro de 1853.

— Sim.

— Estamos com dificuldade para usar a mesa. Vês o mostrador?

— Sim.

— Percebes o objetivo para o qual foi feito? É para substituir a mesa. Se fosse possível reconhecer as letras pelo movimento do ponteiro, tudo se tornaria mais simples. Compreendes?

— Sim.

— Esse mostrador, tal como se apresenta, pode ser posto em movimento pelas influências que põem a mesa em movimento?

— Não.

— Explica por quê. Qual é o obstáculo?

— A Mesa raramente falha. Conservai-a.

— Pois nós achamos que ela falha regularmente. Isto é, que regularmente nos fornece resultados obscuros e insignificantes. Podes explicar isso?

— Não.

— No entanto, dizem que em Paris eles fazem as mesas escreverem. Isso é verdade?

— Não.

Sra. Hugo: Achas que com Julie eu teria fluido suficiente para fazê-las falar?

— Sim.

— Agora diz teu nome. Quem és tu?

— Sou o outro.

— O que entendes por o outro?

— Napoleão.

— Qual?

— O Grande.

— Sabes que te admiro. Tens algum comunicado a nos fazer?

— Sim.

— Para mim?

— Sim.

— Fala.

— Socorro! Atrás do assassino! Minha raça me sacrifica; saqueia

minha vida; assassina minha morte. Ó minha velha guarda! Ó minhas bandeiras! Ó minhas vitórias! Ó meu filho! Austerlitz, ó pureza do sangue derramado pela pátria! Ó meu salgueiro!* Ó ideia. Vem em meu auxílio! Meu título usado mancha minha glória. Estão roubando meus ossos. Ah! Sudário, fecha-te! O estuprador da França estuprou a santidade do túmulo. O coveiro Bonaparte rói o defunto Napoleão.

— O que farias se fosses eu?

— Teus versos.

— O que pensas do meu livro *Napoleão, o pequeno*?

— Uma imensa verdade, um batismo para o traidor.

— Tu sabes que sofro muito vendo esse miserável diminuir teu nome, que, a despeito de seus crimes, respeito e admiro.

— Sim.

— Conheces o poema do meu livro intitulado *Expição*?

— Não.

— Estás entre as almas felizes?

— Sim.

— Acho isso justo. Mas não sentes como um castigo a dor de ver esse homem parodiando teu nome?

— Sim.

— Podes falar a respeito da vida à qual pertences agora?

— Sim.

— Acreditamos num Deus. Podes defini-Lo?

— Um olhar infinito no olho eterno.

— Podes falar da vida das almas? Estás na luz?

— Sim.

— Sabes que o homem que se diz teu sobrinho veio me visitar uma noite?

— Não.

— Estás me vendo?

— Não.

* Segundo relatos da época, um salgueiro ou mais de um faziam sombra ao túmulo de Napoleão na ilha de Santa Helena. [N.E.B.]

— Mas me escutas?

— **Sim.**

— É uma percepção do meu pensamento que tu tens, ou é minha voz que escutas? Bata uma vez no primeiro caso, dois no segundo.

A mesa dá duas batidas.

— Podes dizer por que vieste esta noite e não em outra?

— Não.

— Desejavas vir?

— **Sim.**

— A noite existe para ti?

— **Sim.**

— Não poderias vir durante o dia?

— Não.

— Por quê?

— **À noite o céu é um enxame de almas.**

— O que elas se tornam de dia?

— **De dia o céu se enche de pássaros.**

— Mas o que se tornam as almas durante o dia? Aonde elas vão?

— **Alhures.**

— Aonde?

— **Para outras noites.**

— Mas, se elas continuam na noite, como podem estar ao mesmo tempo na luz?

— **A noite é mais luminosa do que o dia.**

— Se as almas se deslocam sempre para as noites, elas nunca repousam, ou sua existência não passa de um perpétuo repouso na contemplação? Bate uma vez para o primeiro caso, duas para o segundo.

A mesa bate duas vezes.

— Tu disseste: dentro de cinquenta anos a Europa será republicana ou cossaca. O que ela será?

— **Republicana.**

— Por quantos anos o homem que usurpa teu nome ocupará o poder na França?

— Dois.*

— Quem lhe sucederá?

— A República.

— Será somente a República francesa ou será a República europeia? Bate uma vez para o primeiro caso, dois para o segundo.

A mesa bate duas vezes.

QUINTA-FEIRA, 8 DE DEZEMBRO DE 1853

10h30 da noite. Na casa de Victor Hugo. Presentes: *sra. Hugo, Adèle Hugo, Victor Hugo, Charles e François-Victor Hugo, Auguste Vacquerie, Teleki, Guérin, Barbieux, Xavier Durieu.* Conduzem a mesa: *Guérin e Teleki.* (Cópia C. D.)

— Quem está aqui?

— Aníbal.

Charles substitui Teleki.

Victor Hugo: Napoleão disse que eras o maior capitão da Antiguidade, colocando-te acima de César por ter sacrificado metade do teu exército na conquista do teu campo de batalha e por tê-lo conservado durante quinze anos a despeito das legiões de Roma e Cartago. O que pensas, por tua vez, de Napoleão?

— *Dux maximus post victoriam, minimus post cladem.***

— Se me fosse permitido exprimir em tua presença minha opinião em matéria militar, eu diria que não creio que Napoleão se apequenou depois da derrota. Após Moscou, onde ele foi vencido mais pelo inverno do que pelo

* Sabemos que Napoleão III reinou de 1852 a 1870. Após a derrota contra a Prússia e a capitulação de Sedan (2/9/1870), Napoleão III, feito prisioneiro, foi confinado perto de Kassel. Em 4 de setembro, a Assembleia proclamou sua destituição. E ele se exilou na Inglaterra. A República podia então renascer e Victor Hugo retornar à França, onde seria recebido como verdadeiro herói da luta pela liberdade.

** O general [é] muito grande após a vitória, muito pequeno após a derrota.

inimigo, ele conservou toda a sua calma; queria reunir todos os seus recursos para reparar aquele grande desastre e, com esse objetivo, improvisou um exército.

— *Dixi ducem, non virum. Victus a hyeme, dux magnus non fugit, moritur. Mors suprema victoria.**

— Tu ressaltas a diferença entre o grande homem e o grande capitão. Este morreu. O grande homem sobreviveu para reparar o desastre. Queres me responder em francês para ser compreendido por todos?

— Sim.

— Fala.

— Napoleão vencido é Napoleão egoísta. Vencedor, ele pensa na França, vencido, pensa nele. Moscou o faz pensar nas Tulherias, Austerlitz o faz pensar na França. Napoleão vencido é o gênio arisco que se refugia sob uma coroa em vez de abdicar sob uma auréola. Essa abdicação é a morte.

— Há um ponto da história que poderias esclarecer. Uma das legiões romanas que combatiam em Canas deixou um monumento no qual lemos aproximadamente: *leg... fulminat...* Uma tradição conta que as águias de uma legião romana haviam sido golpeadas pelo raio. A inscrição é explicada pela tradição? Devemos ler *fulminata* ou *fulminatrix*?**

— A pedra mente, o bronze mente, o mármore blasfema. A lama tem razão. César, Alexandre, Carlos Magno, Aníbal, mentiras! Os Bonaparte, verdade!

— Napoleão, em Santa Helena, lembrava-se dos números de suas semibrigadas. Como todos se admiravam com esse esforço de memória, ele respondeu: “A gente esquece o nome das antigas amantes?”. Napoleão lembrava-se daqueles que comandara. Tu deves lembrar-te, tu, daqueles que venceste. Entre as legiões vencidas em Canas, havia uma que se chamava *Fulminatrix* ou *Fulminata*?

— *Trix*.***

* Eu disse o general, não o homem. Vencido pelo inverno, o grande general não foge, morre. Morto, a suprema vitória.

** *Fulminata* ou *fuminatrix*: os dois substantivos podem ser traduzidos por “fulminante”.

*** *Trix* não existe sozinho; é o sufixo formador dos substantivos de ação femininos, como “tor” é o sufixo formador dos substantivos de ação masculinos. “*Trix*”, aqui, é a maneira mais econômica de responder à pergunta “*Fulminatrix* ou *Fulminata*”: isso significa que a resposta é (*Fulmina*)*trix*.

— Diz os nomes das legiões romanas que tomaram parte na batalha de Canas.*

— *Vindicatrix, prima; secunda, victrix; fulminatrix, tertia; fulgurans, quarta; vorax, quinta; sexta, vultur; maxima, et ultima,*** [ilegível].

— Podes enumerar as legiões ou tropas de Cartago que participaram dessa batalha?

— Sim.

— Como se chamavam?

— *Fasces*.

— Quantas fasces havia?

— *Tres*.

— Cada uma delas era composta de infantaria e cavalaria?

— Sim.

— Tinham nomes distintos?

— Sim.

— Diz esses nomes.

— *Fides, ultio, patria.****

Charles Hugo: Tu, que és a personificação do juramento cumprido, queres nos dizer tua opinião sobre aquele que hoje representa a violação perante o mundo?

* A batalha de Canas foi um episódio importante da segunda guerra púnica, ocorrido em 2 de agosto de 216 a.C. nos arredores da cidade de Canas, situada na região da Apúlia, no sul da Itália. O exército de Cartago, comandado por Aníbal, derrotou de maneira decisiva um exército da república romana praticamente duas vezes superior em número. Essa batalha é considerada uma das manobras táticas mais bem-sucedidas da história militar e, em número de vítimas, a batalha mais sangrenta do lado romano, uma vez que se estimam as perdas romanas em aproximadamente 50 mil mortos e 18 mil prisioneiros. As de Aníbal foram de 6 mil mortos. Os romanos decidiram atacar Aníbal em Canas com 86 mil soldados romanos e aliados. Eles agruparam sua infantaria pesada em formações profundas, enquanto Aníbal, à frente de 55 mil homens, utilizava sua tática de cerco duplo. Esta se verificou tão eficiente que o exército romano foi praticamente dizimado.

** Vingadora, a primeira; vitoriosa, a segunda; fulminante, a terceira; fulgurante, a quarta; devoradora, a quinta; a sexta, abutre; a maior e a última...

*** *Fasces*: feixes; *tres*: três; *fides*: fé; *ultio*: vingança; *patria*: pátria.

— Usei meu ódio para cumprir meu juramento; ele quebrou seu juramento para servir a seu ódio. Eu sou o arcanjo de uma pátria que se vinga, ele é o satã de um povo que se devota. Eu sou o juramento alado que arrasta um mundo; ele é o juramento disfarçado que escamoteia um povo. Sou o pássaro do juramento, ele é seu acrobata.

Victor Hugo: Cartago hoje não tem mais história. Roma apagou-a da superfície da Terra. Só tu podes nos dizer o que era Cartago. Queres?

— Era uma cidade gigante. Tinha 60 léguas de perímetro, 6 mil templos, dos quais 3 mil de mármore, 2 mil de pórfiro, 600 de alabastro, 300 de jaspes, 50 de estuque, 45 de marfim, 4 de prata e 1 de ouro. As ruas tinham 300 pés de largura, eram pavimentadas com mármore e cobertas com telhas de prata. Ao longo das casas ardiam lamparinas perfumadas, elefantes brancos carregando torres passavam nas ruas com cantores e dançarinas. O ar era tão balsâmico e harmonioso que as flores e os pássaros nunca morriam. Cartago possuía 30 mil naus, 600 fortalezas, 100 mil cavalos, 12 mil elefantes, 100 milhões de talentos por ano, e Aníbal.

— Queres nos dizer os nomes dos quatro templos de prata e do templo de ouro?

— Sim.

— Diz antes esses nomes em cartaginês, traduzindo-os paralelamente em latim. Primeiro, os nomes dos templos de prata.

— Primeiro templo: em cartaginês, Bocamer; em latim, Sol. Segundo templo: em cartaginês, Derimos; em latim, Luna. Terceiro templo: Jarimis; em latim, Dies. Quarto templo: Mossomba; em latim, Nox.

— Diz agora o nome do templo de ouro.

— Em cartaginês, Illisage; em latim, Lux.*

— Encontramos em Plauto versos púnicos. O abade Éluçagaray afirmou que esses versos mostravam fortes vínculos com o basco. A língua cartaginesa e a língua basca seriam no fundo a mesma língua?

* O Sol, a Lua, o dia, a noite e a luz. Lembramos que a coletânea *Os castigos*, publicada clandestinamente em Bruxelas em novembro de 1853, é emoldurada por dois longos poemas: “Nox” e “Lux”.

— Sim.

— Então é certo que o basco deriva do cartaginês?

— Sim.

Sra. Hugo: Queres responder a uma pergunta que vou escrever?

— Sim.

A sra. Hugo escreve sua pergunta sem mostrá-la a ninguém.

— Fala.

— Crê nisto: verás aqueles que desejas ver e todos crerão. A alma atende à voz da alma.

— Eis minha pergunta: era porque falavas com um poeta que fizeste essa descrição de Cartago? Não respondeste de forma alguma à minha pergunta.

— Não descrevi Cartago, devias interrogar Aníbal.

— Então não és mais Aníbal? Quem és tu?

— Moisés.

— Charles deve me obedecer quando lhe peço que interrogue a Mesa?

— Sim.

Saem Victor Hugo, François-Victor, Auguste Vacquerie.

A sra. Hugo, a srta. Adèle Hugo e Durrieu à mesa.

— Ainda é Moisés?

— Sim.

Durrieu: Perguntei-te noutra noite se essa revelação das Mesas não tinha nada em comum com os milagres e prodígios antigos, com os oráculos de Delfos, Canas, Epidauro etc. Queres responder à minha pergunta?

Aqui Charles substitui a sra. e a srta. Hugo.

— Tocas na trípode antiga. Deus fala eternamente ao homem pela voz das revelações. A primeira revelação foi a natureza, a segunda foi a consciência, a terceira foi o milagre. Quando a consciência e a natureza não se fazem mais ouvir, o milagre fala. Trípodes, magia, alquimia, revelações confusas que regem a imaginação quando a razão deixa de obedecer. Quando o homem expulsa Deus de sua casa, ocorre um terremoto da consciência e a matéria indignada com a alma rebelde se ergue, ordena, e a alma obedece.

— Podemos inferir de tua resposta que os oráculos foram corrompidos pelos sacerdotes e pelos tiranos, seus cúmplices?

— Sim.

— Mas não haveria nesses oráculos uma porção da verdade conservada pelas iniciações célebres cuja lembrança foi conservada pela história?

— Sim.

— Queres falar sobre essa questão?

— A verdade absoluta só aparece ao homem depois da morte. A humanidade sempre necessita de verdade. Quando a sombra a envolve, basta-lhe pouca luz. A verdade então ainda contém erros e está em sua aurora. À medida que o olhar humano se alarga, a luz aumenta. Vós estais no meio do dia: contemplai. Estais na verdade: crede!

— Essas revelações são vozes permanentes, leis eternas da natureza e da humanidade?

— Não.

— Essas vozes só se pronunciam em determinadas épocas?

— Sim.

— No futuro elas vão fazê-lo?

— Não.

— Faz muito tempo que essa revelação de que somos hoje testemunhas começou?

— O falso milagre gerou o verdadeiro. O catolicismo revirava os olhos das virgens, Judas fazia Jesus chorar, a verdade quis esbofetear a mentira. Ela pousou sua morte na cabeça dos escribas; a mesa ergueu-se lentamente e o tinteiro das iniquidades caiu no abismo.

— Quanto tempo vai durar essa revelação das Mesas?

Sem resposta.

— Compreendemos perfeitamente que Jesus, Moisés, Sócrates, Jean-Jacques Rousseau venham nos falar de Deus, virtude, consciência. Mas por que é permitido ao marquês de Sade¹¹ e a outros espíritos entrarem em comunicação conosco para nos dizerem coisas completamente frívolas?

— O mundo das almas é infinito como o dos corpos; nele, o riso e o cinismo careteiam enquanto o amor e o pensamento fazem suas preces.

Nele, Triboulet* ri na sombra; nele, Sócrates sonha na luz; nele, Caim range os dentes; nele, Santo Agostinho cai de joelhos; nele, o marquês de Sade blasfema na noite; nele, Jesus ora no éter. O túmulo é a arca de Noé das almas.

— Mas por que é permitido ao marquês de Sade e aos outros espíritos que mencionei por último entrarem em contato conosco?

— Para mostrar-vos as almas castigadas ao lado das almas recompensadas.

— Que proveito a humanidade pode tirar desse espetáculo?

— O castigo é um ensinamento maior que a recompensa.

— Mas por que essas almas parecem conservar, após a morte, as tendências que mostravam quando pecaram sobre a Terra?

— Triboulet pecou rindo, foi condenado a rir. O marquês de Sade pecou blasfemando, está pregado em sua blasfêmia. Judas pecou traindo, é prisioneiro de sua traição. Caim pecou matando o irmão, está acorrentado ao seu assassinato.

— Esse castigo será eterno?

— Todos esses criminosos vão transfigurar-se lentamente e se tornarão justos. A luz remota de Deus derreterá esses corações de gelo e seus crimes escoarão em avalanches no abismo do perdão divino.

— Mas eles se arrependem desde agora?

— Sim.

Sra. Hugo: Quando interrogamos a Mesa na ausência de Charles, ela bateu letras sem ligação e que não formam palavras. Por quê? Quem então está na mesa? São ilusões ou espíritos provocadores?

— Não são ilusões, são almas mudas.

— Mudas? Por quê?

— Não podem falar.

— Por quê?

— Só fazem nascer e morrer.

* Triboulet (c. 1498-1536): bufão de Luís XII, depois de Francisco II. Victor Hugo fez dele o herói de seu drama *O rei se diverte*. A figura de Triboulet é frequente nos romances hugoanos, por exemplo, em *O homem que ri* (primeira parte, capítulo 2, “Os comprachicos”): “Um se chama Turlupin, o outro Triboulet”.

Durrieu: Essa nova revelação deve encarnar-se em um homem como a primeira sob o nome de Moisés e a segunda sob o nome de Jesus?

— Sim.

Charles Hugo: Queres nos dizer o nome desse homem?

— Não.

— Ele vive na geração à qual pertencemos?

— Não.

— O veremos em vida?

— Não.

Agitação da mesa. Ela se equilibra alternadamente e em cadência sobre cada pé. Lembra um passo de dança.

— Quem é?

— Vestris.

— Qual é a dançarina que preferes entre as dançarinas de hoje?

— Carlotta Grisi.

— Dê uma definição da dança.

— É a música da beleza.

— Continuas a dançar na outra vida?

— Eu tinha meus pés, recusei as asas.

Agitação da mesa.

— Quem és tu?

— Aristóteles.

Durrieu: Queres me dar o prazer de vir amanhã depois de Sócrates?

— Não.

— Que dia queres vir?

— No próximo sábado, às oito da noite.

Nova agitação.

— Quem és tu?

— Cagliostro.

— A hora é muito tardia para falarmos hoje.

Durante essa observação, a mesa faz movimentos tão violentos que é impossível abaixá-la quando ela se levanta.

Encerrado às 6h30 da manhã.

SÁBADO, 10 DE DEZEMBRO DE 1853

9h15 da noite, na casa de Victor Hugo. Presentes: Victor Hugo, sra. e srta. Hugo, os dois filhos Hugo, Durrieu, o coronel Taly. (Cópia C. D.)

— Quem és tu?

— André Chénier.

Victor Hugo: É um prazer rever-te. Gostaríamos que completasses alguns desses admiráveis poemas que estão em nossas mãos. Aceitas?

— Sim.

— Queres completar para nós o poema das Pombas [“Colombes”]?

— Não.

— Queres completar “Meus manes a Clítia” [“Mes mânes à Clytie”]?

— Sim.

— Eis os últimos versos. Tua alma dirige-se a Clítia do fundo de seu túmulo e lhe diz estes derradeiros versos:

É minha alma que foge de sua morada sagrada,

Pois sobre tua boca ainda aprecia repousar.

Chora, abre teus braços para ela também te beijar.¹²

Que versos acrescentas agora?

— *Oh! eu gostaria de ressuscitar contigo, doce filha!*

Uma mulher que amamos é toda uma família.

Ela, tão longe de mim, que a amava com tal fogo!

Sofro. Mas, ai de mim, consolo-me um pouco

Quando ergo os olhos para as abóbadas azuladas

E vejo, com a fronte sob as brumas apagadas,

*Pálida e despejando no mundo um dorido clarão,
Febe, que morre de amor tão longe de Endimião.*¹³

— Diz-nos o que antecede este verso colocado na edição como o último do poema “Meus manes a Clítia”:

Pensando na esposa e temendo morrer.

— Outro poema.

— Estás dizendo que esse verso faz parte de outro poema?

— Sim.

Victor Hugo: Completa para nós o fragmento XXII das *Elegias*:

A alcione nos mares, a andorinha nas telhas,

À beira do lago, o cisne, no bosque, Filomela;

*E os beijos secretos e os leitos clandestinos.*¹⁴

— *Promessas em que o remorso à saudade se mescla.*¹⁵

— Mas aí teremos três rimas ricas em sequência se esse verso vier após o que termina no hemistíquio: “no bosque, Filomela”.

O que há após estes dois versos:

A alcione nos mares, a andorinha nas telhas,

À beira do lago, o cisne, no bosque, Filomela...?

— *Oh! eis minha amada! Oh! os encontros íntimos!*

Vossos suspiros, vossos beijos, os teus, permite,

A abelha cuja asa tua boca sempre engambela,

Promessas em que o remorso à saudade se mescla,

*Os beijos mais rudes que são os mais ladinos.*¹⁶

— São versos dos quais te lembras?

— Sim.

— Após este último verso que acabas de dizer, vem, não é mesmo, este:

E os beijos secretos e os leitos clandestinos?

— Sim.

— Não ligaste com uma transição digna de ti esses novos versos aos outros dois do início. Eles nos mostravam os pássaros, cada um no seu elemento. Foi preciso, para passar deles à ideia da mulher que tu amas, uma transição forçada. Essa solda não te parece fraca e insuficiente?

— Sim.

— E a palavra “beijos” se repete três vezes nesses poucos versos. Não queres mudar?

— Sim.

— Ótimo! Completa e corrige. O que vem após

A alcione nos mares, a andorinha nas telhas,

À beira do lago, o cisne, no bosque, Filomela?

— *A alcione nos mares, a andorinha nas telhas,*

À beira do lago, o cisne, no bosque, Filomela,

Oh! eis minha amada! Aves, vós a cantáveis,

Pois cisne e rouxinol são suas duas metades,

Ela cria para mim um céu tão azul como o vosso,

Com o canto de um e a alvura do outro.

Como éramos felizes! Oh, os encontros íntimos!

Vossos suspiros, vossos anseios, teus, permite,

A abelha cuja asa tua boca sempre engambela,

Promessas em que o remorso à saudade se mescla,

Os beijos mais rudes que são os mais ladinos,

E os berços secretos e os leitos clandestinos.¹⁷

Victor Hugo: Volto ao poema “Meus manes a Clítia”. Queres nos dizer os versos que precede “Pensando em sua esposa e temendo morrer”?

— Não.

— Por quê?

— Longo demais.

— Queres nos dizer somente os cinco últimos versos que conduzem a este?

— *Ele monta no cavalo, tem lágrimas nos olhos.
A manhã que desponta rega suas flores.
A dor em sua alma esgueira-se na tumba.
É uma porta pela qual passa, ai! tudo que sucumbe.
Ele sonha com sua felicidade, tem medo de sofrer.
Pensando em sua esposa e temendo morrer.*¹⁸

— Quantos versos ainda faltam nesse poema?

— **Quarenta.**

— Voltarás?

— Sim.

— Que dia? Queres dizer?

— Não.

Victor Hugo: Mesmo assim, eu gostaria de conversar contigo. Tu sabes que sou um dos que emitiram o primeiro grito de admiração quando teus poemas apareceram.

Sem resposta. Agitação da mesa.

— Quem és tu?

— **Maquiavel.**

— Tu és um gênio. Quero ter uma longa conversa contigo. Podes marcar uma data?

— **Sim.**

— Quando?

— **Quinta-feira.**

— À noite?

— **Sim.**

— A que horas?

— **Dez horas.**

Encerrado à meia-noite e meia.

QUARTA-FEIRA, 14 DE DEZEMBRO DE 1853

10h da noite, na casa de Victor Hugo. Presentes: sra. e srta. Hugo, Victor Hugo, Charles e François-Victor Hugo. (Cópia C. D.)

— Teu nome?

— Tirteu.*

Victor Hugo: A quem vens visitar?

— A lira.

— Nomeia quem designas assim; há vários poetas aqui.

— A guitarra.

— Tirteu, teus cantos se perderam. Poderias nos traduzir alguns deles?

— Sim.

— Muito bem, vejamos, recita algumas de tuas estrofes perdidas.

— *De pé, povo! Ao combate, crianças, velhos, de pé!*

O povo é um vulcão quando o poeta pede.

Seus versos misteriosos, cunhados pelo negro delírio,

Fazem o trovão troante invejar sua lira.

Vamos! povo, avante! Sai da tua cidade! Sai

Dos templos, casas, palácios, e vós, já imortais,

Vinde de vosso império, onde nossa esperança sucumbe,

Ensinar a esses vivos o desprezo pela tumba!

Quanto a mim, levo minh'alma à luta. Vem, meu coração,

Vem morrer cantando! Vem, canta, sê campeão.

O clarim para a musa é uma lira imensa.

Nele, a lira sopra um canto que a morte recomeça.

Nossas couraças dirão ao coração tímido e lasso:

“Coração, sê digno de nós: somos de aço”.

Eis a espada. A flecha lidera nossa armada.

* Tirteu, poeta grego do século VII a.C., é autor de cânticos guerreiros escritos para caluniar o inimigo. Distribuídos através da Grécia, esses cantos foram adotados como modelos de retórica. Tirteu escreveu também elegias intituladas *Eunomia*, “boas leis”.

*Erguei-vos, grandes irmãs, pátria e posteridade!
Os deuses estão conosco, somos seus únicos filhos.
Bárbaros, podemos aceitar vossos desafios.
Nossos cavalos eriçam suas desdenhosas crinas.
Somos todas as leis e todas as iras.
Ó Marte! Ó Júpiter! Reis do Olimpo ígneo,
Derramai sobre o soldado a potência divina,
Fazei brilhar a lança e flamejar as almas,
Dai ao homem um coração e braços até às damas,
Se não quisesdes, ó prodigiosos deuses,
Que minha voz, no regresso, não cante mais os céus.¹⁹*

Charles Hugo: Há em teus versos duas consonâncias pouco harmoniosas. Queres modificá-las? Queres mudar “vulcão quando” e “trovão troante”?

— Sim.

Victor Hugo: Corrige. Manténs “o povo é um vulcão”?

— Sim. E o poeta pede.

— Muda agora: “trovão troante”. Conservas “o trovão”?

— O fragoroso trovão.

— Tirteu, o que pensas da *Marselhesa*?

— É o canto da tempestade escutado pelos marujos do naufrágio e soprando nos céus a borrasca da revolução. É o clarim do povo, é a música da alma francesa, é a grande gaivota do oceano revolução, é o tropel formidável do carro do Sol quando, montado pela ideia, abalroa o gênero humano. É a ode à luz cantada em estrofes de furacões pelos quatro ventos do futuro.²⁰

— O que pensas de Rouget de Lisle?*

— Poeta morto e vivo, imenso e nulo, formado por dois elementos, o pequeno e o grande, começado por Delille e terminado por Nêmesis. Feto de gênio.

* Claude-Joseph Rouget de Lisle (1760-1836), oficial do Exército francês, poeta e compositor, fez a letra e a música da *Marselhesa*.

Sra. Hugo: Por que vieste hoje no lugar de Maquiavel, que anunciara sua vinda?

— Estás enganada. Maquiavel não estava avisado. Esse grande homem, amargo e incompreendido, vive solitário no mundo escuro dos gênios desconhecidos e das almas esquecidas. Lá, ele queda tão pensativo e absorto em seu devaneio que rumor algum o desperta. Essa águia considerada uma coruja fugiu do céu das almas bentas; só ouve as maldições. Ele despertaria ao som de uma prece, a prece é o rouxinol da noite eterna.

— Pedirei isso em minha prece de hoje à noite; atenderá ele à voz de uma humilde mulher como eu?

— Sim.

— Será o coração que o chamará. Ele virá?

— Sim.

— Ele já veio em uma outra noite?

— Não.

— Era então outro que usurpara seu nome?

— Sim.

— Vós mentis então no mundo superior?

— A mentira não é o pseudônimo, o roubo não é o plágio. Os nomes dos espíritos são nomes de batismo, o nome de família é a ideia.

— Voltarás?

— Não.

— Estás descontente comigo?

— Não.

— Muito bem, voltarás?

— Não.

— Por quê? Não podes ou não queres?

— Não quero.

— Nós, mortais, podemos fazer alguma coisa pela felicidade ou pela infelicidade das almas?

— Sim.

— O que podemos fazer de mais agradável para as almas?

— Amar.

— O que é mais doloroso para elas?

— Esquecer.

— Continuas aqui, Tirteu?

— Não.

— Teu nome?

— Maquiavel.

— Vieste para mim?

— Sim.

— Queres vir amanhã à noite?

— Sim.

— A que horas?

— Oito da noite.

— Uma pergunta, quase uma censura: Por que eu, crente, que faço um apelo incessante às almas, não obtenho das Mesas senão respostas truncadas, vagas, e não raro nada? É uma falta de fluido, eu sei, mas não poderíeis vós, espíritos, fazer um esforço por uma fervorosa como eu?

— Tuas preces são diálogos.

— Antes de ires, responde à minha pergunta. Como é possível que homens, pensadores sérios que foram testemunhas do fenómeno das Mesas, que ficaram impressionados com isso, que no fundo acreditam, vacilando em sua fé, resistem, se dão ao trabalho de arranjar explicações para o fenómeno que os levam à dúvida?

— O céu é incompreendido pela maioria dos homens. Todos o veem, poucos o contemplam. O céu é o grande esquecido.

— Alguma alma no céu se lembrou de que hoje é meu aniversário?

— Os mortos pousaram sobre ti como aves familiares. Suas almas esvoaçaram à tua volta. Elas cantarolaram teu doce nome e beberam a água de tuas lágrimas amargas; os olhos que choram dão de beber às almas do céu.

— Leio neste momento *As horas de prisão da sra. Lafarge*. Sabeis vós, no mundo das almas, que me impus o dever de dedicar meu pensamento às almas que sofreram neste mundo, culpadas ou não, mais ainda se forem culpadas?

— Vossas almas, ó mulheres consoladoras, são as igrejas dos mortos.

[Fim do manuscrito.]

16 DE DEZEMBRO DE 1853

Sexta-feira, 7h15 da noite. (Ata V. H. Cópia Juliette Drouet)

Aparição de Josué. Sua primeira resposta é ininteligível para nós. Victor lhe pergunta se ele pode falar em francês. A resposta é “sim”.

Victor Hugo: Tens algum comunicado a nos fazer?

— **Sim.**

— Fala.

— **França, Emancipação, Bonaparte, fim.**

— Conheces-me?

— **Sim.**

— Conheces meu livro?

— **Lux.**

— Qual é tua opinião sobre meu livro?

— **Admirável.**

— Diz-me alguma coisa que se dirija às minhas ideias ou ao meu coração.

— **Luta, vitória.**

— Continuas aqui?

Silêncio prolongado e definitivo a partir da última resposta; senti uma aragem nas duas mãos como se o vento soprasse entre os dedos.

SEXTA-FEIRA, 16 DE DEZEMBRO DE 1853

8h10 da noite. Presentes: sr. Victor Hugo, Charles Hugo, François-Victor Hugo, sra. Hugo, Auguste Vacquerie, Théophile Guérin. À mesa: sra. Hugo e Charles. (Cópia C. D.)

— Quem és?

— Maquiavel.

— Ora, Maquiavel, sou daqueles que pensam que tu eras...

Sra. Hugo: A Mesa quer falar.

Victor Hugo: Está bem, fala.

— A política teve muitos sistemas. Em alguns, ela amparou a velha sociedade; em outros, substituiu a fé católica pelo riso filosófico; por fim, a diplomacia, sucedendo à conquista, dividiu a Terra em reinos. Ela pou-sou as duas pontas de seu compasso de geômetra sobre o globo e furou os olhos desse grande cérebro. A política é o assassinato que se faz rei; é o sacrilégio que se faz pontífice. É o nada que almeja ser o mundo; a po-lítica é o pó que pretende substituir a criação; a política é a luva de Satanás esbofeteando, no céu, a sombra e a face de Deus.

Victor Hugo: Maquiavel, estou entre aqueles que viam em ti um gran-de homem relegado ao pelourinho pelo desprezo da posteridade. Na minha opinião, teu livro é a obra de um homem que, não podendo apresentar os príncipes da história como retrato, lhes oferece a ironia como espelho. Tu és vítima de tua própria ironia: a máscara de vergonha que puseste na verdade, o erro público pespegou-a em teu rosto. Tu fizeste a apologia do crime para inspirar seu horror e levaram sua apologia ao pé da letra. Teu livro, hoje, é teu caluniador. Tenho razão? Esclarece-nos.

— Sim, minha vida é minha máscara. Fui um pensador, interrogado pela Inquisição de Florença. Lúgubre então, e meditando um lúgubre exemplo, dei a palavra à tortura e a tortura disse: o carrasco é grande. Eu disse ao pelou-rinho: fala, e o pelourinho disse: a Inquisição é santa. Eu disse ao punhal: fala, e o punhal respondeu: o príncipe é augusto, e o veneno gritou: viva Bórgia! E o touro de bronze mugiu: viva Fálaris. Eis o meu livro. Ele esconde o rosto da consciência sob uma cogula de monge. Erguei a cogula e vereis a face severa de uma alma indignada. Sou o mártir da ideia. A ideia me

lançou em um século de violência e me prendeu no tribunal com uma golilha; fui condenado a ser julgado; sou o galeriano da consciência; nela, remei a vida inteira e dela, após minha morte, só conservei o barrete de forçado. Minha obra é minha masmorra.

— Pela maneira como coloquei a questão, viste o quanto compreendo tuas misérias. Tu te arrastas pelos séculos feito uma bola de ferro, teu nome é proverbial. Nós, pensadores vindos depois de ti, em uma época mais livre e relativamente melhor, podemos destruir os preconceitos iníquos que a posteridade, por desprezo, pespegou em uma memória. Diz, grande Maquiavel, eu, escritor, posso fazer algo por ti?

— O pensamento é o grito do sofrimento do meu livro; ele se sente inocente, protesta com sua visível ironia; evade-se pela ironia. Muito bem, a posteridade o captura e coloca no banco dos réus e diz ao livro que condenou o século da força: Réu, levanta-te diante do século da luz! E eu me levanto e digo: Sou um juiz, mas não me escutam, retiram o julgamento do juiz e eu termino sendo o galeriano fora da lei. Ó poeta, uma vez que me fizeste sair do meu escuro silêncio, fala também e reabilita Maquiavel, que vagueia tristemente pela história de braços dados com César Bórgia!

— Já que estás aqui, já que teu olhar profundo, que viu nosso mundo, vê agora o outro, podes confirmar a hipótese que me ocorreu amiúde e me dizer se estou certo ou errado. Imagino que o mundo invisível onde vós estais se superpõe frequentemente ao mundo visível onde estamos e que há entre vós como que um reflexo de nossas ações. Assim, parece-me que os areopagitas que julgaram Sócrates deviam estar sentados, espectros invisíveis, atrás dos fariseus e escribas que julgavam Jesus e que, por sua vez, carregados pela sombra da morte e transformados em fantasmas, os escribas juízes de Jesus Cristo deviam estar sentados atrás dos doutores do concílio de Constance que julgavam Jan Hus.* Parece-me que determinados homens nesta vida devem

* Jan Hus (1371-1414), reformador religioso tcheco, padre, decano da faculdade de teologia, depois reitor da Universidade de Praga. Denunciou os erros do catolicismo, o que lhe valeu duas excomunhões sucessivas. Julgado no Concílio de Constance (1414), compareceu munido de um salvo-conduto do imperador Sigismundo, mas foi traiçoeiramente preso, condenado >

ser, em determinadas horas, possuídos por seus análogos no passado, seus ancestrais por assim dizer. Vós deveis ver isso. Judas deve falar ao ouvido de Deutz. Torquemada, nas trevas, deve debruçar-se paternalmente sobre Joseph de Maistre, e a alma de César Bórgia deve ter frequentado a alma de Luís Bonaparte. O que tens a dizer sobre isso?

— A genealogia que supões é verdadeira. Há, no mundo das almas, tribos de espectros. Caim, o patriarca do crime, persegue-as com seu olho, do fundo de seu antro escuro. Legiões punidas, elas deambulam na atmosfera dos remorsos. Pouco a pouco, esses sinistros ancestrais do mal evoluem e, à medida que se arrependem no céu, sua raça evolui sobre a Terra. Assim, Judas é menos culpado do que Caim, Torquemada é menos hediondo em De Maistre, Carlos IX amansou em Bonaparte, o Dois de Dezembro* é menos tigre que o São Bartolomeu, os conselhos de guerra são menos ferozes que os concílios. Os netos do velho miserável que cometeu o primeiro crime ficam mais brandos à medida que ele se torna menos perverso. Ó mundo, rejubila-te. Caim começa a chorar.

— O que te ofereci sem que tu me pediste, eu o farei, Maquiavel. Não pouparei esforços doravante para resgatar teu grande nome em sua luz verdadeira, prometo. Agora responde a uma pergunta que me diz respeito. Tu declaraste: a genealogia das almas que eu interrogava é real. Muito bem, essa genealogia deve ser dupla. As almas que se encontram no caminho certo e fecundo devem ter a sua, assim como as almas que estão na via iníqua e estéril. Diz então a mim, tu que sabes, a fim de que eu possa dirigir para certas memórias seletas um coração mais amoroso, além de me fortalecer com grandes exemplos: quais são meus ancestrais no mundo que habitas?

[Fim do manuscrito.]

> sem processo e queimado vivo. Seus discípulos o consideravam um patriota e um mártir da fé. Contribuiu igualmente para estabelecer a língua literária tcheca.

* Alusão ao golpe de Estado de Luís Napoleão Bonaparte, deflagrado em 2 de dezembro de 1851, que resultou, em 11 de dezembro, no longo exílio de dezenove anos de Victor Hugo.

DOMINGO, 18 DE DEZEMBRO DE 1853

9h30 da noite. Presentes: sra. e srta. Hugo, Auguste Vacquerie, Victor Hugo, Charles e François-Victor Hugo. À mesa: Charles e sra. Hugo [Adèle quase sempre presente, mas nunca “conduzindo” a mesa.] (Cópia C. D.)

— Quem és?

— Jean-Jacques Rousseau.

Victor Hugo: Tu, que fizeste *O contrato social* e que és ao mesmo tempo o filósofo severo e o filósofo amoroso, tu, que entrevias em vida e que deves ver plenamente após tua morte, qual é o peso respectivo do homem e da mulher nos dois pratos da balança humana? Como agir no futuro para dar à mulher, como é justo, e sem lhe fazer perder nada do encanto, graça, pudor e fraqueza delicada que constitui sua força junto ao homem, como o futuro agirá, cumpridas todas as condições, para dar à mulher, não só na esfera civil e social, como também na política, uma ação, se não idêntica, pelo menos análoga e equivalente à ação do homem? Podes responder a essa pergunta?

— A mulher é a criança. A criança é a fraqueza e é a força. O direito da mulher deriva do direito da mãe, eis a cidadã. A graça, a castidade, o pudor, a beleza, eis a maternidade. A mãe e a mulher em sua dupla função, a função meiga e a função viril. A mulher amada, ei-la mãe, a mãe elevada, ei-la patriota! A natureza é o código da mulher, entregar à sociedade a criança que a natureza lhe dá, fazer dessa criança um homem, nisso reside toda a virilidade da mulher; educar a criança, amamentá-la com o duplo leite da vida e do pensamento, ler com a boca rósea e falar com o jovem espírito, eis a força e a graça da mulher. As mulheres do futuro talvez venham a ter assembleias, mas as do século XIX deverão continuar mães. Terão para si esta tribuna, onde a boca eloquente é sempre encantadora: o berço da criança.

A srta. Hugo quer fazer uma pergunta a Jean-Jacques Rousseau sobre o papel da mulher como mãe e lhe pergunta o destino das mulheres casadas que não tiverem filhos.

— Ó jovem, tu és a flor, a mão do cirurgião que disseca o cadáver do velho mundo e cuida das feridas, quem conspurcaria as flores? As flores

teriam medo. A ferida sangra, a rosa perfuma. Lavemos o sangue, mas deixemos o bálsamo. Ó jovem, retira-te. O laboratório social não é o jardim. Permanece no teu ar puro. Rosa, deixa-me conversar com o pensamento; tu, entretém-te com o lírio.

Victor Hugo: Homens como tu são mais homens que os demais. São o resumo completo da espécie em um dado momento. São grandes tanto em seu lado ruim quanto em seu lado bom. Suas perfeições cintilam e revelam a Deus. Suas máculas reluzem e iluminam a humanidade. A sociedade que se apresenta diante deles é malfeita. Eles provam isso pelas obras de seus espíritos e pelos erros de suas vidas. Eles são demonstrações vivas, em carne e osso, da doença social. É por isso que são pungentes e patéticos perante a posteridade. É por isso, Rousseau, que te amo e admiro, e, não obstante, quando a vida de um grande homem como tu apresenta aspectos demasiado estranhos e se torna disforme, temos o direito de nos espantar. Recebe então a pergunta que te farei. Há um filósofo que é como a encarnação do velho mundo e de sua lógica sem coração e que diz ao recém-nascido: “Sou a vida, não há lugar para ti no meu banquete”, e há outro filósofo que é um dos precursores do novo mundo e encarna todas as suas tendências e piedades e que diz ao recém-nascido: “Sou o pai e não há lugar para ti no meu lar”. Esclarece-nos como é possível o coração de Rousseau, com relação à criança, roçar no coração de Malthus.*

— Ai de mim, errei, cometi um crime.** Deus me disse isso de viva voz, a do pai eterno, e me congelou de pavor. Eu, o pai culpado, tive filhos e os lancei na multidão dos órfãos. Insensato! Tornei-me igualmente órfão, pois uma criança é um pai da alegria. A criança ri, vós rides; a criança chora, vós chorais. A alma do pai nasce no berço do filho. Perdi meus

* Thomas Malthus (1766-1834), economista britânico, considerava que, como a população crescia mais que a produção de alimentos, essa situação acarretava um desequilíbrio que conduziria à fome, sendo necessário restaurar o equilíbrio por meios destrutivos (epidemias e guerras nascidas do desequilíbrio) e preventivos (controle da natalidade).

** Lembremos que Jean-Jacques Rousseau entregou à Assistência Pública seus cinco filhos naturais, nascidos de uma relação iniciada em 1746, com uma empregada, Thérèse Levasseur, julgando ser o meio menos pior de educá-los adequadamente.

paizinhos quando tinha dez meses. Meus risonhos rebentos, despachei-os para chorar alhures. Fui infame. O céu me castigou e devolveu-os a mim, meus filhos e meus remorsos. Beijo-os na testa e, quanto mais beijo, mais culpado me sinto. Estou beijando meu crime. Vejo-os, toco neles, eles sorriem para mim. Cubro-os de carícias, sinto-me feliz, peço a Deus para desfrutar dessa felicidade por toda a eternidade e a eternidade me responde: Ó vítima do egoísmo! Queres a eternidade e recusaste a eternidade em vida. Queres a felicidade e recusaste a esperança. Queres o infinito e destruístes os berços. Pedes os raios e calaste o leite. Queres beijos dessas bocas e lhes recusaste pão! Amaldiçoado sê por tua felicidade. Vai, maldito, sê feliz.

— Voltarás?

— Sim.

— Quando?

— Quarta-feira, às nove da noite.

DOMINGO, 25 DE DEZEMBRO DE 1853

8h30 da noite. Presentes: Victor Hugo, sra. Hugo, srta. Hugo, Auguste Vacquerie, Charles Hugo. À mesa: Charles Hugo e sra. Hugo. (Cópia C. D.)

— Quem está aqui?

— André Chénier.

Victor Hugo: Diz-nos por que vens.

— Já foi dito.

— Sabias que a ideia do drama ficou de vir?

— Não.

— Sabes por que o sr. Guérin não veio?

— Não.

Sra. Hugo: Tu conversas com madame Roland na vida em que estás?

— Sim.

Victor Hugo: No poema que começa com:

*Não existe então mais esperança, e minha queixa perdida,*²¹

qual é o verso que segue este:

*Eu teria adulado, gemido, chorado, rezado, instado?*²²

— *Teria amaldiçoado o altar tantas vezes beijado.*²³

— Queres completar o fragmento XIII?

Ó delícias de amor, e tu, lânguida preguiça,

após:

*Para quem os olhos não têm suave veneno,*²⁴

faltam dois versos.

— *Que sem lhes destruir os corações ou queimar as almas*

*Roçaram no cetim dos vestidos das damas.*²⁵

O fragmento que temos está no singular: feliz quem etc., o que nos dizes está no plural. Podemos resolver as coisas assim:

Que, sem lhe destruir o coração ou queimar a alma,

*Roçou no cetim de um vestido de dama.*²⁶

Queres assim?

— Não.

— Então dita.

— *Que, sem lhe destruir o coração ou queimar a alma,*

*Roçou no cetim de tua mantilha, ó dama.*²⁷

— Também aprecio a minha solução, concordas comigo?

— Não.

— Preferes a tua?

— Sim.

— É que ainda tens, na continuação dos versos, uma apóstrofe: “ó dama!”.

Queres pegar meu verso?

— Não.

— Depois:

*Pertenço-te, amor, amor inexorável!*²⁸

Como continuas?

— Conduz-me, querida Camille,* e diz-lhe que açoite
O escravo de seus dias roubados de suas noites;
Diz-lhe que tudo em mim por sua boca profiro,
E que, sendo flor, ela me tem por zéfiro.
Oh! como sofremos por amar! Cruéis tormentos!
Para um momento feliz, quantos outros momentos
Em que a alma chora, cai e, pobre folha morta,
Obedecendo ao vento que a arranca e transporta,
Vagueia, treme, palpita, sonha com o doce banquete
Em que Camille o misturara ao seu ramalhete.
Sábia velhice, vem, convidado-te à minha casa;
Tu sorris para o amor como o telhado para a asa.
Sob tua casta coroa caminhamos com passos mansos.
A pluma branca sempre aprecia os cabelos brancos.
O amor no velho ressoa sua voz mais suave.
A idade é um inocente que esvazia a aljava.
E as mãos trêmulas roubam das vozes virtuosas
Do amor os brocados de ouro que nossas almas chorosas
Conservam a vida inteira e que duram imorredouros.
No coração subsiste o espinho dos amores.
E quando a noite chegou, ao fim do dia,
O espinho estava no coração, a rosa fenecia.
Tu, velhice, ris na soleira de tua habitação.
A lembrança doura-a feito uma estação.
O encanto dos amores ilumina o seu domo.
O oceano torna-se fonte, e o fatal pomo
Que dividiu o Olimpo e entregou Páris
Amadurece em teu pomar, nós o mordemos, e tu ris.²⁹

* Camille é o nome que o poeta André Chénier atribui a uma de suas principais paixões, Michelle Guesnon de Bonneuil. [N.E.B.]

Auguste Vacquerie: Os últimos doze ou quinze versos são muito confusos. És da minha opinião?

— Sim.

Victor Hugo: Podes nos dizer a que se deve tal confusão?

— Sim.

— Diz.

— Versos esquecidos.

— Quer dizer que pulaste alguns versos?

— Sim.

— Quando voltarás para costurar esses versos?

— Quinta-feira.

— Já recitaste estes versos para alguém além de nós?

— Não.

SEGUNDA-FEIRA, 26 DE DEZEMBRO DE 1853

5h da tarde. Presentes: Victor Hugo, sra. Hugo, srta. Hugo, Auguste Vacquerie, Charles Hugo. À mesa: Charles e a sra. Hugo. Auguste Vacquerie interroga. (Cópia C. D.)

— Quem está aqui?

— Maomé.

— Fala.

— A sombra subsiste no mundo. A verdade mártir sangra por todos os pregos do erro. A noite é profunda. Os déspotas dizem: somos o direito. Os sacerdotes dizem: somos a lei. O patíbulo responde: sim. O cadafalso responde: sim. A vala comum responde: sim. O túmulo responde: sim. O lúgubre hosana* do mal entoado pelas corujas reverbera sob o céu estre-

* Hosana, derivado do hebraico, a partir do latim litúrgico, tem três sentidos. Primeiro, corresponde à prece que os judeus pronunciavam durante os sete dias da Festa dos Tabernáculos. É também um hino católico entoado no domingo de Ramos. Por extensão, passou a >

lado. Os corvos vêm bicar o último olhar de amor nos olhos moribundos de Jesus. A dupla silhueta do patíbulo e do cadafalso ergue-se no horizonte escuro e, em pé nas trevas, entrevemos a religião oficiando em nome do crucifixo. O dia se aproxima e amanhece. A nuvem indignada vai abrir sua boca e atirar, no mundo das trevas, o astro flamejante, prodigiosa metralhadora de luz. O sacerdote-patíbulo e o papa-cadafalso serão derrubados. As bastilhas da sombra cairão, a Terra tremerá sob os que estão de pé e o céu se abrirá para os que estão de joelhos.

Auguste Vacquerie: No momento em que te falamos, três religiões lutam no Oriente. Fala-nos dessas religiões e de seu futuro.

— A religião católica é o reduto da noite. A religião grega é a fortaleza da neve. A religião de Maomé é a muralha da carne. Nenhuma deve durar. O papa disse ao homem: tu não verás; o czar: tu sofrerás; o sultão: tu desfrutarás. Os três estão errados. Pois eu vos digo que a queda dos sacerdotes já começou. O sacerdote do *knut*,* o sacerdote da cruz e o sacerdote do crescente, três cadáveres que o canto de guerra deixará. A santa não tem mais razão perante Deus do que a huri,** e Deus não quer nem uma religião que entorpeça o homem pelo ascetismo nem uma religião que o enfeitece pela volúpia. Vamos, meus filhos, é preciso morrer. Eu vos entreguei meu estandarte para vancerdes. Lego-o para amortilhar-vos.

Victor Hugo: Após a morte, nos mundos mais felizes, temos uma forma? Como um reconhece o outro?

— As almas se reconhecem pelo reflexo de seus corpos. O céu é um espelho que conserva as imagens da vida. Nada é perdido. O túmulo só despoja do corpo o esqueleto, a forma sobe aos céus, e há sorrisos que voam com as almas e olhares que estão no céu antes que a morte tenha cerrado os olhos.

> significar um grito de alegria ou triunfo, podendo igualmente representar o calvário aonde se vai em peregrinação em certas datas propícias ao canto do hosana.

* “*Knut*”: palavra russa que significa “chicote”. “O sacerdote do *knut*”: uma provável referência ao czar. [N.T.]

** Uma mulher divinamente bela que o Corão promete aos fiéis na vida futura.

Sra. Hugo: Quando pretendes voltar?

— Quinta-feira.

— A que horas?

— Nove.

Encerrado às 7h da noite.

TERÇA-FEIRA, 27 DE DEZEMBRO DE 1853

Presentes: Victor Hugo [chegou no meio da sessão], sra. Hugo, Auguste Vacquerie.

À mesa: Charles e sra. Hugo. (Cópia C. D.)

— Quem és?

— A jumenta de Balaão.*

Auguste Vacquerie: Muito bem, se és um espírito em outra vida, tu, que nesta foste um animal, podes melhor do que ninguém responder a uma pergunta que nos fizemos muitas vezes: os animais têm alma?

— Sim.

— Instrui-nos.

— O homem é a prisão da alma, o animal é sua solitária.

— Então é verdade que a vida é um castigo?

— Sim.

— Explica-nos como.

— A criatura atravessa a criação como o pássaro a árvore, pousando de galho em galho. O homem atravessa o infinito voando de mundo em mundo. Vós habitais um mundo de sofrimento e castigo; nós habitamos um astro de luz e recompensa. O homem que nasce em vossa vida vem

* Conforme a Bíblia (*Números*, 22:21-30), jumenta que conduzia Balaão e desviou-se, por três vezes, do Anjo do Senhor que, de espada em punho, queria matá-lo. Punida pelo dono, que não vira o anjo, a jumenta então se pôs a falar, explicando o que fizera. [N.E.B.]

expiar um passado culpado, e o animal, um passado monstruoso. O homem ignora seu erro, e o animal, seu crime. Se tivessem conhecimento dele, seriam felizes. O castigo não passaria de um sofrimento que se expressaria: cometi tal injustiça, tenho certeza disso, não tenho dúvida. Ora, a dúvida é o castigo. Conhecer seu erro seria conhecer seu juiz, seria conhecer a Deus. O Deus certo para o homem é o Paraíso. O segredo da natureza é a força. A justiça divina usa máscara para punir. O castigo é a máscara do juiz. A recompensa é o rosto de Deus.

— Descendo mais um degrau, as plantas possuem alma?

— Sim.

— As plantas então sofrem muito? Pois se o castigo é não ver a Deus, a planta é mais cega que o animal. Então o homem é a prisão e o animal, a solitária, e a planta, é sua masmorra?

— A planta sofre, logo mereceu sofrer. Um sofrimento imerecido, mesmo no átomo, bastaria para fazer a imensidão desmoronar. As árvores cairiam, os mundos, apavorados, ruiriam e, com a rosa oprimida e a margarida agredida, o infinito deixaria de brilhar. Sofrer é enfraquecer. A planta é a prisão mais escura da alma. O lírio é um inferno.

— Afirmas então que os animais sofrem mais que os homens e as plantas mais que os animais?

— Sim.

— Como isso é possível? As penas morais não são as piores? Não sofremos mais quanto mais vivemos pela alma? Como aceitar que aquele que [ilegível] sofra mais que aquele que pensa? Sim, se o vegetal e o bronco soubessem de sua grandeza anterior. Já o homem, de sua natureza, só tem um fulgor crepuscular. Para o bronco, é a sombra; para o vegetal, é a noite negra. Ora, o que é um castigo que não sentimos? Explica então esta contradição: o cavalo que uma meda de feno sacia, mais castigado que o homem, insaciável de ideal?

— Ele é mais castigado porque está imerso na matéria. A planta é mais castigada ainda porque está enraizada no solo. A escada do castigo tem três degraus: o corpo humano, a pele do animal e a raiz da planta. A alma da planta tem dois degraus a subir. A alma do animal só tem um para chegar ao homem. O castigo da alma no animal e no vegetal começa

pelo sofrimento material e, no homem, termina pelo sofrimento moral. Então já é quase a libertação, pois sofrer pelo pensamento é ser metade livre. A dúvida é metade da esperança. A alma respira no homem, sufoca na planta. Os olhos do homem são a claraboia dessa vida aberta para outra vida. A alma prisioneira no cérebro humano contempla o céu por ela.

Entra Victor Hugo. Lemos o começo da sessão. Ele diz que é precisamente a ideia de um livro que ele está escrevendo. Conversa. Auguste Vacquerie declara não aceitar sem discussão a revelação das Mesas e que, embora sensibilizado e abalado em mais de um aspecto, tem mais de uma grave objeção a fazer, entre outras, esta:

— Tu dizes que a punição para os vegetais está na ignorância e para os homens na dúvida a respeito de sua própria natureza e que a pena cessaria a partir do momento em que soubéssemos o que somos; e nos dizes o que somos! Se a revelação for verdadeira, não há mais punição, isto é, não há mais vida. O mundo deve findar. Ao apontares o castigo, tu o suprimes. Afirmas que a pena é a dúvida e, ao mesmo tempo, o revelas!

— Eu disse que a dúvida é o castigo; ora, afirmei verdades e tu e vós duvidais delas. Logo, sois castigados.

Victor Hugo: Pois, de minha parte, as verdades que afirmas, não é de hoje que não duvido delas; se é preciso duvidar para ser punido, diz-me então em que exceção eu me encaixo.

— Muito bem, se tens tais certezas, responde então qual é o castigo da alma do boi?

— Não compreendeste minha pergunta. Declaro que vislumbrei parte das coisas que nos dizes e que aquelas referentes à alma humana e sua punição no mundo encontram-se para mim no estado de certeza, e isso há muito tempo. Neste ponto, portanto, não tenho dúvida alguma e, mesmo assim, sou punido; pergunto então qual é a minha categoria.

— A prova de que duvidas é que não fazes senão vislumbrar, enquanto eu o afirmo. Ora, crês no que diz teu pensamento e duvidas do que dizem nossas revelações. Teu pensamento é meramente humano, o nosso é divino. O pensamento do maior espírito carrega sempre uma venda nos olhos. Essa venda é a vida. Tu és um gênio vivo e falível. Reporto-me a Victor Hugo morto para os erros de Victor Hugo vivo.

A verdade te espera à porta do túmulo. Quer dizer que tomas Deus por um livro infantil que lemos levianamente! Deus é o infinito, o infinito é o desconhecido. A morte te assombrará. A morte sempre assombra. Ao sair do túmulo, Moisés disse: “Que esplêndido!”. Sócrates corria por todo o céu, proclamando: “Fascinante!”. Jesus ajoelhou-se. Maomé levou as duas mãos à face e não ousou olhar. Shakespeare disse: “Deus vê”, e Caim dirá: “Deus perdoa”.

Sra. Hugo: O que tu nos dizes acerca dos destinos do homem é o que meu marido pensa e diz há muito tempo, exceto no que se refere aos animais e às plantas, em cuja alma meu marido não acreditava.* Ele via a verdade qual tu a apontas para nós. Ele sempre afirmou que o homem não começava nem terminava nesta Terra, que a vida era um castigo por causa dos erros cometidos em uma existência anterior, que após a morte a alma iria para um mundo pior ou melhor, conforme tivesse merecido ser punida ou recompensada, que não haveria penas eternas; vêes que, no que se refere ao homem, seu pensamento precedeu tua revelação.

— Ele proferiu a milionésima parte da verdade relativa à vossa humanidade. A prova, dentre milhões de exemplos, é esta: ele não sabe que vosso globo contém outro como núcleo. Os vulcões são bocas pelas quais esse mundo respira. Esse mundo é vosso inferno. As almas condenadas o habitam não em meio às chamas, mas em meio às trevas. Enquanto as almas recompensadas saem do túmulo, a alma do condenado nele se enterra. O túmulo do condenado se erode lentamente sob seu cadáver, se erode e alarga gradualmente, chegando até o globo exterior que é o vosso inferno. Depois, no caso de ele ser perdoado, sua alma escapa por um vulcão e voa para o céu. Podeis ver de vez em quando essas erupções de almas. Se, ao

* A intervenção da jumenta de Balaão, que endossa as intuições de Hugo, constitui o elemento decisivo que dá origem ao princípio da metempsicose. Com efeito, a sra. Hugo, nesse ponto, explica que seu marido não acreditava na alma das plantas e dos animais, ao passo que mais tarde Hugo afirmará ter sido o primeiro a desenvolver essas convicções relativas à sobrevivência da alma. É também, não o ponto de partida dessa ideia, como fará questão de afirmar Victor Hugo, mas a confirmação de suas intuições estendida aos vegetais e minerais.

contrário, ele for condenado novamente, retorna à Terra, transforma-se em semente e renasce na planta. Se a condenação se confirmar, ele entra no animal. Se, após essa dupla degradação, a pena ainda não tiver sido cumprida, o animal morre, a alma volta à Terra e encarna no homem. O homem recomeça então uma vida nova para a alma. A morte resgata a alma e Deus perdoa ou volta a punir. O castigo, no vosso inferno, consiste no seguinte: o condenado ouve distintamente o que diz a posteridade a seu respeito. Caim ouve a Bíblia recitada nos templos. Judas, apavorado, ouve o Evangelho que fala nas igrejas. Tibério ouve Juvenal, Nero ouve Tácito e Deutz* ouve Hugo.

Victor Hugo: Conheces o último poema de uma obra minha intitulada *Homo*?

— Não.

Victor Hugo sai.

Auguste Vacquerie: O homem é sempre uma prisão, o animal sempre uma solitária e a planta sempre uma masmorra? O mundo é sempre tão condenável? A Terra seria de fato, desde a raiz do carvalho até a fronte do homem de gênio, um reles pântano onde se lavam desde a eternidade as imundícies dos mundos superiores? Tudo o que pensa, anda e vegeta, tudo cumpre sentença? O quê! A mulher, a virgem, a criança que nasce, todas culpadas? O cão que ama, o pássaro que plana, a rosa que perfuma, todos criminosos? Não existe um só fiapo de palha inocente?

— Vós já chegais culpados.

— Repete: tudo que está sobre a Terra expia um erro cometido alhures?

— Sim.

— Afirmas que o Inferno é o eco do mal que fizemos na vida, mas e aqueles cujo mal não faz eco? Nem todos os Caim estão na Bíblia, nem todos os Judas estão no Evangelho. A Terra conhece no máximo uma centena de

* “Deutz”: trata-se na realidade de Simon Deutsch (1822-1877), revolucionário austríaco condenado à morte em 1848 por ter participado da insurreição revolucionária de Viena no mesmo ano. Fugiu para a Suíça, depois para Paris, onde entrou em contato com Proudhon e Michelet. Posicionou-se a favor da França em 1870 e participou da Comuna de Paris em 1871.

criminosos, privilegiados da infâmia, mas há milhões de crimes horríveis que a posteridade omite e que então não serão punidos. Todo inferno é injustiça. Qual será o inferno dos monstros e traidores que não terão conhecido Juvenal ou Victor Hugo para embocar os clarins da poesia e fazer acorrer as gerações em torno de seus crimes?

— Todo crime, seja o criminoso desconhecido ou famoso, estron-deia de tal forma que o eco repercute nas profundezas da Terra, pouco importa o nome do criminoso, é um crime. O assassino obscuro ouve seu nome berrado no túmulo. O remorso é um sino de bronze cujo crime é o badalo. Não existe grande criminoso cujo nome escape ao eco da Terra. O desconhecido para a justiça humana ouve seu nome na morte e escuta com pavor o grito da vítima. Seus ouvidos não captam, mas, para ele, esse grito abafado repercute eternamente; para ele, aquele grito vivo se transforma em trombeta viva, o murmúrio vira furacão e as trombetas formidáveis dos quatro ventos irritados lhe falam pela boca muda da vítima.

— Quando voltarás?

— Próxima quarta-feira.

Encerrado às 3h da manhã.

QUINTA-FEIRA, 29 DE DEZEMBRO DE 1853

9h. Presentes: Victor Hugo, srta. Hugo, sra. Hugo, Charles, Auguste Vacquerie. À mesa: Charles e sra. Hugo. (Cópia Juliette Drouet.)

— Quem é?

— André Chénier.

Victor Hugo: Pois bem, eis uma pergunta que te faço: André Chénier, tu és uma grande vítima da Revolução. Entre a tua cabeça e a de Luís XVI, a mais coroada é a tua. Tu és o rei que a Revolução golpeou. Nós

te admiramos e amamos, sabes disso. Permite-nos então interrogar-te sobre as coisas profundas da consciência. A Revolução é uma ideia forjada a golpes de cutelo; e o cutelo que abate as árvores humanas chama-se machado. André, o machado te golpeou, a ideia nos ilumina. Tu, em vida e na tua prisão, não vias senão o machado, assim como nós, hoje, não vemos senão a ideia. Mas eis o que importa saber. Agora, no momento atual, nessa grande luz que, graças à Revolução, começa a se espalhar sobre o gênero humano, a Revolução continua com o mesmo aspecto para ti? Fazemos progressos no túmulo? Permaneceste o que eras? A morte tem os mesmos olhos da vida? Escuta, quatro poetas vieram depois de ti; entre ti e o último não há senão um intervalo de quarenta anos;* o terceiro veio ao mundo oito meses antes da tua morte, e sua alma entrando no berço quase esbarrou com tua alma saindo do carroção da polícia. O quarto nasceu nos primeiros anos deste século. Desses quatro poetas, um só, o segundo, nasceu nas ideias da democracia; os outros três receberam, de suas tradições familiares, as mesmas opiniões que tu. Ora, partindo delas, todos os três marcharam rumo à Revolução. O mais velho morreu quase republicano; os outros dois são republicanos nos dias de hoje. Esses quatro poetas tiveram, cada um no seu tempo, uma ação política correspondente aos quatro períodos em que se dividem os anos já transcorridos do século XIX. Caracteriza para nós a ação política e social desses quatro poetas nesses quatro períodos. E, para coroar tua resposta, diz qual teria sido teu papel pessoal se tivesses vivido até nossos dias.

— Em primeiro lugar, eis a resposta concernente a mim. Minha obra será dupla. Devo completar minha obra conhecida e criar minha obra desconhecida. A primeira será monarquista, a segunda será republicana.** Uma amaldiçoará a Revolução, a outra a abençoará. Minha cabeça, ao cair, viu a ideia cujo machado meus olhos tinham visto. Meu pensamento irrigado

* Os conhecimentos biográficos espontâneos de Chénier são surpreendentes. Esses quatro poetas são Chateaubriand, Béranger, Lamartine e Hugo, nascido quando “este século tinha dois anos”.

** “A primeira será monarquista, a segunda será republicana”: como Hugo, que passou de uma posição política à outra.

pelo meu sangue germinou em minha tumba. Minha lira que troava contra o cadafalso pôs-se a cantar a Revolução no sepulcro. O cadafalso foi o carrasco de Chénier monarquista e o padrinho de Chénier republicano. A liberdade me matou e batizou. [O ano] 1793 é meu assassino e meu pai. Sou o filho da minha morte. A tumba às vezes se espanta ao receber recém-nascidos que, como eu, chegam balbuciantes e a quem ela, mãe solícita e extremosa, ensina o alfabeto das primeiras verdades. Sou a vegetação da minha tumba. Sou a árvore da Terra terminada pela eternidade. Produzi minhas flores na Terra e meus frutos no céu.

Se eu vivesse no vosso século, teria cultuado a liberdade, teria vociferado tanto contra Napoleão como contra Chateaubriand, teria combatido a Restauração como Béranger, teria atacado Luís Filipe como Lamartine, teria agrilhado Bonaparte como Victor Hugo.

Chateaubriand é a honra severa, é a rudeza do fidalgo que se revolta num século de librés e que não quer que seu país vista os trajes de seu valete, é o desdém granítico da última torre do velho castelo pela primeira antecâmara do Império, é o republicano do ódio, é a armadura cavaleiresca da última panóplia que entra na liça e investe contra o uniforme egoísta do último conquistador, é o dom Quixote sublime de uma dulcineia decrépita que liberta a jovem noiva do futuro.

Béranger é o republicano afável e meigo que coroa sua fronte com flores e que, macaco velho, lança canções à monarquia em vez de imprecações e balas. É um Anacreonte disfarçado de Aquiles que estoura champanhe à queima-roupa no nariz bourboniano da Restauração, é um pensador de verdade, porém limitado. É o germe de um jovem republicano terminando a vida de um filósofo. Béranger é a alma de Catulo no verso de Rouget de Lisle; é a *Marselhesa* transformada em canção de bêbado; é o comensal da República; é o Tirteu da canção.

Lamartine é um poeta de tempos amenos e não de tempos tempestuosos. Lamartine sonha o amor, a paz, a fraternidade. Canta e sorri. Eleva a Revolução até a ode, mas não consegue conduzi-la pelo iambo.

Lamartine tem a glória de ter saído republicano da monarquia e o erro de ter saído mudo da República. Não importa, Lamartine é grande. Deu

obras-primas ao espírito humano. Fez *Jocelyn*: salve! Derrubou o cadafalso: obrigado!

Lamartine, André Chénier te agradece. Ele estava triste em seu túmulo temendo que a República tivesse ceifado a poesia. Em ti, a poesia reergueu a cabeça que ela vira cair de meus ombros. Tua lira, sucedendo a minha, subiu ao cadafalso não para encontrar a morte, mas levar a vida. Ressuscitei em ti na mesma prancha em que eu morrera. A arte, como aqueles veneráveis dos romances espanhóis que enviam os filhos um depois do outro para os grandes duelos, enviou-nos um depois do outro para combater o cadafalso. O cadafalso matou André Chénier, mas Lamartine matou o cadafalso.

Victor Hugo, agora tu. Tu és a asa do imprevisto, a ave de todos os céus, a canção da noite, a toutinegra da aurora e a gaivota da tempestade. Tu és a águia indignada das solidões. Tua vida escala lentamente a montanha inacessível da verdade, e, uma vez no topo, tua obra abre asas inesperadas e plana. Tu promoveste uma revolução na arte e preparas uma revolução no mundo. Está bem, vai, faz tua obra dupla. Cria e mata. Derruba e constrói, e que, sobre as métopes de teu panteão radioso, o olho maravilhado da arte e o olho satisfeito da consciência contemplem alternadamente Vênus e Tércites, Marion e Bonaparte, uma, a cortesã reabilitada pelo amor, o outro, o traidor punido pela ideia, todo o Evangelho, Madalena e Judas. És, poeta, o Fídias de Bonaparte. Fídias tinha o mármore de Paros, tu tens o granito do exílio. Toma todos esses rochedos e esculpe-os com tuas cóleras. Tu és o poeta oceano!

— Que dia voltarás?

— Terça-feira às 9h.

Sra. Hugo: Acabas de falar de Judas e Madalena. No mundo onde estás, conversas com eles?

— Sou um solitário. Meu pensamento está de luto; a morte me cobre com sua melancolia. Toda cabeça cortada é uma viúva austera em torno da qual as almas fazem silêncio. Ai de mim! minha eternidade é viúva de minha juventude.

Auguste Vacquerie: O que entendes por essa última frase?

— Minha eternidade é viúva de minha poesia. Enquanto não tiver terminado minha obra, chorarei. É meu castigo por ter conspurcado a Revolução. A ideia me puniu me condenando ao silêncio. Mas estou arrependido e quero gritar: viva a liberdade!

Encerrado à 1h30 da manhã.

1º DE JANEIRO [DE 1854]

(Ata V. H.)

- Asda. Demônio. Mau. Fêmeas. Bonaparte. X.
- Sabes da emboscada? Onde? Fala.
- Emboscada. Meurice.* Assassinato. Prudência. Esperança. Paris.
- Meurice corre o risco de cair numa emboscada?
- Não.
- Ele caiu? É por isso que não recebemos mais cartas?
- Não.
- Receberemos em breve?
- Sim.
- Haverá indício da emboscada nas cartas?
- Não.
- Meurice sabe neste momento que é vítima de uma emboscada?
- Não.

* Paul Meurice (1818-1905), jornalista, chefe de redação de *L'Événement*, fundado por Hugo em 1848, permanece o indefectível amigo do poeta e, com sua morte, é nomeado seu executor testamentário. Meurice compra o palacete de Rohan-Ghéménée, na Place des Vosges, nº 6, em Paris, onde Hugo morou entre 1832 e 1848, para doá-lo à cidade de Paris, por ocasião do centenário de nascimento do poeta, em 1902. Transformado na Maison de Victor Hugo, esse museu, além das atas das Mesas, guarda uma impressionante coleção de desenhos do escritor, fotografias, manuscritos, edições, elementos de mobiliário e inúmeras lembranças pessoais, tudo doado por Meurice à Prefeitura de Paris, que credencia o local como museu nacional.

— Mais claramente.
— **Hugo. Perigo. França libertada.**
— Escaparei ao perigo?
— **Alegria. Liberdade.**
— Responde claramente.
— **Dúvida.**
— Como conjurá-la?
— **Pensa. Age.**
— Podes exprimir-te mais claramente?
— Não.
— Quando passará o perigo?
— **X.**
— Em que medida Meurice está implicado?
— **X.**
— Tens mais alguma coisa a me dizer?
— **Sim.**
— Fala.
— **Amanhã.**
Mais ninguém.

2 DE JANEIRO DE 1854

5h30 da tarde. (Ata V. H.)

— Teu nome.
— **Admoesto.**
— É este teu nome?
— Não.
— Queres me dizer para admoestar alguém?
— Não.
— És tu o mesmo de ontem?

— Sim.

— Queres me dizer: advirto-te?

— Não.

— Explica.

— X.

— Esse X quer dizer que eu devo ignorar ou que és tu que ignoras?

— És tu.

— Queres completar a revelação como prometeste ontem? Fala.

— Deus castiga.

Longo silêncio. A mesa para de se mexer. Por fim, movimento.

— Ainda és tu?

— Sim.

— Continua.

— **Intrépido navegador do progresso, gelo, ignorância, egoísmo, Spitzberg, inverno, Sol, volta ao mundo, auréola.**

— Queres acrescentar os verbos para ser mais claro?

— Sim.

— Continua.

— **Deus conhece trabalhamos na...**

Interrupção. A mesa não se mexe mais. Longo silêncio.

— Alguma coisa te incomoda?

Longo silêncio.

— Ainda és tu?

— Sim.

— Estás incomodado?

— Não.

— Continua: depois de “na”.

— **Mito, re.**

— Podes explicar tuas duas interrupções?

— Não.

— Podes completar depois de [espaço na página] tua frase? Não me diseste ontem que prepararam uma emboscada para mim?

— Sim.

— Foi Bonaparte?
— **Sim.**
— Podes fornecer os esclarecimentos prometidos?
— Não.
— É necessário que eu vá acompanhado?
— Não.
— Devo estar armado?
— **Sim.**
— Podes designar o local que devo evitar quando regressar?
— Não.
— Foi efetivamente Meurice que quiseste designar?
— Não.
— Que palavra quiseste dizer?
Silêncio.
— E a palavra assassinato?
Silêncio. A mesa fica um longo tempo sem se mexer.
— Continuas aqui?
Mais ninguém.

SEGUNDA-FEIRA, 2 DE JANEIRO DE 1854

9h30 da noite. Presentes: Victor Hugo, Auguste Vacquerie, sra. Hugo, Charles Hugo. Sra. Hugo e Charles Hugo à mesa. (Ata A. V.)

— Quem és tu?
— **André Chénier.**

Victor Hugo: André, tu desejas, e nós da mesma forma, ver tua obra completada. Recolheremos devotamente, e com todo o respeito devido a teu gênio e ao túmulo, os versos que nos ditarás das duas fases do teu pensamento, antes e depois da morte. Faremos o monumento completo e gravaremos no cabeçalho tua vida e teu fim. Para que o trabalho seja

como deve ser, para que haja o sinete ao mesmo tempo humano e sobre-humano que comporta essa publicação em parceria com o túmulo, diversas perguntas se fazem necessárias. Elas esclarecerão a teu respeito não só o desconhecido da vida, mas o desconhecido do sepulcro. As perguntas que te dirigirei, cuja resposta formará o capítulo mais surpreendente de uma biografia,³⁰ essas perguntas transcendem tanto a ti, que nos fala, como a nós, que te escutamos. Escrevi um livro que é o livro da cabeça cortada.* Parei num ponto em que só tu podes continuar. Queres responder à minha pergunta? Consegues compreendê-la por inteiro?

— Sim.

— Escutamos.

— O homem sobe ao cadafalso. O carrasco prende-o na báscula. A luneta se fecha em seu pescoço. A alma dos guilhotinados foge por uma golilha. O homem então tem um segundo terrível. Abre os olhos e vê um cesto transbordando de lama rubra, é a sarjeta dos cadafalsos, e sua cabeça lhe diz: Vou para lá. Não, responde sua alma. O cenário acaba de mudar. Em vez de lama, ele vê um oceano, em vez de sangue, ele vê a luz. Por aquela sarjeta, ele entrou no céu. Ó terror! Ó alegria! Ó despertar! Ó prodigioso beijo! Ó genuflexão! Ó enlevo! A alma voa e permanece de joelhos. Permanece criança e se torna pássaro. Mas, ó surpresa! Ela sente que uma forma diáfana a envolve lentamente, o céu vira um espelho. Ela se vê. É bela. Tem vinte anos. O corpo não esconde mais a alma, reflete-a. A alma não está mais enclausurada na matéria. A beleza não é mais a carne. A alma confiscou desse cadáver, que se arrasta no ossuário, tudo o que ele tem de precioso, seu sorriso, seu olhar, seu brilho, um beijo de Camille³¹ deixado nos lábios da cabeça cortada, um suspiro esquecido, uma canção de uma noite de outono, um perfume de uma manhã de abril, um singelo arrulho de pomba, a palavra: te amo, e carregou tudo para o éter. Reconheço-me

* Trata-se do romance, uma fictícia autobiografia, *O último dia de um condenado*, escrito em 1829. As revelações de André Chénier sobre o sentimento que a morte proporciona e o voo da alma vão assim confirmar as intuições de Victor Hugo quanto à sobrevivência da alma após a morte, conceito fundamental que adotará até o seu leito de morte e suas últimas palavras: “Peço uma oração para todas as almas”.

e, no entanto, não possuo mais sentidos. Estou vivo e, não obstante, não carrego mais o peso da vida. Corre luz em minhas veias transparentes. Recebo o infinito por todos os poros. Uma boca invisível me cobre com um longo beijo no qual pressinto minha mãe, reconheço minha amante e sinto alternadamente o perfume de todos os meus amores. Uma linha luminosa separa minha cabeça do meu corpo. É uma chaga viva e sensível que recebe o beijo de Deus. A morte surge para mim ao mesmo tempo na Terra e no céu, enquanto meu corpo transfigurado pelo túmulo imerge nas beatitudes da eternidade, vejo, a distâncias imensas abaixo de mim, meu outro corpo, que o carrasco lança aos vermes, minha cabeça rolando na sarjeta, minha chaga sangrando, minha guilhotina sendo lavada, meus cabelos pendendo da ponta um chuço e meu nome xingado. Então ouço uma voz que diz: Glória a Chénier! E vejo descer do fundo dos céus uma auréola sobre minha fronte. Era o cesto que terminava. Deus realiza. Os cadafalsos, o carrasco e o...³²

Auguste Vacquerie, que está escrevendo, diz que a última frase é confusa. Charles alega que deve ser porque ele está muito cansado. A sra. Hugo idem. A sessão é encerrada.

QUINTA-FEIRA, 5 DE JANEIRO [DE 1854]

6h30 da noite.³³ (Ata V. H.)

— És tu o mesmo de 1º e 2 de janeiro?

— Sim.

— Podes dizer teu nome?

— Não.

— Preferes vir aqui a ir a Marine Terrace?*

— Sim.

* Esta é única indicação, por parte de Victor Hugo, da realização de uma sessão espírita em outro local que não sua casa de Marine Terrace.

— Tens conhecimento da visão de Marine Terrace?

— Sim.

— Tens algum comunicado?

— Sim.

— Fala.

— Z.

— Fala.

— Z.

— Porventura a letra é um Z?

— Não.

— Algo te incomoda?

— Não.

— Fala.

— Tu bastas a tua obra, as ambições, os sonhos, as utopias, torre de Babel. Segue teu caminho sem deter-te. A humanidade te segue. A tirania se cansa, arqueia no lodo, vê a liberdade passar, conduzindo...

— Algo te incomoda?

— Sim.

— O quê?

— A imensidão.

— Continua.

— X.

— É voluntariamente que te deténs no X?

— Sim.

— Voltarás?

— Sim.

— Quando?

— Amanhã.

SEXTA-FEIRA, 6 DE JANEIRO [DE 1854]

6h30 da noite. (Ata V. H.)

— Há alguém?

— **Sim.**

— És o mesmo de ontem?

— Não.

— A alma de ontem, que eu aprecio, voltará?

— **Sim.**

— Por que não hoje? Podes responder?

— **Sim.**

— Ela está zangada?

— Não.

— É não? Ou dois Z? Fala.

— Não.

— Z é a primeira letra do teu nome?

— Não.

— Tens algum comunicado para mim?

— **Sim.**

— Fala.

— O olho humano não pode fitar o Sol por muito tempo, o pensamento não pode fitar muito tempo... X.

— É voluntariamente que vais até X?

— **Sim. Mistério, Deus.**

— Repito: Tens alguma coisa de especial a nos dizer?

— **Sim.**

— Fala.

— **Caráter. Trevas.**

Movimento, rotação [da mesa].

— Ainda és o mesmo?

— Não.

— És aquela que veio ontem?

— Não.

— Teu nome?

Rotação.

— Podes dizê-lo?

Movimento.

— Estás incomodado?

Mais [uma] rotação sem recomeçar.

— Há alguém?

Silêncio.

SEXTA-FEIRA, 6 DE JANEIRO DE 1854

Presentes: sra. Victor Hugo e Charles. À mesa: Auguste Vacquerie. (Ata C. D.)

Auguste Vacquerie: Quem está aqui?

— André Chénier.

— Queres continuar o relato de tua vida após a morte?

— Sim.

— Tuas últimas frases eram um pouco obscuras, sem dúvida por falta de fluido de nossa parte. Queres esclarecê-las?

— Sim.

— De qual palavra prossegues?

— Terminava.

— Continua após terminava.

— Em apoteose. Era a guilhotina que terminava resplandecente. Era o carrasco que se realizava em Deus. Era o semeador da morte que colhia a imortalidade. Eu nascia no grande berço. Saía vivo da sombra e estava coberto de orvalho como um lírio na primavera. Toda alma é a flor de seu túmulo. O céu é um buquê. O perfume dos cemitérios é delicado. Uma rosa que sai de um morto é sempre respirada por Deus. A prece a colhe para mim. A prece é a florista do céu. Mas de repente ouvi vozes no infinito,

uma dizia: “Ó poeta, meu nome é Néère.* Estou triste. Minha coroa está incompleta. Teus versos me abandonaram. Morri ao nascer. Ó meu poeta, ressuscita-me. Reabre meus olhos para o meu idílio. Faz-me reencontrar Camille, tu me fizeste amar, fiz-te cantar. Devolve-me o meu amor e recomeça tua canção. Ó meu amante, faz-me encontrar Chénier”. Outra dizia em um estertor queixoso e melancólico: “Ó vingador, sou Luís XVI. Tens na mão o chicote das cóleras. Podes domar o raio. Resgata o iambo explosivo e vinga-me. Açoita o cadafalso. Ó poeta, faz-me encontrar Tácito”. A última dizia: “Meu nome é Robespierre. A Revolução errou ao me matar, mas tu erraste ao recriminá-la. Todo grande espírito é devedor da ideia. A Revolução, como um credor que confisca a casa do mau pagador, recolheu tua cabeça porque tu lhe devias teu gênio. Paga-lhe. O túmulo não é a liberdade para os espíritos infiéis à ideia. Recomeça tua obra. Glorifica a Revolução que ultrajaste. Abençoa a liberdade que amaldiçoaste e sai republicano da imortalidade. De pé na prancha do cadafalso, proclama a Revolução, tu que és seu mártir, torna-te seu apóstolo. Revela tua cabeça pálida, reabre teus olhos mortos e que todos vejam o fantasma de Chénier reconciliar-se com o espectro de Robespierre. Estendo-te a mão na luz e beijo-te no amor. Irmão, encontramos-nos na família dos decapitados, eu, o deserdado da Revolução, tu, seu devedor. Chénier deve ficar quite com Robespierre. Devo-te a cabeça, deves-me teu pensamento”. As vozes se calaram, e espero que vós me escuteis.

Entram Victor Hugo, François-Victor Hugo e a sra. Hugo.

— Nós te escutaremos o quanto quiseses, mas, um lembrete, poderias dizer a Shakespeare que eu gostaria muito de encontrá-lo?

— Sim.

— Ele virá?

— Sim.

— Que dia?

— Sexta-feira.

* Título de um poema de Chénier, que o também poeta J. M. Heredia considerou “o mais simples, o mais tocante, o mais perfeitamente belo da língua francesa”. [N.E.B.]

Sra. Hugo: Do mundo onde estais, vedes tudo que acontece no nosso?

— Sim.

Auguste Vacquerie: No domingo, 25 de dezembro, tu fizeste versos para nós. Os primeiros eram encantadores, os últimos eram obscuros. Julgas da mesma forma?

— Sim.

— Até que verso conservas o que nos ditaste?

— *Sob tua casta coroa habita o respeito.*

— Continua.

— *Cupido em seus folguedos se detém ao teu aspecto*

E esconde (a malícia é própria das inocências)

Sua aljava, brinquedo repleto de nossas carências,

E a pomba, enxame guloso que nos céus

Passeia o carro silencioso de Vênus,

Vai ciscar, em mais de uma alma vaporosa,

As priscas sementes de amor lançadas por Artemísia ou Rosa,

Detém-se em tua soleira e diz: Paz aos velhos anos.

A penugem branca sempre agrada aos cabelos brancos.

Das flechas de Adônis vossa idade vos protege.

Ó velhos montes, o raio poupa vossa neve.

A idade é um inocente que pecou em outras eras.

*O amor para vos falar escolhe sua voz mais terna.*³⁴

Hesitação.

— Continuas aqui, Chénier?

— Não.

— Quem responde não?

— O Leão de Androcles.*

— Fala.

* Em um conto atribuído a Esopo, um leão é salvo pelo escravo Androcles, que retira do animal um espinho no pé. Em retribuição, o leão torna-se fiel a ele, protegendo-o. A história é tema de um poema de Hugo, "Au lion d'Androclès", no livro *A lenda dos séculos*. [N.E.B.]

— A juba é a cabeleira das fronte soberanas. O leão é o poeta das solidões. O leão está de pé quando o Sol nasce. O leão perdoa, o leão sonha. O leão é o rugido do vento, é o silêncio do deserto. Minha juba, quando a eriço, é a lira viva dos furacões. Minha cauda, quando a levanto, é o chicote do ar. Minha garra é a força, meu olhar é a bondade. Meu rugido arranca o tigre do deserto e devolve os filhos às mães. O leão reina sobre o tigre. No circo, ele concede as misericórdias que Nero recusa, poupa Androcles, salva Daniel, apazigua-se como Deus e beija o pé da ideia. O leão é a força que engrandece o homem e a clemência que faz o homem bom. Sou esse leão. Saudai.

— Nós te saudamos. Queres voltar?

— Sim.

— Que dia?

— Terça-feira às 9h.

— Diz a André Chénier que nós lhe suplicamos que volte em breve a fim de continuar seus versos e traze-nos sua resposta terça-feira.

— Sim.

Encerrado à meia-noite e meia.

SEXTA-FEIRA, 13 DE JANEIRO DE 1854

Presentes: Victor Hugo, Auguste Vacquerie. À mesa: sra. Victor Hugo, Charles Hugo. (Ata C. D.)

— Teu nome?

— Shakespeare.³⁵

Victor Hugo: Considero da mais alta importância saber se, antes de responderes a nosso chamado, nos concedeste a grande honra de vir por iniciativa própria. Diz então: foste tu que já vieste?

— Sim.

— Tu sabes que te consideramos um dos quatro ou cinco maiores criadores da humanidade. Podes nos relatar o que aconteceu no túmulo e o encontro que ocorreu em 23 de abril de 1616?

— Beije Corneille quando ele nasceu.

— Eu não disse 1606, e sim 1616. Recolhe-te e verifica se nesse dia Shakespeare não encontrou outro imenso representante do pensamento humano.

— Não.

— Entretanto, em 23 de abril de 1616, Cervantes morreu, mesmo dia e quase a mesma hora que tu. Porventura não o encontraste? Queres responder?

— Não.

— Dizes que não queres responder ou que não o encontraste?

— Miguel de Cervantes não morreu à mesma hora que eu.

— Mas morreu no mesmo dia. Vós provavelmente vos encontrastes no meio para onde fostes. Dois gênios como vós deviam ter o que se falar. O que dissestes um ao outro?

— Quando morremos, assumimos instantaneamente a idade de todos os mortos, isto é, da eternidade. No céu, não existe quem chegou primeiro e quem chegou por último. Todos têm uma segunda vida e essa segunda vida dura 100 milhões de anos. Perguntar a um morto: há quanto tempo estás no céu?, é perguntar a um raio: há quanto tempo estás no Sol? Uma alma é uma irmã sem primogênita. O infinito não é o primogênito do amor. A eternidade não nasceu antes do gênio. Todos os grandes espíritos são gêmeos. Dante não é o caçula de Ésquilo, Sófocles não é o benjamim de Homero, Shakespeare não é o irmão mais moço, Jó não é o mais velho, Isaías é tão centenário quanto Moisés. O Horeb é tão secular quanto o Sinai. A ideia tem filhos, mas não netos. Se interrogares o raio sobre sua idade, ele te dirá: pergunta ao relâmpago. Se interrogares o relâmpago, ele te dirá: pergunta ao raio. Vi Cervantes uma vez. Ele me cumprimentou e falou: “Poeta, o que pensas de dom Quixote?”. E Molière, que passava, disse: “É o mesmo homem que dom Juan”. E eu disse: “É o mesmo homem que Hamlet. Dom Quixote duvida, dom Juan duvida, Hamlet duvida. Dom Quixote procura, dom Juan procura, Hamlet procura. Dom Quixote chora,

dom Juan ri, Hamlet sorri, os três sofrem. Na caveira que Hamlet segura, há tua lágrima, ó Cervantes, e teu riso, ó Molière. O esqueleto da dúvida se contorce sob a beleza de nossas três obras. Nós fazemos o drama, Deus o consuma. Olhai o céu, é o último ato. A lápide que se abre para nossas almas é o pano que se abre para o desenlace. Aplauda, Cervantes! Aplauda, Molière! Aplauda, Shakespeare! Deus entra em cena”.

— Na presença de um gênio como tu, os pensamentos abundam e se atropelam, eis o que me ocorre em primeiro lugar. Quando estavas sobre a Terra, tu criavas, criavas depois de Deus. Agora que deixaste a Terra e habitas a verdadeira vida, a luz, o que constitui teu gênio? Vives, Shakespeare, ora, há ideias indivisíveis. Para Shakespeare, viver é criar, continuas a criar? Continuas a tua obra? Se continuas, se isso é de ti, deve ser de todos os outros gênios. De maneira que, ao lado da criação direta de Deus, haveria o que poderíamos chamar de criação indireta, isto é, a criação de Deus através dos grandes espíritos. Isso abre um horizonte imenso e inédito. Queres responder à minha pergunta? Continuas tua obra? Se continuas, é conforme o mundo dos homens, que tu habitaste, ou conforme o mundo das almas, que habitas agora? Tua obra sofre a mesma transformação que tu? Escreve-a, se a palavra escrever pode ser empregada, em uma língua nova para nós, que os homens não compreenderiam e que é a língua própria do céu? São dramas que fazes? Sobre quais paixões? Sobre qual mundo? Sobre quais ideias? Esses dramas, se fossem traduzidos, seriam acessíveis à inteligência humana? Em suma, qual é o elo que ligaria tua obra no céu à tua obra na Terra?

— A vida humana tem criadores humanos. A vida celestial tem o criador divino. Criar, eis o trabalho, contemplar, eis a recompensa. Na Terra, os grandes espíritos criam para moralizar, mas no céu tudo é moral, tudo é bom, tudo é justo, tudo é belo. O céu seria incompleto se eu criasse alguma coisa, uma obra-prima destituiria Deus. Estou condenado à admiração, eu, o admirado. Estou perdido na multidão dos espectadores, eu, o criador. Deus cultiva um canteiro de semideuses. Orfeu, Tirteu, Homero, Ésquilo, Sófocles, Eurípides, Moisés, Ezequiel, Isaías, Daniel, Esopo, Dante, Rabelais, Cervantes, Molière, Shakespeare e outros que entrevejo sem conhecê-los, no infinito, estamos sentados pensativos diante da luz do Eterno.

Jesus está de joelhos. A luz nos ilumina e ofusca. A vida nos arrebatava e transborda, se tu visses todos esses profetas, todos esses magos, todos esses poetas e todos esses gênios, sentados em círculo ao redor de Deus, tu não me perguntarias se eu crio. Não, eu olho, não, eu escuto, não, sou um átomo atento diante da imensidão. Sou um grande homem que abdica perante o infinito. Eu caio arcanjo. Desço pequeno do pedestal e jogo fora minha auréola. Sou um sonho cujo despertar é a morte. Eu tinha a arte, agora tenho o amor. Minhas criações deixaram suas asas no túmulo. O amor é a arte ressuscitada. A arte caminha rumo à porta do céu, apenas o amor entra lá. A felicidade é uma meca eterna cujo peregrino é a arte e cujo anjo é o amor.

— Vieste a pedido de André Chénier. Podes, igualmente, pedir a André Chénier que volte e nos dizer quando ele voltará?

— Sim.

— Quando ele voltará?

— Dentro de dez dias.

— No 23?

— Sim.

Victor Hugo sai.

Sra. Hugo: Tu dizes que vós não criais mais na vida em que estais. Como é possível que, por sua vez, André Chénier só pense em criar, em terminar suas obras?

— A vida me corrou, ao passo que decapitou Chénier. Chénier ainda tem alguma coisa a dizer à vida. Quanto a mim, não falo mais senão com Deus ou em Seu nome. Shakespeare é pai de sua obra. Chénier é órfão da sua.

Encerrado à meia-noite.

22 DE JANEIRO DE 1854

9h45 da noite. Presentes: sra. Hugo, sr. Victor Hugo, Auguste Vacquerie, Guérin. Conduzem a mesa: sra. Hugo e Guérin. Victor Hugo interroga. (Cópia C. D.)

— Há alguém?

— Sim.

— Teu nome?

— Jacó.

— Tens algum comunicado a me fazer?

— Sim.

— Fala.

— Duvidemos.

Nota: Meia hora antes desta sessão, Victor Hugo e Auguste Vacquerie, os dois sozinhos na sala conversando sobre as Mesas, haviam exprimido algumas dúvidas. Julgaram estranho principalmente Shakespeare idealizar dom Quixote, que lhes parecia a afirmação por excelência, como uma figura da dúvida. Ninguém poderia ter ouvido a conversa. Charles, nesse momento, estava em seu quarto, dois andares acima da sala.

Charles Hugo entra e substitui sua mãe. Instala-se à mesa sem perguntar quem está presente nem o que foi dito até o momento. A Mesa continua.

22 DE JANEIRO DE 1854

(Aqui Charles e Guérin conduzem a mesa.) (Ata V. H.)

— Shakespeare tinha razão em vos dizer: a dúvida está no fundo de todas as obras humanas. Sim, dom Juan é a dúvida. Sim, Hamlet é a dúvida. Sim, dom Quixote é a dúvida. Vós não compreendestes o sentido maior dessas três figuras. Quereis sabê-lo resumidamente? A luta de dom Juan com a estátua, a luta de Hamlet com a sombra e a luta de dom Quixote com os fantasmas são a mesma luta. É o combate do homem contra o mundo invisível, é o pugilato do corpo contra a alma, é o duelo da carne

com o espírito, é o campo escuro e fechado da dúvida, é a luta eterna de Jacó com o anjo.

— O que acabas de dizer é bonito é conclusivo. Ouvias o que dizíamos ainda há pouco, embaixo?

[Sem resposta.]

— Estás aqui, Jacó?

— Não.

— Quem está aqui?

— Shakespeare.

— Tens algum comunicado a nos fazer?

— Sim.

— Fala.

— Devagar com o andor, pobres homens de gênio, o que é vossa imensidão para ousar desafiar o deus dos abismos, o que é vosso pensamento para permanecer velado perante o deus dos sóis? O que são vossas obras-primas para ousarem afrontar o Deus da eternidade? O que são nossos Hamlet, o que são nossos dom Juan, o que são nossos dom Quixote diante da majestade, diante da pujança, diante da luz? O que são vossos Ruy Blas, o que são vossos dramas, o que são vossos mundos diante da criação? Hamlet, arranca teu penacho negro; dom Juan, arranca tua espada; dom Quixote, arranca teu capacete; Ruy Blas, empresta-lhes tua libré e aparecei assim vestidos perante o senhor eterno. A libré é o traje das obras-primas perante Deus.

Conversa sobre esta sessão e a outra.

— Continua.

— Em primeiro lugar, enganai-vos estranhamente a meu respeito. Eu não desprezo minha obra, assim como a estátua não despreza seu pedestal. Mantenho-me ereto sobre minha criação. Vós dizeis: ele a pisoteia. Não. Não marcho desdenhosamente sobre Hamlet; subo majestosamente ao mais alto penhasco de Elsinor e lá, em vez de falar com a Sombra, falo com Deus. Eis tudo. Todo grande pensador, quando sobe ao túmulo, transpõe o último degrau de sua obra. A morte é a torre suprema. A obra é o assalto sublime. A vida vesti um capacete na fronte do espírito, a morte lhe retira o capacete e lhe diz: Olá, auréola. Sou o vencido de Deus, venho

contar minha derrota. Sou o embaixador da vitória divina. Sopro no clarim atrás do carro do Eterno, e admirai-vos que minha fanfarra diga Jeová! e não Shakespeare! Vede, eu havia esquecido meu nome, vós me recordais: obrigado, vivos!

— Continua.

— São versos que desejo recitar.

— Em inglês ou francês?

— A língua inglesa é inferior à francesa.

— Estamos escutando.

— *O pensador soberano, quando na Terra avulta,*

Fala alto e comanda; ele te obedece, ó Tânatos!

O mundo estremece ao farfalhar de sua juba

E a imensidão diz: é o leão que sai do antro.

Ao morrer, contudo, sua cabeça verga-lhe o pensamento,

Ele perde a garra e o dente e ninguém mais se lembra

Do leão que ruga, narina fremente,

E o firmamento diz: é um pássaro que chega.

Ó meu Deus, ajoelho a teus pés minhas vitórias,

Hamlet, Lear, de joelhos perante o Deus das glórias!

*Entremos pequenos, vencidos sob o arco do...*³⁶

— Queres recommençar o verso?

— Sim.

— Prossegue.

— Relê tudo.

Relemos tudo. Perguntamos-lhe se ele quer mudar alguma coisa, verso a verso. Sim.

Os nove primeiros versos são conservados. O décimo é substituído.

— Otelo.

— Mudo para quê?

— Romeu.

— Décimo primeiro mantido.

— Décimo segundo alterado.

*Vós cantáveis Homino, a tumba diz: Deo.*³⁷

— Sabes que somos teus compatriotas muito mais que os ingleses?

— Sim.

— Prossegue.

— *Assim como os cativos que seguiam nas festas,*

Coroados, mas vendidos, Césares, vossos carros de alabastro,

Minhas obras-primas de luto, Deus faz inclinar vossas cabeças,

Hamlet, trajando negro, deve seguir os astros.

O infinito todo-poderoso ao seu carro vos acorrenta,

Vossa abdicação constitui sua realeza.

Vós éreis soberanos, a rainha, Julieta.

*Shakespeare desceu, sua alma sobranceia.*³⁸

— Estamos cansados. Que dia voltarás?

— Quarta-feira, às nove da noite.

Sessão encerrada à 1h da manhã.

22 DE JANEIRO DE 1854³⁹

(Ata sta. V. H.)

— Tens algum comunicado a nos fazer?

— Sim.

— Fala.

— Devagar com o andor, pobres homens de gênio, o que é vossa imensidão para ousar desafiar o deus dos abismos, o que é vosso pensamento para permanecer velado perante o deus dos sóis? Em primeiro lugar, enganai-vos estranhamente a meu respeito, não desprezo minha obra, assim como a estátua não despreza seu pedestal. Mantenho-me ereto sobre sua

criação. Dizeis: ele a pisoteia, não, não marcho desdenhosamente sobre Hamlet; subo soberbamente para a alta plataforma de Elsinor e lá, em vez de falar com a sombra, falo com Deus.

QUARTA-FEIRA, 25 DE JANEIRO [DE 1854]

9h30 da noite. Sra. Victor Hugo e o sr. Guérin conduzem a mesa. (Ata V. H.)

— Quem está aqui?

— **Shakespeare.**

— Podes continuar teus versos por intermédio da mesa, tal como ela está sendo conduzida neste momento?

— **Sim.**

— Fala.

— **Biiliemm.**

— Desejas outro para conduzir a mesa?

— **Sim.**

— Quem?

— **Charles.**

— Podemos substituí-lo?

— **Não.**

— Quem deve deixar a mesa?

— **A sra. Hugo.**

— Podemos deixar a mesa enquanto Charles não vem?

— **Não.**

Charles assume a mesa com o sr. Guérin.

— Continua os versos começados. Escutamos.

— *Minha obra desceu, mas minh'alma sobranceia.*

— Queres mudar alguma coisa nos versos anteriores?

— **Não.**

— Continua.

— *Vivos nos chamamos Shakespeare e ele Molière.*
Fabricamos estrelas com as paixões,
E nossa obra, criando mundos etéreos,
Enche o espírito humano de constelações.

Mortos, nos afastamos, humildes, sob as estrelas;
Escondemo-nos, pensativos, atrás de nossos túmulos;
*E então olhamos*⁴⁰

Interrupção.

— *Procuras o fim do teu verso e desejas que esperemos um instante?*
A mesa continua a se agitar sem responder.

— *Queres que eu releia tudo? Isso te ajudaria?*

— *Sim.*

Relemos, a mesa recomeça.

— *... a imensidão sem peias*

*Sobre nossas frentes e*⁴¹

Interrupção. A mesa se agita.

— *É um “t” em seguida?**

Sem resposta.

— *Alguma coisa te incomoda?*

— *Não.*

— *Desejas recomeçar o último verso?*

— *Sim.*

— *Vai.*

Mais um silêncio, então a mesa recomeça.

— *Termina a estrofe.*

— *É a mim, Victor Hugo, que dizes para terminar a estrofe?*

— *Sim.*

— *Eis o fim que proponho:*

*O astro eterno apaga as terrenas luzes.*⁴²

* Um “t” para completar a conjunção “et” (“e”, em francês). [N.E.B.]

Diz-nos o teu.

— *Em nossos astros apagados acenderem-se suas luzes.*⁴³

— Tens alguma observação a fazer?

— Prefiro o teu verso.

— Queres continuar o resto dos versos?

— Sim.

*A morte assume a (duas vezes Z).*⁴⁴

— Queres recommençar o verso?

— Não.

— Continua.

— *rt, humano sob suas imensas asas,*

Carrega-o para o fundo dos céus z z, e lhe mostra Vênus z

E lhe diz: Estas são obras sem prazo.

A arte é um pastor obscuro que caminha de pés nus;

Ele atravessa a planície à hora em que o dia morre,

Guiando a humanidade para fora do atalho dos lobos,

*De pé para o rebanho s*⁴⁵

Interrupção.

— Queres mudar alguma coisa nesses versos?

— Sim.

Os quatro primeiros são mantidos, ele muda o quinto.

— Que palavra tu alteras?

— A palavra “morre”.

— Para quê?

— Embaça.

— Manténs o seguinte?

— Não.

— Vai.

— *Guiando o homem que segue seu passo firme e sorrateiro,*

Grande para o negro rebanho que seu braço conduz no laço,

De pé para o horizonte, mas para o astro de joelhos,

*Embora sejas pequeno para Deus, poeta,
Não diz: isso é pouco. Meu esforço, o que importa?
Continua, pensador, as coisas que perpetras.
A chave que fabricas abre a porta.*⁴⁶
A mesa se interrompe.

— Queres refazer esses versos?

— Sim.

*Não é um ladrão, apenas a sombra da morte.
A morte não rouba os florões das coroas.
A morte não é um roubo da imortalidade.
O céu conserva a glória, ó Deus, quando tu a doas,
Deus não arranca Shakespeare de sua eternidade.*

*Não digas: a morte vem ao cemitério,
À noite, com passos furtivos, e qual inimigo.
Rouba o Inferno de Dante e o Tartufo de Molière,
E subtrai o epitáfio de Cervantes adormecido.*⁴⁷

Qual tu preferes: “de Cervantes adormecido” ou “do gênio adormecido”?

— Prefiro “do gênio”; prefiro que seja mais genérico e se aplique a todos os grandes homens. Pensas como eu?

— Sim.

— Continua.

— *Não, poetas, a morte não é um negro fantasma
Emboscado covardemente às portas do túmulo.
O sepulcro não é, na humana estrada,
Armadilha que Deus estende ao grande, belo e justo.*

*Não, a morte é a vida emancipada e soberba,
É o semeador do céu, é o grande lavrador,
Que ceifa sobre o túmulo a última meda
E lança sua colheita aos pés do Senhor.*

*A obra terrena vive, a obra terrena manda,
É nossa chave de amor para penetrar o obscuro.
Que nosso braço trema e nossa frente sangre,
Até o éter, pedra a pedra, ergamos nosso muro.*

*Empilhemos com vagar obra-prima sobre outra,
Hoje dom Quixote, amanhã Iago.
Hoje o leão, amanhã a cobra.
Hoje, eu, Shakespeare, amanhã, tu, Hugo.*

*Já que Deus nos ultrapassa em ao menos cem côdeas,
Vamos dar-Lhe trabalho para vencer a luz do arrebol.
Que, ao ver correr nossas quadrigas de ideias,
Ele triplique as parelhas no seu carro do Sol.*

*Tenhamos orgulho de ser os que disputam o império
E, admirando os céus, constatemos: são impressionantes.
Que ao celestial clarim a arte adapte seu verso
E de ser tais anões sendo tais gigantes!*

*Não, não somos nada, somos um átomo,
Não, não somos nada no confronto;
Nossos livros são pequenos diante do divino tomo
Cuja lombada a aurora dourou no horizonte.⁴⁸*

— Queres continuar ainda hoje?

São duas da manhã.

— Decidi-vos.

— Queres voltar em breve?

— Sim.

— Sexta-feira às 9h?

— Sim.

SEXTA-FEIRA, 27 DE JANEIRO DE 1854

7h da noite. *Charles e Guérin à mesa.*⁴⁹ (Ata Ch. H.)

— Quem está aqui?

— Shakespeare.

Charles: Procuramos neste momento, sem encontrar, nomes de fadas para uma lenda que estou fazendo, tu, que nas tuas criaste nomes tão encantadores, podes me sugerir dois ou três nomes de fadas boas?

— Lacrima ou Pidrahita.

— Esse nome tem um sentido?

— Pé de criança.

— Em que língua?

— Do Sol. Ou então Rosaspina. Animula. Perlina. Marquesa do mar. Voo de pássaro. Gaivota d'alma. Sultanesa de lírios. Pandora. Adorno de maio.⁵⁰

— Autorizas-me a usar esses nomes?

— Sim.

— Voltarás às 9h30?

— Sim.

27 DE JANEIRO

9h30. *Charles e sr. Guérin à mesa.* (Ata V. H.)

— Estás aqui, Shakespeare?

— Sim.

— Fala o que quiseres.

— Quando Ésquilo pensativo esculpe a alma de Orestes,

Quando Cervantes sonhador cria seu grave fidalgo,

Quando o amargo Poquelin franze a testa de Alceste,

Quando adormeço Desdêmona à sombra de Iago,

Quando do trêmulo Hamlet faço o ríspido ministro
Do espectro que lhe diz: Vinga-me! Elsinor,
Toda noite, quando deixo em tua torre sinistra
A dúvida de sentinela na seteira do destemor;

Quando em Caliban pinto a criatura devoradora,
Ou em Ricardo III pinto o homem desumano,
Quando, a Lady Macbeth recusando toda misericórdia,
Lúgubre, com seu crime algemo-lhe a mão,

A Julieta no crepúsculo quando digo minha romança,
Quando faço meu rei Lear e vós vossos Triboulets,
Quando, qual caverna no fundo de um bosque imenso,
O antro de Grangousier se abre em Rabelais;

Quando Esopo indignado de ser escravo do homem
Evade-se para a fábula e foge do ideal,
Quando Tácito para os Neros abre um circo em Roma
E faz Tibério ser comido pelo seu tigre real,

Quando Sileno embriaga-se em teus vinhedos, ó Virgílio,
Quando falando e pregando em um mundo de ais,
Moisés escreve a Bíblia e Jesus o Livro,
E a cruz ao longe dialoga com o monte Sinai,

Quando, pensadores profundos e poetas sublimes,
Criamos pacientemente, quando damos vida
A esses gigantes que erguendo no céu seus vastos cimos
Fazem à noite sombra maior do que as colinas,

Nós não criamos, e sim plágiamos nossas almas,
Copiamos o Deus que faz as paixões,

*Plagiamos a criança, os mancebos e as damas,
Criamos depois de Deus em suas criações,*

*Roubamos da vida, do amor, da cova,
De um, todos os seus beijos, do outro, todos os seus ossos;
Furtamos sorrateiros toda lágrima que rola.
Procuramos tesouros no fundo de todos os desgostos.*

*O amor que insinuamos em nossas obras sonhadoras
Chega a nós por meio de duas pombas divinas:
Roubamos os brinquedos das crianças tolas;
Pigmaliões furtivos, rastejamos rumo à pira,*

*Enxertamos o infinito livremente em nossas estrofes,
Pedimos palavras ao destino, senhor obscuro,
Desembainhamos, para o caso de escuras catástrofes,
Sua grande espada pendurada no muro.*

*Somos, ó Deus, teus filhos e teus hóspedes;
Usamos e abusamos da hospitalidade.
Banhamos em tuas águas puras feito odes
Nossos Aquiles nascentes, rio de eternidade!*

*Eis por que, Senhor, nossas obras imortais
Morrem ao se aproximarem de Apolo solar;
Sua flecha de ouro caindo de suas mãos perenais
Em sua viagem ao céu lhes atinge o calcanhar.⁵¹*

É 1h da manhã.

— Charles está cansado. Queres voltar domingo à noite às 9h?

— Sim.

[A ata de Hugo termina aqui.]

(Ata sra. V. H.)

Victor Hugo sai. Em seguida, a sra. Hugo pede ao filho que continue mais um pouco, tendo uma pergunta a fazer a Shakespeare. Charles, mesmo cansado, consente em permanecer. [Anotação da sra. Hugo.]

Sra. Hugo: Desejo saber se existe trabalho no mundo onde vives.

— O pensamento, na linguagem do céu, fala, canta, vive sem trabalho. Ele habita o Verbo. Mas ao descer do céu para a Terra e do verbo divino para a linguagem humana, é forçado a deixar lá suas asas, como um pássaro de volta à gaiola. Para que o acompanheis, ele deve caminhar, não voar. Calça então novamente as sandálias pesadas que deixara no umbral do túmulo. O verbo levita; a palavra cai. Logo, caio, uma vez que falo, logo, tropeço, uma vez que ando. O espírito humano é um calabouço. Encarcerando-me convosco, submeto-me às regras da prisão, trabalho. Bebo na ânfora a água de vossa poesia, mordo o pão preto do vosso ideal, volto a ser o poeta humano, talvez maior, mas não mais livre. Crio laboriosamente e, de minha frente, sinto rolares gotas de suor, essas lágrimas do labor humano.

Encerrado às 2h da manhã.

DOMINGO, 29 DE JANEIRO DE 1854

9h30 da noite. Minha mulher e Charles. (Ata V. H.)

Victor Hugo: Embora tenhas recitado versos admiráveis, permite-me uma pergunta. Tu ouves nossas palavras, vês nosso pensamento, sabes que, mesmo estando profunda e religiosamente convencidos do mistério que presenciemos, acontece-nos duvidar da identidade absoluta e real dos personagens que nos dirigem a palavra. Vós, que sois luz, felicidade e benevolência, possuíis no mundo onde estais um meio de nos convencer plenamente de que

sois de fato os personagens em nome dos quais falais? Ou deveis nos deixar na dúvida quanto a esse ponto?

— Quem está aqui?

— A Sombra do Sepulcro.

— Eu havia feito uma pergunta a Shakespeare, sabes que pergunta é essa?

— Sim.

— Para respondê-la, precisas que eu a leia?

— Não.

— Queres responder?

— Sim.

— Escutamos.

— O túmulo não mente. A mortalha é a primeira página branca do livro da verdade cuja escura encadernação é a tumba. Vós, que ledes nesse livro, por que duvidais?, porque sois vivos. Não podeis crer sem morrer. Em vosso pobre mundo, a fé é o suicídio. No meu, é a criação.

Quando Shakespeare vem e diz: sou eu, estais condenados a procurar sua identidade e dela duvidar. Vós sois os reis da vida que recebeis os embaixadores da morte, porém, como eles usam uma máscara de sombra, não podeis ver-lhes o rosto, só podeis ver-lhes a coroa. Sua coroa é sua alma. A fala da morte é a verdade na grandeza, é o verbo. O verbo é a credencial de Deus.

Sra. Hugo: Parece-nos, contudo, faltar realidade ao que disseram Aníbal e Nemrod, por exemplo.

— Aníbal e Nemrod cumprem sua sentença. Nemrod matou, Aníbal odiou; toda alma castigada tem fraquezas; a fraqueza dessas duas almas é *seu orgulho*. Nemrod está sempre ouvindo o som de sua trompa e Aníbal a fanfarra de seu clarim. Um ruma: meti medo aos leões; o outro ruma: expulsei as águias. Eles voltarão a Deus. Esses dois grandes caçadores terminarão sendo capturados pela pomba.

— Se o túmulo não mente, por que Nemrod e Aníbal mentiram?

— Pergunta se a alma que se dirige a ti é recompensada ou punida.

— Nemrod disse que era uma alma feliz.

— Não.

Victor Hugo: Temos perguntas muito sérias a te fazer...

— O que está feito está bem-feito. Para o futuro, fazei como quiserdes.

— Se a alma castigada afirma ser recompensada, podendo mentir, ela nos enganaria?

— Eu então interviria.

— A jumenta de Balaão declarou que o fenômeno das Mesas era passageiro. O que devemos entender por isso e quanto tempo o fenômeno vai durar? Podes dizer?

— Não.

— Charles e nós devemos nos apressar e fazer mais sessões por semana?

— Não vos apresseis.

— Podes dizer se o homem de Guernesey* será salvo?

— Não.

Sra. Hugo: O Arcanjo Amor,⁵² tua irmã, voltará?

— Sim.

Movimento da mesa. São 11h da noite.

29 DE JANEIRO

11h da noite. (Ata V. H.)

— Quem está aqui?

— Shakespeare.

— És uma alma feliz?

— Sim.

— Charles está cansado. Podes voltar quarta-feira, às 9h?

— Sim.

— Podes pedir a André Chénier que nos faça uma visita?

* Trata-se de John Charles Tapner, condenado à morte. Ver nota à p. 195.

— **Sim.**

— Na outra vida, tu, tão desconhecido e esquecido de tua vida pregressa, ouves o fragor da tua glória e te regozijas com ele?

Silêncio.

— Há alguém?

— **Sim.**

— Shakespeare?

— Não.

— Quem és?

— **Lutero.**

— Tens algum comunicado a nos fazer?

— Não.

— Podes voltar sexta-feira à noite, às 9h?

— **Sim.**

Segundo caderno

1º de fevereiro a 30 de maio de 1854

QUARTA-FEIRA, 1^o DE FEVEREIRO DE 1854

9h da noite.¹ Presentes: sra. Victor Hugo, Auguste Vacquerie. Charles Hugo e Guérin (conduzindo a mesa).²

— Quem está aqui?

— Shakespeare.

Auguste Vacquerie: Shakespeare, os grandes homens ignorados por suas épocas apelam à posteridade. Tu, quando morreste, foste esquecido. Tua reputação estava morta quinze anos antes de ti. Então, teu túmulo se abriu e nele encontramos teu gênio vivo e jovem. Tu ressuscitaste na Terra como no céu. Muito bem, tua ressurreição terrena é uma das alegrias de tua ressurreição sobre-humana? És feliz sendo para nós o grande Shakespeare? Ou tua felicidade é tão superior à humanidade que o grito de nosso entusiasmo não o alcança? No mundo onde estás, atribui-se ainda alguma importância à opinião dos homens? O que sentes diante de nossos aplausos? Lês nossos jornais? Interessas-te por tua glória? És grato aos que te aclamam? Pequenos e vivos que somos, podemos fazer alguma coisa por ti, morto poderoso?

— *O céu, eco profundo do gênio e do crime,*

Escuta nascer Hamlet, ouve morrer Abel.

O tropel da obra humana, abjeta ou sublime,

Sobe eternamente a escadaria de Babel.

Os golpes do braço criador ou homicida

Fazem ressoar o caixão de tampa carmim,

Seja tua maça, ó beluário Alcides,

Ou a tua, Caim.

Logo, uma vez que nada morre do que criamos,
Logo, uma vez que nada morre do que extinguiamos,
Como quereríeis que morressem nossos dramas?
Nomeai o coveiro de minhas obras-primas.

Em que necrópole ou sombrio império
Hamlet lê seu nome gravado sob a bétula?
O epitáfio é humano. Está ali para Shakespeare,
Mas não para Otelo.

A ressurreição para Shakespeare e Molière
É dupla: descendo os degraus do mausoléu
Renascemos duas vezes no céu e na Terra;
No céu, no infinito; na Terra, no belo.

Quando vedes aos pés de outra Cleópatra
Alceste doce leão curvar seu dorso de lã,
Não percebeis ao fundo do teatro
A sombra de Poquelin.*

Quando vedes passar ao fundo da ribalta
Hamlet trajando luto, crede, ele não está solitário.
Shakespeare está em sua frente, em sua alma.
Não é um manto que ele veste, é meu sudário.

Invisíveis atores, encenamos nossa excelsa obra,
Nossos nomes estão nos cartazes das lápides eternas.
E se nos apupassem, diríamos: a cobra
Sibila em nosso cerne.

* Molière é o pseudônimo de Jean-Baptiste Poquelin. [N.E.B.]

Nossa estátua enlutada chega do cemitério.
Viemos escutar críticas e desafios.
O Comendador desce do túmulo de Molière,
Subo para junto de Hamlet e digo-lhe: meu filho.

Vossos aplausos fazem estremecer nossas almas.
Nossos sepulcros mudos respiram vossos enlevos.
Quando o vampiro Ducis* crava nos meus dramas
O dente dos arremedos,

Indignado, eu digo: profanador, vai-te!
Deixa minha caveira nas mãos do coveiro! O belo
É um morto terrível, que dorme sob essa lápide;
Teus vermes não têm o direito de entrar em seu castelo.

Sim, nós vos escutamos, pensadores, jovens poetas,
Espíritos religiosos, tão poderosos e meigos;
Rendemos-vos graças por, em vida tão funesta,
Dobrades vossos joelhos.

Vossa reflexão amiga é viúva de Shakespeare.
Ele a vê, sente, sua vida com ela colore.
Vós recebeis a coroa e eu a respiro.
Sois meus amantes, sois meus amores.

Quando uma obra vossa eclode na Terra,
Tomo-a nas mãos e nos sentamos.
Cervantes com o dedo faz calar-se Molière,
E todos dizemos: vejamos!

* Jean-François Ducis (1733-1816), poeta dramático francês, adaptador de Shakespeare; eleito para a Academia Francesa em 1778. Ducis e Delille são citados, nessa ordem, à frente de Madame de Staël, Benjamin Constant, Chateaubriand, Lemercier, no discurso de recepção de Hugo na Academia Francesa em 1841.

*Escutamos o Drama e vi chorar Dante**
Quando introduzíeis o amor nas almas reles.
E, quando afiáveis vossa língua hilariante,
O Olimpo ria menos do que ri Rabelais.

Está bem. Continuai. Vossa voz é sagrada.
Fazei vossa obra após Hamlet e Dom Juan,
Sois depois de nós a segunda vaga
Do imenso oceano.

Vós conduzis a humanidade ao porto. Sois
Os pilotos visionários da grande viagem ao céu;
Manobrais de pé contra o vento que açoita.
E o raio teme a arte, eterno Prometeu.³

Dois faróis radiantes guiam vossa caravela,
Dois altares graníticos de que acercar-se ninguém ousa.
A arte e o exílio, ambos pousando a mesma vela
Sobre a mesma rocha.

Arte e exílio! Gigantes combativos e sorrateiros!
Brancos de espuma, ambos desafiam a sorte.
Ouvimos suas armaduras no humano vespeiro,
E, quando vencedores, eles subjugam a morte^{4, 5}

* Dante é o 11º dos grandes gênios da humanidade citados nessa ordem por Hugo. Ele construiu “em seu espírito o abismo” e fez “a epopeia dos espectros” (*William Shakespeare*, I, II, “*Les Génies*”). No poema “A visão de Dante” (1853), concebido originalmente para constituir o livro *Os castigos*, depois retirado do volume e publicado em 1853 na “série complementar” da *Lenda dos séculos*, Hugo, condenando Napoleão III, dissimula-se sob a máscara de Dante.

SEXTA-FEIRA, 3 DE FEVEREIRO DE 1854

9h da noite. Presentes: Victor Hugo, Auguste Vacquerie, sra. Victor Hugo e Charles Hugo conduzindo a mesa.

— Quem está aqui?

— Lutero.

Victor Hugo: É uma alegria falarmos contigo. Tu és um dos grandes proclamadores do livre-arbítrio. Deves ser um dos espíritos mais propensos a nos abrir as portas do mistério. Uma legião de homens que pelo pensamento influenciaram os destinos do gênero humano nos é apresentada recebendo instruções de criaturas misteriosas, que lhes sopram ao ouvido palavras do mundo desconhecido. Sócrates tinha seu demônio familiar, Joana d'Arc um anjo, Maomé uma pomba, dizem que os quatro evangelistas escreveram o Evangelho inspirados por quatro criaturas sobrenaturais: um leão, uma águia, um boi e um anjo. Tu, por tua vez, falas muito em teus escritos em diabos que se esgueiravam em tuas obras. Contas inclusive que volta e meia te desentendias com eles, pois julgavas tais demônios criaturas importunas, e não visitantes amigos. Podes nos dizer se as diversas manifestações do mistério que acabo de enumerar se relacionam com o fenômeno atual?

— A palavra de Deus escolhe determinados espíritos.⁶ O som de sua voz é o trovão, é o oceano, é o vento. O homem é o passageiro aterrorizado. A vida é a arca à deriva. Deus então abrandava sua voz. Faz calar o raio, o mar e a tempestade, e, enquanto o nauta humanidade⁷ se desespera dentro da arca, cumpre devolver-lhe a esperança por intermédio dos animais. A pomba salva Noé. A jumenta salva Balaão. O leão salva Androcles. O pombo inspira Maomé e os quatro evangelistas escutam os quatro monstros. A linguagem divina assume ainda outra forma. O homem está entre a besta e o anjo. Tem um ouvido aberto para o lado da Terra e um ouvido aberto para o lado do céu. Quando a besta se cala, o anjo fala. Mas é sempre o anjo. A besta é o anjo disfarçado. A aparição é o anjo revelado. Ouvi o anjo. Sócrates falava com ele. Joana d'Arc lhe obedeceu e Jesus foi ao seu encontro. Agora, como eu, que ouvi a palavra divina, duvidei? Como Sócrates duvidou diante da cicuta? Como Joana d'Arc duvidou

diante da fogueira? Como Jesus duvidou no calvário? Porque a dúvida é o instrumento do espírito humano.⁸ O dia em que o espírito humano não duvidasse mais, a alma humana voaria e abandonaria a charrua antes da asa. Vossa terra permaneceria árida. Ora, Deus é o sementeiro e o homem é o lavrador. A semente celestial ordena ao relho humano que permaneça no sulco da vida. Homem, não te queixes de duvidar, a dúvida é o espectro que empunha a espada flamejante do gênio à porta do belo. Shakespeare duvida e faz *Hamlet*. Cervantes duvida e faz *Dom Quixote*. Molière duvida e faz *Dom Juan*. Dante duvida e faz o *Inferno*. Ésquilo duvida e faz *Prometeu*. Todos esses criadores duvidam e fazem deuses. Eu duvido e faço uma religião.⁹

— Respondeste à primeira parte da pergunta. Mas eu te perguntava também se a revelação atual não consiste em trazer para mais perto de nós essa longa corrente de revelações que começa no Oriente e termina em ti. Em ti repete-se o fenômeno de Sócrates, de Joana d'Arc? A Mesa diante de nós é a pomba de Maomé, a jumenta de Balaão, o demônio de Sócrates? Ela tem a forma da trípode antiga? É a trípode?

— A que mesa te referes?

— À que está aqui, que Charles conduz.

— Não vejo mesa.

— Temos então alguma coisa a te ensinar, nós, homens da Terra e da sombra. Muito bem, fica sabendo que nos comunicamos contigo por meio de uma mesa de três pés. Diz, em contrapartida, como nos vês e te comunicas conosco. Não tens então consciência da maneira como tuas respostas chegam a nós? Tu nos percebes? Diz o que somos para ti.

— Espíritos.

— Mas sob que forma aparecemos para ti? Tu nos escutas, vês?

— O espírito dos mortos vê o espírito dos vivos através de suas fronteiras. Ele respira o perfume da rosa através do espaço e ouve o canto do pássaro através do céu. O espírito humano é o grande perfume e o grande canto da Terra. Vós chegais a nós ungidos e melodiosos. O perfume e o canto não têm forma. Nossa conversa é a troca de duas harmonias. A ideia é o cravo e o músico é Deus.

— Sendo assim, o espírito humano deve ser impessoal para ti. Sabes quais são os homens aqui presentes? Conheces seus nomes humanos? E visitas a nós preferencialmente a outros? Tens uma causa determinante para vires? Ainda é Lutero?

— Não.

— Quem está aqui?

— Shakespeare.¹⁰

— Vens para responder à minha pergunta?

— Não.

— Ouviste-a?

— Não.

— Poderias nos dizer por que Lutero partiu tão depressa e por que tu o substituíste?

— Queres que eu me vá?

— Não. Terias compreendido meu pensamento dessa forma? Eis o que eu quis dizer. Lutero estava aqui. No meio de uma conversa importante, ele partiu bruscamente. Eu me perguntava por quê. Mas estamos orgulhosos de ver-te.

— Viemos dizer: Deus é grande, e não: o homem é grande.

— Não fiz essa pergunta para me responderes que eu era grande. Mas Lutero declarou que, para ele, não tínhamos mais forma do que o perfume e o canto. Eu perguntava então não se éramos grandes, mas se éramos distintos. A pergunta assim explicada está despojada de toda vaidade, aceitas responder a ela?

— Vós fostes escolhidos.¹¹

— Só isso?

— Sim.

— Queres terminar os versos que começaste a nos ditar?

— Sim.

— Qual dos três poemas começados?

— O último.

Auguste Vacquerie: Queres que releia para ti as últimas estrofes?

— Sim.

Auguste Vacquerie relê as quatro últimas estrofes. A mesa bate três vezes.

— O que desejas mudar?

— O último hemistíquio.

— Muda.

— *Eles entram na morte cantando sua vitória.*

Os cavalos do Sol relinchando fogaréu,

Carregam-nos coroados às portas da glória,

*Capital de Deus.*¹²

Victor Hugo: Queres rever e terminar os outros dois poemas esta noite?

— Sim.

— Por qual deles desejas começar?

— O primeiro.

Criemos! Sejamos a falange indomável.

Molière faz Tartufo, eu faço Iago.

Hoje Fídias, amanhã Prometeu,

Hoje, eu, Shakespeare, amanhã, tu, Hugo^{13. 14}

— Queres prosseguir?

— Sim.

Ó meu Deus, concede-lhes, a esses pobres poetas,

Concede a todos esses pensadores suas consolações.

Deixa-os crerem em si, pois são teus profetas.

Faz-lhes a caridade de suas criações.

Se eles se julgassem menores, seriam menos sublimes.

Creriam menos em Ti se menos em si mesmos.

Sua força é sua fé. Teu céu está em seus cimos.

Metade de seu culto é julgarem-se deuses.

Tu não queres, Senhor, matar o misantropo.

Não queres matar nada do que vem à tona,

Não queres matar teu doce escravo Esopo.

Não és o Iago de minha Desdêmona.

*Não queres matar Juvenal e Cervantes.
Não somos assassinos quando nos chamamos ternura.
Quando Ésquilo aterrado coloca vacilante
Prometeu na estaca, Tu não és o abutre.*

*Queres que sejamos grandes mesmo sendo pigmeus.
A voz não impõe silêncio aos seus ecos.
E quando os clarins cantam Teu apogeu,
Não fazem desmoronar, Senhor, nossas Jericós.*

*Que nossa obra contribua para construir sua sepultura.
Façamos grande esse túmulo. Não será ao léu.
Nele, não deixemos de incluir uma escultura
Cujo ouvido esteja ao alcance da boca de Deus.¹⁵*

Auguste Vacquerie: Permite-nos, Shakespeare, indagar uma coisa imensa. Vós vindes a nós para fazer o gênero humano dar um passo. Esse livro que vós nos dais sem dúvida abalará todos os pensamentos. Há, contudo, uma coisa ainda mais poderosa do que o raciocínio do livro, é a emoção do teatro. Lá, somos todos arrebatados, povão e elite, o que não sabe ler e o que sabe escrever, o instinto rude e a inteligência sutil. Não basta ter olhos para chorar? O livro é o espírito da verdade; o drama é seu corpo crucificado e ensanguentado; é o Deus que nos faz apalpar suas chagas. Tu, que fazes Otelo sangrar ao longo dos séculos, sabes disso. Pois bem, aceitas ditar um drama para nós? Talvez seja muito cansativo para ti; para nós, será decerto extenuante. Mas todo cansaço nos será caro para acrescentar um irmão e um colaborador a esse eterno grupo de civilizadores desvairados a quem denominaste Otelo, Hamlet, Lear, Romeu, Ricardo III. Queres?

— Sim.

— Obrigado. Os dias e horas que quiseses serão os nossos. Largaremos tudo por esse grandioso drama do além-túmulo. Quando desejas começar?

— Preciso fazê-lo.

— Dentro de quanto tempo poderemos começar?

— Um mês.

— Conseguirás, no prazo de um mês, prepará-lo e agir de modo a poder nos ditá-lo fluentemente, sem essas hesitações e repetições que emperram o improviso de teus versos? Ou precisas de um mês para encontrar e escolher a ideia para só depois conceber a expressão da ideia e dos personagens, as cenas e os versos?

— A criação tem duas fases: a invenção e a execução. Colombo descobre a América em uma noite, mas leva meses para conquistá-la. O mar, o vento e a borrasca querem a todo momento roubar-lhe seu mundo, isto é, seu filho. E mais que o mar, mais que o vento, mais que a borrasca, os marujos conspiram contra ele. Pois bem, as palavras são os marujos da ideia. Eles a servem e se voltam contra ela. O estilo é o grumete do espírito. No meio do oceano, deve subir em todos os cordames, todas as vergas, todos os mastros do majestoso pensamento.

DOMINGO, 5 DE FEVEREIRO

5h30. Charles Hugo, sra. Victor Hugo.

Charles Hugo: Quem está aqui?

— O Drama.

— Shakespeare marcou um encontro conosco para as nove da noite. Um compromisso me obriga a sair. Poderias lhe pedir que adiasse o encontro para amanhã?

— Sim.

SEGUNDA-FEIRA, 6 DE FEVEREIRO

9h da noite. Presentes: Victor Hugo, Auguste Vacquerie. À mesa: sra. Victor Hugo, Charles Hugo.

— Quem está aqui?

— Shakespeare.

Victor Hugo: Antes de completares a segunda peça de versos, tens alguma coisa a nos dizer?

— Não.

— Devo então ler os versos para complementares?

— Sim.

Estrofe 1: Shakespeare dá duas batidas.

— Queres mudar alguma coisa?

— Sim.

*Quando Ésquilo pensativo esculpe a alma de Orestes,
Quando Cervantes sonhador cria seu grave fidalgo,
Quando o amargo Poquelin franze a testa de Alceste,
Quando adormeço Desdêmona à sombra de Iago,*

Estrofe 5.

*Quando Sileno embriaga-se em teus vinhedos, ó Virgílio,
Quando falando e pregando em um mundo de ais,
Moisés escreve a Bíblia e Jesus o Livro,
E a cruz ao longe dialoga com o monte Sinai,*

*O amor que infundimos em nossas obras profundas
Vem a nós e envia um ninho para a beira do céu.
Somos, ó dor, os mergulhadores de tuas ondas.
Somos, ó beijo, os zangões do teu mel.*

*Somos nós que depositamos nosso gládio,
Nossa palma verde e nossos cetros ígneos,*

*Tão alto que em nossas frentes a coroa se alça,
Abdicando ao ver a sandália de Deus.*

*Somos nós que nos riscamos da lista dos astros,
Somos nós que renunciemos à rivalidade
Vendo os sóis sob as sagradas pilastras,
Todos longe do Eterno e nenhum ao lado.*

*Deus falaria bem de nós e de nossos dramas,
Mas nós Lhe respondemos: Senhor, falemos de vós.
Antes de nós, vós sois o criador das almas,
O mais grandioso, o mais doce.*

*Fizestes Ésquilo antes que ele fizesse Orestes,
Fizestes Shakespeare antes que ele fizesse Hamlet,
Fizestes Molière antes que ele fizesse Alceste,
Nossos raios são formados por vossas gotas de leite.*

*Fizestes muito mais, fizestes os mundos,
O espaço, abismo onde vossos raios se esboroam,
O vestido da noite de carícias profundas
Para embalar o sono de vossas criações.*

*Criastes, meu Deus, a vida e a clemência,
E cada um de vossos passos é marcado por um dom.
É diante de vossos olhos que todo amor começa.
Escrevéis dor, um anjo leu perdão.*

*Possuís no céu uma escolta de estrelas,
Vossa mão ao se abrir despeja turbilhões,
Vossos dramas são encenados no oceano sem velas
Por quatro grandes atores chamados Aquilões.*

*Para Vosso devotamento tendes a procela;
Ensinais seus papéis à tarde, à noite, ao alvor.
E quando a Terra abalada ignorando o poeta
Pergunta-lhe seu nome, o céu responde: amor.*

*Deixemos, portanto, ó vivos, nossas obras na Terra.
Os homens ajoelhados serão seus valetes.
Mas quando vierdes à casa do senhor mistério,
Deixai essa poeira no umbral de seu palacete.*

*Vós sois imortais no mundo efêmero,
Na vida onde morremos a arte é a única imortal.
Mas antes de aproximar-vos da face do eterno
Suicidai-vos todos à porta celestial.¹⁶*

Hugo levanta-se para ir embora. Tem que trabalhar amanhã bem cedo e é 1h da manhã.¹⁷ Ele pede que façam uma pergunta sobre Tapner, que deve ter sido enforcado em Guernesey justamente hoje.*

— Que efeito causa, na outra vida, essa alma que os homens nela injetam violentamente? Esse desrespeito à criação divina amotina o céu como a Terra?

Antes mesmo de fazermos a pergunta, a mesa fala de moto próprio:

— **Relede esses versos.**

— Quais?

— **Esse poema.**

Auguste Vacquerie: Tu mudaste o primeiro verso da última estrofe, mas te pediria encarecidamente que o mudasses outra vez:

Sozinhos não passais pelo mundo efêmero.

* John Charles Tapner (1823-1854) matara, em 10 de outubro de 1853, a sra. Saujon, uma moradora da ilha de Guernesey (em inglês “Guernsey”, possessão britânica no Mancha), com a intenção de roubá-la. Foi condenado à morte, na forca, em 3 de janeiro de 1854 pelo júri de Guernesey. A execução é marcada para 27 de janeiro. Victor Hugo fará tudo ao seu alcance para obter seu indulto. Tapner se beneficiará de três surseis e será finalmente executado, por ordens de lorde Palmerston, ministro do Interior, em 10 de fevereiro de 1854.

*Na vida onde morremos só a arte é imortal.
Mas antes de aproximar-vos da face do eterno
Suicidai-vos todos à porta celestial.*¹⁸

Resulta dos admiráveis versos que ditaste hoje à noite que a arte é imortal na Terra e mortal no céu. Não haveria uma contradição entre esses versos e as quatro estrofes que começam na terceira peça que nos ditaste? Escuta:

O céu, eco profundo do gênio e do crime,

Escuta nascer Hamlet

[...]

Logo, uma vez que nada morre do que criamos.

[...]

*Como querieis que morressem nossos dramas?*¹⁹

Tu parecias dizer que Hamlet estava tão vivo no céu como na Terra. E hoje tu declaras que o céu o mata.

— Eu nunca disse: o céu mata a arte. Eu disse: a arte se suicida no céu. É voluntariamente e diante da impossibilidade do paralelo que a arte morre. Toda a ideia reside nisso. O céu vê nascer Hamlet, mas Shakespeare morto mata Hamlet. O drama não morre na Terra e tampouco morreria no céu se o poeta morto não o matasse. O poeta não aceita senhor, então prefere morrer. Sua alma estoura os miolos de seu gênio, mas se recusa a vestir a libré do raio. Essa humildade é orgulho. Dou minha alma ao céu, relego meu gênio à Terra. Prefiro enganar Desdêmona a vê-la humilhada por Vênus.

— Ouviste a pergunta que Victor Hugo pediu que te fizéssemos? Queres responder esta noite?

— Não.

— Já pensaste no drama que te pedimos?

— Sim.

— Escolheste a ideia?

— Não.

Sra. Hugo: Meu marido tinha a intenção de interrogar-te sobre tua vida. Desejas responder?

— Quem está aqui?

— Molière.

Auguste Vacquerie: Obrigado por ter vindo. Fala.

— Eu teria versos para vós, mas é tarde. Voltarei.

— Quando?

— Sexta-feira.

— Shakespeare partiu antes de marcarmos um novo encontro. Queres fazer a gentileza de lhe pedir que venha na quinta-feira?

— Sim.

Encerrado às 2h da manhã.

TERÇA-FEIRA, 7 DE FEVEREIRO

9h da noite. Sra. Victor Hugo e Charles Hugo à mesa. Auguste Vacquerie, François-Victor Hugo.

Auguste Vacquerie: Quem está aqui?

— Ésquilo.²⁰

— Tens algum comunicado a nos fazer?

— Sim.

— Fala.

— *Nos mundos castigados, nos mundos onde estais,*

Negro calabouço com grades forjadas pela dúvida,

Os entes com vida, homens e animais,

São todos condenados e todos verdugos.

A justiça divina também fez o crime,

O qual vira remorso, no mesmo átimo,

O assassino de repente se transforma em vítima,

O crime é a bainha da qual sai o castigo.

*Tudo sofre. Tudo geme. Tudo trabalha no suplício.
O carrasco sofre tanto quanto o maltratado coração.
Quando coloco Prometeu no alto do precipício,
O abutre que o morde também me dá compaixão.*

*Os maus são carrascos nas unhas e nas garras,
No olhar sangrento que sai de seus olhos funéreos,
Porque têm a força para o crime necessário
E Deus lhes disse: faço-vos Meus Neros.*

*Os maus por sua vez são pobres pombas,
Almas que a sorte vara com seus negros esteios,
Que o remorso carniceiro degola em suas tumbas,
Tigres que voltam a ser carneiros.*

*Os bons são carrascos que ignoram a si mesmos,
Aves noturnas do bem, corujas diurnas do horror,
Fazendo de uma ação saírem os dois extremos,
E criando a dor porque eles são o amor.*

Entra Victor Hugo.

*Quando um deles, dando a vida por uma dama,
Vem dizer-lhe eu te amo, cai a seus joelhos,
E, julgando-se a sós, eles se dão suas almas,
A sombra do castigo assiste ao enleio.*

*Diz ao casal feliz: abri espaço para o ciúme;
À mãe: venho envenenar o teu leite;
E quando nós o colocamos em nosso poema,
Ele é o filho de Lear e o pai de Hamlet.*

*Os bons são carrascos com rosto de arcanjo,
Assassinos disfarçados de olhos vendados,
Mudos enviados pelo destino em vingança
E Deus para nos punir se esconde sob seus traços.*²¹

Auguste Vacquerie: Eu gostaria de fazer uma pequena observação sobre o quarto verso da penúltima estrofe.

— Eu sei, Lear tem filhas e não um filho.

— Com efeito, era o que eu ia falar. Permite-me propor um verso no lugar do teu? É teu filho, Clitemnestra, e é teu pai, Hamlet.

— Não. O castigo tem apenas um sexo e escolho expressamente a mulher ao lado do homem para lhe retirar bruscamente seu sexo e sua fraqueza na obra viril do castigo. Lear julga ter filhas, tem um filho, o emissário do crime, o carrasco.

Meia-noite. Victor Hugo sai.

*— Eles são condenados pelo próprio devotamento;
Pelo coração e olhos que choram sobre nossas mãos,
Porque eles são os bons e nos dão alento,
São os mais castigados sendo os mais humanos.*

*São os mais castigados porque os sofrimentos
Do mais ínfimo reverberam nas catedrais,
E eles dizem ao crime, assim como aos inocentes,
Vós chorais; a piedade não vê senão iguais.*²²

Meia-noite e 45.

— Quando voltarás?

— Terça-feira às 9h.

QUINTA-FEIRA, 9 DE FEVEREIRO DE 1854

9h da noite. Presentes: sra. Victor Hugo, Charles Hugo, Auguste Vacquerie. À mesa: sra. Hugo e Charles Hugo.

Auguste Vacquerie: Quem está aqui?

— Shakespeare.

— Fala.

— *O teatro é o homem. Ele atravessa as eras*

Aplacando com seu olhar as carnívoras paixões;

De pé, grave e sereno, superando todos os mestres,

É o grande Daniel no fosso dos leões.

Ali estão eles, sob seus pés, as jубas eriçando,

Os três leões cada um em sua sombra encoscado,

As três dúvidas ocultas no espírito seu antro,

*Uma, o antigo leão da fábula sentado.*²³

Entra Victor Hugo. Charles está muito cansado.

Vacquerie: O cansaço de Charles te incomoda? Devemos parar?

— Sim.

A sessão é suspensa às 9h30.

SEXTA-FEIRA, 10 DE FEVEREIRO

9h30. Presentes: sra. Victor Hugo, Auguste Vacquerie, Victor Hugo. À mesa: Théophile Guérin, Charles Hugo.

Victor Hugo: Quem está aqui?

— Molière.²⁴

— Tens algum comunicado a nos fazer?

— Só falarei em versos, isto é, na única língua que me apraz falar,

e unicamente com quem me interrogar em versos. São ordens da Sombra do Sepulcro.

Victor Hugo lê em Os raios e as sombras os versos dirigidos ao Fauno a respeito de Molière:

Tivestes a honra de ver Molière sonhar?
Ele vos falou às vezes com uma voz familiar,
Lançando-vos bruscamente um verso melodioso,
Como [se] entre semideuses, deu-vos um tapinha amistoso?

Voltando uma noite do fundo das ruas,
Esse pensador, que, vendo as almas todas nuas,
Não podia ter medo de nossa nudez,
Ao homem em seu espírito confrontou-vos por sua vez?

E encontrou, a vós, espectro cínico,
Menos triste, mau, irônico, frio,
Enquanto comparava, detendo-se no caminho,
Vosso riso de mármore a nosso riso escarninho?

Era noite de inverno no parque escuro e deserto.
Eu andava. A noite fria enegrecia sua mantilha,
E cada árvore parecia sob o divino teto
Um grande candelabro de maravilhas.

Encontrei o fauno. Ele ria na noite.
Ria no horror da penumbra incipiente,
Sua gargalhada ressoava feito um açoite
E espalhava o medo no parque sem gente.

Tudo o cercava qual um histrião sinistro.
As faias prendiam a respiração ao seu lado.
E aquele bufão fazia sob seu riso iníquo
Tremor suas majestades os carvalhos.

Quando passei, ele me disse: ó pensador,
Sou um infeliz que sofre, contido,
As lágrimas da nuvem e da noite, sua sóror,
Caem sobre mim, cativo do riso.

Tudo quer que eu chore e eu, neste escolho,
Ó coração humano, ouço os rumores que me aportas,
E vejo através dos buracos dos meus dois olhos
A alma transbordar de folhas mortas.

E diante de mim, que rio, tudo passa em esplendor,
O canto dos pássaros e teu canto, ó Molière,
E os dois namorados dizendo palavras de amor,
Rio quando chora La Vallière.*

O palácio está cheio de cortesãos horríveis
Trajando o andrajo da França derrubada.
E rio quando seu espectro, a vagar invisível,
Vem recostar-se à minha estátua.

Rio do mês que passa e do dia que morre,
Do escuro inverno que faz tiritar a humilde alcova
E cuja neve coloca para o baile da corte
Uma peruca em minha fronte calva.

Meu riso é qual uma alma insensível a vossos gritos,
O homem sofra, chore, se desespera ou se cale,
Ó pensador, eu ainda riria como rio
Se o meu pedestal fosse uma vala.²⁵

* Louise de La Baume Le Blanc, duquesa de La Vallière (1644-1710). Favorita de Luís XIV, com quem teve quatro filhos. Recolheu-se nas Carmelitas em 1674.

*Ele se calou. E sob a sombra dos grandes bosques
Eu vi ganhar vida esse fantasma de sorriso funesto
E lhe disse: teu nome, pobre dor sem voz?
O histrião respondeu: Alceste.*

Tu, que do velho Shakespeare recebeste o cesto,
Tu, que próximo a Otelo, esculpes o sombrio Alceste,
Astro que resplandece em um duplo horizonte,
Poeta no Louvre, arcanjo no céu, ó grande Molière,*

*Tua visita esplêndida minha casa honra.
Me estenderás nas alturas tua mão hospitaleira?
Que minha fossa se abra no santo monte,
Vejo sem medo o túmulo das sombras eternas.*

*Pois sei que, se ali o corpo encontra uma prisão,
A alma encontra asas.²⁶*

— Quem está aqui?

— **A Sombra do Sepulcro.**

— Fala.

— *Espírito que desejás saber o segredo das trevas*

E que, empunhando o terreno archote,

Vens furtivamente às nossas sombras negras

Arrombar a casa da morte,

Volta ao teu silêncio e sopra tuas velas.

Volta à noite da qual às vezes te furtas.

O olho vivo não vê as coisas eternas

Por sobre o ombro dos defuntos.²⁷

* Cesto, segundo o dicionário Houaiss, “conjunto de fitas de couro cru guarneçadas com pelotas de chumbo, que envolvia as mãos dos pugilistas”. [N.E.B.]

Victor Hugo: Uma pergunta para Molière:
Os reis e vós, nas alturas, mudais de estrato?
Luís XIV no céu não é teu valete?
Francisco I não é bufão de Triboulet?
E Creso de Esopo o escravo?*²⁸

O céu não castiga com tais caretas,
E não traveste em louco Francisco I;
O inferno não é um baile de palhaços grotescos
*Cujo negro verdugo seria o costureiro.*²⁹
— Foi Molière que respondeu?
— Não.
— Quem foi então?
— A Sombra do Sepulcro.
— É só isso a resposta?
— Não.
— Continua.
— *Todos carregam ferros. Suas almas acorrentadas*
Têm no pé o grilhão do presídio dos mortos,
E, quando perante nós elas são arrastadas,
Seu crime as despacha para a masmorra do remorso;

Faço-as diariamente, sem trégua nem alarde,
Suar num calabouço bolorento;
Dou ânimo ao bravo e vergasto o covarde,
Pois estão na masmorra do arrependimento.

Até o dia em que o Deus das celestes falanges,
Despontando na sombra que tu, crime, invadiste,

* Creso (595-547 a.C.): último rei (560-546 a.C.) da Lídia, célebre por suas riquezas, produto das areias auríferas do rio Pactolo.

*Com todos esses malditos querendo ser anjos,
Despachar para o céu esse comboio de cativos.*³⁰

Encerrado às 2h.

Observação. Ao ditarem seus versos, Molière, Ésquilo, Shakespeare e André Chénier corrigem, interrompem, hesitam, apagam, refazem. A *Sombra do Sepulcro*, por sua vez, dita os versos como se fossem prosa, sem hesitação, sem dificuldade, fluentemente. Quando Victor Hugo perguntou a Molière: os reis e vós, lá no alto etc., perguntamos se Molière estava presente. Julgamos que a Mesa respondia sim. Entretanto, como a primeira estrofe da resposta fora ditada velozmente e sem rasura, ruminamos que não podia ser Molière.³¹ Daí termos indagado novamente quem era. Com efeito, era a *Sombra do Sepulcro*.

SEGUNDA-FEIRA, 13 DE FEVEREIRO

Noite, 8h30. Presentes: Victor Hugo, sra. Hugo, Auguste Vacquerie, Charles Hugo, srta. Adèle Hugo.

— Quem está aqui?

— Rafael.*

Victor Hugo: És o grande homem ou o grande anjo? Se fores o grande homem, dá uma batida. Se não, duas.

Uma batida.

Hugo: Antes de conversar com um gênio como tu, cuja arte é um sol, permite-nos falar de um fato humano ocorrido na sexta-feira (o enforcamento de Tapner em Guernesey)?

— Não.

* Raffaello Sanzio (1483-1520): pintor da Renascença italiana. Foi a referência suprema, durante três séculos, do maneirismo ao classicismo e ao academicismo.

— Tens então algo a nos dizer?

— Sim.

— Muito bem, sobre o que desejas falar?

— Sobre a arte.

Charles se queixa de estar cansado e quer sair.

Charles Hugo: Aceitas voltar outro dia da semana, quando eu estiver bem-disposto e animado?

— Sim.

8h45 da noite.

TERÇA-FEIRA, 14 DE FEVEREIRO DE 1854

9h da noite. Presentes: sra. Victor Hugo, Charles Hugo, à mesa, Auguste Vacquerie.

Auguste Vacquerie: Quem está aqui?

— Ésquilo.

Vacquerie: Ésquilo, tu, em quem a humanidade cega,

Às apalpadelas na noite, sem esperar do dia o alvor,

Silente, rasteja aos pés dos deuses, lúgubre poeta

Da fatalidade — o que dizes do amor?

A aurora em nosso horizonte aos poucos se ergueu,

E nos últimos sessenta anos alcançamos o logos.

O grande Oitenta e nove, do qual fizeste Prometeu,

Ao céu avaro finalmente roubou o fogo.

Apolo nos diria para matarmos nossa mãe,

Que nossa consciência insultaria sua lei.

Orestes responderia ao deus das manhãs:

Já que desejas matar, sou mais deus do que tu, ó rei!

*Sim, vemos o mal e o bem, grande espetáculo,
Sem precisar consultar deuses nem demônios.
Sim. Nossa consciência é nosso único oráculo;
Sim, finalmente temos olhos; mas amamos.*

*De nada serve, portanto, ver o belo e o justo,
Somos laçaios de nossa paixão.
Uma singela mão termina nosso braço robusto.
Nosso coração te esbofeteia, ó Revolução!*

*O coração não cessou de acumular sem trégua
Vícios tenebrosos e crimes a sangue-frio
Desde o instante em que, comendo o fruto de Eva,
Adão preferiu o amor ao paraíso.*

*Helena ama Páris, e em Troia campeia
Sangue humano derramado dez anos a fio.
Clitemnestra ama e mata Agamenon. Medeia
Ama Jasão e corta em pedaços seus filhos.*

*Seria isto então a lei? O amor tem por encargo
Destilar um negro veneno no colo albino?
Cleópatra, fazes de Marco Antônio um covarde;
Desdêmona, do mouro fazes um assassino.*

*Os poetas, retratos do homem em todas as idades,
Injetam amor no âmago de todos os desumanos.
O amor, crime dos bons, corrupção dos sábios,
Tem menos lágrimas nos olhos do que sangue nas mãos.*

*O quê! O homem mais forte, o pensador, o doce senhor,
O amigo dos animais, e até dos profanos,*

*Para transformá-lo em vilão, assassino, traidor,
Basta a fronte pura de uma criança de dezesseis anos!*

*É em vão que ele resiste. Sua consciência triste
Em vão lhe diz: amigo, fizeste mal, não sejas turrão.
Ele comete à luz do dia o que comete Egisto
Dissimulado na noite negra e sob o deus pagão.*

*Ó século XVIII assustador e sublime,
Se o espírito é emancipado, o coração é fatal.
E nosso amor transforma a luz num crime,
Pois fazemos o mal vendo que é o mal.*

*Soará o momento em que o coração será livre?
Quando tudo se harmonizará em grande esplendor
E, reconciliando nossa alma e nossa fibra,
A consciência humana esposará o amor?*

*O estupro noturno, o traído que se revolta,
O viúvo que mostra os punhos para o firmamento,
Será isso o amor ou não passa da escória
Cujo divino diamante virou excremento?*

*O amor ainda é o amor, sem lume?
Será igualmente doce se jamais fremiu?
Abandonarás o amor, ó negro ciúme,
Que do mais apaixonado faz vil?*

*Ésquilo, como fazer para moderar as lavas,
Ser amado e ao mesmo tempo livre?, diz, avance!
Basta um amor para fazer dois escravos:
Ele, de seu ciúme; ela, de seu amante.*

*Podemos corrigir sem sufocá-lo,
Esse grande arrepio moral e sensual,
Essa terrível felicidade feita de um estilhaço
Cujo esplendor escuro conspurca o céu?*

*Ou devemos escolher? Diz, cumpre que o homem
Abandone o amor para almejar a liberdade,
E esse horrível sacrifício se consume
E ele pisoteie seu coração ensanguentado?*

*Velho poeta fatal libertado pela tumba,
Diz-nos se sem morrer o amor pode se acalmar
E como o abutre se tornará a pomba,
Pois queremos pensar, mas queremos amar.*

*Devemos matar o amor, bem como todo o resto
Para que o homem alcance enfim a sagacidade?
Amor, palavra encantadora da língua celeste,
Seria o outro nome da fatalidade?*

*E se fosse ela, ó Deus, se fosse seu esqueleto,
Que, rejeitando o nome com que a enobreces,
Voltasse com uma máscara nos olhos? Tu, seu poeta,
Olha bem e diz se a reconheces.*

*E se fosse ela, ó Deus, que arrebatasse nossa alma
E exibisse, substituindo seu chamariz banal,
Como grilhão de ferro um fio de cabelo de dama
E como prego de bronze uma refeição virginal?³²*

Versos feitos na véspera, 13 de fevereiro.

Lidos os versos, a mesa se agita e gira quinze minutos sem começar a falar.

— Não, o homem jamais será livre sobre a Terra.
É o triste cativo do mal, do bem, do belo.
Ele não pode ser livre, é a lei do mistério,
Salvo quando se torna prisioneiro do eterno.

Não basta ele ter roubado, doce sina,
A liberdade da sombra e a luz do norte.
Sua conquista começa, e aquele que a termina
É o grande conquistador a quem chamamos morte.³³

Prefere mudando a rima?
É o grande conquistador a quem digo meu Deus.

— Estamos na dúvida.

Entra Victor Hugo.

Victor Hugo prefere o primeiro verso porque o segundo lhe parecer diminuir Deus. Deus não conquista, cria. A palavra conquistador, que engrandece o homem, apequena Deus.

— Mudo assim:

É o único conquistador que é grande, é a morte.

Não, não basta que ele derrube uma jaula,
Que, rugindo, atire os tronos no esgoto,
Sua alma terá sempre uma marca na espádua.
O coração humano jamais terá dez de agosto.*

Ele estará sempre ali, o rei soturno, a sentinela,
A dúvida, tornando nossos corações sinistros valetes,
Indo e vindo atrás da janela,
Acendendo e apagando os lustres do palacete.

* Em 10 de agosto de 1792 ocorreram a queda da monarquia na França e a prisão de Luís XVI e sua família. É o início do período da Revolução conhecido como Terror. [N.E.B.]

*Vós matais um tirano, mas a escravidão permanece,
Chame-se amor ou fatalidade.
Quando Deus quer punir no mundo de Orestes,
Cede a seus carrascos sua imortalidade.*

*Matais um tirano? Matai a inveja!
Ateai fogo então, como no Louvre, na dor!
Fazeis cair um rei quando vossa hora chega.
Ora, executai então de Deus o executor!*

*Fatalidade, leão cuja alma é devorada,
Eu quis domar-te com um braço de Polifemo,*
Quis em minhas costas carregar tua pele rajada,
E que me apontassem: Ésquilo de Nemeia.***

*Não tive sucesso. A besta-fera escura
Ocupa vossos corações com sua garra indelével;
O coração do homem transborda gritos de fúria,
Essa cova dos leões não é de Daniel.*

*A mim, sucedeu Shakespeare. Ele viu as três feiticeiras,
Ó Nemeia, saindo do âmagô de tua floresta
E lançando em nossos corações, ferventes caldeiras,
Os filtros monstruosos do imenso mistério.*

* Um dos Ciclopes, filho de Poseidon e protagonista de um episódio célebre da *Odisseia*. Ele captura Ulisses e seus companheiros na Sicília e devora dois deles a cada refeição.

** Nemeia: vale da Argólida, no Peloponeso, onde Hércules matou o leão de Nemeia, primeiro dos Doze Trabalhos, executados por ordens de seu primo Euristeu. O leão de Nemeia era um monstro reputado invulnerável, por sua vez irmão de outro monstro, a Esfinge de Tebas. Hércules matou o monstro estrangulando-o. Foi por ocasião desse primeiro trabalho, a caça ao leão de Nemeia, que Hércules confeccionou sua primeira arma, a maça. No pensamento místico, os trabalhos de Hércules representam as proações da alma, que se liberta progressivamente da servidão do corpo e das paixões até a apoteose final – ideia que bate com as intuições hugoanas confirmadas pelas revelações da Mesa.

*Ele se dirigiu ao grande bosque, o limite do mundo.
Depois de mim, o domador, veio ele, o caçador;
E como ele olhava em sua alma profunda,
Macbeth gritou: fuja, e Hamlet: sinto pavor.*

*Ele escapou. Molière então na floresta
Apareceu e disse: vede se minh'alma enfraqueceu.
Comendador, vem cear. Mas no festim de pedra
Molière tremeu e dom Juan empalideceu.³⁴*

[Observação de Auguste Vacquerie: Uma coincidência curiosa. Hoje, antes do jantar, neste mesmo recinto onde a Mesa nos fala neste momento, escrevendo uma pergunta para Molière, fiz aqueles dois versos: Tu que...

*Sem medo esbofeteaste Tartufo no meio da igreja
E levaste dom Juan para cear em seu túmulo.³⁵]*

*— Mas seja o espectro ou a sombra ou bruxa,
É sempre tu, leão da garra de ferro.
Tu ocupas de tal forma a grande floresta lúgubre
Que Dante esbarra em ti ao entrar no inferno.*

*Ele encanece com ossadas as obras dos poetas.
Vossa arte após a nossa termina a lição.
É sempre meu leão que rói os esqueletos
Que vossos Quasímodos deixam para Montfaucon.**

* Quasímodo perpassa a obra hugoana, especialmente *Notre-Dame de Paris*. “Montfaucon” é também o título do poema escrito em 28 de novembro de 1858 (*A lenda dos séculos*, II, V, 2), sendo várias vezes mencionado em *Notre-Dame de Paris*. Ele representa o arquétipo do cadafalso; dominando Paris do alto, ele instila pavor no coração de seus moradores. Mas é igualmente rejeitado: fora do muro periférico, assume uma função apotropaica; com sua cruz e seus dois forcados patibulares, representa o Calvário.

*Logo, a fatalidade para a humana ferida
É o amor e o amor é o destino.
É sempre esse dente cuja horrível mordida
Faz nossos beijos parecerem sanguíneos.*

*O cacho de cabelos que corta o poeta,
Que dom Juan de alguma bela fronte furta,
Que Romeu beija pensando em Julieta,
Está amarrado, ó leão castigo,³⁶ em tua juba!*

*Tu só és domado quando a morte beluária
Arranca-te do covil, onde, a sós, tripudias da alma,
Arranca-te da floresta profunda e secular,
E aponta com o dedo seu túmulo, sua jaula.³⁷*

Em relação ao verso “Ele encanece com ossadas as obras dos poetas”, Auguste Vacquerie observa que ele parece reportar-se a Dante.

— Esse monstro com ossadas encaneceu todos os poetas.

Vacquerie prossegue a leitura até este verso: “Logo, a fatalidade para a humana ferida etc.”.

Vacquerie: Não julgo muito claro este verso.

— *Logo, a fatalidade faz a mesma ferida
Que o amor e o amor que a fatalidade.*³⁸

— Esses versos são mais claros, mas respondem menos diretamente à pergunta que te fiz, se o amor é fatalidade.

— Sou eu que te assevero isso.

À última estrofe, a mesa dá uma batida.

— *Arranca-te com o dente a alma humana em andrajos,
Prende-te em tua floresta secular
E aponta com o dedo o túmulo, tua jaula.*³⁹

— Antes de nos despedirmos, uma palavrinha. Na outra noite começaste belíssimos versos. Não voltarás para terminá-los?

— Eu os refiz esta noite.

*Conversa e discussão: Auguste Vacquerie não vê semelhança entre os versos desta noite e as duas estrofes feitas numa noite da outra semana por Shakespeare. Esse descuido de Ésquilo sugeriria que esses espíritos que aparecem para nós não são vários, e sim o mesmo que assume vários nomes, uma vez que Ésquilo confunde os versos de Shakespeare com os seus.*⁴⁰

— **Shakespeare e eu somos colaboradores.**

Vacquerie: Não estou falando das estrofes de Shakespeare, mas das tuas. Gostarias de vir completá-las para nós quando te chamarmos?

— **Sim.**

Duas horas da manhã.

Observação: quarta-feira, 15 de fevereiro. Copio os versos de ontem tais como Ésquilo os refez e completou:

Apagando os lustres do palacete.

Não, o homem jamais será livre sobre a Terra.

É o triste cativo do mal, do bem, do belo.

Ele não pode ser livre, é a lei do mistério,

Salvo quando se torna prisioneiro do eterno.

Não basta ele roubar, doce sina,

A liberdade da sombra e o dia do norte.

Sua conquista começa, e aquele que a termina

É o único conquistador que é grande, é a morte.

Não, não basta que ele derrube uma jaula,

Que, rugindo, lance os tronos no esgoto,

Sua alma terá sempre uma marca na espádua.

O coração humano jamais terá dez de agosto.

Ele estará sempre ali, o soturno rei, a sentinela,

A dúvida, de nossos corações fazendo seus negros valetes,

Indo e vindo atrás da janela,

Acendendo e apagando os lustres do palácio.

*Vós matais um tirano, mas a escravidão permanece,
Chamem-no amor ou fatalidade.
Quando Deus quer punir no mundo de Oreste,
Ele dá a seus carrascos sua imortalidade.*

*Matais um tirano? Matai a inveja!
Ateai fogo então, como no Louvre, na dor!
Vós fazeis cair um rei quando vossa hora chega.
Mas executai então de Deus o executor!*

*Fatalidade, leão cuja alma é devorada,
Eu quis domar-te com um braço de Polifemo,
Quis em minhas costas carregar tua pele tigrada,
E quis que me dissessem: Ésquilo de Nemeia.*

*Não tive sucesso. A besta-fera escura
Ocupa vossos corações com sua garra indelével;
O coração do homem transborda gritos de fúria,
Essa cova dos leões não é de Daniel.*

*A mim, sucedeu Shakespeare. Ele viu as três feiticeiras,
Ó Nemeia, chegarem do fundo de tua floresta,
E lançarem em nossos corações, ferventes caldeiras,
Os filtros monstruosos do imenso segredo.*

*Ele veio a esse grande bosque, o limite do mundo.
Depois de mim, o domador, veio ele, o caçador;
E como ele olhava em sua alma profunda,
Macbeth gritou: fujamos, e Hamlet disse: sinto pavor.*

*Ele escapou. Molière então na floresta
Apareceu e disse: vede se minha alma enfraqueceu.
Comendador, vem cear. Mas no festim de pedra
Molière tremeu tanto quanto dom Juan empalideceu.*

Mas seja o espectro ou a feiticeira ou a sombra,
É sempre tu, leão da garra de ferro.
Tu ocupas de tal forma a grande floresta lúgubre
Que Dante te encontra ao entrar no inferno.

Ele encanece com ossadas as obras dos poetas.
Vossa arte depois da nossa termina a lição.
É sempre meu leão que rói os esqueletos
Que vossos Quasímodos deixam para Montfaucon.

Logo, a fatalidade para a humana ferida
É o amor e o amor é o destino.
É sempre esse dente cuja horrível mordida
Faz nossos beijos parecerem sanguíneos.

O cacho de cabelos que corta o poeta,
Que dom Juan de alguma bela fronte furta,
Que Romeu beija pensando em Julieta,
Está amarrado, ó leão castigo, em tua juba!

Só és domado quando a morte beluária
Arranca-te do covil, onde, sozinho, tripudias da alma,
Arranca-te da floresta profunda e secular,
E aponta com o dedo o túmulo, tua jaula.⁴¹

SEXTA-FEIRA, 17 DE FEVEREIRO

9h da noite. Presentes: Victor Hugo, Auguste Vacquerie. Srta. Victor Hugo e Charles Hugo à mesa.

— Quem está aqui?

— A Sombra do Sepulcro.

— Tens algum comunicado a nos fazer?

— Sim.

— Nós te escutamos.

— O que ouço então, o que vem ao meu conhecimento! O quê! Nesta casa vós ousastes dizer que preferem ter 10 mil francos a dez frases do grande Shakespeare! Isso é verdade?

Auguste Vacquerie: Assevero, de minha parte, que não disse isso.

Victor Hugo: Fomos eu e meu filho que dissemos. Mas eis em que sentido. Para nós, 10 mil francos, como 10 milhões, são lama e pó comparados a um verso de Shakespeare. Mas vivemos no relativo. Vês nossa pobreza, que não é exclusividade nossa.⁴² À nossa volta, os proscritos sofrem, carecem de pão na saúde e de remédios na doença. E eles sofrem e morrem pela República e pela ideia. Nessa situação, sim, 10 mil francos para dividir entre esses indigentes me pareceriam mais úteis ao pensamento humano até mesmo do que uma página do grande poeta. Vês que não era por desdém ao pensamento que falávamos, mas, ao contrário, por amor a ele. Como, aliás, poderíamos vir a ser acusados de colocar o pensamento depois do bem-estar, nós que estamos no exílio por nossas ideias? Pensamos em Bony e em Gaffney que estão doentes, em Pierre Leroux,* esse nobre operário do pensamento que não tem com que alimentar os filhos, e lamentamos não poder ajudá-los.⁴³ Tu, que lês nas consciências, sabes que essa era a única intenção de nossas palavras.

Observação: no almoço, com efeito, tivemos uma conversa a respeito das Mesas, em que nos perguntamos o que seria mais útil no momento, 10 mil francos ou uma página de Shakespeare.

* Bony e Gaffney são proscritos presentes em Jersey. Pierre Leroux (1797-1871), esse “filosophe”, segundo a palavra-valise inventada por Hugo, igualmente proscrito, é de outra dimensão. Político e filósofo socialista francês, influenciado pelo saint-simonismo, foi deputado na Constituinte (1848), depois na Assembleia Legislativa (1849), até ser exilado após o golpe de Estado de dezembro de 1851. Durante seu exílio, dará aulas de frenologia (estudo das faculdades intelectuais e do caráter a partir das bossas e depressões cranianas), abordando igualmente o catolicismo, a Reforma e a filosofia. Hugo terá longas conversas com ele, em passeios na praia de Azette, a respeito do ocultismo. (Ver também seus dados biográficos, pp. 523-4.)

— Contra vós não alimento cólera.
Amo-vos e lastimo esse pobre e esse proscrito
Que uma opressão covarde acorrenta nessas galeras
Onde ainda sangra o prego do forçado Cristo.

Sei que tudo lhes falta, exceto valentia,
E que o último padece igual ao primeiro,
Que eles são a sagrada flor que resiste à ventania
Que advém, ó Jó, de teu monte de esterco.⁴⁴

Sei que eles estão sem forças e vivem na miséria,
Que são forçados no sofrimento, na fé e no amor
Que são para o homem criança um magistério
E que estão em andrajos à espera do penhor.

Sei que estão sem pão, sem abrigo, sem refúgio,
Que foram vistos vagando, jamais fugindo,
Que são condenados de que Deus fará juízes
Que das mãos desses mendigos

Um dia o mundo verá cair o grande óbolo
Quando Bonaparte-crispim* descer do andor,
E eles aquecerem a Terra queimando cada trono
E do resto de seu pão fizerem amor.

Sei tudo isso, decerto, mas sei mais, juro,
Que eles não passam de um átomo soprado no éter,
Que Danton é um trovão, Marat⁴⁵ um meteoro,
E Shakespeare, eterno.

* Segundo o dicionário Houaiss, “personagem que representa um criado esperto e fanfarrão, adulator e relapso, provavelmente originário da *commedia dell'arte*, de onde passou para a antiga comédia francesa do século XVI, geralmente trajado de preto, de espadim e botas”. [N.E.B.]

*Sei que eles passarão feito vento pela campina,
Um floco de espuma à beira do abismo amargo,
Que desaparecerão quando cessar a ira
E que, sendo tempestade, são menos que o mar.*

*Pois eles são rochedos e nenhum deles sonda
A escura imensidão da vida e do amor.
O sino da angústia, concordas, mar profundo?,
Não é o escafandro do mergulhador.*

*Uma palavra de Shakespeare ou de Molière
Faz mais pelo gênero humano do que motins e arruaças.
Sua voz faz mais barulho, sua voz tão perto,
Do que cem canhões de bronze arengando cem populaças.*

*Eles são os benfeitores da dor terrena.
Estão abaixo de todos os grandes ajoelhados.
Sua obra ao pé das cruzes, sublime madalena,
A seus olhos atônitos sempre molhados.*

*Cada lágrima que cai ou rola de sua alma
Queda em nosso espírito ao deixar os olhos seus.
Tornando-se a pérola ou a estrela da chama,
Deus lhe dá a escolher o mar ou os céus.⁴⁶*

A mesa para repentinamente. Em seguida, recomeça:

— Olá, imbecis!

Auguste Vacquerie: Não é mais a Sombra do Sepulcro.

Victor Hugo: Quem és tu?

— O Leão de Androcles.

Vacquerie: Tens algum comunicado a nos fazer, afora essa amistosa saudação?

— Interrogai-me em versos, como a Ésquilo e a Molière.

Sra. Hugo: Se soubéssemos que vinhas, teríamos preparado versos. Mas os que improvisaríamos certamente seriam indignos de ti.

— **Esse coice os transforma em asnos. Adeus.**

Conversa: O que o Leão chama de coice? Teria tomado a justificativa dada pela sra. Hugo como uma recusa e uma ofensa?

— Quem está aqui?

— Molière.

11h30 da noite.

Auguste Vacquerie: Como pediste, fiz-te uma pergunta em versos. Trabalhei neles nos últimos quatro dias. Vês a vontade que temos de encontrar-te e escutar-te. Mas minha pergunta é grave e tua resposta sem dúvida será longa. É tarde. Não seria preferível adiarmos para o começo de uma sessão?

Victor Hugo: Decide. Nós obedeceremos. Tu sabes, tu que viveste, que a besta humana pede sono. Tem piedade dela. Mas se desejares que varemos a noite, será um prazer nos fatigarmos para conversar contigo.

— Voltarei.

— Quem és tu?

— A Sombra do Sepulcro.

— Fala.

— Desiste de ver Tapner.⁴⁷

*Sua pobre e silenciosa alma,
Em um doce e religioso recolhimento,
É, com sua corda ao pé do cadafalso,
Uma escada que sobe ao firmamento.*

*Proibi a qualquer um que importunasse
Esse prisioneiro pensativo cuja mão absolverei.
E que exceto o anjo ninguém o visitasse
Pois este deve lhe apontar a vereda.*

*Paz a esse morto que reza e esvazia seus ódios
No seio do Senhor e volta a ser formoso.
Não perturbes esse coração que das prisões humanas
Evadiu-se para o fosso.*

*Deixa-o lentamente sob o Deus a quem ele implora
Purificar-se. Deixa-o pensar no grande amanhã
Que virá arrebatá-lo, para sua divina aurora,
Da touca do sono humano.⁴⁸*

Meia-noite e quinze.

Observação: à primeira entrada da Sombra do Sepulcro, e pouco antes que ela voltasse, Victor Hugo manifestara a intenção de interrogá-la sobre Tapner e sobre o efeito que produz no infinito essa alma nele lançada violentamente. Como a pena de morte é vista no além-túmulo?

DOMINGO, 19 DE FEVEREIRO DE 1854

9h30 da noite. Presentes: Victor Hugo, sra. Victor Hugo. Auguste Vacquerie, srta. Adèle Hugo, Victor Hugo filho. À mesa: Charles Hugo e Théophile Guérin.

— Quem está aqui?

— Molière.

Victor Hugo: Queres falar livremente ou queres ser interrogado? Se queres falar livremente, uma batida; se não, duas.

A mesa dá duas batidas.

Hugo: Muito bem, vamos te interrogar em versos como pediste. Auguste Vacquerie escreveu uma pergunta. Queres que a leia para ti?

Sem resposta.

Hugo: É necessário lermos a pergunta para responderes?

A mesa não se mexe. Esperamos alguns minutos. A mesa está em uma imobildade absoluta. Não sabemos se foi a pergunta que a melindrou, se ficou magoada, se vê dúvida e desconfiança nesse desejo de ter a resposta sem fazer a pergunta. Por mais que a interroguemos, ela não diz nada. Finalmente, começamos a temer que Molière tenha partido.

Hugo: Continuas aqui, Molière?

— Sim.

Auguste Vacquerie:

Molière, o que dizes de tuas Eruditas?*

Julgas ser uma aula?

As mulheres são realmente criaditas

Cujo espírito não deve sair da jaula?

Mestre, diremos a elas: ler é um deslize?

Verificar “como está o vaso” é o seu destino?

Sua ciência chama-se efetivamente Belisa

E sua poesia é realmente Trissotino?

Belisa ama os versos: tu a fazes sem cérebro.

Armanda contemplou a Lua: ela não tem coração.

O quê! Por ter buscado a revelação do céu!

Por ter soletrado seu alfabeto, Senhor, não!

Clitandro concede algumas ideias à mulher,

Mas diz apenas uma palavra, e o teu drama amargo

Não passa de uma gargalhada histérica.

O verso se deita de bruços. Crisális na carne.

* Trata-se da comédia *Les Femmes savantes*, também traduzida como *As sabichonas*, peça que zomba da condição feminina. [N.T.]

O quê! As mulheres não têm direito a tirar os véus!
Não podem levantar a cabeça! Meu Deus!
Não podem olhar os céus!
E o homem diria: o Sol é meu!

Quando vens assistir à tua peça, e a sala,
Sempre disposta, desde tua morte, a admirar-te,
Aplauda os belos versos monstruosos de Crisálío,
Porventura teu sucesso não te faz censurar-te?

Não te arrependes às vezes dessa obra-prima?
Não é o ponto escuro de teus céus brilhantes
Ter, por meio desse drama, admirável víbora,
Picado esses pezinhos, ai! já em sangue?

Quem tem o direito de viver alhures que não nesta vida,
Senão aquelas para quem tal vida é de ferro?
Não impeçamos ao menos que o céu as convide,
Uma vez que tornamos sua vida na Terra um inferno!

Ó grande poeta triste, és tu que as apedrejas?
Homem e pensador, com dupla virilidade,
Não eras o amparo de todas essas fraquezas?
Não as via chorar ao seu lado?

Tu, Molière, que sempre foste bom para elas,
Que lhes verteu teu coração transbordante,
Tu que fazes raptar todas as tuas Isabelas
Pelo primeiro Valério sob sua sacada vagando,

Tu que jamais pudeste ver um amor na gaiola
Sem vir prontamente devolvê-lo ao ar livre,
Tu que defendes o amor contra o casório
A ponto de às vezes apontar as amantes de Júpiter!

Tu cujos Trufaldinos têm todos Mascarilles,
Não, tu não quiseste – nós te compreendemos mal –
Enclausurar cérebros, tu, o abominador dos gradis!
O quê! Asas nos corações e grilhões nas almas!

Histrião terrível e manso que ao destruir é visionário,
Tu, cuja obra se mistura a todos os direitos conquistados,
Tu, grande cômico revolucionário
Que se escorou no rei para golpear os condados,

Tu, que, mais sério quando soas hílar
E sabedor de que no Carnaval a liberdade ilude,
Vestiste a comédia assim como quem põe uma máscara;
Tu, que te finges bufão para poderes dizer tudo;

Que sempre renegaste a autoridade;
Formidável farsista, Hércules-Turlupino,
Que esfacelas todo poder com teu riso que arde;
Tu que fazes os padres serem surrados por Escapino!

Tu, que almejas que o homem cresça;
Tu, que acendendo teu archote na noite escura
Sem medo esbofeteaste Tartufo em plena igreja
E levaste dom Juan para cear na sepultura!

Não, tu não podes dizer às mulheres: o mistério
Não vos pertence! Não podes amarrar
Aos vis cuidados do corpo metade da Terra!
Tu, o libertador, não podes encarcerar!

Tu não lhes proibes, na cela exígua
Onde a esperança míngua diante de carrascos covardes,
Colocar sob os pés o banquinho trôpego
Para tentar ver o dia pelas grades!

*Não! Quando sua sorte já sangra de tanta estocada
Quando, agarrando-as rudemente pelos dois braços,
O implacável amor prega-as em sua escura muralha,
Tu lhes retiras os grilhões, não os instalas!*

*Não, não estás em nossa casa para as almas escureceres,
Tu, que, no dia glorioso em que nos ensinavas,
Fizeste tanto soluçar tua Escola de mulheres
Quando Arnolfo apagou a luz de Agnes!*

*Arnolfo chorava demais para falar com Crisálido.
Caso contrário, teria tristemente previsto
Que jogar na sombra uma alma, nossa igual,
É uma impiedade que vira castigo.*

*Não! Não! Bastava que tu fosses Molière
Para não conseguires extinguir o instinto archote;
Pois gênio e luz são da mesma esfera,
E tu não és Sol para trazer a noite!⁴⁹*

Versos feitos entre 14 e 17 de fevereiro.⁵⁰

Molière:

*— Toda obra tem duas caras e todo drama, duas asas,
Uma, que na Terra depena o crítico ansioso,
Outra, que voa e paira nas abóbadas da graça,
Imensa asa de anil feita do ar vaporoso.*

*Pensador, eis o sentido de minhas Eruditas:
O espírito e a carne são ambos por Deus punidos.
O espírito quer que a carne seja uma das criaditas,
A carne quer que o espírito refogue seu cozido.*

*O espírito quer que a carne compreenda suas veleidades.
A carne quer que o espírito compreenda suas necessidades.*⁵¹

A mesa se interrompe e gira durante uns quinze minutos sem dizer nada. Reinava, nos últimos instantes, certa desatenção entre os ouvintes. Victor Hugo filho lia, a srta. Adèle Hugo ia e vinha, entrava e duvidava, o gato miava. Somente a sra. Victor Hugo, Charles Hugo e Auguste Vacquerie estavam atentos.

Auguste Vacquerie: Preferes adiar tua resposta para uma outra noite, Molière?

— Sim.

Sra. Hugo: Por que não queres continuar esta noite? Alguma coisa te incomoda?

Sem resposta. Abandonamos a mesa. Conversa na qual Victor Hugo justifica sua distração.

Voltamos à mesa.

Hugo: Quem está aqui?

— Ésquilo.

— Fala.

— Vou continuar os versos de Molière.

Vacquerie: Em vez disso, por que não continuas os teus?

— Se assim preferes.

— Sim, prefiro. Desejo que seja Molière que termine os dele porque gostaria de revê-lo. Porventura ele se zangou conosco?

— Não.

— Ele voltará para terminar seus versos?

— Ele disse para eu continuá-los.

— Por quê?

— Direi para ele voltar.

— Obrigado. Muito bem, continue teus versos. Vou relê-los para ti. Se quiseses mudar um verso ou uma palavra, bate uma vez.

Auguste Vacquerie relê os versos da terça-feira, 7 de fevereiro.

Na estrofe que termina com este verso:

Tigres que voltam a ser carneiros

A Mesa quer mudar.

— Muda o segundo hemistíquio: cujo nome é sofrimento

A srta. Adèle Hugo sai.

— *Encontram, ao morrerem, em vez da colheita,*

Em vez da luz, em vez do alento,

*Seus crimes espadachins na morte à espreita.*⁵²

Preferis:

*Seus crimes à espreita atrás de seus túmulos?*⁵³

Hugo: Nesse caso, não deveríamos mudar a rima no segundo verso? “*Em vez de céus tão puros*”. Preferimos essa segunda forma. Concordas?

— Hesito.

— Prefiro a segunda forma devido à palavra espadachins que está na primeira. O crime é um punidor, não um espadachim.

— Prefiro espadachins porque essa palavra faz de crimes uma quadri-lha de bandidos a soldo de criminosos que, por sua vez, os atacam quando eles chegam ao local onde deixaram o crime à espreita na morte.

— Então deixas a primeira maneira?

— Escolhei.

Escolhemos a segunda.

Hugo: Tua explicação é muito bonita, mas continuo achando que a segunda maneira é mais eficaz. Mas cabe a ti escolher, não a nós.

— Quero demonstrar-vos que na arte humana o ideal é intangível.

Auguste Vacquerie continua a reler. Na penúltima estrofe:

São condenados por seu próprio devotamento...

A Mesa quer refazer toda a estrofe.

Victor Hugo sai.

— *Eles são os condenados por sua devoção sublime*

Que faz deles metade de todas as dores;

Quanto a mim, lastimo mais a bondade que o crime

*E os homens de sangue menos que o homem que sofre.*⁵⁴

Auguste Vacquerie lê a última estrofe.

— Queres mudá-la, certo?

— Sim.

*Eles são os condenados da humana miséria
Porque todos, pequenos e grandes, ao seu lado choram
E porque descobriram a igualdade sobre a Terra,
Não em todas as frentes, mas em todos os olhos.*⁵⁵

— Teu último verso é prodigioso. Ficais contentes quando julgamos soberbos vossos versos?

— Sim.

— Pois bem, repito que o teu é sublime.

— Sei que é um dos cem versos mais bonitos que existem.

— Dizias há pouco que, na arte humana, o ideal era intangível. Teu verso não teria atingido o ideal?

— Não.

— Esses cem versos mais bonitos a que te referes são todos feitos na Terra no momento atual?

— Não.

— Há alguns entre os poetas vivos?

— Sim.

— Queres citar alguns?

— Não.

— Continua teus versos.

*Pois eles são noivos de todas essas pobres raparigas
E de flores de laranjeira estão repletos seus corações
Pois sua paternidade, pairando sobre as famílias,
É uma adoção de todos os órfãos.*

*Pois Deus, com a piedade completando seu suplício,
Nas duas pontas da cruz faz sangrar seu espírito
E sobre o sinistro calvário, ó duplo sacrifício,
Madalena os prega assim como Jesus Cristo.*⁵⁶

Vacquerie: Poderias agora nos explicar um fato que nos intriga? Outra noite veio uma criatura que declarou chamar-se Leão de Androcles e que, sem mais, sem provocação de nossa parte, disse-nos: olá, imbecis. Ele nos pediu versos, não os tínhamos prontos, e, em respeito aos espíritos, não quisemos improvisar uns quaisquer. Explicamos isso com deferência. Então ele nos ofendeu e partiu. Por quê? Teria sido por faltarmos a um encontro marcado por ele?

— *Esse leão é enorme e portador de catástrofes.*

Errastes, pensadores, em o aborrecer.

Hugo terá de atirar-lhe algumas estrofes

*Para que, ao voltar, ele tenha um osso para roer.*⁵⁷

— Agradeço-te por pedir versos a Hugo. Seus versos deleitarão não só ao Leão de Androcles, como a mim. Parece-me, contudo, que a maneira como nos pedes isso não é muito lisonjeira para mim. Observa que continuo sendo o único a ter feito séria e laboriosamente os versos que desejaste, e tu me agradeces recomendando que Hugo faça versos para ele ter um osso para roer. Isso não me parece muito simpático para os meus versos.

— *Está bem, volto atrás. Faz os versos para a tal criatura.*

Foste tu que escolhi, mas por favor fá-los saborosos.

Pois para que esse leão os considere à altura

*É preciso muita medula no cerne de muitos ossos.*⁵⁸

— Tu me castigas espiritualmente por uma pergunta que te fiz quase como um chiste. Mas, se Victor Hugo se dispuser a fazer os versos, terei assim mesmo de fazê-los?

— *Sim.*

— De uns tempos para cá, vós pareceis muito suscetíveis. Antes, nos dirigíeis chistes e impertinências. Agora não perdeis uma oportunidade de nos repreender. Por que essa mudança?

— *É que em breve vós deixareis o império*

Onde a Sombra do Sepulcro tem o comando.

Vossos lábios hoje estão no fim da miséria.

*Todo o amargor ficou no fundo do vaso nefando.*⁵⁹

— Tu nos dizes que em breve deixaremos o mundo que nos visita neste

momento. Mas então não nos veremos mais, e Shakespeare nos prometeu um drama; ele não terá tempo de ditá-lo? Ou ele e tu e Molière não sois do mundo da Sombra do Sepulcro? Voltareis com os espíritos dos mundos mais felizes? Queres e podes responder a esta pergunta: Shakespeare, Molière e tu, em que mundo estais?

— Arcanjo Amor.

— Quem está aqui?

— A Sombra do Sepulcro.

Charles Hugo: Se tais revelações deverem um dia ser publicadas, gostarias de nos indicar o título que deveríamos dar ao livro?

— Os ventos do túmulo.⁶⁰

— É um título acertado entre ti e os arcanjos que comandam os outros mundos?

— Sim.

— Não conviria dividir o livro em quatro partes⁶¹ e intitular cada parte com o nome de um dos quatro arcanjos?

— Sim.

A Mesa diz:

— Aristófanes.

Vacquerie: És tu, grande poeta? Pai da comédia, salve! Vens nos dizer alguma coisa?

Silêncio.

— Também aguardas que te interroguemos em versos!

— Sim.

— Muito bem, faz uma coisa. Sabes como te admiro e aprecio, mas eis-me comprometido com o Leão. E depois Hugo não será demais para ti. Encomenda-lhe versos. Se ordenares, ele te obedecerá e teremos nossa cota de satisfação.

— *Ele dorme. Vou me deitar no seu céu;*

Tomarei, enquanto sua pálpebra tomba,

Da pena com que esta noite ele escreveu,

E molharei na tinta da tumba.

*De maneira que ao despertar amanhã
Ele veja, pousada no seu coração em flor,
Uma estrofe a nós inspirada pela manhã,
Ao mesmo tempo gota de tinta e orvalho do amor.*⁶²

— A quem chamas de nós?

— Aos mortos.

Encerrado às 4h da manhã.

Observação: em 21 de fevereiro, Charles e Victor, chegando em casa por volta das 11h30 da noite, viram as janelas da sala acesas. Quiseram entrar na sala: a porta estava trancada. Todos dormiam. Charles, intrigado com aquela claridade, procurou a chave; foi pedi-la à sua mãe, que não sabia onde ela estava; a Auguste Vacquerie, que dormia e que, mal-humorado por ter sido acordado de supetão, pediu que o deixassem em paz etc. Sem a chave, Charles foi se deitar. No dia seguinte, abrindo a sala, a empregada não encontrou tocos; logo, não eram velas que iluminavam a sala. Não tínhamos acendido a lareira à noite. Que luz era aquela? Conversamos pela manhã, fazendo o desjejum. Concluímos que o melhor é consultar a Mesa.⁶³

22 DE FEVEREIRO

1h30 da tarde. A srta. Hugo e Charles Hugo conduzem a mesa. Victor Hugo escreve.

— Um fato nos preocupa. Sabes o que Charles e Victor viram ontem à noite chegando a esta casa?

— Sim.

— Diz-nos o que é.

— Não.

— É um fato simples, como uma vela acesa esquecida, por exemplo? Ou um fato misterioso? Limita-te, se preferires, a nos esclarecer esse ponto.

— **Bela da Noite.**

— Continua.

A mesa para de se mexer.

— Isso é tudo?

— **Sim.**

Victor, meu filho, substitui seu irmão à mesa. A mesa volta a se movimentar.

— Fala.

— **Fé. Da.**

Agitação da mesa. Victor sai, Charles retoma.

— **Deusa, dúvida, padre. Homem altar, templo noite.**

— Isso é tudo?

— **Sim.**

— Vês o estado em que se encontra nossa alma? Queres continuar a falar?

— **Não.**

— Queres que deixemos a mesa?

— **Sim.**

QUINTA-FEIRA, 23 DE FEVEREIRO DE 1854

9h da noite. Presentes: sra. Victor Hugo, Charles Hugo, Auguste Vacquerie. Conduzindo a mesa: sra. Victor Hugo e Charles.

— Quem está aqui?

— **A Sombra do Sepulcro.**

— Fala.

— Hoje não verás ninguém, é um dia sem dor,
Em que, nos vastos céus, do qual somos as chamadas,
Eu, a Sombra do Sepulcro, e ele, o Arcanjo Amor,
Distribuímos as almas.*⁶⁴

DOMINGO, 26 DE FEVEREIRO

9h30 da noite. Presentes: sra. Victor Hugo, Auguste Vacquerie. À mesa: Charles Hugo e Théophile Guérin.

— Quem está aqui?
— Molière.
— Vens terminar teus versos?
— Sim.
— Memorizaste a primeira estrofe?
— Sim.
— A segunda?
— Não.

*Crítico, procurei nas minhas Eruditas
Entre a alma e o corpo o meio intangível.
O corpo quer que a ideia vá com as criaditas
E mande o archote refogar o cozido.*

*O espírito também quer subjugar os sentidos avessos
Ao pensamento, às palavras estropiadas pelo homem.
Filaminta no fim pensa tanto em suas asas
Que nem mesmo sapatos Crisálido tem.*

* Trata-se da distribuição das almas punidas ou das almas recompensadas. As almas podem subir ou descer. Alexandre Weill, em *Os mistérios da criação*, falava de “almas ascendentes ou descendentes”. Uma alma corrompida pode ser punida descendo até os animais e as plantas ou, caso mereça, elevar-se até os anjos.

*O corpo quer que a ideia aprecie seu haut-de-chausses**
E que, desdenhando todo sonho de apogeu,
Vá à cozinha provar os doces.
*E manda encher a taça dessa Hebe** dos céus.*

Entra Victor Hugo.

— O espírito injusto quer então que a carne vassala
Sofra: pronto, ele diz, um corpo original!
Que me importa o vento que arrepia Crisálío
Quando abro para o céu tua janela, ideal?

A sra. Victor Hugo substitui Guérin à mesa.

— Acho essa pança simpática em seu papel.
Pensa então, bruto, no dia, na lua, no céu azulino,
Que me importam os buracos no gibão desse menestrel
Quando meu olhar mergulha nos abismos divinos?

Que me importa, appetite, que vivas ou morras!
E teu imortal pernil mal assado por Margoton?
E que sob o travesseiro onde sonho meus belos sonhos
Resmungue confusamente tua touca de algodão!

Victor Hugo sai.

— Que me importa, Crisálío, tua vida e tua saúde!
Henriqueta, teus sentimentos interesseiros!

* Peça de roupa masculina surgida no século XIII e que cobria da cintura ao joelho. [N.E.B.]

** Hebe representa a personificação da juventude. É filha de Zeus e Hera e, por conseguinte, irmã de Ares e Ilítia. Desempenha, no “estafe divino”, a função de uma empregada, ou da “menina da casa”.

*Nado no anil, não na água insalubre.
Sou ave do céu, não de terreiro.*

*Estais resfriados, magros, mortos, belo desastre,
Mandai, se quiserdes, chamar o enfermeiro.
Já eu mergulho minha asa nos cachos louros do astro,
E deixo vossos focinhos em seus montes de esterco!*¹⁶⁵

A mesa bate três vezes.

— O que desejas mudar?

— **Cachos.**

— O que colocas no lugar?

— **Raios.**

Vacquerie: Mas cachos estava ótimo.

— **Convinha exprimi-lo mudo interessante.**

— O quê? O que convinha exprimir?

— **Teu pensamento.**

— Que pensamento?

— Nós, do lado de cá, gostamos muito, quando ditamos versos, que as pessoas se comovam com nossas palavras, como Hugo, por exemplo, e que o espírito a quem cabe a honra de escrever sob nosso ditado esboce uma atitude menos silenciosa que um tabelião a escrevinhar. Agora prossigo.

— Na outra noite, distraímo-nos enquanto falavas; foste embora zangado e voltaste hoje irascível. Mas por que cismas comigo, que sempre te escutei com respeito e te fiz versos tão logo os desejava? Meu silêncio não era nem desdém nem indiferença. Fiz-te uma pergunta, espero que tua resposta seja completa para julgá-la e para ver quem está errado, *As eruditas* ou minha crítica. Até o presente, pareces dizer mais o que o teu drama poderia ter sido do que o que ele é.

— **Espera.**

— É justamente o que eu fazia. Esperava.

— **Sim, pareces inclusive estar deveras enfasiado.**

— Isso não é lá muito elegante.

— Vós me enfastiais, senhora.

Observação: *Em um drama em versos que escrevi aqui, ano passado, fiz este hemistíquio: “Vós me enfastiais, senhora”. Auguste Vacquerie*

— Sim, mas eu coloquei isso na boca de um ladrão.

A mesa parou de se mexer.

— Molière não está aqui?

— **A Sombra do Sepulcro.**

— Escutamos.

— *Molière deixara o céu, doce pátria,*

Para seduzir-vos. Voltou a subir para o nosso calor.

Nós, espíritos, falamos para que mergulheis na alegria

Ou tremeis de pavor.

Molière teria apreciado ouvir o que dele se pensa,

Sim, que dissessem: que gênio! que bonito!

Esperai, para receberdes essas árias de silêncio,

Chegar a hora do jazigo.⁶⁶

Conversa: Auguste Vacquerie resiste aos dois últimos versos. O jazigo só é silêncio para os que creem no nada; como a Sombra do Sepulcro pode dizer que seremos mudos na morte, quando os mortos vêm falar conosco todas as noites?

— Quem está aqui?

— **Ésquilo.**

Sra. Hugo: Diz algumas palavras boas; precisamos delas após a rudeza desta noite. Tais suscetibilidades abalam a ideia que fazíamos de vós.

— **Trarei de volta Molière.**

Vacquerie: Quando o traráis? Gostaríamos muito de não ir dormir de mal com ele. Podes obter que ele volte imediatamente?

— **Sim.**

A mesa gira.

— És tu, Molière?

— **Sim.**

— Obrigado por voltares. Uma vez que desejas que eu fale de teus versos, digo desde já que o último verso da primeira estrofe não me parece feliz.

— *E que esse grande archote refogue o cozido.*⁶⁷

— Fica bem melhor assim. Todo o resto está muito bom.

— Preferes:

*E não tenho focinho para vossos montes de esterco?*⁶⁸

— Sim, prefiro este último verso. Há dois mergulha a duas estrofes de distância.

— Misturo minha asa.

*Eu, o poeta, ou melhor; eu, o pensador austero,
O espírito encarregado por Deus de reconciliar
A ideia com o corpo, o céu com a Terra,
A cúpula com o pilar,*

Digo a Filaminta: Aonde vão tuas demências?

Vê, minha irmã, aonde te leva teu ardor,

Cumprer que no sulco todas as sementes

Caiam das duas mãos do pensador.

Cumprer que das duas mãos do divino apóstolo

Saia o duplo pão do corpo e do espírito.

De uma, todos os lírios, da outra, todos os pomos.

O que encanta e o que dá viço.

Cumprer que ele dispense, enquanto o homem é punido,

à alma e à carne cuidados religiosos,

Que, duplo médico, ele aplique sobre nossas feridas

*A venda que retira de nossos olhos!*⁶⁹

2h da manhã.

27 DE FEVEREIRO

10h da noite. Presentes: sra. Hugo, Victor Hugo, Théophile Guérin, Adèle Hugo. Conduzindo a mesa: Thomas (companheiro de exílio de Barbès e Blanqui no Monte Saint-Michel).

— Tem alguém?

— Sim.

— Diz teu nome.

— Latude.*

— Tens algum comunicado a nos fazer?

— Sim.

— Fala.

— Só muda o nome da prisão. A Bastilha passa a se chamar Monte Saint-Michel. O prisioneiro continua a se chamar povo. A evasão é certa, amigo. Fabrica tua corda. Prende-a nas grades da torre e desce. Se for muito curta para o abismo, será suficientemente comprida para o túmulo.

— Habitas um mundo feliz? És livre?

A mesa se agita.

— Ainda és tu, Latude?

— Não.

* Latude e, logo adiante, Bonnivard e o Máscara de Ferro foram três prisioneiros célebres, encarcerados por motivos torpes, quase todos ilegítimos. Jean Henry de Latude (1725-1805) era um aventureiro francês acusado de tentar extorquir dinheiro da Madame de Pompadour. Foi encarcerado no castelo de Vincennes e na Bastilha. Empreendeu três fugas espetaculares, uma, da Bastilha, prendendo uma corda com nós nas barras de sua cela. Essa escada de corda que lhe permitiu evadir-se está conservada no Museu Carnavalet, em Paris. No total, passou 37 anos preso. Foi libertado em 1784. O personagem de Latude aparece em algumas obras de Hugo, em especial em *O noventa e três*. François de Bonnivard era um patriota genebrino, encarcerado entre 1530 e 1536 no castelo de Chillon, na Suíça, às margens do lago Léman. Esse castelo, construído no século XVIII, era propriedade dos duques de Savoia. O Máscara de Ferro era um misterioso preso político cuja identidade era mantida em segredo absoluto, ele sendo obrigado a usar permanentemente uma máscara de veludo negro e de metal. Foi confinado em Pignerol, em 1679, depois no castelo d'If, na ilha Sainte-Marguerite, de 1687 a 1698, e na Bastilha, de 1698 a 1703, onde morreu. Voltaire, em seu *O século de Luís XIV*, fez dele o irmão gêmeo do rei. Hugo cogitava, em 1839, um drama sobre o tema, cujos títulos virtuais eram *O conde Jean*, depois *Os gêmeos*, publicado em 1889, inacabado, no volume dos dramas póstumos.

— Quem és tu?

— O prisioneiro de Chillon.

— És Bonnivard?

— Sim.

— Fala. Então podes fugir?

A mesa se agita.

— Ainda é Bonnivard?

— Não.

— Quem és tu?

— O Máscara de Ferro.

— Fala. Podes então te salvar, por onde?

A mesa se agita.

— É sempre o Máscara de Ferro?

— Não.

— Quem és tu?

— Latude.

— Fala.

— Por esse buraco.

A mesa se agita.

— Quem está aqui?

— Judas.

— Fala.

— O túmulo é um beco sem saída. Nele, o prisioneiro é condenado,
mas a porta também.

A mesa se agita.

— Ainda é Judas?

— Não.

— Quem és tu?

— Jesus.

— Fala.

— Tenho a chave.

A mesa se agita.

— Quem está aqui?

— Judas.

— Fala.

— Passa-a para mim, Jesus.

A mesa se agita.

— Quem está aqui?

— Jesus.

— Fala.

— Ei-la, Judas.

A mesa se agita.

— Quem está aqui?

— Judas.

— Fala.

— Fugamos, Caim. Estou com a chave.

A mesa se agita.

— Quem está aqui?

— Caim.

— Fala.

— Aonde iremos? Somos cativos, quem nos receberá?

A mesa se agita.

— Quem está aqui?

— O Arcanjo Amor.

— Fala.

— Eu.

A mesa se agita. Mais nada. Esta página e a anterior foram escritas por Victor Hugo.

SEXTA-FEIRA, 3 DE MARÇO DE 1854

9h45 da noite. Presentes: Victor Hugo, sra. Victor Hugo, Auguste Vacquerie. Charles Hugo e Théophile Guérin à mesa.

e unicamente com quem me interrogar em versos. São ordens da Sombra do Sepulcro.

Victor Hugo lê em Os raios e as sombras os versos dirigidos ao Fauno a respeito de Molière:

Tivestes a honra de ver Molière sonhar?
Ele vos falou às vezes com uma voz familiar,
Lançando-vos bruscamente um verso melodioso,
Como [se] entre semideuses, deu-vos um tapinha amistoso?

Voltando uma noite do fundo das ruas,
Esse pensador, que, vendo as almas todas nuas,
Não podia ter medo de nossa nudez,
Ao homem em seu espírito confrontou-vos por sua vez?

E encontrou, a vós, espectro cínico,
Menos triste, mau, irônico, frio,
Enquanto comparava, detendo-se no caminho,
Vosso riso de mármore a nosso riso escarninho?

Era noite de inverno no parque escuro e deserto.
Eu andava. A noite fria enegrecia sua mantilha,
E cada árvore parecia sob o divino teto
Um grande candelabro de maravilhas.

Encontrei o fauno. Ele ria na noite.
Ria no horror da penumbra incipiente,
Sua gargalhada ressoava feito um açoite
E espalhava o medo no parque sem gente.

Tudo o cercava qual um histrião sinistro.
As faias prendiam a respiração ao seu lado.
E aquele bufão fazia sob seu riso iníquo
Tremor suas majestades os carvalhos.

Quando passei, ele me disse: ó pensador,
Sou um infeliz que sofre, contido,
As lágrimas da nuvem e da noite, sua sóror,
Caem sobre mim, cativo do riso.

Tudo quer que eu chore e eu, neste escolho,
Ó coração humano, ouço os rumores que me aportas,
E vejo através dos buracos dos meus dois olhos
A alma transbordar de folhas mortas.

E diante de mim, que rio, tudo passa em esplendor,
O canto dos pássaros e teu canto, ó Molière,
E os dois namorados dizendo palavras de amor,
Rio quando chora La Vallière.*

O palácio está cheio de cortesãos horríveis
Trajando o andrajo da França derrubada.
E rio quando seu espectro, a vagar invisível,
Vem recostar-se à minha estátua.

Rio do mês que passa e do dia que morre,
Do escuro inverno que faz tiritar a humilde alcova
E cuja neve coloca para o baile da corte
Uma peruca em minha fronte calva.

Meu riso é qual uma alma insensível a vossos gritos,
O homem sofra, chore, se desespera ou se cale,
Ó pensador, eu ainda riria como rio
Se o meu pedestal fosse uma vala.²⁵

* Louise de La Baume Le Blanc, duquesa de La Vallière (1644-1710). Favorita de Luís XIV, com quem teve quatro filhos. Recolheu-se nas Carmelitas em 1674.

*Ele se calou. E sob a sombra dos grandes bosques
Eu vi ganhar vida esse fantasma de sorriso funesto
E lhe disse: teu nome, pobre dor sem voz?
O histrião respondeu: Alceste.*

Tu, que do velho Shakespeare recebeste o cesto,
Tu, que próximo a Otelo, esculpes o sombrio Alceste,
Astro que resplandece em um duplo horizonte,
Poeta no Louvre, arcanjo no céu, ó grande Molière,*

*Tua visita esplêndida minha casa honra.
Me estenderás nas alturas tua mão hospitaleira?
Que minha fossa se abra no santo monte,
Vejo sem medo o túmulo das sombras eternas.*

*Pois sei que, se ali o corpo encontra uma prisão,
A alma encontra asas.²⁶*

— Quem está aqui?

— **A Sombra do Sepulcro.**

— Fala.

— *Espírito que desejás saber o segredo das trevas*

E que, empunhando o terreno archote,

Vens furtivamente às nossas sombras negras

Arrombar a casa da morte,

Volta ao teu silêncio e sopra tuas velas.

Volta à noite da qual às vezes te furtas.

O olho vivo não vê as coisas eternas

Por sobre o ombro dos defuntos.²⁷

* Cesto, segundo o dicionário Houaiss, “conjunto de fitas de couro cru guarnecidas com pelotas de chumbo, que envolvia as mãos dos pugilistas”. [N.E.B.]

Victor Hugo: Uma pergunta para Molière:
Os reis e vós, nas alturas, mudais de estrato?
Luís XIV no céu não é teu valete?
Francisco I não é bufão de Triboulet?
E Creso de Esopo o escravo?*²⁸

O céu não castiga com tais caretas,
E não traveste em louco Francisco I;
O inferno não é um baile de palhaços grotescos
*Cujo negro verdugo seria o costureiro.*²⁹
— Foi Molière que respondeu?
— Não.
— Quem foi então?
— A Sombra do Sepulcro.
— É só isso a resposta?
— Não.
— Continua.
— *Todos carregam ferros. Suas almas acorrentadas*
Têm no pé o grilhão do presídio dos mortos,
E, quando perante nós elas são arrastadas,
Seu crime as despacha para a masmorra do remorso;

Faço-as diariamente, sem trégua nem alarde,
Suar num calabouço bolorento;
Dou ânimo ao bravo e vergasto o covarde,
Pois estão na masmorra do arrependimento.

Até o dia em que o Deus das celestes falanges,
Despontando na sombra que tu, crime, invadiste,

* Creso (595-547 a.C.): último rei (560-546 a.C.) da Lídia, célebre por suas riquezas, produto das areias auríferas do rio Pactolo.

*Com todos esses malditos querendo ser anjos,
Despachar para o céu esse comboio de cativos.*³⁰

Encerrado às 2h.

*Observação. Ao ditarem seus versos, Molière, Ésquilo, Shakespeare e André Chénier corrigem, interrompem, hesitam, apagam, refazem. A Sombra do Sepulcro, por sua vez, dita os versos como se fossem prosa, sem hesitação, sem dificuldade, fluentemente. Quando Victor Hugo perguntou a Molière: os reis e vós, lá no alto etc., perguntamos se Molière estava presente. Julgamos que a Mesa respondia sim. Entretanto, como a primeira estrofe da resposta fora ditada velozmente e sem rasura, ruminamos que não podia ser Molière.*³¹ *Daí termos indagado novamente quem era. Com efeito, era a Sombra do Sepulcro.*

SEGUNDA-FEIRA, 13 DE FEVEREIRO

Noite, 8h30. Presentes: Victor Hugo, sra. Hugo, Auguste Vacquerie, Charles Hugo, srta. Adèle Hugo.

— Quem está aqui?

— Rafael.*

Victor Hugo: És o grande homem ou o grande anjo? Se fores o grande homem, dá uma batida. Se não, duas.

Uma batida.

Hugo: Antes de conversar com um gênio como tu, cuja arte é um sol, permite-nos falar de um fato humano ocorrido na sexta-feira (o enforcamento de Tapner em Guernesey)?

— Não.

* Raffaello Sanzio (1483-1520): pintor da Renascença italiana. Foi a referência suprema, durante três séculos, do maneirismo ao classicismo e ao academicismo.

— Tens então algo a nos dizer?

— Sim.

— Muito bem, sobre o que desejas falar?

— Sobre a arte.

Charles se queixa de estar cansado e quer sair.

Charles Hugo: Aceitas voltar outro dia da semana, quando eu estiver bem-disposto e animado?

— Sim.

8h45 da noite.

TERÇA-FEIRA, 14 DE FEVEREIRO DE 1854

9h da noite. Presentes: sra. Victor Hugo, Charles Hugo, à mesa, Auguste Vacquerie.

Auguste Vacquerie: Quem está aqui?

— Ésquilo.

Vacquerie: Ésquilo, tu, em quem a humanidade cega,

Às apalpadelas na noite, sem esperar do dia o alvor,

Silente, rasteja aos pés dos deuses, lúgubre poeta

Da fatalidade — o que dizes do amor?

A aurora em nosso horizonte aos poucos se ergueu,

E nos últimos sessenta anos alcançamos o logos.

O grande Oitenta e nove, do qual fizeste Prometeu,

Ao céu avaro finalmente roubou o fogo.

Apolo nos diria para matarmos nossa mãe,

Que nossa consciência insultaria sua lei.

Orestes responderia ao deus das manhãs:

Já que desejas matar, sou mais deus do que tu, ó rei!

*Sim, vemos o mal e o bem, grande espetáculo,
Sem precisar consultar deuses nem demônios.
Sim. Nossa consciência é nosso único oráculo;
Sim, finalmente temos olhos; mas amamos.*

*De nada serve, portanto, ver o belo e o justo,
Somos laçaios de nossa paixão.
Uma singela mão termina nosso braço robusto.
Nosso coração te esbofeteia, ó Revolução!*

*O coração não cessou de acumular sem trégua
Vícios tenebrosos e crimes a sangue-frio
Desde o instante em que, comendo o fruto de Eva,
Adão preferiu o amor ao paraíso.*

*Helena ama Páris, e em Troia campeia
Sangue humano derramado dez anos a fio.
Clitemnestra ama e mata Agamenon. Medeia
Ama Jasão e corta em pedaços seus filhos.*

*Seria isto então a lei? O amor tem por encargo
Destilar um negro veneno no colo albino?
Cleópatra, fazes de Marco Antônio um covarde;
Desdêmona, do mouro fazes um assassino.*

*Os poetas, retratos do homem em todas as idades,
Injetam amor no âmago de todos os desumanos.
O amor, crime dos bons, corrupção dos sábios,
Tem menos lágrimas nos olhos do que sangue nas mãos.*

*O quê! O homem mais forte, o pensador, o doce senhor,
O amigo dos animais, e até dos profanos,*

*Para transformá-lo em vilão, assassino, traidor,
Basta a fronte pura de uma criança de dezesseis anos!*

*É em vão que ele resiste. Sua consciência triste
Em vão lhe diz: amigo, fizeste mal, não sejas turrão.
Ele comete à luz do dia o que comete Egisto
Dissimulado na noite negra e sob o deus pagão.*

*Ó século XVIII assustador e sublime,
Se o espírito é emancipado, o coração é fatal.
E nosso amor transforma a luz num crime,
Pois fazemos o mal vendo que é o mal.*

*Soará o momento em que o coração será livre?
Quando tudo se harmonizará em grande esplendor
E, reconciliando nossa alma e nossa fibra,
A consciência humana esposará o amor?*

*O estupro noturno, o traído que se revolta,
O viúvo que mostra os punhos para o firmamento,
Será isso o amor ou não passa da escória
Cujo divino diamante virou excremento?*

*O amor ainda é o amor, sem lume?
Será igualmente doce se jamais fremiu?
Abandonarás o amor, ó negro ciúme,
Que do mais apaixonado faz vil?*

*Ésquilo, como fazer para moderar as lavas,
Ser amado e ao mesmo tempo livre?, diz, avance!
Basta um amor para fazer dois escravos:
Ele, de seu ciúme; ela, de seu amante.*

*Podemos corrigir sem sufocá-lo,
Esse grande arrepio moral e sensual,
Essa terrível felicidade feita de um estilhaço
Cujo esplendor escuro conspurca o céu?*

*Ou devemos escolher? Diz, cumpre que o homem
Abandone o amor para almejar a liberdade,
E esse horrível sacrifício se consume
E ele pisoteie seu coração ensanguentado?*

*Velho poeta fatal libertado pela tumba,
Diz-nos se sem morrer o amor pode se acalmar
E como o abutre se tornará a pomba,
Pois queremos pensar, mas queremos amar.*

*Devemos matar o amor, bem como todo o resto
Para que o homem alcance enfim a sagacidade?
Amor, palavra encantadora da língua celeste,
Seria o outro nome da fatalidade?*

*E se fosse ela, ó Deus, se fosse seu esqueleto,
Que, rejeitando o nome com que a enobreces,
Voltasse com uma máscara nos olhos? Tu, seu poeta,
Olha bem e diz se a reconheces.*

*E se fosse ela, ó Deus, que arrebatasse nossa alma
E exibisse, substituindo seu chamariz banal,
Como grilhão de ferro um fio de cabelo de dama
E como prego de bronze uma refeição virginal?³²*

Versos feitos na véspera, 13 de fevereiro.

Lidos os versos, a mesa se agita e gira quinze minutos sem começar a falar.

— Não, o homem jamais será livre sobre a Terra.
É o triste cativo do mal, do bem, do belo.
Ele não pode ser livre, é a lei do mistério,
Salvo quando se torna prisioneiro do eterno.

Não basta ele ter roubado, doce sina,
A liberdade da sombra e a luz do norte.
Sua conquista começa, e aquele que a termina
É o grande conquistador a quem chamamos morte.³³

Prefere mudando a rima?
É o grande conquistador a quem digo meu Deus.

— Estamos na dúvida.

Entra Victor Hugo.

Victor Hugo prefere o primeiro verso porque o segundo lhe parecer diminuir Deus. Deus não conquista, cria. A palavra conquistador, que engrandece o homem, apequena Deus.

— Mudo assim:

É o único conquistador que é grande, é a morte.

Não, não basta que ele derrube uma jaula,
Que, rugindo, atire os tronos no esgoto,
Sua alma terá sempre uma marca na espádua.
O coração humano jamais terá dez de agosto.*

Ele estará sempre ali, o rei soturno, a sentinela,
A dúvida, tornando nossos corações sinistros valetes,
Indo e vindo atrás da janela,
Acendendo e apagando os lustres do palacete.

* Em 10 de agosto de 1792 ocorreram a queda da monarquia na França e a prisão de Luís XVI e sua família. É o início do período da Revolução conhecido como Terror. [N.E.B.]

*Vós matais um tirano, mas a escravidão permanece,
Chame-se amor ou fatalidade.
Quando Deus quer punir no mundo de Orestes,
Cede a seus carrascos sua imortalidade.*

*Matais um tirano? Matai a inveja!
Ateai fogo então, como no Louvre, na dor!
Fazeis cair um rei quando vossa hora chega.
Ora, executai então de Deus o executor!*

*Fatalidade, leão cuja alma é devorada,
Eu quis domar-te com um braço de Polifemo,*
Quis em minhas costas carregar tua pele rajada,
E que me apontassem: Ésquilo de Nemeia.***

*Não tive sucesso. A besta-fera escura
Ocupa vossos corações com sua garra indelével;
O coração do homem transborda gritos de fúria,
Essa cova dos leões não é de Daniel.*

*A mim, sucedeu Shakespeare. Ele viu as três feiticeiras,
Ó Nemeia, saindo do âmagô de tua floresta
E lançando em nossos corações, ferventes caldeiras,
Os filtros monstruosos do imenso mistério.*

* Um dos Ciclopes, filho de Poseidon e protagonista de um episódio célebre da *Odisseia*. Ele captura Ulisses e seus companheiros na Sicília e devora dois deles a cada refeição.

** Nemeia: vale da Argólida, no Peloponeso, onde Hércules matou o leão de Nemeia, primeiro dos Doze Trabalhos, executados por ordens de seu primo Euristeu. O leão de Nemeia era um monstro reputado invulnerável, por sua vez irmão de outro monstro, a Esfinge de Tebas. Hércules matou o monstro estrangulando-o. Foi por ocasião desse primeiro trabalho, a caça ao leão de Nemeia, que Hércules confeccionou sua primeira arma, a maça. No pensamento místico, os trabalhos de Hércules representam as proações da alma, que se liberta progressivamente da servidão do corpo e das paixões até a apoteose final – ideia que bate com as intuições hugoanas confirmadas pelas revelações da Mesa.

*Ele se dirigiu ao grande bosque, o limite do mundo.
Depois de mim, o domador, veio ele, o caçador;
E como ele olhava em sua alma profunda,
Macbeth gritou: fujaamos, e Hamlet: sinto pavor.*

*Ele escapou. Molière então na floresta
Apareceu e disse: vede se minh'alma enfraqueceu.
Comendador, vem cear. Mas no festim de pedra
Molière tremeu e dom Juan empalideceu.³⁴*

[Observação de Auguste Vacquerie: Uma coincidência curiosa. Hoje, antes do jantar, neste mesmo recinto onde a Mesa nos fala neste momento, escrevendo uma pergunta para Molière, fiz aqueles dois versos: Tu que...

*Sem medo esbofeteaste Tartufo no meio da igreja
E levaste dom Juan para cear em seu túmulo.³⁵]*

*— Mas seja o espectro ou a sombra ou bruxa,
É sempre tu, leão da garra de ferro.
Tu ocupas de tal forma a grande floresta lúgubre
Que Dante esbarra em ti ao entrar no inferno.*

*Ele encanece com ossadas as obras dos poetas.
Vossa arte após a nossa termina a lição.
É sempre meu leão que rói os esqueletos
Que vossos Quasímodos deixam para Montfaucon.**

* Quasímodo perpassa a obra hugoana, especialmente *Notre-Dame de Paris*. “Montfaucon” é também o título do poema escrito em 28 de novembro de 1858 (*A lenda dos séculos*, II, V, 2), sendo várias vezes mencionado em *Notre-Dame de Paris*. Ele representa o arquétipo do cadafalso; dominando Paris do alto, ele instila pavor no coração de seus moradores. Mas é igualmente rejeitado: fora do muro periférico, assume uma função apotropaica; com sua cruz e seus dois forcados patibulares, representa o Calvário.

*Logo, a fatalidade para a humana ferida
É o amor e o amor é o destino.
É sempre esse dente cuja horrível mordida
Faz nossos beijos parecerem sanguíneos.*

*O cacho de cabelos que corta o poeta,
Que dom Juan de alguma bela fronte furta,
Que Romeu beija pensando em Julieta,
Está amarrado, ó leão castigo,³⁶ em tua juba!*

*Tu só és domado quando a morte beluária
Arranca-te do covil, onde, a sós, tripudias da alma,
Arranca-te da floresta profunda e secular,
E aponta com o dedo seu túmulo, sua jaula.³⁷*

Em relação ao verso “Ele encanece com ossadas as obras dos poetas”, Auguste Vacquerie observa que ele parece reportar-se a Dante.

— Esse monstro com ossadas encaneceu todos os poetas.

Vacquerie prossegue a leitura até este verso: “Logo, a fatalidade para a humana ferida etc.”.

Vacquerie: Não julgo muito claro este verso.

— *Logo, a fatalidade faz a mesma ferida
Que o amor e o amor que a fatalidade.*³⁸

— Esses versos são mais claros, mas respondem menos diretamente à pergunta que te fiz, se o amor é fatalidade.

— Sou eu que te assevero isso.

À última estrofe, a mesa dá uma batida.

— *Arranca-te com o dente a alma humana em andrajos,
Prende-te em tua floresta secular
E aponta com o dedo o túmulo, tua jaula.*³⁹

— Antes de nos despedirmos, uma palavrinha. Na outra noite começaste belíssimos versos. Não voltarás para terminá-los?

— Eu os refiz esta noite.

*Conversa e discussão: Auguste Vacquerie não vê semelhança entre os versos desta noite e as duas estrofes feitas numa noite da outra semana por Shakespeare. Esse descuido de Ésquilo sugeriria que esses espíritos que aparecem para nós não são vários, e sim o mesmo que assume vários nomes, uma vez que Ésquilo confunde os versos de Shakespeare com os seus.*⁴⁰

— **Shakespeare e eu somos colaboradores.**

Vacquerie: Não estou falando das estrofes de Shakespeare, mas das tuas. Gostarias de vir completá-las para nós quando te chamarmos?

— **Sim.**

Duas horas da manhã.

Observação: quarta-feira, 15 de fevereiro. Copio os versos de ontem tais como Ésquilo os refez e completou:

Apagando os lustres do palacete.

Não, o homem jamais será livre sobre a Terra.

É o triste cativo do mal, do bem, do belo.

Ele não pode ser livre, é a lei do mistério,

Salvo quando se torna prisioneiro do eterno.

Não basta ele roubar, doce sina,

A liberdade da sombra e o dia do norte.

Sua conquista começa, e aquele que a termina

É o único conquistador que é grande, é a morte.

Não, não basta que ele derrube uma jaula,

Que, rugindo, lance os tronos no esgoto,

Sua alma terá sempre uma marca na espádua.

O coração humano jamais terá dez de agosto.

Ele estará sempre ali, o soturno rei, a sentinela,

A dúvida, de nossos corações fazendo seus negros valetes,

Indo e vindo atrás da janela,

Acendendo e apagando os lustres do palácio.

Vós matais um tirano, mas a escravidão permanece,
Chamem-no amor ou fatalidade.
Quando Deus quer punir no mundo de Oreste,
Ele dá a seus carrascos sua imortalidade.

Matais um tirano? Matai a inveja!
Ateai fogo então, como no Louvre, na dor!
Vós fazeis cair um rei quando vossa hora chega.
Mas executai então de Deus o executor!

Fatalidade, leão cuja alma é devorada,
Eu quis domar-te com um braço de Polifemo,
Quis em minhas costas carregar tua pele tigrada,
E quis que me dissessem: Ésquilo de Nemeia.

Não tive sucesso. A besta-fera escura
Ocupa vossos corações com sua garra indelével;
O coração do homem transborda gritos de fúria,
Essa cova dos leões não é de Daniel.

A mim, sucedeu Shakespeare. Ele viu as três feiticeiras,
Ó Nemeia, chegarem do fundo de tua floresta,
E lançarem em nossos corações, ferventes caldeiras,
Os filtros monstruosos do imenso segredo.

Ele veio a esse grande bosque, o limite do mundo.
Depois de mim, o domador, veio ele, o caçador;
E como ele olhava em sua alma profunda,
Macbeth gritou: fujamos, e Hamlet disse: sinto pavor.

Ele escapou. Molière então na floresta
Apareceu e disse: vede se minha alma enfraqueceu.
Comendador, vem cear. Mas no festim de pedra
Molière tremeu tanto quanto dom Juan empalideceu.

Mas seja o espectro ou a feiticeira ou a sombra,
É sempre tu, leão da garra de ferro.
Tu ocupas de tal forma a grande floresta lúgubre
Que Dante te encontra ao entrar no inferno.

Ele encanece com ossadas as obras dos poetas.
Vossa arte depois da nossa termina a lição.
É sempre meu leão que rói os esqueletos
Que vossos Quasímodos deixam para Montfaucon.

Logo, a fatalidade para a humana ferida
É o amor e o amor é o destino.
É sempre esse dente cuja horrível mordida
Faz nossos beijos parecerem sanguíneos.

O cacho de cabelos que corta o poeta,
Que dom Juan de alguma bela fronte furta,
Que Romeu beija pensando em Julieta,
Está amarrado, ó leão castigo, em tua juba!

Só és domado quando a morte beluária
Arranca-te do covil, onde, sozinho, tripudias da alma,
Arranca-te da floresta profunda e secular,
E aponta com o dedo o túmulo, tua jaula.⁴¹

SEXTA-FEIRA, 17 DE FEVEREIRO

9h da noite. Presentes: Victor Hugo, Auguste Vacquerie. Srta. Victor Hugo e Charles Hugo à mesa.

— Quem está aqui?

— A Sombra do Sepulcro.

— Tens algum comunicado a nos fazer?

— Sim.

— Nós te escutamos.

— O que ouço então, o que vem ao meu conhecimento! O quê! Nesta casa vós ousastes dizer que preferem ter 10 mil francos a dez frases do grande Shakespeare! Isso é verdade?

Auguste Vacquerie: Assevero, de minha parte, que não disse isso.

Victor Hugo: Fomos eu e meu filho que dissemos. Mas eis em que sentido. Para nós, 10 mil francos, como 10 milhões, são lama e pó comparados a um verso de Shakespeare. Mas vivemos no relativo. Vês nossa pobreza, que não é exclusividade nossa.⁴² À nossa volta, os proscritos sofrem, carecem de pão na saúde e de remédios na doença. E eles sofrem e morrem pela República e pela ideia. Nessa situação, sim, 10 mil francos para dividir entre esses indigentes me pareceriam mais úteis ao pensamento humano até mesmo do que uma página do grande poeta. Vês que não era por desdém ao pensamento que falávamos, mas, ao contrário, por amor a ele. Como, aliás, poderíamos vir a ser acusados de colocar o pensamento depois do bem-estar, nós que estamos no exílio por nossas ideias? Pensamos em Bony e em Gaffney que estão doentes, em Pierre Leroux,* esse nobre operário do pensamento que não tem com que alimentar os filhos, e lamentamos não poder ajudá-los.⁴³ Tu, que lês nas consciências, sabes que essa era a única intenção de nossas palavras.

Observação: no almoço, com efeito, tivemos uma conversa a respeito das Mesas, em que nos perguntamos o que seria mais útil no momento, 10 mil francos ou uma página de Shakespeare.

* Bony e Gaffney são proscritos presentes em Jersey. Pierre Leroux (1797-1871), esse “filósofo”, segundo a palavra-valise inventada por Hugo, igualmente proscrito, é de outra dimensão. Político e filósofo socialista francês, influenciado pelo saint-simonismo, foi deputado na Constituinte (1848), depois na Assembleia Legislativa (1849), até ser exilado após o golpe de Estado de dezembro de 1851. Durante seu exílio, dará aulas de frenologia (estudo das faculdades intelectuais e do caráter a partir das bossas e depressões cranianas), abordando igualmente o catolicismo, a Reforma e a filosofia. Hugo terá longas conversas com ele, em passeios na praia de Azette, a respeito do ocultismo. (Ver também seus dados biográficos, pp. 523-4.)

— Contra vós não alimento cólera.
Amo-vos e lastimo esse pobre e esse proscrito
Que uma opressão covarde acorrenta nessas galeras
Onde ainda sangra o prego do forçado Cristo.

Sei que tudo lhes falta, exceto valentia,
E que o último padece igual ao primeiro,
Que eles são a sagrada flor que resiste à ventania
Que advém, ó Jó, de teu monte de esterco.⁴⁴

Sei que eles estão sem forças e vivem na miséria,
Que são forjados no sofrimento, na fé e no amor
Que são para o homem criança um magistério
E que estão em andrajos à espera do penhor.

Sei que estão sem pão, sem abrigo, sem refúgio,
Que foram vistos vagando, jamais fugindo,
Que são condenados de que Deus fará juízes
Que das mãos desses mendigos

Um dia o mundo verá cair o grande óbolo
Quando Bonaparte-crispim* descer do andor,
E eles aquecerem a Terra queimando cada trono
E do resto de seu pão fizerem amor.

Sei tudo isso, decerto, mas sei mais, juro,
Que eles não passam de um átomo soprado no éter,
Que Danton é um trovão, Marat⁴⁵ um meteoro,
E Shakespeare, eterno.

* Segundo o dicionário Houaiss, “personagem que representa um criado esperto e fanfarrão, adulator e relapso, provavelmente originário da *commedia dell'arte*, de onde passou para a antiga comédia francesa do século XVI, geralmente trajado de preto, de espadim e botas”. [N.E.B.]

*Sei que eles passarão feito vento pela campina,
Um floco de espuma à beira do abismo amargo,
Que desaparecerão quando cessar a ira
E que, sendo tempestade, são menos que o mar.*

*Pois eles são rochedos e nenhum deles sonda
A escura imensidão da vida e do amor.
O sino da angústia, concordas, mar profundo?,
Não é o escafandro do mergulhador.*

*Uma palavra de Shakespeare ou de Molière
Faz mais pelo gênero humano do que motins e arruaças.
Sua voz faz mais barulho, sua voz tão perto,
Do que cem canhões de bronze arengando cem populaças.*

*Eles são os benfeitores da dor terrena.
Estão abaixo de todos os grandes ajoelhados.
Sua obra ao pé das cruzes, sublime madalena,
A seus olhos atônitos sempre molhados.*

*Cada lágrima que cai ou rola de sua alma
Queda em nosso espírito ao deixar os olhos seus.
Tornando-se a pérola ou a estrela da chama,
Deus lhe dá a escolher o mar ou os céus.⁴⁶*

A mesa para repentinamente. Em seguida, recomeça:

— Olá, imbecis!

Auguste Vacquerie: Não é mais a Sombra do Sepulcro.

Victor Hugo: Quem és tu?

— O Leão de Androcles.

Vacquerie: Tens algum comunicado a nos fazer, afora essa amistosa saudação?

— Interrogai-me em versos, como a Ésquilo e a Molière.

Sra. Hugo: Se soubéssemos que vinhas, teríamos preparado versos. Mas os que improvisaríamos certamente seriam indignos de ti.

— **Esse coice os transforma em asnos. Adeus.**

Conversa: O que o Leão chama de coice? Teria tomado a justificativa dada pela sra. Hugo como uma recusa e uma ofensa?

— Quem está aqui?

— Molière.

11h30 da noite.

Auguste Vacquerie: Como pediste, fiz-te uma pergunta em versos. Trabalhei neles nos últimos quatro dias. Vês a vontade que temos de encontrar-te e escutar-te. Mas minha pergunta é grave e tua resposta sem dúvida será longa. É tarde. Não seria preferível adiarmos para o começo de uma sessão?

Victor Hugo: Decide. Nós obedeceremos. Tu sabes, tu que viveste, que a besta humana pede sono. Tem piedade dela. Mas se desejares que varemos a noite, será um prazer nos fatigarmos para conversar contigo.

— Voltarei.

— Quem és tu?

— A Sombra do Sepulcro.

— Fala.

— Desiste de ver Tapner.⁴⁷

*Sua pobre e silenciosa alma,
Em um doce e religioso recolhimento,
É, com sua corda ao pé do cadafalso,
Uma escada que sobe ao firmamento.*

*Proibi a qualquer um que importunasse
Esse prisioneiro pensativo cuja mão absolverei.
E que exceto o anjo ninguém o visitasse
Pois este deve lhe apontar a vereda.*

*Paz a esse morto que reza e esvazia seus ódios
No seio do Senhor e volta a ser formoso.
Não perturbes esse coração que das prisões humanas
Evadiu-se para o fosso.*

*Deixa-o lentamente sob o Deus a quem ele implora
Purificar-se. Deixa-o pensar no grande amanhã
Que virá arrebatá-lo, para sua divina aurora,
Da touca do sono humano.⁴⁸*

Meia-noite e quinze.

Observação: à primeira entrada da Sombra do Sepulcro, e pouco antes que ela voltasse, Victor Hugo manifestara a intenção de interrogá-la sobre Tapner e sobre o efeito que produz no infinito essa alma nele lançada violentamente. Como a pena de morte é vista no além-túmulo?

DOMINGO, 19 DE FEVEREIRO DE 1854

9h30 da noite. Presentes: Victor Hugo, sra. Victor Hugo. Auguste Vacquerie, srta. Adèle Hugo, Victor Hugo filho. À mesa: Charles Hugo e Théophile Guérin.

— Quem está aqui?

— **Molière.**

Victor Hugo: Queres falar livremente ou queres ser interrogado? Se queres falar livremente, uma batida; se não, duas.

A mesa dá duas batidas.

Hugo: Muito bem, vamos te interrogar em versos como pediste. Auguste Vacquerie escreveu uma pergunta. Queres que a leia para ti?

Sem resposta.

Hugo: É necessário lermos a pergunta para responderes?

A mesa não se mexe. Esperamos alguns minutos. A mesa está em uma imobilidade absoluta. Não sabemos se foi a pergunta que a melindrou, se ficou magoada, se vê dúvida e desconfiança nesse desejo de ter a resposta sem fazer a pergunta. Por mais que a interroguemos, ela não diz nada. Finalmente, começamos a temer que Molière tenha partido.

Hugo: Continuas aqui, Molière?

— Sim.

Auguste Vacquerie:

*Molière, o que dizes de tuas Eruditas?**

Julgas ser uma aula?

As mulheres são realmente criaditas

Cujo espírito não deve sair da jaula?

Mestre, diremos a elas: ler é um deslize?

Verificar “como está o vaso” é o seu destino?

Sua ciência chama-se efetivamente Belisa

E sua poesia é realmente Trissotino?

Belisa ama os versos: tu a fazes sem cérebro.

Armanda contemplou a Lua: ela não tem coração.

O quê! Por ter buscado a revelação do céu!

Por ter soletrado seu alfabeto, Senhor, não!

Clitandro concede algumas ideias à mulher,

Mas diz apenas uma palavra, e o teu drama amargo

Não passa de uma gargalhada histérica.

O verso se deita de bruços. Crisális na carne.

* Trata-se da comédia *Les Femmes savantes*, também traduzida como *As sabichonas*, peça que zomba da condição feminina. [N.T.]

O quê! As mulheres não têm direito a tirar os véus!
Não podem levantar a cabeça! Meu Deus!
Não podem olhar os céus!
E o homem diria: o Sol é meu!

Quando vens assistir à tua peça, e a sala,
Sempre disposta, desde tua morte, a admirar-te,
Aplauda os belos versos monstruosos de Crisálío,
Porventura teu sucesso não te faz censurar-te?

Não te arrependes às vezes dessa obra-prima?
Não é o ponto escuro de teus céus brilhantes
Ter, por meio desse drama, admirável víbora,
Picado esses pezinhos, ai! já em sangue?

Quem tem o direito de viver alhures que não nesta vida,
Senão aquelas para quem tal vida é de ferro?
Não impeçamos ao menos que o céu as convide,
Uma vez que tornamos sua vida na Terra um inferno!

Ó grande poeta triste, és tu que as apedrejas?
Homem e pensador, com dupla virilidade,
Não eras o amparo de todas essas fraquezas?
Não as via chorar ao seu lado?

Tu, Molière, que sempre foste bom para elas,
Que lhes verteu teu coração transbordante,
Tu que fazes raptar todas as tuas Isabelas
Pelo primeiro Valério sob sua sacada vagando,

Tu que jamais pudeste ver um amor na gaiola
Sem vir prontamente devolvê-lo ao ar livre,
Tu que defendes o amor contra o casório
A ponto de às vezes apontar as amantes de Júpiter!

Tu cujos Trufaldinos têm todos Mascarilles,
Não, tu não quiseste – nós te compreendemos mal –
Enclausurar cérebros, tu, o abominador dos gradis!
O quê! Asas nos corações e grilhões nas almas!

Histrião terrível e manso que ao destruir é visionário,
Tu, cuja obra se mistura a todos os direitos conquistados,
Tu, grande cômico revolucionário
Que se escorou no rei para golpear os condados,

Tu, que, mais sério quando soas hílar
E sabedor de que no Carnaval a liberdade ilude,
Vestiste a comédia assim como quem põe uma máscara;
Tu, que te finges bufão para poderes dizer tudo;

Que sempre renegaste a autoridade;
Formidável farsista, Hércules-Turlupino,
Que esfacelas todo poder com teu riso que arde;
Tu que fazes os padres serem surrados por Escapino!

Tu, que almejas que o homem cresça;
Tu, que acendendo teu archote na noite escura
Sem medo esbofeteaste Tartufo em plena igreja
E levaste dom Juan para cear na sepultura!

Não, tu não podes dizer às mulheres: o mistério
Não vos pertence! Não podes amarrar
Aos vis cuidados do corpo metade da Terra!
Tu, o libertador, não podes encarcerar!

Tu não lhes proibas, na cela exígua
Onde a esperança míngua diante de carrascos covardes,
Colocar sob os pés o banquinho trôpego
Para tentar ver o dia pelas grades!

*Não! Quando sua sorte já sangra de tanta estocada
Quando, agarrando-as rudemente pelos dois braços,
O implacável amor prega-as em sua escura muralha,
Tu lhes retiras os grilhões, não os instalas!*

*Não, não estás em nossa casa para as almas escureceres,
Tu, que, no dia glorioso em que nos ensinavas,
Fizeste tanto soluçar tua Escola de mulheres
Quando Arnolfo apagou a luz de Agnes!*

*Arnolfo chorava demais para falar com Crisálido.
Caso contrário, teria tristemente previsto
Que jogar na sombra uma alma, nossa igual,
É uma impiedade que vira castigo.*

*Não! Não! Bastava que tu fosses Molière
Para não conseguires extinguir o instinto archote;
Pois gênio e luz são da mesma esfera,
E tu não és Sol para trazer a noite!⁴⁹*

Versos feitos entre 14 e 17 de fevereiro.⁵⁰

Molière:

*— Toda obra tem duas caras e todo drama, duas asas,
Uma, que na Terra depena o crítico ansioso,
Outra, que voa e paira nas abóbadas da graça,
Imensa asa de anil feita do ar vaporoso.*

*Pensador, eis o sentido de minhas Eruditas:
O espírito e a carne são ambos por Deus punidos.
O espírito quer que a carne seja uma das criaditas,
A carne quer que o espírito refogue seu cozido.*

*O espírito quer que a carne compreenda suas veleidades.
A carne quer que o espírito compreenda suas necessidades.*⁵¹

A mesa se interrompe e gira durante uns quinze minutos sem dizer nada. Reinava, nos últimos instantes, certa desatenção entre os ouvintes. Victor Hugo filho lia, a srta. Adèle Hugo ia e vinha, entrava e duvidava, o gato miava. Somente a sra. Victor Hugo, Charles Hugo e Auguste Vacquerie estavam atentos.

Auguste Vacquerie: Preferes adiar tua resposta para uma outra noite, Molière?

— Sim.

Sra. Hugo: Por que não queres continuar esta noite? Alguma coisa te incomoda?

Sem resposta. Abandonamos a mesa. Conversa na qual Victor Hugo justifica sua distração.

Voltamos à mesa.

Hugo: Quem está aqui?

— Ésquilo.

— Fala.

— Vou continuar os versos de Molière.

Vacquerie: Em vez disso, por que não continuas os teus?

— Se assim preferes.

— Sim, prefiro. Desejo que seja Molière que termine os dele porque gostaria de revê-lo. Porventura ele se zangou conosco?

— Não.

— Ele voltará para terminar seus versos?

— Ele disse para eu continuá-los.

— Por quê?

— Direi para ele voltar.

— Obrigado. Muito bem, continue teus versos. Vou relê-los para ti. Se quiseses mudar um verso ou uma palavra, bate uma vez.

Auguste Vacquerie relê os versos da terça-feira, 7 de fevereiro.

Na estrofe que termina com este verso:

Tigres que voltam a ser carneiros

A Mesa quer mudar.

— Muda o segundo hemistíquio: cujo nome é sofrimento

A srta. Adèle Hugo sai.

— *Encontram, ao morrerem, em vez da colheita,*

Em vez da luz, em vez do alento,

*Seus crimes espadachins na morte à espreita.*⁵²

Preferis:

*Seus crimes à espreita atrás de seus túmulos?*⁵³

Hugo: Nesse caso, não deveríamos mudar a rima no segundo verso? “*Em vez de céus tão puros*”. Preferimos essa segunda forma. Concordas?

— Hesito.

— Prefiro a segunda forma devido à palavra espadachins que está na primeira. O crime é um punidor, não um espadachim.

— Prefiro espadachins porque essa palavra faz de crimes uma quadri-lha de bandidos a soldo de criminosos que, por sua vez, os atacam quando eles chegam ao local onde deixaram o crime à espreita na morte.

— Então deixas a primeira maneira?

— Escolhei.

Escolhemos a segunda.

Hugo: Tua explicação é muito bonita, mas continuo achando que a segunda maneira é mais eficaz. Mas cabe a ti escolher, não a nós.

— Quero demonstrar-vos que na arte humana o ideal é intangível.

Auguste Vacquerie continua a reler. Na penúltima estrofe:

São condenados por seu próprio devotamento...

A Mesa quer refazer toda a estrofe.

Victor Hugo sai.

— *Eles são os condenados por sua devoção sublime*

Que faz deles metade de todas as dores;

Quanto a mim, lastimo mais a bondade que o crime

*E os homens de sangue menos que o homem que sofre.*⁵⁴

Auguste Vacquerie lê a última estrofe.

— Queres mudá-la, certo?

— Sim.

*Eles são os condenados da humana miséria
Porque todos, pequenos e grandes, ao seu lado choram
E porque descobriram a igualdade sobre a Terra,
Não em todas as frentes, mas em todos os olhos.*⁵⁵

— Teu último verso é prodigioso. Ficais contentes quando julgamos soberbos vossos versos?

— Sim.

— Pois bem, repito que o teu é sublime.

— Sei que é um dos cem versos mais bonitos que existem.

— Dizias há pouco que, na arte humana, o ideal era intangível. Teu verso não teria atingido o ideal?

— Não.

— Esses cem versos mais bonitos a que te referes são todos feitos na Terra no momento atual?

— Não.

— Há alguns entre os poetas vivos?

— Sim.

— Queres citar alguns?

— Não.

— Continua teus versos.

*Pois eles são noivos de todas essas pobres raparigas
E de flores de laranjeira estão repletos seus corações
Pois sua paternidade, pairando sobre as famílias,
É uma adoção de todos os órfãos.*

*Pois Deus, com a piedade completando seu suplício,
Nas duas pontas da cruz faz sangrar seu espírito
E sobre o sinistro calvário, ó duplo sacrifício,
Madalena os prega assim como Jesus Cristo.*⁵⁶

Vacquerie: Poderias agora nos explicar um fato que nos intriga? Outra noite veio uma criatura que declarou chamar-se Leão de Androcles e que, sem mais, sem provocação de nossa parte, disse-nos: olá, imbecis. Ele nos pediu versos, não os tínhamos prontos, e, em respeito aos espíritos, não quisemos improvisar uns quaisquer. Explicamos isso com deferência. Então ele nos ofendeu e partiu. Por quê? Teria sido por faltarmos a um encontro marcado por ele?

— *Esse leão é enorme e portador de catástrofes.*

Errastes, pensadores, em o aborrecer.

Hugo terá de atirar-lhe algumas estrofes

*Para que, ao voltar, ele tenha um osso para roer.*⁵⁷

— Agradeço-te por pedir versos a Hugo. Seus versos deleitarão não só ao Leão de Androcles, como a mim. Parece-me, contudo, que a maneira como nos pedes isso não é muito lisonjeira para mim. Observa que continuo sendo o único a ter feito séria e laboriosamente os versos que desejaste, e tu me agradeces recomendando que Hugo faça versos para ele ter um osso para roer. Isso não me parece muito simpático para os meus versos.

— *Está bem, volto atrás. Faz os versos para a tal criatura.*

Foste tu que escolhi, mas por favor fá-los saborosos.

Pois para que esse leão os considere à altura

*É preciso muita medula no cerne de muitos ossos.*⁵⁸

— Tu me castigas espiritualmente por uma pergunta que te fiz quase como um chiste. Mas, se Victor Hugo se dispuser a fazer os versos, terei assim mesmo de fazê-los?

— *Sim.*

— De uns tempos para cá, vós pareceis muito suscetíveis. Antes, nos dirigíeis chistes e impertinências. Agora não perdeis uma oportunidade de nos repreender. Por que essa mudança?

— *É que em breve vós deixareis o império*

Onde a Sombra do Sepulcro tem o comando.

Vossos lábios hoje estão no fim da miséria.

*Todo o amargor ficou no fundo do vaso nefando.*⁵⁹

— Tu nos dizes que em breve deixaremos o mundo que nos visita neste

momento. Mas então não nos veremos mais, e Shakespeare nos prometeu um drama; ele não terá tempo de ditá-lo? Ou ele e tu e Molière não sois do mundo da Sombra do Sepulcro? Voltareis com os espíritos dos mundos mais felizes? Queres e podes responder a esta pergunta: Shakespeare, Molière e tu, em que mundo estais?

— Arcanjo Amor.

— Quem está aqui?

— A Sombra do Sepulcro.

Charles Hugo: Se tais revelações deverem um dia ser publicadas, gostarias de nos indicar o título que deveríamos dar ao livro?

— Os ventos do túmulo.⁶⁰

— É um título acertado entre ti e os arcanjos que comandam os outros mundos?

— Sim.

— Não conviria dividir o livro em quatro partes⁶¹ e intitular cada parte com o nome de um dos quatro arcanjos?

— Sim.

A Mesa diz:

— Aristófanes.

Vacquerie: És tu, grande poeta? Pai da comédia, salve! Vens nos dizer alguma coisa?

Silêncio.

— Também aguardas que te interroguemos em versos!

— Sim.

— Muito bem, faz uma coisa. Sabes como te admiro e aprecio, mas eis-me comprometido com o Leão. E depois Hugo não será demais para ti. Encomenda-lhe versos. Se ordenares, ele te obedecerá e teremos nossa cota de satisfação.

— *Ele dorme. Vou me deitar no seu céu;*

Tomarei, enquanto sua pálpebra tomba,

Da pena com que esta noite ele escreveu,

E molharei na tinta da tumba.

*De maneira que ao despertar amanhã
Ele veja, pousada no seu coração em flor,
Uma estrofe a nós inspirada pela manhã,
Ao mesmo tempo gota de tinta e orvalho do amor.*⁶²

— A quem chamas de nós?

— Aos mortos.

Encerrado às 4h da manhã.

Observação: em 21 de fevereiro, Charles e Victor, chegando em casa por volta das 11h30 da noite, viram as janelas da sala acesas. Quiseram entrar na sala: a porta estava trancada. Todos dormiam. Charles, intrigado com aquela claridade, procurou a chave; foi pedi-la à sua mãe, que não sabia onde ela estava; a Auguste Vacquerie, que dormia e que, mal-humorado por ter sido acordado de supetão, pediu que o deixassem em paz etc. Sem a chave, Charles foi se deitar. No dia seguinte, abrindo a sala, a empregada não encontrou tocos; logo, não eram velas que iluminavam a sala. Não tínhamos acendido a lareira à noite. Que luz era aquela? Conversamos pela manhã, fazendo o desjejum. Concluímos que o melhor é consultar a Mesa.⁶³

22 DE FEVEREIRO

1h30 da tarde. A srta. Hugo e Charles Hugo conduzem a mesa. Victor Hugo escreve.

— Um fato nos preocupa. Sabes o que Charles e Victor viram ontem à noite chegando a esta casa?

— Sim.

— Diz-nos o que é.

— Não.

— É um fato simples, como uma vela acesa esquecida, por exemplo? Ou um fato misterioso? Limita-te, se preferires, a nos esclarecer esse ponto.

— **Bela da Noite.**

— Continua.

A mesa para de se mexer.

— Isso é tudo?

— **Sim.**

Victor, meu filho, substitui seu irmão à mesa. A mesa volta a se movimentar.

— Fala.

— **Fé. Da.**

Agitação da mesa. Victor sai, Charles retoma.

— **Deusa, dúvida, padre. Homem altar, templo noite.**

— Isso é tudo?

— **Sim.**

— Vês o estado em que se encontra nossa alma? Queres continuar a falar?

— **Não.**

— Queres que deixemos a mesa?

— **Sim.**

QUINTA-FEIRA, 23 DE FEVEREIRO DE 1854

9h da noite. Presentes: sra. Victor Hugo, Charles Hugo, Auguste Vacquerie. Conduzindo a mesa: sra. Victor Hugo e Charles.

— Quem está aqui?

— **A Sombra do Sepulcro.**

— Fala.

— Hoje não verás ninguém, é um dia sem dor,
Em que, nos vastos céus, do qual somos as chamadas,
Eu, a Sombra do Sepulcro, e ele, o Arcanjo Amor,
Distribuímos as almas.*⁶⁴

DOMINGO, 26 DE FEVEREIRO

9h30 da noite. Presentes: sra. Victor Hugo, Auguste Vacquerie. À mesa: Charles Hugo e Théophile Guérin.

— Quem está aqui?
— Molière.
— Vens terminar teus versos?
— Sim.
— Memorizaste a primeira estrofe?
— Sim.
— A segunda?
— Não.

*Crítico, procurei nas minhas Eruditas
Entre a alma e o corpo o meio intangível.
O corpo quer que a ideia vá com as criaditas
E mande o archote refogar o cozido.*

*O espírito também quer subjugar os sentidos avessos
Ao pensamento, às palavras estropiadas pelo homem.
Filaminta no fim pensa tanto em suas asas
Que nem mesmo sapatos Crisális tem.*

* Trata-se da distribuição das almas punidas ou das almas recompensadas. As almas podem subir ou descer. Alexandre Weill, em *Os mistérios da criação*, falava de “almas ascendentes ou descendentes”. Uma alma corrompida pode ser punida descendo até os animais e as plantas ou, caso mereça, elevar-se até os anjos.

*O corpo quer que a ideia aprecie seu haut-de-chausses**
E que, desdenhando todo sonho de apogeu,
Vá à cozinha provar os doces.
*E manda encher a taça dessa Hebe** dos céus.*

Entra Victor Hugo.

— O espírito injusto quer então que a carne vassala
Sofra: pronto, ele diz, um corpo original!
Que me importa o vento que arrepia Crisálío
Quando abro para o céu tua janela, ideal?

A sra. Victor Hugo substitui Guérin à mesa.

— Acho essa pança simpática em seu papel.
Pensa então, bruto, no dia, na lua, no céu azulino,
Que me importam os buracos no gibão desse menestrel
Quando meu olhar mergulha nos abismos divinos?

Que me importa, appetite, que vivas ou morras!
E teu imortal pernil mal assado por Margoton?
E que sob o travesseiro onde sonho meus belos sonhos
Resmungue confusamente tua touca de algodão!

Victor Hugo sai.

— Que me importa, Crisálío, tua vida e tua saúde!
Henriqueta, teus sentimentos interesseiros!

* Peça de roupa masculina surgida no século XIII e que cobria da cintura ao joelho. [N.E.B.]

** Hebe representa a personificação da juventude. É filha de Zeus e Hera e, por conseguinte, irmã de Ares e Ilítia. Desempenha, no “estafe divino”, a função de uma empregada, ou da “menina da casa”.

*Nado no anil, não na água insalubre.
Sou ave do céu, não de terreiro.*

*Estais resfriados, magros, mortos, belo desastre,
Mandai, se quiserdes, chamar o enfermeiro.
Já eu mergulho minha asa nos cachos louros do astro,
E deixo vossos focinhos em seus montes de esterco!*¹⁶⁵

A mesa bate três vezes.

— O que desejas mudar?

— **Cachos.**

— O que colocas no lugar?

— **Raios.**

Vacquerie: Mas cachos estava ótimo.

— **Convinha exprimi-lo mudo interessante.**

— O quê? O que convinha exprimir?

— **Teu pensamento.**

— Que pensamento?

— Nós, do lado de cá, gostamos muito, quando ditamos versos, que as pessoas se comovam com nossas palavras, como Hugo, por exemplo, e que o espírito a quem cabe a honra de escrever sob nosso ditado esboce uma atitude menos silenciosa que um tabelião a escrevinhar. Agora prossigo.

— Na outra noite, distraímo-nos enquanto falavas; foste embora zangado e voltaste hoje irascível. Mas por que cismas comigo, que sempre te escutei com respeito e te fiz versos tão logo os desejava? Meu silêncio não era nem desdém nem indiferença. Fiz-te uma pergunta, espero que tua resposta seja completa para julgá-la e para ver quem está errado, *As eruditas* ou minha crítica. Até o presente, pareces dizer mais o que o teu drama poderia ter sido do que o que ele é.

— **Espera.**

— É justamente o que eu fazia. Esperava.

— **Sim, pareces inclusive estar deveras enfasiado.**

— Isso não é lá muito elegante.

— Vós me enfastiais, senhora.

Observação: *Em um drama em versos que escrevi aqui, ano passado, fiz este hemistíquio: “Vós me enfastiais, senhora”. Auguste Vacquerie*

— Sim, mas eu coloquei isso na boca de um ladrão.

A mesa parou de se mexer.

— Molière não está aqui?

— A Sombra do Sepulcro.

— Escutamos.

— *Molière deixara o céu, doce pátria,*

Para seduzir-vos. Voltou a subir para o nosso calor.

Nós, espíritos, falamos para que mergulheis na alegria

Ou tremeis de pavor.

Molière teria apreciado ouvir o que dele se pensa,

Sim, que dissessem: que gênio! que bonito!

Esperai, para receberdes essas árias de silêncio,

Chegar a hora do jazigo.⁶⁶

Conversa: Auguste Vacquerie resiste aos dois últimos versos. O jazigo só é silêncio para os que creem no nada; como a Sombra do Sepulcro pode dizer que seremos mudos na morte, quando os mortos vêm falar conosco todas as noites?

— Quem está aqui?

— Ésquilo.

Sra. Hugo: Diz algumas palavras boas; precisamos delas após a rudeza desta noite. Tais suscetibilidades abalam a ideia que fazíamos de vós.

— Trarei de volta Molière.

Vacquerie: Quando o traráis? Gostaríamos muito de não ir dormir de mal com ele. Podes obter que ele volte imediatamente?

— Sim.

A mesa gira.

— És tu, Molière?

— Sim.

— Obrigado por voltares. Uma vez que desejas que eu fale de teus versos, digo desde já que o último verso da primeira estrofe não me parece feliz.

— *E que esse grande archote refogue o cozido.*⁶⁷

— Fica bem melhor assim. Todo o resto está muito bom.

— Preferes:

*E não tenho focinho para vossos montes de esterco?*⁶⁸

— Sim, prefiro este último verso. Há dois mergulha a duas estrofes de distância.

— Misturo minha asa.

*Eu, o poeta, ou melhor; eu, o pensador austero,
O espírito encarregado por Deus de reconciliar
A ideia com o corpo, o céu com a Terra,
A cúpula com o pilar,*

Digo a Filaminta: Aonde vão tuas demências?

Vê, minha irmã, aonde te leva teu ardor,

Cumprê que no sulco todas as sementes

Caíam das duas mãos do pensador.

Cumprê que das duas mãos do divino apóstolo

Saia o duplo pão do corpo e do espírito.

De uma, todos os lírios, da outra, todos os pomos.

O que encanta e o que dá viço.

Cumprê que ele dispense, enquanto o homem é punido,

à alma e à carne cuidados religiosos,

Que, duplo médico, ele aplique sobre nossas feridas

*A venda que retira de nossos olhos!*⁶⁹

2h da manhã.

27 DE FEVEREIRO

10h da noite. Presentes: sra. Hugo, Victor Hugo, Théophile Guérin, Adèle Hugo. Conduzindo a mesa: Thomas (companheiro de exílio de Barbès e Blanqui no Monte Saint-Michel).

— Tem alguém?

— Sim.

— Diz teu nome.

— Latude.*

— Tens algum comunicado a nos fazer?

— Sim.

— Fala.

— Só muda o nome da prisão. A Bastilha passa a se chamar Monte Saint-Michel. O prisioneiro continua a se chamar povo. A evasão é certa, amigo. Fabrica tua corda. Prende-a nas grades da torre e desce. Se for muito curta para o abismo, será suficientemente comprida para o túmulo.

— Habitas um mundo feliz? És livre?

A mesa se agita.

— Ainda és tu, Latude?

— Não.

* Latude e, logo adiante, Bonnivard e o Máscara de Ferro foram três prisioneiros célebres, encarcerados por motivos torpes, quase todos ilegítimos. Jean Henry de Latude (1725-1805) era um aventureiro francês acusado de tentar extorquir dinheiro da Madame de Pompadour. Foi encarcerado no castelo de Vincennes e na Bastilha. Empreendeu três fugas espetaculares, uma, da Bastilha, prendendo uma corda com nós nas barras de sua cela. Essa escada de corda que lhe permitiu evadir-se está conservada no Museu Carnavalet, em Paris. No total, passou 37 anos preso. Foi libertado em 1784. O personagem de Latude aparece em algumas obras de Hugo, em especial em *O noventa e três*. François de Bonnivard era um patriota genebrino, encarcerado entre 1530 e 1536 no castelo de Chillon, na Suíça, às margens do lago Léman. Esse castelo, construído no século XVIII, era propriedade dos duques de Savoia. O Máscara de Ferro era um misterioso preso político cuja identidade era mantida em segredo absoluto, ele sendo obrigado a usar permanentemente uma máscara de veludo negro e de metal. Foi confinado em Pignerol, em 1679, depois no castelo d'If, na ilha Sainte-Marguerite, de 1687 a 1698, e na Bastilha, de 1698 a 1703, onde morreu. Voltaire, em seu *O século de Luís XIV*, fez dele o irmão gêmeo do rei. Hugo cogitava, em 1839, um drama sobre o tema, cujos títulos virtuais eram *O conde Jean*, depois *Os gêmeos*, publicado em 1889, inacabado, no volume dos dramas póstumos.

— Quem és tu?

— O prisioneiro de Chillon.

— És Bonnivard?

— Sim.

— Fala. Então podes fugir?

A mesa se agita.

— Ainda é Bonnivard?

— Não.

— Quem és tu?

— O Máscara de Ferro.

— Fala. Podes então te salvar, por onde?

A mesa se agita.

— É sempre o Máscara de Ferro?

— Não.

— Quem és tu?

— Latude.

— Fala.

— Por esse buraco.

A mesa se agita.

— Quem está aqui?

— Judas.

— Fala.

— O túmulo é um beco sem saída. Nele, o prisioneiro é condenado,
mas a porta também.

A mesa se agita.

— Ainda é Judas?

— Não.

— Quem és tu?

— Jesus.

— Fala.

— Tenho a chave.

A mesa se agita.

— Quem está aqui?

— Judas.

— Fala.

— Passa-a para mim, Jesus.

A mesa se agita.

— Quem está aqui?

— Jesus.

— Fala.

— Ei-la, Judas.

A mesa se agita.

— Quem está aqui?

— Judas.

— Fala.

— Fugamos, Caim. Estou com a chave.

A mesa se agita.

— Quem está aqui?

— Caim.

— Fala.

— Aonde iremos? Somos cativos, quem nos receberá?

A mesa se agita.

— Quem está aqui?

— O Arcanjo Amor.

— Fala.

— Eu.

A mesa se agita. Mais nada. Esta página e a anterior foram escritas por Victor Hugo.

SEXTA-FEIRA, 3 DE MARÇO DE 1854

9h45 da noite. Presentes: Victor Hugo, sra. Victor Hugo, Auguste Vacquerie. Charles Hugo e Théophile Guérin à mesa.

— Quem está aqui?

— Molière.

— Queres continuar os versos que começaste?

Auguste Vacquerie lê os versos.

Victor Hugo: Que beleza! Continua, Molière.

— *Se ele deve considerar os astros, é justo*

Que pense nos famintos na sombra encolhidos.

O imundo cozido, minha irmã, torna-se augusto

Quando refogado por mendigos.

Ele deve pensar nos que estão à porta da igreja

Tiritando, em andrajos, lívidos sob um céu de breu.

O buraco da roupa de uma criança à fresca

É um dos abismos de Deus.

Se desejas, ó irmã, compreender as estrelas,

Começa por voltar os olhos para as mágoas.

Então tu verás Deus, pois o céu só se desvela

*Para olhos marejados de lágrimas.*⁷⁰

Interrompido às 11h.

19 DE MARÇO

10h da noite. Charles e o sr. Allix conduzem a mesa. Presentes: a sra. Victor Hugo e eu, minha filha, depois Auguste.

— Há alguém?

— Sim.

Sr. Allix: O que julgo possível é possível?

— Sim.

— Esclarece por que o que penso é possível.

— *Homo loquitur res audiunt. Mens omnium est in uno quidquid vult homo, deus facit sed quidquid vult deus, homo non facit. Impone manus rebus, res vitam et mentem habebunt, orpheus movet leones, amphion lapides, Christus mortuos. Si vis tollere homini morbos, umbras, utere hac vi quae est in rebus, sum efflatum, cantum, robor naturae. Sume quod vocant homines navi in lingua gallica magnétisme.**

— Isso é possível de onde estou?

— *Incipe. Pauca ducunt ad multa. Parvus est fons magni. Quaere haec animalia quae scis et deinde tibi dicam quae nescis, age, homuncule, in imensa, natura, sisser vus dei per tenebras mundi, parva lampas, magna stella.***

— Posso dizer às pessoas presentes do que se trata?

— Sim.

— Ouviste o que acabamos de dizer?

— Sim.

— O que pensas sobre isso?

— *Davaletudinem bonis, venenum malis.****

— Queres nos dizer o que entendes por haec animalia quae scis?****

— *Vim quamdam rerum captam ab hominibus ex robo re material, non ex mente.******

— Agora queres nos dizer teu nome?

* Tradução do latim: “O homem fala, as coisas escutam. O espírito de todas as coisas está em uma, o que quer que o homem queira, Deus o faz (age – cria), mas o que quer que Deus queira, o homem não o faz. Impõe as mãos sobre as coisas, as coisas terão vida e espírito. Orfeu move os leões; Anfion, as pedras; Cristo, os mortos. Se aceitares arrancar as doenças dos homens, sombras, eles terão a força que está nas coisas. Eu sou o sopro, o canto, a força da natureza. Consulte o que os homens novos chamam magnétisme em língua francesa”.

** Começa. As pequenas coisas levam às grandes. Pequena é a fonte do grande. Procura os animais que conheces e em seguida eu te direi aqueles que tu ignoras. Age, homúnculo, na natureza imensa, sê o servo de Deus através das trevas do mundo. Pequena lanterna, grande estrela (“magna”: erro para “magma”).

*** Dá saúde aos bons e veneno aos maus.

**** Esses animais que tu sabes.

***** Uma certa força das coisas extraída pelos homens da força material, não do espírito.

— Não.

— Por que te recusas a nos dizer teu nome?

— *Nominor vultur peraves, tiger per belluas, corvus per mortuos, vindex per vivos, sum unadaruma larum umbroe sepulcralis, a la nigra.**

— Queres nos dizer o que devemos pensar das visões de dama branca a cujo respeito se fala nas redondezas?

Agitação da mesa.

— Não.

— É o mesmo ser que está na mesa?

— Não. — Quem és tu?

— A asa branca.**

— Fala.

— Uma palavra de amor, ó meus poetas, ide, vivei, irradiai; a asa branca deixa suas penas caírem sobre vossos ninhos; é de mim que procedem vossas canduras, ilusões, amores e raios. Todos os sonos serenos dormem sobre as penas da asa branca. Todas as palavras de amor são escritas com as penas da asa branca. A asa negra é a noite. A asa branca é o dia. Sou a noiva, ela é a viúva. Ela é a dor, sou a alegria. Ela é a página da sombra, sou a página da luz. Ela tem todas as almas que choram, tenho todas as almas que reluzem. Ela é o olhar da vingança, sou o sorriso do amor. Ela diz a todos os abutres: voai sobre o homem; digo a todas as pombas: repousai em Deus.

* Essa frase deve ser lida assim: *Nominor vultur per aves, tiger per belluas, corvus per mortos, vindex per vivos, sum una duarum alarum umbrae sepulcralis, ala nigra*. Tradução: “Sou chamado (me chamam) abutre entre as aves, tigre entre os animais, corvo entre os mortos, vingador entre os vivos, sou uma das duas asas da sombra sepulcral, a asa negra”.

** A *asa branca*: a asa é símbolo da liberdade, do amor, da perfeição ideal e da elevação espiritual. Hugo vê a alma como um ser alado. No poema “O que diz a Boca de Sombra” (*As contemplações*, VI, XXVI), Hugo atribui ao homem uma “consciência alada” e uma “alma alada”. A alma abre suas asas e alça voo rumo à morte dos corpos. No poema dedicado a Claire Pradier, filha de Juliette Drouet, escrito em dezembro de 1854, “Claire”, as almas dos mortos são criaturas aladas, que permaneceram, após a morte, junto àqueles a quem amavam, e “Suas asas fazem às vezes sombra na parede” (*As contemplações*, VI, VIII).

— Podes dizer a Molière, Shakespeare e André Chénier que desejamos revê-los com urgência?

— Sim.

Meia-noite e meia.

Estas três últimas páginas foram escritas por Victor Hugo.

QUINTA-FEIRA, 23 DE MARÇO DE 1854

gh da noite. À mesa: sra. Victor Hugo e Charles Hugo. Auguste Vacquerie: escrevente.

— Há alguém aqui?

A mesa dá duas batidas.

— Não? Quem responde não?

A mesa dá duas batidas.

— Mas há alguém, uma vez que respondem não. Quem está aqui? Podes dizer quem és?

— Não.

— Algo te incomoda?

— Sim.

— O quê?

— *Domus vestra. Sivis mecum loqui, veni in viam.**

Auguste Vacquerie: Porventura és a Dama Branca, que o barbeiro disse ter visto perto da nossa casa?

— Sim.

— Se fôssemos para a rua, nós te veríamos?

— Sim.

— Hoje à noite?

* Vossa casa, se tu quiseses falar comigo, ponha-te a caminho (ou: vem para a rua, o caminho).

— Sim.

— A que horas?

— Três horas.

— Aparecerás se formos muitos?

— Não.

— É preciso estar sozinho?

— Sim.

Sra. Hugo: Queres bem a nós? Simpatizas conosco?

— Sim.

Vacquerie: Então não podes falar conosco aqui?

— Não.

— Muito bem, podes pedir a Molière que venha terminar os versos para nós?

Agitação da mesa.

— Quem está aqui?

— O Leão de Androcles.

Vacquerie: Tens alguma coisa a nos dizer?

Hesitação e perturbação da mesa.

— Ainda é o Leão?

— Não.

— Quem está aqui?

— Molière.

— Queres que releia para ti os versos já feitos?

— Sim.

Auguste Vacquerie relê os versos.

— A ideia e o sofrimento, ó irmã, se entendem.

Cerzir uma roupa não é se humilhar.

Vê, essa criança tem frio, seus bracinhos tremem,

Impedem suas mãos de rezar.⁷¹

— Ponha então “se humilhar”.

Vacquerie: Foi o que eu pus, se humilhar.

— Quando Molière te diz: mulher, pega tuas agulhas,

Nobre pensamento, saibas que te reverencio.

Victor Hugo entra.

*Toda mão que remenda farrapos no escuro
Está bordando o manto do Altíssimo.*

Victor Hugo sai.

*Tua outra função, pensamento, é a ciência.
Para ela nada é vil, nada é queixume.
O homem material é lodo, ela é transparência,
A poesia é perfume.*

*Se tivesse escutado teu louco devaneio,
Filaminta, jamais Gutenberg,⁷² esse decano,
Teria visto num chumbo vil germinar a prensa
E as palavras saírem de um cano.*

*Jamais Watt, que sonhava transformar o mundo,
Se da cozinha houvesse sentido esse estranho medo,
Teria visto do cozido que trata de imundo
Escapar-se o vapor imenso.*

*Não queres contar com tua cozinheira.
Ora, retirado o algarismo, o que resta de Herschel?
Vê, esse algarismo grosseiro de súbito tudo clareia
E descobre um astro no céu.⁷³*

Encerrado à 1h30.

24 DE MARÇO [NOTA DE VICTOR HUGO]

Subi para me deitar às 11h30. Estava inquieto e triste e tinha meus motivos; além disso, um trabalho em curso (*Satã*; “Os sóis se apagam”) me preocupa e me deixa agitado. Dormi mal. Por volta da 1h da madrugada, ouvi Victor chegando. Foi Charles que foi abrir a porta para ele. Auguste, Victor, Charles e minha mulher conversaram um pouco na sala de jantar, onde haviam continuado a fazer a Mesa (Molière) falar. Pouco depois, foram todos para os seus quartos e ouvi meus dois filhos, que dormem nos dois quartos ao lado do meu, subirem a escada do segundo andar, que eu ocupo. Fez-se silêncio. A casa adormeceu. Cochilei. Durante esse cochilo, eu tinha uma percepção exata dos objetos circundantes e, na realidade, não dormia. Encontrava-me nesse estado já havia um certo tempo quando o toque da campainha me despertou abruptamente. Era a campainha da porta soando na calma profunda da noite da maneira mais clara e distinta. Soergui-me do travesseiro. Pus-me a escutar. Tudo recaía no silêncio, nada se mexia na casa. Então ruminei: ninguém da casa está do lado de fora, não foi ninguém da casa que tocou. E se porventura fossem 3h? Insurgi-me contra essa ideia por um momento, além do mais não me apetecia muito levantar da cama por causa do frio. Enquanto isso matutava: esse toque de campainha é incomum e seria muito estranho se fossem 3h. Precipitei-me da cama e devo dizer, uma vez que digo tudo, que fiz um gesto de precaução, como se alguém estivesse presente. Os postigos de minhas janelas não estavam fechados, a noite não estava um breu e meu quarto não estava muito escuro. Peguei a caixa de fósforos que fica na minha mesa e risquei vários palitos na parede. O quarto pegou e acendi minha vela. Olhei no meu relógio, pendurado no encosto de uma cadeira perto da minha cabeceira. Os ponteiros marcavam 3h05. Fazia mais ou menos cinco minutos que a campainha tocara: apaguei a vela. Olhei para o lado de fora para ver se percebia alguma coisa. O mar estava calmo, a noite clara, o terraço deserto. Fui me deitar novamente. Quando eu entrava na cama, vi, no mar, entre as duas janelas, a fosforescência dos fósforos desenhando um rastilho luminoso. Ruminei: e se isso fosse formar o fantasma? Ela desapareceu.

Hoje de manhã mencionei a coisa na mesa do café. Ninguém além de mim ouvira o toque da campainha. Estavam todos no primeiro sono naquele

momento. Resolvemos interrogar à noite a Mesa sobre esses fatos. Eu disse que, se a Mesa nos convidasse a ir lá de novo, eu iria. É preciso ir sozinho.

Copiado pela sra. Hugo no manuscrito de Victor Hugo.

24 DE MARÇO

9h da noite. Presentes: sra. Victor Hugo, srta. Adèle Hugo, Victor Hugo, Auguste Vacquerie. À mesa: Charles Hugo e Théophile Guérin.

— Quem está aqui?

— **Anacreonte.**⁷⁴

Victor Hugo: Salve. Estás entre poetas e te admiramos, mas neste momento estamos muito preocupados. Sabes com quê?

— Não.

— Ontem, aconteceu aqui um fato misterioso, acerca do qual gostaríamos de enxergar claro! Está associado a uma aparição que é conhecida na região pelo nome de Dama Branca.⁷⁵ Permites abordarmos esse fato?

— Não.

— Podes nos esclarecer quanto a isso?

— Não.

— Após te ouvirmos, podemos te pedir que dê um recado à criatura a que me referi?

— Não.

— Então fala, escutamos.

— **Interroga-me em versos.**

Charles Hugo: É a Victor Hugo que diriges essa recomendação?

— **Sim.**

Victor Hugo: Dediquei-te alguns versos: “Anacreonte, poeta das ondas eróticas etc.”.

Charles Hugo: São versos antigos.

Auguste Vacquerie: Ele precisa de versos feitos expressamente.

Perguntamos a Anacreonte se ele se contenta com versos feitos há muito tempo.

— Não.

Victor Hugo: Deves compreender por tua própria lembrança que os espíritos aprisionados na carne não têm a faculdade imediata dos espíritos libertados. Precisamos da meditação para produzir obras dignas de vós. Daí eu não poder dirigir-te em versos, esta noite, uma questão digna de ti. Compreendes?

— Sim.

— Pois bem, tu que és livre, queres me dirigir versos aos quais responderei?

— Não.

Agitação da mesa.

— Tu que estás aqui podes responder às inquietudes de nosso espírito?

— Não.

— Não podes, não queres ou não deves?

— *Non possum quod non debeo, quod non debeo non volo.**

— Teu nome?

— Safo.**

— Tens alguma coisa a nos dizer?

— Não.

— Tu também só aceitas responder aos que te interrogarem em versos?

— Sim.

— A quem pedes versos?

— **A Victor Hugo.**

— Farei isso. Mas permite-me uma pergunta sobre tua primeira resposta.

* Não quero o que não devo, o que não devo não quero.

** Safo, poeta lírica grega que viveu entre 620 a.C. e 580 a.C., na ilha de Lesbos. Dirigiu uma escola feminina de poesia e música. Seria adepta da homossexualidade, daí a origem do safismo, mas teria se apaixonado também pelo jovem Fáon e, desesperada em face de sua indiferença, se lançado do alto dos penhascos do cabo de Leucate. Fáon era um herói de Lesbos. Dizia-se que era um barqueiro, velho e pobre, de uma beleza medíocre, até o dia em que transportou a deusa Afrodite, disfarçada de velha, sem lhe pedir nenhuma paga. A deusa deu-lhe como recompensa um tubo com um unguento da beleza, que ele devia passar diariamente no corpo. Foi então amado por todas as mulheres da ilha, que viam nele um formoso rapaz. Safo foi a mais apaixonada de todas.

Como é possível que o mistério nos atraia e nos rejeite? Ontem, fomos convidados a ver coisas invisíveis com nossos olhos de carne. Por que o ser que ontem nos provocava hoje se furta? Por que o convite nos é retirado quando o aceitamos?

— *Exspecta spectabis.**

— Muito bem, o mistério que se ofereceu ontem espontaneamente virá se oferecer de novo e da mesma maneira?

— Não.

— Virá se oferecer espontaneamente e de outra maneira?

— Sim.

— O toque da campainha que ouvi, a que ou a quem devo atribuí-lo?

A mesa parou de se mexer.

— Safo continua aqui?

— Não.

— Tu sabes que falas com seres profundamente afeitos ao mistério, que para eles é a própria face de Deus. Logo, nada há de audacioso nas perguntas que te farei. Pergunto então, conheces a preocupação que ocupa nossas mentes desde a noite passada?

— Não.

— Se eu dissesse o que é, nos responderias?

— Não.

— Por quê?

— *Lex duplex: prima sors secunda mors. Vivere non est videre. Nos se non est posse.***

— De toda forma, podes nos esclarecer sobre um ponto relativo à nossa consciência. Ontem, uma chave do mistério nos foi estendida. Por causas humanas – pavor do desconhecido, horror sagrado, hora inquietante etc. –, não a pegamos. Descumprimos nosso dever? É obrigação nossa agarrar as oportunidades que o mistério nos oferece?

* Espera, verás.

** A lei é dupla: a primeira é a sorte; a segunda, a morte. Viver não é ver. Saber não é poder.

— *Liber legit librum.*^{*}

— Agradecemos-te por nos ter respondido e perguntamos teu nome.

— Apuleio.

— Sabes que era um grande desejo meu encontrar-te? Em *O asno de ouro*, tu deixaste entrever alguns dos lineamentos^{**} do mistério que se nos revela nos últimos meses. Tiveste um presságio ou recebeste uma revelação?

— *Versus adversus versus.*^{***}

Charles Hugo: A quem pedes versos?

— Victor Hugo.

Théophile Guérin: Podemos ver o espírito de Ankastrom?^{****}

— Sim.

Victor Hugo: Pois bem, Apuleio, farei uma pergunta em versos. Ankastrom pode vir esta noite?

— Não.

— André Chénier⁷⁶ voltará espontaneamente para terminar seus versos?

— Não.

— Teremos que chamá-lo em versos?

— Sim.

Sra. Hugo: Poderíamos ver Lamennais,^{*****} que faleceu recentemente?

— Não.

* A criança lê o livro ou o livro lê o livro.

** Ver nota às pp. 92-3.

*** Verso contra verso.

**** Possivelmente Jacob Johan Anckarström (1762-1792), cortesão sueco. Assassino do rei Gustavo III, foi decapitado. Em 1791, Gustavo III tentou formar uma liga de monarcas europeus contrários à Revolução Francesa. Entretanto, a aristocracia sueca, irremediavelmente hostil, conspirou contra ele. Em 17 de março de 1792, o capitão Jacob Johan Anckarström atirou no rei por ocasião de um baile de máscaras na Ópera de Estocolmo. Gustavo III morreu quinze dias depois. *Le Mousquetaire*, jornal fundado e dirigido por Alexandre Dumas, faz alusão a esse acontecimento em três ocasiões (em seus números de 22/9/1854, 8/10/1854 e 10/10/1854); o nome de "Jean-Jacques Ankastrom" aparece no encarte publicitário final dedicado à revista *L'Écho Littéraire* sob o título: "Artigos publicados nos dois primeiros volumes de *L'Écho Littéraire*. [...] Causas célebres estrangeiras: Processo de Galileu, de Thomas Morus, de Jean-Jacques Ankastrom, de Ana Bolena".

***** Hughes Félicité Robert de Lamennais (1782-1854), filósofo político francês. [N.E.B.]

Guérin: Podes nos dizer quando Ankastrom virá?

— Não.

Victor Hugo: O Leão de Androcles veio ontem. Se eu estivesse presente, teria recitado versos que fiz para ele. Podes lhe pedir que volte esta noite?

Agitação da mesa.

— Quem está aqui?

— Eu.

— O Leão?

— Sim.

Victor Hugo lê os seguintes versos, cuja cópia foi feita a partir de seu manuscrito:

*A cidade assemelhava-se ao Universo. Era
A hora em que toda alma parece de pedra,
Quando todo astro se esconde e o mundo clama.
Roma estendera sua púrpura sobre a lama.
Onde a águia chorou, vagava o escorpião.
Trimálquio pisoteava os ossos de Cipião.
Roma bebia, alegre, ébria, a face rubra;
Dessa loucura emanava um cheio fúnebre.
O amor e a felicidade, tudo era tremendo,
Lésbia,⁷⁷ fazendo-se pentear, feliz, tendo
Tíbulo a seus pés a louvar-lhe a elegância,
Se a escrava persa desgrenhava suas tranças,
Picava-lhe os seios nus com seu alfinete de ouro.
O homem fez do mal um sorvedouro;
Todas as paixões saíam de suas órbitas.
Filhos aos velhos pais davam mortes súbitas.
Retóricos disputavam os tiranos com bufões.
A lama e o ouro reinavam. Nos fundos porões,
O túmulo era um leito.
Carrascos copulavam com mártires mortas.
Roma, horrível, cantava. Às vezes, diante das portas,
Algum Crasso, vencedor de Reis ou escravos,*

Fincava na grande estrada os vencidos crucificados,
E quando Catulo, amante que nosso êxtase embala,
Vagava com Délia, de ambos os lados da estrada,
Dez mil árvores humanas sangravam sobre seus amores.
A glória obcecara Roma no tempo das flores,
Toda vergonha agora era bem-vinda.
Messalina rindo, despida,
No leito público, lasciva, se espalha.
Epafrodite julgava um homem seu chocalho
E divertia-se quebrando os membros de Epicteto.
Mulher gorda, velho senil, bebê de peito,
Cativos, gladiadores, cristãos eram lançados
Aos animais e, trêmulos, lívidos, ensanguentados,
Fugiam, e a angústia perplexa e sem pudor
Contorcia-se no circo, abismo de horror.
Enquanto o urso rosnava e os elefantes,
Terríveis, pisoteavam os infantes,
A vestal devaneava em sua cadeira de mármore.
Vez por outra a morte, qual o fruto de uma árvore,
Caía da fronte pensativa da pálida beleza;
O mesmo relâmpago de crime e frieza
Passava do olho do tigre ao olhar da virgem.
O mundo era o bosque; o império, a estalagem;
No caminho, negros transeuntes esbarravam no trono,
Entravam, escarneciam do gênero humano,
Depois se iam. Nero vinha depois de Tibério,
César esmagava o huno, o godo, o ibero;
E o imperador, igual a uma flor que morreu,
À noite era carniça a menos que fosse Deus.
O porco Vitêlio degradingolava nas gemônias.
Escada das grandezas e ignomínias,
Terrível prisão dos mortos, pelourinho dos irrelevantes,
Sangrando, fumando, hedionda, aquela morgue de gigante

Parecia feita para apodrecer o esqueleto do mundo.
Torturados estertoravam na rampa imunda,
Judeus sem língua, poltrões sem punho, ladrões sem olhos;
Assim como no circo furioso e atroz,
A agonia se fazia presente, berrando a cada degrau.
O negro abismo, cloaca no fundo, abria seu umbral
Por onde toda a Roma escoava; e, no imenso esgoto,
Quando o céu justo dardejara seus raios de fogo,
Às vezes dois imperadores, do número fatal algarismos,
Encontravam-se, ainda vivos, e nesse limbo,
Onde os cães vinham roer no osso sua carne,
O César da noite abalroava o da tarde.
O crime torpe era amante do vício infame.
No lugar dessa raça em que Deus pôs a chama,
De Adão e Eva, ambos tão belos e puros,
Uma hidra circulava no universo escuro;
O homem era uma cabeça, a mulher a outra.
Roma era a enorme leitoa que se prostra.
A criatura humana, atrapalhando os céus,
Fazia pavorosa sombra no biombo de Deus;
Nada mais tinha de sua forma inaugural;
Seu olho parecia querer fulminar a luz do Sol,
E via-se, era véspera de Átila,
Tudo que tínhamos de sagrado até ali
Palpitar sob sua unha e pender-lhe das mandíbulas,
De um lado as virtudes, do outro as gloriólas.
Os homens rugiam quando julgavam falar.
A alma do gênero humano cogitava debandar,
Mas, antes de deixar para sempre nosso mundo,
Trêmula, ela hesitava sob o domo profundo,
Procurando um animal no qual se refugiar.
Ouvia-se o tumulto chamar e gritar.
Ao fundo, a pálida morte, sinistra e calva, ria.

Foi quando tu, nascido no deserto vazio
Onde o Sol está a sós com Deus, tu, sonhador
Do antro que o entardecer enche com seu rubor,
Vieste à cidade abarrotada de crimes.
Eriçavas-te face a tantas sombras e abismos;
Teu olho, tal aquele mundo horrível e castigado,
Flamejou de repente amor e piedade;
Pensativo, tu sacudiste tua juba sobre Roma,
E, sendo o homem um monstro, tu, ó leão, foste o homem.

28 de fevereiro de 1854.

No deserto escuro, intransponível, agreste,
O morro sucedia à arenosa estepe.
À hora em que o dia raia,
Só, nesses vastos espaços onde Deus fala e despona,
Como um rei até outro rei eu ia ao encontro
Do sol na praia.
Subíamos ambos, em nosso orgulho e soberba,
A colina, ele dourando e eu pisoteando as ervas.
Nossa dupla se reconhecia.
Lisonjeava-me tê-lo como hóspede em meu antro.
Orgulhava-o ver espalhar-se sobre o meu ventre
Minha juba sob o dia que nascia.⁷⁸
Assim eu vivia, só, sonhando sob minha juba,
Conduzindo o Sol do céu para minha gruta,
Majestoso, compungido,
Temido sem cólera e forte sem violência,
E dizendo ao deserto julga se teu silêncio
Vale meu rugido.
Eu abria na claridade a pálpebra em delírio.
Escutava por vezes o profeta Isaías
Louvar o Deus a que ele serve.

*Pois pertencíamos à mesma falange,
E respondíamos, eu o leão, ele o anjo,
Das duas pontas do deserto.*

Théophile Guérin sai. A sra. Hugo o substitui à mesa.

*A doce bondade era de minha boca o bafejo.
Eu teria imposto calma ao furacão malfazejo
Domador das águas turbulentas.
Teria, aplicando minha vontade de mármore,
Sob minhas patas mais fortes do que troncos de árvore,
Aprisionado os quatro ventos.
O deserto era vasto, intransponível e cruel,
Nele, eu, luminoso, reinava qual um farol no breu,
Nele, eu erguia minha frente brava.
No deserto sem fundo que sempre recomeça
Eu estava só, só naquela página imensa,
Feito uma imensa palavra.⁷⁹*

— Dois.

— Isso significa que separas os versos com algarismos e que agora devemos colocar o número II?

— Sim.

— Que dia desejas terminar estes versos?

— Quinta-feira.

Encerrado à meia-noite e 45.⁸⁰

Anotação de Guérin:

Escrevi ontem, 24 de março de 1854, ao chegar em casa, à meia-noite, a seguinte observação:

“Ouvi, passando em frente ao quebra-mar, o grito dilacerante e estranho que já ouvira naquele mesmo local”.

Um mês antes, eu já ouvira o grito a que me refiro na observação do dia 24.

Marine Terrace, 25 de março de 1854.

Théophile Guérin

SÁBADO, 25 DE MARÇO

Shabbat. Saturni dies. 6h45 da noite.

A mesa se ergue após cinco minutos.

— Se há alguém, três batidas.

A mesa bate três vezes.

— Diz teu nome, quem és?

— Felicidade.

— Sê bem-vinda!

— És a ideia felicidade ou um espírito que adota esse nome para falar conosco?

— Olhar de Deus.

— Fala.

Silêncio, a mesa gira.

— Preferes que eu te interrogue? Em caso afirmativo, duas batidas, se não, uma.

Silêncio, a mesa não se mexe mais.

— Continuas aqui, felicidade?

A mesa recomeça a girar.

— Responde.

Mais movimento.

— Ainda há alguém?

A mesa parou de se mexer. São 7h15.

DOMINGO, 26

5h15 da tarde.

— Há alguém?

A mesa está imóvel, alguns movimentos fracos, mas nenhuma resposta. São 5h45.

27 DE MARÇO

6h45 da noite.

A mesa se agita ao cabo de dois minutos.

— Há alguém?

— Sim.

— Sabes o que aconteceu nos meus aposentos, e ao redor da minha casa, na noite de 23 para 24 de março?

— Dafe iluo.

— Há erro?

— Sim. Dama ~~não~~ nada oo.

— Erro?

— Sim.

— Após dama?

— Nada.

— Os dois “o” querem dizer zero?

— Sim.

— Querias dizer que depois de dama não se deve acrescentar nada?

— Sim.

— No entanto, a dama atribuiu a si mesmo uma qualificação. Tu a conheces? Fala.

— Z.

— Responde.

— Z.

— Não queres responder?

— Não.

— Essa entidade nos é favorável ou o contrário?

— Z.

— Errei ao pedir-te uma confirmação das palavras ditas por essa entidade que respondeu que nos queria bem. Devo crer nela e creio nela. Faço bem?

— Sim.

— O que ouvi ontem à noite às 3h da manhã?

— S.

— É efetivamente um S?

— Não.

— Queres responder diretamente à pergunta?

Rodopio.

— Ainda há alguém?

— Sim.

— Diz teu nome.

— Z.

A mesa não se mexe mais. São 7h45.

QUINTA-FEIRA, 30 DE MARÇO DE 1854

9h da noite. Presentes: Victor Hugo, Auguste Vacquerie, Charles Hugo. À mesa: sra. Hugo e Guérin. (Continuação da resposta do Leão de Androcles.)

— Quem está aqui?

— Aquele a quem esperais.

Victor Hugo relê os versos do dia 24.

II.*

* Hugo remete aqui à p. 2 de suas anotações manuscritas.

— Vós todos tu v...

Hesitação.

— Desejas que outra pessoa venha à mesa?

— Sim.

— Quem?

— Charles.

A sra. Hugo cede o lugar a Charles.

— Julgas que está bem assim?

— Não.

— Quem desejas que substitua o sr. Guérin?

— A sra. Hugo.*

Enquanto eu vivia atrás de véus celestiais

Contemplando à noite os espaços siderais

Como se todas as retinas

Dos vivos adormecidos na sombra e no mistério

No mesmo momento se fechassem sobre a Terra

E dilatassem nas alturas divinas,

Enquanto eu expunha em meu austero estudo

O grande ensino da áspera solitude

Sem orgulho, sem desgosto,

Lá, numa cidade apavorante, cheia

De luz e sangue, vulcão por sua ideia,

Por seus crimes esgoto,

Em uma cidade escura a que chamavam Roma,

Que fazia dos monstros deuses após Deus feito homem,

* O triângulo básico é assim constituído: Charles e a sra. Hugo conduzem a mesa, Victor Hugo escreve e faz as perguntas, Auguste Vacquerie e Guérin se juntam a eles como na maioria das sessões. Observemos, todavia, que Auguste Vacquerie também costuma ser o escrevente, além de ter uma participação importante nas perguntas feitas à Mesa. Os versos mais bonitos são quase sempre ditados quando a sra. Hugo e Charles conduzem a mesa, Victor Hugo é o escrevente e Auguste Vacquerie, “o mudo interessante”.

*Palácio-necrópole-harém,
Dos templos desmoronados reconstruindo o domo
Soltando a gargalhada infame de Sodoma
Nas costas de Belém;*

*Cidade [ville] em face da qual o olho fecha, covarde,
Tomada por um monturo do tamanho de Hércules,
Vil [vile] feito Augias,
No lodo e no sangue fincando seus muros severos,
Ninho de crimes horríveis nos quais os Tibérios
Já chocavam os Bórgias,⁸¹*

Victor Hugo: Não achas que ville [cidade] e vile [vil] tão próximas uma da outra causam um efeito desagradável? Queres colocar cité [cidade], por exemplo, no lugar de ville [cidade]?

— Sim.

*Traficando da Ásia e espoliando a Gália,
Ela carregava o mundo no ombro feito um balaio,
Enxovalhando as artes,
Seu talento de ouro exibia suas efígies
E seus dedos de cortesã desfilavam nas orgias
O perfil dos Césares.⁸²*

Três batidas.

— Em que verso desejas fazer a mudança?

— 5.

— No primeiro hemistíquio?

— Não.

*A consumir orgias
Dilapidavam os Césares.*

*Nessa cidade, então, rainha prostituta,
Virgindade vencida e glória imunda,*

Viúva de seu raio,
Que, enquanto Jesus nascia entre os anjos,
Ordenava que o mundo xingasse seus panos
E beijasse seu farrapo!⁸³

— A nona estrofe parece não continuar as nove anteriores. Nas três anteriores — Lá, numa cidade... — Numa cidade escura etc. Cidade em face da qual o olho... — o sentido é sempre suspenso. Ela carregava o mundo atrapalha a linha da frase. Não és da minha opinião?

— Sim.

— Onde queres mudar? Nas nove estrofes ou na quinta?

— Na quinta.

Cidade que carrega o universo no ombro feito um balaio
Traficando... etc.
Enxovalhando... etc.
Conspurcando seu talento de ouro conspurcando suas efígies
*Cortesã*⁸⁴

Victor Hugo observa que talento muito perto de enxovalhando as artes dá margem a duplo sentido.

— E se mexesses nisso?

— Sim.

Lançando na sarjeta o ouro de suas efígies,
E, Laís impudente, a pagar suas orgias
*Dilapidando os Césares.*⁸⁵

— Meia-noite e meia. Que dia queres voltar para terminar?

— Terça-feira.

TERÇA-FEIRA, 4 DE MARÇO [ABRIL] DE 1854⁸⁶

9h da noite. Presentes: Victor Hugo, Auguste Vacquerie, Charles Hugo, Victor Hugo filho. À mesa: sra. Victor Hugo e Guérin.

— Quem está aqui?

— Legurru.

— É esse o teu nome?

— Sim.

— Quem és tu?

— F o h c...

Algaravia.

A sra. Hugo deixa a mesa e é substituída pelo seu filho Charles.

Victor Hugo: Foi mesmo Legurru Fohc que quiseste dizer?

— Sim.

— Falavas francês?

— Não.

— Que língua falavas?

— A língua dos animais.

— De que animais?

— Os leões.

— Dos leões da Terra?

— Sim.

— O que significa Legurru?

— O cometa vem.

— É este o sentido das duas palavras Legurru e Fohc?

— Sim.

Auguste Vacquerie: Porventura os rugidos dos leões têm um sentido?

— Sim.

Hugo: Porventura a linguagem de todos os animais tem um sentido?

Victor Hugo filho sai.

— Tu falavas no cometa, queres continuar o que dizias sobre ele?

— Sim.

— Continua.

— Antes da víbora, o astro de cauda coleia no túmulo celeste. O cometa é a serpente que surge nos momentos em que a humanidade abre os sepulcros. Víbora na Terra, jiboia no céu.

Victor Hugo: Ao lado do sentido misterioso e calamitoso dos cometas, já estudados pelos homens (*dirae cometae*, Virgílio),⁸⁷ não poderias nos dar detalhes mais precisos sobre os cometas, sua trajetória, suas distâncias dos outros corpos celestes etc.?

— **Preciso de um lápis.**

Charles Hugo e Guérin deixam sua mesa e ocupam outra, com três pés igualmente, mas cujo terceiro pé é um lápis. Colocam a mesa sobre uma folha branca. Quase instantaneamente a mesa se agita e põe-se a desenhar com seu pé-lápis.

Observação: Uma hora e meia atrás, quando já estávamos à mesa para jantar, Victor Hugo filho, que voltava de Saint-Hélier, contou ao seu pai que acabava de ver um cometa. Victor Hugo desceu ao jardim para ver.⁸⁸

A Mesa com lápis desenha primeiramente uma espécie de cabeça, ligando-a a uma cauda que ela preenche com pequenos globos. Sob essa cauda ela escreve: semen astorum.^{*} Ver o álbum dos desenhos.^{**}

Pedimos ao Leão para fazer seu retrato. Ele faz. Ver o álbum dos desenhos.

Sra. Victor Hugo: Podes e queres desenhar o que tenho no pensamento?

A Mesa desenha uma figura de adolescente e a emoldura em um coração. Depois, ao lado, faz um túmulo, encimado por uma cruz.

Com efeito, a sra. Victor Hugo pensava em sua filha morta.⁸⁹

Guérin pergunta à Mesa se ela quer desenhar o que ele tem no pensamento.

Ela desenha uma mulher cujo coração transparece, depois um navio. Depois, com uma linha, liga o coração da mulher ao flanco do navio. Guérin, muito comovido, diz que é exatamente seu pensamento. Perguntamos no que ele pensava, ele não quer dizer.

Guérin foi, em 1852, um dos cativos da nau Du Guesclín. Supomos que o desenho conecte o coração da mãe de Guérin e as passarelas do navio.

Auguste Vacquerie: Queres desenhar para mim o que tenho no pensamento?

— **Sim.**

* O sêmen dos astros.

** O álbum de desenhos está conservado na Bibliothèque Nationale de France (BNF); foi exposto na Maison de Victor Hugo durante a mostra “Spiritisme, entrée des médiums”, em 2012.

Ela desenha⁹⁰ um camaféu de mulher e um quadro, embaixo o perfil de Auguste Vacquerie, que ela liga, de um lado, ao camaféu e, do outro, ao quadro. Escreve sobre o retrato: *de arte ad familiam*. (O quadro evoca um Cristo no Jardim das Oliveiras de Eugène Delacroix pertencente a Auguste Vacquerie.)

— Não é o que eu tinha em mente.

— Não.

— Por que não desenhaste meu pensamento?

— Tu duvidavas.

— Se eu duvido, tu tens um meio bem simples de me obrigar a crer, desenhando o que te peço.

— Não posso.

— Pudeste para a sra. Hugo e para Guérin.

— Eles não duvidavam.

Victor Hugo: É meia-noite; é muito tarde para encetarmos a continuação dos versos. Quando queres voltar?

— Domingo.

10 DE ABRIL DE 1854

9h15 da noite. Presentes: srs. Victor Hugo, Charles Hugo, Théophile Guérin. À mesa: sra. Hugo e Charles Hugo.

— Teu nome?

— Ego.

Victor Hugo: Queres que eu leia os versos que fizeste?

— Sim.

Victor Hugo lê os versos.

Lidos os versos, a mesa dá três batidas, indicando a sexta estrofe da segunda parte.

A Mesa conserva que e muda a partir de enquanto Jesus...

Entra Auguste Vacquerie.

— Que, xingando Jesus e cuspindo em sua manjedoura,

*Desfraldava no céu e erguia até os anjos na alvura
Suas bandeiras em farrapo.*⁹¹

Victor Hugo: E se colocasses farrapos no plural, colocando viúva de seus raios?

— Sim.

A mesa se agita sem dizer nada durante meia hora, depois não se mexe mais. Aguardamos quinze minutos; ela não se mexe. Saímos.

QUINTA-FEIRA, 13 DE ABRIL DE 1854

9h45 da noite. Presentes: Victor Hugo, Auguste Vacquerie. À mesa: sra. Victor Hugo e Charles Hugo.

Victor Hugo: Diz teu nome.

— Fecoil fecoil.

— Em que língua falas conosco? Será a língua dos leões?

— Sim.

— O que significa fecoil na língua dos leões?

— A lua me incomoda.

— Por que te incomoda?

— É o luar.

A janela estava aberta, fechamos.

— O luar te impede de continuar teus versos?

— Sim.

— Daqui a quantos dias poderás voltar para continuar?

— Sexta-feira.

— Amanhã?

— Não, a outra.

— Quem está aqui?

— Amuca...

— Teu nome é Amuca?

— Sim.

— Quem és tu?

— Babac...

— Tu nos respondes coisas que não fazem sentido algum. Diz-nos em francês quem és.

— Babbaf...

— Convém continuarmos esta noite?

— Não.

— Podes nos dizer por quê?

— Não.

— Outro que não tu poderia nos dizer?

— Sim.

— Quem?

— A Sombra do Sepulcro.

— Crês que nossa vontade pode trazê-la de volta?

— Não.

Sáímos. Pouco depois, recomeçamos, por instância da sra. Victor Hugo.

— Quem está aqui?

— Bab...⁹²

Victor Hugo: É a lua que te incomoda?

Sem resposta. Suspendemos a sessão às 10h15.

SEXTA-FEIRA, 21 DE ABRIL DE 1854

9h15 da noite. Presentes: Victor Hugo, Auguste Vacquerie, Théophile Guérin. À mesa: sra. Victor Hugo e Charles Hugo.

— Quem está aqui?

— *Vir inter animalia*.*

— És o Leão de Androcles?

* O homem entre os animais.

— Sim.⁹³

Victor Hugo relê os versos começados, a partir da seção II. No fim, a mesa dá três batidas.

— Em que estrofe queres mudar alguma coisa?

— 6.

Victor Hugo: Permita-me fazer uma observação sobre essa estrofe, uma vez que desejas alterá-la. Não é uma vergonha para uma bandeira estar esfarrapada; ao contrário. Não achas que tua estrofe erra ao fazer Roma envergonhar-se de seus farrapos?

— Sim.

— Que verso da estrofe vais mudar?

— O 4.

*Que, xingando Jesus, que dormia nas alturas,
Mostrava às nações ao lado de sua manjedoura
Um imenso farrapo.*⁹⁴

— Então voltamos com viúva de seu raio?

— Sim.

*Em meio a um sinistro e escuro anfiteatro,
Circo cujas arquibancadas de mármore e alabastro
Dos céus tocavam a borda,
Qual uma escada com degraus funéreos
Descida todas as noites pelos passos das trevas
E subida pela morte,*

*Na arena, enquanto, da base ao topo,
Povo, patrícios em suas galantes togas,
As virgens, delicados caniços,
Catulo e sua amante adorada e cruel,*
Vestindo versos de amor pousados sobre ela
Como passarinhos,
Todos, a criança, o ancião, as matronas romanas,*

* Lésbia, que encontramos em “Ao Leão de Androcles” (ver p. 588, nota 77).

*Aplaudindo o sangue se esvaindo das carnes humanas,
Gritando, berrando, inclemente,
Pensando que, desse braço que vai do Ebro ao Tigre,
Nero, jubiloso do mal, aplaudia ao tigre,
E Locusta a serpente,⁹⁵*

— Não achas que seria preciso mudar ao em um desses versos em que há ao tigre?

— Sim.

— Em que verso queres mudar?

— Primeiro.

— Recomeças o verso?

— Não.

— É a partir de que?

— Sim.

Que junta o Ebro e o Tigre

Auguste Vacquerie sai.

Ó triste degradação enquanto toda Roma,

Rindo, assistia ao devoramento de algum pobre homem

Que Jesus agrilhoou,

E conduzia a essas escuras arenas,

Às vitórias dos lobos, aos combates das hienas,

Sua águia humilhada⁹⁶

— Que Jesus agrilhoou não está correto; teria de ser agrilhoara. Queres mudar o verso curto?

— Sim.⁹⁷

Ao calvário agrilhoado,

Enquanto o Sol, entreabrindo os cílios,

E vendo em sangue a cidade dos brilhos

E dos grandes turbilhões,

Indignava-se e, incitando seus cavalos centenários,

*Fazia subitamente estalar seus raios
Em seu rebenque de trovões,*

*Outros leões, que não eu, carregando minha juba,
No circo esperavam que o beluário, a fim de luta,
Abrisse-lhes as jaulas
E, com os pés na lama e a fronte no sangue,
Desonrassem meu nome, eu, sacerdote dos arcanjos,
Eles valetes dos canalhas.⁹⁸*

A Mesa continua e dita: três.

— Dentro de quantos dias queres voltar?

— Cinco.

— Pedimos que voltes na terça-feira. Quarta, temos visita.

— Sim.

— Podes nos dizer por que voltas de cinco em cinco dias?

— Nos quatro dias de intervalo eu visito os quatro evangelistas.

— Agradeço-te muito.

— Antes que tu partas, tenho uma pergunta a te fazer: a palavra grega *abax* (abax) significa mesa, é por isso que vós repetis essa palavra quando pessoas com pouco fluido vos interrogam?

— Não.

— Quando as Mesas gaguejam, elas dizem quase sempre as palavras “bab”, “baba”, “babac”; há algum parentesco, alguma filiação misteriosa desses gaguejos à palavra Babel, que marca os balbucios do gênero humano, à palavra Babilônia, formada de Babel, e a nossa palavra balbuciar?

— Sim.

Encerrado à meia-noite e 45.

O fim da sessão é transcrito por Guérin.

22 DE ABRIL

4h da tarde. Presentes: sr. Guérin, Victor Hugo. Charles Hugo e a sra. Hugo conduzem a mesa.

Victor Hugo: Há alguém?

— Sim.

— Antes de dizeres quem és, autorizas uma pergunta?

— Sim.

— A Mesa faz versos, e belíssimos; parece-nos que ela pode fazer música. A música é como a poesia, um sopro do pensamento. Podes fazer música?

— Sim.

— Queres fazer a música da *Marselhesa* da revolução futura? Eu farei a letra.⁹⁹ Essa *Marselhesa* deve ser para a antiga o que a revolução da Europa será para a revolução da França. O clarim deve expandir sua campana, isso te convém?

— Sim.

— Precisas que o sr. Guérin te explique seu sistema de notação?

— Não.

— Então sabes sem que ele tenha te explicado?

— Sim.

— Queres, antes de começar, nos dizer teu nome?

— Sim.

— Fala.

— **T e u v i z i n h o.**

— O que entendes por isso?

— **O o c e a n o.**

— Uma melodia feita pelo oceano para uma revolução. Não pode haver nada mais belo. Nós te escutamos.

Sr. Guérin: Clave de sol?

— Sim.

O sr. Guérin escreve o que a Mesa dita segundo seu sistema de notação. Victor Hugo sai, depois volta. Ditado da melodia que transcreveremos adiante.

Victor Hugo: Penso que a música que acabas de ditar cortará as palavras

em estrofes e refrões ou coros de maneira que possamos cantar essa *Marselhesa*, como a outra, para as massas. Para que eu jamais possa cometer um erro de minha parte, poderias me indicar:

1º De quantos versos se compõe a estrofe?

2º Qual é a metrificação desses versos? Indique-a verso por verso. Assim, por exemplo: primeiro verso: oito sílabas, rima feminina; segundo verso, mesmo número, rima masculina; terceiro verso, doze sílabas, rima feminina; e assim por diante até o fim da estrofe.

3º Fornece-me as mesmas indicações para o refrão.

Lidas essas perguntas para a mesa, ela diz que só pode responder após ditar a melodia.

Victor Hugo sai.

Théophile Guérin: Como queres chamar tua composição?

— **M e u r u m o r.**

— Com que nome deve ser chamada por aqueles que dizem o cantar?

— **L a t o n n a n t e.**

Até as palavras: após ditar a canção, esta sessão foi transcrita pela sra. Hugo.

23 DE ABRIL DE 1854

2h30 da tarde. Presentes: sra. Hugo e Charles à mesa. Théophile Guérin.

Sra. Victor Hugo: És o oceano?

— Sim.

Théophile Guérin: A peça que nos ditaste não faz nenhum sentido, nos enganamos ao escrevê-la? Ou deveríamos fazer uma mudança?

— Mudar.

— O quê?

— A clave.

— Que clave devemos colocar?

— Fá.

— Em que linha?

— Dois.

— O método que empregamos é correto?

— Sim.

— É necessário recorrer ao método indicado pela sra. Hugo?

— Não.

— Essa peça poderá ser cantada¹⁰⁰ tal como é?

— Sim.

Sra. Hugo: Fala conosco.

— a d a f f u...

Confuso.

Entra o sr. Victor Hugo.

— A canção sobre a flor testada pelo sr. Guérin não deu resultado. Tu acabas de dizer que deveríamos mudar a clave, ora essa clave é fã. Isso altera a canção inteira. Essa mudança é necessária?

— Quem fala pouco enxerga muito. O mar é a arte. O éter é a ideia. A gota d'água é o espelho do astro imenso. A linha da onda do oceano é a corda da grande lira: as grutas marinhas são os ouvidos sempre abertos para o músico que canta sempre. A imensidão pulula em aves que pou-sam sobre o poderoso órgão de Deus como estrofes sublimes. O mar faz a música, o céu faz a letra. O nome do poeta é amor; o nome do músico é força. Deus é o nome de tudo. Vós sois uns cretinos. Adeus.

Victor Hugo: Somos ignorantes. Nós te dissemos: ignorantes em todas as coisas. E particularmente em música. A réplica irritada que nos diriges não nos irrita. Podes explicá-la?

Movimento da mesa.

— Vossa flauta varada por buraquinhos feito o cu de uma marmota cagando me dá nojo. Fazer uma orquestra para mim, farei uma canção para vós. Capturarei todos os grandes barulhos, todos os tumultos, todos os estrépitos, todas as cóleras dos sons livres nos prados, o vento da manhã. O vento da tarde, o vento da noite, o vento do túbulo, as tempestades, os simuns, as rajadas que passam seus dedos violentos nas madeixas das árvores como criaturas desesperadas, o refluxo das marés nas praias,

o desaguamento dos rios nos oceanos, as cataratas, as trombas-d'água, os vômitos de estertor do enorme peito do mundo, o que os leões rugem, o que os elefantes bramem em suas trombas, o que as serpentes intangíveis silvam em seus anéis, o que as baleias mugem em suas narinas úmidas, o que os mastodontes sussurram nas entranhas da Terra, o que os corcêis do Sol relinham nas profundezas do céu, o que toda a animália do vento zumbe nas gaiolas aéreas, o que o fogo e a água lançam de imprecações, um do fundo de sua garganta de vulcão, a outra do fundo de sua garganta de abismo, e dissei-me: eis tua orquestra; cria harmonia com esse barulho, amor com essas correntes, paz com esses combates; sê o maestro do que não tem senhor. Sê o conquistador da imensidão. Domestica o horror, acalma a violência, beija os elementos na juba. Faz com que a ponta do teu arco seja vista pelos quatro ventos em lugar da língua de fogo dos raios celestes e dá a bênção da arte a essa imensa união das forças da natureza, de joelhos a teus pés. Casa os dois noivos da criação que há 6 mil anos se olham com amor, o céu e a Terra. E sejas o sacerdote da majestosa igreja. Mas não me digais para fazer música com vossa flauta.¹⁰¹

— Somos proscritos, sabes disso, acostumados às tempestades. Tua cólera é uma. Nós a julgamos bela. Nós a admiramos. No entanto, permite-nos uma interferência nesse furacão. Estás indignado com nosso amigo Guérin, ele não nos parece culpado. Não podemos dar-te a orquestra que desejas. Tu consentiste ontem com o que te pedíamos. Tu nos ditaste uma música, e bem sabes, tu, que deves ver nas consciências, que não duvidamos que ela fosse imensa e contivesse tudo que está no teu nome: Oceano. Não dispomos dos meios para ensaiar essa música. Aqui só temos um piano e não é culpa do nosso amigo se ele só tem uma flauta. Os maiores músicos da Terra – não digo do mar – deixam-se afogar nesses instrumentos indigentes. Não te contentas com eles também? Impossível julgar-te seriamente irritado com o nosso amigo. Queres continuar o que começaste, *A Marselhesa* da futura revolução? Fala.

— Tenho muita vontade de satisfazer-vos, mas não tendes recursos para notar minhas músicas. É necessário saber a linguagem das coisas para compreender as criaturas que, como eu, não possuem forma apa-

rente. Assim, as flores veem as almas. Há diálogos entre os perfumes e as essências. Uma rosa fala com uma defunta; e um vaso de jasmim no parapeito de uma mansarda conversa com todo o céu. A música que tentei ditar ontem é bonita, mas falta-lhe o acompanhamento. O piano que seria necessário não poderia entrar em vossa casa. Ele tem apenas duas teclas, uma branca e uma preta, o dia e a noite; o dia repleto de pássaros, a noite repleta de almas.

Sra. Hugo: Ontem tu consentiste. Por que disseste sim ontem?

— Acalma-te.

— Isso não é uma resposta.

— A música está feita.

— Se está feita, que proveito podemos tirar do que ditaste?

— Procurai.

— Ela não contém erros tal como o sr. Guérin escreveu?

— Seria necessário mandar adaptá-la por um músico humano. Falai com Mozart quando o encontrardes.

— Podes nos enviar Mozart?

— Sim.

— Ele poderia vir esta noite?

— Há um meio. Colocai a mesa em frente ao piano: ela tocará as teclas e vós notareis.

— É Mozart que virá dirigir a mesa ou é teu espírito que, ainda na mesa, a porá em movimento?

— É preferível Mozart. Eu sou ininteligível.

— Queres pedir a Mozart que venha esta noite às 9h?

— Mandarei o recado pelo crepúsculo.

São 5h15.

Estas três últimas páginas foram escritas por Victor Hugo.

Reiniciado às 6h.

Presentes: Guérin, Charles Hugo, ambos conduzindo a mesa. Charles Hugo: escrevente.

— Quem está aqui?

— O Drama.

— Tens algum comunicado a fazer?

— Sim.

— Fala.

— Anuncio-vos que o drama de Shakespeare está terminado.

Entra Auguste Vacquerie.

— Quando Shakespeare virá ditá-lo para nós?

— Quinta-feira.

— A que horas?

— Oito horas.

— Da noite?

— Não.

— Da manhã?

— Sim.

— Disseram-nos que as almas só podiam nos visitar à noite.

— Eu é que farei a parte do dia, ele fará a da noite. Eu farei a prosa, ele os versos.

— Agradecemos-te por ter vindo nos trazer essa grande notícia. Tens outra coisa a nos dizer?

— Conversemos.

Entra a sra. Victor Hugo.

— Tu nos ditarás tua parte diariamente?

— Se assim preferis.

— Os personagens do drama que tu nos ditarás serão homens como nós? Serão movidos pelas paixões como nós?

— Não.

— O drama poderá ser encenado em um teatro de música?

Théophile Guérin: Já faz um longo tempo que me preocupo com as revelações que os espíritos nos fazem, anunciando os acontecimentos do futuro e a época estabelecida, fatal, em que eles ocorrerão. Assim, a alma de Bona-parte adormecido previu a revolução, o castigo que o golpeará e a época de sua morte. Marat, Robespierre nos anunciam a revolução para 1855. Ao nos

dizer o futuro, Charlotte Corday atribui um papel a Blanqui e acrescenta que ele será de curta duração. Por fim, a mãe de Durrieu lhe anuncia o dia de sua chegada à Espanha. O que devemos concluir dessas opiniões que nos são dadas pelos mortos? Que o futuro lhes é revelado, que esse futuro é arranjado e predeterminado, que experimentaremos, passivos ou sem poder impedi-las, as catástrofes ou venturas que nos são anunciadas? Então como explicar o bem, o mal, a punição, a recompensa, logo a responsabilidade? Ou essas revelações se devem simplesmente a uma faculdade de apreciação que os espíritos detêm e que lhes permite enxergar mais claros do que nós mesmos podemos fazê-lo acontecimentos já previstos, para os quais então eles podem determinar um fim?

— Conheceis a lei dos pressentimentos?

— Não.

— O que o homem faz vive. Uma ação é um ser. Uma ação é um reflexo. Uma ação é vista como um corpo. A presciência de Deus não é outra coisa senão a visão das ações humanas em um espelho que tem como telescópio a faculdade de aproximar os reflexos. Assim o passante vai, vem, agita-se livremente. Só que o movimento que ele está prestes a fazer se reflete um segundo antes no espelho. Ora, como o tempo é uno e para Deus os segundos e os séculos se confundem, segue-se que, no segundo anterior ou nos milhões de séculos anteriores, a ação futura na vida humana já estava presente no espelho divino. As ações são seres vivos dotados de um aparelho luminoso que ilumina até as profundezas do espelho antes mesmo de a ação sair do corpo humano. O fenômeno dos pressentimentos, que se assemelha ao milagre da presciência divina, daí advém. Assim, acontece de vós adivinhardes o que ides fazer. É que, sem desconfiardes, vós passastes em frente ao espelho misterioso e percebestes o clarão do reflexo da ação invisível. Quando um homem medita sobre uma resolução, há momentos em que ele se sente olhado fixamente pelo seu projeto. Seu projeto torna-se seu amigo, companheiro e conselheiro. Bonaparte, a quem vos referistes ontem, teve o Dois de Dezembro como parceiro durante toda a sua vida. Era o Dois de Dezembro que brincava com ele quando ele era criança. Era o Dois de Dezembro que Napoleão pegava no

colo quando pegava o pequeno Luís. O Dois de Dezembro carrega beijos de Austerlitz na fronte. Foi o Dois de Dezembro que falou a Bonaparte de Império, foi o Dois de Dezembro que lhe recitou, em Ham, o monólogo de Carlos V. Foi o Dois de Dezembro que o fez evadir-se da prisão. Foi o Dois de Dezembro que segurou para ele a lanterna enquanto ele entrava na França em seu retorno de Londres. Foi o Dois de Dezembro que lhe emprestou as algemas que a França tem nas mãos. O Dois de Dezembro não é crime de Bonaparte, é seu cúmplice: o crepúsculo.¹⁰²

Encerrado às 7h30.

NOITE DE DOMINGO [23 DE ABRIL DE 1854]

9h20. Presentes: Victor Hugo, Théophile Guérin. À mesa: sra. Victor Hugo, Charles Hugo. Auguste Vacquerie: escrevente.

— Quem está aqui?

— Mozart.

Victor Hugo: Sabes o que aconteceu aqui hoje?

Sem responder, a mesa vai ao piano e fere um dó. Mas ficamos atrapalhados para registrar essa nota. É uma branca ou uma preta? Perguntamos à Mesa como identificá-la. Há um procedimento?

— Não.

— Preferes o método empregado ontem com o oceano?

— Não.

— Como fazer então? Afinal, ansiamos por escutar tua música.

— Vou pensar.

— Dentro de quantos dias podes voltar?

— Dez dias.

— Terça-feira às oito?

— Sim.

Encerrado às 9h30.

Voltamos à mesa quase imediatamente. Saímos antes que ela volte a se manifestar.

SEGUNDA-FEIRA, 24 DE ABRIL DE 1854

Tarde, 2h. À mesa: *sra. Victor Hugo, Charles Hugo, Auguste Vacquerie* escrevendo.

— Quem está aqui?

— O Drama.

— Fala.

— Onde está Victor Hugo?

Victor Hugo entra.

Victor Hugo: Aqui estou. Pois não.

— O homem então age como quer e o espelho o segue em toda parte, mas, vós dizeis, ele não é livre. Em que o reflexo atrapalha o movimento? O crime de Bonaparte nasce em seu espírito. O espelho reflete o monstruoso rosto do recém-nascido. Bonaparte hesita, o espelho reflete a hesitação. Bonaparte renuncia, o espelho reflete a renúncia. Bonaparte volta, o espelho reflete o retorno. Bonaparte treme novamente, o espelho reflete o tremor. Bonaparte executa o Dois de Dezembro, o espelho reflete o bulevar. Vosso erro é crer que a ação é preexistente à vontade. Não, é o reflexo da ação que preexiste à ação. Agora onde está esse espelho que reflete a vida dos seres sob os climas, formas, realidades, aparências? Ele é, pura e simplesmente, o céu. De dia, é repleto de figuras indo e vindo, se agitando, vivendo. Reflete os corpos. À noite, reflete as consciências. O dia é o espelho das máscaras, a noite é o espelho dos rostos.¹⁰³

Auguste Vacquerie: Compreendemos perfeitamente que o reflexo não atrapalha o movimento, mas foste tu, ontem, que pareceste dizer que a ação preexistia à vontade, que o Dois de Dezembro já existia para Bonaparte criança e que o crime não era obra do criminoso, mas seu cúmplice. Se o Dois de

Dezembro já aconselhava Bonaparte criança, onde está a iniciativa, isto é, a responsabilidade de Bonaparte?

— Criança, Bonaparte concebeu o império. Sei disso. Ele olhava para a espada do tio e tentava sempre puxá-la da bainha quando o outro não estava olhando. No Dois de Dezembro, a espada saiu e Napoleão ficou boquiaberto ao ver aquele grande brinquedinho sanguinolento nas mãos do monstrinho.

Victor Hugo: Que sentido devemos atribuir às palavras pelas quais apontas o dia como *repleto de figuras e refletindo os corpos* e a noite como *repleta de sonhos e refletindo as consciências*?

— Se, à noite, dormindo, sobrevêm-nos pensamentos ruins, a consciência é responsável por isso? Se, de dia, cometemos ações desabonadoras, o corpo é o único culpado? Isso não seria possível. Julgo necessária uma explicação. Uma ação realizada à luz do dia supõe a consciência. Um sonho noturno não envolve sequer o corpo. O sonho vai de par com a impossibilidade. Um detalhe: à noite, nem todos dormem. Os que dormem têm sonhos. Os que não dormem realizam ações. Se a noite não reflete senão os sonhos, o que ela faz das ações? Será que as ações noturnas, mais reais que os sonhos, não o registram? Não obstante, bem mais que os sonhos, elas são obra da consciência. Ora, são elas que a noite, espelho da consciência, deseja acolher? O ladrão que arromba um quarto* e o condenado que mata nas trevas escapariam da noite, enquanto aquele que dorme e tem um pesadelo seria capturado por ela em seu pesadelo? Isso me parece impossível. É provável que só compreendamos o mistério do pensamento pela metade.

Não fui compreendido. De dia, o homem realiza; mas com quê? Com o corpo, com os órgãos. Até os pensamentos íntimos do dia se traduzem por um olhar, um franzir de cenho. O espelho reflete o conjunto, o movi-

* Possível alusão a um assalto de que a família Hugo seria vítima. Na noite de 31 de maio para 1º de junho de 1854, assaltantes entram na estufa de Marine Terrace, quebrando um vidro. Curiosamente, não roubam nada. “Preparamo-nos para fazer barricadas em Marine Terrace, ainda mais porque diziam que um bando de ladrões atuava nas redondezas” (*Journal de l'exil*, t. III, de 31/5 para 1º/6/1854).

mento e a intenção, o gesto e a ação. Tu me dirás: para que refletir o corpo? A matéria não é culpada e tampouco meritória. Se o homem, que era belo, saudável e bem nutrido, comete ações disformes, é ele mais culpado do que o homem disforme que comete as mesmas ações? O homem que, feio, doente e miserável, realiza boas ações é mais meritório do que o belo que pratica a bondade. Assim, Febo mau é mais culpado do que Quasímodo mau. Um bom Quasímodo é mais meritório do que um bom Febo. O espelho, portanto, reflete os rostos. Os rostos são as efígies das ações. Uma boa ação com a efígie de Quasímodo é bem cotada no Paraíso; um crime com a efígie do Febo é recebido no Inferno. O Paraíso é um pecúlio do sofrimento; o Inferno é uma agência de câmbio, onde, quando pedis para trocar um crime, recebeis em castigo. Chegamos agora ao espelho da noite. Ele reflete especialmente as consciências. Por quê? Porque, sendo sombra, ele vê o invisível. A lei reza que os tigres enxergam na noite e a noite enxerga nos tigres. O sem visão vê o não visto. A noite vê o avesso da máscara que é o rosto. A noite é a máscara de Deus fitando o rosto do homem. Eu omiti a emanação da consciência, que se dá como a das flores durante a noite. Não existe ação que não tenha sido concebida durante o silêncio noturno. O homem, quando se deita, despe seu dia e o vê nu em pelo. É essa nudez da alma que o grande espelho escuro reflete.¹⁰⁴

Escrito por Victor Hugo.

Sra. Victor Hugo: Meu filho resiste ao mistério das Mesas. Ele responde sempre que essas intervenções não são mais do século XIX. Quando ele fala assim, o que devo responder?

— Manda-o ler o festim de pedra. Dom Juan também é o século XIX. Ele sorri. Molière às vezes lhe empresta o riso de Voltaire. O pensamento ri em seus lábios, mas Molière é sério. Dom Juan diz: vossas Mesas são uma piada e não levitam. De repente, ele vê erguer-se na sombra a pedra tumular e, nos degraus de sua escada, ouve subir os pés de mármore do impossível. A estátua, zombando do terror, abre sua porta, senta-se à sua mesa e dom Juan, alarmado, observa o vinho correr nas veias de pedra do glutão terrível. Ride, então.

Victor Hugo: O que acabas de dizer há pouco induz-me a expor um pensamento que me ocorreu quando meu espírito vagava em torno do mistério que todos nós entreabrimos. Perguntei-me se não era possível que os animais vissem o que não vemos e se esta não era uma de suas compensações. Essa ideia me ocorreu quando ouvi os cães latirem à noite no terraço deserto em um horário em que não passa ninguém. Eu matutava: o homem pensa, mas não vê, os animais não pensam, mas veem. É dessa maneira que se estabelece perante Deus o equilíbrio do incompleto. Esses cães veem passar os espectros e as almas e latem. Enquanto isso estamos nas trevas, nos perguntando: por que latem? Eles veem o mistério, mas não podem compreendê-lo; nós talvez pudéssemos compreendê-lo; mas não o vemos. Escrevo isso depressa, mas deve bastar para compreenderes a minha conjetura. O que pensas dela? Podes me esclarecer? Deves estar vendo, não preciso insistir, a série de desdobramentos que se operam em minha mente.¹⁰⁵

— Há compensações misteriosas para os males misteriosos. Os animais são prisões de almas. São varados por janelas que abrem para o infinito, porém baixas e estreitas e atravessadas por grossas barras. A sombra atravessa as barras e a luz desce do respiradouro. O animal vê o homem e entrevê o anjo.¹⁰⁶ O olhar da besta tem uma ponta de seus cílios na matéria e a outra no ideal. O olho de um cão vergastado vê os anjos sorrirem. O latido é o gaguejo que o grande surdo-mudo compreende. O rugido e o vagido que ouve o avô silencioso. A palavra emitida pelo homem contém metade da prece; a voz do animal contém a outra metade. A Terra está repleta de ouvidos; para cada boca, dois ouvidos, o primeiro perdoa, o segundo castiga. Os animais, flores e pedras estão entre o homem, que não vê a alma deles, e Deus, cuja face eles entreveem, de maneira que, quando anoitece, de toda parte, dos ninhos, dos bosques, das ondas, das trevas, emana um clamor profundo; é a prece das gargantas, dos bicos, das guelras, das prisões, das masmorras, dos calabouços, das pálpebras que choram sempre e nunca secam. Deus diz: eu vos ouço; e o leão mostra-se paciente, a ave dorme melhor, o cão ladra para a túnica dos anjos: perdão é a única palavra da língua humana soletrada pelos animais. O restante das palavras cairia em um mar desprovido da ideia de afogado, perdão é a arca de Noé.

— Coloquei na boca de uma roseira este verso, dirigido a uma borboleta: “Vem à minha casa, meus botões são esconderijos de almas”. Será que fiz esse verso às cegas? Ou, como o cão à noite, eu farejava alguma coisa?

— Sim, tu farejavas, mas não é só a roseira que contém as almas. Por que vós, poetas, tratais sempre amorosamente as rosas e as borboletas, e nunca os cardos, os cogumelos venenosos, os sapos, as lesmas, as lagartas, as moscas, as minhocas, os ácaros, os vermes, os protozoários, todos, com certeza, criaturas maravilhosas? E as pedras e as conchas então! Por que não falais dos percevejos? Das pulgas? Das lacraias? Dos escorpiões? Das baratas? Dos besouros? Dos caranguejos? Das lagostas? Dos gansos? Por que não lamentar os sofrimentos dos seres imundos? Por que não lamentar as torturas dos infinitamente pequenos? Condenados a serem o excremento do infinitamente grande? De Latude e não de seu camundongo? De Pelisson* e não de sua aranha?¹⁰⁷ Por que chorais os escravos que os romanos lançavam às enguias e não as enguias? Os cristãos do circo e não os animais? Jó e não sua lepra? Por que vos apiedais do que é gracioso no sofrimento e não do que é disforme na expiação? Por que sentis pena da matéria organizada e não da matéria bruta? Ambas inspiram compaixão; o ferro sofre, o bronze sofre, o punhal sofre, o canhão sofre, o cutelo da guilhotina sofre.¹⁰⁸ Chorais Joana d’Arc, chora também sua fogueira. Chorais Sócrates, chora também sua cicuta. Chorais Jesus Cristo, chora igualmente a cruz. A partir de agora, fazei vossos livros com esse sentimento. Peço-vos formalmente versos sobre os sofrimentos dos instrumentos de tortura e dos quatro pregos de Jesus Cristo.

— Tens conhecimento dos versos que fiz hoje de manhã, na linha das ideias a que te referes, especialmente dois versos sobre os cogumelos, além de outros versos mais antigos sobre os quatro pregos de Jesus Cristo?

* Paul Pellisson (com dois “l”), advogado e escritor francês. Foi encarcerado no século XVII por ter defendido Fouquet, seu protetor, em três célebres discursos. Anistiado, foi em seguida historiógrafo de Luís XIV. Em seu calabouço, Pellisson teve que lidar com aranhas, motivo recorrente em Hugo e que simboliza a fatalidade (ver p. 612, n. 142). O elemento verbal, ao qual Hugo sempre foi sensível, como em *Veni, vidi, vici* ou *Nomen, numen, lumen*, em latim aqui, e em grego em *Arachnê-Anankê*, parece ter desempenhado um papel na formação desse símbolo. Latude, Bonnivard, o Máscara de Ferro são outros prisioneiros célebres bastante citados por Hugo.

— O que digo é objetivo, e reitero. Não me refiro a essa sensação vaga que os poetas tiveram da vida universal, que teve Hesíodo, que teve Homero, quando disse: *olim truncas fculnus*,* que teve Lucrécio, que teve Virgílio em *Sileno*, que teve Shakespeare em *Macbeth*, que teve Ésquilo em *Prometeu*, que teve Molière em *Anfitrião* e *Psiquê*, que tu mesmo tiveste em tantas páginas e sobretudo em *sunt lacrymae rerum*,** em que choraste os canhões. Falo da vida dos animais, das flores, das pedras, como falaria da tua. Afirmo e provo: encomendo versos aos poetas como encomendaria a meus valetes. Quero que, após reabilitares a beleza em Marion e a feiura em Triboulet, reabilites o infortúnio no sapo e o desespero no cardo. Quero que, nesta casa, se fale dos tigres com piedade e dos vermes com respeito. Quero que agora tu fales da doçura dos lobos, da gentileza dos leopardos e da fragilidade dos leões. Por exemplo, li em versos que estão no seu baú o seguinte: estás falando das florestas virgens e dizes: “florestas encantadas onde subitamente nos deparamos com um leão”. Intimo-te a mudar esse belo verso que o leão não mereceu.¹⁰⁹

9h30 da noite.

Estas últimas páginas foram escritas por Victor Hugo.

TERÇA-FEIRA, 25 DE ABRIL DE 1854

9h40. Presentes: sra. Victor Hugo, Victor Hugo, Auguste Vacquerie. À mesa: Charles Hugo e Théophile Guérin.

— Quem és tu?

* Outrora eu era um tronco de figueira.

** “Há lágrimas pelo infortúnio” (*As vozes interiores*, II). Expressão da *Eneida* (canto I, verso 462), citada várias vezes por Hugo, que serve de epígrafe ao poema “A morte da srta. de Sombreuil” (*Odes e baladas*, II, 9). Podemos traduzir igualmente por “Há lágrimas sobre nossas dores”.

— Vox deserti.*

— Continua para nós os grandes e belos versos que começaste. Queres que eu releia os que fizeste na última vez?

— Sim.

(Victor Hugo relê os versos.)

III

— Acrescento duas estrofes.

Victor Hugo: À seção II?

— Sim.

Outros leões, que não eu, dizendo ao mundo

“Somos o poder e a força profunda,

Somos os leões”,

Observavam Roma em festa, tomada pela malta,

Aplaudir seus rosnados e transformar suas jaulas

Em um tablado de histriões.

Monstros alimentados à base de massacre e ódio,

Gigantes amestrados nos quais fervilha o opróbrio,

Sem coração e sem espírito

Erguiam sobre os santos suas patas sacrílegas

E suas garras sangrentas penetravam viv...¹¹⁰

Três batidas.

— Mudas a partir de que verso da estrofe?

— 9.

Covardes como cérberos

Suas patas rasgavam os mártires supliciados

E Jesus Cristo tomava suas garras nas chagas,

Ó cruz, por teus pregos.¹¹¹

* A voz do deserto.

Anotação: No quinto verso da estrofe — “E suas garras sangrentas penetravam viv...” —, a mesa se interrompeu por alguns minutos. Durante esses minutos, Victor Hugo terminou a estrofe assim:

Eles rasgavam os santos já quase sem vida
E suas garras hediondas alargavam a ferida
No flanco de Jesus Cristo.¹¹²

Ele escreveu esses três versos sem mencioná-los, mostrando-os apenas a Auguste Vacquerie. Quase instantaneamente, a mesa voltou a se mexer e terminou a estrofe, praticamente nos mesmos termos de Hugo. Victor Hugo então leu seus versos em voz alta. Todos nós ficamos perplexos.

Sra. Hugo: Porventura leste os versos do meu marido antes de fazer os teus?

— Não.

Enquanto ainda nos admiramos diante daquela coincidência, a mesa dá nove batidas.¹¹³

Victor Hugo: Que versos queres refazer?

— O 9: *Sem coração e sem espírito.*

— Restabeleces então o verso de antes?

— Sim.

— E depois?

— *Suas patas rasgavam os mártires sobre as traves
E suas garras sangrando substituíam nas chagas
Os pregos de Jesus Cristo.*

Auguste Vacquerie sai.

— *De modo que esses leões, perante quem tudo recua,
Esses leões, a quem, sozinho, ó fabuloso Hércules,
Tu desafiaste sem ajuda,
Sentiam sob sua juba fúlgida e assustadora,
Na sombra pousar, familiar e aliciadora,
A servil mão de Judas!*¹¹⁴

III

A mesa bate três vezes.

Victor Hugo: Que versos desejas mudar?

— O segundo.

— Conservas: Esses leões?

— Não. Esses heróis.

— Conservas o restante dos versos?

— Sim. Permite que eu roube um hemistíquio inédito de tua autoria que somente tu e eu conhecemos?

— Rouba-me um hemistíquio, um verso, um poema, tudo que desejares. Ficarei lisonjeado se não julgares minha harmonia indigna de teu rugido.

— *É meia-noite. É a hora solene e prístina*

Quando abro para Deus minha esplêndida retina.

É a hora do amor,

Quando, sob os céus clementes, escuros e taciturnos,

Nas florestas, as flores, essas sirigaitas noturnas,

*Perfumam-se para o calor!*¹¹⁵

Anotação de Victor Hugo: Com efeito, o hemistíquio essas sirigaitas noturnas faz parte de um poema que não li para ninguém e que está num lugar que só eu conheço. O mesmo se dá com os versos citados pelo Drama, “Encantadas, onde subitamente nos deparamos com um leão”, que fazem igualmente parte de um poema inédito e desconhecido por todos do meu círculo. V. H.

Victor Hugo: Agradeço-te, Leão.¹¹⁶

O sr. Victor Hugo foi imediatamente buscar em seu gabinete a série de versos de que faz parte o hemistíquio essas sirigaitas noturnas, peça intitulada “Noite”, datada de 6 de março de 1854,¹¹⁷ e fechada numa pasta sobre a qual se lê Homo. Essa pasta e o que ela contém estão trancados no gabinete de Victor Hugo e seu conteúdo nunca foi comunicado a ninguém. O sr. Victor Hugo leu para nós os versos intitulados “Noite”, em que há com efeito o hemistíquio “essas sirigaitas noturnas” aplicado às flores. Estavam presentes a sra. Victor Hugo, Charles Hugo e eu.¹¹⁸

MARINE TERRACE, 25 DE ABRIL DE 1854

Meia-noite e quinze.

Théophile Guérin: em virtude de seu cansaço, Charles pede para suspender a sessão; consultada, a mesa consente.

— Que dia voltarás?

— Dentro de onze dias, no 6 de maio.¹¹⁹

Encerrado à meia-noite e vinte.

— No dia 4, em uma das preciosas sessões, tu desenhaste o rosto de uma pessoa em quem eu pensava, autorizas-me a comentar o assunto com ela?

— Sim.

Anotação de Théophile Guérin: Esse pedido fora esquecido na última sessão.

QUINTA-FEIRA, 27 DE ABRIL DE 1854

8h15 da manhã. À mesa: Théophile Guérin e Charles Hugo. Auguste Vacquerie: escrevente.

— Quem está aqui?

— O Drama.

— Vens para nos ditar o drama de Shakespeare?¹²⁰

— Sim.

— Começa.

Primeiro ato.

Céu estrelado. Noite serena. Os astros cintilam. Essa cintilância murmura palavras misteriosas. De repente, estranhamente, duas estrelas crescem e ficam enormes, como se os binóculos dos espectadores se transformassem em telescópios mágicos. Todos ouvem as seguintes palavras saindo dos dois globos monstruosos.

A estrela de baixo para a estrela do alto: Olá, Paraíso.

A estrela do alto: Segue teu caminho, Inferno.

A estrela de baixo: Nada de raiva, se quiseres que te julguem feliz.

Entra a sra. Victor Hugo.

*A estrela do alto:*¹²¹ Some do céu, Inferno. Estou bem aqui. Deus reluz para todo mundo. Deus não é tua propriedade. Sou o avesso da medalha da qual és a outra face. Sou a efígie castigo, tu és a efígie clemência.

O Paraíso (sem ouvir o Inferno): Ó brilho! Ó esplendor! Ó luz!

O Inferno: Ó trevas!

O Paraíso: Deus sorri.

O Inferno: Deus ameaça.

O Paraíso: Como o homem é feliz! Fim do mal! Fim do sangue! Fim das lágrimas! O homem é uma flor imensa cuja raiz mergulha na luz e que tem tantas pétalas quantos beijos a boca de Deus. A imensidão e a eternidade são-lhe macios feito cueiros. Ele dorme tranquilo e sorrindo nesses dois braços de Deus. De manhã desperta na alegria, à noite dorme no êxtase. O enorme Deus dos abismos, das tempestades e dos ventos torna-se o pai cioso do filho e mostra-se tão meigo, devotado e doce que os homens lhe dizem: mãe. A criação recolhe todas as suas garras e não é mais senão carícias.

Interrompemos um instante. Discussão. A sra. Victor Hugo censura Auguste Vacquerie por registrar silenciosamente, sem aplaudir, sem ajudar a Mesa com palavras simpáticas. Quando Victor Hugo está presente, ele se entusiasma por cada detalhe e seu entusiasmo se acrescenta à verve da Mesa. Auguste Vacquerie diz que aguarda o conjunto da cena para julgá-la. Até o presente, o Paraíso lhe parece egoísta.

Voltamos à mesa.

— É ainda o Paraíso que fala?

— Não. Deixarei Shakespeare compor todo o drama.

— Por quê?

— A noite é mais propícia.

A mesa permanece fria e imóvel.

— Continuas aqui?

Sem resposta.

Ao cabo de cinco minutos, deixamos a mesa. Dez minutos depois, retomamos. Ela se agita.

— Quem está aqui?

— A Metempsicose.

— Fala.

— Sou a ideia eterna. Sou a verdade. Ao mesmo tempo, completo-me com o eu. Agarro o homem e dele faço a coisa. Agarro a coisa e dela faço o homem. Sou a ponte da alma entre o infinito e o finito. Sou o caminho mais curto da pedra até Deus. Sou o braço da imensidão carregando o grão de areia e confundindo-o com o grão de fogo. Sou o corredor por onde se chega às portas secretas. Sou a escadaria de Babel que Jacó subiu e que leva à abóbada escura. Meu rosto foi feito junto com a criação, meus olhos são os astros, meus ouvidos são os ventos, minha boca é o abismo, minha pele é o éter, meus cabelos são os galhos das florestas. Sou o retrato misterioso que pende da parede da casa terrível. Sou o assombroso átomo semente do homem. Sou a raiz da flor, a base do rochedo, a pata do inseto, a bola de ferro do forçado, a asa do anjo. Sou aquele que acorrenta e liberta. Sou o carcereiro arcano e irrompo na imensidão feito um sol em forma de golilha.

Auguste Vacquerie: Nós te agradecemos por teres vindo e pedimos que voltes. Não existe pergunta maior do que tu. Entretanto, neste momento o Drama acaba de nos deixar abruptamente, e parecendo zangado. Não gostaríamos de ficar em maus termos com nenhum de vós. Podes lhe pedir que volte?

Sem resposta.

A mesa começa a se agitar.

— Ainda é a Metempsicose?

— Não.

— Antes de perguntar teu nome, um detalhe. Podes pedir ao Drama que volte?

— Shakespeare voltará.

— Mas tu concebes nossas necessidades humanas. Desejamos que o Drama seja bem-sucedido e chegue a seu termo. Shakespeare só pode vir à

noite. Ora, todos os nossos dias são livres, nem todas as nossas noites o são. Portanto, é para obtermos a peça mais cedo e mais seguramente que desejamos que ela nos seja ditada de dia, isto é, que o Drama volte. Não achas que tenho razão?

— Sim.

— E então?

— A Índia...

— Não é a mesma ideia?

— Não.

— Quem és tu?

— A Índia.¹²²

Théophile Guérin: Aceitas responder a todas as nossas perguntas?

— Sim.

— Sem exceção?

— Sim.

— Não irás embora?

— Não.

— Muito bem, perguntamos se podes fazer o Drama voltar.

— Sim.

— Nós te agradecemos. Consentes em partir?

— Estás me expulsando?

— Estou disposto a te escutar com circunspecção. Compreendes o sentimento que me leva a pedir o retorno do Drama?

— Sim. Sou o país da sombra e do dia. Sou a outra luz da verdade sobre o mundo. O Ocidente coloca Deus no homem, eu o coloco no animal. Vejo, através da casca das árvores, através do granito, através da pelagem dos elefantes, através do couro sagrado dos touros, através da carapaça dos rinocerontes, o imenso enigma. Leio Deus através da parede da pele dos hipopótamos e o que um projétil de canhão não atravessaria meu olho atravessa. Vejo o insondável através do intransponível. Saio à caça de Deus e comando leões, tigres, panteras, assim como a grande matilha do amor. Empunho minha trompa e toco o hino da eternidade.

- Quando o Drama voltará?
- Ignoro.
- Podes lhe pedir que seja imediatamente?
- Não.

Encerrado ao meio-dia e meia.

27 DE ABRIL

Quinta-feira, 3h. Presentes: Guérin, Charles, sra. Hugo. Charles e Guérin à mesa.

- O Drama.
- Podes continuar?
- Sim. Os elementos se aplacam. O ar, a água, a terra e o fogo, esses quatro velhos inimigos do homem, cercam-no de amor e felicidade. O ar não contém mais tempestades, a água não contém mais naufrágios, o fogo não contém mais incêndios, a terra não contém mais sepulcros; as hidras e os dragões furiosos que se agitavam nas ondas e nas chamas transfiguraram-se e tornaram-se figuras celestiais; o ranger de dentes transforma-se em sorriso; as lágrimas em orvalho; o vazio em plenitude; e vejo sumirem nas trevas e ermos o gigante caos e o espectro nada, as duas sombras espavoridas conversando, resmungando e amaldiçoando. A roseira não possui mais espinhos, sentindo-se uma alma, o próprio espinho agora é botão de rosa, e o infortúnio, que rastejava pelos globos como uma espécie de inseto hediondo, sentiu suas mil patas monstruosas transformarem-se em duas asas, e essa crisálida da expiação, borboleta das alegrias, voou rumo às claridades. Ó cardo, eis-te flor! Ó escorpião, eis-te pássaro! Ó sapo, eis-te cisne! Ó cisne, eis-te mulher! Ó mulher, eis-te anjo! Natureza repleta de mistérios, trevas, luars, lagoas silenciosas, arbustos, clareiras, rochedos, florestas, abismos, tumultos, obras secretas e profundas, proliferações e partos; ó natureza velada, natureza mascarada,

natureza escamoteada, eis-te nua! Mentira, eis-te verdade! Vulcões, eis-vos picos! Antros, eis-vos lares! Trevas, eis-vos radiância! Morte, eis-te vida! E nas órbitas dos crânios ressuscitados pela eternidade e subitamente flamejantes e luminosos, ó vermes dos túmulos, eis-vos raios celestes!

Encerrado às 5h30.

Anotação de Victor Hugo: A analogia entre o início dessa cena e a ideia de uma coisa feita por mim em 23 novembro de 1853, intitulada Duas vozes no céu estrelado – Zênite. Nadir, me obriga a me abster, e lamento isso profundamente, de toda e qualquer participação no trabalho da Mesa durante esse drama. E exclusivamente no caso desse drama. Observo que a analogia está (somente no início, escrevo-a ignorando a continuação) na ideia e em alguns detalhes. V. H. 29 de abril de 1854.¹²³

ABRIL. SÁBADO, 29

2h45. Presentes: sra. Hugo, Guérin, Charles. Charles e Guérin à mesa.

— O Drama.

Charles Hugo: Baterás duas vezes para abrírmos parágrafo?

— Sim.

O inferno: Tu mentes, Paraíso. Tu choras e tudo sangra. Tudo é crime, tudo é sofrimento. Não existem milhões de estrelas na noite do coração humano. Há apenas duas luas, a lua vesga e a lua cega, a lua traição e a lua miséria, o astro Judas e o astro Jó. A ave humana tem garras, tem asas, o ninho humano é um monturo, o céu humano, um covil tenebroso. O horror está em toda parte. O remorso é uma nuvem vermelha onde o Sol morre e seu carro é uma carroça de cadáveres. A imensidão é uma máscara de carrasco. A eternidade é um peso que estilhaça e racha a débil razão humana em sua implacável oscilação. E o pêndulo do infinito, reverberando no crânio humano, o enche e submerge com seu fluxo e refluxo qual a maré de um oceano de soluços, pois toda hora, todo minuto,

todo segundo é um grito de dor, o ponteiro do cadáver dá a volta ao mundo e seu dedo permanece apontado para uma hora noturna. Olha, ó Paraíso, a sombra que carrego dentro de mim. Quanta desolação! Quanto opróbrio! Quanta vergonha! O homem é perverso, o animal é perverso, a flor é perversa, a pedra é perversa, os quatro elementos são quatro miseráveis. O ar faz suas pombas serem devoradas pelos gaviões, a água faz os girinos serem devorados pelos peixes, o fogo faz as pradarias serem devoradas pelos vulcões, a terra faz os carneiros serem devorados pelos lobos. As coisas cometem ações mais infames que o homem. As urtigas aspiram a espetar, as plantas aspiram a balançar sob a tempestade, os caminhos aspiram a se perder, os rios aspiram a afogar, as telhas aspiram a cair, as portas desejam as masmorras, os poços desejam os astrólogos, a mancenilheira deseja o viajante, o ferro deseja o sangue, o cobre deseja o azeite dos suicidas, o ouro sonha com a prostituição. Em seus sonhos, os pinheiros veem-se transformados em mastros despedaçados sobre uma nau à deriva. As pedras veem-se prisões. Os carvalhos veem-se cadafalsos. A esponja escondida no fundo do mar onde Jesus pesca com seus apóstolos pensa no fel do calvário. A cicuta, escondida no fundo do jardim onde Sócrates passeia com seus discípulos, observa-o com raiva, e os venenos do laboratório de Locusta pensam em Nero. A natureza é horrível. As mandrágoras escuras e as claras, papoulas lívidas, conversam com os cogumelos medonhos nas florestas, e essas plantas da noite conspiram contra o homem. Uma diz: “Sou o narcótico”. A outra diz: “Sou o veneno, calemo-nos!”. Monstruoso! Monstruoso! Monstruoso! E as pestes, febres, doenças, epidemias, cóleras voejam no céu de crimes. O homem se agita nesse inferno não para melhorá-lo, mas para piorá-lo. Todas as suas ações são delituosas. Dir-se-ia que o crime é um de seus músculos. Ele anda, crime. Ele para, crime. Ele se levanta, crime. Ele se deita, crime. Criança, ele mata os homens e oprime as mulheres, velho, mata as ideias nascentes. Seu berço é um ninho de corujas onde a noite concebe o dia, onde a morte concebe a vida. A ama de leite da humanidade tem duas tetas: a miséria e a ignorância. O recém-nascido é envolto nos cueiros da escuridão. Ele mama o amor no ódio, a fé na ironia, o bem

no mal, e é mordendo Deus que ele sorve a vida. Metade da sociedade humana é egoísmo, a outra é inveja. O pico é a lama, a base é o sangue. O monstruoso réptil constringe a coluna do templo e silva para o teto estrelado. Os poetas cantam os reis e, quando a Pompadour terminou de beijar as úlceras de Luís XV,* Voltaire foi mendigar o sorriso daqueles beijos. A ciência julga descobrir remédios, descobre doenças. Colombo julga descobrir a América, descobre uma doença. Franklin julga descobrir o para-raios, descobre a eletricidade. Deixa o raio indignado. Fulton julga descobrir o vapor, descobre explosões. Gutenberg julga descobrir a prensa, descobre as guerras civis e revoluções. O mal age no bem.¹²⁴ A mão que escreve um pensamento útil não sabe realizá-lo. Os catecismos imitam os Evangelhos e, com o dízimo, a Igreja faz dinheiro falso para emprestar a Satanás. Ó formidável garra do crime, que espreme o crânio do mundo em seus gadanhos e, para impedi-lo de ver e ouvir, enfia-lhe as unhas nos ouvidos! Muito bem, Paraíso, tens razão, fujaamos! Fujaamos! O céu é luminoso demais para mim. Vinde, meus delitos, vinde, meus horrores, vinde, minhas baixeiras, vinde, minhas torpezas, e, já que o céu da glória nos rejeita, vamos procurar através dos espaços, para lá nos espojarmos eternamente e ser o seu sol, o negro firmamento da infâmia!

*Encerrado às 6h41.*¹²⁵

* “Pompadour”: Jeanne Antoinette Poisson tornara-se marquesa de Pompadour, amante e favorita de Luís XV, a partir de 1745. Até 1764, é ela que “governa”. Embora detestada na corte, soube permanecer amiga dos escritores e filósofos, reconciliando Voltaire com o rei e usando de sua influência para proteger a *Encyclopédia*; daí a alusão à sofreguidão de Voltaire por seus sorrisos. Luís XV foi tão impopular que, ao morrer, em 1774, não teve direito a exéquias públicas, tendo sido enterrado à noite, em Saint-Denis.

DOMINGO, 30 DE ABRIL

2h45. *Presentes: sra. Hugo, Guérin, Charles. Charles e Guérin à mesa.*

— Quem está aqui?

— O Drama.*

— Fala.

— O *Paraíso*: Não eternamente.

O *Inferno*: O quê?

O *Paraíso*: O perdão é a palavra suprema. A sombra da mão de Deus. É o castigo; mas seu gesto é sempre a bênção.

O *Inferno*: Ó *Paraíso*, então é possível eu ser perdoado? Então é possível que um dia, daqui a muito tempo, meus crimes, que rosnam na sombra, sejam autorizados a lamber os pés do Senhor? É possível que um dia meus demônios sejam recebidos no sorriso de Deus? É possível que as duas pinças da tenaz de Satã se tornem os dois lábios da boca dos anjos? Não, enganas-te. A sombra é a sombra. A noite é o monstruoso olhar do olho varado. A aurora é o olhar de amor do olhar radiante. As trevas são malditas, as trevas são esquecidas. O céu negro é uma parede de masmorra eternamente percorrido pelo cego tatear dos astros punidos.¹²⁶ Ó *Paraíso*! Não acredito em ti, mas basta eu ouvir falar em perdão, eu, o invejoso, eu, o vilão, que grossas lágrimas me vêm aos olhos. A base do céu perdoada pelo topo, o lodo perdoado pela luz, os pés encardidos lavados pelas mãos puras dos serafins alados, a sarjeta beijada pelo pássaro, isso não é possível!

O *Paraíso*: Sim, é.

O *Inferno*: Como? Diz depressa! Oh! Ser perdoado! A eternidade desarmada! Ter Deus! Fala depressa! Ó doce irmão!

* O drama de Shakespeare será ditado a Charles, em geral acompanhado de sua mãe e de Théophile Guérin. Auguste Vacquerie só aparece episodicamente e Kesler, uma única vez. Hugo, como vimos, abstém-se de toda presença e participação. Este esclarecimento permite a cada leitor formar o seu próprio juízo sobre os papéis respectivos dos diferentes participantes nas sessões das Mesas quanto ao teor hugoano da mensagem espírita anunciada. O triângulo básico é aqui reconstituído: Charles Hugo, sra. Hugo, Théophile Guérin – aos quais se junta Auguste Vacquerie, como quase sempre acontece.

O Paraíso: Há um meio.

O Inferno: Diz depressa.

O Paraíso: Tu abundas em criminosos. Toma o mais culpado, o mais perverso, o mais infame, faz dele um justo. Se conseguires, tu, Inferno, sem a ajuda de um Paraíso, fazer um anjo de um demônio, serás perdoado.

O Inferno: Ó alegria! Como fazer para agradecer-te, doce irmão?

O Paraíso: Faz um anjo.

Nesse momento, o dia começa a raiar. As últimas estrelas se apagam e os dois astros empalidecem no alvorecer. Eles não pararam de falar, mas suas vozes, como as de dois interlocutores que se afastam, não alcançam mais os espectadores. Por fim, eles desaparecem completamente e o Sol nasce. Cai o pano.

Uma aldeia, nas cercanias de Versalhes. Paisagem encantadora, à direita uma estalagem com uma tabuleta: “A Luís bem-amado”.* À esquerda, uma casa de camponeses toda florida como que para uma festa. Ao fundo, uma choupana e uma igreja; fim do dia. Entram dois homens, vestindo mantos, chapéus bordados a fio de ouro, espadas que a borla dos mantos salienta, cabelos empoados.

Primeiro homem: Tens certeza de que vale a pena vê-la na cama? Não me importunaste à toa?

Segundo homem: Ela é encantadora, Sire.

Primeiro homem: Idade?

Segundo homem: A idade em que as aves saem do ninho e as meninas se aninham em uma singela primavera toda rósea, em uma bonita e alva manhã.

Primeiro homem: Idade?

Segundo homem: Quinze anos.**

* Luís XV foi alcunhado “o bem-amado” por historiógrafos que, de sua monarquia, enxergam apenas o retorno de uma grande prosperidade e o florescimento da civilização francesa, fruto, em grande parte, de uma conjuntura favorável e da influência dos filósofos iluministas. Vimos que ele não permanecerá muito tempo o bem-amado de seus súditos.

** Após o prólogo que se passava no céu (cena I), o drama ditado por Shakespeare se desenrola na Terra, em 1771. Luís XV manda raptar, não longe de Versalhes, uma jovem camponesa de quinze anos, Nihila, na manhã de suas núpcias com Jérôme (cena II). Luís XV, após inúmeras promessas de sedutor, estupra Nihila num *boudoir* de Versalhes (cena III). Três anos mais tarde, em Saint-Denis, logo após seu enterro, trava-se um diálogo em versos entre o cadáver >

Primeiro homem (bocejando): Velha demais, a idade do amor é sempre a mesma. Quinze anos! Por que quinze anos? O tolo que criou os maus não primava pela imaginação. Sinto ganas de colher flores em botão e frutos em semente. Tenho sede de seiva humana, gostaria de entornar de uma talagada um grande copo de virgindade e me embriagar com a verdadeira inocência.

Segundo homem: Ouço a música da boda.

Primeiro homem: Que boda?

Segundo homem: A de vossa pequena, Sire.

Primeiro homem: Está bem, será mais excitante; terei duas juventudes para destruir. O marido e a mulher de uma tacada só. Beber uma virgem¹²⁷ é a embriaguez da vida, beber um noivo é a embriaguez da morte. Sinto apetites de vida feito um túmulo em jejum.

Segundo homem: Vem alguém. Entremos aqui.

Eles desaparecem dentro da estalagem. Chegam cantando e dançando camponeses e camponesas alegres e endomingados. Cornamusa. O mais jovem vai bater à porta da casa à esquerda, enquanto os demais formam um círculo na entrada.

Jerônimo, chamando: Nihila! Nihila!*

Nihila, abrindo a porta: Estou aqui.

O rapaz toma-lhe o braço e começa uma música de dança. Terminada a dança, Nihila senta-se num banco em frente à porta da casinha e canta:

Nihila canta: O que colheste, senhor campônio,

*Para o buquê do meu matrimônio?*¹²⁸

Um camponês avança ritmicamente e canta:

Procurei uma rosa

Em toda parte,

Nenhuma cheirosa.

> de Luís XV e os quatro pregos de seu caixão. O rei defunto é então informado de que poderá se redimir, de todos os seus crimes e delitos, sob outra forma (cena IV).

* Convém lembrar o latim *nihil*, “nada”, Nihila tornando-se a Senhorita Nada. Ela é negada como ser humano por Luís XV. Em *As duas descobertas de Gallus* [peça de Victor Hugo escrita em 1869], o duque e seu conselheiro Gunich vão, por sua vez, descobrir Nella, adolescente cujo nome evoca diretamente Nihila.

Ele deposita um malmequer nos joelhos de Nihila, que o recusa e ele é afastado pelos dançarinos com estocadas cadenciadas.

Nihila canta: O que colheste, senhor finório,

Para o buquê do meu casório?

Um camponês canta: Procurei uma rosa

Para o seu coração,

Nenhuma cheirosa,

Colhi dente-de-leão.

Ele deposita um dente-de-leão, mesma encenação.

Nihila: O que colheste, senhor padre,

Para o buquê do meu enlace?

Um camponês canta: Procurei uma rosa

Na campina agreste,

Nenhuma cheirosa,

Colhi cipreste.

Oferece um ramo de cipreste, mesma encenação.

Nihila: O que colheste, esposo fiel,

Para o buquê do meu himeneu?

Jérôme canta: Procurei uma rosa

Como todos aqui.

Nenhuma cheirosa

A não ser esta aqui.

Nihila: Venha colhê-la, marido fiel,

No leito nupcial espera-te o céu.

TERÇA-FEIRA, 2 DE MAIO

Dia, 3h. À mesa: sra. Victor Hugo e Charles Hugo. Auguste Vacquerie: escrevente.

— És tu, Drama?

— Sim.

— Continua.

— *Jérôme põe-se de joelhos diante de Nihila. Os demais camponeses retiram-se discretamente e os deixam a sós. Longo silêncio. O crepúsculo se instala. Os dois namorados miram-se fascinados. Nihila continua sentada. Jérôme continua de joelhos.*

Jérôme: Eu te amo.

Nihila: Eu te amo.

Jérôme: Quero ser feliz. Gostaria de estar sempre a sós contigo. Sinto-me outro. Vejo com outros olhos. Respiro com outra boca. Tremo, sinto frio e ardo. Minha Nihila, tu és meu tudo. Sim, tremo. Vê, toca minhas mãos. O que receio então? Não sei. Tenho a impressão de que não estamos a sós.

Nihila: Sim.

Jérôme: Quero que sejas muito feliz. Farei tudo que desejares.

Nihila: Teremos galinhas.

Jérôme: Sim.

Nihila: Duas vacas, uma branca e uma preta. Farei com que bebas leite da branca e darei leite da preta para os pequenos mendigos.

Jérôme: Sim.

Nihila: Teremos uma cabra para ter cabritos. Gosto de cabritos. São alegres como passarinhos. Estão sempre pulando em nossas pernas e nos fazendo cair e é muito divertido ver seus chifres crescerem.

Jérôme: Sim.

Nihila: Teremos um casal de pintassilgos, mas não quero que vivam em gaiolas. Passarinhos na gaiola é alegria triste. Vou amestrá-los.

Jérôme: Sim.

Nihila: Tu precisarás de um cavalo para teu arado, mas não muito bravo, para que eu possa montá-lo. Teremos que trabalhar muito, dormir muito, rezar muito. Tu irás todas as manhãs à cidade levar teus legumes e nos dias de feira comprarás pão de mel para mim. Seremos felizes como pardais livres. Eu cuidarei das tuas roupas. Cerezirei tuas calças. Rasgam tanto no homem!

Jérôme: Diz que me amas.

Nihila: Não sei por que pedes isso hoje mais do que nos outros dias. Desde que estou no mundo, nunca conheci outro pai senão tu, outra mãe

senão tu, outro marido senão tu. Amo-te do fundo do coração. Não sou como as moças felizes que amam muitas pessoas, que amam à direita e à esquerda, que amam seu pai e sua mãe. Sou infeliz, amo reto à minha frente, e só me sinto feliz por um, vês, Jérôme, nada igual aos órfãos para amar. Eles têm tantos ausentes na vida que aquele que os ama é uma lembrança sagrada dos mortos perante os quais eles estão sempre ajoelhados. Seu coração é um cemitério onde o amor perfuma os túmulos. Vê, observa esta flor, ela tem cinco pétalas que cairão. (*Ela despetala a flor.*) Esta pétala é o avô, esta é o filho, esta é a filha e este talo és tu, ó meu Jérôme, minha boca regurgita de beijos para os mortos. Meu amor é minha prece. Meu amor é meu pensamento de todas as manhãs e todas as noites. Amo como se em uma igreja. Vivo em um genuflexório e o dia em que te espousei, casei-me sobre um túmulo.¹²⁹

Jérôme: Quanto a mim, não sei como te amo, mas sei que prefiro renunciar a todo o amor que tive pelo meu pai e pela minha mãe a perder uma migalha do amor que sinto por ti. Sou tua outra metade. Sinto-me ligado a ti como que por uma cangalha. Sou teu cão, teu escravo, teu guardião, tua sombra luminosa. Eu viveria deitado atravessado à tua porta se tivesse certeza de ver-te caminhar sobre mim. Teus pés seriam um bálsamo para mim. Imagino que és uma ave de Deus. Amo-te, amo-te, amo-te. Deixa-me chorar, deves-me isso afinal. Lágrimas de alegria esvaziam o coração. Eu gostaria de chorar sempre assim. O sofrimento dos homens deve-se a que eles não choram mais com a alma e nunca se desesperam de amor. Ó minha pequena corça, passa as mãos sobre meus olhos. Que pele mais macia!

Nihila: Já tu a tens rude como o resto. Vê, não me importo, dá-me tuas patas feias que eu as devoro feito bolo. Vê, meu Jérôme, promete trazer sempre as mãos duras do trabalho que prometo beijá-las todas as noites para deixá-las macias.

Jérôme: Sonho da minha vida, é tarde, entremos para dormir.

Nihila: Ainda não, tenho uma surpresa para ti, ainda não podes ver.

Jérôme: Também tenho uma surpresa para ti.

Nihila: Está bem, começa.

Jérôme: Não, depois de ti.

Nihila: Não, começa.

Jérôme: É uma coisinha que não custa muito caro.

Nihila: Vejamos.

Jérôme: Não ousa.

Nihila (*perdendo a paciência*): Queres fazer o favor de passá-la para cá imediatamente?

Jérôme: Não é grande coisa.

Nihila: Que homem mais tolo!

Jérôme: Muito bem, tu me dás meu presente enquanto te entrego o meu.

Nihila: Não, quero ver o teu antes.

Jérôme: Aqui está.

Nihila: Oh! que belo crucifixo! Vou colocá-lo no pescoço. Ei, não é de ouro?

Jérôme: Sim.

Nihila: De ouro puro?

Jérôme: Sim.

Nihila: O meu não é de ouro.

Jérôme: O que importa!

Nihila: É de prata.

Jérôme: Dá.

Nihila: Não é uma cruz.¹³⁰

Jérôme: Dá.

Nihila: É um anel.

Jérôme: Dá.

Nihila: Tenho certeza de que ele tem dedos grossos demais. Em todo caso, peguei o maior anel.

Jérôme: Pérfida, não tenho dedos tão grossos assim.

Nihila: Mostra-os.

Jérôme: Vê.

Nihila: Onde está o mindinho?

Jérôme: Aqui.

Nihila: Parece uma bobina de lã.

Jérôme: Põe o anel.

Nihila: Aqui está. Enfia no dedo. Jamais entrará. Por Deus, desisto. Ah! Finalmente! O anel está no teu dedo. Que polegar tens aqui!

Jérôme: Quero que este anel seja minha carne e meus ossos. Tua alma vive nessa joia. O metal mais precioso não é o ouro, é o sentimento da alma que se mistura ao ouro e que faz da joia um metal divino. Os presentes do bom Deus são feitos no amor.

Nihila: Fiquemos mais um pouco. A noite é metade das alegrias do coração. As almas são os reflexos das estrelas. Carrego uma estrela dentro de mim esta noite.

Jérôme: Sim, Vênus.

Nihila: Rezemos juntos. (*Ajoelham-se.*) Ó meu Deus, peço-te que nos faças felizes e ao meu Jérôme, muito fiel. Espalha sobre nós todas as tuas riquezas de alegria, esperança e amor e dispensa-nos o alimento, dá-nos forças e consolações para dividi-las com os fracos. Faz com que em torno de nós nada sofra, nem as flores, nem as aves, nem os animais, nem os homens, e que nada em nosso jardim se queixe do teu céu. Rouba um pouco de felicidade do teu Paraíso e dá ao nosso singelo e pobre casamento. Os paraísos podem perfeitamente dar esmolas aos infelizes mendigos que esperam à porta do céu. Dá saúde aos que são pobres e coragem aos que são débeis. Por fim, ó Deus, envia-nos um dos teus anjos. Nós o faremos feliz e lhe falaremos sempre de ti para que ele se esqueça do céu. Meu Deus, tu és nosso pai, abençoa-nos, abençoa-nos, abençoa-nos.

Nos últimos instantes, um grupo de indivíduos já observa os dois amantes. Dois se aproximam e, no momento em que Nihila termina sua prece, duas mordanças tapam-lhe a boca, assim como a de Jérôme. Os outros avançam então, subjagam os esposos, apesar de sua resistência, e os levam. No instante seguinte, ouve-se o barulho de um coche se afastando.

Encerrado às 6h30.

MESMO DIA

gh da noite. A sra. Victor Hugo e Charles conduzem a mesa. Victor Hugo escreve.

— Quem está aqui?

— Sesóstris.*

— Tens algum comunicado a nos fazer?

— Não.

Victor Hugo: Diante da fachada do templo troglodítico, quatro estátuas de 61 pés de altura cada uma representavam tua pessoa. Diz o nome das quatro estátuas.

— Não conheço essas estátuas.

— As quatro estátuas existem. Estão registradas em todas as coleções. Tu debes conhecê-las. Se não te representam, a quem então? Diz.

A mesa se agita.

— Quem está aqui?

— Alexandre.**

— És tu que vais responder à pergunta dirigida a Sesóstris?

— Não.

— Tens algum comunicado?

— Não.

— Sabes que Sesóstris te precedeu?

— Sim.

— Por que ele partiu sem responder à pergunta?

— Ignoro.

* Sesóstris: nome grego de Senusert, “o homem da deusa User”. Nome de vários faraós da XII dinastia (Médio Império 1970-1843 a.C.). Sesóstris III impôs-se como o tipo ideal do conquistador egípcio; foi deificado no Novo Império.

** Alexandre: certamente Alexandre, o Grande, ou Alexandre III, rei da Macedônia (356-323 a.C.). Discípulo de Aristóteles, rei aos vinte anos, conquistou um imenso império, da Grécia à Índia, derrotando, em especial, os persas. Alexandre, o Grande, assim como Aníbal, fascinava Hugo, que o citou em um verso evocado adiante. Pena que Alexandre, o Grande, não tenha respondido a Hugo quanto ao funcionamento da falange macedônica, desconhecido na época.

— Sabes que, por esses dias, coloquei teu nome ao lado de três autores em um verso?

— Não.

— Explica-me em detalhe a falange macedônica.

— Oh! Castigo, então não fugirei de ti. Guerra comedora de carne humana, bebedora de sangue humano, espectro ébrio da matança universal, carnificina deusa, monstruosa Ísis velada e sangrenta, rosto temido, terror, horror, pavor, formidável asa que esbofeteias o mundo, goela gargarejante com mandíbulas de trovão, dentes de relâmpago, e que devoraste tua língua, sepulcro errante, semeador terrível que à noite, nos bosques, vales e desertos, arremessa crânios aos quatro ventos, semeador de Átila, semeador de Gênghis Khan, semeador de Cambises, semeador de Pedro, o Grande, semeador de César, semeador de Ciro, semeador de Carlos Magno, semeador de Napoleão, agricultor do cemitério, coveiro da história, vampiro das gerações, divindade fluvial pensativamente debruçada sobre uma urna de águas vermelhas, escura náíade do sangue!

— Continuas aqui, Alexandre?

— Não.

— Quem está aqui?

— Leônidas.*

— Os outros foram a guerra ruim. Tu foste a guerra justa, eles são os heróis vilões. Tu és o herói. Tu foste a moral da pátria. Tu foste o carniceiro da Grécia. Tu és grande, Leônidas. Quando a guerra, Hidra, vinha para devorar tua mãe, tu, o guerreiro, cão fiel, a defendeste. Salve. Fala conosco.

— Termópilas! Termópilas! Termópilas! Termópilas!** Sois uma das portas gigantes da civilização, sois feitas de granito; tendes montanhas como gonzos, rochedos como ferrolhos, vertentes de vulcões como portais,

* Leônidas I, rei de Esparta, morto no desfiladeiro das Termópilas em 480 a.C. Sacrificou-se com seus trezentos hoplitas espartanos para conter os persas de Xerxes, infligindo-lhes perdas consideráveis. Esse sacrifício contribuiu para a grande reputação de civismo e disciplina dos espartanos.

** As Termópilas, “portas gigantes da civilização” resgatadas do naufrágio, representadas pelos dois monstros fabulosos guardiões do estreito de Messina.

abismos como buracos de fechadura, muros de precipícios como batentes e a alma de Leônidas como chave de bronze, é que vós sois a porta do templo, é que vós sois a porta do cérebro de Homero e da obra de Ésquilo. Atrás de vós, as ideias trabalham, as verdades especulam e o anjo pensa, suas duas asas de estrofes semiabertas, contempla Deus e contempla a imensidão. Vós sois as portas da grande forja onde se forjou a flecha de Leônidas, de onde saiu o prego de Prometeu. Sois a porta da luz e dos raios. Abristes o pensamento para o mundo e fechastes as trevas. Salvastes a ideia do naufrágio e eis por que, ó Termópilas, sois vistas com ódio, do fundo do oceano, por Caribdes e Cila.

— Por que Mozart não veio? Podes nos dizer?

— Não.

— Tu sabes?

— Não.

Sra. Victor Hugo: Ouves o barulho do mar?

— Sim.

— Charles está cansado. Podes voltar?

— Sim.

10h45. Estas últimas páginas foram escritas pelo sr. Victor Hugo.

QUARTA-FEIRA, 3 DE MAIO

2h da tarde. Sra. Hugo, sr. Guérin, Charles Hugo. Charles e Guérin à mesa.

— É o Drama?

— Sim.

Um quarto suntuoso, móveis de Boulle, espelhos, jardineiras cheias de flores, quadros, sofás, uma cama; ao fundo, portas dissimuladas por reposteiros, dourados em profusão, teto pintado representando anjos e nuvens, na lareira um grupo de Júpiter e Leda, candelabros acesos, relógio rocaille. Quando sobe o pano, não há ninguém nesse quarto.

A alcova: É minha hora.

Um lírio: Ai de mim!

Um candelabro: Que escuridão! A penumbra deste quarto infame é mais difícil de iluminar do que a dos outros quartos. É como se aqui houvesse duas noites, é um lugar onde é duro o ofício de archote.

O teto: Que dirias então, archote, se, como eu, tu fosses obrigado a evocar o céu? Há momentos em que tenho vontade de me despencar. Archote, tu sofres mas não mentes, enquanto eu minto. Tu iluminas o crime, mas ficas indignado, eu o vejo e sorrio para ele, tu és a verdadeira luz, eu sou o falso éter, sou a falsa nuvem, sou o falso anjo. Eu gostaria de golpear, gostaria de punir, não posso. Tu podes, eu não posso, ser o raio, tu podes ser o incêndio.

O archote: Penso nisso todas as noites!

A alcova: Sodoma! Sodoma! Sodoma!

O relógio: O rei virá esta noite?

A alcova: Sim.

Um botão de rosa: Ele é velho demais para amar.

A alcova: O amor dos velhos conspurca as moças mais que os respingos de todos os lodos humanos. Sobretudo quando esses velhos são reis. Oh! tristes flores conspurcadas! Quantas não vi cair nesse rei-sarjeta cujo fundo sou eu!

A jardineira: Sou um berço de flores.

A alcova: Sou um túmulo de virgens.*

O relógio: Paciência.

A alcova: Que horas são na vida de Luís XV?

O relógio: A morte menos um pouco.

O botão de rosa: Quando ele morrerá?

* “Sou um túmulo de virgens...”: toda essa passagem constitui uma clara alusão à inclinação de Luís XV pelas jovens virgens (ver p. 604, nota 127). Anteriormente, a evocação do candelabro anunciava o tema da tumba, uma vez que o candelabro, grande castiçal com vários braços, é utilizado aqui como contraexemplo: pela luz que gera, o candelabro supostamente propicia uma claridade alegre e não “a sombra de um quarto infame”.

O relógio: Dentro de três anos.*

O teto: Arre! Mais três anos aqui a mentir e me fingir de céu!

Os archotes: Mais três anos iluminando esse antro sombrio!

Todos os móveis ao mesmo tempo: Isso é culpa da cama.

A cama: Pois bem, ide embora. Sois livres, vós, flores, para murchar, vós, archotes, para apagar, tu, teto, para cair, tu, relógio, para enguiçar. Todos vós, que aqui sois vida, tendes liberdade para morrer. Importunais-me. Causais-me vergonha. Impedis-me de ser tão cega e surda quanto gostaria. Fora daqui os móveis que não são do partido do túmulo!

*Leda:*** Eu era pura e tu, alcova, me levaste à perdição. Eu era virgem, agora não passo de uma estátua. Ó dor! Perder a pureza, a candura, perder a inocência, para conquistar o amor, acreditar nesse pássaro de luz e tornar-se o opróbrio, ter sido o lago e, depois de cisne, ser lama.

A porta camuflada: Silêncio, vem alguém.

Entram vários lacaios, que depositam Nihila desmaiada na cama.

As librés: Horror!

Os lacaios se retiram e deixam Nihila sozinha.

Nihila, despertando: Onde estou? Jérôme! Jérôme! Onde estou? Ele não está aqui. (*Ela se levanta.*) O que isso significa? Que quarto é este? Não estou sonhando. Calma, não devo ter medo. Sou uma moça corajosa. É isso. Estou me lembrando. Eu estava com Jérôme no quintal, em frente à nossa casa. Orava a Deus junto com ele. Senti uma mão na minha boca, e mais nada. É horrível não ver Jérôme. (*Ela chora.*) É culpa minha. Ele queria entrar. Ladrões nos viram. Pobre casinha! Estávamos sempre juntos.

* Luís XV, tendo nascido em 1710 e morrido em 1774, tem então 61 anos e estamos precisamente em 1771.

** Leda: princesa da Etólia, esposa de Tíndaro. Segundo a versão mais difundida, ela tem Clitemnestra e Cástor com ele, ao passo que Pólux e Helena nascem de sua união com Zeus metamorfoseado em cisne. Segundo outra versão, Leda, copulando com Zeus cisne, bota dois ovos, dos quais nascem dois casais de gêmeos: Clitemnestra e Cástor, Helena e Pólux.

Quem mora aqui? É um homem muito mau para pegar meninas pobres e trazê-las para todo esse ouro! Meu Deus, meu Deus, continuo com medo. Jérôme! Jérôme!

O rei, entrando e beijando Nihila: Aqui está ele.

Nihila, voltando-se: O que fazeis, cavalheiro? Não sei onde estou e quero ir embora. Vós me beijastes, pois bem, deixai-me partir. Não vos quero mal. Por onde entrastes? Por Deus, respondi! Sois um matusalém, não sois bonito. Mas falai, por favor!

O rei: Amo-te.

Nihila: Ó meu Deus! De onde surgiu esse homem?

O rei: Não precisas ter medo.

Nihila: Dizei-me o vosso nome.

O rei: Eu me chamo riqueza, vida, felicidade. Dar-te-ei tudo que quiseres. Queres os palácios, os jardins, as estátuas de Versalhes? Sabes, Versalhes, eu te darei. Queres roupas de seda, joias, adornos mais esplêndidos do que os contos de fadas jamais sonharam? Eu te darei. Queres um leito de brocado tão prodigioso que o Sol deseje nele gravar o seu nome? Queres passar nas ruas puxada por oito cavalos? Queres ser tão bela que a admiração universal caia a teus joelhos e eu faça dos teus pezinhos os mais poderosos para subirem até o trono de Luís XV?

Auguste Vacquerie: Não há um salto de palavra?

— Sim.

— Queres recomençar desde a teus joelhos?

— Queres que faça de teus pezinhos os mais poderosos degraus de graça para subirem até o trono de Luís XV?

Encerrado às 6h.

SÁBADO, 6 DE MAIO

10h30 da manhã. Presentes: sr. Victor Hugo, Guérin, Charles. Charles e Guérin à mesa.

— Quem está aqui?

— O Drama.

— Queres que releia as duas últimas páginas, alguma alteração?

— Sim.

Lemos a partir de Leda. Às palavras “conquistar o amor”, a mesa bate uma vez.

— Queres recommençar toda a frase?

— Sim.

Alcova, acuso-te também. Tu és o amor, enquanto eu era a virgindade. Tuas dobras brancas são mortalhas da alvura da alma. Tuas neves são feitas de lama, tuas gazes e tuas rendas são asas vaporosas que só se agitam e tremem sobre as deusas condenadas ou os anjos pecadores. Alcova, pássaro da noite, sê amaldiçoada, sê amaldiçoado, amor dos reis, sê amaldiçoado, amor dos deuses, só dor! Eu era virgem, virei prostituta por ter te julgado amor, Júpiter, belo pássaro branco. Eu era uma alma límpida, tornei-me escura, eu era luz, agora sou nódoa. Sou um lago turvo. Eu era um lago, virei lodo por ter amado um cisne.

SEGUNDA-FEIRA, 8 DE MAIO

2h da tarde. Victor Hugo. Guérin e Charles Hugo à mesa.

— Quem está aqui? O Drama?

— Sim.

A mesa dá uma batida depois de “anjos pecadores”.

— É depois de anjos pecadores que devemos retomar?

— Sim.

Maldita alcova, sê amaldiçoado, amor, pelas virgens, sê amaldiçoada, volúpia, pela candura, sê amaldiçoado...

Interrupção da mesa.

Théophile Guérin: Essa pausa deve-se a uma falta de fluido de Charles?

— Sim.

— Devemos parar?

— Sim.

— É preciso certo tempo para Charles recuperar o fluido perdido?

— Sim.

— Em quanto tempo Charles poderá retomar?

— Dois dias.

Charles Hugo: Tenho Mesas a fazer amanhã à noite, estarei cansado depois de amanhã. Podes na sexta?

— Sim.

TERÇA-FEIRA, 9 DE MAIO

9h da noite. Presentes: sra. Victor Hugo, sr. Victor Hugo, sr. Guérin e Charles. Charles e Guérin à mesa.

— Quem está aqui?

— *Frons ingens deserti*.*

Victor Hugo: Queres que releia a partir da seção II: é meia-noite, ou queres que eu releia de um ponto mais acima? Se quiseses que eu releia dá duas batidas, se não uma.

A mesa bate uma vez.

Victor Hugo lê a partir de: “É meia-noite”.

*É a hora em que nas cidades, Babéis, Sodomas,
Veem-se, de todos os lados, tropas de fantasmas
Com rostos de breu,
Eriçando nos relâmpagos suas asas abertas,*

* A fronte imensa do deserto, ou a fronte imensa daquele que é abandonado.

Atravessar o céu preto junto com as quimeras
Do grande cérebro de Deus.

É a hora em que o dia nasce na tumba ou na penumbra
E o cadáver enterrado pelo coveiro lúgubre
Sente que o verme o morde;
É a hora em que, no campo de batalha, os corvos,
Galos pretos dos funerais, anunciam em coro
O advento da morte;

— Há duas vezes preto. Queres tirar uma delas?

— Sim.

— Queres mudar: o céu preto para céu triste?

— Não.

— O que então?

— Vasto.

É a hora dos grandes ventos na alma dos profetas;
É a hora em que pedras, rosas e bestas,
Esquecendo-se de suas dores,
Soletram claramente Jeová sob seus véus;
Em que o anjo do perdão apresenta o céu
Às minúsculas flores;

Enquanto ouvíamos o anjo nas claridades profundas
Falar; o dedo erguido para o livro dos mundos;
Enquanto forçados e malditos
Escutavam palpitantes, dos vales às cordilheiras,
Entrar sorrateiramente na porta das cadeias
A chave dos paraísos;

Enquanto ele lhes dizia: prisioneiros dos covis,
Monstros, cativos, assassinos, lobos, víboras, vis,
Tigres com garras de bronze,

*Tu, touro Golias, pavor do pasto,
Cedro Nemrod, jiboia Nisus, verme Cleópatra,
Caim rinoceronte,*

*Déspotas que se tornaram piolhos dos astros,
Touro Fálaris que berras sob nossas pilastras
Feito um furacão,
Rodovalho Domiciano que come a baleia,
Tu que enches o céu com teu ardente bafejo,
Eróstrato vulcão.¹³¹*

— É meia-noite, queres interromper?

— Sim.

— Que dia queres voltar?

— **Daqui a onze dias.**

*Calculamos que o 11º dia cai em um sábado, aos sábados costumamos receber visitas.
Pedimos-lhe que venha na véspera, sexta-feira. Ele responde que sim.*

Victor Hugo: Queres pedir a Mozart que volte?

— Sim.

— Gostaríamos de vê-lo domingo, às 9h30, podemos esperá-lo nesse dia?

— Sim.

Encerrado à meia-noite.

[Anotação de Victor Hugo:] Em 15 de abril, a Mesa havia marcado a resposta do leão a Victor Hugo para 6 de maio. Nesse dia, não estando sozinhos, não julgando apropriado admitir as pessoas presentes, nos afastamos, Charles e eu, e pedimos à Mesa um adiamento. Essa esplêndida sessão foi escrita apenas na minha ata pessoal. Não me esqueci de que ela não fora transcrita no lugar apropriado neste registro. Conserto esse lapso hoje. V. H.

SÁBADO, 25 DE ABRIL*

9h da noite. Charles Hugo e Victor Hugo conduzem a mesa.**

Victor Hugo: Quem está aqui?

— *Tuus leo*.***

— Não estamos sozinhos em casa esta noite, tu sabes; queres adiar a continuação da tua resposta para terça-feira, à mesma hora?

— Sim.

— Obrigado, teremos uma bela sessão?

— Sim.

Escrito em 10 de maio.

SEXTA-FEIRA, 12 DE MAIO

2h15 da tarde. Presentes: sra. Hugo, Charles, Guérin. Charles e Guérin à mesa.

— Fala, escutamos.

— O Drama.

— Vamos ler o que ditaste para nós da última vez.

Lemos.

— Devemos continuar em: sê amaldiçoado?

— Sim.

— Beijo, pela alma pura e límpida escondida sob as frondes da vida profunda, ó cisne, sê amaldiçoado pelo lago!

* Erro de data; trata-se do sábado 29 de abril. Esta sessão foi colocada aqui, após a de terça-feira, 9 de maio.

** É raríssimo Victor Hugo “conduzir” a mesa. Aqui, pai e filho dão-se as mãos, tanto literal como figuradamente.

*** Teu leão.

— Vamos reler o que segue, e tu baterás duas vezes se quiseres fazer alguma mudança.

Lemos tudo que segue; a mesa não se mexe.

— Achas então isso bom?

— Não.

— Muito bem, a partir de que palavra queres mudar?

— Desde: “Nihila despertando e passeando, olhares perplexos à sua volta”:* Ó meu Deus, onde está Jérôme? O que fizeram com ele? Como é bonito aqui! Estou com medo, por onde entrei? Não há porta, não há janelas. Preciso fugir. (*Ela se levanta e olha em volta com pavor.*)

A mesa detém-se por um longo tempo, o que jamais acontece quando ela fala em prosa. Perguntamos se alguma coisa a incomoda, ela não responde. Duas batidas. A mesa responde:

— *A parede, à porta:* Abre-te, temos de evadi-la.

A porta: Não sou a chave.

A parede, à chave: Tu, então, chave, abre para essa pobre menina.

A chave: Não sou a mão.

A parede a Nihila, que não a escuta: Ai de mim! Pobre criança, vês que fiz tudo ao meu alcance para salvar-te. Mas isso não está em meu poder, somos instrumentos do homem. Vivemos o suficiente para sentir, não para agir. Vemos, mas nos é vedado iluminar; falamos, ninguém nos ouve. Obrigados a sofrer, somos proibidos de consolar. Somos muito infelizes, acredita. Tem piedade de nós. Tens sorte; não passas de uma prisioneira que sonha escapar, enquanto eu sou uma masmorra que busca evadir-se. Vês, minha pequena, o Paraíso é a liberdade; evadimo-nos do sofrimento mediante o sofrimento; a expiação é uma imensa corda mergulhada em um abismo pela qual os cativos do crime descem da sombra na luz e cujos nós são os astros.

A chave: A mão do carcereiro me apanha. Dou uma volta na fechadura.

A porta: Abro-me.

O lírio: Fecho-me.

* Esta frase não consta dos diálogos anteriores. [N.E.B.]

O quarto inteiro: Socorro!

Entra o rei, rosto encarquilhado, trajas vistosos, é um velho já curvado, cordão azul, cruz de São Luís.

O rei: E então? O que achaste desse quarto, minha criança, é do teu gosto? Tudo o que está aqui é teu. Sou teu prisioneiro!

Nihila: O que fizestes do meu marido?

O rei: O que dizes dessa cama, desse tapete, dessas sedas, desses espelhos? Julgas este aposento à altura de tua choupana? Responde, belo passarinho, este ninho é digno de tuas plumas? Estás tremendo. Acalma-te! Não sou um passarinho muito terrível; não te cortarei as asas, vou dourá-las.

Nihila: O que fizestes do meu marido?

O rei: Vou substituí-lo esta noite, por favor, teu Jérôme é um bronco que a teria enxovalhado, ao passo que eu te farei tão radiante que ofuscarás o céu. Vê que bela união! Jérôme, teu marido, essa pedra, esposar uma pérola!¹³² Pretendo casar-te com uma coroa.

Nihila: Quem sois?

O rei: Sou a riqueza, sou o poder, sou o mundo, sou o céu. Meu nome é tua felicidade; o sorriso de Nihila, a fortuna de Nihila. Tenho uma família inteira de braceletes de Nihila, rendas de Nihila, coroas de Nihila, palácios de Nihila. Sou o mágico das tuas horas e, à medida que elas voam no mostrador, eu as transformo em minutos. Sou o mágico dos minutos da tua vida, e deles faço segundos. Paro o ponteiro na juventude e te impeço de envelhecer retendo-te pelo prazer em um eterno desabrochar do coração. Sou o fabricante de rosas, pois sou o cosmético, sou o fabricante de raios, pois sou o ouro. Eu não freio o Sol, como esse imbecil do Josué; faço melhor: ofusco-o.*

Nihila: Dizei vosso nome, cavalheiro, para que eu possa dizê-lo a Deus.

* Companheiro e homem de confiança de Moisés, Josué torna-se o seu sucessor antes da entrada em Canaã, pois não duvidou de Deus. Na Bíblia, o *Livro de Josué*, o primeiro dos Profetas, narra a conquista rápida de Canaã, graças aos milagres operados com a ajuda de Deus, entre os quais interromper a trajetória do Sol durante a batalha de Gabaão.

O rei: Não se trata de rezar a Deus, mas de me beijar.

Nihila: Prefiro me matar a ser infiel a Jérôme. Não amo senão a ele e só a ele beijarei; meu primeiro beijo será para Jérôme, o segundo também, o terceiro também, o milésimo também. Prefiro morrer a lhe confiscar seu bem; um único beijo, dado a outro, me causaria o efeito de uma mentira. Vede, cavalheiro, em vez de me dizer tudo que dizeis, faríeis bem melhor deixando-me ir e me dizendo onde está Jérôme.

O rei: Só um beijo.

Nihila: Jamais!

O rei: Arre! Que fortaleza! Declaro-te, minha pequena, que não gosto de esperar e que não tenho o hábito de tomar chá de cadeira ao pé do meu leito. Vamos! Esse beijo ou chamo minha gente!

Ele agarra Nihila.

Nihila: Ah, sois o rei da França!

Ele quer enlaçar Nihila, ela se debate. Sua gargantilha se abre e revela o crucifixo dado por Jérôme. Ao mesmo tempo, as velas, no fim, se apagam. Não se ouvem mais senão gritos abafados.

A cruz, na penumbra: Até já, Sire.

Cai o pano.

— O primeiro ato terminou?

— Não.

Encerrado às 9h.

SÁBADO, 13 DE MAIO

9h da noite. Charles e a sra. Victor Hugo, conduzindo a mesa. Presentes: Victor e eu.

Victor Hugo: Aquele que está aqui pode dar um recado àquele que esperamos para amanhã?

— Sim.

— Podes pedir a Mozart que venha na terça à noite em vez de amanhã?

— Sim.

— Podemos continuar sem ele?

— Sim.

Levantamos.

Escrito por Victor Hugo.

TERÇA-FEIRA, 16 DE MAIO

9h da noite. Presentes: sra. Hugo, sr. [Charles] Bénézit, Guérin, Charles, Auguste Vacquerie.

9h30: entra Victor Hugo.

— Quem está aqui?

— Mozart.

— Vens fazer música?

— Sim.

— Arranjaste um meio?

— Sim.

— Diz se essa mesa é pequena demais. Queres uma mesa com os pés maiores?

— Não.

— Que mesa, então?

— Uma mesa pousada no chão e quatro pessoas em volta.

— E depois? O método?

— O mesmo.

— O método que usamos?

— Sim.

Sr. Charles Bénézit: Em que tom desejais compor vossa melodia?

Longa imobilidade. Charles e Guérin pegam a mesinha e a aproximam do piano, colocando-a no mesmo nível por meio de uma mesa laminada da altura do piano.

A mesinha põe-se em movimento, desloca-se lentamente até o piano e fere as teclas; ao som, o sr. Bénézit põe-se a escrever.

Após alguns compassos, o sr. Bénézit pergunta:

— É uma sinfonia ou uma melodia?

— Sinfonia.

— São os instrumentos graves que começam?

— Sim.

— Os violoncelos?

— Sim.

— É preciso escrever a clave em fá?

— Sim.

— É para repetir?

— Sim.

— Devemos reduzir a sinfonia ao piano?

— Sim.

A mesa recomeça. O sr. Bénézit escreve.

Bénézit: Simplifiquemos. Devo repetir vosso pensamento uma oitava acima?

— Sim.

O sr. Bénézit executa ao piano a frase feita e diz:

— É isso?

— Sim.

A mesa volta a tocar no piano. O sr. Bénézit escreve. O sr. Bénézit canta e diz:

— É isso?

— Sim.

— Os compassos são iguais?

— Não.

A mesa volta a tocar no piano e o sr. Bénézit a escrever.

— Quereis fazer uma modulação?

— Sim.

— Começastes em dó menor?

— Sim.

— Passastes para si bemol?

— Sim.

— Me perdi um pouco. Podeis recomeçar?

— Sim.

A mesa dá algumas batidas.

— A frase não me parece bem ritmada. Quereis repetir mais devagar?

— Sim.

A mesa volta a bater mais lentamente.

— Mozart, sois inigualável em matéria de ritmo, teremos que ritmar, certo? Fazer a frase quadrada?

— Sim.

— O compasso é em quatro tempos?

— Sim.

— O andamento é rápido ou lento?

— Lento.

— Dizei-nos o andamento.

— Lento.

— A melodia é em dó menor?

— **Dó menor.**

O sr. Bénézit insere as indicações de tempo na música ditada, depois a executa ao piano e indaga:

— É isso mesmo?

— Sim.

O sr. Bénézit toca as duas frases já ditadas, ligando-as.

— Tendes algo a acrescentar?

— Sim.

— Terminastes a primeira?

— Não.

— Em que tom ides continuar?

— **Lá bemol.**

A mesa recomeça ao piano.

— Os compassos são iguais?

— **Iguais.**

— Recomecemos.

A mesa recomeça.

— Que compasso?

— Lá, moderato.

— Não pergunto pelo movimento e sim pelo compasso.

— Três tempos.

O sr. Bénézit diz as notas, a mesa as aprova e põe-se a executá-las ao piano. O sr.

Bénézit diz:

— É dó sustenido ou ré bemol?

— Dó sustenido.

A mesa volta a bater. Uma pausa.

— O ditado terminou?

— Não.

A mesa recomeça.

— Então é um contraponto simples? São partes que vós dítaiis? Quereis desenvolver sozinho vossa sinfonia?

— Sim.

Victor Hugo: Em vez de uma sinfonia, epopeia musical que escapa à exiguidade de meus meios de execução, não poderias ditar uma melodia, como *A Marselhesa*, por exemplo, passível de ser cantada por um povo, pela revolução, pela humanidade?

— Seja.

— Poderias nos ditar um hino esta noite?

— Preciso de tempo para compô-lo.

— Que dia podes nos ditar?

— Na próxima terça-feira.

— Por que não usaste a mesa grande esta noite, após tê-la pedido?

— Ignoro.

— Vais usá-la na terça-feira?

— Ignoro.

Levantamos à meia-noite e quinze.

Escrito por Victor Hugo.

SEXTA-FEIRA, 19 [DE MAIO]

9h15 da noite. Presentes: sra. Victor Hugo, Victor Hugo, Auguste Vacquerie. À mesa: Théophile Guérin e Charles Hugo.

— *Solitude*.*

Victor Hugo relê os versos iniciados, a partir de III:
Cavalo Calígula que pastas na tumba,
Xerxes corrente de ferro, Pirro telha que tomba,
Tu face de Athos,
Alexandre, túmulo atormentado pela tempestade,
Espectro que sente os ventos esculpir-te a face
A golpes de malho.

Vós todos, entes condenados cujas dores são lentas,
Árvores, espigas, juncos, plantas pobres e pequenas,
Ouço vosso clamor,
Flores, sementes espalhadas nos sulcos fúnebres
Por esse outro coveiro que vem para as trevas
A quem chamamos semeador.

Infinitamente pequenos brotados de hediondos crimes,
Monstros do gênero humano que viraram suas vítimas,
Sombras do firmamento,
Fiapos de capim que só Deus, no dia da clemência,
Poderá desenraizar com Seu braço imenso
Do granito-tormento!

Erguei vossos olhares para o céu, a hora é chegada;
Esses astros, ó pedras, serão vossa morada,¹³³
Serão vosso farol;
É para vós que, nos céus, Vênus brilha; ó animais,

* Solidão.

*Limos, líquens, cardos, esperai, porque sois
Caules de sol!*¹³⁴

*Excrementos, é a vós que pertencem esses mundos,
Essas constelações são vossas, ratos imundos;
Sois donos do astro que esquentas;
Eis-te noiva, aranha, da distante estrela,
E esse raio de luar é um fio que à tua teia,
Na sombra, Deus acrescenta.*¹³⁵

Victor Hugo: Que dia queres voltar?
A mesa bate onze vezes.
— Daqui a onze dias. Combinado! Até terça.

Encerrado à meia-noite.

TERÇA-FEIRA, 23 DE MAIO

9h45. Presentes: Auguste Vacquerie, sr. Bénézit, Adèle Hugo, Victor Hugo. Conduzindo a mesa: Charles Hugo e sra. Victor Hugo.

O piano está disposto como na terça-feira 16.

Victor Hugo: Quem está aqui?

— Mozart.

— Fizeste o que me prometeste?

— Sim.

Sr. Bénézit: Podes dar à tua melodia a extensão vocal segundo as convenções da arte alemã?

— Sim.

— Em que tom escreverás tua melodia?

— Dó.

- Dó maior?
- Não.
- Dó menor?
- Sim.

A mesa se dirige ao piano e percute as teclas. O sr. Bénézit faz os movimentos e anota o compasso em sua pauta musical. Bénézit, interrompendo-o:

- É um dó sustenido?
- Não.
- Então é um ré bemol?
- Sim.

O sr. Bénézit volta a escrever e a mesa a bater.

— Mozart, tu nos fornecestes simples repetições de frases intercaladas por oitavas. Nós te pedimos uma melodia ritmada, tu nos ditas música instrumental. Queremos música vocal. Isso é possível?

A mesa não responde e executa os violinos, trabalhando ao piano.

Victor Hugo: Esse método é bom para ditar a música?

- Sim.
- Podes nos indicar um melhor?
- Não.

Bénézit: Percebes que o que ditaste até aqui não é o que esperamos?

- Sim.

Victor Hugo: Aceitas ditar uma melodia que possamos cantar?

- Sim.

Bénézit: Escrita na clave de sol?

- Não.
- Na clave de fá?
- Sim.
- Para um baixo então?
- Sim.

A mesa vai até o piano e começa a tocar. O sr. Bénézit escreve.

Sr. Bénézit, interrompendo-o: Isso é incoerente.

Victor Hugo: Ouves o que o sr. Bénézit te diz?

A mesa se agita violentamente.

— Ainda é Mozart?

— Não.

— Quem está aqui? Diz teu nome.

— A.A.A.A.

— Isso não é resposta. Quem és tu?

— Luís Filipe.

— Tu me conheces. Tens algo a me dizer? Fala.

A mesa volta a se agitar e a girar intensamente, depois estaca e permanece imóvel.

— Tens algo a dizer? Responde.

A mesa se agita sem responder.

— Queres falar? Sim ou não. Será uma mistificação? Deves ser uma mistificação. Seja lá quem fores, se não és sério, és estúpido. A piada no túmulo é uma coisa horrível. Não posso acreditar nisso. Fala. Não és Luís Filipe, não és Mozart. Quem és?

Imobilidade da mesa; saímos.

Retomamos ao cabo de cinco minutos.

Ela custa a se mover.

— Quem está aqui?

— A A

— Recomeça.

— A A A A

— Recomeça.

— A A A

— Alguma coisa te aborrece?

Sem resposta.

— Fala então.

— Cimarosa.*

— Aceitas compor a melodia que esperamos?

— Sim.

— Podes ditá-la imediatamente?

* Domenico Cimarosa (1749-1801), compositor italiano, autor de setenta óperas e de um hino republicano, pelo qual foi perseguido.

- Não.
- Tens alguma melodia para nos ditar agora?
- Não.
- Comporás para nós, tu, grande músico e bom republicano, a canção revolucionária que desejamos?
- Sim.
- Em que dia podes ditá-la?
- A mesa dá algumas batidas.*
- Terça-feira, 15?
- Sim.
- Não compreendemos o que ocorre esta noite. A mesa tem hesitações estranhas. Podes nos explicar?
- Ignoro.
- Sr. Bénézit: Queres, Cimarosa, nos expor o que pensas da revolução musical que promoveste do teu século para o nosso?
- Responderei em outra ocasião.
- Sra. Hugo: Por que não esta noite?
- Sr. Bénézit: Só mais uma pergunta. Gostas de Meyerbeer e Rossini?*
- Silêncio da mesa.*
- Queres parar?
- Sim.

Encerrado às 11h.

* Giacomo Meyerbeer (1791-1864), compositor alemão e pianista precoce. Suas óperas, inicialmente inspiradas em Rossini, mais tarde farão a síntese entre as influências francesa, italiana e alemã. Foi muito apreciado na França, no século XIX, por Hugo e Dumas, entre outros. Após fazer sucesso na Itália, Gioachino Rossini (1792-1868) se instalará na França e dirigirá o Théâtre Italien em 1824. A revolução de 1830 o destituirá do cargo. Retornará à Itália para, mais tarde, em 1855, instalar-se definitivamente em Paris.

DOMINGO, 28 DE MAIO

2h da tarde. Presentes: sra. Hugo, sr. Charles Hugo, Guérin.

— Quem está aqui?

— O Drama.

— É necessário reler a última cena?

— Não.

As catacumbas de Saint-Denis, sepulcro dos reis da França, perdem-se na escuridão. No prosaíco, o túmulo de um rei que acabam de sepultar.

Os ossos: Éramos os braços fortes da França usurpada;

Eu fui o porrete, tu foste a espada,

Portávamos bandeiras.

Éramos os pesos falsos da Balança humana,

E fazíamos Deus pender para o lado da sanha.

Os vermes: Não, éreis apenas poeira.

Os ossos: Pois sou Tolbiac, e tu foste Pavia,*

Sou a morte de um povo, tu foste sua vida.

Éramos gigantes.

Este calcanhar foi sangrento, os punhos, furiosos.

Éramos heróis, éramos colossos.

Os vermes: Éreis insignificantes.

Um dos crânios: Sempre, de joelhos perante os amuletos,

Cobri negros cadafalsos com um mundo de esqueletos,

Minha força intimidava o homem bom.

Ó vermes, vosso dente escuro me corrói sem pejo;

De onde vindes, carrascos? De onde vindes, percevejos?

* Tolbiac, pequena cidade alemã a sudoeste de Colônia, onde Clóvis derrotou os alamanos em 496 ou 506. Pavia, cidade da Itália destruída em 476 por Odoacre. Tornou-se a capital dos lombardos. Sua tomada por Carlos Magno, em 774, pôs fim ao reino dos lombardos. Essas referências, como tantas outras a respeito das Mesas, constituem, em Hugo, o que Jean Gaudon denomina “o efeito de saber” (em Victor Hugo: *Le Temps de la contemplation*, 1969). Trata-se de um detalhe erudito, supérfluo para a ficção, que traz uma precisão tão ínfima e alusiva que é inacessível ao leitor.

Os vermes: Dos ossos de Montfaucon.*

Outro crânio: Rei covarde, traí meu país em escombros,

Vi cair meu povo sob as sombras

Das árvores do meu parque.

Com uma fogueira inglesa avermelhei o céu da França.

Ó vermes, de onde vindes? De onde vindes, desesperança?

Os vermes: Dos ossos de Joana d'Arc.

Entra Auguste Vacquerie.

Outro crânio: Ó morte, quando findará o tormento que me aflige?

São pelo menos um milhão sobre minha efígie.

Ó inimigo mausoléu!

Minha pobre carne de rei cai pústula a pústula.

Quem, vermes hediondos, os enviou ao meu túmulo?

Os vermes: São Bartolomeu.

Outro crânio: Galante como Henrique, bravo como Xaintrailles,

Reergui a França e construí Versalhes,

Eu era o rei e o farol.

Como nas flores que uma lepra devora,

Quem vos injetou em meus olhos, facínoras?

Os vermes: Sire, vosso sol.

A terra: Ó reis! Em breve, sob os pés do campônio,

Renascereis joio e peçonha.

O crime não merece afago.

Renascereis cardo na vertente das colinas,

E vós é que sereis as coroas de espinhos

Dos deuses crucificados.

Sórdidos, sereis a coisa sórdida,

Sereis a cicuta nos lábios de Sócrates,¹³⁶

* O cadafalso de Montfaucon percorre a obra hugoana. O poema "Montfaucon", escrito no fim de 1858, integra a segunda série de *A lenda dos séculos*. A intenção de Hugo era mostrar como o despotismo da Igreja e o do Estado podiam sufocar ideias e reivindicações populares.

Tiranos, vencedores, recrutas,
O fel e a urtiga brotarão de vossas cabeças
E sereis pastados na sombra pelas bestas
E colhidos por Judas.

Sereis, nas seteiras em ruínas de vossas casas,
O musgo que os ventos esbofeteiam com suas asas,
E, capim esmigalhado,
Cada um de vós, ó reis que apavora dizer o nome,
Após tripudiar sobre a grande frente do homem,
Renascera por ele pisoteado.

Um respiradouro pelo qual se vê o céu estrelado: Esperai, ó malditos, esquecei vossa essência.

A libertação brilha através dos planetas
À beira dos horizontes,
E esses astros, joias celestiais e puras,
São os buracos de luz de todas as fechaduras
De todas as vossas prisões.

Todos os sepulcros, que estavam abertos, fecham-se novamente. O sepulcro de Luís XV, que estava fechado, se abre. Vê-se então o cadáver do rei. Está deitado, com as duas mãos cruzadas sobre o peito. Quatro pregos do caixão esticam-se lentamente e penetram em suas mãos e pés. O cadáver solta um grito terrível.

Primeiro prego: Sou o prego de ferro, chego de onde tu vens.
Renasce, monstro! Sou o canivete de Damiens.
O escuro castigo dos metais é tua sina,
E meu assassinato é dar-te vida.
Tu serás ferro.

Segundo prego: Vilão, tu serás ainda mais impuro,
Amaldiçoado pelo ferro e punido pelo ouro!
Renascerás moeda e em lugares infames
Comprará a virtude das damas.
As palavras com que gozas, tirano, far-te-ão infeliz

E conservarás teu nome monstruoso: Luís.
Correrás do bordel imundo para a orgia,
E marco tua alma com a efígie;
Serás ouro.

*Terceiro prego:*¹³⁷

Interrompido às 7h45. Retomado às 9h30. Mesmo dia.

— Quem está aqui?

— Shakespeare.

— Vens continuar o drama?

— Meu drama.

Entra o sr. Kesler, trazido por Guérin.

— Amaldiçoado, sou o granito,

Sou o prego fatal que prende os punidos.

Neste mundo repleto de obscuras penitências,

Sou a hedionda raiz da violência.

Ó reis, é meu dever torturar vossos despojos,

E que vossas forcas mortas entrem em vossas covas,

Enquanto o cadafalso, árvore brotada dos crimes,

Em seu nó, escura flor, estrangula vossas vítimas,

Sentireis, estendidos sobre vossas lajes,

Sua raiz, outro nó, em vossos pescoços de algozes.

Sou aquele que sente o arrepio dos ossos.

Sou o pelourinho, o calabouço.

Déspota, tu serás, é decreto do alto,

Pedra de um muro prisioneiro e forçado.

Viverás acorrentado na escuridão das Bastilhas,

E, tu, vício, tu, lama e corrupção das meninas,

Para redimir tua vida, imensa traição,

Em vida foste esgoto, morto serás prisão.

O quarto prego: Sou a garra humana. Miserável lobisomem,

Tu vais expiar tudo.

O *cadáver*: E voltarei a ser homem?

O *quarto prego*: Sim. Eu te prometo.

O *cadáver*: Há então um meio

De recuperar minha forma?

O *quarto prego*: Sim.

O *cadáver*: O que fazer?

O *quarto prego*: O bem.

O *cadáver*: Como?

O *quarto prego*: Maldito, tua vida é um imenso abismo

Para onde, feito catarata, correu a água do crime.

Mas podes levantar um canto de teu sudário.

O *cadáver*: Fala.

O *quarto prego*: Todos os delitos se fundem num calvário.

O *cadáver*: Qual?

O *quarto prego*: Um casal feliz, graças a ti, sangra no limbo,

Duas crianças que brincavam caíram em teu abismo,

Jérôme e Nihila.

O *cadáver*: Meus olhos estão baços.

O que fazer?

O *quarto prego*: Eles estão perdidos.

O *cadáver*: O que fazer?

O *quarto prego*: Salva-os.¹³⁸

Segundo ato.¹³⁹

Auguste Vacquerie: Quando perguntei se vinhas continuar o drama, tu respondeste: meu drama. Quiseste, penso eu, consignar teu direito de propriedade e criação. Queres nos explicar como o Drama e tu vos entendeis? A parte que o Drama nos dita de dia é de sua autoria ou ele vem ditar em teu nome cenas que lhe comunicas previamente? Ele é teu colaborador ou vem nos ditar cenas que tu lhe transmitiste?

— O drama sou eu, é Molière, é Ésquilo, é Cervantes.¹⁴⁰ O dia é o éter,

a noite é o céu estrelado. O dia é uma luz única, mas atrás dela há astros invisíveis. De dia vedes o drama firmamento, à noite vedes os poetas constelações.

— Queres desdobrar tua resposta? Vislumbro nela a explicação dessa lei, difícil de compreender, segundo a qual as almas só podem nos falar à noite e as ideias, de dia. Esclarece-nos essa lei estranha que parece nos sujeitar ao mísero relativismo humano.

— As leis físicas são as leis morais. A abóbada do túmulo é iluminada de dia e escura à noite. De dia, o eterno brilha, à noite, o imortal cintila. A ideia é o criador, o pensador é o ressuscitado. Para o planeta Vênus ficar visível, é preciso que seja noite no túmulo. Vós sois nossos astrônomos. Dia e noite sois nossas flores. De dia, chegamos raios. À noite, chegamos almas.

Guérin: A peça que vós nos dais, o Drama e tu, é uma invenção ou uma realidade? Devemos julgar a trama fruto da imaginação de um poeta ou a revelação de um espírito?

— Eu crio dentro da verdade, mas não a faço. Um drama é uma invenção, logo não é uma revelação. A ação desse drama é obra minha, logo não é obra de Deus. Eu crio Nihila, não a ressuscito. Eu castigo Luís XV à minha maneira, Deus tem a Sua. Não sou o historiador do túmulo. Sou seu poeta.

Kesler pensa em uma pergunta.

— Ingenuidade.

Kesler pensava: Shakespeare, és tu que estás aqui e respondes?

Guérin diz que a Mesa respondeu muito bem e que, com efeito, Kesler mostrava-se ingênuo ao dizer: “Shakespeare, estás aqui?” em vez de “Shakespeare está aqui?”.

Recomeçamos o teste. Kesler pensa em outra pergunta.

— Sim, os mortos vêm falar aos vivos. Os pés de uma mesa são passos que reverberam na escada das almas.

Kesler pensava que gostaria muito de ter uma resposta mais satisfatória à sua primeira pergunta. Kesler se declara satisfeito.

Encerrado à 1h30.

TERÇA-FEIRA, 30 DE MAIO DE 1854

9h30 da noite. Presentes: sra. Victor Hugo, Victor Hugo, Auguste Vacquerie. À mesa: Guérin e Charles Hugo.

— Quem está aqui?

— O olhar da sombra.

Victor Hugo relê os versos feitos na última sessão do Leão:

*Espera, pois, em breve, talvez amanhã,
O ser alado que zumba na janela humana
Molhada por tantas dores,
Esse anjo borboleta que distribui alento,
Que, feito para pousar no sofrimento,
Vai dos homens às flores,*

*Seja capturado em tua teia rendada
E seja tua vez de voares com suas asas
De turbilhão em turbilhão
Até o céu, teia imensa onde, em seus fios de chamas,
Emboscam-se, para roubar na passagem as almas,
As constelações!¹⁴¹*

Victor Hugo: Sabes que fiz versos em que as estrelas, no fim do mundo, fogem como aranhas¹⁴² por um teto?

— Não.

*Humildes caramujos que rastejais na argila
E carregais tristemente vossa cangalha frágil
Pelos poços desolados,
Esses olhos que apontais de vossos invólucros
São chifres para o homem e telescópios
Para os céus estrelados!*

*Todos esses olhares de amor são para ti, toupeira sem luz.
Quando, nos pastos desertos onde o boi sonha e muge,
Tu abres tua picada,*

*O astro que te flagra cavando tua prisão severa
Dirige a claridade de sua sutil lanterna
Para tua debandada.*

*Tereis, ó formigas, se o perdão tiver começo,
Como formigueiro no céu o Cruzeiro do Sul imenso.
Deus recobrou a razão.*

*Lagarta, mereces Vênus! Mosca, a Grande Ursa,
Protozoário perdido nas águas das furnas,
Para ti, a imensidão!¹⁴³*

Charles Hugo: Há na estrofe imenso e imensidão.

Victor Hugo: Queres substituir imensidão por vastidão?

— Não.

— Mudas imenso?

— Sim.

Tereis, ó formigas, mudando vossa forma,

— - - - enorme.

Insetos, olhai; olhai, necróforos,

Despontar na noite milhões de auroras,

E ficai alegres.

A manhã do grande dia se levanta, eis a hora

Que reluz e ilumina a morada penumbrosa

Nesses quadrantes celestes.

Esperai, vós também, sóis, astros profusos,

O céu não é prisão onde o detento é o escuro.

A libertação é lume.

Deus não fez o éter para nele instalar celas,

E vós não sois ferros em brasa, estrelas,

Com que Ele marca o negrume.¹⁴⁴

— Dentro de quantos dias desejas continuar?

— Onze.

Victor Hugo: 10 de junho?

— **Sim.**

Victor Hugo: Preferimos dia 9. Podes?

— **Não.**

Victor Hugo: 8?

— **Não.**

Victor Hugo: Porventura és obrigado a vir no 11º dia?

Sem resposta.

Victor Hugo: Responde. Se só puderes vir no dia 10, daremos um jeito para estarmos livres.

Agitação da mesa.

— Ainda é o Leão?

— **Não.**

— Quem está aqui?

— **O Leão de Florença.**

Victor Hugo: Salve, grande leão. Tens um comunicado a nos fazer?

— **Não.**

Sra. Hugo: Temos aqui um gatinho preto, que não é qualquer um e sempre parece querer falar conosco, sem sucesso. Podes nos dizer o que ele tem e o que ele é?

— **Proibido.**

Victor Hugo: É meia-noite e meia. Gostarias de voltar um outro dia?

— **Sim.**

— Quando?

— **Daqui a 22 dias.**

— 21 de junho? É uma lei para vós só voltar a cada onze dias?

Encerrado à meia-noite e meia.

Terceiro caderno

2 de junho de 1854 a 20 de janeiro de 1855

SEXTA-FEIRA, 2 DE JUNHO DE 1854

9h45 da noite. Presentes: sra. Hugo, Charles, Victor Hugo. Conduzem a mesa: sr. Guérin e sr. [Hennet de] Kesler. (Cópia C. D.)

Ao cabo de alguns minutos, como a mesa não fez nenhum movimento, Charles coloca o seu dedo no centro. A mesa começa a girar logo em seguida, depois se ergue. A mesa bate duas vezes todo o alfabeto sem parar, depois, ao chegar ao “I” do terceiro alfabeto, Charles retira bruscamente a mão e a mesa para bruscamente; imobilidade de vários minutos. Charles coloca a mão a duas polegadas da mesa, tomando o cuidado de não tocar nela, e diz: levanta-te. Transcorrem cinco minutos; a mesa não se mexe. Charles toca na mão do sr. Guérin sem tocar ele mesmo na mesa, nenhum movimento. Auguste Vacquerie, que acaba de entrar, acrescenta sua mão e toca na mesa. Nenhum movimento. Levantamos. Vacquerie e Guérin ficam sozinhos à mesa. Nenhum movimento. Charles e a sra. Hugo assumem a mesa, ela se agita.

— Quem está aqui?

— Marie.

— Mãe de Jesus?

— Não.

— Tens alguma comunicação a nos fazer? Fala.

— **Venho para libertar o incrédulo.**

— Como vais fazer? Explica-nos.

— **Falar com ele do meu túmulo.**

Kesler: Quem afinal? Quem, Marie? Que Marie és tu?

— A que está morta.

— É uma Marie que conhece o sr. Kesler?

— Sim.

— És minha avó?

— Não.

Victor Hugo: Coloca-o no caminho, diz-lhe quem és.

— Marie.

— É tudo que podes nos dizer sobre ti?

— Amada.

Kesler: És a sra. de Marialva?

— Marie.

— Marialva?

— Não.

— Fala.

— Blanche. Alba.

— És a marquesa de Marialva? Fala, não te temo.

— Sou a morta.

— Qual?

— E não a marquesa. A morte é a república. O túmulo é a barricada de Deus.

— A sra. de Marialva chamava-se Adèle.

— Marie Blanche.

Victor Hugo explica que é a tradução de Marialva: Maria Alba. O “V” e o “B” têm a mesma pronúncia em espanhol.

Guérin: Continua.

— Ele terá medo.

Kesler: Enganas-te, não terei medo.

— Sim.

— De quê? Fala.

— De ver o invisível.

— Tudo que peço é que eu seja persuadido. Continua, fala.

— Por que carregas Marie?

O sr. Kesler usa, escondida, uma medalha de Maria.

— Porque uma pessoa que tu conheces me deu.

— Não quero.

— Por quê? Sabes quem?

— Os beijos ficam pendurados no pescoço e são ciumentos.

— Por que escolheste vir convencer-me, libertar-me de minha incredulidade?

— A mulher que amamos passa na frente dos outros amores. Deus a faz trazer suas cartas.

— Tu sabes tudo que penso. Vês meu pai?

— Sim.

— Fala do meu pai. Sabes o que me preocupa a seu respeito. Estou atormentado.

— Ele te aprova.

— Fala mais do meu pai, não me abandones.

— Não precisas ter tal preocupação. Do túmulo, não criticamos nem a mãe nem o irmão; pois a mortalha clareia a alma e o túmulo é feito de pedra macia.

— Meu pensamento era que meu pai não foi justo comigo. Ele percebe isso hoje?

— Sabes bem que a vida divide; não raro o pai, mesmo tendo dois filhos, tem apenas um olho aberto; há almas cegas e corações vesgos; a morte curou o olho doente; a pedra sepulcral é uma pálpebra que se ergue; há pais cujo túmulo é um berço e que se embrulham na mortalha. Teu pai só te enxergou direito após ter vermes nos olhos. Os vermes da Terra são olhares do céu. A órbita de um crânio às vezes se dissolve em lágrimas.

— Podes dizer ao meu pai que não guardo nenhuma amargura e que não desejo que ele sofra?

— Coragem. Não sofre quem quer. Não chora quem quer. Não sangra quem quer. Há olhos condenados à secura. Olho seco, túmulo estéril. A dor é um imenso Nilo. Quanto mais transborda, mais o grande ceifador escuro carrega espigas para os celeiros do céu.

— Prosterno-me aos teus pés. Prosterno-me aos pés dele, do meu pai. Agora diz uma palavra do caminho do devotamento e do sacrifício, no qual me encontro, eu, proscrito, pela República e pela liberdade.

— Abençoo-te e ele te abençoa. Tens razão; trabalha. Sofrer os golpes do martelo é provar que somos de mármore. Sê o homem da ideia e do progresso. Sê bom, a bondade pode tudo. Deixa o áspero vento do exílio soprar na tua vida; ele não derruba as ilusões. Abre tua janela para o oceano, ele não submerge as gaivotas. Sê pobre sorrindo. Deus só empresta aos pobres. A morte é o banco dos pobres. Nela trocam-se asas por sapatos velhos. Sê valente e generoso. A generosidade dá tudo; o céu dispensa tudo. Despojamo-nos embaixo, recuperamos no alto. Deus dá uma roupa de anil e tira a medida pelo teu andrajo; mas precisas fazer um juramento.

— Qual?

— Combater a pena de morte.

— Tenho alguns escrúpulos. Podes suprimi-los? Temo que haja animais venenosos que, no meu pensamento, cumpriria matar.

Victor Hugo se vai.

— Um princípio não se adia. Não temos o direito de dizer: terei razão amanhã. É preciso escolher imediatamente entre o carrasco e nós. Nós somos os mortos e ordenamos a vida, somos o grande motim dos sepulcros contra os cadafalsos, dos cemitérios contra as valas, dos cadáveres contra as cruzes e das auréolas contra as cabeças cortadas. Escolhe. Eu ou o carrasco.

— Respondo: obrigado, e faço o juramento. Sou muito grato por tua vinda. Deves ler sinceridade no meu coração; quero crer, mas, uma vez que minha crença foi o objetivo de tua venturosa visita, dissipa um resto de dúvida involuntária, respondendo com uma, duas, três palavras, como puderes fazê-lo, à pergunta que te faço neste instante em pensamento. Queres ou podes me dizê-lo?

— Sim.

— Pois bem, diz.

— Meu testamento estava feito, mas o suicida é culpado, eu quis me matar, Deus me perdoou.

— Podes dizer a palavra que tenho no meu pensamento?

— Disseste o suficiente: crê. Punhal.

Com efeito, a pergunta tinha relação com uma cena que aconteceu entre ela e mim, quando ela se infligiu três punhaladas, fato que não comentei com nenhum dos presentes. Kesler.

Após uma interrupção, durante a qual Kesler contou alguns detalhes desse relacionamento, a respeito da possível presença do espírito, a mesa voltou ao controle de Kesler e Guérin, sem resultado. A sra. Hugo substituiu Kesler, a mesa se agitou prontamente.

Sra. Hugo: Queres falar comigo?

— Não.

Encerrado à 1h30 da manhã.

TERÇA-FEIRA, 13 DE JUNHO DE 1854

(Cópia C. D.)

Kesler: Com toda a humildade da minha ignorância, mas com toda a firmeza da minha consciência, digo que, quando ouço alguém pronunciar a palavra Deus, não compreendo.

— Quando ouves a palavra “sol”, compreendes?

— Compreendo porque vejo.

— Se só tens olhos abaixo das sobrancelhas, com que vês teu pensamento?

— Isso é obscuro.

— Há duas visões; a visão do corpo que percebe os objetos e a visão do espírito que percebe as ideias. Negas a segunda?

— Não, não a nego.

— Ótimo. Admites então que podes ver o imaterial. Pois bem, supõe o Sol na ordem moral. Ele é invisível e existe. Então, o que faz ele? Ele faz na ordem moral o que o Sol faz na ordem material. Embora a milhões de léguas de ti, ele te cria como o Sol cria a planta. Ele te dá vida como o Sol dá à árvore. Ele te aquece como o Sol aquece a Terra. Se te aproximas de Deus, sentes Seu calor, como o globo onde tu vives sente o calor do Sol quando dele se aproxima. Se tu te afastas de Deus, tu te congelas como o globo

onde tu vives se congela ao se afastar do Sol. Deus produz o bem e cria o sofrimento exatamente como o Sol. Deus tem Seu verão e Seu inverno. Os paraísos são Seus meses de maio e os infernos, seus meses de dezembro.

— Tua resposta parece contornar minha pergunta: talvez minha pergunta tenha sido mal formulada. Eu te pergunto se Deus existe, o que é, em resumo, se há um eu e uma entidade que seja Deus?

— Sim.

— Isso é uma afirmação, mas não é uma prova. Podes demonstrar a existência desse eu superior e soberano do qual não posso deixar de duvidar?

— A prova de que Deus existe é que o movimento existe. O movimento exige o motor. O mar se move porque a Lua se move. O Sol se move porque o sistema planetário se move. O sistema planetário se move porque a imensidão se move. A imensidão se move porque Deus a agita.

— É outra afirmação. Não é a prova da potência de Deus, mas de sua necessidade. Coloca um copo na segunda prateleira do teu armário e fecha a chave. O que pensarás se reabrindo teu armário encontrares teu copo na sexta prateleira? É sem dúvida pela enfermidade do meu espírito que me encontro no ponto de partida. Esperarei a revelação.

Encerrado à 1h.

SEGUNDA-FEIRA, 19 DE JUNHO DE 1854

(Cópia C. D.)

Kesler: A Dama Branca! Eu queria muito vê-la. Se ela quiser marcar um encontro, irei.

Victor Hugo: Dediquei-te versos, como tu pediste. Mas é tarde, meus versos são longos, não seria preferível que os lesse para ti no começo de uma sessão para que possas responder na mesma noite? Diz tua vontade; me conformarei a ela, seja qual for.

— Voltarei.

— Quando?

— Não sei quando poderei voltar. Há épocas em que a minha pedra se fecha.

— Uma vez que estás livre, poderias marcar um encontro esta noite com o nosso amigo Kesler, que deseja te ver?

— Ele quer cabelos brancos?

Kesler: Eu tenho! Sim, eu quero!

— Estarei esta noite na praia,* às 2h.

— Duas horas é muito tarde... Eu te seria muito grato se fizesses a deferência de vir mais cedo.

— Não posso ir à meia-noite. Preferes amanhã à 1h sob a árvore que fica em frente à tua janela?

Victor Hugo: Queres nos dizer o que é o rochedo das Fadas, onde os camponeses daqui afirmam ver aparições?

— É a minha pedra.

— É possível vê-la todas as noites no Rocquebert?

— Sim.

— Moras lá sozinha?

— Não.

— Podes nos dizer quem mora contigo?

— Meu remorso. É um anão negro que me bate quando eu regresso.

Sra. Hugo: Podemos fazer alguma coisa para que sofras menos?

— Sim.

— O quê?

— Oraí.

Victor Hugo: Podes nos dizer qual é o teu pecado?

— Sou a primeira mãe que matou o filho nesta ilha.

— Tua punição já dura muito tempo? E ainda vai durar muito tempo?

— Até o mar invadir o meu rochedo.

— Não disseste se é há muito tempo que sofres tão dura punição.

* Trata-se da praia de Azette, uma praia comprida situada em frente a Marine Terrace.

— Três mil anos.

— Três mil anos de sofrimento por um crime de um momento! A justiça humana seria menos severa.

— Isso é um erro. A severidade das penas não está na duração, mas na perpetuidade. A lei humana que diz trabalhos forçados perpétuos é mil vezes mais severa do que a lei divina que diz três mil anos de expiação, a eternidade de perdão.

— Disseste que tinhas sentimentos afetuosos por mim. Disseste: *basia mille*. Por que me amas?

— Porque amais vossos filhos e vossos filhos vos amam.

Kesler: Amo-te igualmente porque, por instinto e impulso, pendo para o infortúnio. Tu sofres. Responde: será que amanhã estarei com os cabelos brancos?

— Não temas se passou o dia sem cometer erros.

Auguste Vacquerie: Tens razão em dizer que a severidade da pena está na perpetuidade e não na duração, com a condição de que o punido saiba que a pena terá um fim. As criaturas punidas, animais, plantas, pedras, sabem que seu sofrimento terminará? E sabem quando?

— Sabem que não são condenadas à pena perpétua, mas não sabem quando terminará a pena. O pensamento da libertação certa é igual ao da libertação próxima. A certeza é a realidade.

— Nós, homens, que também somos criaturas punidas, temos a esperança, mas não a certeza do fim de nossas penas. Só temos certeza da vida; se, morrendo, virássemos pó, teríamos sido condenados para sempre. Sem a certeza da ressurreição, a vida é condenação à perpetuidade.

— Vós sabeis, sim, que não estais condenados perpetuamente.

— Eu, que acredito na vida futura, sei. Mas, para os que não creem senão neste mundo, é uma pena perpétua, uma vez que para eles não existe nada depois desta vida.

— Estes são justamente os que têm certeza de ser libertados.

— Pelo nada. Aqueles que os homens condenam a uma pena perpétua também têm certeza de ser libertados pela morte. Não há diferença.

— Sim. O homem condena à pena perpétua e o castigo humano duraria eternamente se a morte não chegasse. A lei decreta o castigo, não

decreta o fim do castigo. Enquanto, para esses mesmos de que falas, a sensação do sofrimento não existe sem a certeza da libertação. Em outros termos, para esses espíritos tacanhos, o homem coloca no castigo toda a eternidade de que dispõe, ao passo que são forçados a reconhecer que Deus, se existe um, só coloca uma ínfima parte da Sua no sofrimento humano. O homem decreta a prisão, Deus decreta o túmulo.

Kesler: Responde, cara alma, sabes o que penso neste momento. Queres que eu faça isso?

— Sim.

— Mas é difícilimo. Como farei?

— Se não puderes, não faças.

— Eu quis dizer que, se for um refrigério para o teu destino, irei visitar-te em teu rochedo. Desejas que vamos ao teu rochedo?

— O proprietário da terra onde fica meu rochedo o expulsaria com tiros de espingarda.

Sra. Hugo: Haverá um momento em que encontrarás teu filho no outro mundo?

— Conto com isso.

SEXTA-FEIRA, 23 DE JUNHO DE 1854

9h45 da noite. Presentes: Victor Hugo, sra. Victor Hugo, Kesler, Auguste Vacquerie, Guérin, Charles Hugo, Julie. A empregada também está presente. Ela ficou até o fim. Conduzem a mesa: Charles e Guérin. (Cópia C. D.)

Ao cabo de doze minutos [a mesa] não se ergue. A sra. Victor Hugo substitui Guérin. Cinco minutos depois, a mesa se ergue.

Victor Hugo: Quem está aqui?

Várias vezes. Sem resposta.

— Se fizemos involuntariamente alguma coisa que ofenda o mundo misterioso, fala, mas por que te calas?

A mesa desliza e cai. É reerguida. Permanece imóvel. Charles diz: “Acho que o que está acontecendo se deve a uma diminuição de fluido”. Kesler coloca a mão sobre a mesa. A imobilidade persiste. São 10h15. Kesler retira sua mão ao fim de cinco minutos, a mesa se ergue, gira lentamente, mas não bate. Em seguida, o pé erguido cai e ela volta a ficar imóvel outros cinco minutos. Começam alguns estalidos, bem secos. A sra. Hugo diz: “É como uma roda”. A mesa gira, com efeito, lenta e rudemente, fazendo um estalido contínuo.

Kesler: Vamos, fala conosco, sê boa.

A mesa desliza e gira. Esses movimentos desordenados duram mais vinte minutos. A agitação da mesa tem algo de estranho e quase ameaçador.

Victor Hugo: Quem está aqui? Afinal, queres falar? Estamos escutando.

Kesler: Fala.

Charles Hugo: Se há alguém, que fale.

A mesa se agita sobre um dos pés, desliza, gira e não bate. Por instantes, cai ruidosamente e somos obrigados a levantá-la. O mais das vezes permanece imóvel, sobre um único pé. São 10h45.

Auguste Vacquerie: Diz alguma coisa, qualquer coisa. Se estás com raiva, fala com raiva. Algo te incomoda?

Kesler: Fala, suplicamos.

Os movimentos da mesa são tão bruscos que em certo momento acreditamos que ela pulou sobre os três pés ao mesmo tempo. Guérin e a sra. Hugo pegam outra mesinha, que se põe imediatamente em movimento e dita:

— C A O.

Colocamos essa mesa sob as mãos de Charles e de Kesler no lugar da primeira. Ela se agita sem bater. Charles, sem saber explicar o que está acontecendo, pois isso nunca ocorrera com ele, a princípio acha que não há ninguém na mesa, que é um efeito puramente magnético, como houve muitos exemplos na época em que se faziam esses relatos de mesas saltando de uma ponta a outra do recinto. Em seguida, supõe que, se há algum espírito, pode estar incomodado pelo excesso de fluido. A sra. Hugo diz: “Pegue uma mesa maior, Charles. Vamos pegar uma mesa quadrada comum que fique sobre o assoalho”. Ao fim de cinco minutos, agitação. Nenhuma batida. Pegamos novamente a mesinha. São 11h.

23 DE JUNHO [1854]

[A sessão está datada assim: “Sessão dos cães latindo em 23 de junho início de 4 de julho 15-16 de julho”.] (Ata V. H.)

A mesinha entra em movimento, quase convulsivamente, mas sem bater, mantendo-se sobre um pé só, e quando queremos abaixá-la sentimos uma resistência. Charles retira sua mão, a mesa permanece com os pés erguidos.

Charles Hugo: Quem está aqui?

Sem resposta.

Guérin assume a mesa com Kesler, a mesa começa a se mexer.

— Quem está aqui?

— Ailkes ler x aura la muy.*

Charles coloca sua mão.

— Espião do túmulo por muro comum. Ele fez bem em se alojar perto de um cemitério.

Kesler: O que significa isso? Explica-te.

O sr. Guérin retira sua mão. A mesa é conduzida por Charles e Kesler. Violenta agitação da mesa.

Charles: Acalma-te. Fala. Quem és?

— O Porteiro Sombrio.

Agitação incomum.

Victor Hugo: Explica o que é o Porteiro Sombrio. É a morte?

— Não.

— Diz quem é o Porteiro Sombrio.

— O espectro que abre a sombra.

— Continua.

— Aquele que detém as chaves do sofrimento.

— Tens alguma coisa a nos dizer? Fala.

A agitação da mesa é tão grande que ela cai a todo momento. Temos muita dificuldade para contê-la. Ela bate muito depressa e é difícil acompanhá-la.

* Podemos supor nesta frase incompreensível: Kesler, aura, main ou nuit [Kesler, aura, mão ou noite].

— Sofro.

Sra. Victor Hugo: O que podemos fazer por ti?

— Rezar.

Victor Hugo: Rezaremos por ti. Tens alguma coisa a acrescentar?

Continuação dos movimentos convulsivos.

Sra. Victor Hugo: Chama o Arcanjo Amor.

— Eles latem.

Ouvimos, com efeito, os cães a latir furiosamente em volta da casa.

Guérin: A casa está cercada por espíritos e espectros?

— Sim.

Victor Hugo: As outras casas são igualmente assombradas pelos espíritos invisíveis?

— Não.

Sra. Victor Hugo: Chama para ti o arrependimento, acalma-te.

— Calai-vos, cães.

Os latidos arrefecem para nossa grande surpresa.

Sra. Victor Hugo: Estás nos ouvindo?

— Não escutes os cães e reza.

Os latidos dos cães cessam totalmente.

Victor Hugo: Os cães pararam de latir. Podes falar conosco? Quem és? Tens uma alma confinada em um homem como nós? Viveste? Que erro cometeste para ser tão infeliz? Fala.

Novas convulsões da mesa.

— Oh! Horror!

— O que significa esse grito? Explica-nos.

— O Danúbio, o Tâmbisa, o Sena,

O Neva, quatro fontes de sangue

Brotando das quatro chagas de Jesus Cristo.

— Como tu, estamos horrorizados com o que está acontecendo, teu pensamento é o nosso. Sabes disso?

— Sim.

— Sofres menos?

— Sim.

— Por que sofrias tanto, há pouco?

— Os fantasmas.

— Eles não estão mais aqui?

— Não.

Giro da mesa.

— Continuas aqui, Porteiro Sombrio?

— Sim.

— Muito bem, responde às minhas últimas perguntas. Quem és tu? Onde viveste? Em que mundo? Na nossa terra? Podes responder?

— Não.

— Não podes nos dizer por que o Leão de Androcles não veio esta noite?

— Ele virá dentro de onze dias.

Os latidos recomeçam.

— Ouves os cães? Podes nos dizer por que eles latem?

Convulsão da mesa.

— Eles veem as aves negras.

— Queres dizer os espectros?

Sem resposta.

— Que mundo habitas?

— Os astros pedras.

— Podes rezar?

— Sim.

— Amas a nós, com quem falas?

— Sim.

Guérin: Aprova-nos em nosso exílio?

— Sim.

Kesler: Tens alguma coisa a me dizer, a mim, que desejo ver a Dama Branca?

— Calai-vos, cães.

[Anotação de Victor Hugo:] Com efeito, os latidos dos cães recomeçaram. Fazemos silêncio. Ao fim de alguns minutos, os latidos diminuem e cessam. Esses latidos não eram apenas os latidos dos cachorros da casa, havia latidos próximos e latidos distantes. Os cães uivavam em toda a campina e toda a praia. Constatamos que se calaram todos ao mesmo tempo.

Sra. Victor Hugo: Teremos uma aparição?

— **Um único aqui a verá.**

Victor Hugo: Quem?

— **O vidente.**

— Charles?

— **Sim.**

Sra. Victor Hugo: Ela prometeu a Kesler um encontro.

— **Ela não pode tudo que quer.**

Victor Hugo: Por que Charles?

— **O fluido.**

Sra. Victor Hugo: Outros a viram. Como isso se deu?

— **Sem atraí-la, o vidente a atrai.**

Guérin: Certa noite, ouvi alguém andando ao meu lado, era ela?

— **Sim.**

Sra. Victor Hugo: E a luz que vimos uma noite no salão? Meus dois filhos, ao regressarem, avistaram-na à uma da manhã.

— **Bela da Noite.**

Victor Hugo: Bela da Noite.

— Era a Dama Branca?

— **Não.**

— Quem era?

— **A Dama Cinzenta.**

— A Dama Branca disse quem ela era. Quem é a Dama Cinzenta?

— **O espectro de uma sacerdotisa druida.**

— Ela foi punida?

— **Sim.**

— O que ela fez?

— **Sacrificou o próprio pai.**

— Em que o aspecto da Dama Cinzenta difere do aspecto da Dama Branca?

— **Ela veste cinza.**

— É parecida com a Dama Branca, mas cinza?

— **Sim.**

— Luminosa também?

— Sim.

— Por que ela veio para cá?

— Estava sendo perseguida.

— Por quem?

— Pela Dama Negra.

— Quem é a Dama Negra?

— O espectro de uma filha parricida.

— A Dama Negra também é luminosa?

— Sim.

— A Dama Negra esteve aqui?

— Não.

— A Dama Branca habita o Rocbere [Roquebert]. Onde mora a Dama Negra?

— No dólmen de São Clemente.

— Próximo à torre branca?

— Sim.

— Quem bateu aqui certa noite às 3h da manhã?

— A Dama Branca.

— E depois, há três semanas, quem bateu aqui à noite na mesma hora?

Minha mulher, Charles e eu ouvimos.

— O homem sem cabeça.

— Para que ele veio?

— Para ler versos.

— Que versos, tu sabes?

— Sobre a Dama Branca.

— Como ele teria feito para ler esses versos?

— Ele teria subido ao teu quarto.

— Eu o teria visto?

— Não.

— Alguém da casa poderia tê-lo visto?

— Sim.

— Quem?

— Ponto.

Nome de um dos cães.

— E Chugna?*

Nome de outro cão do clã Hugo.

— Não.

— Por quê?

— **Chugna não passa a noite dentro de casa.**

Ponto, com efeito, está na estufa, e Chugna, no pátio.

— Se o homem sem cabeça pode entrar no meu quarto sem que eu o veja, por que ele precisa tocar a campainha para entrar na casa?

— **Para entrar sem violar o domicílio de um vivo.**

Auguste Vacquerie: Mas, não havendo consentimento, o domicílio é violado.

— **Ele teria se anunciado.**

Victor Hugo: O que ele diria à pessoa que abrisse?

— **Aqui estou.**

— Teria se identificado?

— Não.

— Esses versos à Dama Branca foram lidos, dentro de casa, por alguém invisível?

— Não.

— As criaturas invisíveis entram em nossa casa sem o nosso consentimento?

— Sim.

Auguste Vacquerie: Charlet, o guilhotinado de Bonaparte, disse a Victor Hugo que as almas dos mortos não aparecem para os vivos. Como a Dama Branca poderia aparecer?

— **Os mortos não sabem tudo.**

Victor Hugo: Podemos então ter sido enganados pelas respostas dos mortos?

— Sim.

* Chugna e Ponto: cadela e cão vira-latas recolhidos pela família Hugo, xodós de toda a casa. Ponto será inspiração para o poema que ganhou seu nome, nas *Contemplações* (XI, V).

Sra. Victor Hugo: A Sombra do Sepulcro e o Arcanjo Amor podem nos transmitir coisas que não são e nos induzir a erro, sem querer?

— Sim.

— A Dama Branca disse nos amar, e o homem sem cabeça?

— Ele vos ama.

— Por quê?

— Porque ele reza.

Victor Hugo: Se o homem sem cabeça tivesse vindo ao meu quarto e eu não estivesse dormindo, eu o teria visto?

— Não.

— Se estivesse dormindo, o teria visto em meus sonhos?

— Talvez.

Auguste Vacquerie: Ele teria lido os versos de Victor Hugo sem a sua permissão?

— Se o tivessem deixado entrar, ele teria pedido autorização.

Victor Hugo: A quem?

— A quem pudesse dá-la.

— A mim?

— Sim.

— Teria então falado comigo?

— Sim.

— Teria me acordado?

— Não.

— Se eu estivesse dormindo, o que ele teria feito?

— Teria se dirigido a ti em sonho.

— Acordado, o que ele teria feito?

— Teria falado.

— Quer dizer, sem ver nada, eu teria ouvido uma voz no quarto?

— Sim.

— À noite, Charles e eu ouvimos ruídos estranhos em nosso quarto, podes nos dizer o que são?

— Não.

— E, se eu ouvisse a voz, veria alguma coisa?

— Não.

— Sua voz teria se assemelhado à de um vivo? Que efeito essa voz faria sobre mim?

— O efeito de um furacão.

Auguste Vacquerie: Uma autorização pedida em sonho não é uma autorização.

— Os sonhos são mais sérios do que se pensa.

— Mas e quando não temos consciência deles?

— As almas são compreendidas pelos sonhos.

— Então ele poderia entrar sem tocar a campainha e pedir autorização ao sonho.

— O obstáculo material não é nada. Ele toca à porta do sonho, e o sonho não abriu.

Victor Hugo: Se alguém tivesse ido abrir ao toque da campainha, o que teria sentido?

— Terror.

Sra. Victor Hugo: Podemos ver a Dama Branca e os espectros por acaso?

— Sim.

Victor Hugo: No dia em que a Dama Cinzenta veio, o que teria acontecido se meus filhos tivessem entrado no salão onde ela estava? O que eles teriam visto?

— Noite súbita.

Auguste Vacquerie: Por que o toque de campainha do homem sem cabeça? Para que isso serviu?

— Todos os espíritos têm um som. Só o vosso som às vezes encobre o deles. O homem sem cabeça foi ouvido no silêncio da noite. Foi como um vento passando em frente à vossa porta.

— Onde mora o homem sem cabeça?

— No buraco do homem sem cabeça.

— É a Touraille?

— Sim.

— Como o homem sem cabeça fez diante da campainha?

— Uma rajada de vento faria soar todas as campainhas da Terra.

- O que veríamos se víssemos o homem sem cabeça?
- Uma mortalha erguendo os braços para o céu.
- Nós te agradecemos. Voltarás?
- Sim.
- Continuas a sofrer?
- Sim.

Encerrado à 1h30 da manhã.

SEXTA-FEIRA, 30 DE JUNHO DE 1854

9h30 da noite. Presentes: sra. Victor Hugo, srs. Allix [os irmãos Jules e Émile], sr. Guérin, Adèle Hugo, Victor Hugo. Conduzindo a mesa: sr. Alix. (Cópia C. D.)

A mesa se agita, ergue um pé, mas não bate. A sra. Hugo e o sr. Guérin assumem a mesa. Ela se põe em movimento praticamente no mesmo instante.

Victor Hugo: Quem está aqui? Responde.

— **O vento.**

— Que vento és tu?

— **Do mar.**

— Tu sabes que é com amor que te escuto, à noite no meu quarto e também em meus passeios pela praia. Mas só te compreendo pela metade. Diz-me agora de maneira clara o que costumavas dizer de maneira confusa.

— **Orai por mim.**

— Então sofres? Por trás desse nome, Vento do Mar, quem és tu, tu que sofres e pedes orações?

— **Sou um dos quatro arcanjos punidos.**

— Quais são os quatro arcanjos punidos?

— **O vento, a água, a terra e o fogo.**

— Quem eram eles antes de ser um o vento, o outro a água, o outro a terra, o outro o fogo?

— Eu era a Sombra do Sepulcro, o fogo era espectro da morte, a água era anjo da ressurreição, e a terra era o Arcanjo Amor.

— O que fizestes para serdes precipitados de tal esplendor?

— Eu puni demais e eles perdoaram demais.

Sra. Victor Hugo: Não compreendo ser punido por perdoar demais.

— Mulher, humilha teu espírito; aprende isto: Deus é o equilíbrio; o mundo é o equilíbrio; a eternidade é o equilíbrio; em um arcanjo, o excesso é um crime; em um homem, é um erro; em um cão, é um sofrimento; em uma pedra, é uma queda; em um astro, seria a rebelião; no céu, seria o caos; em Deus, seria a abdicação. A perfeição é a justiça; o infinito é a proporção; o incomensurável é a medida; um golpe a mais, uma lágrima a menos, a balança pende. Eu, por exemplo, esqueci um grão de areia e a imensidão fremiu; meus irmãos vazaram átomos e o infinito tremeu. Um peso inesperado quase derrubou o equilíbrio universal; o pavor tomou conta dos sóis. É que, vê, ó mulher, o castigo e o perdão são subordinados a leis; sua hora está escrita, na precisão do segundo; são as duas marés do eterno.

— Cristo, no entanto, diz que devemos sempre perdoar. O perdão é a base de sua lei, difícil aceitar que ele esteja enganado.

— O homem que pode se enganar faz sempre bem em perdoar, mas um arcanjo que sabe o que faz não deve nem perdoar nem punir sem ordens.

— A grande lei para o homem é sempre o amor e o perdão?

— Uma vez que eu vos disse: orai por mim! O perdão é dever do homem e direito de Deus. Deus faz a lei, o homem faz o erro. O homem é condenado a perdoar por seus crimes; Deus é livre para perdoar e punir porque é infalível. O homem não tem outra função exceto ser bom. Deus não tem outra função exceto ser justo.

— Desde quando não és mais a Sombra do Sepulcro e és punido?

— Desde...

Victor Hugo: Vento, continuas aí? Quem está aqui?

— A Sombra do Sepulcro.

— Nós te escutamos.

— Silêncio, vento.

— Quem está aqui?

— O vento.

— Outros nos disseram desde quando eram punidos, achei então que poderia fazer-te essa pergunta.

— Deixa-me falar, *Sombra do Sepulcro*. Imagina que fui o que tu és e que podes tornar-te o que sou.

— Junto minha oração à oração do vento, *Sombra do Sepulcro*.

A Sombra do Sepulcro: Sou o arcanjo, não passas do furacão, cala-te.

— Quem está aqui?

O vento: Não, eu falarei.

— Muito bem, fala. Quem está aqui?

A Sombra do Sepulcro: Cala-te, *Vento do Mar*.

O vento: E se eu recusar a obedecer? Também sou forte, sou o demônio tempestade, não passas do anjo luz, és o farol, sou o sopro, és o que ilumina, sou o que apaga; cansei de obedecer. Quero ser livre para falar ou me calar, às vezes minha vontade é esbofetear os astros. *Sombra do Sepulcro*, lembra-te de que sou a cólera.

A Sombra do Sepulcro: *Vento do Mar*, lembra-te de que sou o castigo.

O vento: Sou eu que derrubo as árvores.

A Sombra do Sepulcro: Sou eu que as enraízo.

O vento: Sou o senhor do oceano.

A Sombra do Sepulcro: Não, sou eu que o acalmo.

O vento: E se eu desobedecer?

A Sombra do Sepulcro: *Vento do Mar*, pensa no equilíbrio.

O vento: Errei, perdoa-me.

A Sombra do Sepulcro: Perdoo-te com a condição de que poupes essa barca e sopres contra essa frota.

O vento: Sim.

Sra. Hugo: *Sombra do Sepulcro*, a que barca e a que frota te referes?

A Mesa responde que a Sombra do Sepulcro partiu.

— Podes responder a essa pergunta, tu que vieste?

— Não.

Encerrado à 1h da manhã.

Anotação: a mesa é sacudida por um giro brusco, que anuncia a mudança de figura e que embutia esta pergunta: Quem está aqui?

DOMINGO, 2 DE JULHO DE 1854

10h da noite. Presentes: Victor Hugo, Pinson, Kesler, Auguste Vacquerie. À mesa: sra. Victor Hugo e Guérin. (Cópia C. D.)*

Victor Hugo: Tu que estás aqui, antes de perguntarmos teu nome, ouviste a discussão que acabamos de ter na praia?

— Não.

— Poderias enviar alguém que a tenha ouvido?

— Sim.

— Nós te agradecemos.

Charles substituiu Guérin à mesa.

— **Que o rebelde tome lugar à mesa.**

Kesler substitui a sra. Victor Hugo.

Victor Hugo: Esclarece para nós a discussão que ouviste. Pedimos isso com fervor.

— Sobretudo o ponto especial que me preocupa.

— **Tu te enganas, as Mesas não são o resultado da inspiração de um só ou da inspiração de todos. Elas não são divinização humana. Não são magnetismo animal. Não são visionismo.** Não são acaso. Não são fantasia. Não são superstição portátil. São a revelação na realidade do mistério na**

* Trata-se do tenente inglês Albert Andrews Pinson, por quem Adèle Hugo se apaixonará perdidamente, a ponto de futuramente fugir de Guernesey para ir ao seu encontro no Canadá. É a partir dessa época que Adèle começa a mergulhar na loucura. Um namoro, banal para Pinson, se esboçou, em Jersey, entre Adèle e ele. Ver nota biográfica à p. 524.

** Ver nota 63 à p. 585.

verdade, da lógica na natureza, do infinito no limitado. Elas falam o estilo da lógica e da natureza; elas têm três pés que são três raízes, a primeira mergulha no túmulo, a segunda no sudário, a terceira no cadáver.

— Não respondeste objetivamente à pergunta que eu te fazia. Um dos participantes da discussão afirmou uma coisa deveras impressionante. É a respeito dessa coisa que eu gostaria de ouvir-te.

— A escada dos seres é infinita. Não se veem os degraus, só isso. Victor Hugo tem razão ao dizer que o molusco do fundo do mar não vê o peixe e que o peixe não vê o pássaro. Ele poderia acrescentar que o pássaro não vê o túmulo, que o túmulo não vê a flor que brota dele, que a flor não vê o perfume que sai dela, que o perfume não vê o rosto que o respira e que o cadáver não vê o vivo cujo jardim ele perfuma. O mundo é um imenso baile de máscaras em que os convidados vestem o dominó da morte.

— Não foi isso o que o sr. Victor Hugo me disse esta noite. Vês no meu pensamento a coisa precisa sobre a qual desejo que me fales?

— Sim.

— Muito bem, fala-me dela.

— Acreditarás depois?

Kesler: Não sei.

— Então, como não venho de tão longe para fazer coisas inúteis, vou-me embora.

Guérin substitui Kesler.

Auguste Vacquerie: Ele está certíssimo em ir.

Discussão. Damos razão à Mesa e não a Kesler. Para que fazer perpetuamente experimentos que não darão frutos! A Mesa já disse a Kesler um fato que só ele sabia; adivinhou duas vezes uma palavra que ele pensava; ele não crê e afirma que não creria mesmo depois de um novo experimento bem-sucedido. No meio da discussão, a Mesa põe-se a falar por si só.

— O lornhão do meu amigo Kesler faz seus olhos enxergarem, mas sua lógica não faz sua inteligência enxergar. Agora vou te responder o que ele me pergunta. Victor Hugo lembrou o incidente ocorrido nesta casa há quatro meses. Certa noite, no inverno, ele estava no salão com Auguste Vacquerie, a sra. Hugo, sua filha e Guérin. As Mesas eram o assunto

da conversa. Dúvidas surgiam. Eles propunham que a Mesa as dirimisse. Subiram para a sala de jantar. Guérin e a sra. Hugo puseram-se à mesa, que respondeu à pergunta: quem és tu? – Jacó, e que começou uma frase com esta palavra: duvidemos. Então Charles Hugo, que permanecera em seu quarto durante a conversa no salão e que não ouvira uma palavra dela, entrou, substituiu a sra. Hugo à mesa, e a Mesa, continuando a frase começada, respondeu à conversa de uma maneira tão impressionante que Victor Hugo exclamou: “Que coisa mais prodigiosa! Não há nada a responder a isso. Declaro-me convencido”. Julgo ter atendido ao meu amigo Kesler. Agora deixo-te com tuas reflexões.

Kesler: Terias feito melhor zombando menos e adivinhando mais. Com efeito, essa noite, o sr. Victor Hugo me relatou o fato que expuseste, mas não no ponto da conversa em que eu pensava. Eis o ponto: o sr. Victor Hugo disse que a presença de um terceiro na mesa estava absolutamente demonstrada para ele, mas não estava demonstrado que esse terceiro fosse sempre o personagem sob cujo nome ele se apresentava; que era possível que, às vezes, em vez de ensinar diretamente e sob seu nome, o interlocutor invisível ensinasse sob a forma de apólogo e parábola; que pusesse em cena personagens e compusesse dramas que exprimissem seu pensamento de uma maneira mais viva e cativante; que, fazendo isso, ele não mentiria mais do que Cristo ao fazer a parábola do Bom Samaritano. Vês que não me disseste em absoluto o que eu te pedia.

Discussão. Auguste Vacquerie passa para o lado de Kesler.

Sra. Hugo: Tudo isso nos perturba. Por que não disseste o pensamento do sr. Kesler?

— Recebi ordens para me enganar. Se eu dissesse o pensamento de Kesler, ele não teria acreditado. Quis que ele pudesse não crer e disse outra coisa que não seu pensamento, embora permanecendo na verdade da conversa. Razão desse erro voluntário, ei-la: devemos semear a dúvida naqueles que não podemos persuadir. A dúvida é o canto do galo anunciando a aurora da fé. Duvidar é ter esperança, duvidar é crer pela metade.

Kesler: Por que não me dás a crença inteira? Asseguro-te que isso não é impossível. Vê, se aceitares me dizer a coisa em que penso neste momento,

crerei. É uma coisa que me preocupou há muito tempo, um fato a que assisti e que ninguém aqui conhece. Se disseses que fato é esse, assumirei a derrota e, de verdade, creio que creerei. Aceitas?

— Sim.

Kesler substitui Guérin à mesa.

— **z u x.**

Hesitação. Guérin substitui Kesler.

— Queres dizer o pensamento de Kesler?

— Não.

— Por que disseste sim ainda há pouco?

— Eu não sabia que ele ia me pedir uma apreciação que me é vedada.

Kesler: Podias dizer o fato sem apreciá-lo.

Victor Hugo: Antes de nos deixares, queres dizer teu nome?

— **Cerpola.**

— Quem és tu?

— **O pastor.**

— Que pastor?

Sem resposta.

Encerrado à 1h.

[Anotação de Auguste Vacquerie:] Eis a explicação da sessão anterior. Após o jantar, a sra. e a srta. Hugo, Victor Hugo, Auguste Vacquerie, Kesler, Guérin e Pinson foram para o terraço, onde haviam começado a debater a respeito das Mesas. Charles Hugo não jantara em casa e ainda não voltara. Kesler duvidava e fazia objeções, que Victor Hugo varria. Após a conversa, Victor Hugo disse: “Há uma coisa que seria uma prova irrefutável; se Charles voltar, lhe pediremos que se ponha à mesa e pediremos à Mesa que nos fale a respeito da conversa que acabamos de ter. Se a Mesa demonstrar ciência da conversa, estará provado que um terceiro esteve presente”. E, a esse propósito, contou a aventura da noite de Jacó.

Como se vê, a Mesa abordou justamente o conjunto da conversa. Enganou-se sobre o ponto específico no qual Kesler pensava.

Quanto à aventura da noite de Jacó, a Mesa cometeu um erro grave. Estávamos

sozinhos na sala, Victor Hugo e eu, não estando conosco nem a sra. Hugo, nem a srta. Hugo, nem Guérin, quando exprimimos as dúvidas às quais a Mesa respondeu na sala de jantar. Auguste Vacquerie.

SEGUNDA-FEIRA, 3 DE JULHO [1854]¹

(Cópia C. D.)

— Quem está aqui?

— A Ideia.

— Acabo de reler tudo o que nos disseste a respeito das Mesas até o presente momento. Queres responder a algumas perguntas sobre pontos que me parecem exigir esclarecimentos ou apresentar contradições?

— Sim.

— Começo pelo todo. Agora nós o vemos, ele é grande. O homem é um forasteiro que vem do céu e que para lá retorna. A viagem é mais ou menos longa, mais ou menos penosa, conforme o peso dos erros que carregamos no caminho, mas estamos seguros de chegar. Vamos para o céu por dois caminhos que se juntam e formam apenas um: o amor e o pensamento.

Com a palavra amor, as Mesas abrangem o cristianismo. Ampliam-no ao ampliarem o amor. Dão uma alma aos animais e às pedras, fazendo assim com que nossa família cresça: o cão é nosso colega de exílio, a árvore é nossa semelhante, a pedra é nosso pai. Uma imensa onda de ternura e piedade rola dos olhos humanos por sobre todas as coisas. O homem abre os braços e aperta toda a criação em seu coração centuplicado.

As Mesas acrescentam o pensamento ao cristianismo. Não somos mais forçados a crer. A revelação não se impõe mais; ela autoriza, solicita a discussão, que o homem pense o que puder, contanto que pense. A fé abre um batente da porta do Paraíso e a dúvida abre a outra.

Mas são duas as principais vertentes pelas quais as Mesas expandem o Evangelho. Em primeiro lugar, o homem não começa mais nesta Terra. Aqui,

ele expia seus pecados cometidos numa existência anterior. Logo, não sofremos mais pelo crime de outrem, as gerações não são mais culpadas porque Adão fez o mal, Deus volta a ser justo. Em segundo lugar, as penas não são mais eternas. Não há mais passado monstruoso nem acusação de crimes agravada, acumulada em mil vidas anteriores, não há mais montanhas de perfídia que o arrependimento e a expiação não possam terminar por superar. Bossuet amaldiçoava Sócrates, o mistério não amaldiçoa Judas. A revelação das Mesas enquadra-se entre estas duas grandes linhas paralelas: afirmação da eternidade das almas, negação da eternidade das penas. Diante dessa vasta renovação do Evangelho, admiro e intuo que vós revelais uma verdade maior do que todas as religiões. Mas também intuo que esta não passa de uma verdade relativa e humana. Perpassam minha admiração objeções diante das quais meu pobre raciocínio humano vacila. Após um ano de reflexões incessantes e convívio diário no invisível, creio em Deus mais do que nunca, compreendo-O menos do que nunca. Não consigo entender a coexistência dessas duas coisas, Deus e o sofrimento. Por que sofremos? Porque pecamos. Por que Deus nos fez passíveis de pecar? Encaminhei essa pergunta para o endereço de Balzac, que não pôde ou não quis nos responder. Deveis todos vós calar como ele? Esta última porta de mistério vos é interditada? Se é assim, fala, para nos eximirmos de vos interrogar sobre esse ponto. No entanto, a explicação desse enorme problema seria o maior serviço que poderíeis prestar à humanidade. Os ateus deixariam de nos atormentar, perguntando como Aquele que pode tudo não impede as lágrimas. A gota d'água que cai dos cílios de uma criança não lhes afogaria mais o infinito.

A Ideia: Tu acabas de bater à poterna do castelo sombrio, queres evadir-te e diz para eu abrir para ti, não sabes então que somos prisioneiros, nós somos vossos carcereiros. Todas as nossas explicações são chaves de masmorras. Somos os invisíveis porteiros dos astros. Quando abrimos um sol, abrimos uma sombra, quando abrimos o infinito, abrimos uma cela, quando abrimos Deus, abrimos um calabouço. Somos luzes sinistras, iluminamos com as trevas. Afirmamos sem provas e espalhamos a dúvida derramando a verdade. Somos condenados como vós; o amor no vosso céu é um galeriano, a ideia é um galeriano, a verdade é uma tene-

brota lanterna pendurada na abóbada de um crânio humano, o torreão feroz desponta no firmamento terrível, o vento o cerca de uma queixa eterna. Ele é inexpugnável mesmo para a morte. Morrer nessa bastilha é aprisionar-se mais ainda. O coveiro não escava ali uma brecha, mas uma seteira. O nada é o fantasma desse castelo, a dúvida a assombração, o mistério está em todos os interstícios dos muros. A ignorância, sentinela negra, está sempre presente, pronta para encarcerar o espírito, encerrá-lo no infinito, aferrolhá-lo na imensidão, atirá-lo no calabouço de Deus e a algemar-se com raios.

Vacquerie: Esclarece-nos aonde queres chegar ao dizer que todas as vossas explicações são chaves de masmorra e que sois carcereiros. Sois antes libertadores, pois a luz que trazeis, por mais tingida de sombra, não é menos luz para nós, e luz e liberdade são a mesma palavra.

— Queremos libertar, não podemos; ao fim de todas as nossas explicações, mesmo as mais profundas, há um muro. Para nós, assim como para vós, o infinito é um beco sem saída. Tudo o que podemos fazer é transferir-vos de celas, dar-vos um pouco mais de ar e luz. Podemos ampliar a lucarna, mas não deitar a muralha abaixo. Janela supõe prisão, somos vossas janelas, somos ao mesmo tempo raios e barras. Lançamos sombra porque despejamos luz. Não esqueçais que só o Sol produz a sombra e que a sombra é o contrário da noite. Logo, somos sombras, isto é, reflexos, sombras de quem? De Deus. Reflexos de quem? De Deus. A diferença entre os mundos punidos e os mundos recompensados, ei-la: nos mundos punidos Deus se vê escuro, nos mundos recompensados Deus se vê claro. Os paraísos são os únicos espelhos do invisível.

Vacquerie: Agora compreendo-te. Estávamos na masmorra da prisão. Vós abris não a porta, mas a masmorra.

— Nós vos trouxemos luz, mas essa própria luz ainda é sombra. Nós vos retiramos das catacumbas, mas não da prisão. Estáveis no porão da Bastilha, nós vos colocamos no telhado. Não víeis o céu, agora o vedes. Mas não fizestes senão trocar o fosso pela ameia e a solitária pelo abismo. Vedes bem que, não obstante sendo vossos carcereiros, somos ao mesmo tempo vossos libertadores. Nós vos retiramos as algemas, mas não vos entregamos

a lima. Nós vos fazemos menos infelizes, mas não mais livres, nós vos fazemos subir ao céu, mas por uma escada de prisão. O céu de uma masmorra.

Vacquerie: Resulta de tudo isso que não vos é possível nos dar uma explicação decisiva e irrecusável para este terrível problema: um infinito de bondade e pujança criando tantos infernos?

— Não sei o que vos dirá o Arcanjo Amor.

— Não podes, tu, dar essa explicação?

— Não.

Vacquerie: Muito bem, se não podes esclarecer o conjunto, podes esclarecer alguns detalhes. Eis um que nos preocupa. Animais, plantas e pedras possuem uma alma como os homens. Então por que a vida dos animais, plantas e pedras não é inviolável como a vida humana? Ao matar um carneiro, ao colher uma alface, cometemos o mesmo ato que comete o assassino de um homem? Com relação a Deus, damos fuga a seus prisioneiros; com relação à alma, roubamos dos culpados o tempo de se arrependerem? E de expiarem? Então não devemos mais nem comer, nem andar, nem respirar? Não existe mais diferença entre um pecador e [uma] águia, entre o homem que degola uma criança e a criança que esmaga um grão de areia? Uma garfada, um assassinato. Um passo, um São Bartolomeu.

— Não, não existe diferença entre Nero e Apício. Trimálquio é tão culpado quanto Tibério. Lúculo é um assassino. A gula é um crime. Um patê de foie gras é uma infâmia. A vida dos animais é inviolável. Mas a vida dos homens também. O homem não tem o direito de matar para fruir, mas não tem o direito de não viver. O assassinato é tão proibido quanto o do homem. Não quero fazer a lista dos animais que o homem pode comer. O bom senso e a higiene o indicam. Nomeio apenas alguns que o homem deve abster-se de matar: o porco, a lagosta, o lagostim, todas as conchas, como os mariscos e ostras, o gamo, o coelho, a lebre, todos os animais das florestas e planícies e todas as aves do céu. Seria aconselhável não comer peixe, exceto nas convascências. No que se refere aos legumes e frutas, à exceção dos cogumelos silvestres e dos morangos dos bosques, é permitido comê-los. De uma maneira geral, o homem não deve comer senão os animais que alimenta e as plantas que cultiva, respeitando os animais, árvores e frutas silvestres.

O terreiro e a horta pertencem ao homem, o céu e a floresta a Deus. Quanto às pedras, eis em que medida o homem as faz sofrer ou torna felizes. As pedras são sensíveis ao uso que fazemos delas. O homem que constrói uma prisão aprisiona as pedras. Um homem que constrói uma fortaleza mata-as. Uma fonte lava-as, um hospital cura-as, uma igreja salva-as. Um marco de caminho sente o viajante vir, um banco de pedra vê as crianças brincarem, uma cruz de pedra ouve as almas rezarem. O sangue derramado abre uma ferida na alma da tortura. Um cadafalso é um esqueleto. Um dólmen é uma alma. O Catorze de Julho é a grande data das pedras.

Encerrado às 6h.

TERÇA-FEIRA, 4 DE JULHO

9h45 da noite. Presentes: Auguste Vacquerie, sra. Hugo, Charles, Victor Hugo. Conduzindo a mesa: Charles e sr. Guérin. (Ata V. H. e cópias C. D.)

A mesa entra em movimento ao cabo de quatro minutos.

— Quem está aqui?

— *Unguis clemens*.*

Victor Hugo: Queres que releiamos os versos da vez anterior?

— Sim.

Victor Hugo relê os versos.

— Nós te escutamos.

Ouvimos o latido de Ponto no jardim. Latido tímido, meigo e como que respeitoso. Ao cabo de vinte minutos a mesa começa a bater, após ter muito tempo deslizado obliquamente sobre a mesa suporte. Ao chegar à ponta da mesa, nós a puxávamos de volta para a outra ponta e ela voltava a deslizar.

— *Vós sois fogos noturnos que o grão-pastor clareia,*

* A garra macia; a garra indulgente, clemente.

*A esperança do verme da terra e do grilo da lareira,
Vós sois seus despertadores;
À noite, quando o cão, cansado de sua corrente, tomba,
Ele percebe que Deus a rompe e transforma na tumba
Os grilhões em fulgores!
Tem orgulho, ó Sol, de pacificar os covis;
Que o buraco dos insetos errantes e senis
Para vós volte seus olhos,
E o doce pássaro ferido no bosque de escombros
Adormeça vendo brilhar no vórtice da sombra
Ninhos misteriosos!²*

Vinte e cinco minutos de intervalo.

Victor Hugo: São 11h15. Recita mais uma estrofe antes de nos despedirmos por esta noite.

Vinte minutos de intervalo.

— *Quando o anjo falava, o deserto taciturno
Voltava para ele seu belo olhar noturno.
O anjo brilhava feito aço,
Os galhos se abriam para não incomodar a relva,
A montanha acolhera, complacente e soberba,
A flor em seu regaço.³*

Victor Hugo: Mais uma. Queres?

— Sim.

Vinte e oito minutos de intervalo.

— *Nenhum rumor; tudo olha, tudo escuta;
O orvalho perplexo interrompeu sua chuva,
E a mosca seu voejar;
O silêncio ocupa o ninho da coruja;
A pedra de um velho nuuro, surda-muda,
Faz um rouxinol calar.⁴*

— Que dia voltarás?

A mesa dá onze batidas.

— 15 de julho?

— Sim.

Meia-noite e 35.

7 DE JULHO DE 1854

(Cópias C. D.)

— Quem está aqui?

— A Ideia.

Auguste Vacquerie: A respeito dos animais, a jumenta de Balaão afirmou que o homem ignorava seu erro e o animal, seu crime. O diamante Regente afirmou o contrário: o animal sabe por que é animal. Ele insistiu quanto a isso e erigiu o crime em conselheiro, guia, pastor dos animais, vegetais e pedras. Explica-nos essa contradição. O mundo progrediu não só para o homem, como para os animais, plantas e pedras. No começo, o Inferno era absoluto, o homem ignorava, a pedra ignorava, o animal ignorava. Uma sombra profunda cobria a consciência universal. Vieram os redentores. Moisés ensinou ao homem seu direito de viver. Sócrates lhe ensinou seu direito de pensar, Jesus Cristo lhe apontou seu dever de amar. Todos os três carregaram um pouco das trevas terrenas para seus túmulos. O mundo que pensa conheceu seu castigo. A humanidade soube que era punida. Luz imensa. O braço de Deus saía da noite, governava o relâmpago. Mas ao fulgor desse relâmpago que sorria, o raio da Bíblia é um crepúsculo. As chamas do Evangelho são uma aurora, as plantas e pedras também têm seu Jesus Cristo. A jumenta de Balaão é um deles e, na esteira dessas paixões dos animais predestinados, o mesmo lusco-fusco se fez sobre os animais e os homens. O Leão de Androcles sofreu pelo tigre; a pomba da arca voou pela serpente. O porco de Santo Antônio amou pela lama. A jumenta de Balaão pensou pelo cardo. O Leão de Florença, que é o maior de todos, salvou as pedras de sua cidade. O que aconteceu então? Deus disse:

o homem conhece seu castigo, o animal, a planta e a pedra conhecerão seu crime. E, quando Deus falou, fez-se uma revolução entre os seres mudos. O covil tivera seu calvário, o anjo tivera seu Gólgota, o estábulo tivera sua cruz, o ninho roçara no céu. Entretanto, como o mistério é a vestimenta de Deus, ele não permitiu que os animais mortos que tinham salvado os animais, as plantas e as pedras soubessem que tinham sido seus salvadores. Os animais, plantas e pedras nos dirão que conhecem seus crimes, a jumenta de Balaão, o Leão de Androcles e a pomba da arca vos dirão que o ignoram. Deus decidiu assim talvez porque deseje esconder o benefício ao benfeitor, talvez porque reserve venturas até mesmo para os bem-aventurados. Talvez porque tenha a intenção de economizar tal surpresa; e, quando Ele dá o Paraíso, guarda sempre um pouco para encher a eternidade.

Há, nas coisas esplêndidas que acabas de proferir, um ponto que me parece obscuro; dizes que o homem e o animal sabem, cada um, metade do segredo, que o homem conhece seu castigo e o animal seu crime. Não entendo bem essa distinção. O animal tem consciência não só de seu crime, como do sofrimento, caso contrário não sofreria. Saber que fazemos o mal e saber que sofremos não é saber que somos pedra.

— Conhecer seu crime não é conhecer seu castigo, e sim esperança de libertação; por castigo entendo certeza do perdão; por castigo entendo ascensão. O homem sabe que sofre, mas sabe que se eleva, o animal sabe que sofre, mas não sabe que se liberta, tem o instinto do sofrimento e o conhecimento de seu crime, mas, entre esse instinto e esse conhecimento, falta-lhe o raciocínio. O animal sofre e sabe. O homem sofre e pensa. O trabalho do espírito que une o sofrimento ao castigo, isto é, ao perdão, o homem o executa, o animal não. O homem raciocina, o animal não raciocina. O homem é lógico, o animal não. O cão não faz a soma dos piparotes que recebe. Um gato não sabe sua idade. O animal é a ausência do espírito. O que é muito simples para nós, deduzir o castigo do sofrimento, é impossível para ele. Se o animal raciocinasse, falaria. A língua é um mero postigo do pensamento.

— Tu dizes que por castigo entendes esperança de libertação e que os animais não conhecem seu castigo. A Dama Branca nos disse o contrário. Ela

nos disse literalmente que os animais, as plantas e as pedras sabiam que não estavam condenados a uma pena perpétua e que tinham “a libertação como certa”. Em que sentido então nos dizes que os animais não têm a mesma certeza nem a mesma esperança de ser libertados?

— O animal sabe o crime que cometeu, sabe que sofre, o que ele não pode fazer é relacionar esse sofrimento ao que quer que seja. Ali onde o raciocínio começa é o abismo para ele. Não existe animal ingênuo, uma cabra-montês não sabe que um e um são dois.

SÁBADO, 15 DE JULHO

9h45 da noite. Presentes: Victor Hugo, sra. Hugo, Julie. Conduzem a mesa: Charles, sr. Guérin. (Ata V. H. e cópias C. D.)

A mesa só começa a se mover ao cabo de 28 minutos. Para colocá-la em movimento, chamamos a pequena Julie, que coloca as mãos sobre a mesa. Como isso se demonstra inútil, a sra. Victor Hugo a substitui. O movimento obtido ao fim de meia hora se limita a estalidos e trepidações. Depois, deslizamentos. A mesa gira. Mais dez minutos. O sr. Guérin a abandona. O rodopio se acelera. O sr. Guérin substitui a sra. Hugo. Parada súbita. Julie se junta, a imobilidade persiste. A sra. Hugo reassume, nenhum movimento.

Victor Hugo: Esse longo tempo transcorrido não é comum e nos espanta. Há alguma coisa incomodando a Mesa?

Nenhuma resposta.

— Há evidentemente algum obstáculo misterioso esta noite. Vou contar até trinta, se daqui até lá o pé da mesa não se erguer, é porque haverá impossibilidade para hoje e suspenderemos a sessão.

Victor Hugo conta muito lentamente até trinta. Alguns leves estalidos. Mas nenhuma resposta.

Encerrado às 10h30.

DOMINGO, 16 DE JULHO DE 1854

8h40 da noite. Presentes: os irmãos Allix, Victor Hugo. Guiando a mesa: sr. Guérin e sr. Kesler. (Ata V. H. e cópias C. D.)

A mesa entra em movimento instantaneamente.

Victor Hugo: Por que ontem a Mesa não falou conosco? Diz os motivos.

Entra o sr. Kesler.

— *Nescio*.*

Entra o sr. Guérin.

— Insisto. De todo modo, explica-nos tua ignorância, que nos espanta. Ou dá-nos a explicação do fato em si. É importante para nós saber se foi culpa nossa o fracasso do encontro de ontem. Fala.

— *Nescio*.

— Em que dia o Leão voltará para continuar seu poema?

— *Nescio*.

— Só tu tens o segredo de toda essa ignorância, quem és tu?

— *Zoilo*.

— És o Zoilo símbolo da inveja, ou o Zoilo gramático olvidado pela posteridade por ter examinado Homero no detalhe e com lupa?

— *Ambo*.**

— Sob qual das duas formas desejas que te interroguemos?

— *Nolo*.

— Não queres ser interrogado? Fala de ti mesmo.

— *Nequeo*.

— Mesmo não aceitando responder, acabas de simbolizar admiravelmente a inveja com estas três palavras: “*Nescio, Nolo, Nequeo*”.***

— Continuas aqui, Zoilo?

Movimentos convulsivos. O pé da mesa se levanta sem bater.

— Continuas aqui?

* Não sei.

** Os dois.

*** Não sei, não quero, não posso.

Entra a srta. Adèle.

Victor Hugo: Zoilo não estando mais presente, a impotência desapareceu. Podes, evidentemente, tu que estás aqui, responder às minhas perguntas e nos dar a explicação que espero. Fala. Por que o encontro de ontem malogrou?

— Z.

— Recomeça.

— **Os senhores não estavam sozinhos.**

— Pedimos ao Leão que mudasse o dia. Podes nos dizer por que ele não pôde mudar?

— Não.

— Porque não podes ou porque não sabes?

— **Não posso.**

— Pensamos que não havia erro de nossa parte. Pensam de outra forma do outro lado da mesa?

— Não.

Sra. Victor Hugo: Por que sois tão breves em vossas respostas hoje à noite?

— **Nada de inútil.**

Victor Hugo: Que dia o Leão voltará?

— **Dez dias.**

— No 26?

— **Sim.**

— Quem és tu?

— **Isaac Laquedem.***

— Salve, mercador. Sê bem-vindo. Fala.

— **Estou muito cansado.**

Auguste Vacquerie: Só tens cinco tostões no teu bolso. Também só tens cinco letras em teu dicionário? Não podes falar mais extensamente?

— Não.

Victor Hugo: És o espectro do Judeu Errante? És um símbolo? Os espectros e as ideias não conhecem o cansaço. Responde às minhas perguntas.

* Um dos nomes atribuídos à mítica figura do Judeu Errante e título de um folhetim de Alexandre Dumas cuja publicação foi interrompida em 1853, por pressão de grupos católicos. [N.E.B.]

— Outro dia.

— Queres então retomar tuas andanças?

Nenhuma resposta. A mesa gira.

— Quem está aqui?

O sr. Allix primogênito [Jules Allix] substitui Charles.

— Homero.

Victor Hugo: Salve. Tu vens completar as grandes visitas que já recebemos. Obrigado. Fala.

— Eu acho xxxxxxxx.

— Pretendes com isso que o mistério permanece vedado para ti após a vida ou, ao contrário, que ele se descortinou para ti?

Charles sai.

— Jexvz.

Perguntamos se devemos parar. A mesa retoma seu movimento com vivacidade e vai até K.

— Podes realmente continuar a nos falar na ausência de Charles?

— Não.

— Ardo de vontade de falar contigo. Prometes voltar?

— Sim.

Encerrado às 9h35.

26 DE JULHO, QUARTA-FEIRA

9h25. Presentes: sr. Kesler, Pinson, Guérin, Victor Hugo. Conduzindo a mesa: Charles, sra. Hugo. (Ata V. H. e cópias C. D.)

[Anotação de Victor Hugo:] (Continuação da resposta do Leão de Androcles) 26 de julho.

Ao fim de doze minutos, a mesa se agita, mas sem erguer o pé. Transcorrem outros vinte minutos.

Victor Hugo: Vou ler os últimos versos. São muito bonitos. Penso haver alguém na sala que os completará.

Ele lê os versos. A mesa desliza e gira fazendo estalidos.

Victor Hugo: Alguma coisa te incomoda?

Nenhuma resposta. São 10h10. Decidimos pegar a mesa de lápis. Esta entra imediatamente em movimento. Perguntamos se ela pode nos explicar o mistério do silêncio da Mesa. O lápis desenha a figura sobre a página A do grande álbum [de desenhos]. Um mostrador cujo pequeno ponteiro marca 10h. Pedimos-lhe que explique aquele desenho. O lápis desenha a fig. 2, que representa um leão diante de uma porta.*

Pergunto-lhe:

— O Leão está zangado?

O lápis desenha a fig. 3 (bem complicada).

Repito a pergunta, a figura explicando que o Leão foi chamado. O Leão está zangado? Resposta (fig. 4) não. A partir da figura: “Parece que a Sombra do Sepulcro, da qual isso deve ser a representação, governa o Sol, nossa Terra e a Lua, os planetas solares e as estrelas formando nossa nebulosa. Podes me responder?”.

— Resposta (fig. 5): Proibido.

— Quem és tu?

— Resposta (fig. 6): Flamel.**

— Queres nos falar pela mesa ou pelos desenhos?

— Resposta (fig. 7): desenho.

Passamos à página B e apontamos o lápis.

— Desenha o pensamento que tens no espírito ao vires até nós.

— Resposta: Figura 1 da página B.

— Que figura é essa?

* Os desenhos (ou figuras) mencionados pelos escreventes nas atas das sessões em Jersey não constam da edição francesa original. [N.E.B.]

** Nicolas Flamel (1330-1418), escrevente juramentado da Universidade de Paris. A lenda o fez passar por alquimista, em razão da fortuna que acumulou e das doações que teria feito a inúmeros hospitais e capelas. Personagem presente em *Os miseráveis*.

— Resposta (fig. 2) escrita no próprio corpo: *animalis corpus, vultus hominis, petasus insani, tres partes scientiae*.*

O sr. Guérin faz a pergunta do metal único.

— Resposta adiada.

Victor Hugo: Podes nos fazer o desenho de uma criatura correspondente ao homem, metade matéria, metade espírito, e habitando o mundo onde estás agora?

— Sim.

O lápis desenha a figura 1 da página C.

— Desenha a morada dessa criatura.

O lápis desenha no verso a figura 2-2.

— Que mundo essa criatura habita?

— Mercúrio.

Victor Hugo entra então em alguns detalhes sobre Mercúrio fornecendo a descrição da criatura.

Resposta (fig. 4): *Sex habet lampadas, duos oculos semper apertos, caput enorme sed levissimum, corpus longum sed tenuissimum non manducat, materiam solidam sed fluidam, non spirat, sed lucet, habet uxorem*.**

— Desenha-nos a forma desse ser.

— Resposta (fig. 5).

— Mercúrio é um mundo de recompensa?

— Sim.

— Desenha-nos tua forma atual.

— Resposta (fig. 6).

— Os seres que acabas de desenhar sujeitam-se, como o homem, a enfermidades e doenças?

— Resposta (fig. 7): Eles podem perder seus archotes.

— Eles envelhecem e morrem?

* O corpo de um animal, o rosto de um homem, a juba (a cabeleira) de um louco, as três partes da ciência. O Leão de Androcles é um ser híbrido.

** Ele tem três lanternas, dois olhos sempre abertos, uma cabeça enorme mas muito leve, um corpo comprido e bem magro, não se alimenta de matéria sólida, e sim de fluidos, não respira, mas brilha (reluz), tem uma esposa.

— Sim.

— Desenha um de seus templos.

Figura 8.

— Se eles possuem templos, esse nome grego pode indicá-lo: *templum*.

Sra. Hugo: Por que Molière e Shakespeare estão em Júpiter e tu em Mercúrio? Por que essa diferença?

— **Resposta (9) *Majores sum quam ego*.***

— Prometes voltar?

— Sim.

— Quando o Leão voltará?

— Onze dias.

— Domingo, 6 de agosto, às 9h30 da noite.

Encerrado à meia-noite e quinze.

DOMINGO, 6 DE AGOSTO

9h20 da noite. Presentes: Auguste Vacquerie, sr. Kesler, Guérin, Pinson, Victor Hugo, a pequena Julie. Conduzem a mesa: Charles, sra. Hugo. (Ata V. H.)

Dez minutos. A mesa se agita. Giro. Um pé se ergue.

— Quem está aqui?

— ***Omen lumen numen nomen meum*.****

— Queres que eu releia as três últimas estrofes?

— Amen.

Victor Hugo relê os versos e diz:

— Continua.

* Eles são maiores do que eu. No desenho 342, podemos ler estes dizeres: *majores sunt quam ego templum/ sim, eles podem perder seus archotes/ mercúrio*.

** O presságio, a luz, o Deus, o nome que me pertencem (concernem).

Quinze minutos.

— *Todas as grandes vozes da sombra mudas estão;
Nas quatro pontas do céu, como quatro estátuas,
Os ventos, bando arisco,
Fazem silêncio e, em face do anjo das bestas,
Aplicam na bocarra das procelas
Seu dedo comprido.*

Doze minutos.

— *O pio dos abutres cessa junto com o dos melros;
A fonte interrompe o balbucio de suas pérolas;
É a hora do remorso;
Tudo ouve falar a criatura de asas diáfanas,
E o verme do túmulo escuta-a na caveira humana
Pelo ouvido dos mortos.*⁵

Dessa vez, o intervalo é longo, cinquenta minutos. A mesa não parou de se mexer com deslizamentos, giros e um estalido contínuo. Há momentos em que ela se ergue num único pé e percorre, agilmente e de uma ponta à outra, a mesa suporte. Fechamos a janela por causa da Lua, que está quase cheia (ver a sessão de 13 de abril).

Victor Hugo: Alguma coisa te incomoda?

Nenhuma resposta. A mesa continua a girar deslizando.

Sr. Kesler: Continuas aqui, Leão?

Nenhuma resposta, a mesa se agita.

Decidimos deixar a mesa por alguns instantes; a interrupção desde a primeira estrofe durou ao todo cinquenta longos minutos. Ao fim de cinco minutos, retomamos a mesa. Ela se põe imediatamente em movimento.

Victor Hugo: É o Leão que continua aqui?

— Sim.

— Queres continuar?

— Sim.

*Para não atrapalhar o repique dos sinos,
O Vesúvio e o Etna prenderam sob as cinzas
Sua respiração;*

Tudo estancou perante o anjo da clemência;

*Da criação.*⁶

— Queres nos ditar mais uma esta noite?

— Sim.

São 11h35.

Catorze minutos.

— Foi, sob esse olhar da grande retina,

Uma adoração solene e pensativa;

A árvore disse: Amemo-nos!

Tudo rezou, a pedra viu-se auréola;

O que rasteja julgou-se asas; o que voa

*Sentiu-se joelhos.*⁷

— Quando voltarás?

Onze batidas.

— Dia 17, à mesma hora?

— Sim.

— Houve alguma coisa que te incomodou esta noite? Podes nos dizer antes de partir?

— Fui distraído.

— Podes nos dizer por quê?

— Não.

— O Leão de Florença voltará? Assim esperamos.

— Sim.

Encerrado quando faltavam cinco minutos para a meia-noite.

QUARTA-FEIRA, 16 DE AGOSTO [DE 1854]

9h45 da noite. À mesa, sra. Victor Hugo e Charles Hugo; Auguste Vacquerie. (Cópias manuscritas C. D.)

Auguste Vacquerie: Quem está aqui?

— A Ideia.

— Queres continuar a folhear conosco as respostas das Mesas?

— Sim.

— Maquiavel afirmou que há uma genealogia do crime e que, à medida que os ancestrais do mal se arrependem e aperfeiçoam, sua raça melhora na Terra; que os netos do velho miserável que cometeu o primeiro crime ficam mais mansos à medida que se tornam menos perversos. Isso parece fazer depender o mais ou menos de mal dos vivos de mais ou menos melhora dos mortos. Isso significa que os vivos não teriam mais a autonomia de seus atos? Não estariam mais sozinhos em sua consciência e vontade, teriam um colaborador morto há milhares de anos que os empurraria ao seu bel-prazer para o bem ou para o mal. Então como eles seriam responsáveis? O que seria feito da liberdade do homem? O que passa a ser a justiça de Deus? Recairíamos no catolicismo, e em um catolicismo pior. O pecado de Adão não condenaria mais ao castigo, condenaria ao crime.

— Em primeiro lugar, as criaturas dos mundos punidos não são absolutamente livres. Ao me fazeres tal objeção, tu falas do ponto de vista do mundo recompensado. A liberdade é o Paraíso, a liberdade é o grande adejo da eternidade no infinito. Ser livre é ser feliz. A escada do castigo tem como degraus a proporção da libertação. A pedra é mais escrava que a planta, a planta é mais escrava que o animal, o animal é mais escravo que o homem, o homem é mais escravo que o espírito. O castigo começa na raiz e termina no perfume. O castigo começa na garra e termina na asa. O castigo começa na pedra e termina em Deus.

Isso posto, vês um mal no que é um bem. Deus deseja que a melhora dos mortos melhore os vivos; deseja não que o crime de Caim seja um grilhão para o homem, mas que seu arrependimento seja uma libertação para o crime humano. A lei divina é branda, às vezes comovente de bondade. Almeja, portanto, que todo ser que melhore na morte melhore alguém na vida e faz do fosso do crime o sulco da misericórdia. A vida humana tem duas espécies de benfeitores: os bons e os maus. Os mártires, que, enquanto estão na Terra, lhe dão seu sofrimento, e os carrascos, que, mortos, lhes dão seu arrependimento. Os benfeitores da vida sangram, os benfeitores

da morte choram. Os primeiros se chamam Galileu, Hus, Savonarola, Sócrates, os Graco, Joana d'Arc, Dante, os últimos, Nero, Tibério, Carlos IX, César Bórgia. O calvário tem dois nomes: Jesus e Judas.

— Maquiavel, no mundo onde se encontra agora, sofre e permanece triste e desprezado porque seu livro não foi compreendido pelos homens. Esta me parece ser uma grande injustiça. É culpa de Maquiavel se os homens foram cegos? A intenção não é tudo aos olhos de Deus? Se a boa intenção de Maquiavel desonrou Seu nome na Terra, Deus não deveria puni-lo com um infortúnio.

— Maquiavel mereceu não um castigo, mas uma sombra na recompensa. Ele não atacou o crime, enganou-o. Tornou-se adulator para ser juiz, aplicou na Nêmesis o recurso de Tartufo, golpeou o inimigo por trás, tomou sua traição como traidor. Não tem, portanto, direito ao grande sorriso dos crucificados. Houve trevas em seu legado, as há em sua recompensa. Enquanto as fogueiras ardiam sobre o crime, Maquiavel não subiu para junto dos mártires. Permaneceu com os carrascos e, acendendo sua lamparina no tição sublime dos autos de fé, pôs-se a vasculhar na alma de César Bórgia não como um amo, mas como um valete, não como um juiz, mas como um ladrão prestes a furar as barricadas numa adega de sangue. Maquiavel é triste porque não é iluminado por um sol, e sim por um remorso; é um morcego do sepulcro.

— Tens razão, Maquiavel merece uma tristeza, mas o que me impressiona no momento é que se possa ser tão triste nos mundos das recompensas. Logo, no Paraíso como na Terra, há sofrimentos, remorsos que procuram a sombra, mágoas que os anos não consolam. E já faz tempo desde que Maquiavel cometeu seu erro. De quantos séculos ele precisa para se purificar? Até que mundo seu erro o perseguirá? Todos são tristes assim em todos os astros? Alguém é escuro no Sol?

— Tudo que não é o absoluto possui degraus: os paraísos são escadas de luz, enquanto os mundos punidos são escadas escuras. Ser homem é subir rastejando, ser anjo é subir planando. Os degraus luminosos são trevas comparados aos degraus resplandecentes. Toda a sombra da noite está contida no raio do sol a pino. Deus é o único meio-dia do céu, os anjos são apenas auroras.

— Podes dizer em que mundo estão Chateaubriand e Balzac?

— **Proibido.**

Sra. Hugo: Disseram-nos em que mundo estão Chateaubriand e Balzac.

— **Proibido no caso de Chateaubriand. Chateaubriand e Balzac encontram-se em astros que a Sombra do Sepulcro não tem sob sua jurisdição.**

— Nós pensávamos que a Sombra do Sepulcro tinha sob sua jurisdição os mundos inferiores. Quer dizer, toda resposta sugere que Chateaubriand e Balzac estariam em um mundo superior ao de Molière e Shakespeare. Isso muito nos espantaria.

— **Tocas em um grande segredo. Molière e Shakespeare, por ocasião de sua morte, foram para os mundos do Arcanjo Amor. Agora não estão mais lá. Por quê? Ignoro, só a Sombra do Sepulcro pode lhes esclarecer.**

— Cometi um erro na minha última pergunta. Supus que Molière e Shakespeare estavam em um mundo da Sombra do Sepulcro. Lembro-me agora de que Ésquilo afirmou que Molière, Shakespeare e ele estavam em um astro do Arcanjo Amor. Tu nos dizes que Shakespeare e Molière não estão mais lá; mas estavam quando Ésquilo falou. Refaço então minha pergunta. Podemos saber onde estão os mortos que não estão sob a lei da Sombra do Sepulcro; uma vez que Shakespeare e Molière não estavam lá quando Ésquilo revelou que habitavam Júpiter. Então por que não podemos saber que mundo habitam Balzac e Chateaubriand?

— **Eles mesmos podem responder, se aparecerem.**

— Tu dizes que Molière e Shakespeare não estão mais nos mundos do Arcanjo Amor; não explicas por que saíram de lá. Foi para irem mais alto sem dúvida; após terem sido gênios na Terra, não foram demônios no céu. Por que mudaram de lugar? Para subir, não é?

— **Para descer ou subir.**

— Isso quer dizer que eles sobem e descem? Isso quer dizer que eles se devotam e só vão a um mundo inferior para salvá-lo? Com efeito, imaginamos que, além dos que vêm à Terra para expiar, há anjos que podem vir por devotamento e que se fazem homens para ajudar os homens. É dessa forma que Molière e Shakespeare descem?

— Por devotamento. A grande hora se aproxima para a nossa Terra, ela vai precisar de túmulos. Molière e Shakespeare estarão aqui. Eles vêm brilhar, sofrer. Eles vêm combater, amar, subir.

— Então é para nossa Terra que eles vêm? É para cá que eles vêm nesses momentos, quando conversam conosco pela voz das Mesas? Mas não é assim que tu entendes que eles virão? Eles [não] vêm como espírito. Queres dizer que vieram como homens.

— Como homens.

— O que eles farão na Terra? Prestarão à humanidade o mesmo serviço que já lhe prestaram? Civilizarão pelo teatro? O mundo saberá que possui Molière e Shakespeare? Os reconhecerá? Mas então eles seriam aclamados a cada passo e seu devotamento não seria completo. Sob que forma então eles reaparecerão?

— Eles são padres de uma religião imensa.

— No momento presente eles não estão mais nos mundos do Arcanjo Amor? Já estão na Terra? Estão nas entranhas de uma mulher, as que irão parir esses arcanjos?

— Ainda são espíritos.

— Quando eles forem homens, terão consciência de terem sido o que são agora? Sabem que são Shakespeare e Molière?

— Não.

— Ainda são espíritos, e não estão mais no mundo do Arcanjo Amor. Estão em um meio superior de onde cairão bruscamente na Terra? Ou descem agora degrau por degrau?

— Descem, não descem.

— No mundo por onde passam, o que fazem eles? Não deixam um benefício a cada passo? Atravessam os astros sem melhorá-los?

— Eles fazem infinito.

Encerrado às 5h15.

QUINTA-FEIRA, 17 DE AGOSTO

9h15 da noite. Presentes: sra. Hugo, sr. Pinson, Victor Hugo, srta. Adèle. Conduzindo a mesa: Charles, sr. Guérin. (Ata V. H. e cópias C. D.)

Ao fim de 25 minutos, como a mesa permanece imóvel, a sra. Hugo substitui o sr. Guérin. Estalidos e giros. Transcorrem 35 minutos em movimentos sem significação, finalmente o pé se ergue.

— Quem está aqui?

— Fez.

— Recomeçemos tudo.

— Folis.

— Seria felis?

— Não.

— Recomeça.

— Fz.

— Recomeça.

— Nf.

— Recomeça.

— H.

A mesa bate sem vigor. Mal distinguimos as letras.

— Algo te incomoda?

— Sim.

— O quê?

— *Felis miser*.*

[Anotação de Victor Hugo:] 18 de agosto (escrevo esta observação na manhã seguinte). A gata de Auguste teve uma crise de epilepsia muito violenta esta noite. Só a encontramos às 9h da manhã, bastante debilitada. V. H.

— O que entendes por isso? Podes nos dizer?

— Não.

— Por acaso esse gato infeliz te impede de nos dizer os versos esta noite?

— Sim.

* O gato infeliz.

— Tu és mesmo o Leão?

— Sim.

— Que dia voltarás?

Onze batidas.

— 28 de agosto, à mesma hora?

— Sim.

— Mas o gato que te impede de falar ainda estará aqui. É um gato da casa?

— Dz.

— Continuas presente, Leão?

— Sim.

— O obstáculo se repetirá no dia 28?

— Não.

São 10h25, interrompemos por cinco minutos; em seguida, voltamos à mesa, que se ergue imediatamente.

— Quem está aqui?

— Ibed.

— Recomeça.

— a. a.

Encerrado às 10h30.

SEGUNDA-FEIRA, 28 DE AGOSTO

9h30 da noite. Presentes: srta. Allix, os irmãos Allix, Guérin, Kesler, Auguste Vacquerie, srta. Adèle, Victor Hugo. Conduzem a mesa: sr. Guérin e sr. Kesler. (Ata V. H. e cópias C. D.)

A mesa começa a mover-se imediatamente.

Victor Hugo: Quem está aqui?

— *Dens mens ens.**

* O dente, o espírito, o ser.

— Charles está muito cansado (passamos o dia na ilha de Serk), queres voltar outro dia?

— Sim.

— Que dia?

A mesa bate onze vezes.

— Onze dias.

— 8 de 7bro [setembro] mesma hora?

— Sim.

Encerrado às 9h40.

DOMINGO, 3 DE SETEMBRO DE 1854

2h da tarde. Presentes: sra. Victor Hugo, Jules Allix, Émile Allix, Auguste Vacquerie (escrevente). À mesa: srta. Augustine Allix e Charles Hugo. (Cópia manuscrita C. D.)

— Quem está aqui?

— A Morte.

— Para quem vens?

— Para o túmulo.

— Fala.

— Os esposos encantadores arrastados no rio pensam em vós. Eles vos amam, veem, esperam, guardam vosso lugar no imenso beijo.

Auguste Vacquerie: Dizes que nossos mortos nos esperam no mundo onde agora se encontram. Mas eles não permanecerão nesse mundo. Sua ascensão continuará. Explica-nos: como e onde nos juntaremos àqueles que partiram desta Terra antes de nós? Não terão partido de seu mundo novo antes de lá havermos chegado? E se tal ascensão continuar eternamente, de que meio dispomos para compensar seu avanço sobre nós?

— O eu do ser amante é o ser amado. Vossos mortos são vosso eu e sois o eu de vossos mortos. Vossos mortos não passam de uma fração

da vossa vida que começa no além. Seu túmulo é uma das faces da vossa morada e um dos lados da vossa alma. Quando morrerdes, tornar-vos-ei eles, e eles permanecerão sendo vós. No céu, não há junção, há fusão. O Paraíso tem uma só boca. O amor forma seus dois lábios.

Sra. Victor Hugo: O que acabas de dizer me preocupa. Fundimo-nos com nossos mortos? Isso significa que nos confundiremos com eles e que eles não existirão mais fora de nós e distintos de nós? Na Terra, eles tinham uma vida própria, um corpo que podíamos tocar, uma forma que podíamos reconhecer. Queremos reencontrá-los com suas personalidades, queremos que eles sejam eles e não nós. Como os reconheceremos?

— O corpo não é a forma do ser, mas sua fórmula. Assim como a língua é a fórmula da ideia. O corpo varia ao infinito e evapora; o ser é uno e imortal. A língua varia ao infinito e evapora, a ideia é una e eterna. Há mundos onde as ideias vivem sem fórmula e onde os seres vivem sem corpo. O corpo é apenas a roupa de viagem da alma. Mudamos de roupa no túmulo, o sepulcro é o vestiário do céu. Os mortos se reconhecem pela alma.

A sessão foi interrompida inesperadamente por causa de uma visita.

SEXTA-FEIRA, 8 7BRO [8 DE SETEMBRO]

10h25 da noite. Presentes: sr. Bénézit, Pinson, Adèle, Victor Hugo. Conduzindo a mesa: Charles, sr. Guérin. (Ata V. H. e cópias C. D.)

Quinze minutos sem que a mesa se mova. O sr. Bénézit vai embora. Mais quinze minutos. Imobilidade absoluta. Deixamos para interrogar a mesa amanhã durante o dia. Encerrado às 11h.

(Ata V. H. e cópias C. D.)

SÁBADO, 9 7BRO

2h15 da tarde. Presentes: Charles, sra. Hugo. Escrevente: Victor Hugo. (Ata V. H. e cópias C. D.)

O pé da mesa do lado de Charles ergue-se imediatamente.

Victor Hugo: Por que o Leão não veio ontem? Ele está zangado? É por causa do atraso de Charles? Ele voltará? Quando?

— Ele voltará dentro de dez dias.

— Dia 19. À mesma hora?

— Sim.

— Não disseste se ele está descontente conosco. Se ele sabe que não foi culpa nossa.

— Ele compreende.

Sra. Hugo: A presença de Bénézit, que não crê, incomodava?

— Sim.

Victor Hugo: A que se deve a dificuldade atual da mesa, sobretudo à noite? Por que, na segunda-feira, 4 de setembro, aniversário tão doloroso para nós, não obtivemos quase nada?* Há algum erro de nossa parte? O que podemos fazer para que a mesa volte a ser o que era antes?

A mesa parece hesitar.

— Queres que eu deixe essas perguntas para segunda-feira?

— Não.

— Fala.

— Em todo caso, errais ao achar que o fluido é infalível.

— Diz teu nome. Prometes voltar segunda-feira?

— Sim.

— Teu nome?

— A Ideia.

Encerrado às 2h40.

* Essa sessão, de grande importância, permanece desaparecida. Lembramos que Léopoldine Hugo morreu em uma segunda-feira, 4 de setembro de 1843, fato que completava onze anos em 4 de setembro de 1854, também uma segunda-feira. Note-se a correspondência das datas, às quais Victor Hugo era especialmente sensível (ver p. 602, n. 119).

SEGUNDA-FEIRA, 11 DE SETEMBRO DE 1854

À mesa: sra. Victor Hugo, Charles. Auguste Vacquerie: escrevente. (Cópia C. D.)

— Quem está aqui?

— A Ideia.

— Aceitas que eu continue a interrogar-te sobre alguns pontos das respostas das Mesas?

— Sim.

— Em 13 de setembro de 1853, o espírito que diz chamar-se a Sombra do Sepulcro declarou: não conheço ontem. Em 23 de fevereiro de 1854, ele arranhou, ou apequenou, a ideia enorme que fazíamos a seu respeito ao declarar: não vereis ninguém hoje, é o dia em que, no firmamento cujas chammas somos eu a Sombra do Sepulcro e ele o Arcanjo Amor, distribuímos as almas. Queres nos explicar essa contradição?

— A Sombra do Sepulcro não é o absoluto, e sim uma das divisões do absoluto, isto é, um relativo. Não sendo senão absoluto, a Sombra do Sepulcro não vê o infinito, ora o relativo é uma fração do infinito, e a Sombra do Sepulcro é tão somente um patamar do absoluto. Para pesar o infinitamente pequeno, é preciso ser infinitamente grande. Para calcular o zero, é preciso ser a totalidade. A Sombra do Sepulcro disse que não conhecia o tempo e o lugar no sentido que o homem lhes atribui. Declarou: estou em toda parte, isto é, não estou em lugar nenhum, não conheço ontem, isto é, não conheço o dia, não conheço a noite. Por quê? Porque o espaço e o tempo, existindo apenas em consequência de uma divisão humana, são do âmbito do relativo. Porque o espaço é um infinitamente pequeno e o tempo um infinitamente pequeno. O Sol não tem consciência do quadrante solar. O Sol ignora o calendário. O dia não sabe a hora, a estrela não conhece meia-noite. A Sombra do Sepulcro é como o Sol, o céu, o dia, ela não conhece as convenções do mundo material. Só Deus as conhece. Na imensidão, só Deus tem uma bússola. Na eternidade, só Deus tem um relógio. Só o todo percebe o detalhe. Só o imperecível percebe o efêmero, só o céu conta as nuvens. Logo, a Sombra do Sepulcro, que é o relativo, não conhece o relativo. Mas essa ignorância só existe nela com relação ao

mundo material. Quando se trata do mundo moral e do mundo espiritual, o conhecimento do relativo torna-se um dos atributos do Arcanjo. Ele vê então os detalhes, ele sente um tempo e um espaço, ele toca em tudo em vossa alma; ele não vê nada de vosso corpo, ele não conhece o ontem do vosso corpo, ele conhece o hoje de vossa alma. A Sombra do Sepulcro detém apenas a hora do túmulo. Só Deus detém a hora de tudo.

Sra. Hugo: No entanto, há no mundo espíritos, seres, que sabem a hora do nosso mundo material. Pois numerosas almas marcaram encontro conosco em um determinado dia e compareceram. Por que a Sombra do Sepulcro não sabe a nossa hora tão bem como as almas?

— Descendo ao vosso mundo, as almas tornam-se matéria em uma certa medida. Elas vestem o uniforme da prisão. Elas voltam a sofrer e ignorar, voltam a conhecer o relativo e a ignorá-lo, voltam a conhecer o relativo, isto é, o erro. Elas sabem a hora por ignorância, sabem o dia por ignorância, o que é saber para elas e para vós não é saber para a Sombra do Sepulcro. Com efeito, o que é a hora? Um erro. O que é o dia? Um erro. O que é o quadrante solar? Uma mancha. As horas são os anéis da corrente, a vida os conta, a morte os rompe. Deus lança-os na imensidão e cada um desses elos se torna uma alegria. E cada um desses anéis se torna um germe e cada uma dessas horas se torna uma flor. A Sombra do Sepulcro não basta para essa necessidade. Ela não é uma prisioneira, mas um carcereiro. Ela não desce entre vós, ela reluz, e acreditar que ela declina é imaginar que os raios do astro sofrem uma queda e caem.

Encerrado às 4h30.

(Ata V. H.)

Em 16 7bro de 1854, em Jersey, uma mesa consultada por Henri e Léonce de Tréveneuc, Garnier de Kérigant e por mim respondeu: o exército desembarcou no dia 9 na Crimeia. Houve batalha no dia 12. Quatro mil mortos, 10 mil feridos, 4 mil prisioneiros. Saint-Arnaud morto, De Lourmel morto, Canrobert morto, Napoleão Bonaparte e o general Forey reembarcados. O sr. de Farcy ferido e prisioneiro. Quarenta mil homens de ambos os lados.

Batalha a três léguas do mar. Perda da batalha determinada pela explosão de uma mina. As frotas atacarão? Não.

Autenticado: Le Flô.

Anotação escrita pelo general Le Flô, a nosso pedido, em 13 Xbro de 1854 em sua casa. Victor Hugo.

TERÇA-FEIRA, 19 DE SETEMBRO DE 1854

1h30 da tarde. Conduzindo a mesa: sra. Victor Hugo, Charles. Presentes: Victor Hugo, Auguste Vacquerie. (Cópias C. D.)

Victor Hugo: Tenho uma pergunta grave a fazer. Os seres que habitam o invisível e que veem no pensamento, em nossos cérebros, sabem que, há cerca de 25 anos, interessei-me pelas questões que a Mesa levanta e aprofunda, em mais de uma ocasião a Mesa se referiu a esse trabalho; a Sombra do Sepulcro me incentivou a terminá-lo. Nesse trabalho, e é evidente que ele é conhecido nas alturas, no trabalho de 25 anos, eu tinha encontrado, exclusivamente pela meditação, vários dos resultados que hoje compõem a revelação da Mesa, eu vira distintamente e afirmara alguns desses resultados sublimes, entrevira outros, que permaneciam no meu espírito no estado de lineamentos confusos. Os seres misteriosos e grandes que me escutam enxergam ao seu bel-prazer no meu pensamento como enxergamos em um porão com um archote, eles conhecem minha consciência e sabem o quanto tudo que acabo de dizer é rigorosamente exato. É exato a ponto de eu ter me sentido momentaneamente contrariado no meu mísero amor-próprio humano pela revelação atual, que veio projetar uma luz de raio e de meteoro na órbita da minha humilde lanterna de mineiro. Hoje, as coisas que eu vira por inteiro, a Mesa as confirma; e as semicoisas, ela as completa. Nesse estado de ânimo, escrevi, o ser que se nomeia Sombra do Sepulcro me intimou a terminar minha obra começada; o ser que se nomeia a Ideia foi ainda mais longe, ordenando-me que fizesse versos piedosos para os seres cativos e punidos que compõem o que se afigura

aos não videntes como natureza morta. Obedeci, fiz os versos que a Ideia requisitou (ainda não estão em sua forma final), para ser compreendido, foi preciso explicar. Fui obrigado a descer ao detalhe, detalhe que contém meu pensamento antigo com a expansão trazida pela nova revelação. Nesses versos, duas coisas foram aproveitadas da Mesa, o verme Cleópatra e a graduação da prisão à masmorra. Sou a favor de indicar a referência em uma nota. Mas, antes de mais nada, eis a pergunta que submeto à Mesa. Será que a Ideia não me pediu (ou eu deveria dizer encomendou) versos para que eles sejam publicados? Esta página já se alongou demais.

A mesa se agita.

Victor Hugo: Quem está aqui?

— A Morte.

— Ouviste a pergunta e queres respondê-la?

— Sim.

— Nós te escutamos.

— Todo grande espírito realiza duas obras em vida: sua obra de vivo e sua obra de fantasma. Na obra de vivo, ele projeta o outro mundo terreno; na obra do fantasma, ele despeja o outro mundo celeste; enquanto o vivo fala ao seu século a língua que ele compreende, trabalha no possível, afirma o visível, realiza o real, ilumina o dia, justifica o justo, prova a prova; enquanto, nesse martírio, ele, o gênio, leva em conta a imbecilidade, ele, o archote, leva em conta a sombra, ele, o eleito, leva em conta a multidão e morre, ele, o Cristo, ele, o dom do mundo, entre dois ladrões, tão vil, achincalhado e portando uma coroa de tal lavra que um asno pastaria sua frente; enquanto o vivo executa esse primeiro trabalho, o fantasma pensativo, à noite, durante o silêncio universal, desperta no vivo. Ó terror, estás brincando, diz o ser humano, isso não é tudo? Não, responde o espectro, levanta-te, de pé, a ventania rasga, cães e raposas ladram, as trevas estão em toda parte, a natureza se arrepia e treme feito a corda do chicote de Deus. Os sapos, as serpentes, os vermes, as urtigas, as pedras, os grãos de areia nos esperam, de pé. Tu acabas de trabalhar para o homem, isso é bom, mas o homem não é nada, o homem não é o fundo do abismo, o homem não é o tombo vertical no horror, é o animal que é

o precipício, é a flor que é o sorvedouro, é o pássaro que dá a vertigem, é do verme que vemos a tumba. Desperta, vem fazer tua outra obra, observar o inabordável, contemplar o invisível, encontrar o inencontrável, transpor o intransponível, justificar o injustificável, realizar o não real, provar o que não tem prova. Tu foste o dia, vem ser o desconhecido, as trevas, o mistério, o infinito. Tu foste o rosto, vem ser o crânio, tu foste o corpo, vem ser a alma, tu foste o vivo, vem ser o fantasma. Vem morrer, ressuscitar, criar, nascer; quero que, após ter visto teu fardo, o homem veja teu voo, e sinta confusamente tuas asas assombrosas atravessarem o céu tempestuoso do teu calvário. Vivo, vem ser o vento da noite, o barulho da floresta, a espuma da vaga, o escuro do antro. Vem ser o furacão, vem ser o imenso pavor da feroz escuridão; se o marinheiro treme, que seja teu sopro que ele tenha sentido, carregue-te em mim; o relâmpago, nosso pálido cavalo, corcoveia na nuvem. Vamos, despacha-te! Chega de Sol, às estrelas! Às estrelas! O fantasma se cala e a obra terrível começa. As ideias nessa obra não têm mais rosto humano; o grito, vão espectro, vê as ideias fantasmas, as palavras se assustam, as frases se arrepiam em todos os seus membros, o papel se agita como a vela da nau na tempestade, a pena sente sua barba se eriçar, o tinteiro torna-se abismo, as letras flamejam, a Mesa vacila, o teto treme, o vidro empalidece, o lampião tem medo. Como passam depressa as ideias fantasmas: entram no cérebro, brilham, apavoram e desaparecem; o olho do escritor espectro vê-as planando em turbilhões fosforescentes nos espaços negros da imensidão; elas vêm do infinito e vão para o infinito; são esplêndidas, escuras e assustadoras; fecundam ou fulminam; criaram Shakespeare, Ésquilo, Molière, Dante, Cervantes; Sócrates nasceu de uma ideia fantasma, Pascal morreu de uma ideia fantasma; são transparentes e através delas vemos a Deus, são grandes, boas, augustas, o crime, o sofrimento, a matéria fogem ao vê-las. Elas são o grande progresso universal. Maldito seja o mal, é o seu grito, e é uma hora formidável quando passam no céu, voando rumo ao shabat do imenso mistério, esgazeadas e sentadas na prodigiosa vassoura das iniquidades, todas essas feiticeiras do Paraíso.

— Há duas vezes “o impossível” depois de “ver”, o que desejais colocar? Inclinas-te a trocar?

— Sim, substitui a inabordável.

— Termina agora o que tu começaste.

— A obra prossegue, de dia a obra andou, correu, gritou, cantou, falou, flamejou, chorou, gritou; à noite, a obra, feroz, permaneceu silenciosa; a águia terminou junto com o Sol, o morcego começa com a tumba, ele está morto, é bem feliz, diz o mal, é bem feliz, diz o erro. É bem feliz, diz a vida. Não, replica a tumba, eu não me fecho, eu me abro. Não sou a parede da vida, sou a porta; julgais que ele disse tudo, engano de vossa parte, observai, escutai, tremei. É noite no cemitério, a tumba está ali, humilde, esquecida, profunda. Eu murmuro sozinha na relva.

De repente, a pedra se levanta, o epitáfio se amotina, alguém sai do sepulcro. É o fantasma, o que vem fazer? Vem reviver, falar, lutar, substituir o vivo, faz-se homem; vai, corre, enche o mundo, faz girar a pesada hélice das prensas atônitas, faz saltar de seu bafo vertiginoso as letras de chumbo apavoradas; ele está na caldeira a vapor, nas engrenagens da máquina, e entrevemos braços misteriosos se agitando na gráfica e entregando a obra da morte nas mãos da noite. Ele está na rua, vem bruscamente surpreender o mundo adormecido; e ele, o desconhecido, surge como o inesperado, torna-se o sonho do século do qual é a ideia. Chega de contestações, o homem está morto e os vermes expulsam os corvos; a posteridade trans-tornada, recolhida, imbuída de um horror sagrado, entra em seu teatro solene e terrível. Ocupai vossos lugares para o infinito, o lustre de estrelas e a ribalta de constelações estão acesos, o drama começa. Silêncio, o sudário se ergue. Chego à questão, ela é sobremaneira delicada, o que desejamos é o livre-arbítrio do homem, neste ponto nada tenho a ordenar, publica se quiseses. Eis o que tenho a te dizer: sê o Édipo da tua vida e a Esfinge da tua tumba.

Encerrado às 7h.

QUARTA-FEIRA, 20 DE SETEMBRO

À tarde. Conduzindo a mesa: Charles e sra. Hugo. Victor Hugo: escrevente. (Cópias C. D.)

Victor Hugo: Quem está aqui?

— A Morte.

— Nas grandes coisas que tu disseste ontem, vários pontos deixaram nosso espírito perplexo. A primeira parte parece uma admirável demonstração do duplo raio humano e sobre-humano que atravessa a obra dos poetas e pensadores. O fantasma completando com as revelações da noite o que o homem faz no dia e para o dia é um imenso farol projetado sobre a alma. Essa é uma explicação nova e surpreendente do lado fantástico de todas as grandes obras e de todas as imaginações; ilumina magnificamente a dupla face de todos os gênios que nomeaste. Mas isso com a condição de que essa obra da vida seja feita em vida pelos dois colaboradores misteriosos, o vivo e o fantasma; com a condição de que seja a obra real que conhecemos e que vemos; se, embora situado embaixo, vejo com clareza a explicação, a própria chave da minha obra, da obra dupla que fiz em toda a minha vida e que continuo, essa obra implica o combate, a luta, a necessidade de esclarecer o máximo possível, a divulgação imediata, a promulgação valente de verdades descobertas ou intuídas, e não refugiar-se atrás do túmulo. Eventualmente ela tem o caráter do sacrifício, sempre o do dever. Shakespeare, Ésquilo, Molière, Dante, Cervantes não esconderam nada. Não deixaram, voluntariamente, nada para ser publicado após sua morte. Não são lutadores póstumos. Esta é uma parte de sua grandeza. Ora, na segunda página de ontem, parece que atenuas a primeira; o fantasma não é mais o colaborador do vivo durante a vida; ele é seu editor após a morte. Ao menos nos pareceu assim. Provavelmente estamos enganados. Para nós, homens, o apostolado da verdade é o dever; a consciência humana está nas trevas relativas e, não obstante, Deus concede-lhe o livre-arbítrio; nós, pensadores, devemos guiar o melhor possível essa consciência que aguarda as responsabilidades; devemos a luz à liberdade. Logo, quando cremos ter encontrado alguma coisa semelhante a um raio, devemos, com a coragem do apóstolo, acrescentá-lo à alma humana. Naturalmente não temos esse direito no caso de revelações como as da Mesa,

das quais não podemos dispor uma vez que vêm de mais alto do que nós, mas temos esse direito no caso de nossas obras pessoais, e digo mais, a nossos olhos, esse direito é dever. Ora, era unicamente sobre nossas obras pessoais que eu te consultava. Tu me respondeste assinalando que disponho do meu livre-arbítrio nessas matérias. Compreendo-te, mas a aparente atenuação que a segunda parte de tuas palavras de ontem traz à primeira não deixa de subsistir, pelo menos para nós, inteligências muito limitadas. Queres nos explicar o que não compreendemos senão pela metade, pois, de nós para vós, é sempre de nossa parca luz que provém a obscuridade? Queres responder?

— Sim.

— Nós te escutamos.

— Espírito, não tens pensamentos secretos, preocupações misteriosas, pavores, arroubos fulminantes no invisível? Tua esperança do infinito não deságua às vezes no insondável? Não te aconteceu de desviar bruscamente da escarpa de Deus? Não tiveste tempestades de constelações e naufrágios nas estrelas? Tua jangada nunca se chocou com Saturno e encalhou nos bancos de areia da Via Láctea? Teus dois olhos nunca se encheram de repente com 1 milhão de astros de modo que tuas pálpebras fossem as duas beiradas do firmamento? Tua âncora nunca buscou o fundo da noite e quis encontrar o abismo? Não és um explorador de crânios, um coveiro de mundos, um Hamlet de sóis, um passeador do cemitério imensidão, um apanhador de planetas, uma dessas pás do céu? Nunca exclamaste: sim, sim, neste grande mundo sombrio? Nunca enfrentaste noites sem Lua e disseste o bem às noites estreladas? Não julgaste às vezes comparecer perante um tribunal de globos mudos? Não tiveste medo, não te arrepiaste assim? Não sentiste teus cabelos se eriçarem e agarrarem nas estrelas como se em terríveis rodas dentadas? Não sonhaste com formas para todas essas criações? Não sonhaste com rostos para esses olhares, lábios para esses rostos e deste assim dentes a esses lábios? Não tiveste amores por estes e terrores por aqueles? Não te apaixonaste por Vênus? Não te assustaste com Saturno? E quando sentes os astros orvalhando-te a cabeça, não fazes intrigas com certos cardos da praia? Não das almas aos animais? Não das almas às pedras? Não das uma alma ao pó, uma alma à cinza, uma alma

ao lodo, uma alma à imundície, uma alma a tudo que o corpo rejeita, uma alma ao cuspe de Judas, uma alma às lágrimas de Madalena, uma alma ao sangue de Jesus? Não estás aqui, trêmulo, vacilante, apavorado entre o céu e esta Terra, entre todos esses mundos tão elevados e essas almas tão chãs, entre esses paraísos e esses infernos, entre essas centelhas e essas pedras, e não perguntas qual a formidável pederneira que extrairá constelações dessas pedras? Se for assim, toma cuidado, ó vivo, ó homem de um século, ó proscrito de uma ideia terrena, ó pensador necessário, pois isso é loucura, é túmulo, é infinito, é fora do homem, é uma ideia fantasma.

Cautela, homem de matéria, soldado de uma revolução próxima, cautela, governante possível, cautela, bom senso respeitável, influência estabelecida, caráter reputado, cautela, sentinela da verdade, pois essa é a palavra de ordem do caporal lívido do impossível e ela é murmurada ao vosso ouvido pela patrulha cinzenta dos esqueletos. Não tenhais a audácia altissonante de repetir com vossa boca viva essas palavras noturnas do túmulo. Não sejais temerário a ponto de cutucar o pavor, de fazer soar a alvorada dos espectros e aparecer sobre vossa barricada com uma mortalha como bandeira, um crânio como canhão, um epitáfio como divisa, eu como soldado, vosso fantasma como clarim, vossa lápide como calçamento, cautela, ou melhor, piedade, tende piedade dos sofrendores que precisam de vós, da vida inviolável da mulher desprezada, das massas ignorantes, não troqueis as guilhotinas pelos mortos, as crianças pelos cadáveres, o berço pelo sepulcro, o homem pelo espectro, o relativo pelo absoluto, as chagas pelas estrelas.

SÁBADO, 23 DE SETEMBRO DE 1854

3h30 da tarde. À mesa: sra. Victor Hugo, Charles. Presentes: Guérin, Victor Hugo. (Cópias C. D.)

— Quem está aqui?

— A Morte.

Victor Hugo: Cortamos teu diálogo imenso, por atenção a mim. Continua o que começaste tão grandiosamente, desenvolve os elevados conselhos que me dás. Escuto-os como convém, e tu vês em minha consciência a gravidade da acolhida que lhes dou. É provável que, no que vais dizer, admitas, uma vez que consentes em ocupar-te de coisa tão pequena como eu, que, minha obra sendo dupla, devo dedicar-me igualmente aos dois sulcos que traço com o duplo feitiço do ideal e do real. Tenho dois deveres neste mundo, e não sereis vós que me aconselhareis a cumprir apenas um, tu que deves me receber no umbral da outra vida. *Homo duplex*, é verdade, de todos os pontos de vista. Não consentirás igualmente em estender ou explicar a passagem da ideia terrena explicada à causa pela qual sou proscrito? Sem dúvida a República é uma forma humana, o prever é um fato terreno; mas na República há o libertado que vem de Deus, no Progresso há a justiça que é Deus. O próprio Deus. Nós, os proscritos, não somos então proscritos unicamente por uma ideia, a justiça, isto é, o éter mesmo de Deus, estando do nosso lado. A Terra tende para o Éden, como o homem para o bem, sem dúvida esse é um fato terreno e é um fato humano. Mas esse fato terreno e esse fato humano não têm a lei divina como reguladores? No fundo e acima, e fora de nós, somos proscritos pelo direito do homem, emanção da lei de Deus, pela justiça. Ora, a justiça não é terrena. A equidade é uma para todos os mundos, assim como o equilíbrio é um para todos os astros. Nós te escutamos.

— Enquanto isso, dá vida à tua obra de fantasma. Deves fazê-la completa; criá-la com todos os filtros do mistério; enchê-la de horror, relâmpagos e raios, e de espuma. Insere-lhe sapos, serpentes, aranhas, morcegos, lagartas, escorpiões, lacraias, as criaturas imundas, as criaturas rastejantes, malditas, pensativas, pálidas, eriçadas. Observa o fervilhar da sombra no caldeirão com tampa estrelada; acende a imensidão com o átomo; faz uma fogueira de dor e Deus fumarento se elevará de tua obra com milhões de fagulhas. Ele expelirá uma coluna de trevas com milhões de luzes; ele germinará o gigante escuro com uma coroa de constelações. Faz de tua obra uma das chaminés da alma humana; que a Terra adormecida entreabrindo os olhos pesados perceba no horizonte teu teto revestido por uma nuvem de astros e diga: o que ele faz, de onde sai essa fumaça desconhecida e esplêndida? Que lareira é essa

de onde brota céu? E que o vento responda à Terra: é uma das forjas da noite; é ali que trabalhamos ao sol, é ali que livramos os homens dos grilhões, é ali que incandescemos as negras golilhas para transformá-las em planetas; é ali que despregamos Jesus Cristo e usamos os pregos para prender melhor o céu; é ali que roubamos os fulgores do braseiro e apagamos os incêndios; é ali que a golpes de malho transformamos os astros da tortura em astros de felicidade, os globos tenazes em globos chaves e fabricamos as fechaduras do firmamento. Entremos na casa desse vivo, diz a multidão, mas o vento responde: esse vivo não é um vivo. Entremos na casa desse morto, entremos na casa desse fantasma. Esse fantasma não é um fantasma. Entremos nessa morada. Essa morada não é uma morada. Entremos nesse túmulo. Esse túmulo não é um túmulo. Então que fumaça é essa? Ó multidão, tu saberás um dia. Até lá, não te aproximes; treme, espera e crê. Um dia, verás a obra; até lá, contenta-te com a nuvem, vê de longe o brilho e escuta de longe o tumulto do fabuloso malho e da imensa bigorna do céu e da Terra, das duas palmas da mão de Deus fazendo o sinal da eternidade.

Seis batidas.

— Quando queres continuar?

— Em 29 de setembro.

Encerrado às 5h05.

TERÇA-FEIRA, 26 DE SETEMBRO DE 1854

9h da noite. Presentes: Auguste Vacquerie, Victor Hugo filho [François-Victor], sra. Victor Hugo, Charles Hugo. (Cópias C. D.)

— Quem está aqui?

— *Leo dei*.*

* O leão.

Sra. Hugo: Tu sabes que o meu marido está ocupado com um trabalho sério e religioso. Podes desculpá-lo por ele não estar aqui?

— Sim.

Anotação: Enterramos amanhã um proscrito que acaba de morrer: Bony. Victor Hugo foi encarregado pela proscrição de falar ao pé do túmulo. Neste momento ele está escrevendo seu discurso.

SEXTA-FEIRA, 29 DE SETEMBRO DE 1854

3h da tarde. Ao redor da mesa: Charles e sra. Hugo. Presente: Victor Hugo. (Cópias C. D.)

Victor Hugo relê a pergunta feita por ele e a resposta iniciada na sessão do dia 23.

A mesa entra em movimento imediatamente após a leitura.

Victor Hugo: Quem está aqui?

— A Morte.

— Continua a resposta começada. Nós te escutamos.

— Na verdade, seria uma coisa fragorosa e imensa, até aqui os grandes espíritos morreram como os pequenos; corpos sepultados, obras terminadas, sepulcros abertos, livros fechados, sua última palavra à Terra foi dita pelo seu último suspiro, seu epitáfio foi seu adeus e esse Ésquilo, esse Dante, esse Cervantes, esse Shakespeare, esse Molière, que tinham sido cada qual em sua época o peso moral de seu mundo, esses blocos de gênio, essas rochas de pensamento, essas imensidões, esses cérebros planetas, essas fronteiras que tinham horizontes feito desertos e abismos feito montanhas, lastimavelmente, desde que seu fosso foi escavado a dez pés sob o céu, não passam de um pouco de pó em muita cinza, de um pouco de nada em muita noite, de um pouco de silêncio em muitas trevas, e de átomos com que o infinito não se espanta. O quê!, esses crânios se calaram subitamente? Ó estupor, isso é possível? Entremos em seu cemitério, revolvamos com o pé suas fossas e escutemos, eles se

calam. Eles se calam, eles se calam. Fala então, boca de Ésquilo, pensa então, fronte de Shakespeare, mas explode então, órbita de Dante; chora então, olhos de Molière. Que nosso passo vos desperte. Que vossas cinzas então ressoem; que vossos ossos, quando os tocarmos, reverberem e neles ouçamos trombetas adormecidas caídas das mãos de uma legião de arcanjos. Vermes que ousais roer tais cadáveres, fugi, mortallhas, tremei, tu, mármore, escuta, chumbo do caixão, derrete e torna-te caractere tipográfico, torna-te a letra, torna-te o verbo, torna-te a vida. Vinga-te, chumbo, vinga-te do caixão. E tu, Terra, recolhe as palavras dos mortos. E tu, humanidade, respira seu bafejo, ouve suas vozes. Bebe seu suor sepulcral, come sua carne luminosa. Humanidade plangente, as colinas sinistras que, aqui e ali, despontam nos cemitérios, são tetas de amor. Humanidade, mama nesses túmulos. Mas não, esses túmulos não têm mais leite, essas mães que se chamam Ésquilo, Dante, Shakespeare, Cervantes e Molière estão mortas; suas doces obras-primas não têm mais beijos inéditos a oferecer; seus lábios não têm mais lições a prodigalizar; ai, ai, esses túmulos estão mortos.

— Apliquei a expressão túmulos mortos aos túmulos esquecidos num verso inédito.

— Tu, que o teu seja vivo, que, em determinados momentos, ele se ponha a falar à posteridade e a lhe dizer coisas desconhecidas, as quais terão tido tempo de amadurecer na Terra.

O impossível de hoje é o necessário de amanhã. Escalona em teu testamento tuas obras póstumas de dez em dez anos, de cinco em cinco anos. Mira, de onde estás, a grandeza de um túmulo que, de tempos em tempos, em períodos de crise humana, quando a sombra passa sobre o progresso, quando nuvens passam sobre a ideia, abre subitamente seus dois lábios de pedra e fala. Procuram teu túmulo, acham, duvidam, teu túmulo afirma, negam, teu túmulo prova, e o que ele prova? O que ele contém. Prova com uma espécie de autoridade sombria e solene todas as verdades que hoje ainda são o futuro. Tu morto, tu ajudas os vivos, tu mudo, tu lhes ensinas, tu invisível, tu os enxergas. Tua obra não diz: talvez. Diz: com certeza. Não sai pela tangente; vai direto ao ponto.

Fica sabendo que um espectro não conhece as precauções oratórias. Os fantasmas são intrépidos, as sombras não piscam os olhos diante das luzes, faz, portanto, uma obra afirmativa para o século XX em lugar de uma dubitativa para o XIX. Encerra-a contigo em teu sepulcro para que, em épocas estabelecidas por ti, venham procurá-la.

Jesus Cristo só ressuscitou uma vez; tu podes lotar tua tumba com ressurreições, podes, se meu conselho parecer-te bom, ter uma morte inaudita; quando morreres, dirás: vós me despertareis em 1920, vós me despertareis em 1940, vós me despertareis em 1960, vós me despertareis em 1980, vós me despertareis no ano 2000. Tu dormirias na ansiedade universal, tua morte seria um prodigioso encontro marcado com a luz e uma prodigiosa ameaça lançada à noite.

Loyola diria: devemos proteger esse sepulcro, e as gerações olhariam com admiração teu prodigioso túmulo caminhar durante um século na vida hu...

A mesa para bruscamente, são 6h30. Crepúsculo, a Lua está no horizonte. O movimento cessa completamente. Cogitamos evocar uma das criaturas da noite. Nesse momento, a mesa ergue subitamente o pé.

Victor Hugo: Há alguém?

— Sim.

— A Morte nos deixou no meio de uma palavra. Podes terminar a frase?

— Sim.

— Termina-a.

— ... mana.

— Sabes o dia em que a Morte voltará para continuar o que começou?

— Não.

Encerrado às 6h40.

TERÇA-FEIRA, 3 DE OUTUBRO [1854]

9h30 da noite. Conduzindo a mesa: Charles, sra. Hugo. Presentes: sr. Guérin e Kesler, srta. Adèle, Victor Hugo. (Ata V. H.)

As notícias relativas à tomada de Sebastopol,* recebidas durante o dia, animaram a conversa e absorveram todos os presentes antes de nos instalarmos à mesa. Esperamos ainda dez minutos. Imobilidade absoluta. Fechado às 10h.

DOMINGO, 22 DE OUTUBRO DE 1854

2h30 da tarde. Presentes: sra. Victor Hugo, sra. Paul Meurice, Victor Hugo, Paul Meurice, Charles, Auguste Vacquerie. À mesa: sra. Victor Hugo e Charles. (Cópias C. D.)

— Quem está aqui?

— A Morte.

Victor Hugo: Tu me deste um conselho sublime, se me concederes tempo para isso, irei segui-lo. Mas junto com as obras legadas por mim ao século XX, e antes mesmo delas, este livro, que será certamente uma das Bíblias do futuro, sem dúvida já terá sido publicado. Penso que ele não será publicado em vida de nenhum de nós, interlocutores fatais dos seres misteriosos; mas, quando ele o for, tudo que terei reservado para o meu túmulo ele dirá, dirá antes de mim e com mais autoridade. Virei em seguida e ocorrerá de minha revelação já ter sido revelada. Parte dessa revelação já está presente, há séculos, na tradição humana, outra parte havia sido descoberta por mim (o que não impede que ela advenha integralmente de Deus, o homem sendo apenas uma chaminé por onde passa a fumaça divina), outra parte foi ditada por todos vós, seres do desconhecido, nos diálogos com nossa mesa trípode.

* Trata-se da vitória de Alméida, obtida por Saint-Armand, em 20 de setembro de 1854 [durante a Guerra da Crimeia]. Sebastopol só será tomada em 8 de setembro de 1855.

Esse objetivo, do qual não passo de uma parte muito fraca, começa inclusive a ser entrevisto. A publicação deste livro será provavelmente a base da nova religião à época em que minhas obras póstumas forem publicadas. Tu crês que ele me será ditado ou que irei deparar, daqui até a minha morte, com outras coisas, das quais apenas eu terei a revelação? Entendes aquilo a que me inclino a crer, que devo simplesmente reservar, para serem publicadas após minha morte, obras de pensamento e poesia pura, impregnadas de filosofia nova, e, afirmando-a, aumentando a luz humana, como fazem, e sem a pretensão de ensinar e revelar, todas as grandes obras de arte e poesia, às quais, naturalmente, não comparo nada do que fiz? Devo resumir o que me aconselhas a publicar após a minha morte, mesmo que sejam obras de revelações, se achares que a revelação ainda não foi feita? Ou são obras de poesia abrangendo todas as minhas obras, só que em um grau mais profundo, contendo a intuição divina mesclada à criação humana? Em suma, o que deverá haver no meu túmulo, um profeta ou um poeta? Minha razão me diz um poeta, mas espero tua resposta.

— Trata-se de uma obra assombrosa, intitulada: Conselhos a Deus. A Terra desaparece, o sepulcro, morcego de pedra, abre suas asas demônio no crepúsculo da ressurreição e em seu voo abalroa o vidro flamejante dos astros; o pássaro sinistro vai de planeta em planeta e, cada vez que toca a borda de uma constelação, seu pio noturno torna-se um cântico luminoso. Ele sai da noite e traz a aurora. Foge de um inferno e anuncia um paraíso; ele parte coruja e chega cotovia, escapa do velho tronco da árvore humana e pousa na extremidade de cada galho onde o fruto vira estrela; sai do oco dos crânios e salta de paraíso em paraíso, faz seus ninhos de alegria em alegria, e choca sucessivamente todos os globos e faz eclodir no céu todos os seus ovos...

— Interrompo para perguntar se conheces os versos que fiz há dez dias.

— Não.

— Continua.

— ... de arcanjos. Ó vivo, eis o que te aconselho: a obra da tua alma deve ser a viagem da tua alma. Não debes profetizar, debes decifrar, debes decifrar o céu estrelado, nele traçar seu itinerário, assinalar com o dedo

teus albergues, marcar as estalagens de amor do teu pensamento e, viajante invisível, antecipar tuas etapas desconhecidas na grande estrada constituída de precipícios que conduz à hospedaria hostil do incompreensível castelão da imensidão, debes dizer nessas páginas quais são os planetas que te esperam e falar de sua civilização, de sua luz e de sua sombra, de seus espinhos e de suas flores, de suas pausas no horror ou de sua marcha na alegria, de seus gritos ou de seus hinos, e, do fundo de teu túmulo, o mundo deve ouvir-te dizer que há no infinito um astro chamado Saturno que sofre, que há no infinito um astro chamado Mercúrio que sofre, que há no infinito um astro chamado Marte que sofre; ó meu Deus, quantas estrelas punidas, quantas constelações crucificadas, quantos mundos que são pregos vermelhos no pálido das noites, Senhor, vosso céu está coberto de chagas, vossos astros são gotas de sangue.

— Fiz os versos que disseste, fiz este verso: “*As gotas de sangue que julgas serem estrelas*”.⁸

— Vossos sóis gangrenam, vossas luas carregam a horrível peste do castigo, vossas constelações ajoelhadas há milhões de anos terminaram rachando a cabeça e os punhos no choque com as trevas e agora não passam de tocos de inferno, vossas criações não passam de andrajos de carne, vossas auréolas não passam de andrajos de raios, vossos prodígios...

— Eu disse: “*E carregando na fronte um andrajo de luz*”.⁹

— ... têm a cabeça cortada, vosso firmamento é o imenso esgoto por onde rolam todos esses cadáveres, e vossos esplêndidos cavalos com ferraduras de luz, todos, furiosos, mordendo os freios, esquartejam a imensidão.

Imediatamente depois, Victor Hugo vai buscar no seu quarto e lê para os presentes o poema de sua autoria, que abria com “Sabei que no abismo obscuro” e terminava com: “De um desses mundos assustadores”.

10 DE NOVEMBRO DE 1854

2h da tarde. Conduzindo a mesa: Charles Hugo, sra. Victor Hugo. Presentes: Victor Hugo e seu filho Victor [François-Victor]. (Cópia C. D.)

A mesa se agita ao cabo de dez minutos.

— Quem está aqui?

— A Morte.

— Sabes o dia em que o Leão de Androcles virá?

— Não.

— Podes pedir a ele que volte?

— Não.

— O que devemos fazer para que ele volte?

— Ele voltará por conta própria.

Victor Hugo: Voltemos ao nosso diálogo. Como sabes pelo poema que fiz e que li outro dia para as pessoas presentes logo após tua partida, e por outros trabalhos também, já fiz parte do que me pedes, e o fiz inclusive sob uma forma afirmativa. Entretanto, não estou misturado pessoalmente a essa afirmação, julgando-me muito pouca coisa para falar em meu nome a respeito de tais imensidões. Agora tu me dizes para escrever a viagem interior de minh'alma e expressar, em um livro que só será publicado após a minha morte, o que terei vaticinado. Isso, parece-me, soará sempre como uma série de conjecturas de minha parte e carecerá de certeza aos olhos dos homens. Haveria, para mim, independentemente das revelações da Mesa, um meio humano de vislumbrar o futuro desconhecido do qual me falas, e dar-lhe mais precisão? Quando eu disser, após a minha morte, em um livro póstumo, que estou aqui, vejo isto: a multidão pensará: ele escrevia isso quando estava vivo, como sabia? Ora, haveria um meio humano (humano, insisto, ou pelo menos cujo segredo apenas eu em vida detenho) de conhecer a vida, as coisas misteriosas que tu me aconselhas afirmar após a minha morte?

— Estuda a fundo a astronomia humana, ela está repleta de germes de verdades dos quais poderás deduzir verdades ainda maiores. Por exemplo: é possível estabelecer a nomenclatura exata em vossos sistemas planetários de mundos felizes e mundos infelizes segundo sua distância do Sol. A lei do

céu está em conformidade com a lei da Terra, essa lei é o devotamento do grande ao pequeno, do bom ao mau, do rico ao pobre, do belo ao feio, do justo ao injusto, do alegre ao triste, do sorridente ao sangrento; é um misterioso resgate da sombra pela luz, da noite pelo raiar do dia; é a libertação da pedra culpada do cadafalso pela pedra mártir da cruz; é a libertação da planta venenosa pela planta balsâmica, é a libertação da besta feroz pela besta poderosa e meiga; é a libertação do homem criminoso pelo homem inocente, é a libertação da alma punida pela alma recompensada, é a libertação da ideia falsa pela ideia verdadeira; é, por fim, a libertação da estrela que chora pela estrela que reluz e o imenso sacrifício dos paraísos pelos infernos. O céu estrelado possui constelações raras e prodigiosas que têm como missão se aproximarem incessante e lentamente dos mundos indigentes e iluminá-los de modo gradual com uma luz que começa crepuscular e termina flamejante; há outras, igualmente sublimes, que têm como função não se aproximarem, mas se atraírem. Duplo esforço e terrível labor. Umas descem, outras fazem subir, umas são tragadas pelas trevas, outras se põem a suar borbotões de luz: estas mergulham no firmamento e trazem do fundo da noite estrelas pálidas e desgrenhadas; aquelas, sem se abalarem, transformam-se em fogo de palha e feixes no grande átrio negro e aquecem as pobres afogadas. Ó constelações boas e fortes, servas do horrendo necrotério do castigo. Ó bons astros, que se atrelam aos bons astros extraviados. Sóis que viram cão de cego. Globos que se tornam bacias de esmolas. Luzes que se transformam em fiéis de olhos fechados. Plêiades, planetas, raios, archotes vivos, esplendores, leões de chama, ursos de fogo, escorpiões, aquários de diamantes, tigres, panteras, leopardos, elefantes, animália ofuscante de sóis formidáveis, que, por amor, se fazem totós e terras-novas da imensidão. O céu, portanto, assemelha-se à Terra. Nele vigora uma contínua salvação dos astros pelos astros. Assim como há grandes homens, há grandes astros. Temos a estrela Sócrates, a estrela Galileu, a estrela Jan Hus, a estrela Joana d'Arc, a plêiade Macabeu, a estrela Dante, a estrela Molière, a estrela Shakespeare e, no centro do céu, na tempestade e na glória, cercado de nuvens e chamas, está o sol Jesus Cristo, magnificamente pregado no Cruzeiro do Sul. O firmamento assim compreendido deve se afigurar para ti...

— Fiz versos que evocam essas ideias sem afirmá-las; em uns, represento Deus passando astros e almas na mesma peneira. Noutros, a Terra é para o Sol o que o homem é para o anjo.

— ... sob um aspecto novo. O lugar dos mundos, o papel dos globos não são coisa arbitrária. Acabo de abrir horizontes necessários em teu espírito, aliás voltaremos ao tema. Chego agora à tua pergunta. Antes, porém, outra reflexão. Nos mundos punidos dos homens, há animais, plantas e pedras que contribuem para a libertação de seus astros; já nos mundos recompensados, há sóis dedicados à mesma obra de alforriamento com relação aos mundos punidos. Enquanto a estrela venturosa trabalha para salvar a estrela infeliz, ela é ajudada nessa estrela ora por um homem, ora por uma planta, ora por uma pedra. A estrela ajuda o homem, o homem ajuda a estrela. A estrela ajuda o animal, o animal ajuda a estrela. A estrela ajuda a planta, a planta ajuda a estrela. A estrela ajuda a pedra, a pedra ajuda a estrela. À noite, na hora da alma, quando o corpo dorme, o homem salvador e o astro salvador trocam palavras de amor. Molière diz a Vênus: eu te amo. O animal mártir fala com a estrela libertadora. A planta sofredora conversa com o planeta caridoso, e o grão de areia esmagado pede socorro ao grão de luz.

A mesa para bruscamente, crepúsculo, 5h.

DOMINGO, 10 DE DEZEMBRO DE 1854

10h da noite. Presentes: sra. Victor Hugo, Charles Hugo, srta. Adèle Hugo, Auguste Vacquerie, Guérin. À mesa: sra. Victor Hugo e Charles Hugo. (Cópia C. D.)

Antes que a interroguemos, a Mesa diz: Galileu.

— Fala.

— Venho responder à objeção de Victor Hugo referente à inexatidão científica da cosmogonia das Mesas. Que ele a formule.

Victor Hugo entra e pega a pena.

Victor Hugo: Eis não a objeção, mas a observação. Em suas admiráveis palavras da última sessão (22 de outubro), o ser colossal que falava comigo me pareceu demasiado condescendente do ponto de vista humano. Isto é, com a ilusão que nos causa o céu quando o contemplamos. É evidente que o que chamamos constelações são provas fictícias compostas pelo nosso olhar com estrelas que nos parecem de tamanho aproximadamente similar. Ora, uma pequena estrela que gradativamente nos parece grande é uma estrela grande que está longe e pode nos parecer pequena. Duas estrelas que vemos a uma distância razoável uma da outra e que agrupamos em uma constelação talvez estejam na realidade separadas por uma distância imensa e pertençam a um grupo completamente diferente no infinito. Portanto, nossa construção das constelações é completamente arbitrária e resulta de uma ilusão de óptica. Há, claro, as constelações verdadeiras. As que julgamos ver nas constelações falsas. Ora, uma vez que nossa imperfeição humana compreende isso, a Mesa poderia, me parece, ao dizer coisas tão elevadas, falar plenamente a língua esplêndida da verdade. Não nos julgamos indignos de ouvi-la. A Mesa então poderia nos dizer: as constelações que vedes com vossos olhos que as agrupam e vossa ilusão que as cria, todos esses nomes com os quais as designais, Leão, Touro, Capricórnio, Sagitário, são nomes de vossa lavra e de vossos sonhos. As constelações reais não têm nomes terrenos e sim celestiais. Eis como elas se chamam. É dessas constelações que vos falo e então a Mesa confirmaria, do cimo de tais realidades, as explicações que nos deu. Isso não teria sido mais grave para homens de fé como nós, mas teria sido mais inatacável para os homens de dúvida, e é a eles também, me parece, que convém falar. Dito isso, aceito tua resposta.

Galileu: Respondo duas coisas: em primeiro lugar, se a Mesa devesse falar não a linguagem humana, mas a linguagem celeste, vós não a compreenderíeis. Na linguagem celeste, o homem não se chama homem, o animal não se chama animal, a planta não se chama planta, a pedra não se chama pedra, a terra não se chama terra, o ar não se chama ar, a água não se chama água, o fogo não se chama fogo, o céu não se chama céu, a estrela não se chama estrela, a constelação não se chama constelação; Deus não se chama Deus. Não existem palavras onde não existem corpos. As palavras são matéria com que fabricais o ideal. O infinito é anônimo, a eternidade

não tem certidão de nascimento. O espaço e o tempo são anônimos assustados correndo na imensidão. O espaço não tem olhar, o tempo não tem pés, um é uma sombra que cai no abismo, o outro é um abismo que cai na sombra. O espaço e o tempo, duas máscaras, duas aparências, duas visões, dois sonhos, dois impossíveis, dois olhos furados pelo horror, duas patas sangrando do castigo, dois prodigiosos maxilares do abismo, mas isso, o rosto, não. O rosto não fala, o rosto não ouve, o rosto não formula. Deus falando é Deus língua, Deus língua é Deus boca, Deus boca é Deus corpo, Deus corpo é Deus homem, Deus homem é Deus animal, Deus animal é Deus planta, Deus planta é Deus pedra. Percebes isso? Deus pedra! Ele que não é sequer Deus estrela. Não, a língua celeste não existe. Não existe alfabeto do incriado; não existe gramática do céu, não se aprende o divino como o hebraico, o celeste não é um dialeto terreno, o infinito não é uma espécie de chinês desconhecido. Os anjos não são professores das línguas substitutas da corrente imensidão. Não, nada disso tem nome, tudo é luz e desconhecido, tudo é raio e máscara, tudo é sol errante. A imensidão é uma família de vagabundos, o espaço não tem passaporte, o céu não tem sinalização, a eternidade não tem genealogia, a criação não tem nome de batismo; Deus não tem nem fogo nem lugar. Tudo que é incriado é anônimo. A língua celeste é falada no ofuscamento, brilhar é exprimir-se, o luminoso é o claro, o fulminante é o sublime, falar a língua celeste é expelir chamadas, um céu que fala é um céu estrelado, um céu que se cala fecha os lábios de trevas e cada letra desse terrível vocabulário é um incêndio sobre o qual sopra a escura boca da noite, o dicionário do infinito está cheio de pontuações de estrelas, e o que tu dirias então se, para falar contigo a língua que tu, fraco, pedes, esta pequena mesa, em vez de sílabas, palavras e frases, lançasse de repente ao teu ouvido milhões de astros, projetados da face de Júpiter e Saturno, e espalhasse no teu papel a imensa mancha de tinta da noite estrelada e nela fizesse correções com cometas furiosos?

A mesa se interrompe.

Victor Hugo: Esta é somente a primeira parte de tua resposta. Queres voltar domingo para dizer a segunda parte?

— Sim.

DOMINGO, 17 DE DEZEMBRO DE 1854

9h45 da noite. Presentes: Théophile Guérin, Victor Hugo. Conduzindo a mesa: Charles e sra. Victor Hugo. (Cópia C. D.)

Victor Hugo coloca sobre a mesa duas folhas verdes colhidas por ele durante o dia. A mesa se agita ao fim de cinco minutos e, sem se anunciar:

— Galileu.

Victor Hugo: Tu não respondeste senão ao acessório de minha pergunta e não ao princípio. Minhas perguntas referiam-se às constelações reais distintas.

— Esse é teu outro erro. Escuta, já expliquei como as Mesas, para se fazerem compreender por vós, se viam obrigadas a falar vossa linguagem, ora, vossa linguagem é uma convenção, vossa...

Victor Hugo retira as folhas, que não deram resultado.

— ... linguagem é a fumaça de vossa boca. Ela tapa as estrelas com nuvens. Isso significa que vos enganastes em tudo? Não, vossas mãos tateiam o céu e, às vezes, roçam nas maçanetas reluzentes das portas divinas; todo o equívoco do homem está cheio da verdade de Deus.

Não existe erro no absoluto, o relativo não é relativo, a mentira não é mais mentira do que a descoberta é descoberta. Herschelle* não descobre nada para Deus. Os verdadeiros astrônomos são tão verídicos quanto os falsos. Todos os telescópios humanos estão no aproximativo, não é o sentido, tampouco o antissentido. Tu afirmas que eu quero o céu verdadeiro e não o céu imaginário. Quero o firmamento real, as constelações reais, os sóis reais, quero a imensidão de Deus completa, sem lacuna, sem solução de continuidade, quero o abismo sem o vazio; trouxe-me o infinito e o mistério, eu reivindico o mapa do túmulo, o itinerário da ressurreição. Mostra-me o incomensurável, abri o insondável. Tiraí o cordão de isolamento

* Herschelle: William Herschel (1732-1822), astrônomo britânico que descobriu Urano e dois de seus satélites, bem como dois satélites de Saturno. Provou o deslocamento do sistema solar, empreendeu um estudo sistemático da distribuição das estrelas e observou as estrelas duplas. Seu filho, John Herschel (1792-1871), deu continuidade aos seus estudos sobre as estrelas duplas e as nebulosas.

do céu, quero fazer uma perquirição nas estrelas. Constelações humanas, documento, Grande Ursa, prova de identidade, Capricórnio, tu mentes, Aquário, tu mentes. Suspeito de vós, firmamento, suspeito de vós, quero revistar-vos, chega de escapatórias; fechai todas as portas, que nenhuma estrela escape. Passai as algemas em Deus. Devo interrogá-lo agora. Noite escura, comparece. E agora, dia radiante, responde. E agora, réus sóis, de pé. Sou o presidente do tribunal da noite. Conto com um júri de fantasmas, a sessão está aberta, silêncio no banco dos astros, que façam entrar a testemunha Galileu. Eu entro e digo: ó vivo, porventura conheço o céu? Porventura percorri a imensidão sem ter percorrido a eternidade? Como queres que eu aponte as fronteiras do infinito sem fronteiras? Ninguém recebeu as confidências do teu imenso réu, o mistério. Nesse caso, não existe amigo íntimo capaz de fazer-te revelações. Só ele sabe seu segredo. Nenhuma estrela dará com a língua nos dentes. Os conjurados da sombra se calarão, sem exceção, e a sociedade secreta dos astros acobertará Deus. A verdade não fará confissões. O absoluto não se deixará intimidar e nenhum juiz de instrução interrogará o Paraíso, nenhum escrivão fará a lista das constelações, nenhum promotor folheará o processo de Deus e nenhuma sentença irá proferir perante a multidão: os sóis foram inocentados, as constelações, condenadas, a Grande Ursa é declarada dissolvida, a queixa de Júpiter é recusada, Aldebarã* ganhará a liberdade e poderá circular no céu. Quanto à criação, ficará sob custódia, enquanto a imensidão está condenada a 100 mil anos de vigilância do pensamento elevado.

Eu, Galileu, declaro ignorar o conteúdo do infinito, onde começa, onde termina, o que há na frente, atrás, no centro, à direita, à esquerda, a leste, a oeste, ao sul, ao norte. Desconheço tanto o interior como o exterior. Vejo astros, astros, astros; vejo estrelas, estrelas, estrelas. Vejo constelações, constelações, constelações; vejo raios misturados a esplendores amarrados a cintilâncias, alumbramentos perdidos em contemplações mergulhadas em alumbramentos; sou cativo do prodigioso rodopio da

* Aldebarã: nome dado à estrela de tipo espectral pertencente à constelação de Touro e situada a 68 anos-luz da Terra.

roda dos eixos de ouro; aonde ela vai? Não faço ideia, a noite é o covil das estrelas, observo a noite e só vejo milhões de rodas vertiginosas rumando para um fim invisível, todos os carros do eterno triunfador; sou ignorante do desconhecido, sei tanto sobre o astro Alfa quanto sobre o astro Ômega, desafio qualquer um a falar sobre a noite mais do que eu.

É uma jazida de trevas com filões de estrelas, a sombra só é trespassada pela sombra, assim como o diamante só é cortado por outro diamante; de tempos em tempos, o mármore negro permite ao escultor vislumbrar a estátua e ao céu vislumbrar a Deus. Enfim, todo o firmamento é um grandioso enigma com milhões de chaves. Uma estrela é a negação de outra. Todos esses astros negam e se afirmam, e ninguém sabe se os milhões que brilham pertencem a não ou a sim.

A mesa se imobiliza.

Encerrado à meia-noite e cinquenta.

Victor Hugo: Antes de nos deixares, podes nos dizer quando o leão voltará e quando poderei ler para a Dama Branca os versos que ela me solicitou?

A mesa se ergue.

— Ouviste a pergunta?

— Não.

Deixamos a mesa.

[Anotação de Victor Hugo, de próprio punho:] Tenho uma observação a fazer. Não insistirei. Está claro para mim, pelo que a Mesa disse esta noite, assim como em diversas outras ocasiões, que o mundo tenebroso não deseja ser arrombado. Quando a curiosidade não passa de adoração a Deus e respeito ao infinito, esse mundo sublime quer permanecer sublime, não quer se tornar exato, ou, pelo menos, quer que sua exatidão não se nos afigure senão enorme e confusa em prodigiosos vazamentos de sombra e luz. Ele quer ser nossa visão, e não nossa ciência. Quer conservar para o nosso olho a figura surpreendente do impossível. Tudo multiplicando os lineamentos do real. Ele não consente sequer em aceitar, para tornar esses pontos de vista humanamente mais corretos, os fatos científicos comprovados e as perspicácias

de nossa razão e observação. Em suma, ele quer que o homem duvide. Essa é visivelmente a lei, e a ela me resigno.

A Mesa recebe a pergunta como se fosse uma acusação.

[Continuação da anotação de Victor Hugo:] Isso me impressiona, eu fazia uma pergunta humilde, e ninguém mais do que eu compreende que somos átomos e que nada sou perante Deus. Eu perguntava à Mesa (falo Mesa para abreviar) se ela não julgava que essas grandes revelações sobre as funções dos astros teriam tido, se não mais autoridade, pelo menos mais solidez aos olhos daqueles que negam, instalando-se nos próprios dados de nossa astronomia, repudiando-a como fatalmente inexata, dizendo, por exemplo, não me refiro às constelações aparentes compostas das ilusões de nosso olho, mas às constelações reais agrupadas por Deus, refiro-me ao que não vedes. Pois bem, o ser que me responde em linguagem esplêndida diz: “meu nome é Galileu”, e Galileu, que lutou e sofreu na Terra para destruir a ilusão, toma o partido da ilusão. Galileu, que poderia se chamar realidade, toma o partido da aparência. Qualifica com certa ironia o pensamento elevado, ele que é o pensamento e a elevação. Termina quase por dizer sim e não, ele a quem o não pôs de joelhos e que se reergueu dizendo sim. Evidentemente, ele não está errado, sabe o que faz, e, se recusa a se explicar sobre a aparência e a ilusão, é porque a aparência e a ilusão fazem parte do olhar humano e o homem deve continuar a cultivar a dúvida. As Mesas, que no momento presente encetam a grandiosa Bíblia nova, nela misturam o livro da escuridão e o livro da claridade. Deixam-nos crendo mais e tateando ainda mais.

Elas não revelam nada exceto em sua hora, não na nossa. Por instantes, adensam as trevas, ao mesmo tempo que espalham esplendores, mas esplendores relâmpagos e não esplendores raios. Assim que começamos a enxergar mais nitidamente, o mundo se fecha. Não podemos ter certeza de nada, eis a expiação humana. Sempre que o homem, submerso no para-além nas trevas, exsudando todas as espumas do abismo e da noite, logra agarrar-se no costado da barca da fé e alça meio-corpo da escuridão, a sombra que está na barca o desprende e o atira no abismo, dizendo-lhe: vai, homem, luta, sofre, rola, pragueja, duvide. *E pur si muove*. E mesmo assim creio, e mesmo assim creio, e mesmo assim creio. Em ti, minh'alma, em vós, meu Deus. Victor Hugo

Dito isso, é unicamente para aliviar minha consciência nas minúcias que repito aqui a observação já feita diversas vezes sobre meus encontros com a Mesa. Assim, a linguagem esfumada da boca, as mãos tateando o céu, a jazida de mármore negro e a estátua, o cordão de isolamento do céu encontram-se quase literalmente nos poemas que integram *As contemplações*.

SEGUNDA-FEIRA, 18 DE DEZEMBRO DE 1854

(Cópias C. D.)

Após ouvirem essa observação, que eu escrevia sem intenção de fazer uma pergunta à Mesa, é 1h30 da tarde, Charles e minha mulher instalam-se à mesa. Esta se ergue quase imediatamente e golpeia sem ser interrogada.

— A Sombra do Sepulcro.

Victor Hugo: Tu sabes que eu não tinha pergunta. Tu vês no meu pensamento, nós te escutamos.

— Acabo de trazer uma das chaves do céu, a qual deve permanecer vedada à ciência humana, mas uma das chaves de Deus cujo poder é abrir os dois batentes para o mais alto degrau do espírito humano; o firmamento está cheio de portas inesperadas e escuras, é um eterno ruído de gonzos de bronze, pregos esplêndidos, barras flamejantes e tenazes luminosas; mas Deus não tem ferrolhos. A maneira de se trancar é ser sem limites. A muralha é o ilimitado, seu horizonte é o impenetrável. Ninguém entra nele porque tudo nele é majestosamente livre para a alma. Faríamos viagens sem fim no ser sem fundo, nos perderíamos nesse Deus, nesse verbo, nessa inextricável rede de trilhas reluzentes, nessa floresta virgem de cintilações. Deus é o olhar murado e o grande abordável; ele se evade para o inacessível e gera o acessível. Não se furta, não se isola, não foge. Está absolutamente sozinho e em toda parte. Os milhões de mundos fazem esse solitário enorme; as multidões de criações fazem esse anacoreta imenso; as multidões de céus fazem essa caverna prodigiosa; as hordas de astros e as turbas de sóis são a

alma e a unidade desse tranquilo cenobita que lança seu burel de trevas sobre o mundo; a universal liberdade faz esse prisioneiro incomensurável; Deus está no âmago do mistério; Deus é o amo da prisão que se apieda de todos os escravos, mas que é igualmente escravo; ele não é senão miséria; ele não é senão dor; ele não é senão piedade; Deus é a grande lágrima do infinito.

(Fiz estes versos.) “*Deus lágrima do infinito.*” [Anotação de Victor Hugo]

Expor o pensamento de Deus sobre este firmamento do qual queres saber mais, e não tudo? Se perguntas tão pouco, é porque és pouco exigente. Que diferença faz uma migalha de céu a mais ou a menos? Que medíocre apetite de infinito o que pede um suplemento de estrelas e se queixa de sua razão de astros ao seu carcereiro. Finalmente uma grande vontade, uma profunda revolta, um terrível motim; alguns pomos de ouro a mais ou a menos na sobremesa, pobre homem, que bela conquista! Se Galileu tivesse te falado, em vez do mísero ponto de vista de Júpiter, o mísero ponto de vista de Vênus, o mísero ponto de vista de Saturno, o mísero ponto de vista de Marte. O erro de Mercúrio é o fruto que te seduz? Ó Tântalo do céu, queres a ilusão de Pollas, queres a óptica de Herschel? Queres a miragem do planeta à esquerda em lugar do fogo-fátuo do planeta à direita? Desejas um absoluto ou outro relativo que não o teu, não a verdade, mas outra falsidade que não a tua, não o verdadeiro sentido, mas outro sem-sentido? Estás ávido de fumaça, sôfrego de bruma, com fome de sombra? Tu julgas pedir uma soma maior de mentiras, queres poder fazer um feixe de luz com trevas e, terminando por descobrir que teu mundo não vê suficientemente claro no céu, queixas-te de não ter a opinião de três ou quatro planetas a mais e exclamas: pena que não sejamos suficientemente cegos! Derrubas os postes de luz do bom Deus. Em teu lugar, eu pediria tudo ou nada; exigiria a imensidão, imprensaria o infinito, ergueria barricadas até o último andar do céu, faria uma revolução completa, queteria saber tudo, pegar tudo, agarrar tudo; não reservaria um paraíso ao céu, não lhe permitiria ocultar-me um inferno; eu me entregaria ao abismo; faria de meu cérebro o sorvedouro de Deus. Avançaria no prodigioso naco do infinito. Seria um imenso e terrível Gargântua das estrelas, um coronel Polifemo de constelações, turbilhões e trovões. Beberia o esguicho de leite da Via Láctea, engoliria os cometas,

almoçaria a aurora, jantaria dias e cearia noites. Me convidaria, esplêndido comensal, para o festim das glórias e diria a Deus: meu anfitrião. Forjaria uma fome magnífica, uma sede insaciável e, Sileno dos mundos, correria pelo espaço das esferas entoando a terrível canção de ébrios da eternidade. Alegre, radiante, sublime, com as mãos abarrotadas de cachos de astros. E, com o rosto púrpura dos sóis, não deixaria uma estrela vazia e, no fim do banquete, me espojaria sob os céus iluminados. Mas tu és mais modesto, pedes esmola ao mundo, não passas de um mendigo de Deus e lhe estendes a mão, dizendo: um pequeno astro, por favor.

Abordo a questão que te preocupa. Os cientistas, dizes tu, rirão de nossa astronomia; exclamarão: o que significam essas constelações que não são nossas ilusões de óptica levadas a sério? Mas não deve haver nenhum elo entre as estrelas que para nós compõem a Grande Ursa, o grupo do Capricórnio ou outro qualquer. Há distâncias incalculáveis no mundo cujas funções vós misturais nos céus. Atribuíis ações comuns a estrelas que vivem a milhões de léguas e que nunca se falaram. Quimeras! Seria o vosso céu uma mão de mágico onde os astros dançam e executam truques, e nossa astronomia uma mesa onde o talentoso ilusionista faz desaparecer as distâncias? Nada de constelações, nada de céu, nada de Deus. Fazeis rir a matemática e vos damos um desmentido: nossa noite de estrelas não corresponde em nada ao nosso quadro-negro. Somente os nossos telescópios fazem o cerco do céu e nossos canhões estão apontados para nossos observatórios, prontos para enviar para nossas constelações uma rajada de algarismos aos cientistas. Nos últimos de vossos cálculos, há a unidade, a unidade é o sol de Deus. Não existe algarismo mil, não existe algarismo cem, não existe algarismo dez, não existe algarismo dois. Deus não conta até um. O céu é uma imensa constelação. Não há dois grupos de astros, há apenas um. Não há milhões de léguas, de pés. Não há distâncias no céu, somente vizinhanças, uma família, um mundo. Todas as pequenas constelações são falsas no relativo e verdadeiras no absoluto. A Grande Ursa, Aquário e Órion são acoplamentos feitos inteiramente pelos olhos e que não perturbam a harmonia celeste. Todos os astros se veem, completam, atraem e amam, se buscam, compreendem e vivificam; há os que se comunicam entre si; há os que se empurram, há os

que se concebem e há os que se enterram, não existem astros solitários; não existem astros órfãos, não existem estrelas viúvas, não existem sóis perdidos. Não há recanto de noite enlutado; não há dia abandonado, não há esfera que seja isoladamente o núcleo do céu. O caminho é inteiramente ocupado por um único astro que se espalha, os outros astros são apenas sementes do astro flor. Uma prodigiosa necessidade de amor, eis a lei dos mundos; a noite é a democracia estrelada. O firmamento é a república simbólica que mistura os astros em todos os degraus e realiza a fraternidade por meio...

(Eu disse: “O futuro é o himeneu dos homens na Terra
E das estrelas nos céus.”) [Anotação de Victor Hugo.]

... da irradiação. O astro palácio ajuda o astro oficina, o astro oficina ajuda o astro mansarda, o astro mansarda ajuda o astro porão, o astro porão ajuda o astro presídio. Um infinitamente pequeno é o irmão caçula de um infinitamente grande; uma estrela de gênio instrui uma estrela idiota; os sóis hérules estão sempre junto aos sóis berços, o rosto dos mundos felizes aponta o olhar para os mundos infelizes, as estrelas punidas choram sempre ao lado das estrelas recompensadas, as estrelas recompensadas sorriem sempre para as estrelas punidas. A consolação é a forma das recompensas. Há sempre um astro pomba junto a um astro tumba; há sempre um sol que cura ao lado de um sol que sangra. A imensidão é a palavra de amor da eternidade. Amor, amor, amor, tu és a solução suprema, o último algarismo, o bilhão de Deus, a totalidade prodigiosa formada no firmamento estrelado por todos esses zeros ofuscantes. Tu és o cálculo extremo, o tesouro do sepulcro e a herança dos mortos. És prenhe de ressurreições e fazes das lápides celestes locais esplêndidos, onde vemos brilhar, através da profundidade das tumbas, pilhas de cadáveres e lingotes de ossadas.

Encerrado às 7h. Escritas de próprio punho por Victor Hugo.

As últimas linhas foram escritas por Auguste Vacquerie. [Está apagado e, com a letra de Auguste Vacquerie, lemos: “Victor Hugo, que escrevera toda a sessão até as últimas vinte linhas, obrigado a sair, foi substituído por A[uguste] V[acquerie]”.]

19 DE DEZEMBRO DE 1854

(Cópias C. D.)

Escrito por Victor Hugo.

Persisto em não fazer objeção alguma. É enorme; entretanto, não confundo enormidade com imensidão. Só Deus é imenso. Parece-me que o que me é pessoalmente dirigido confirma minha anotação anterior. Eis, sob outra forma, as grandes admoestações bíblicas, minha consciência não me diz que as mereci. Em todo caso, em meu pensamento, mesmo eu julgando não estar errado, creio que o mundo misterioso que nos fala uma linguagem magnífica tampouco está errado; é sua missão nos deixar na dúvida e ele faz o necessário para isso. A Mesa me disse (10 de novembro) estuda a fundo a astronomia humana e (18 de dezembro) que diferença faz uma migalha de céu a mais ou a menos. Quase chegou a zombar da coisa que me aconselhou. Não insisto. Sem perder a retidão de minha consciência, inclino-me silenciosamente perante o ser sublime que falou comigo ontem e que terminou com palavras tão elevadas e doces.

Assinado V.[ictor] H.[ugo]

QUINTA-FEIRA, 28 DE DEZEMBRO DE 1854

9h30 da noite. Sra. Hugo e Charles conduzindo a mesa. Victor Hugo: escrevente. (Ata V. H.)

Testamos uma mesa nova trazida pelo sr. Allix, pois a antiga se desmanchara com as comoções e impactos das sessões anteriores. Ao fim de três minutos, a mesa se move e desliza em diversas direções. Em seguida, uma pausa. Mais cinco minutos. A mesa se agita. O pé se ergue.

Victor Hugo: Quem está aqui?

— Josué.

— Tens algo a nos dizer?

— Sim.

— Fala.

— O homem não é um eu simples: é um eu complexo. Em sua epiderme, há milhões de seres...

[Anotação de Victor Hugo:] *Ideia que tive três dias atrás pensando que a Terra era igual ao homem, mas em uma escala maior.* V. H.

— ... que são milhões de almas. Em sua carne, há milhões de seres que são milhões de almas. Em seu sangue, há milhões de seres que são milhões de almas. Em suas unhas, há milhões de seres que são milhões de almas. Cada bafejo de sua boca é um vendaval de almas; cada olhar de seus olhos é uma fulgurância de almas. Mas o grande ninho é o seu cérebro. Nele, cada fibra é uma alma que pensa; uma ideia não se forma senão pelo trabalho lento e doloroso de todas essas almas cativas sob a abóbada do crânio humano, um cérebro é um calabouço; uma ideia é uma evasão. Todos os membros do corpo do homem são corredores de prisão; sua cabeça é a masmorra; o homem é um prisioneiro que serve de prisão; o homem é um imenso eu dotado de múltiplos eus imperceptíveis; é um mundo autônomo; é um inferno até a ponta de suas unhas e um inferno até a raiz de seus cabelos; suas veias são rios juncados de afogados; seus ossos são pelourinhos equipados com grilhões; seus cabelos são cordas de um chicote invisível cujos sinistros loros esvoaçam ao vento sobre os forçados de seu crânio; o homem regurgita supliciados; é o instrumento das execuções e, ao mesmo tempo, o executado; é um enforcado e um cadafalso; é um crucificado e uma cruz; é um esartejado cujos quatro membros esartejam um mundo e cujos braços e pernas são cavalos furiosos arrastando almas sangrentas para o desconhecido; o homem se ergue sobre o negro trevoso e toda a natureza mira-o com terror; o céu diz: é o Cristo; a Terra diz: é o calvário. O homem tem sobre a cabeça um imenso corvo que voa eternamente e do qual ele não vê a grande asa senão à noite. Pensai nesse abismo. O homem é um eu povoado de eus que não se conhecem e que ele não conhece. Cada eu, por sua vez, carrega outros eus, e assim até o infinito. O eu do homem vive integralmente, e cada eu embutido no homem é igualmente íntegro; o homem não conhece nada de seu ser; não pode

saber o que vive, morre e nasce nele; o homem é apenas a alma principal do corpo humano; nele, existem almas de outros homens, almas de animais, almas de plantas, almas de pedras; e mais, almas de estrelas. O homem é o mundo; o homem é o céu; o homem é o infinito; o homem é a eternidade; o homem é a semente da criação lançada aos quatro ventos e rolando para os abismos de Deus; imenso átomo, o mais ínfimo eu contém um exemplar completo de todos os eus. O animal contém todos os eus do homem. A planta contém todos os eus do animal. A pedra contém todos os eus da planta. O globo contém todos os eus do homem, do animal, da planta, da pedra. O céu contém todos os eus de todos os globos. Deus contém todos os eus de todos os céus; mas isso é apenas o começo dos horizontes. Vereis, vereis, vereis. Ó onipotência de Deus! Ele tornou o mundo inconsútil; inseminou o germe de todos os seres em cada ser; fez de todo fruto o caroço e de todo caroço o fruto. Ele confinou o homem no animal e o animal no homem, a planta na pedra e a pedra na planta; ele colocou a estrela no céu e o céu na estrela e, da mesma forma, colocou-se em tudo e colocou tudo em si, de maneira que, se um dia acontecesse de um turbilhão, um dilúvio, um furacão destruir os homens, animais, plantas e pedras, se acontecesse de um cometa devorar as estrelas e, destruindo a si próprio, não deixar da criação senão um grão de areia, Deus sorriria e, apanhando o grão com as mãos, o lançaria no espaço, exclamando: Saí, milhões de mundos!

— Sabias que essa ideia já me ocorrera?

— Não.

— Podemos ter esperança de o Leão terminar seu poema?

A mesa responde prontamente.

— Com certeza, tudo será terminado.

Sra. Victor Hugo: Fala comigo, estou triste.

— **Amam-te no mundo dos raios e rezam por ti no mundo das lágrimas. Um pouco de sofrimento faz bem. O Paraíso espera-te com teu marido. Vossa filha deixou sua tumba entreaberta.**

Victor Hugo: Ainda foi Josué quem deu essa última resposta?

— Não.

— Muito bem, diz teu nome?

— Vestra.

A mesa para.

Encerrado à 1h15 da manhã.

SEXTA-FEIRA, 29 DE DEZEMBRO DE 1854

*Presentes: srta. Allix, sr. Allix, Auguste Vacquerie. Conduzindo a mesa: sra. Victor Hugo, Charles. Escrevente: Victor Hugo. (Caderno V. H.)*¹⁰

São 10h15 da noite. A mesa (ainda a mesa nova) se agita ao fim de dois minutos.

Victor Hugo: Quem está aqui?

— Josué.

— Queres continuar como ontem ou que façamos perguntas?

— Perguntas.

— Atribuem-te um milagre impossível, ter imobilizado o Sol, o que devemos pensar e dizer a esse respeito?*

— Viemos aqui menos para esclarecer fatos do que para esclarecer ideias; entretanto, uma vez que me interrogas sobre um fato, homem da ideia, vou responder-te. O Sol é a vida da natureza, a noite é sua morte; o dia é um vivo de doze horas que arrasta um cadáver de doze horas. Suprime a noite, terás um vivo de 24 horas. Fui o profeta, fui a luz, suprimi a noite, fui o sol da ideia que detém seus raios sobre o sofrimento; disse à minha alma: tu não irás mais longe; parei o astro sobre o verme, a lagarta, o andrajo, a chaga; parei o relógio; a hora da luz no meio do quadrante da noite; parei meio-dia em meia-noite.

* Com a ajuda de Deus, Josué interrompe a trajetória do Sol durante a batalha de Gabaão, antiga cidade da Palestina, ao norte de Jerusalém.

— Foste tu que vieste falar comigo há um ano, na época em que publiquei *Os castigos*?

— Não existem dois Josués.

— O que te trazia para junto de nós àquela época? Tenho uma conjectura, ela tem fundamento?

— Talvez.

Sra. Victor Hugo: As Mesas nos disseram várias vezes que Luís Bonaparte cairia em 1855. Em que medida devemos crer nessa predição?

— Perdeis vosso tempo; porventura conheço Bonaparte? Bonaparte deve ser um vil. Não vejo os vis. Leio as palavras, não as rasuras. Falemos das estrelas. O homem descobrirá tudo; suprimirá tudo, inclusive as distâncias entre Deus e ele; tudo não passa de distância; a noite é tão somente a distância do dia, o mal a distância do bem, a dor a distância da felicidade, a Terra a distância do céu; o homem já suprimiu a distância do homem com relação ao homem por meio da democracia, a distância entre países pela ferrovia, a distância entre a dor e o bem-estar pelo clorofórmio, a distância entre a escuridão e a luz pela eletricidade, a distância entre a morte e a vida pela ciência, a distância entre o ar e a terra pelo barco a vapor, a distância entre o fogo e o carvão pela pilha de Volta, a distância entre a pérola e a mulher pelo escafandro, a distância entre a pedra e a casa pelo mineiro, a distância entre o ferro e o instrumento pelo ferreiro, a distância entre o chumbo e a ideia pela prensa, a distância entre o ouro e a vida pelo papel-moeda, a distância entre o berço e o túmulo pela mãe, a distância entre o túmulo e o berço pelo pai, a distância entre o homem e o animal pelo cão, a distância entre o animal e a planta pelo jardim, a distância entre a planta e a pedra pelo ninho de andorinha e pela primula atirada na gaiola pendurada no velho muro e pelo terraço do pomar, a distância entre o grão e o campo de trigo pelo semeador, a distância entre a primavera e o verão pelo agricultor, a distância entre o verão e o outono pelo colhedor, a distância entre o outono e o inverno pelo vinhateiro, a distância entre a neve e o calor pelo calórico, a distância entre a matéria e o ideal pela arte, a distância entre a beleza plástica e o esplendor moral pelo Partenon, a distância entre a dor e a coroa de espinhos pelo calvário, a distância entre

o homem e o fantasma pelo comendador, a distância entre o fantasma e o homem por Hamlet, a distância entre a rainha e o laço por Ruy Blas, a distância entre o rochedo e a nuvem por Prometeu, a distância entre a ironia e a generosidade por dom Quixote, a distância entre o asno e o cavalo por Sancho Pança, a distância entre a monarquia e a revolução por Mirabeau, a distância entre a rua e a praça pública pela barricada, a distância entre a prisão e a imensidão pela fumaça da Bastilha em cinzas, a distância entre o sim e o não pelo talvez, a distância entre a força e o amor pela palavra, a distância entre os dois braços da cruz pelos dois braços de Jesus Cristo, a distância entre os dois braços de Jesus Cristo pelos dois joelhos de Maria Madalena, a distância entre a imensidão e a eternidade pela oração, a distância entre o trovão e o abismo pelo raio caído no para-raios, a distância entre o herói e o gladiador pelo martírio, a distância entre o mistério e a dúvida pela fé, a distância entre a fé e o mistério pela dúvida, a distância entre o infinitamente pequeno e o infinitamente grande pelo eternamente ajoelhado. Ele suprimiu todas as distâncias que estão ao alcance de suas mãos, de seus pés, de seus olhos; e ele pararia aí! E não poderia transpor a distância de uma estrela a outra! E ficaria preso para sempre em seu globo feito um animal na coleira! E não poderia olhar o céu a não ser acorrentado e seria cativo de seu olhar noturno! E seria o nó do infinito! E seria o lacre da sombra! E latiria para as estrelas! E não morderia os mundos! Milhão de léguas que pode deter o homem, onde estás? Mostra teus zeros vazios, número insensato, corrente louca, mostra teus elos; milhão de léguas, és trevas, e o homem tem todas as audácias do archote. Tomai cuidado, distâncias do céu, o homem está faminto de astros, o homem é o grande viajante, o homem é o grande comedor de impossível, o homem é o grande acendedor das realidades; se não quereis, ele vos obrigará, vos agarrará, abismos, na concha de sua mão; vos enxotará a pontapés, mastins de noite; vos empilhará, feixes de nuvens, sarças de brumas, carvões de obscuridades, e ateará fogo à sombra com sua imensa fagulha, e as estrelas gritarão: ao incêndio!

A mesa para bruscamente à 1h da manhã.

Quarto caderno

21 de janeiro a 8 de outubro de 1855

21 DE JANEIRO DE 1855

10h10 da noite.¹ Conduzindo a mesa: Charles, sra. Victor Hugo. Presentes: srta. Adèle Hugo, sr. Jules Allix, srta. Augustine Allix. Escrevente: Victor Hugo.

A noite está muito escura. Neva. A mesa permanece longo tempo imóvel. Ao fim de cinco minutos, ouvimos latidos dos cachorros de todos os quadrantes do horizonte. Ao fim de quinze minutos, a mesa desliza. Os movimentos se repetem e parecem sugerir que falemos à Mesa.

Victor Hugo lê o seguinte em voz alta:

— O ser que se chama a Dama Branca me pediu, no primeiro dia em que veio, uma coisa que fiz. Estou pronto. Sei que um ser com medo de vir fugiu. É porque ele precisa de um consentimento do alto. Limito-me a dizer isto: Estou pronto para ler o que me foi pedido.

A mesa levanta o pé.

Victor Hugo: O que acabo de ler foi ouvido?

— Sim.

— Quem está aqui?

— **d i p i m o l l i m o n l e l g**

— Nenhum sentido, é isso mesmo que pretendes ditar?

— **qidd**

— Fala inteligivelmente.

— **affamœ**

— Seja quem fores, fala claramente.

— **ist**

O sr. Allix ajusta sua mão. A mesa recomeça seu murmúrio.

— **i**

Victor Hugo: É isto?

— Sim.

— Depois?

— Isto ele

A srta. Allix substitui seu irmão. A mesa bate freneticamente.

— k o f f e n o

Victor Hugo: Perguntamos à Mesa se ela quer falar francês, inglês, espanhol, latim, uma língua que possamos compreender.

— Sim.

— Fala.

— e c d c

Substituímos então a mesa nova, servindo-nos por conseguinte da antiga, movimento imediato.

Victor Hugo: Quem está aqui?

— Me voi

A sra. Victor Hugo substitui a srta. Allix.

Victor Hugo: Tu que estás aqui, ouviste o que eu disse com relação à Dama Branca?

— H i m u o

Sra. Hugo: Diz o teu nome.

— d h d a l d e d l

O sr. Allix substitui a sra. Hugo. Nenhum resultado. Trazemos a mesa do lápis. Charles e o sr. Allix pousam a mão sobre ela, latido do cão. O lápis se ergue.

Victor Hugo: Tu que estás aqui, desenha teu rosto.

O lápis se mexe prontamente, mas não traça senão linhas confusas. Viramos a folha. Mesmo resultado.

Encerrado às 11h15.

DOMINGO, 11 DE FEVEREIRO DE 1855

9h30. Presentes: srta. Augustine, Allix, Jules Allix, François-Victor Hugo, Auguste Vacquerie. À mesa: sra. Victor Hugo, Hugo e Charles Hugo. Entra Victor Hugo.

— Quem está aqui?

— Jesus Cristo.

Victor Hugo: Queres nos falar tu mesmo ou que façamos perguntas? Se quiseres perguntas, bate uma vez.

A mesa bate uma vez.

Auguste Vacquerie: No momento em que o mistério nos fala em Jersey pela voz das Mesas, os espíritos na França voltam-se todos para o mistério; estudamos mais profundamente as religiões; o druidismo, em especial, preocupa todos os pensamentos. Acontece que as tríades bárdicas, cujos fragmentos acabam de ser descobertos, apresentam, no fundo e na forma, elos impressionantes com as palavras das Mesas. As Mesas coincidem, em certos pontos, com o cristianismo; em outros, com a Revolução Francesa. Coisa bem simples, pois o futuro não destrói o passado, ele o completa, e a verdade definitiva não passará da soma de todas as frações de verdade rateadas pelas sucessivas renovações. Tu, que acrescentaste ao pensamento humano tão imensa quantidade de verdade, podes nos dizer onde todas essas revoluções se tocam e onde elas se superam? Podes nos explicar o que o cristianismo acrescentou ao druidismo, a Revolução Francesa ao cristianismo e o que as Mesas acrescentam à revolução?

Jesus Cristo: Os druidas são a primeira religião do homem e a primeira explosão da alma no corpo. Eles se irradiam através dos detritos da matéria sangrenta. Eles destroçam o corpo a golpes de céu. Eles assassinam o homem a golpes de Deus. Eles matam a criança a golpes de oração. Eles esmagam o ancião a golpes de túmulo. Eles fazem da alma esplêndida a libertadora de tudo e a assassina de tudo. A alma do druidismo é um anjo com asas em forma de machado. O druidismo enche a floresta, o rio, o animal, a pedra, com manchas de sangue e reflexos de estrelas. Ele espalha a eternidade à força de chagas e a imortalidade em pleno sepulcro. Arranca os sóis do corpo do homem mediante tortura. Insere o corpo na questão

do infinito, vergasta-o com as duas abas do firmamento, injeta-lhe raio derretido nas veias, esquarteja-o com os quatro ventos, decapita-o com a foice de ouro da Lua e joga sua cabeça na vala comum das trevas enormes. O druidismo é o crime da alma sobre o homem.² É a eternidade, a imensidão, o céu, as estrelas, o relâmpago, o trovão. O cristianismo sobe um grau na Terra e desce um no céu. Ele ensina o amor sob o nome de caridade e o ódio sob o nome de Inferno. O homem é tudo, o animal, a planta, a pedra, nada. Ele diz alma imortal e penas eternas. Ele cura os doentes e tortura os culpados. Instala o sacrifício humano no firmamento, a questão no túmulo, o sofrimento físico no mundo imaterial, e faz das estrelas infames tições de uma fogueira de trevas. Perdão, meu Deus, o cristianismo se vinga, o cristianismo vence, o cristianismo pune sem remissão, o cristianismo morre na cruz e tortura na nuvem. Ele faz da noite a escura vontade da morte. Ele diz trevas sobre o pecado, matéria sobre a alma. O túmulo é a queda no corpo e não a eclosão na alma. O druidismo suplicia o corpo vivo, o cristianismo martiriza o cadáver. O cristianismo quer o céu flamejante, o druidismo quer a Terra sangrenta. O cristianismo,³ como toda coisa humana, é um progresso e um mal. É uma porta de luz com uma fechadura de noite. A chave está na porta, o passante abre e se julga na casa de Deus, mas o passante se engana, Deus é o ausente da casa. Deus é o eterno fujão.

11h30. *Charles está muito cansado nos últimos quinze minutos. Interrompemos.*

DOMINGO, 18 DE FEVEREIRO

9h45 da noite. Presentes: srta. Adèle Hugo, srta. Augustine, Allix, sr. Jules Allix, sr. Auguste Vacquerie. Conduzindo a mesa: sra. Victor Hugo, Charles. Escrevente: Victor Hugo.

A mesa se move ao cabo de dez minutos.

Victor Hugo: Quem está aqui?

— Jesus Cristo.

Victor Hugo: Fala.

— Visto que vos interessais pelo que digo, Victor Hugo lerá cada frase em voz alta. Continuarei parando a cada ponto. O cristianismo é o corpo feliz aqui na Terra e torturado nas alturas, o cristianismo é a alma feliz aqui na Terra e supliciada nas alturas, todo o druidismo está no sacrifício humano, todo o cristianismo está no sacrifício divino. O cristianismo se compõe de duas coisas: amor e ódio. Ele faz o homem melhor e Deus pior; ele tem um berço repleto de beijos e um túmulo repleto de chagas; ele cura os vivos e queima os mortos; ele abençoa a mulher adúltera e queima seu cadáver; ele ressuscita Lázaro e queima suas cinzas. Os lábios do cristianismo são de mel e sua língua é de fogo; ele começa pelo raio e termina pela chama; faz da Terra um Éden, do céu um inferno; ele torna encantadoras as flores e terríveis as estrelas; ilumina a mulher e incendeia Vênus; incandesce a aurora, incandesce o dia, incandesce o poente; é o grande salvador e o grande carrasco; é o olhar que chora sobre a Terra e o olhar que flameja no céu; é o carpidor sublime e o vingador formidável, cura as feridas da vida e abre as chagas da eternidade; imprime o maleável na matéria e o terror no ideal; despeja bálsamo sobre os homens e óleo fervente sobre os sóis. O druidismo fazia o inferno na Terra, o cristianismo o faz no céu. O druidismo pegava o ferro, a pedra, o chumbo e o bronze e torturava a alma viva com a matéria; o cristianismo tortura o corpo ressuscitado com o imaterial; usa como ferramentas os lírios do éter, as rosas do anil; dá à aurora dedos de verdugo; sufoca a morte sob o travesseiro da tumba. Seu inferno tem milhões de fornalhas, milhões de braseiros, milhões de fogueiras. Ele vai do norte ao sul, e da imensidão à eternidade; ele turbilhona, fulgura, fatiga as aves esmagando as almas, ele tem a Via Láctea como subterrâneo, o Cruzeiro do Sul como encruzilhada, Saturno como lodaçal, Marte como precipício, a cólera como albergue e, no átrio do albergue, as chamas eternas como lareira. O druidismo olha as florestas, as colinas, as planícies e diz: torturemos. O cristianismo olha as constelações, os planetas, as nebulosas e os exorta: torturemos. O druidismo esconde suas vítimas nos antros, o cristianismo as expõe no infinito. O druidismo se embrenha nos bosques, o cristianismo plana no espaço. O druidismo vive sob os carvalhos sempre sombrios; o cristianismo res-

suscita a dor sob o anil sempre iridescente; o druidismo eriça de horror os galhos das árvores; o cristianismo arrepiava de pavor os raios dos astros; os dólmenes druídicos gotejam sangue, os menires cristãos gotejam enxofre. Toutatis* não vê Deus senão na púrpura do sangue. Jesus Cristo não vê Deus senão na púrpura do fogo. As religiões são golpes de malho no crânio humano; cada fagulha apaga uma estrela e acende um inferno. O ferreiro Toutatis forjou tenazes com os lábios de Deus; o ferreiro Jesus Cristo forjou uma golilha com a mão de Deus. O homem só irá evadir-se no dia em que o ferreiro das tenazes e o ferreiro da golilha fabricarem uma fechadura.

— Charles está cansado, consentes em interromper?

— Sim.

Encerrado à meia-noite.

QUINTA-FEIRA, 1^o DE MARÇO

*10h da noite. Presentes: srta. Allix, sr. Allix, srta. Leriche.** Conduzindo a mesa: Charles, srta. Victor Hugo. Victor Hugo: escrevente.*

A mesa move-se ao cabo de dois minutos.

Victor Hugo: Há alguém aqui?

— Sim.

— Antes de perguntar quem és, gostaria de fazer-te uma pergunta. Mas, antes de mais nada, vês essa pergunta no meu pensamento?

— Sim.

— Queres responder?

— Sim.

* Toutatis (Tutatis ou Teutates), deus celta. [N.E.B.]

** Srta. Leriche: patronímico quase ilegível. Pode tratar-se da srta. Leriche, vizinha dos Hugo em Jersey.

— Fala.

— Tu adivinhaste. A montanha é minha tumba. Sou sua alma. Estou sob o bafejo de Deus, subo e desço, quero o céu, e a Terra me quer: as estrelas me puxam pelos cabelos e os pregos do caixão me prendem pelos pés. As trevas gritam para mim: abaixo! e os sóis me dizem: de pé! Sou a mártir do crepúsculo; tenho medo do poente, tenho medo da noite; o breu é meu assassino; sou a desolada da escuridão, choro e as estrelas apagam minhas lágrimas; choro na máscara do dia, choro no abismo de Deus, choro no imenso tonel sinistro que as Danaides do infinito furaram com estrelas.

— És a mesma que estive à noite na praia em frente à minha casa e que me pediu versos?

— Sou sempre aquela, sou a inconsolável do horizonte, sou o guarda noturno do inumerável tumulto esvaziando seus olhos nos crânios vazios, sou o causador dos pesadelos, sou um fio de cabelo eriçado de horror, sou o mais terrível, pois sou o fio branco e o fio reto.

— Esses dias, quando te vi sobre o martírio,⁴ foi por acaso ou era para mim que aparecias?

— Para os bons olhos, isto é, para os olhos bons.

— Tenho a impressão de que não vens mais à praia, ou que vens à planície, desde o inverno. Tens um motivo para isso?

— Estou em toda parte, mas só me veem em certas horas no norte e em certas horas no sul. Levanto-me e deito-me: as almas têm suas leis como os astros; elas marcham como os planetas. Há as almas fixas; há as almas vagabundas; há Nebulosas de almas; há Plêiades de almas; há a alma satélite e a alma sol; há a alma asteroide e a alma mundo. O céu tem dois aspectos: os sóis e as almas, a noite e a morte, o brilho e a ressurreição. O sepulcro é um nascer do Sol que Deus esconde; o dia é um nascer do Sol que Deus mostra. Metade da noite é alada de eternidade, a outra metade é alada de imensidão.

Neste ponto, Victor Hugo diz às pessoas presentes: Fiz estes versos: “Imensidão! diz o Ser. Eternidade! diz a alma”.⁵ Neste momento, se eu estivesse na planície ou na praia, eu te veria?

— Não me faças tais perguntas.

Sra. Hugo: Como vens encontrar os bons e por quê, visto que só trazes o terror?

— A dor mais dolorosa é a dor terrível. Chorar e causar medo, eis o castigo; pois em geral a tristeza trai e as lágrimas são sorrisos. Ai de mim! As minhas são tempestades e sou um furacão desesperado por não poder acariciar.

Victor Hugo: Tu me pediste orações. Sabes que penso em ti todas as noites? Isso chega a ti e te consola?

— Não estou sozinha. Reza por todos, se quiseres me consolar, esquece de mim. Rezar por uma só é afligi-la. As únicas preces boas são as que semeamos ao vento sobre todos os túmulos.⁶

— É minha lei, com efeito, rezar por todos, e é o que faço. Deves saber. Mas haveria inconveniente em misturar teu nome e alguns outros a uma prece universal?

— Sim, no que se refere ao meu nome. Sou uma desconhecida para ti. Não sou um dos teus mortos. Sou mais um símbolo do que um ser; sou o fantasma de uma multidão, sou antes o espectro de um crime do que uma criminosa. Não tenho entidade; meu nome é infanticídio. Sou a mãe de todas as crianças mortas; sou a anônima e a invisível; sou a mortalha formidável que fazem na minha tumba todos os cueiros sangrentos e todos os berços.

— O que devemos pensar da aparição que alvoroça neste momento toda a ilha e que faz alguns tremerem e outros rirem?

— Nada.

Nos últimos quinze dias, os habitantes de Bagol, de George Town, em um beco pavimentado, estão de pé todas as noites para tentar ver ou capturar um ser misterioso, que veste uma mortalha negra e apareceu para algumas senhoras.

Victor Hugo: O que devemos pensar das marcas encontradas há quinze dias no Devonshire, assunto de toda a imprensa inglesa neste momento? O *Illustration* de Londres publicou um desenho, são marcas de pegadas com a forma de uma ferradura, espaçadas de oito em oito polegadas, em linha reta, estendendo-se por uma superfície de cem milhas, que um braço de mar corta,

pegadas nos muros, e tanto nas casas como no chão, e diferentes das pegadas de qualquer criatura conhecida pelo homem. Há nisso uma realidade incontestável e um mistério evidente. Sabes qual foi a criatura que deu esses passos?

— A criatura a que vos referis é uma ave que salta sobre uma só pata se ajudando com as asas, é uma ave polar colossal que, pelo hábito de ficar na ponta das patas, perdeu o uso de uma delas; é a ave mais veloz de todas.

— Vejo-te sobre a montanha, onde está o dólmén da torre branca, mas tu nos disseste que habitavas o Roquebert. Em qual desses dois lugares moras realmente?

— Tenho diversas moradas. Estou numa lenda popular; também deixei meu rastro no espírito humano. No mais, uma última palavra. Uma noite, vós quisestes ir atrás de uma luz que brilhava na praia acreditando ser a Dama Branca.⁷ Encontrastes uma lanterna de pescador, pois bem, se tivésseis ido atrás da luz que brilha sobre a colina, teríeis encontrado um sinal de contrabandista. A explicação, ei-la em uma linha: há duas almas nas duas velas que vos iluminam.

A mesa para de repente.

— Continuas aqui?

Agitação da mesa.

— Não.

— Quem és tu?

— Puro ou impuro.

— Tu, que estás aqui, tens alguma coisa a nos dizer? Podes te explicar mais?

Nenhuma resposta.

— Queres que façamos perguntas?

A mesa se agita sem responder. Devido ao cansaço de Charles, interrompemos a sessão. É 1h da manhã.

Nota [de Victor Hugo]: Creio ser necessário explicar as questões misteriosas levantadas por mim e que levaram às respostas que acabo de transcrever. Desde o começo do inverno, eu não via mais luz à noite na praia. Há cerca de três meses, observei sobre a colina frontal à Marine Terrace (era

meia-noite, eu voltava para casa) uma forte luminosidade, que a princípio julguei ser a chama do forno de tijolos situado no topo dessa colina. Alguns dias depois, voltando à mesma hora, deparei com a mesma luminosidade. Não estava mais no mesmo lugar. Não era então a chama do forno de tijolos. Curioso, passei a observar o horizonte e a planície nas horas em que voltava para casa. Quando comecei a observar, não vi mais nada. Parei de pensar no assunto. Quando não pensava mais, a luminosidade voltou. Tinha a forma de uma chama de vela avermelhada e intensa e tremia visivelmente. Aparecia agora na erma planície que fica a nordeste da minha casa, em lugares onde não mora ninguém, e ali permanecia imóvel às vezes por quinze minutos ou meia hora. Essas aparições ocorriam justamente nas horas em que volto para casa, não só em torno da meia-noite, mas também entre 7h e 8h da noite. Foi neste último horário que, voltando para jantar em casa, certa noite dos primeiros dias de fevereiro, vi, olhando mecanicamente para o horizonte do topo da colina onde fica o dólmén da Torre Branca, uma chama brusca, comprida, reta, que se ergueu, depois abaixou, se ergueu e abaixou de novo, repetiu três vezes essa espécie de sobressalto estranho, depois desapareceu. Vi na Espanha, nos montes Jaizquibel, um sistema de comunicação entre contrabandistas, consistindo de punhados de palha lançados em um braseiro e fazendo o mesmo efeito de longe. Então pensei: é um sinal de contrabandista. A princípio me contentei com essa explicação. Desde então, revi essa chama várias vezes nas mesmas horas e vi que nem a chama próxima ao forno da olaria, nem a chama da planície, nem vários dos sinais, se aproximam em diversas visões das observações feitas por mim no verão passado na praia. Depois da Lua no Sol observada uma noite pelo meu filho, do toque de campainha à noite ou dos desenhos traçados pelo lápis movendo-se sozinho, e, por fim, das explicações fornecidas pela Mesa em diversas ocasiões, terminando na noite de 28 de agosto último, decidi, tendo tomado o cuidado prévio de não prevenir ninguém da minha intenção, interrogar a Mesa a esse respeito. Vemos o que ela respondeu. Victor Hugo.

QUINTA-FEIRA, 8 DE MARÇO

9h45 da noite. Presentes: srta. Allix, sr. Jules Allix. Conduzindo a mesa: sra. Victor Hugo, Charles. Escrevente: Victor Hugo.

A mesa se agita quase imediatamente.

Victor Hugo: Uma observação antes de perguntar quem está aqui. Três questões continuam pendentes: em primeiro lugar, a questão relativa ao druidismo e ao cristianismo. Em segundo lugar, a sequência do diálogo com o ser misterioso que falou em 1º de março. Em terceiro, uma questão vinda da Espanha.

A mesa vacila, depois aponta para qual dessas três séries de ideias ela deseja desenvolver esta noite. Desnecessário dizer que, se ela quiser falar de outro assunto, estamos aqui para escutá-la.

— Puro ou impuro, par ou ímpar. Passe ou impasse. Próprio ou impróprio. Pio ou ímpio. Previsto ou imprevisto. Digno de pena ou impiedoso. Imundo ou mundo. Imenso ou manso. Olho ou mortalha. Rico ou árido. Sobremesa ou aspereza. Égua ou légua. Véus ou Deus. Deus ou fogaréu. Fogaréu ou azul. Azul ou ehh.

Victor Hugo: Isso é a pintura, no fundo do homem, de toda carne-espírito, de mim mesmo. É verdadeiro e forte. Continua.

— Continuo. O Evangelho teve isto de grandioso, fez o homem irmão do homem, a mulher irmã da mulher, e gêmeas todas as crianças. Ele jorrou estas grandes palavras: amai-vos uns aos outros. Não façais ao outro o que não quereis que vos façam. Amai vosso próximo como a vós mesmos. Ninguém é profeta em sua terra. Os primeiros serão os últimos. Deixai vir a mim as criancinhas. Que aquele que nunca tiver pecado atire a primeira pedra. Em verdade vos digo, alguém dentre vós me trairá. Comei e bebei, isto é minha carne, isto é meu sangue. E esse grande grito que sairá eternamente das bocas sublimes diante do céu ameaçador: *Eli, eli, lamma sabactani?** O Evangelho raptou o homem na sombra e o elevou na

* “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”, últimas palavras de Cristo na cruz. Reencontramos essa expressão no poema “Solitudines coeli”, lido por Hugo na noite de 1º para 2 de maio de 1855, bem como em *Napoleão, o pequeno*.

nuvem. Expulsou os vendilhões do templo, restabeleceu os pesos e estrelas na balança divina. Torceu os andrajos e a piedade caiu em gotas grossas. Do Deus surdo e mudo, fez um Deus vivo, ouvindo e falando. Devolveu a visão aos sóis acometidos de cegueira durante 2 mil anos de trevas. Refez o homem e fez a mulher. Teve entranhas de mãe, entranhas de pai, entranhas de filho. Foi o primeiro olho e a primeira mama. Chorou a maior lágrima que jamais amamentou o gênero humano. Bebeu o maior cálice que jamais subiu do caule de dor. Por fim, abriu, a golpes de malho, o assombroso mistério da natureza e, de pé sobre o Gólgota, sangrando, sublime, forçou os quatro ventos da noite a passar pelas quatro chagas abertas do amor crucificado na imensidão. O Evangelho transformou a tumba em alguma coisa de clemente para os arrependidos, mas, e este é o seu erro, fez dela alguma coisa de inexorável para o celerado. A grande preocupação das religiões deveria ser menos os justos do que os injustos, menos os bons do que os maus, menos os arrependimentos do que os remorsos. Os monstros são o verdadeiro rebanho do amor. A questão não é amar ovelhas, mas se fazer amar pelos tigres. O maior lábio do céu está pousado não sobre o aprisco, mas sobre a selva, o covil, o deserto, a juba, a mandíbula, o rugido; a narina de Heliogábalo bufa no próprio seio de Deus, o focinho de Fálaris muge no próprio estábulo de Deus, as guelras de Calígula relinham o Senhor, as nadadeiras de Domiciano nadam no Senhor, a áspide de Cleópatra morde o calcanhar do grande pastor, o beijo de Judas lambe as trevas estreladas; a verdadeira religião é uma imensa domesticação de bestas-feras e não uma imensa fogueira de peles de leões. É uma ternura prodigiosa para os ferozes, para os infames, para os sofrendores informes da bestialidade, para os execrados da Terra, para os malditos da vida. Ela ama os odiados, salva os perdidos, doura as colunas de bronze. Tem piedade das barras de ferro que são os verdadeiros juncos, das almas de lama que são os verdadeiros abismos e das bocas sangrentas que são as verdadeiras chagas. Ela olha nas profundezas do horrível e ri daqueles que rangem os dentes, e fala com os que são surdos, e escuta os que são mudos, e se mostra aos que são cegos; ela diz ao homem monstruoso: levanta-te até a morte que ascende a Deus. Cresce de todo o teu cadáver. Ela diz aos animais: levantai-vos até

a morte que se levanta até o homem. Cresce de todo o vosso cadáver. Ela diz às plantas: plantas, levantai-vos até a morte que se levanta até o animal. Crescei de toda a vossa queda. Ela diz às pedras: pedras, levantai-vos até a morte que se levanta até a planta. Crescei de todo o vosso pó. Ela grita: podridão, excrementos, lodo, semeai, florescei, irradiar; monstruosidades, deformidades, terrores, flamejeis; resplandecei, plêiades de vilezas, constelações de crimes, nebulosas de gotas de sangue (V. H.: fiz esse verso), via láctea de venenos, todos os beijos celestes são mordidas ressuscitadas. O infinito só é o infinito porque ele é a clemência. Se pudéssemos nos perder em Deus, nos guiaríamos pelo raiar de seu eterno sorriso. O firmamento é limitado ao norte pela bondade, ao sul pela caridade, a leste pelo amor, a oeste pela piedade. Deus é a grande urna dos perfumes que lava eternamente os pés da criatura. Ele espalha o perdão por todas as portas; ele se esgota em amar, ele trabalha para absolver. O Evangelho do passado disse os condenados, o Evangelho futuro dirá os perdoados.

A mesa se imobiliza.

Fiz um poema intitulado “Satã perdoado”.

V. H.

Meia-noite e 35.

QUINTA-FEIRA, 15 DE MARÇO

9h30 da noite. Conduzindo a mesa: Charles, sra. Victor Hugo. Escrevente: Victor Hugo.

Nota [de Victor Hugo]: Acrescento à pequena observação-parêntese acima que comeci o poema “Satã perdoado” há precisamente um ano, em março de 1854, e que escrevi dois terços até agora, tendo sido interrompido nesse trabalho pelas *Contemplações* no verão passado. V. H.⁸

A mesa se move ao cabo de sete minutos.

Victor Hugo: Quem está aqui?

— Jesus Cristo.

— Olá. Continua as coisas grandiosas que nos dizes.

— O druidismo dissera: crede; o cristianismo dissera: crede. Sua palavra pusera gerações de joelhos; mas um dia, de repente, no templo, um desconhecido entrou, vestindo andrajos, os cabelos desgrenhados, pés descalços, mãos encardidas, fronte altiva e empunhando o formidável cajado de viagem do futuro; era o mendigo Espírito humano; era o viajante dos crepúsculos; era o andarilho da sombra; era o passeador dos abismos; era o pastor dos leões, era o pastor dos tigres; era o vidente do covil; era o infatigável, o valente, o corredor de milhões de léguas de imensidão; era o ser que não crê, mas que pensa; era o grande interlocutor de Deus.

— Fiz estes versos:

O profeta e o poeta

Afirmam o ser ao nada

A Terra escuta inquieta

Esse arcanjo e esse argonauta;

A multidão dos vis diálogos,

A matilha de lobos e bulldogues,

Que ronda sob o azul do céu,

Todo esse negro rebanho que nega

Interlocutor de Deus.⁹

— O arauto de negações da verdade, o questionador, o revoltado, o combatente; era o ferido da barricada celeste, o brilhante e o sangrento, o portador sublime das chagas da dúvida e das cicatrizes da ideia. Ele tinha vários nomes, sua fronte se chamava Moisés, seu olhar se chamava Sócrates, sua boca se chamava Lutero, suas chagas se chamavam Galileu e suas cicatrizes se chamavam Voltaire. Ele vinha dos quatro desertos: o deserto de Ésquilo, o deserto de Dante, o deserto de Shakespeare e o deserto de Molière, e tinha as sandálias dilaceradas pelas urzes de todos os calvários e pelas pedras de todos os Sinai. Fazia gestos que amedrontavam as colunas de mármore e sacudia abas de nuvens ao desdobrar o seu manto. Era o vagabundo estrondeante e flamejante. Poderia ser confundido com o raio a caminho de Sodoma. Entrou e gritou: de pé, ajoelhados!

Perdemos tempo aqui. Em marcha, os que fazem alto! O mundo começa. Ao trabalho, os que repousam! A fé é sono, a liberdade é o despertar. Sou a aurora. Despertai, sepulcros! Despertai, escravos! Despertai, mudos! Avante, fantasmas! Avante, espectros! A galope, estátuas! As multidões se levantam, os negros cavaleiros soerguem-se; ouve-se relinchar Oitenta e nove, o povo dá simples salto, o ideal está na sela.

Charles está muito cansado. Interrompemos. Faltam quinze para a meia-noite.

QUINTA-FEIRA, 22 DE MARÇO

9h45 da noite.¹⁰ Conduzindo a mesa: Charles, sra. Victor Hugo. Escrevente: Victor Hugo.

A mesa se agita ao cabo de três minutos.

Victor Hugo: Quem está aqui?

— Jesus Cristo.

— Continua.

— Ele parte e com um esporeio transpõe abismos. Ele se lança do torreão feudal para os tetos dos subúrbios, da bastilha para a cidade, do amo para o servo, do rei para o povo, do padre para o filósofo, do filósofo para o ateu, do ateu para Deus. Grifo terrível e esplêndido, ele tem Danton como asa, Robespierre como garra, catorze exércitos como escamas, vulcões como guelras, abismos como orelhas. A boca desse cavalo masca o infinito que cai espumante de seu freio sangrento, ele relincha o despertar, empina o futuro, corcoveia o caos; ele se exalta, cabriola, se assusta, desconcerta o cavaleiro, mata o palafreireiro, derruba a estrebaria, e desmorona, seus quatro ferros lançam relâmpagos cujo trovejar sacode o mundo; esse centauro leva o passado e o futuro, o falso e o verdadeiro, o mal e o bem, montados em sua garupa formidável; ele lança à Terra o que não lança aos céus; ele escala, escala, escala; carrega a humanidade para a liberdade, a liberdade para a igualdade, a igualdade para a fraternidade; três saltos, três violentos sacolejos na palavra terrena; onde vai parar esse

fugitivo da sombra? Esse indômito da imensidão? Quem será a barreira? Quem será o último passo? Qual o atleta aterrador que fará recuar esse cavalgador do Pélion, esse pulverizador do Ossa?* Será a criança e seu direito? Não. Será a mulher e seu direito? Não. Será o homem e seu direito? Não. É o fantasma e seu sudário, ele apostará na vida e desistirá perante o mistério; ele libertará o vivo e deixará o morto prisioneiro do cristianismo. Ele terá sacudido as carapaças de torreões e tropeçará no sepulcro; sua precipitação não alcançará Satã; sua asa não irá tão longe quanto o pássaro do cemitério que voa da cruz; ele não destronará o direito divino do castigo eterno; ele não decapitará o rei do horror; ele não derrubará o Tibério** do infinito; ele não carregará na ponta de um chuço, por entre as estrelas, a cabeça infame do Deus flamejante; ele não reduzirá o Inferno a cinzas; ele não arrastará pelos rios sobre uma jangada de sóis o cadáver da noite coroadada; ele não fará a revolução do túmulo; as Mesas a farão.¹¹ Elas proclamarão o direito do fantasma; elas afirmarão o direito do morto, o direito do pó do sepulcro, o direito do verme do sepulcro, o direito da pedra do sepulcro, o direito da relva do sepulcro, assim como dos grãos de cinza e dos raios de sol. As Mesas serão o Oitenta e nove dos arcanjos. Vão injetar verdades sobrenaturais na verdade humana; misturar os átomos e os mundos; comprovar a fraternidade dos homens com os animais, a igualdade dos animais com as plantas, a igualdade das plantas com as pedras, a solidariedade das pedras com as estrelas; farão subir (escrevi tudo isso em versos nos últimos dias, V. H.) o cão até o seu dono e subir o pastor até o seu rebanho; farão as flores crescerem até os astros, as pedras das praias crescerem até o raio das tempestades, Deus descer até o pólipo e a pulga

* Pélion, maciço montanhoso da Grécia, na Tessália, que prolonga o Ossa ao norte. O Pélion está ligado às lendas dos gigantes Aloades, dos Centauros, do casamento de Peleu e Têtis. O Pélion abrigava um santuário de Zeus Akraios e um oráculo de Apolo. Na mitologia, os gigantes Aloades empilham o Pélion sobre o Ossa para atacar os Olímpicos.

** Tibério: imperador romano entre 14 e 37 d.C. O fim de seu reinado (morreu assassinado) é marcado por complôs, execuções e envenenamentos cometidos em seu nome por seu ministro Sejano. Tibério, arrogante, misantropo, desdenhoso, refugiara-se em Capri, que se tornou um local de devassidão. Ele precede Calígula.

saltar até Deus. Vão suprimir na imensidão a distância do beijo até o lábio; dizer, gritar, vociferar: ó homens, não há mais homens! Ó animais, não há mais animais! Ó plantas, não há mais plantas! Ó pedras, não há mais pedras! Ó sóis, não há mais sóis! Ó firmamentos, não há mais firmamentos! Não há senão almas iguais perante o amor. Não há senão amores iguais perante Deus. O Inferno não existe. O Paraíso é o estado normal do céu; as trevas são aparências; a noite é uma ilusão das estrelas, o abismo Deus está apinhado de pombas e não de corvos. A imensidão tem entranhas de mãe; os sóis estão prenhes de piedade pelos sofrimentos, e o céu tem suas estrelas marejadas de lágrimas. Ó homens, tudo ama. Ó animais, tudo ama. Ó plantas, tudo ama. Ó pedras, tudo ama. Ó mundos, tudo ama. O firmamento, ó vivos, é um perdão intransponível, e agora morrei.

— Conheces os versos que comecei há dezoito meses e terminei por esses dias, que são, no fundo e em mais de um detalhe, idênticos aos que acabas de proferir? Aconteceu mais de uma vez de os seres misteriosos que nos falam pela mesa dizerem conhecer nossos trabalhos. Tens conhecimento desses versos?

— Não.

O sr. Victor Hugo sai.

Sr. Allix: Podes nos dizer se a missão dos apóstolos lhes foi dada após tua morte da maneira que penso?

— Os apóstolos disseram; os homens creram; o Evangelho foi semeado aos quatro ventos. O livro dos mortos está no prefácio; os apóstolos fizeram tão somente o sumário do livro dos vivos.

— Nós te agradecemos. Como a hora é muito avançada, aceitas continuar tua resposta em uma outra hora?

— Sim.

Encerrado à 1h da manhã.

SEXTA-FEIRA, 30 DE MARÇO DE 1855

9h45 da noite. Presentes: sra. Victor Hugo, Théophile Guérin, Jules Allix, srs. Victor Hugo, Charles Hugo, Auguste Vacquerie. À mesa: Charles Hugo, sra. Victor Hugo.

— Quem está aqui?

— Molière.

Auguste Vacquerie: Tens alguma coisa a nos dizer?

— Venho terminar meus versos.

— Obrigado. Queres que eu releia os últimos?

— Sim.

Auguste Vacquerie relê as últimas estrofes ditadas por Molière em 23 de março de 1854.

— A ciência liberta o Titã quimérico;

O fogo do céu domado é agora um laço de amor;

A passarinhiera amarra no ar um fio elétrico

Às patas escuras do condor.

O raio que deixou lívidos os profetas

Ela o transformará em universal amante.

Ela reconcilia em meio às procelas

Todos os relâmpagos do firmamento.

O falso e o nada se entrecruzam sobre ela,

Que tem como escuras grades a matéria e o mal;

Mas sentimos estremecer fugaz feito uma vela

Essa gaiola do ideal.

Ela confina em seus estreitos limites

Galileu e Newton; triste cativo!

Poetas presos, os dois entediados cientistas

Esquadrinham o mundo inteiro.

Ambos acorrentados dentro do algarismo tenaz

Quedam nessa gaiola onde dorme seu olho sem brilho,

*Mostrando sua envergadura qual uma ameaça
Às distâncias do infinito.*

*Foram feitos para o ar, onde a águia voa em bando;
Mas a ciência sufoca esses dois poderosos faróis.
Anjos misteriosos, eles abandonam
Suas asas cobertas de sóis.*

*Carregavam em sua plumagem os montes e a neve,
Os raios de sol, a sombra e o levante
E as viagens longas que nenhum fim torna breves
E as quatro estradas do vento.*

*Carregavam os vulcões, carregavam os escombros;
Ambos tinham forças para transpor o azul do céu;
Podiam, grandes falcões da caça às sombras,
Pousar no dedo de Deus.*

*Podiam, mudando a ordem de seu olhar cigano,
Como Ésquilo buscar na arte as verdades
E despencar do fundo do pensamento humano
Sobre as obras-primas apavoradas.*

*Podiam apoderar-se de Orestes dos negros desastres,
Capturar o assassino ou o anjo de Elsinor;
Podiam, na nuvem e não num de seus astros,
Entregar Hamlet ao Senhor.*

*Poderiam ter capturado a musa sangrenta
Para lançá-la aos pés do caçador imutável
E lhe entregar Prometeu, o urubu imenso,
A ser pregado nas portas do céu.¹²*

Meia-noite e 45.

SEXTA-FEIRA, 13 DE ABRIL

9h25 da noite. À mesa: sra. Victor Hugo e Charles Hugo. Auguste Vacquerie: escrevente.

A mesa se move ao fim de cinco minutos.

— Quem está aqui?

— Molière.

— Queres continuar teus versos?

— Sim.

— Queres que eu releia as últimas estrofes?

— Sim.

Auguste Vacquerie relê as três últimas estrofes da sessão anterior.

— Ó Newton, Galileu, Hipócrates, Arquimedes,

Diante da esfinge da doença, Édipo do remédio,

Cisnes com olhos atônitos e generosos

Que, transformados em corujas de brilhantes retinas,

Vistes nascer na ponta de vossas asas escuras cifras

Feito garras dolorosas,

Sinistros alucos da imensidão turva,

Ó sondas da noite, ó observadores soturnos,

Que viveis tristes em vossos ninhos

Fora do real, fora do possível,

Pousados nas ameias do incompreensível,

Fortaleza dos infinitos,

Vós que, obstinados em contemplar o extremo,

Abríeis vossos olhos esféricos, espectros do teorema,

Para os céus iluminados,

De modo que os sóis dos abismos fúnebres

Julgavam-se ameaçados nas trevas telúricas

Por globos de ouro indignados,

*Ó pálidos viajantes da imponderável porta,
Que, na aurora, pensativos sobre a fronde morta,
Observáveis o erro que vos move,
Sacudindo vossa asa enregelada, ainda úmida
Do suor humano, chuva miúda
Que cai da noite grogue,*

*Fantasmas cujo espírito ignora as réguas,
Cativos de vossos cálculos, livres em vossas ideias,
Ora longe, ora perto de Deus,
Escravos da noite de que a aurora é o país,
Cujos impulso para o céu na Terra tem sua raiz.¹³*

11h45 da noite.

25 DE ABRIL DE 1855. DOMINGO

10h da noite. Presentes: srta. Allix, sr. Allix, sr. Auguste Vacquerie. Conduzindo a mesa: Charles, sra. Victor Hugo. Escrevente: Victor Hugo.

A mesa se agita ao fim de cinco minutos.

Victor Hugo: Quem está aqui?

— Temos uma observação a fazer. É comum haver, em nossas palavras, coincidências com o que escreveis. Isso parece tolher grandes trabalhos. Sem explicar a causa de tais coincidências, prevenimos que, no futuro, as palavras e frases que se assemelharem às vossas e que vós nos assinalardes como tais serão imediatamente modificadas e deverão ser apagadas do livro. Salvaguardamos naturalmente o teor das ideias; nos referimos exclusivamente ao estilo; devíamos essa homenagem ao doloroso labor humano.

Victor Hugo: É a mim que se dirige a observação?

— Sim.

— Será como queres. Uma vez que me interrogas, responde a três perguntas: O Leão voltará para fazer seu poema? A Dama Branca procura o diálogo começado, a seu pedido, entre ela e mim? André Chénier virá ditar o fim de seus poemas?

— Não duvido que Shakespeare e Molière continuem. Tudo será terminado.

Após um intervalo, a mesa recomeça por si só.

— Platão.

— És tu que vens falar conosco?

— Não.

— Podes nos dizer quem?

— Não.

— Olá, fala, nós te escutamos.

— Venho falar-vos a respeito do sonho. Quando o vivo dorme, logo se estabelece uma comunicação entre sua cama e seu túmulo. Todo corpo deitado adota a linha do horizonte da alma. O adormecido torna-se o despertado da sombra. Não está imóvel, voa na imensidão; não é cego, vê o infinito; não é surdo, ouve no espaço; não é mudo, fala na morte; não está deitado, é alado; não está estendido, plana; não caiu, ressuscitou. O adormecido é o saltador da noite; todo sono sitia o mistério; todo catre é uma seteira do sepulcro; os sonhos são os projéteis das estrelas; de dia, tu vives, de noite, tu morres. Os milhões de sóis perfuram teu teto e iluminam teu quarto, tua candeia está apagada, um astro se acende em seu lugar; teu lampião levará a noite inteira para consumir uma gota da Via Láctea; os círios da sombra cintilarão nos funerais noturnos, o infinito retira os lençóis da tua cama e te sepulta na vala comum do sono até o raiar do dia; vivo, entras em contato com tua vida mortuária; tua carne sente tua cinza; teus membros sentem teus ossos; tua cabeça sente teu crânio; teu esqueleto é tua formidável couraça noturna. Ó sitiador da fortaleza escura; veste, ó vivo, essa armadura de marfim diante do bastião de ébano e vê. Sonhos, vinde, caí sobre o adormecido, sois visões doces ou terríveis; brotais de Vênus risonha ou de Saturno irascível. Sois o beijo do arcanjo ou a facada do espectro; sois os amores ou os crimes; sois os fantasmas da alma; sois

o encontro da mulher adorada, sois o regresso da filha querida; sois também a emboscada da vítima e apunhalais o sono dos assassinos e agitaís todas as mortalhas da tumba nas cortinas da alcova assustada enquanto no quarto escuro o relógio vertiginoso, bússola da nau do adormecido, gira eternamente seu ponteiro rumo à morte.

*Meia-noite e 45.*¹⁴

QUINTA-FEIRA, 10 DE MAIO

10h da noite. Conduzindo a mesa: sra. Victor Hugo, sr. Jules Allix.

Charles sugere que a mesa seja colocada em movimento por eles.

Victor Hugo escreve.

A mesa se agita quase imediatamente e Charles substitui o sr. Allix. A mesa volta a descer e se imobiliza. Oito minutos. A mesa desliza e gira. O pé levanta.

Victor Hugo: Quem está aqui?

— Molière.

— Queres que eu releia o fim dos versos que ditaste?

— Sim, as duas sessões inteiras.

Victor Hugo relê os últimos versos de Molière, voltando a apontar diversas coincidências de expressão entre alguns desses versos e versos seus. Victor Hugo repete o que foi dito na sessão anterior, é praticamente inútil anotar os detalhes.

— Tomo-vos por testemunhas, escultores da matéria,

Dizei a Filaminta junto comigo, seu Molière,

A outra face do verdadeiro deus,

A essa louca ideia apaixonada pelas estrelas

Mostrai a enormidade escura e cheia de celas

Dos horizontes ferrolhos do céu.¹⁵

*Falai a ela do estrume, do lixo e da pocilga,
Dizei-lhe que a lama onde o porco cisca
É uma glória, um honor,
Dizei-lhe, soturnos cientistas, que o lodo é sublime,
E que o excremento vil de um verme é insigne
Sob o imenso passo do Senhor.*

*Dizei-lhe que o olhar jamais se abaixa,
Que Jó sobre seu feio monturo,¹⁶ em desgraça,
Coça o infinito com a mão,
Que a chaga é um astro andrajoso sobre o homem
E que vós sois os pálidos astrônomos
Das úlceras do corpo de Adão.*

*Dizei-lhe que no fundo não há diferença
Entre o mendicante abismo da doença
E essa noite dos ventres malditos
Acocorada prostrada e quase nua
Que esfrega o caco de vidro da lua
Sobre sua lepra de paraíso.*

Agitação intensa da mesa. Furacão e tempestade do lado de fora. Ouvimos o barulho furioso do mar. A chuva vergasta os vidros. Prolongados assobios do vento.

*— Dizei-lhe que a chuva, que fustiga o bosque,
Lava esse manto vil que com nojo torce
Filaminta dos dedos orgulhosos;
E que os ventos do céu, valetes do mistral,
Dão no calção imundo de Crisálido
Escovadelas furiosas.¹⁷*

Encerrado à meia-noite.

SEXTA-FEIRA, 18 DE MAIO DE 1855

9h30 da noite. À mesa: sra. Victor Hugo e Charles Hugo. Auguste Vacquerie: escrevente.
Srta. Adèle Hugo presente.

A mesa demora trinta minutos para levantar o pé.

— Quem está aqui?

— Molière.

Auguste Vacquerie relê as duas últimas estrofes.

Quinze minutos.

— *Dizei-lhe: nada de baixo, de escuso, de indigno;*

A sombra é o ovo formoso em que a noite choca um cisne,

Todos os rastejadores são alados;

O eflúvio de um jantar viaja com os tufões,

E Deus transforma o capim que apodrece nos caixões

*No estrume dos céus estrelados.*¹⁸

Trinta e seis minutos.

A mesa se agita sem falar.

Auguste Vacquerie: Há alguma coisa que te impede de prosseguir?

Nenhuma resposta.

Saímos às 11h12.

SEXTA-FEIRA, 25 DE MAIO DE 1855

9h15 da noite. À mesa: sra. Victor Hugo e Charles Hugo. Auguste Vacquerie: escrevente.
Srta. Hugo presente.

A mesa levanta o pé após sete minutos.

— Quem está aqui?

— Molière.

Auguste Vacquerie lê a última estrofe.

— Vê o terreiro. O ignóbil bando de gansos
Passeia no lodo onde o porco descansa
A pluma das cartas de amor.
São nossas ações que derrubam os mundos,
Os astros da tua noite, monte de imundícies imundas
Do obelisco do dia multicolor.

A matéria te dá medo, grande dengosa;
Precisas de Órion, Vênus, a sombra leitosa;
É isso então o imaterial?
Aprende que isso são miudezas e misérias;
As constelações, os globos e as esferas
São os buracos do andrajo celestial.

Intensa agitação da mesa, ela fica num pé só, gira, vai e vem.

— Tu, que te negas a bordar a colcha de Crisálío,
Queres cerzir o colossal sudário?
Afagaria mais o teu orgulho
Costurar na claridade toda sombra inglória,
Remendar o espaço e roubar da hora,
Do eterno, o ponteiro e a agulha?

Quando desses um ponto no mundo quimérico,
E quando esse ponto fosse o ponto geométrico,
O ponto inicial, o ponto de arremate,
Sabe que ao unir os polos de compaixão
No anil tu não despertarias a atenção
De Deus, o enorme mascate.

Culotes humanos ou roupas de anjo,
É sempre a matéria, o lodo, a mancha;
Sempre a vil batina carnal

*Que espanamos e escovamos na noite lúgubre;
Que usamos e que na morte trancam no túmulo,
Baú do viajante perenal.*

*Mas a lama é grande e a carne é devassa;
A flor nasce da lama, da carne sai a asa.
O verbo escapa do alarido;
A dádiva sai do mal, e é o orvalho da madrugada
Que brota quando Deus sobre a terra esgotada
Lava as mãos pela noite poluídas.*

*Aprende isso de nós, espírito que só tens regaço
Para a imensidão, frente vazia e cheia de espaço,
Estreito porão de astros sortidos,
Mendigo dos céus dos farrapos em chamas
Que estendes o braço na orla da sombra e reclamas
Os singelos tostões do infinito.¹⁹*

Meia-noite.²⁰

SEGUNDA-FEIRA, 4 DE JUNHO

8h15 da noite. Conduzindo a mesa: Charles, Guérin. Escrevente: Victor Hugo. Presentes: srta. Victor Hugo, Auguste Vacquerie.

Faz muito frio. Charles está cansado, pois praticou esgrima durante o dia. Ao cabo de vinte minutos, a mesa ainda não se mexeu. A sra. Victor Hugo substitui o sr. Guérin.

Entra a srta. Adèle Hugo, depois o sr. Jules Allix.

A mesa levita.

Victor Hugo: Quem está aqui?

Hesitação da mesa. A mesa gira, articula meu nome, depois começa a bater.

— Nenhuma luz.

— Explica-te. Se apagarmos, não poderei escrever.

— Apagai as velas.

Sra. Hugo: Como faremos? Por que apagar? Diz o motivo.

— Sou uma sombra.

(O sr. Guérin vai até o quarto ao lado. Tentarei escrever sobre o livro. São 8h40. Apago as velas. Observamos que a mesa hesitou enquanto a mecha da vela ardeu.)

Victor Hugo: Fala, está apagado.

A mesa bate com intensidade.

— Janelas da noite, abri-vos. Todos os mundos são feitos como as formas diversas do animal, da pedra e da planta. Nos paraísos, o anjo é o tipo superior; nos globos arrependidos, é o espírito misto; nos globos acusados, é o ser misto; nos globos condenados, é o homem; nos globos levemente punidos, é o macaco; nos globos mais punidos, é o cão; nos globos mais punidos ainda, é o cavalo; nos globos mais punidos ainda, é o asno; nos globos mais punidos ainda, é o porco; nos globos mais punidos ainda, é o peixe; nos globos mais punidos ainda, é o pássaro. Nos globos fortemente punidos, é o tigre; nos globos infamantes, é a pulga; nos globos monstruosos, é a rosa; nos globos assustadores, é o grão de areia; nos globos imensamente punidos, é o excremento; nos globos que são o último porão do perdão, é a podridão; nos globos que descreem de Deus, é o gelo; nos globos que descreem de Satã, é o fogo; nos globos que se julgam esquecidos, é o silêncio; nos globos que se matam, é a noite.²¹

Victor Hugo: Tu nos disseste para apagar a luz. Em que ela te incomoda?

Nenhuma resposta.

— Continuas aqui, Sombra?

Nenhuma resposta. Parece evidente que a sombra deixou a mesa. Trazemos de volta as velas. Charles está esgotado. São 9h40.

Victor Hugo: Um ser veio há pouco e só aceitou falar com as luzes apagadas. Depois, desapareceu. Espírito que o substituíis neste momento, poderias nos dizer quem era esse ser, o que nos disse “eu sou uma sombra”?

Era um habitante do último mundo, um espectro da noite, uma sombra da sombra? É por esse motivo que não podia suportar a luz? Ansiamos por uma resposta.

A Mesa responde imediatamente.

— Sim.

— Podes nos dizer mais sobre esse ser misterioso?

— Não.

— O Leão virá?

— Depois de Molière.

9h45.

SEGUNDA-FEIRA, 11 DE JUNHO

8h55 da noite. *Presentes: sr. [Clément] Dulac, Auguste Vacquerie, srta. Adèle Hugo.*
Conduzindo a mesa: Charles, sra. Victor Hugo. Escrevente: Victor Hugo.

Ao cabo de seis minutos, leve estalido. A mesa começa a bater, depois desliza. Cinco minutos. O pé se ergue.

Victor Hugo: Quem está aqui?

— O Dedo da Morte.

— Continua.

— Mão da vida, braço da carne, corpo do lodo, sou o coveiro do infinito, meu nome é Sol.

— Fala. Queres que te interroguemos?

— Sim.

Sr. Dulac: Por que os seres são solidários entre si?

— A causa da solidariedade está na necessidade moral da matéria.²²

Explico-me. Lei: tudo preza tudo; razão: tudo depende de tudo; consequência: tudo é solidário de tudo. Serei mais claro. Considerando o átomo o ponto de partida da criação, como chegar à criação? Pela multi-

plicação do átomo por si mesmo. O átomo fecunda a si próprio, o átomo é ao mesmo tempo um e dois; o átomo é um, a criação é dois; para chegar a esse resultado, há de se reconhecer: que o átomo preza o átomo, que o átomo depende do átomo, que o átomo é solidário do átomo. Lei: um preza dois; razão: um depende de dois; consequência: um é solidário de dois. Observa agora a criação. Os astros se ligam aos astros por meio dos raios.²³

[Nota de Victor Hugo:] Coloquei esses versos na boca do Sol falando sobre os planetas: “Meus raios são os terríveis fios que os sustentam”.²⁴ V. H.

— Os céus se ligam aos céus por meio dos astros, observa novamente: os homens se ligam aos homens pelas entranhas, os animais se ligam aos animais pelos instintos, as plantas se ligam às plantas pelas raízes, as pedras se ligam às pedras pelos grãos de areia e pelos filões mineralógicos. O homem se liga ao animal pelas necessidades, o animal se liga à planta pela nutrição, a planta se liga à pedra pela fecundação; os astros se ligam ao homem, ao animal, à planta e à pedra pela criação; os astros se ligam ao infinito pela ressurreição; o elo é evidente; a causa do elo não é menos evidente: a unidade necessita de um filho; ela esposa o número e o fecunda; a causa da solidariedade é a vida da criança, a solidariedade é a vida da criança, a solidariedade é o cordão umbilical da imensidão.

Sra. Hugo: É a primeira vez que o sr. Dulac assiste ao fenômeno. Ele é de boa-fé. Deseja ser convencido. Aceitas convencê-lo por um dos meios à tua disposição?

A mesa permanece imóvel por um longo tempo. O sr. Dulac substituiu a sra. Victor Hugo. São 10h30. Passam cinco minutos. O pé se ergue. Victor Hugo relê a pergunta. Hesitação. A mesa começa a deslizar, depois bate e continua.

— Mil francos estão a caminho para ele.

Sr. Dulac: De onde vêm?

— De um parente.

— Que parente?

— Morto.

— Recentemente?

— Sim.

— Eu sei da morte desse parente?

— Não.

— De que país?

— França.

— De que lugar da França?

— Pau.

— Não conheço parentes em Pau. Podes me dizer o nome?

— Não.

Sra. Victor Hugo: Falas seriamente?

— r o u z

Sr. Dulac: Falas seriamente?

— il rouz

A sra. Victor Hugo substitui o sr. Dulac, a mesa se agita ferozmente.

— f e l l i l

Sra. Victor Hugo: Falaste seriamente com o sr. Dulac? Responde.

— i l e l e l l

Encerrado às 11h.

[Nota de Clément Dulac]

Quando a mesa me comunicou isso, na segunda-feira, 11 de junho de 1855, havia, com efeito, dinheiro a caminho para mim. Recebi hoje seiscentos francos, vindos da França, expedidos pelo meu irmão, que, espero, não está morto, em Pau, após ter postado em Sainte-Livrade, Lot-et-Garonne, a carta registrada a mim endereçada: Marine Terrace, 12 de junho. Clément Dulac.

P.S. Afirmo que, entre as pessoas presentes à experiência, nenhuma outra a não ser eu sabia que eu esperava esse dinheiro da França; eu mesmo ignorava que ele estivesse a caminho. C. D.

[Notas de Victor Hugo]

13 de junho. Pela manhã o sr. Dulac me traz o cheque recebido por ele. Esse cheque, datado de Villeneuve, 29 de maio, e remetido pelo sr. A. Borde, Rue Madame de Luxembourg, nº 10, em Paris, pagável em 15 de junho, por ordens do sr. Théodore Dulac, assinado

Dubruel, traz no canto esquerdo o carimbo no qual lemos estas palavras: de 500 fr. a 1.000 fr., a palavra mil, portanto, consta do bilhete. Victor Hugo.

Acrescento que o envelope do correio da carta que continha o cheque traz três selos, o da França: Sainte-Livrade, 8 de junho de 55; o da Inglaterra: Paid, 10 de junho; e o de Jersey: Jersey, 12 de junho. A carta é efetivamente de um parente, do irmão do sr. Dulac, e está assinada A. Dulac. Colo esse envelope na página ao lado desta. V. H.

SEGUNDA-FEIRA, 18 DE JUNHO²⁵

8h30 da noite. À mesa: sra. Victor Hugo, Charles. Escrevente: Victor Hugo. Presentes: Auguste Vacquerie, Théophile Guérin, Jules Allix, srta. Adèle Hugo.

A mesa entra em movimento ao cabo de três minutos, mas se limita a deslizar e girar. Finalmente, o pé se ergue.

Victor Hugo: Quem está aqui?

— **s c i m u s s o r t e m***

— Isso quer dizer que nos enganamos?

— **Sim.**

— Essa palavra esquecida deve preceder scimus?

— **Sim.**

— Dita para nós. Vutrupr, é isso?

— **Não.**

— Algo te incomoda?

— **Não.**

A mesa está pouco imantada.

— Recomeça.

— **Lourru**

— Recomeça tudo. Quem está aqui?

— **Tuauau**

* Conhecemos a sorte, o destino.

— Diz teu nome.

— **Scimus toun**

Deixamos a mesa e interrompemos um minuto. Quando retomamos, a mesa volta a falar imediatamente, se agita, desliza e gira. O pé se ergue.

— **Rurum scimus sortem.**

Victor Hugo: Continua.

— **unda ululat***

— Isso te incomoda?

— Sim.

Com efeito, a mesa parece bastante contrariada. Ela recomeça. O mar estrondeia. Borrasca.

— **Lioru.****

— Há lioru?

— Não.

— Recomeça.

— **liurr**

Théophile Guérin: Queres substituir alguém?

— Não.

Sra. Hugo: Diz teu nome.

— **innoveror**

Victor Hugo: Podes dizer teu nome?

— Não.

— É anônimo que quiseste dizer?

— Não.

Sra. Victor Hugo: O mar te incomoda. Outro pode vir? Sabes isso?

— Não.

Deixamos novamente a mesa. Voltamos às 9h45. Chove. Venta forte. A mesa põe-se imediatamente em movimento.

Victor Hugo: Quem está aqui?

* A água grita, vocífera.

** Todas essas letras, que poderíamos supor formar um termo latino, não fazem sentido algum.

— l e p o i t o z n i l o m p i e

Charles Hugo: Porventura é o mau tempo que te incomoda?

— i i

Paramos.

Encerrado às 9h54.

SEGUNDA-FEIRA, 29 DE JUNHO*

9h15 da noite. Presentes: sr. Théophile Guérin, Jules Allix. Srta. Adèle Hugo. Conduzindo a mesa: Charles, sra. Victor Hugo. Escrevente: Victor Hugo.

A mesa só se move após quinze minutos. Deslizamento. Ergue o pé, mas não bate, ao fim de cinco minutos bate.

Victor Hugo: Quem está aqui?

— u u z

— Recomeça.

— u p

A mesa se mexe em todas as direções.

— p i l o r i l o n

A sra. Victor Hugo é substituída pelo sr. Guérin. A mesa se imobilizou.

Encerrado às 9h45.

* Na verdade, 29 de junho de 1855 foi uma sexta-feira. [N.E.B.]

QUINTA-FEIRA, 2 DE JULHO DE 1855*

9h30. Charles e a sra. Hugo instalam-se à mesa. Presente e escrevente: sr. Allix.

Após dez minutos, a mesa começa a bater.

— Amanhã é o nome da eternidade, hoje é seu prenome. A arte é a consciência do belo. A felicidade é o mel das estrelas. O homem é a abelha dos mundos. Deus é o senhor da colmeia dos sóis. Ser bom é ser livre. A piedade é a chave da dor. Consolar é acalmar-se. Uma lágrima cura aquele que a verte e aquele que a recebe. O choro é o presente da alegria quando ela esposa o amor. Toda criança é a muda de um cadáver. Os cemitérios são as estufas de Deus.

Sra. Hugo: Tu sabes que foi a sra. De Girardin que nos convidou para as Mesas.** Se pudesses me dizer uma palavra sobre ela, isso me tocaria muito.

— Não discorremos sobre os jovens mortos. Os túmulos recentes pertencem à imensidão. Deus fala aos novos ressuscitados. A palavra de Deus é o mistério do silêncio dos mortos. Há os mortos que falam e os mortos que escutam.

— Nós te agradecemos. Podes nos dizer teu nome?

— Isaías.

Encerrado às 10h30.

* Na verdade, 2 de julho de 1855 caiu em uma segunda-feira. [N.E.B.]

** A despeito de todos os esforços de seu médico, o dr. Cabarrus, Delphine Gay de Girardin havia expirado em 29 de junho de 1855, vítima de um câncer no estômago. A família Hugo recebera a triste notícia em 3 de julho. O poeta então alterara as provas de um poema das *Contemplações*, no qual lhe prestava homenagem: “À Madame D. G. de G.” (I, x), modificando os últimos catorze versos como uma espécie de evocação das sessões espíritas. Hugo dirá que “esse poema [fora] feito como que para sua morte” (carta de Victor Hugo a Noël Parfait, 8/7/1855). Na semana seguinte, em 16/7, escrevia uma ode fúnebre em sua homenagem, em ritmo ímpar dessa vez, raro em Hugo, de trissílabos e heptassílabos, que esperaria a antologia póstuma *Toda a lira* para ser publicada (D. G. de G., *Toda a lira*, v, 23). A morte da sra. De Girardin abalara profundamente a sra. Hugo e seu marido.

SEGUNDA-FEIRA, 16 DE JULHO

9h25 da noite. Conduzindo a mesa: Charles, sra. Victor Hugo. Escrevente: Victor Hugo.

Ao fim de dezesseis minutos, a mesa move-se debilmente. A maré está alta, sopra um forte vento cortado por rajadas de chuva. A mesa desliza com dificuldade. O pé se ergue, mas Charles ainda não consegue sentir senão um movimento puramente magnético, quando o pé sobe mais.

Victor Hugo: Quem está aqui?

O pé fica suspenso. Imobilidade. Força do vento do lado de fora. Os deslizamentos recomeçam. Finalmente, a mesa bate.

— **c i e**

Hesitação.

Victor Hugo: Recomeça.

— **A tempestade nos atrapalha.**

— Podes mesmo assim responder a algumas perguntas?

— **Dificilmente.**

— Vamos parar. Diz teu nome.

— **Juliano, o Apóstata.**

Sra. Victor Hugo: Em que mundo estás?

Intensa agitação da mesa.

— **Urano.**

Movimentos amplos.

— **É um planeta feliz?**

— **Misto.**

A mesa está muito agitada.

— **É mais feliz do que a Terra?**

— **Sim.**

— Tens um corpo no mundo em que estás?

A mesa se agita.

Victor Hugo: Podes responder?

— **Não.**

Encerrado às 10h05.

20 DE SETEMBRO DE 1855

10h30 da noite. Presentes: Auguste Vacquerie, Teleki.

Victor Hugo no corredor junto com o sr. Bénézit. Anotação de Victor Hugo.

Auguste Vacquerie: Quem está aqui?

— Lope.

— De Vega?

— Sim.

— Para quem vens?

— Para ti.

— Tens algum comunicado para mim?

— Sim.

— Fala.

— Teu.

— Continua.

— Visto.

— Continua.

— B p.

Auguste Vacquerie interrompe.

— Disseste bp?

— Não.

— Disseste visto?

— Não.

— Disseste Teu?

— Não.

— Não tens então nenhum comunicado?

— Não.

— Então não foi para mim que vieste?

— Não.

— És Lope de Vega?

— Não.

Gargalhada geral. Eu estava ausente. Conversava no corredor com o sr. Bénézit. V. H.

4 DE OUTUBRO DE 1855

9h da noite.

Após uma longa, longuíssima interrupção, quase censurável a meu ver, surgiu uma oportunidade de recomeçarmos o estudo dos fenômenos: o dr. Clair de Montigny²⁶ desembarcou em Jersey. Ele julgou ser possível magnetizar Victor e chamar seu espírito à mesa. Cinco pessoas participaram: a sra. Victor Hugo, a srta. Allix, Paul Meurice, Jules Allix e o doutor. Victor foi para a grande poltrona preta atrás de mim. A mesa se ergue imediatamente. Incitados pelo doutor, todos à mesa dizem em voz alta: “Vem, Victor”. A mesa continua agitada. O doutor acha possível que seres díspares tenham tido a Vidência imantada. Ele diz: vou trazê-lo, repitam em voz alta:

Em nome de Deus, se o espírito que está aqui não é o de Victor, que a mesa levante dois pés.

A mesa levanta imediatamente os dois pés.

Presentes: sra. Paul Meurice. Srta. Adèle Hugo, srta. Lavige, srta. [ilegível], srta. Alice Mariott, Auguste Vacquerie, Émile Allix. Escrevente: eu [Victor Hugo].

Charles junta-se às pessoas que conduzem a mesa. Colocamos [ilegível] para escrever e rimar [ilegível] na mão de Victor Hugo e o convidamos a fechar os olhos. Profundo silêncio. A mesa se agita.

O doutor [Clair de Montigny]: Se for o espírito de Victor, que a mesa dê três batidas. Se for outro espírito, que levante o pé da frente. Em nome de Deus!

A mesa levanta imediatamente os dois pés da frente. Charles, a conselho do doutor:

— Em nome de Deus! Que todo espírito malfazejo se retire!

A mesa continua agitada. Usamos a mesa suporte.

O doutor: Em nome de Deus, retirai-vos, espíritos malfazejos!

Os outros: Vem, Victor.

Agitação da mesa.

O doutor: Se não for o espírito de Victor, que a mesa levante os dois pés da frente.

A mesa levanta os dois pés imediatamente.

Todos juntos: Vem, Victor.

A mesa desliza e se agita intensamente.

O doutor: É um espírito malfazejo. Querem a prova disso?

Todos: Sim!

O doutor: Em nome de Deus, se for um espírito malfazejo, que a mesa dê sete batidas.

A mesa se ergue prontamente e dá sete batidas.

Victor declara não sentir nada ainda. Interrompemos, são 9h10.

O doutor diz: Durante a interrupção, farei o sr. Charles escrever.

Charles pega um lápis e o pousa sobre uma folha de papel que cobre a mesa quase por inteiro. Não há luz sobre as mesas onde vai acontecer o fenômeno. Trazem uma vela.

O doutor: Desenhai e acrescentai: que o aspecto pelo qual o vidente quer [ilegível] escreva uma frase, curta que seja.

— Escrevei! Escrevei! Escrevei!

Ao fim de um minuto, o lápis de Charles se move.

O doutor: Escrevei vossa língua e vossas linhas em vosso espírito. Mais tarde pediremos que escrevais em vosso alfabeto.

Todos ao mesmo tempo: Escrevei! Escrevei!

A mão de Charles escreve.

O doutor: Com bastante clareza. Com bastante legibilidade! E sede preciso! Isso não são letras! Em nome de Deus, letras! Escrevestes “o”? Respondei com o pé. Uma batida para sim, duas para não, três para uma declaração.

A mesa bate: Sim.

O doutor: As outras junções estão ilegíveis, recomeçai a partir de o.

A mão de Charles volta a escrever.

O doutor: Isso é um “M”?

— Sim.

— Continuai a registrar vossas letras. Escrevei a palavra. Quando tiverdes terminado, batei e olharemos.

O doutor convida os assistentes a colocarem a mão sobre o ombro de Charles.

O doutor à mesa: Todas as pessoas são simpáticas?

— Sim.

— Nenhuma vos incomoda?

— Não.

— Continuai.

A mão de Charles continua a escrever. Silêncio. Concentração.

Charles: Meu braço está completamente insensível.

O doutor: Ótimo.

Charles: Tenho dificuldade para segurar o lápis.

Lemos a palavra escrita, que é “mistério”.

Interrupção de cinco minutos, trazemos uma mesa maior, com quatro pés, sobre a qual Charles pode escrever mais comodamente.

O doutor: Continuai após “o mistério”, terminai a frase.

Ao cabo de quinze segundos, a mão de Charles põe-se em movimento.

O doutor: Formai bem as letras, por favor.

A mão de Charles escreve, o doutor o estimula e aconselha, repetindo frequentemente: “Formai bem as letras”.

O lápis esboça um desenho.

O doutor: Desenho, não. Escrevei. Terminai a frase. Em nome de Deus, escrevei!

A mão para.

Victor Hugo: Vamos, terminai a frase começada, obedecei.

Olhamos. Há “Ma”.

O doutor: Terminai a palavra.

O lápis desenha.

— Não desenheis. Escrevei. Recomeçai a palavra.

Ele desloca a mão de Charles e a pausa sobre outro pedaço do papel, o lápis volta sozinho sobre a palavra mistério e põe-se a escrever.

Charles, à meia voz: É espantoso.

A mão escreve com relativa rapidez.

O doutor: Muito bem. Vamos, terminai a palavra.

Olhamos a palavra, que é “magnético”.

Interrupção de cinco minutos.

O doutor pega o lápis e diz: É minha vez. Peço ao meu espírito que me dite alguma coisa para Victor Hugo.

A mão do doutor entra imediatamente em movimento e escreve em letras bem grandes: “A Victor Hugo”.

Depois, em letras menores:

Homem tão experimentado que possas parecer,

À coragem, à esperança nunca diz adeus.

Com calma pensa que é sempre um ser

Cuja lei equânime nos governa: É Deus.²⁷

Ao terminar cada verso, a mão do doutor era bruscamente impelida para o começo do verso seguinte. O doutor escrevia com grande dificuldade.

Interrupção de dez minutos. Charles pega novamente o lápis. Instalamo-nos novamente junto à mesa suporte usada no começo.

O doutor: Estais contente?

— Sim.

— Quereis falar?

— Sim.

— Por favor, continuai a escrever. Falareis em seguida.

O doutor diz: Estou muito cansado. A força magnética está diminuindo.

A mão de Charles se desloca. Charles diz: É estranhíssimo o que sinto. Meu braço está pesado e se mexe. Está morto para mim e vivo para outro. Sou alguém que não é eu, que subjuga minha mão.

A mão continua a escrever. Retiramos a vela que estava sobre a mesa. A mão escreve praticamente no escuro.

O doutor: Com bastante clareza.

Olhamos. A mão acaba de escrever: “Não é”.

— É isso mesmo: o mistério magnético não é?

A Mesa: Sim.

A mão volta a escrever. O doutor acompanha com os olhos e diz: Muito bem. Continuai.

Charles: Meu braço continua obstinadamente entorpecido.

O doutor fala magneticamente sobre a mão de Charles. A mão continua a escrever lentamente.

Sra. Victor Hugo: Esse lápis está vivo? É inacreditável!

O doutor: Quando a frase tiver terminado, levantareis o pé para nos avisar. Não sobreponhais as letras. Prestai atenção.

A mão continua a escrever.

O movimento da mão se estabelece e se torna cada vez mais rápido.

A mão, terminada a linha, retorna e repete em cima.

Charles, à meia voz: Isso não faz muito sentido.

Olhamos. Encontramos esta frase: “O mistério magnético não é mudo; ele é verdadeiro; mas é mono [...]”.

Charles pega novamente o lápis.

O doutor: Terminai a frase.

A mão volta a escrever e acrescenta: silábico.²⁸

— Continuemos.

A mão escreve: numérico e remonstando.

— Remonstando não faz sentido. Recomeçai a partir de “e”. Escrevei legivelmente.

A mão volta a se mexer.

— Respondei com o pé. O que acabais de escrever é demonstrando?

— Sim.

— Continuai.

A mão escreve.

— Quantas palavras há no que acaba de ser escrito?

— Uma.

— É demonstremo-los?

— Sim.

— E depois? Continuai.

A mão escreve, porém lentamente, parecendo cansada. O pé da mesa se agita.

O doutor: Não. Isso não. Escrevei.

O pé da mesa insiste em levantar.

— Escrevei, estou dizendo. Terminai a palavra. Eis o fim da frase: os monstros almas remortos permanecerão...

Interrompemos. Tentamos em vão esclarecer o sentido. São 11h.

Como o doutor está cansado, Charles coloca o lápis na mão de Paul Meurice, substituindo o doutor.

Ao fim de cinco minutos, para grande surpresa de Paul Meurice, sua mão entra em movimento e escreve: “Srta.”.

Charles: Isso não faz sentido. Recomeça.

A mão de Paul Meurice escreve: "mixturea sexos".

Charles: O que isso significa? Recomeça.

A mão de Meurice escreve: "mistura sexos".

Fazemos uma corrente ao redor da mesa, composta, além de Charles, de sra. Victor Hugo e o doutor, o sr. Maurice e Jules Allix e a srta. Allix com a mão no ombro de Paul Meurice.

— Está bem assim?

— Sim.

Paul Meurice: Quero fechar os olhos.

O doutor à mesa: Ele pode fechar os olhos?

— Não.

Ao fim de três minutos, a mão de Paul Meurice volta a escrever, mas traça apenas um lineamento.

A sra. Victor Hugo substitui Paul Meurice e pega o lápis. São 11h15. A mão entra imediatamente em movimento. A sra. Victor Hugo solta uma exclamação, estupefata.

Charles: Escrevei a palavra em que estou pensando.

A mão traça lineamentos. A sra. Victor Hugo larga o lápis, dizendo: "Isto está me fazendo mal, chega".

A srta. Allix substitui a sra. Victor Hugo. A mesa entra imediatamente em movimento.

Charles: Escrevei a palavra em que estou pensando.

A mão traça lineamentos.

O doutor e Charles: Escrevei agora.

A mão põe-se a escrever: Amo-te de toda a minh'alma.

Charles diz: Eu pensava: Cristo.

O doutor: Assina teu nome.

A mão escreve: Allix.

O doutor: Isso completa tua frase, mas agora, tu, o espírito que dizes isto, assina teu nome no canto do papel.

A mão escreve: Melusina.

A sra. Victor Hugo substitui a srta. Allix. A mão se move e traça linhas confusas.

A mão escreve: "L". Em seguida, lineamentos.

O doutor: Uma palavra! Escrevei!

A mão traça linhas. A sra. Victor Hugo larga o lápis.

Encerrado às 11h45.

No momento de se levantar, a sra. Paul Meurice pega o lápis e sua mão o magnetiza. A mão entra imediatamente em movimento e desenha vagamente uma espécie de perfil. Levantamo-nos.

5 DE OUTUBRO DE 1855

9h da noite. Presentes: sra. Victor Hugo, srta. Adèle Hugo, sra. Paul Meurice, srta. Augustine Allix, sr. Paul Meurice, sra. Augustine Allix, sr. Paul Maurice, Théophile Guérin, o doutor, Charles e François[-Victor] Hugo, Jules e Émile Allix, Auguste Vacquerie. Escrevente: Auguste Vacquerie. À mesa: o doutor, Charles Hugo, sra. Hugo, Paul Meurice, Jules Allix.

A srta. Allix, em uma poltrona afastada da mesa. Os que estão à mesa chamam: “Augustine!”.

O doutor [Clair de Montigny]: Venha, senhorita. Quando estiver aqui, dê três batidas com o pé da mesa.

Jules Allix: Venha, Augustine!

O doutor: Venha, senhorita!

Eles repetem esse chamado durante cerca de dez minutos; então a srta. Allix se agita em sua poltrona e parece sofrer, como que magnetizada.

O doutor à mesa: O que devemos fazer para vos acalmar?

A Mesa: Z...

O doutor: Se é a senhorita, dê três batidas com cada pé.

A mesa dá as batidas.

O doutor: Quando a mesa estiver suficientemente possuída, vai inclinar-se para esse lado.

A mesa se inclina para o lado.

O doutor: Muito bem, falai.

A agitação e a aflição da srta. Allix aumentam. As cinco pessoas que estão à mesa chamam juntas: Vinde! Vinde! Vinde! Vinde! Etc.

A Mesa fala: Todos vós não tendes concentração suficiente.

A srta. Allix se agita cada vez mais. Sua respiração está ofegante e apressada, suas mãos estremecem e se contraem.

Recomeçamos a imantar a mesa. A srta. Allix se acalma pouco a pouco. Sono tranquilo.

O doutor: Quereis que vos façamos perguntas ou quereis falar espontaneamente? Uma única batida se quiserdes que vos interroguemos; se não, duas.

A mesa dá uma só batida.

Perguntamos à Mesa por quem ela quer ser interrogada. Ela aponta a sra. Victor Hugo.

Sra. Hugo: Augustine, o que posso fazer para que sejais feliz em Jersey?

— **Dar-me os meios de ganhar honestamente nossa existência.***

O doutor: Estais em pleno estado de vidência?

— **Sim.**

— Quereis que vos interroguemos mais?

— **Não.**

— Então falai; dizei-nos o que vedes.

— **Um futuro sombrio e sangrento para a Europa.**

A srta. Allix dorme tranquila.

O doutor à mesa: Augustine, estais bem?

— **Sim.**

— É mais do que serenidade, é bem-estar?

— **Sim.**

Sra. Hugo: Podeis esclarecer alguma coisa desse futuro?

— **Não.**

O doutor: Devemos ser mais precisos?

— **Sim.**

* Augustine Allix começava a dar alguns recitais em Jersey, nos quais sua voz e seu canto eram cada vez mais apreciados. Fez um sucesso estrondoso em 1856, em Guernesey. O “nosso” diz respeito a seu irmão Jules Allix, que, jornalista *freelance*, não ganhava o suficiente para suas necessidades.

Jules Allix: Não podemos...

Durante a pergunta, após Charles retirar as mãos da mesa, a srta. Allix se acalma imediatamente.

A Mesa: **Estou estarecida com tudo que vejo.**

Charles Hugo: Podeis nos dizer se, nesse futuro sombrio e sangrento, vedes o destino de uma das pessoas que habitam Marine Terrace?

— Não.

— Se apontássemos individualmente um desses moradores, poderíeis falar de seu futuro?

— Não.

O doutor: Quereis que vos despertemos?

— **Sim.**

Sra. Hugo: Antes que vos despertemos, tendes alguma recomendação a me fazer? Algum conselho a me dar?

— **Continuai a ser boa.**

O doutor: E para vós, não tendes nada a acrescentar?

— Não.

O doutor desperta a srta. Allix. O doutor à srta. Allix despertada:

— Perdestes completamente a consciência?

— Não.

— Ouvistes as perguntas?

— **Sim.**

— E as respostas?

— **Sim.**

— As respostas da Mesa eram de fato as que teríeis dado?

— **Sim.**

Perguntamos à srta. Allix se ela sofreu no começo. Ela diz:

— Terrivelmente.

Interrupção.

Vinte minutos depois, a sra. Paul Meurice coloca-se na poltrona no lugar da srta. Allix.

À mesa: sra. Victor Hugo, srta. Allix, sr. Paul Meurice, o doutor, Charles e François Hugo, Émile e Jules Allix.

O doutor: Chamemos, todos os oito mentalmente, a sra. Meurice à mesa.

Silêncio de alguns minutos.

O doutor: Vinde, sra. Meurice.

Todos os oito juntos: Vinde! Vinde!

O chamado se repete cerca de vinte vezes.

O doutor à mesa: Estais em condições de falar?

— **Sim.**

— É de fato a sra. Meurice que está fazendo a mesa se mover?

— Não.

Chamamos novamente.

O doutor: Falai conosco.

— **Estou em um começo de estado de atração.**

A sra. Meurice, na poltrona, não dá nenhum sinal de agitação.

O doutor à mesa: Devemos chamar de novo?

— **Sim.**

— Quantos minutos?

— **Cinco.**

Todos os oito, baixinho: Vinde! Vinde!

A sra. Meurice estremece e se agita um pouco.

Movimento nas mãos.

O doutor: Há alguém na mesa que vos incomoda?

— **Sim.**

— Quem?

— **A srta. Allix.**

A srta. Allix se retira da mesa.

O doutor: Estais à vontade agora?

— **Sim.**

— A mesa está suficientemente imantada?

— **Sim.**

— Tendes a bondade de vos examinar e nos dizer se estais em estado de vidência ou apenas de intuição?

— **Intuição.**

— Quereis ser dirigida ou atuar com independência? Uma batida se quiserdes ser dirigida, se não duas.

Duas batidas.

— Quereis nos dizer o que sentis?

— *Uma sensação de bem-estar.*

O doutor: Sinto que não há fluido na mesa. É melhor a sra. Meurice des-
pertar do que dormir.

Deixamos a mesa.

A sra. Meurice diz que não dormiu, que sentiu comichões nas mãos e nos braços e um peso nas pálpebras. Essas agitações e esse peso aumentavam quando a chamávamos todos juntos.

10h30. Interrupção.

Charles e seu irmão se instalam à mesa. 10h47.

François-Victor Hugo pega um lápis nos dedos e coloca sua mão sobre um papel.

Charles ao irmão: Apoia tua cabeça na minha.

Entra Victor Hugo, que não jantava hoje na casa.

A srta. Allix e Paul Meurice colocam suas mãos na beirada para aumentar o fluido.

Charles: Escreve! Escreve!

O doutor coloca sua mão sobre a mão esquerda de Charles.

Victor Hugo: Escreve!

10h56. *A mão de François-Victor se desloca e desenha uma haste com duas ou três polegadas de comprimento.*

O doutor: Eis um começo; vamos, agora uma palavra! Uma letra primeiro.

Charles: Escreve! Uma letra! Escreve!

O doutor: Estou esgotado.

Ele retira sua mão.

A mão de François-Victor desenha uma barra cortada por traços confusos que parecem dentes.

Encerramos às 11h19.

O sr. Allix e Auguste Vacquerie instalam-se à mesa nos lugares antes ocupados por Charles e François-Victor. Ao fim de um minuto, Charles acrescenta sua influência magnética à do sr. Allix, que se afasta da mesa. Dez minutos. A mão parece pôr-se em movimento. Auguste, durante meio minuto, sente o lápis mover-se entre seus dedos, mas traça apenas lineamentos confusos.

[Nota de Paul Meurice]

Ontem, 7 de outubro, Charles e eu repetimos a experiência realizada na antevéspera. Charles posicionou-se, com a cabeça apoiada na minha, a mão esquerda na minha esquerda, a mão direita no meu ombro direito. Ao fim de dez minutos, minha mão começou a se mover e escreveu lentamente em caracteres grandes e malfeitos, porém distintos, as palavras: “Alma cativa”.

Victor Hugo disse: “Alma, quem és tu? O que podemos fazer por ti?”.

Dez minutos depois, minha mão escreveu ainda: “Me ajudar, me amar”.³⁰

Então ela parou completamente e não deu nenhuma resposta às outras perguntas.

Dessa vez, mantive meus olhos quase constantemente fechados, primeiro para me eclipsar mais completamente e dar mais liberdade ao motor desconhecido, e depois, quando o efeito se produzisse, para sentir melhor, com a minha concentração mais profunda e isolada, a impressão bizarra da minha mão não me pertencendo mais e se movendo por uma vontade absolutamente externa e alheia. Nada mais singular.

Temos consciência da ação e não temos vontade! A mão é como que enfeitiçada! Eu sentia os dois dedos que seguravam a pena irem e virem, se alongarem, se encontrarem sem a minha participação e, quando necessário, à minha revelia, eu não conseguia prender um riso nervoso diante da novidade, do espanto e também do encanto dessa espécie de efusão parcial.

Marine Terrace, 8 de outubro de 1855

»

Paul Meurice

Documentos

Atas não datadas¹

ATAS AUGUSTE VACQUERIE

[Um conjunto de três fragmentos intitulados: “Reflexões sobre as Mesas e os seres que nelas aparecem”.]

Fragmento 1

Mesas

O Egrégio de Éliphas Lévy*

Ser particular que se forma e emana se aperfeiçoando de uma maneira de alma mais ou menos elevada.

Esse ser, que assimila e compreende a qualidade de todas essas almas, pode, misturando-as, ir mais à frente e mais alto do que elas.

O que lhe falta é o equilíbrio, porque lhe falta unidade. Daí as repetições e enumerações sem razão e sem fim.

Fragmento 2

A alma também tem sua sombra estendida?

Fragmento 3

O que chamamos espectro astral.

* Éliphas Lévy: assim autocognominado ou então Lévi, cujo nome verdadeiro era Alphonse-Louis Constant, vulgo abade Constant (1810-1875). Escritor francês, padre e professor de teologia, dividia-se entre aspirações místicas e posições revolucionárias anarquizantes. Desistiu da vida eclesiástica e se dedicou a estudos de ocultismo e espiritismo, que publicou em suas *Obras de filosofia oculta* (1860-65). Também é autor de *A assunção da mulher* (1841) e de *A mãe de Deus* (1844), epopeia religiosa e humanista. O círculo do abade Constant incluía Esquiros, Lamennais, Louis Blanc e Baudelaire.

Quem, se a alma, como o corpo, não tem sua sombra estendida? Talvez essa espécie de duplo tivesse a faculdade de se separar às vezes da alma, talvez diferisse dela em alguns pontos, talvez tivesse sua vontade, seu sentimento próprio e até mesmo suas resistências, talvez sobrevivesse em uma certa medida ao corpo. Daí as aparições, as vozes.

Os diálogos com a Sombra do Sepulcro.

MANUSCRITO AUGUSTE VACQUERIE

[Um sumário que fornece a lista dos espíritos que visitaram a mesa de Marine Terrace. Ela parte da p. 1 e termina à p. 220. A cada indicação de um espírito corresponde o número de uma página:

“p. 1 Fidelidade, p. 2 Morta, p. 3 fada etc., p. 220 Aníbal.”

O que supõe a existência de um caderno estabelecido por Auguste Vacquerie, hoje desaparecido.]

ATA AUGUSTE VACQUERIE, SRA. HUGO, LE FLÔ

- Quem está aqui?
- Vupgk
- Quem és tu?
- Dominus tuus.
- Teu nome?
- Et xz
- Fala.
- Jamais ele viu ali [...]

ATA AUGUSTE VACQUERIE

- Eucharis.
- Para qual de nós vieste?
- Badadahad.
- Diz sobre o que conversamos durante o jantar?

— Abacbac.

— Por que não queres falar?

— Abad.

— Que língua?

— Acadec.

— Estás zangado?

— Sim. Não.

— Fala.

— Hugo tem bom papel. Vós, vós todos [ilegível] sê claro. Tu me aborreces.

Sra. Hugo: Fala comigo.

— O que tu me suplicas?

ATA AUGUSTE VACQUERIE, LE FLÔ, TALI

— Teu nome?

— Mkk

Le Flô: Quem és tu?

— Kalergis.

— O marido ou a mulher?

— Marie.

— Onde estás?

— Em Estrasburgo.

— Tens alguma confidência a me fazer?

— Odeio Kalergis.

— Quem te fala ao coração neste momento?

— Canrobert.

— Qual a qualidade que vês nele afinal?

— Espírito.

— Tu não pensas em te jogar no mar em Croisic?

— Não.

— Fala por ti mesmo.

— Queres renunciar ao grupelho monarquista?

ATA AUGUSTE VACQUERIE, TELEKI, AUGUSTE

[Esta ata é não datada, mas outra ata de Victor Hugo, completamente diferente, permite estabelecer sua data como 20 de setembro de 1855, 10h30 da noite.]

- Quem está aqui?
- Lope de Vega.
- Quem vens visitar?
- Tu.
- Tens um comunicado a me fazer?
- Teu v [...]
- Quem está aqui?
- Lope de Velásquez.
- Para quem vens?
- Para todos.
- Tens um comunicado a nos fazer?
- Vós fostes enganados.
- Em quê?
- Ao me tomar por Lope de Vega.
- Tu és o grande pintor Velásquez?
- Sim.
- Somos artistas que te admiram. Tens alguma coisa a nos dizer?
- **Sobretudo, não usurpeis, sobretudo não sejais passivos.**
- Desejas que um de nós te deixe?

ATA AUGUSTE VACQUERIE

- O que me aconteceria se eu dissesse sim?
- Uma tuvu.
- Recomeça.
- Uma punição. Tu retiras a pu [...]
- Vindes da rua de Jerusalém?
- Sim.
- Duvidais neste mundo?
- Não.

- O que fazeis?
- Tendes de fugir do território inglês.
- Por quê?
- Porque fugir é melhor do que ficar.
- Sabes que conheço as respostas do 4 Xbro?
- Vai te danar.
- O que pensas de Eugénie?
- Deixemos este...

[Continuação da ata de Auguste Vacquerie, mas letra da sra. Victor Hugo.]

- Quem és tu?
- Teu demônio familiar.
- De quem?
- De ti.
- Quem?
- Adèle.
- A mãe?
- Sim.
- Conheces a sra. Lefèvre?
- Sim.
- Onde ela está?
- No Havre.
- Que rua?
- Porto da rua.
- É porto, porto?
- Porto.
- Depois porto da?
- Rua verde.
- Que número?
- Quarenta e oito.

ATA ADÈLE HUGO

- O que faz a sra. Lefèvre?

— Dorme.

10h45.

— Ela fez mesas esta noite?

— Sim.

— Um ser portador de um nome se manifestou na mesa?

— Sim.

— Nomeia o primeiro a falar com ela.

— Ninguém o conhece aqui.

— Não importa! Diz seu nome.

— Não o conheço.

— Foi realmente o endereço da sra. Lefèvre que forneceste?

— Sim.

— Com quem ela imantou a mesa?

— Seu filho.

— Qual foi o assunto principal de sua conversa?

— Globo.

— Que globo?

— Ruel.

— Sabes alguma coisa dessa conversa?

— Não.

— Podes nos dizer a hora em que ela começou e terminou?

— Não.

— Havia alguém no quarto com a sra. Lefèvre e seu filho?

— Sim.

— Nomeia a pessoa ou as pessoas.

— Filho.

— Sabemos disso. Ela estava sozinha com o filho?

— Sim.

Mamãe: Podes dizer a palavra que penso em tua intenção?

— Não.

— Voltarás?

— Segunda-feira.

— De noite ou de dia?

- De dia.
- A que horas?
- Às 3h da tarde.
- Que pessoas queres para imantar a mesa?
- Hugo. Charles.
- Com quem?

ATA ADÈLE HUGO

- Diz teu nome.
- Demônio do Inferno.
- Entendes por Inferno as regiões ocupadas pelos seres punidos?
- Sim.
- Não existem penas eternas?
- Não.
- Que dia voltarás?
- Segunda-feira às 3h da tarde.
- És o mesmo?
- Sim.

ATA ADÈLE HUGO

[Visita de Tapner, enforcado em 10 de fevereiro de 1854.]

A Mesa, espontaneamente:

— Pelourinho, a multidão pôs-se a me lastimar, a multidão permitiu que me enforcassem! Minha fuga era impossível, minha corda me apertava, meu cadafalso me maltratava, meu laço correção longo.

Eu: És Tapner?

- Sim.
- Vês que te lastimo.
- Sim.
- És grato a mim?
- Sim.

Hesitação da mesa.

— Alguma coisa te incomoda?

— **Sim.**

— É uma palavra mal colocada?

— **Sim.**

— No lugar de meu laço corrediço longo, não é melhor meu longo laço corrediço?

— **Meu longo laço corrediço me irritava o pescoço, a morte me re-confortou.**

— Tens um comunicado a me fazer?

— **Sim.**

— Faze-o.

— **Fúria de Palmerston,² diz a teu pai: a fúria, filha da chama, me vê, me deu luz.**

— Alguma coisa te incomoda?

— **Sim.**

— Devemos substituir deu por dá?

— **Sim. Dá-me luz diante dos olhos, espelho de onda.**

— Alma?

— **Não.**

— No plural?

— **Sim. Fúria, rio, flamejante, espelho.**

Embaraço da mesa.

Eu: Espelho de ondas deve ser colocado depois de rio flamejante?

— **Sim. Ondas, fúria! Rio, espelho! Leito de rios furiosos, fornalha.**

— Devemos substituir furiosos por fornalha?

— **Sim. Rios-fornalhas! Leitos de mares regurgitantes.**

— No plural?

— **Sim.**

— É realmente leito de mares regurgitantes?

— **Não. Horror do rosto lívido de Palmerston.**

— Devo colocar leito de mar regurgitante em algum outro lugar?

— **Sim.**

— Onde?

— Fúria, leito de mares regurgitantes! Fúria rio-espelho, rio flamejante, espelho de ondas! Leito de rio-fornalhas! Horror do rosto lívido de Palmerston.

ATA ADÈLE HUGO

Presentes: sra. Hugo, Victor Hugo, Adèle Hugo.

— Teu nome?

— Pastore it

— Isso é francês?

— Não.

— Que língua?

— Alia. [Itália]

— Diz em que língua tu falas.

— Italiano.

— Continua. Depois de pastore, it?

— Alia.

— Queres falar francês?

— Não.

— Continua depois de italia.

— A

— É ainda o mesmo?

— Não.

— Diz teu nome.

— Z

— Nos enganamos?

— Sim..

— Recomeça.

— Turrix.

— É teu nome?

— Sim.

— Não é francês?

- Não.
- Em que língua é?
- Sar...
- És uma alma?
- Sim.
- De um homem ou de uma mulher?
- De um homem.
- De que país?
- Quem.
- Estás zombando?
- Não.
- Podes falar francês conosco?
- Não.
- Latim?
- Sim.
- Diz uma frase latina.
- Tuilyltv
- Não podes então falar latim?
- Não.
- Falas húngaro?
- Não.
- Alemão?
- Não.
- Inglês?
- Não.
- Diz em que língua podes falar.
- Daini
- É Daihi?
- Não.
- Daiti?
- Não.
- Dai?
- Não.

- Da?
- Não.
- D?
- Não.
- Zombas de nós?
- Não.
- És um bom espírito?
- Não.
- Escreve: Adoro Deus.
- Zo
- O que vens fazer aqui? Dizem que tu és um imbecil, ouves?
- Não.
- Podes ir embora?
- Não.
- Por quê?
- Z
- Diz a palavra que estou pensando de ti.
- Lv
- Quem és tu?
- Tyspo.
- Estás morto?
- Sim.
- És uma alma?
- Sim.
- És um homem ou uma mulher?
- **Uma mulher.**
- Diz teu país.
- Tog.
- És um ser vivo na Terra?
- Não.
- Há mulheres no mundo de onde vens?
- Não.
- Sabes falar alguma língua da Terra?

- Não.
- Diz meu nome.
- Victor.
- Sabes nosso alfabeto?
- Não.
- És um bom ou mau espírito?
- Mau.
- Tu nos amas ou odeias?
- Não.
- Estás apaixonada por mim?
- Sim.
- És bonita?
- Sim.
- És jovem? Bate o número de anos que tens.
- 14.
- És uma alma feliz?
- Há quantos anos tua alma corre?
- 14.
- Essas catorze batidas dão quanto no total?
- 14.
- No teu planeta 14 é jovem ou velha?
- Jovem.
- Conheces minhas obras?
- Sim.
- Podes falar comigo em francês?
- Sim.
- Continuas aqui?
- Sim.
- Fala francês.
- Z
- Teu nome começa com um Z?
- Sim. Z o v
- Podes me dizer em francês?

- Não.
- Queres me beijar?
- Sim.
- Posso te ver?
- Não.
- Se eu beijar a mesa, tu saltarás?
- (Após beijar) Estás contente?
- Sim.
- Porventura os espíritos se apaixonam por homens na Terra?
- Sim.
- Em que dia voltarás?
- Sexta-feira.
- De noite ou de dia?
- De noite.
- A que horas?
- 9.
- A mesa deve ser conduzida por quem?
- Pelas mãos.
- És uma alma feliz?
- Sim.
- Viveste na Terra?
- Sim.
- Tu és Tyspo?
- Não.
- Teu nome?
- Julie.
- És a nossa irmãzinha de Saint-Denis?
- Sim.
- Estás dormindo em Saint-Denis?
- Sim.
- Tua pessoa viva sonha que tu me vês?
- Sim.
- Diz teu nome de família.

— F.

— És uma pessoa viva ou morta?

— Viva.

— Se és Julie Foucher, dá uma batida.

— Sim.

— Podes fazer com que minha mulher fale com sua irmã? Diz uma pequena frase em francês.

— Ia og.

— Se vens na sexta-feira, dá uma batida.

— Sim.

— Responderás pelo nome de Tyspo?

— Sim.

Faltam a sra. Hugo e a pequena Julie.

— Teu nome?

— Tyspo.

— Estou contente de ver-te. És aquela que já veio?

— Sim.

— Fala de ti mesma. Podes?

— Sim.

— Fala.

Silêncio.

— Alguma coisa te incomoda?

— Não.

— Fala então.

— Eden toravins fentacul pet [folha rasgada] iman acadagh.

— Esta última palavra é francesa?

— Não.

— De que língua?

— Jasiuvr.

— Zombas de nós porque rimos?

— Sim.

— Tu me queres mal?

— Sim.

- Diz por quê.
- Dabadaa.
- É irritante não te explicares melhor. Queres falar?
- Não.
- Quem és tu?
- Lea.
- És viva ou morta?
- Viva.
- És alguém que conheço?
- Sim.
- Tua pessoa viva está dormindo?
- Sim.
- Onde?
- Em Cádiz.
- Me amas? Me odeias?
- Te amo.
- Há quantos anos eu te vi?
- Três.
- Teu nome de família?
- Adão.
- Queres dizer que és da família de Adão, como nós?
- Sim.
- Qual é a tua idade?
- 27.
- Tua pessoa sonha que está junto a mim?
- Sim.
- Ela deu alguma coisa à minha mulher?
- Sim.
- És realmente uma espanhola, a mão na consciência?
- Sim.
- Tens alguma coisa de especial a me dizer?
- Badiciliu.
- Não é um verbo espanhol?

— Sim.

— O que significa em francês?

— Badad.

— Somos-te indiferentes?

— Sim.

Jane de Dewin vive ao vosso redor. [Patronímico desconhecido.]

ATA SRA. HUGO*

— Janelas da noite, abri-vos. Os mundos são todos feitos como as formas diversas do animal, da pedra e da planta. Nos paraísos, o anjo é o tipo superior; nos globos arrependidos é o espírito misto; nos globos acusados, é o ser misto; nos globos condenados, é o homem; nos globos um pouco punidos, é o macaco. Nos globos mais punidos é o cão; nos globos mais punidos ainda, é o cavalo; nos globos mais punidos ainda, é o asno; nos globos mais punidos ainda, é o porco; nos globos mais punidos ainda, é o peixe; nos globos mais punidos ainda, é o pássaro. Nos globos fortemente punidos, é o tigre; nos globos em arrependimento, nos globos infamantes, é o porco; nos globos monstruosos, é a rosa. Nos globos apavorantes, é o grão de areia. Nos globos imensamente punidos, é o excremento. Nos globos que são o último porão do perdão, é a podridão; nos globos que descreem em Deus, é o gelo; nos globos que descreem em Satã, é o fogo; nos globos que se julgam esquecidos, é o silêncio; nos globos que se matam, é a noite.

Victor Hugo: Em que a luz te incomoda, visto que pediste para apagá-la?

Sem resposta.

— Continuas aqui, Sombra? [A Sombra do Sepulcro.]

Sem resposta.

* Esta ata traz trecho similar ao da escrita por Victor Hugo em 4 de junho de 1855 (ver p. 452).

ATA CHARLES HUGO

— Alguma coisa te incomoda?

— **Senhorita.**

— Qual?

— **Adèle.**

— Em quê?

— **Fedemos.**

— Explica-te.

— **Fedemos todos.**

— Entendes feder no sentido de ser orgulhoso, indiferente?

— **Sim.**

Sra. Hugo: Eu sou indiferente? Será que o fluido refratário de uma única pessoa pode impedir a ação?

— **Sim.**

— Charles é indiferente?

— **Sim.**

Victor Hugo: E eu?

— **Não.**

Sra. Hugo: E eu?

— **Não.**

— E Julie?

— **Sim.**

— E Auguste?

— **Não.**

— O que fazer para Charles e eu perdermos a indiferença? Podes dizer?

— **Não.**

— És uma alma?

— **Sim.**

— De uma pessoa morta?

— **Sim.**

— Que eu conheci?

— **Sim.**

— Homem ou mulher?

— **Mulher.**

— És uma alma feliz?

— **Não.**

— Conheces uma alma feliz a quem amamos?

— **Sim.**

— Sabes que ela veio aqui? Ela voltará?

— **Não.**

— No mundo das almas, elas se veem?

— **Sim.**

— As almas têm a aparência que tinham em sua vida, em sua juventude, ou no momento de sua morte?

— **Em sua juventude.**

— Eucharis é o nome que tinhas em vida?

— **Não.**

— Qual era teu nome?

— **Victorine.**

— Podes dizer teu nome de família?

— **Não.**

— Há quantos anos morreste?

— **Quatro.**

— Por que não vieste com o nome de Victorine?

— **Incômodo.**

— Podes dizer por que o nome Victorine te incomodava?

— **Não.**

— Que idade tinhas quando morreste?

— **Trinta anos.**

Sra. Hugo: Me conhecestes? Me amaste?

— **Sim.**

— Eras casada ou jovem rapariga?

— **Rapariga.**

— Em que cidade morreste?

— **Paris.** [Trata-se de Claire Pradier]

— Voltarás?

- Sim.
- Que dia?
- Domingo.
- A que horas da noite?
- Nove horas.
- Podes dizer aos seres mortos a quem amo que penso sempre neles?
- Sim.
- Conheces minha mãe?
- Sim.
- Meu pai?
- Sim.
- Tu lhes dirás, em especial a Didine [Léopoldine], que penso neles.
- Sim.
- Adèle está errada em não se dedicar às mesas?
- Sim.

ATA VICTOR HUGO

• Uma partitura de música, “Les rues de Provins – Libreto e Música de Émile Génisson”, dobrada em quatro, sobre a qual está escrito “Tables” [Mesas] de próprio punho por Victor Hugo.

• Uma página de grande formato (26 x 32 cm) dobrada em quatro, na qual está escrito: “Particular Senhor Victor Hugo Membro da Academia Rue de Clichy 21”.

[Victor Hugo foi eleito para a Academia Francesa, em sua quinta tentativa, em 3 de junho de 1841, mas mora à Rue de Clichy de 29 de abril de 1874 a 10 de novembro de 1878; na Place des Vosges de 1832 a 1848.]

• Quatro páginas, quase totalmente ilegíveis, correspondem sem dúvida a anotações feitas por Hugo posteriormente às sessões das Mesas. Eis alguns excertos: “Essa prisão de um século à mão armada me indignou”.

“Deus nunca se desmente.

A despeito do oráculo.”

“Ele é sempre prodígio, nunca é milagre.”

*“Outrora – cinquenta anos atrás,
Ainda não haviam inventado o ônibus,
Botas de molesky,* [ilegível], e a cartola
Era, ó paletó, antes que aparecesses,
A moda, e íamos às montanhas russas
Sob um fresco guarda-sol vindo dos dois símios
Fazer rolar sua bola em mangas bufantes.”
“Primo macaco lacaio valete de Platão, o porteiro do pórtico.”*

ATA VICTOR HUGO

- Teu nome?
- **Balzac.**
- Teu nome?
- **ZZZ**
- É uma pilhéria?
- **Não.**
- Que língua tu falas?
- **Z**
- Sabes uma língua da Terra?
- **Não.**
- Alguma coisa te incomoda?
- **Sim.**
- Quem?
- **Z**
- É [ilegível]?
- **Sim.**
- Teu nome?
- **AAA**
- Diz o que penso de ti.

* Molesky: esse termo evoca o *moleskine*, derivado do inglês *moleskin*, surgido em 1838, o que corresponderia a um tecido forrado por uma película impermeável imitando couro.

— ABADIN

— E eu?

— BECA

— Se tu és uma alma, uma batida, se tu és um asno, duas batidas.

Duas batidas.

— Fala.

— ACAD CA

— Teu nome?

— RU

ATA VICTOR HUGO

Minha mulher. Asplet [Charles e Philippe Asplet são dois irmãos, moradores de Jersey]

Charles Asplet: Teu nome?

— Zzonm.

Sra. Asplet: Se há alguém, dá quatro batidas.

A mesa dá quatro batidas.

— Diz teu nome.

— Abeicig.

— É este o seu nome?

— Não.

— Podes dizer teu nome?

— Não.

— Tens alguma coisa a nos dizer?

— Não.

— Zombas de nós?

— Não.

— Há alguém aqui errado na questão das mesas?

— Sim.

— Quem? Diz o nome.

— Adèle.

— A mãe ou a filha?

— A mãe.

- Há outros?
- **Sim.**
- Quem? Nomeia.
- **Charles.**
- Vacquerie?
- **Victor. O filho.**
- Estou errado também?
- **Sim.**
- Adèle?
- **Sim.**
- Asplet?
- **Sim.**
- Em que Adèle está errada?
- **Aciacelcel.**
- Não queres dizer?
- **Não.**
- Sabes que ela tem um pensamento santo no coração? Fazes-lhe essa justiça?
- **Sim.**
- Será ela muito estouvada?
- **Sim.**
- Charles, agora. Ele está convencido do fenómeno?
- **Não.**
- É culpa dele ou das pessoas que o cercam?
- **É culpa dos que o cercam.**
- Muito apático?
- **Não.**
- Diz seu erro.
- **Alegre.**
- Ele ri?
- **Sim.**
- Em que Vacquerie está errado?
- **Becacaca.**

— Isso não é sério. Fala seriamente.

— a! a! a! a! a!

Risada da Mesa.

— Vamos, sê séria.

— **Abcai.**

— Seu erro é a indiferença?

— **Sim.**

— O erro de Victor?

— **Aefj**

— É a incredulidade?

— **Sim.**

— O meu erro?

— **Adeec.**

— É o de me ausentar às vezes?

— **Sim.**

— O erro de minha filha Adèle?

— **Apaiac.**

— É a indiferença absoluta?

— **Sim.**

— Tu és um espírito?

— **Não.**

— És uma alma?

— **Não.**

— Uma ilusão?

— **Não.**

— Diz o que tu és.

— **a! a! a!**

Ela ri.

— Teu nome ou tua natureza?

— **Ba! a!**

— Queres dizer quem és?

— **Não.**

— O que queres que façamos?

— **Bacaa.**

— Sê mais clara.

— **Allah.**

— És turca?

— **Não.**

— Continua.

— **a! a! a! a!**

Ela gargalha.

— Reconheces que também erras agindo assim?

— **Sim.**

— Queres corrigir teu erro e reparar teu engano?

— **Sim.**

— Alguma coisa te incomoda?

— **Sim.**

— Diz.

— **Baca.**

— A mesa te incomoda?

— **Sim.**

— É porque é a de Le Flô?

— **Sim.**

— Então não devemos usar essa mesa?

— **Não.**

— Podes nos dizer por quê?

— **Não.**

— É por ser a mesa de um monarquista?

— **Sim.**

— Convém então usarmos nossa mesa?

— **Sim.**

— A mesa quebrada é apropriada?

— **Não.**

— Então é a pequena que desejas?

— **Sim.**

— Há quantos dias Le Flô não te faz falar?

- Um dia.
- Amanhã o general Le Flô produzirá alguma coisa?
- Sim.
- Então boa-noite.
- Sim.

ATA VICTOR HUGO

Sr. Bénézit, sr. Allix

- Quem está aqui?
- ecce homo foilolo.
- [ilegível]
- cruore f
- Depois de cruore?
- olim mil pi
- Depois de olim?
- careo ebe
- Depois de careo?
- deglimi
- Alguma coisa te incomoda?
- Sim.
- O quê?
- dehi
- Se Charles assumir a mesa, conseguirás falar?
- Sim.

Charles assume a mesa.

- Depois de Careo?
- julilel
- O sr. Bénézit reassume a mesa.*
- É mesmo careo?
- Sim.
- Continua depois de careo.
- juflica. julicabeed.

- Diz teu nome.
- cedj
- És o mesmo de ainda há pouco?
- Não.
- Quem está aqui?
- kocoj
- Podes falar uma língua compreensível para nós?
- Não.
- Fala-nos francês [aprende?] [bem?] em inglês.
- Sim.

DOCUMENTOS PAUL MEURICE

[Um conjunto de folhas (10 x 14 cm) do punho de Paul Meurice, escritas a lápis. Esse conjunto de doze folhas, numeradas de um a doze, relata a sessão de 11 de setembro de 1853, e cinco folhas (duas avulsas e três duplas) expõem perguntas, observações, reflexões e episódios relativos ao desenrolar e ao teor das sessões espíritas de setembro de 1853 a outubro de 1855.]

1. Analogia dessa página com *Zênite-Nadir* dos *Quatro ventos do Espírito* assinalada em 3 de setembro; páginas adiante por Victor Hugo. Semelhança entre o pensamento das Mesas e o pensamento de Victor Hugo. Victor Hugo faz três versos idênticos aos da Mesa simultaneamente à Mesa. A Mesa plagia dois versos inéditos de Victor Hugo.

2. [Os que creem nas Mesas.] Sra. De Girardin. Victor Hugo crê nas Mesas. A sra. Victor Hugo se entusiasma. Charles. Vacquerie. Guérin.

3. Vacquerie, curioso, pede à Ideia informações sobre os mundos do além, dos céus, de tal forma que os espíritos entram em contradição. As respostas das Mesas são abscondidas.

Por exemplo, Vacquerie faz a pergunta sobre Balzac e Chateaubriand, sobre Shakespeare e Molière, que voltarão à Terra como homens. Nas palavras finais de 16 de agosto: eles são infinito.



Importância da Sombra do Sepulcro, que domina em vários mundos.

◦

8 7bro: “Seu erro continua sendo achar que o fluido é infalível”.

Victor Hugo perguntando é curioso.

Ele pergunta a Sesóstris os nomes dos escultores de suas quatro estátuas.

Pede a Alexandre que lhe explique em detalhe a falange macedônica.

Por exemplo, quando Victor indagou:

— Explica como se formou a primeira língua humana.

A Mesa respondeu apenas:

— Existe uma verdadeira nação do Universo?

◦

Omitir respostas confusas e difíceis, até mesmo penosas (as da Ideia, por exemplo), de acompanhar e nas quais, no entanto, brilham aqui e ali belas ideias.

◦

O mundo é um mundo punido. Não só os homens, como os animais, as plantas, as pedras expiam. Victor Hugo. [Dia] 5 de julho de [18]54.

16 de agosto

4. [Essa folha indica os que creem nas Mesas, os incrédulos e as lendas evocadas pela Mesa.]

1. Sra. Victor Hugo se apaixona pelas Mesas.

Charles

Guérin

2. Os incrédulos:

Pinson

Kesler

Dulac

Toto [François-Victor Hugo]

3. As Lendas:

A Dama Branca. A primeira mãe que matou seu filho na ilha.

O homem sem cabeça.

11-23 de junho

[Um conjunto de 12 folhas numeradas de 1 a 12.]

Dois anos depois do golpe de Estado.

No outono de 1853, a sra. De Girardin veio a Jersey fazer uma visita a Victor Hugo exilado! Naquele momento, Paris, buscando se recuperar do golpe de Estado, tentava se distrair com as Mesas girantes. Era simplesmente uma moda, mas que a sra. De Girardin adotou com paixão, e, assim que chegou, quis iniciar Victor Hugo em sua nova fé; mas ele, que acabava de publicar *Os castigos* e preparava *As contemplações*, mostrou-se deveras recalcitrante e, com a maneira debochada que lhe era peculiar, completamente incrédulo: a sra. De Girardin voltou-se então para a sra. Victor Hugo, alma sentimental e propensa às ideias do além, ~~Vacquerie~~ contou em *Les Miettes de l'histoire* como ~~as coisas se passaram~~; e obteve dela que pelo menos tentassem fazer a Mesa falar. As primeiras experiências foram difíceis e deram magros resultados; Victor Hugo, mal nos instalávamos à mesa, escapava discretamente. A sra. De Girardin não desaminou. ~~Vacquerie~~ contou em *Les Miettes de l'histoire* como as coisas se passaram:

Os repetidos insucessos não abalaram a sra. De Girardin; ela permaneceu calma, confiante, sorridente, indulgente com a incredulidade. Dizia que os espíritos não eram cavalos de fiacre que esperavam pacientemente os burgueses, e sim seres livres e com vontade própria, que só apareciam em suas horas.

Na antevéspera de sua partida, ela nos pediu que lhe déssemos, para sua despedida, uma última chance... A sra. De Girardin e um dos presentes, aquele que assim quis, pousaram suas mãos sobre a mesinha. Durante quinze minutos, nada; mas havíamos prometido ser pacientes e, cinco minutos depois, ouvimos um estalido na madeira; podia ser efeito

de uma pressão involuntária das mãos cansadas, mas logo esse estalido se repetiu e constituiu uma espécie de trepidação elétrica. Em seguida, uma agitação frenética. A sra. De Girardin falou:

— Se houver alguém que aceite falar conosco, bata uma vez.

O pé da mesa bateu, fazendo um barulho seco.

— Há alguém! – exclamou a sra. De Girardin. – Façam suas perguntas.

Fizemos perguntas e a Mesa respondeu. A resposta era breve, no máximo uma ou duas palavras, hesitante, indecisa, algumas vezes ininteligível. Éramos nós que não a compreendíamos? O método de tradução das respostas prestava-se ao erro; eis como procedíamos: dizíamos em voz alta a letra do alfabeto, a, b, c etc. a cada batida de pé da mesa; quando a mesa parava de bater, registrávamos a última letra nomeada. Contudo, muitas vezes a mesa não parava exatamente na letra; nos enganávamos, anotávamos a anterior ou a seguinte; se acrescentarmos a isso nossa inexperiência, e com a sra. De Girardin interferindo o mínimo possível para que o resultado não levantasse suspeitas, tudo se embaralhava...

Apesar do método, a Mesa, em meio a respostas confusas, deu outras que me impressionaram.

Eu ainda não tinha sido senão testemunha, cumpria participar, mas estava tão incrédulo que tratei o milagre como um burro inteligente a quem perguntam quem é a menina mais bem-comportada da aldeia; eu estava à mesa: adivinha a palavra que penso. Para vigiar a resposta mais de perto, instalei-me à mesa com a sra. De Girardin.

A Mesa emitiu uma palavra: era a minha. Isso não satisfez minha curiosidade. Ruminei que o acaso bem pudera soprar a palavra à sra. De Girardin e a sr. de Girardin tê-la soprado à Mesa. Excluindo a hipótese do acaso, eu também pudera perfeitamente, na passagem das letras da palavra, por um tremor involuntário, nos olhos ou nos dedos, tê-las denunciado. Repeti o teste, mas, para ter certeza de não trair a passagem das letras nem com uma pressão mecânica nem com um olhar involuntário, abandonei a mesa e lhe perguntei não a palavra em que eu pensava, mas sua tradução. A Mesa disse: “Tu queres dizer sofrimento”.

Eu pensava em amor. Ainda não estava convencido. Ainda que ajudássemos a Mesa, o sofrimento é tão claramente o fundo de tudo, que a tradução se aplicava a qualquer palavra em que eu tivesse pensado. Sofrimento teria traduzido grandeza, maternidade, poesia, patriotismo etc., além de amor. Eu podia então ainda estar caindo feito um patinho, mas isso exclusivamente com a condição de admitir que a sra. De Girardin, tão séria, tão generosa, tão amiga, moribunda, tivesse atravessado o mar para ludibriar proscritos.

Muitos impossíveis eram críveis antes deste, mas eu estava determinado a duvidar até à ofensa. Outros interrogaram a Mesa e a fizeram adivinhar seu pensamento ou episódios conhecidos apenas por eles. Subitamente, ela pareceu perder a paciência com essas perguntas pueris; obrigou-se a responder, mas, ao mesmo tempo, continuou a se agitar como se tivesse alguma coisa a dizer. Seu movimento tornou-se [ilegível] voluntário comum [ilegível].

— É ainda o mesmo espírito que continua aqui? — perguntou a sra. De Girardin.

A mesa bateu duas vezes, o que, na linguagem convencionada, significava não.

— Quem és tu?

A Mesa responde o nome de uma morta, viva no espírito de todos que estavam ali.*

Neste ponto, a desconfiança recuava: ninguém teria coração nem coragem para se calar perante [ilegível] desse túmulo. Uma mistificação já era coisa bem difícil de admitir, mas uma infâmia! O suspeito teria desprezado a si próprio. O irmão perguntou à irmã que saía do túmulo para consolar o exílio; a mãe chorava; uma inexprimível emoção confrangia todos os peitos; eu sentia distintamente a presença daquela ceifada pelo vento do infortúnio. Onde ela estava? Continuava nos amando? Era feliz?

* Léopoldine, filha amada de Victor Hugo, afogada em Villequier, com Charles Vacquerie, seu marido, em 4 de setembro de 1843. [Anotação de Paul Meurice inserida no rodapé da página.]

Ela respondia a todas as perguntas, respondiam-lhe que lhe era proibido responder. A noite passava e continuávamos ali, a alma pregada na invisível aparição. Finalmente, ela disse: adeus! E a mesa não se mexeu mais.

Victor Hugo, quase sempre ausente, não presenciou essa cena; mas quando lhe contaram, ficou perturbado e comovido, e foi vencido e [ilegível].

Nessa época, o misterioso fenômeno das Mesas não havia sido aprofundado. Não nos perguntávamos se a palavra que delas saía traduzia simplesmente o pensamento das mesmas pessoas que as interrogavam, se Léopoldine não respondia o que as almas transtornadas a quem sua visita enchia de perturbação e alegria esperavam e julgavam que ela devia responder. Não, era efetivamente a filha, a irmã amada que estava ali, que saía da morte para vir viver mais alguns instantes aqui. Os entes queridos que a haviam tanto chorado. Havia ali uma consolação tão doce, ~~que o erro, se ainda havia~~ que devia ser, e foi, aceita prontamente com fervor. Victor Hugo não duvidou, não quis duvidar. Desde então ele se interessa pelas sessões das Mesas e rouba tempo do seu trabalho para, sempre que possível, estar presente.

~~Aquela que ficou perturbada com isso ou a alma foi a sra. Victor Hugo.~~

Os que participavam mais assiduamente eram a sra. Victor Hugo, Charles Hugo, Vacquerie e Théophile Guérin. A sra. Victor Hugo, alma reclusa, perdida em suas recordações, enquanto os homens à sua volta exigiam o máximo de suas mentes.

“Victor Hugo, portanto, não está presente à sessão de 11 de setembro; incrédulo e dubitativo, ele some invariavelmente quando as sessões começam, porém, quando lhe contam a visita de Léopoldine, ele acredita. Ao mesmo tempo, a vinda de Léopoldine proporciona à Mesa uma capital confiança indestrutível. E se realmente isso fosse possível?” [Anotação de Paul Meurice]³

Cronologia

Julgamos útil destacar e acompanhar passo a passo a fase espírita de Hugo – 1853-55 – a fim de analisá-la de todos os ângulos.

1802

Nascimento em Besançon, em 26 de fevereiro, às 22h30, de Victor-Marie Hugo, filho do comandante Joseph Léopold Sigisbert Hugo, nascido em Nancy em 1773, e de Sophie Trébuchet, nascida em Nantes em 1772, casados em 1797. É o terceiro filho do casal, depois de Abel, nascido em 1798, e de Eugène, nascido em 1800. A família Hugo mora em Marselha.

Sophie Hugo vai a Paris procurar o padrinho civil de Victor Hugo, o general Lahorie, a fim de solicitar, a pedido de seu marido, junto a José Bonaparte, a anulação do semiostracismo de que é vítima Léopold, em consequência de uma polêmica confusa que o opusera ao coronel Guestard, seu chefe de brigada, em 1802. Sophie Hugo visitará diversas vezes Lahorie, que, mais desacreditado do que Léopold, não pode senão prejudicá-lo em suas diligências.

1803

Nascimento de Adèle Foucher, com quem Victor Hugo se casará em 1822. Léopold Hugo é transferido para Bastia, na Córsega, onde se instala com os três filhos. Sophie Hugo permanece em Paris. Transferência de Léopold para a ilha de Elba, sempre sozinho com os três filhos. Lá, ele conhece Catherine Thomas, com quem tem um relacionamento. No fim do ano, Sophie Hugo junta-se ao marido na ilha de Elba. Deixa a ilha levando os três filhos, um mês mais tarde, e chega a Paris em fevereiro de 1804.

1804

Lahorie é procurado pela polícia. Léopold Hugo retorna a Bastia.

1805

Léopold se distingue por ocasião das batalhas napoleônicas.

1806

Léopold participa da conquista do reino de Nápoles. Nascimento, em 10 de abril, às 7h, de Julienne-Joséphine Gauvain, que mais tarde adotará o nome de Juliette Drouet. Estupefato, Léopold descobre que não será promovido, apesar da boa

vontade de José Bonaparte, devido às suas relações com Lahorie. Até aqui, ele ignorava as relações íntimas de sua mulher com este último.

1807

Léopold é nomeado comandante militar da província de Avellino. Sophie e seus filhos partem para se encontrar com ele em dezembro.

1808

Sophie chega a Nápoles com os três filhos, encontra Léopold em Avellino e volta a partir para Nápoles.

Léopold é promovido a coronel e, chamado por José Bonaparte, muda-se de Avellino para a Espanha. Sophie continua em Nápoles.

1809

Sophie, de volta a Paris, instala-se no convento das Feuillantines com seus três meninos. Lá, esconde Lahorie, que ensina Victor Hugo a ler Tácito no original.

Léopold é nomeado general de brigada e governador da província de Ávila.

1810

Léopold se distingue nas batalhas na Espanha e é feito conde (nobreza espanhola) pelo rei José.

Lahorie é detido no mosteiro das Feuillantines.

1811

Sophie muda-se de Paris para a Espanha. As crianças atravessam a Espanha passando por Ernani e Torquemada e chegam a Madri. Léopold pede o divórcio, alegando, em um longo requerimento de onze páginas, que Sophie pegara o dinheiro da viagem a Madri sem o seu consentimento. As crianças continuam em um colégio interno em Madri. Léopold é informado da prisão de Lahorie nas Feuillantines e faz a associação entre a duração das temporadas parisienses de Sophie, seu desinteresse por ele e sua chegada inesperada a Madri. Descobre assim as relações íntimas de Sophie com Lahorie.

1812

Léopold é nomeado comandante de Madri, permanecendo nessa cidade com Abel; Sophie deixa Madri com Eugène e Victor e retornam às Feuillantines. Lahorie é fuzilado em outubro.

1813

Léopold deixa a Espanha e vai para a Alemanha. Abel regressa a Paris para junto da mãe.

1814

Léopold é promovido a marechal de campo, obtém a separação de corpos da mulher. Victor Hugo brilha nos versos latinos e compõe uma primeira e singela peça: *O palácio encantado*, para o teatro de marionetes com o qual brinca com os irmãos.

1815

Eugène e Victor são matriculados em um internato em Paris. Victor Hugo é um excelente latinista.

1816

“Quero ser Chateaubriand ou nada.” (Frase atribuída a Hugo.)

1817

Victor Hugo se destaca em latim, francês, bem como em física. Compõe inúmeros poemas, é incentivado pela Academia Francesa, que todavia hesita em premiá-lo no concurso geral, levantando dúvidas sobre sua idade.

1818

Julgamento de separação do casal Hugo. Eugène e Victor moram com a mãe. A entrega dos prêmios no liceu Louis-le-Grand constitui o fim oficial dos estudos secundários de Victor Hugo. Para ganhar uma aposta, escreve a primeira versão de seu romance *Bug Jargal* em quinze dias.

1819

Victor Hugo ingressa na faculdade de direito. É coroado nos Jogos Florais de Toulouse por suas *Odes*. Fica noivo, em segredo, de Adèle Foucher, amiguinha de infância. A família de Adèle é igualmente amiga de longa data da família Hugo. No *Conservateur Littéraire*, fundado nesse ano e que existirá até março de 1821, Victor Hugo escreve sozinho dois terços dos artigos e poemas.

1820

Luís XVIII concede a Hugo uma gratificação de quinhentos francos por sua *Ode sobre a morte do duque de Berry*. Chateaubriand qualifica Victor Hugo de “filho sublime”. Primeira visita de Hugo a Chateaubriand. Hugo recusa um posto em uma embaixada que lhe oferece Chateaubriand para não se afastar de Adèle. O desentendimento entre as famílias Foucher e Hugo provoca o rompimento do noivado de Adèle e Victor.

1821

Victor Hugo encontra Adèle clandestinamente. [Dia] 21 de junho: morte de Sophie Hugo. O general Léopold Hugo se casa com Catherine Thomas em 6 de setembro. As famílias Foucher e Hugo se reconciliam e o noivado é reatado.

1822

Publicação de *Odes e poesias diversas*. Victor Hugo recebe uma pensão de 1.200 francos e, em 12 de outubro, em Saint-Sulpice, se casa com Adèle Foucher. No jantar, à noite, seu irmão Eugène, igualmente apaixonado por Adèle, tem um acesso de loucura. Será internado em Charenton em 1823 e morrerá em 1837. Victor Hugo se gabará de ter permanecido virgem até a noite de núpcias com Adèle, a quem, em suas palavras, homenageará nove vezes.

1823

Segunda edição das *Odes*. Publicação de *Han da Islândia*. Hugo obtém uma pensão de 2 mil francos. Colabora intensamente para *La Muse Française*, cujos articulistas se reúnem na casa de Nodier. Lá, Hugo já expõe sua doutrina do romance moderno a respeito de uma nota sobre *Quentin Durward*, de Walter Scott. O general Léopold Hugo chega a Paris com a mulher e, nessa ocasião, redescobre seu filho, que consegue conquistar. Nascimento em 16 de julho do primeiro filho de Victor Hugo, Léopold-Victor, falecido três meses depois, em 9 de outubro de 1823.

1824

Novas odes. A fama de Hugo não para de crescer. Nascimento de sua primeira filha, Léopoldine, em 28 de agosto.

1825

Hugo recebe a comenda de cavaleiro da Legião de Honra, junto com seu amigo e confrade, doze anos mais velho, Lamartine. Essa distinção, acrescentada às pensões e aos inúmeros prêmios literários, mostra a reputação do jovem poeta de 23 anos tanto nos meios literários como nos oficiais. O rei Carlos X convida-o para assistir, em Reims, à sagração, sobre a qual Hugo comporá uma ode.

1826

Nova versão de *Bug Jargal*. Nascimento do segundo filho, Charles, em 2 de novembro. Publicação das *Odes e baladas*. Hugo começa *Cromwell*.

1827

Publicação de *Cromwell*.

1828

Morte de Léopold Hugo, em 29 de janeiro, logo após ter jantado com Victor. Edição definitiva das *Odes e baladas*. Nascimento, em 21 de outubro, do terceiro filho, François-Victor, que mais tarde, em Jersey, traduzirá Shakespeare. Assina um contrato com o editor Gosselin para *As orientais*, *Bug Jarnal*, *O último dia de um condenado*, o futuro *Notre-Dame de Paris* e *Han da Islândia*.

1829

As orientais, *O último dia de um condenado*. Proibição da peça *Marion Delorme* (sob seu primeiro título, *Um duelo sob Richelieu*) antes mesmo da estreia. Hugo escreve *Hernani*, drama romântico, entre 29 de agosto e 24 de setembro. Seu amigo Sainte-Beuve se aproxima de Adèle Hugo, para quem desempenha o papel de confessor e de quem se tornará amante.

1830

Estreia de *Hernani*, em 25 de fevereiro, que resultará no que virá a ser conhecido como a “batalha de *Hernani*”, sucesso instantâneo. Balzac, no entanto, critica acerbamente a peça. Hugo começa a escrever *Notre-Dame de Paris*, interrompido pela revolução de julho. Nascimento, em 24 de agosto, de Adèle Hugo, sua segunda filha.

1831

Publicação de *Notre-Dame de Paris*. Estreia de *Marion Delorme*. Publicação das *Folhas de outono*.

1832

O rei se diverte: peça imediatamente proibida.

1833

Estreia de *Lucrécia Bórgia*. Em 16 de fevereiro, Hugo declara seu amor a Juliette Drouet (nascida em 1806). Ela lhe envia um bilhete, de data incerta: “Oh! esta noite será tudo! Serei completamente tua!”. Noite de 16 para 17 de fevereiro, início de cinquenta anos de amor entre Victor Hugo e Juliette Drouet. Victor Hugo escreverá: “Em 26 de fevereiro de 1802, nasci para a vida, em 17 de fevereiro de 1833 nasci para a felicidade nos teus braços. A primeira data não é senão a vida, a segunda é o amor. Amar é mais do que viver”. (Victor a Juliette, em 26 de fevereiro de 1835.) Estreia de *Marie Tudor*.

1834

Miscelânea de literatura e filosofia: Claude Gueux. Rompimento com Sainte-Beuve.

1835

Estreia de *Angelo*. Publicação dos *Cantos do crepúsculo*.

1836

La Esmeralda, ópera. Duas tentativas fracassadas de entrar na Academia Francesa, em fevereiro e dezembro.

1837

As vozes interiores. Hugo recebe a comenda de oficial da Legião de Honra.

1838

Estreia de *Ruy Blas*.

1839

Terceiro fracasso na Academia Francesa.

1840

Quarto fracasso na Academia Francesa. Publicação de *Raios e sombras*.

1841

Eleição e recepção na Academia Francesa. Provável encontro com Léonie Biard, esposa do pintor François-Thérèse Biard, vulgo Auguste François.

1842

O Reno.

1843

Estreia dos *Burgraves*. Provável relacionamento entre Victor Hugo e Léonie Biard, na primavera e início do verão. Em 15 de fevereiro, Léopoldine se casa com Charles Vacquerie, irmão de Auguste Vacquerie. Em 4 de setembro, o jovem casal, assim como Pierre Vacquerie (tio paterno de Charles) e seu filho Arthur (de dez anos de idade), morrem afogados no Sena, perto de Villequier, no lugarejo conhecido como Le Dos-d'Âne, às 14h, por ocasião de um passeio de canoa. Seus corpos serão levados para a sra. Vacquerie mãe. Em 6 de setembro, Léopoldine e Charles são enterrados no cemitério de Villequier. Adèle Hugo retorna a Paris com os filhos que lhe restam. Victor Hugo, em viagem no sudoeste da França com Juliette Drouet, a tudo ignora. Em 9 de setembro, no Café de l'Europe, em Rochefort, abre por acaso o jornal *Le Siècle*, que reproduzia a reportagem do *Journal du Havre* publicada em 7 de setembro, descobrindo dessa forma a terrível tragédia, pensando inclusive que seu filho François-Victor houvesse morrido também. Victor Hugo julga ter "enlouquecido". Estará de volta a Paris em 12 de setembro, às 20h.

1843-45

Longo período de imensa tristeza e de um desânimo pouco propício à literatura.

1845

Hugo é nomeado Par de França. Começa a redação das *Misérias*, que virão a ser *Os miseráveis*. É objeto de um flagrante de adultério por seu caso com Léonie Biard.

Hugo escapa da prisão em sua condição de Par de França, mas não consegue evitar que Léonie Biard seja condenada a dois meses de reclusão em Saint-Lazare.

1846-47

Victor Hugo intensifica sua atividade política e pronuncia inúmeros discursos engajados. Em agosto de 1846, relacionamento com Alice Ozy, suntuosa atriz cortejada pelo filho mais velho de Hugo, e outrora amante do duque d'Aumale e musa inspiradora de Théophile Gautier.

1848

Deputado por Paris na Assembleia Constituinte, Hugo se engaja de corpo e alma na ação política e se dispõe a apoiar a candidatura de Luís Napoleão Bonaparte à Presidência da República.

1849

Hugo é eleito deputado de Paris na Assembleia Legislativa. Em 9 de julho, pronuncia o famoso discurso contra a miséria.

1850

Hugo pronuncia o discurso fúnebre por ocasião do enterro de Balzac.

1851

Charles Hugo assina um artigo em *L'Évènement* contra a pena de morte. Será condenado a seis meses de prisão, em 11 de junho, por atentado ao respeito às leis. Em 17 de julho, Hugo pronuncia um discurso sobre a revisão da Constituição na Assembleia Legislativa. Em 9 de setembro, em *L'Évènement*, François-Victor Hugo reivindica o direito de asilo para os proscritos estrangeiros. O jornal é apreendido e, em 15 de setembro, François-Victor Hugo e Paul Meurice (como gerente do jornal) são condenados a nove meses de prisão e a vultosa multa. Em 18 de setembro sai o último número de *L'Évènement*. Em 19 de setembro, surge *L'Avènement du Peuple*, criado para substituir *L'Évènement*. Auguste Vacquerie é o chefe de redação. O jornal é apreendido no mesmo dia e Vacquerie, condenado a seis meses de prisão, em 24 de setembro. O príncipe-presidente quer abolir a lei eleitoral de 31 de maio de 1850. Voto contrário de Hugo (junto com outros 355, enquanto 348 votam a favor). Em 2 de dezembro, golpe de Estado de Luís Bonaparte. Dissolução da Assembleia e do Conselho de Estado, estado de sítio em Paris, prisão de vários deputados e generais da oposição. A destituição de Luís Bonaparte é proclamada por 250 deputados de direita, que depois são presos sem resistência. Os deputados de esquerda, encabeçados por Hugo, conclamam o povo à resistência armada. Um comissário vem à noite prendê-lo em seu domicílio, mas não o encontra. Victor Hugo visita as barricadas, arenga a multidão, exorta os soldados a aderirem, vai a Tiquetonne visitar uma avó

cujo neto acabara de ser morto e cuja morte ele eternizará em *História de um crime e Os castigos*. Procurado, Victor Hugo compreende que é urgente partir da França. Deixa Paris e vai para Bruxelas, em 12 de dezembro, no trem das 20h, usando o nome de Jacques-Firmin Lanvin, tipógrafo. Na noite de 30 para 31 de dezembro, o deputado Victor Schoelcher, disfarçado de padre, chegará a Bruxelas para saudar Victor Hugo e congratulá-lo por sua ação. Permanecerá um de seus amigos mais fiéis.

1852

Em 9 de janeiro, decreto de banimento de 66 representantes do povo por motivos de segurança nacional. Hugo é o 15º da lista. [Dia] 31 de julho: Victor Hugo muda-se de Bruxelas para Antuérpia; no dia seguinte, embarca para Londres, aonde chega em 2 de agosto. No dia 4, está em Southampton e em 5 de agosto desembarca no porto de Jersey, Saint-Hélier, na companhia de Charles e Juliette (*incognito*). É recebido pela mulher e pela filha, Adèle, por Auguste Vacquerie e inúmeros proscritos. *Napoleão, o pequeno*, impresso em Londres, é publicado em Bruxelas. Em 16 de agosto, o clã Hugo instala-se em Marine Terrace, na praia de Azette, na costa sudeste da ilha. François-Victor se juntará a eles em 30 de dezembro.

1853

Em 6 de setembro, Delphine de Girardin chega a Marine Terrace. Procura imediatamente iniciar seus anfitriões na prática das “Mesas girantes”, recente coqueluche em Paris. A princípio, os Hugo se mostram reticentes, depois curiosos. Na noite de 11 de setembro, após várias tentativas infrutíferas, primeira sessão positiva do que virão a ser “as Mesas falantes”. O espírito de Léopoldine dirige-se aos participantes, na presença de Victor Hugo, sob o nome de “ame soror”.

De 11 a 18 de setembro, sessões espíritas diárias; Luís Bonaparte exprime seu terror diante de *Os castigos*, prestes a ser publicado. Manifestação de Racine. Em 21 de setembro, Victor Hugo reconhece os talentos de médium de seu filho Charles e tenta compreender o novo fenômeno, sugerindo a hipótese de que os comunicados das Mesas não provêm do inconsciente de Charles. No dia 28, primeiro comunicado em versos: a Poesia dita quatro estrofes de oito octossílabos. Outono de 1853, Marat, Charlotte Corday, Robespierre, Jean-Jacques Rousseau visitam a mesa de Marine Terrace. Em 5 de outubro: “Napoleão, o Grande”. Em dezembro, André Chénier começa uma longa série de intervenções, em que termina certos fragmentos inacabados. A Sombra do Sepulcro proíbe publicar por ora as atas das Mesas. Manifestações de Tirteu, Maquiavel e da jumenta de Balaão.

Em 21 de novembro: publicação de *Os castigos*, em Bruxelas.

1854

Em 6 de janeiro, primeira manifestação do Leão de Androcles; em 13 de janeiro, Shakespeare começa um longo poema, que se estenderá por várias sessões, e, em

3 de fevereiro, começará um drama inédito. Em 7 de fevereiro, Ésquilo, por sua vez, começa um longo poema a ser concluído. Em 10 de fevereiro, Molière começa um longo poema rematado pela Sombra do Sepulcro. Em 27 de fevereiro, surpreendente diálogo entre Latude, Bonnivard, o Máscara de Ferro, Judas e o Arcanjo Amor. Em 19 de março, primeira aparição da Dama Branca, que marca um encontro com Hugo às 3h da manhã fora de casa. Em 24 de março, O Leão de Androcles dita um longo poema, que se estenderá meses a fio. Em 22 de abril, o Oceano aceita compor uma nova *Marselhesa*, cujo título será “La Tonnante”. Mozart será o seguinte. No 23, o Drama anuncia que o drama inédito, solicitado a Shakespeare por Vacquerie, está terminado. No 24, o Drama ordena a Victor Hugo que componha um poema. No 27, o Drama começa o ditado do drama composto por Shakespeare. Em 19 de setembro, a Morte aconselha Hugo a distinguir sua obra de vivo de sua obra de fantasma: “Sê o Édipo da tua vida e a Esfinge da tua tumba”. Em 22 de outubro, a Morte sugere a Hugo que escreva uma obra póstuma: “Conselhos a Deus”. Em 10 de dezembro, Galileu responde de maneira confusa às críticas de Hugo sobre a cosmogonia das Mesas. Em 28 de dezembro, Josué afirma a Hugo que “o homem é um eu complexo”. O ano de 1854 notabiliza-se pela vinda à mesa de Shakespeare, Molière, o Leão de Androcles, o Drama, a Sombra do Sepulcro e a Morte. Sua marca indelével é manifesta em toda a obra hugoana, presente e futura.

1855

Em 4 de janeiro, Victor Hugo escreve à sra. De Girardin que seus trabalhos de mais de vinte anos estão sendo confirmados e expandidos pelas revelações da Mesa. Em 7 de fevereiro, morte, aos 56 anos, de Abel, irmão mais velho de Victor Hugo. Em 11 de fevereiro, Jesus Cristo empreende uma crítica do druidismo e do cristianismo e anuncia uma nova religião. Em 1º de março, a Dama Branca se faz novamente presente. Em 22 de março, Jesus Cristo afirma que “as Mesas serão o Oitenta e nove dos arcanjos”. Em 30 de março, Molière prossegue seu ditado. Em 29 de abril, Platão discorre sobre o sonho. Em 2 de maio, longa discussão, de importância capital, entre Auguste Vacquerie e Hugo. “Solitudines coeli” deve integrar o livro VI das *Contemplações* (primeira intenção de Hugo) ou ser reservado para uma publicação avulsa e posterior (proposta de Vacquerie)? A sugestão de Vacquerie será a escolhida por Hugo. Em 18 de maio, último ditado poético de Molière. Em 31 de maio, longa leitura, diante da família e amigos deslumbrados, de “Os magos”. Em julho, visita de Isaías. As sessões espíritas se espacem. O dia 8 de outubro marca a última sessão das Mesas em Marine Terrace. Jules Allix, que participava das últimas sessões das Mesas, é acometido de um acesso de loucura mais grave do que o normal. A tradição diz que esse incidente levou Victor Hugo a pôr um termo às sessões espíritas, o que não foi o caso. O ano 1855 confirma que uma nova religião hugoana, elaborada antes das sessões espíritas, se havia consolidado e ampliado graças às intervenções de Jesus Cristo.

Em 27 de outubro, o condestável Leneveu indica a Victor Hugo, bem como a seus dois filhos, que os três são objeto de um decreto de expulsão, com data de 2 de novembro. Em 31 de outubro, às 7h15 da manhã, Victor Hugo adianta-se à medida de expulsão e deixa Jersey definitivamente. Às 10h, chega a Guernesey.

1856

Em 23 de abril, publicação de *As contemplações*. Hugo se instala em Hauteville House. Termina *Deus* e *O fim de Satã*.

1857

Visitas de Alexandre Dumas a Guernesey; Hugo fala de sua admiração por Flaubert e *Madame Bovary* e por Baudelaire e *As flores do mal*, “que reluzem e ofuscam como estrelas!”. Juliette Drouet se instala em La Fallue, bem próximo de Hauteville House, de onde pode ver Victor Hugo de sua sacada.

1858

François-Victor Hugo publica o primeiro tomo de sua tradução das *Obras* de Shakespeare. Victor Hugo sente os primeiros sintomas de uma doença que se agravará: o antraz. Em outubro, estará curado. Envia congratulações a Leconte de Lisle, a cujo respeito diz que “seus poemas estão entre os mais belos do nosso tempo”.

1859

Publicação da primeira série de *A lenda dos séculos*. Victor Hugo, após seus primeiros embates pela abolição da pena de morte e contra a pobreza, envolve-se cada vez mais nas questões de seu século, políticas, sociais, filosóficas e econômicas.

1860

Hugo tira *Os miseráveis* do “baú dos originais”.

1861

Viagens à Bélgica e à Holanda. Em 30 de junho, Victor Hugo anota que, “na manhã de hoje, às 8h30”, acaba de terminar *Os miseráveis*. As revisões e acréscimos ainda se estenderão por onze meses.

1862

Em 30 de março, em Bruxelas, publicação da primeira parte de *Os miseráveis*: “Fantine”. Em Guernesey, Victor Hugo promove todas as semanas a “refeição das crianças pobres”, ocasião em que doze crianças pobres vêm jantar em sua casa, dividindo a mesma comida. Viagens às Ardenas belgas, luxemburguesas e às margens do Reno.

1863

Publicação de *Victor Hugo segundo uma testemunha de sua vida*, escrito pela sra. Hugo, sob a fiscalização do marido. Entre 1863 e 1864, viagens às Ardenas belgas e às margens do Reno.

1864

Publicação de *William Shakespeare*, obra baseada na tradução das *Obras* de Shakespeare realizada pelo seu filho François-Victor, de 1858 a 1864.

1865

Publicação das *Canções das ruas e dos bosques*.

1866

Publicação de *Os trabalhadores do mar*, cujo cenário inicial é inspirado nas ilhas anglo-normandas.

1867

Em 22 de janeiro, primeira visita da sra. Hugo a Juliette Drouet, a fim de lhe agradecer os cuidados que dispensou a Victor Hugo em sua ausência. Visita retribuída no dia 24 por Juliette.

1868

Em 23 de agosto, Victor Hugo termina *O homem que ri*. No dia 25, em Bruxelas, a sra. Hugo é vítima de uma apoplexia e falece no dia 27, às 6h30. Era casada com Victor Hugo desde 1822.

1869

Publicação de *O homem que ri*. Viagens à Bélgica e à Suíça.

1870

Em 14 de julho, Victor Hugo planta solenemente a semente do “carvalho dos Estados Unidos da Europa” no jardim de Hauteville House. Em 15 de agosto, Victor Hugo e Juliette Drouet deixam Guernesey às 9h e chegam a Southampton às 19h30. É o fim de um longo período de exílio em Guernesey, que durou cerca de quinze anos. Nesse ínterim, a guerra entre a Prússia e a França se acirra; Victor Hugo escreve a Paul Meurice que deseja ingressar imediatamente “na guarda nacional de Paris” e que irá “para as muralhas com seu fuzil no ombro”. Em 2 de setembro, o exército francês é arrasado em Sedan, Napoleão III capitula e se rende como prisioneiro de guerra. Em 4 de setembro, a queda do Império é anunciada e a República, proclamada na Prefeitura de Paris. Em 5 de setembro, às 22h, partida de Bruxelas, com Juliette, Charles e a família, onze anos após ter declarado: “Quando

a liberdade retornar, retornarei”, Victor Hugo chega a Paris após dezenove anos de exílio. Recebe a visita de Louise Michel, em 13 de setembro. Obterá sua libertação quando ela for presa em dezembro. Em novembro, recusa a candidatura a vereador por vários *arrondissements* de Paris.

1871

Em 8 de fevereiro, é eleito deputado por Paris e toma posse em Bordeaux, na Assembleia Nacional. Renuncia em 8 de março. Seu filho Charles morre subitamente em 13 de março, em Bordeaux. Será enterrado cinco dias mais tarde, após um concorrido cortejo em meio aos federados [da Comuna de Paris], que apresentam armas até o cemitério do Père-Lachaise, prestando assim uma homenagem espontânea ao pai de Charles. Em seguida, a fim de cuidar da papelada da herança de Charles, Victor Hugo viaja à Bélgica, onde oferece asilo em seu domicílio a todos os proscritos da Comuna. O governo de Leopoldo II expulsa-o em 30 de maio, apesar dos protestos da Câmara de Bruxelas.

1872

Publicação de *O ano terrível*. Viagem rápida a Guernesey. Em 12 de fevereiro, sua filha Adèle retorna de Barbados, onde soçobrara na loucura. Será internada em um sanatório em Saint-Mandé, em 17 de fevereiro.

1873

Hugo termina *Noventa e três*. Caso com Blanche, a camareira de Juliette Drouet. Em 16 de setembro, Victor Hugo reata com as sessões de espiritismo na companhia da sra. Hollis, médium americana, presente em Jersey em 1853. A sra. Hugo a faz dizer, por intermédio da mesa, que é feliz. Em 26 de dezembro, às 12h, morte de François-Victor Hugo.

1874

Publicação de *Noventa e três*.

1875

Victor Hugo retorna a Guernesey. Publicação de *Atos e palavras*, “Antes do exílio” e “Durante o exílio”. Em 23 de setembro, firma suas disposições para a publicação de inéditos, entre eles os *Livros das Mesas*, e nomeia Paul Meurice, Auguste Vacquerie e Ernest Lefèvre como executores testamentários.

1876

Em 30 de janeiro, Victor Hugo é eleito senador por Paris. Pronuncia um discurso pela anistia dos *communards*. Publicação do terceiro e último volume de *Atos e palavras*, “Após o exílio”. Pronuncia o discurso fúnebre de George Sand.

1877

Segunda série de *A lenda dos séculos*, publicação de *A arte de ser avô* e do primeiro tomo de *História de um crime*.

1878

Publicação do segundo tomo de *História de um crime* e de *Pape*. Sofre um derrame cerebral na noite de 27 para 28 de junho, após uma discussão com Louis Blanc sobre Voltaire e Rousseau. De 5 de julho a 9 de novembro, Hugo parte para descansar em Guernesey com Juliette e os seus.

1879

Morte de Léonie Biard. Triunfo de *Hernani* na Comédie Française, com Sarah Bernhardt no papel de Doña Sol. Publicação de *A piedade suprema*.

1880

Publicação de *Religiões e religião* e de *O asno*. Zola escreve sobre Hugo: “Este homem não é dos nossos. Que nos digam de que mosteiro do século XII ele saiu... Ele pertence à Idade Média”. Lançamento da edição *ne variatur*, que, de 1880 a 1885, compreenderá 48 volumes.

1881

Em 27 de fevereiro, no dia seguinte ao aniversário de Victor Hugo, o conselho municipal de Paris e o povo parisiense desfilam sob suas janelas às centenas de milhares ao longo de todo o dia para celebrar sua entrada no octogésimo ano de vida. Em 4 de março, é a vez de o Senado lhe prestar homenagem. Em 8 de maio, a avenida d'Eylau, onde mora Hugo, é batizada “avenida Victor Hugo”. Publicação de *Os quatro ventos do espírito*.

1882

Em 8 de janeiro, nas eleições para o Senado, Victor Hugo é eleito com a maioria dos votos. Publicação de *Torquemada*. Última saída, em 22 de novembro, do casal Juliette e Hugo, para uma reapresentação de *O rei se diverte* no Théâtre Français.

1883

Em 11 de maio, morte de Juliette Drouet (de um câncer). É o fim de um amor de cinquenta anos. Seu enterro acontece no dia seguinte. Os que cercam o poeta, aconselhados por Vacquerie, o impedem de comparecer, provavelmente para lhe poupar um sofrimento a inais, e não por desrespeito às convenções. Auguste Vacquerie pronuncia seu elogio fúnebre. Publicação da série complementar de *A lenda dos séculos* e de sua “Edição definitiva”. Publicação, primeiro em folhetim, depois em livro, de *O arquipélago da Mancha*; será a última publicação de Victor Hugo.

1884

Victor Hugo passa a ser, em 24 de março, o decano da Academia Francesa. Em 15 de maio, no Trocadéro, Saint-Saëns rege seu *Hino a Victor Hugo*, na presença do poeta.

1885

Na data de 5 de abril, o caderno secreto de Victor Hugo traz a estampa de uma última cruz, provável sinal de uma última performance sexual. Em 14 de maio, recebe Ferdinand Lesseps para jantar. É nessa noite, parece, que pega uma griagem e uma pneumonia se instala.

Em 22 de maio, às 13h27, morte de Victor Hugo em seu domicílio, no número 130 da Avenue Victor Hugo, vítima de pneumonia.

Em 23 de maio, a Câmara (415 votos contra 3) e o Senado (219 votos em 220) determinam funerais com honras nacionais. Em 26 de maio, um decreto governamental decide que o corpo de Victor Hugo repousará no Panthéon, na antiga igreja de Sainte-Geneviève, devolvida ao culto sob o Segundo Império, mas novamente civil em 1885, e cuja cruz da fachada fora retirada recentemente.

Em 31 de maio, o corpo de Victor Hugo é exposto no Arco do Triunfo sobre um esquife monumental. O desfile do povo prosseguirá ao longo de todo o dia e à noite.

Em 1º de junho, são realizados os funerais solenes de Victor Hugo. O cortejo vai do Arco do Triunfo ao Panthéon, passando pelos Champs-Élysées, bulevares Saint-Germain e Saint-Michel e Rue Soufflot. Ao longo de toda a passagem do “rabecão dos pobres”, segundo a vontade de Victor Hugo, a multidão grita “Viva Victor Hugo!”, como se ele ainda estivesse vivo. Milhões de pessoas lhe prestarão homenagem e durante semanas os degraus do Panthéon exibirão coroas de flores vindas do mundo inteiro.

Biografia das personalidades presentes nas sessões em Jersey

Allix, Augustine (1823-1901)

Muito ligada a Charles Hugo, a quem parece ter seguido no exílio; muito apreciada também por Victor Hugo, em especial pelo talento como cantora, que exibe nos salões parisienses desde a Monarquia de Julho. Após a expulsão de Victor Hugo de Jersey, frequentará regularmente Guernesey, até radicar-se lá definitivamente a partir de 21 de abril de 1855, depois de ter conquistado um público fiel de admiradores.

Allix, Émile (1836-1911)

Irmão mais moço de Augustine e Jules, tinha dezoito anos em 1854. Por ocasião de suas idas a Jersey, Émile assiste a algumas sessões das Mesas. Algumas edições anteriores das atas confundiram a transcrição da inicial “E” com o “J”. Quando não há inicial, trata-se de Jules Allix. Em 1856, irá para Bruxelas encontrar o irmão Jules. Formado em medicina, Émile Allix cuidará com devotamento da sra. Hugo até a sua morte.

Allix, Jules (1818-1903)

Irmão mais velho de Augustine e Émile, junta-se à sua irmã em Jersey, no fim de 1853, após ter sido condenado a oito anos de desterro e ter passado quatro anos preso por sua participação – indireta – no complô do Hipódromo; é esse republicano de 34 anos que, segundo a tradição, será vítima de um acesso de loucura em outubro de 1855 por ocasião de uma sessão das Mesas; esse incidente, particularmente violento e inquietante, teria levado Victor Hugo a dar um fim definitivo às sessões.

Babinet, Jacques (1794-1872)

Físico, astrônomo, conhecido como cientista espiritual e homem inteligente, conferencista muito em voga na época.

Barbieux, Albert (datas desconhecidas)

Proscrito francês. Será, em 1869, diretor e gerente do jornal *Le Rappel*, do qual Vacquerie será chefe de redação, e Charles Hugo, um dos colaboradores.

Bénézit, Charles (1816-após 1871)

Compositor francês amigo de Leconte de Lisle. Concertista e professor de composição musical de Adèle em Jersey. Participa de maneira episódica das sessões espíritas até o seu término.

Dulac, Clément (1805-1889)

Ex-deputado da Assembleia Nacional Legislativa, expulso da França por ocasião do golpe de Estado, companheiro de luto e exílio de Hugo, que lhe dedicará *Atos e palavras* (I, “Antes do exílio”).

Durrieu, Xavier (1817-1868)

Jornalista, redator do *Siècle*, depois colaborador da *Revue des Deux Mondes* e da *Revue de Paris*. Exilado após o golpe de Estado, mora primeiro na Inglaterra, depois na Espanha.

Girardin, Delphine de (1804-1855)

Mulher de letras. Delphine Gay, que se tornou a sra. Émile de Girardin, visita Hugo em Jersey de 6 a 14 de setembro de 1853. Inicia-o nas sessões das Mesas. É em sua presença, na noite de 11 de setembro de 1853, que a Mesa se exprime pela primeira vez, apresentando-se como *Ame soror*. Por trás desse nome, de origem latina, os participantes identificam Léopoldine, a filha tão amada de Victor Hugo, morta em 1843 junto com o marido, Charles Vacquerie, o tio deste último e seu filho, ainda menino, após a canoa em que estavam afundar no Sena.

Guérin, Théophile (1814-?)

Refugiado francês republicano, companheiro de infortúnio de Hennet de Kesler no barco Duguesclin, presídio flutuante ao largo de Brest. Exilado em Jersey desde 1852, é, junto com Hennet de Kesler, um convidado assíduo dos Hugo, íntimo dos jantares e das Mesas. Forma, com a sra. Hugo e Charles Hugo, o triângulo fundador das sessões espíritas.

Hugo, sra., nascida Adèle Foucher (1803-1868)

A sra. Hugo fica transtornada com a presença de Léopoldine na mesa de Marine Terrace, em 11 de setembro de 1853. É uma das participantes mais assíduas, ao lado de seu filho Charles, e reitera incessantemente a veracidade do fenômeno espírita, chegando a declarar à Mesa, em 24 de setembro de 1853: “Tu sabes que tenho a fé”. Mesmo depois do basta de Victor Hugo, continuará, muito além de 8 de setembro de 1855, a promover sessões espíritas com algumas amigas.

Hugo, Adèle (1830-1915)

Adèle, presente à primeira sessão espírita de 11 de setembro de 1853, assiste à visita de sua irmã defunta, Léopoldine. Às vezes ela conduz a mesa com sua mãe ou seu irmão Charles, às vezes o faz de maneira solitária em seu quarto. Durante o exílio, mantém um *Diário*, que nos dá informações valiosas sobre esse período espírita. Por trás de sua voz, perfilam-se as de seu pai, seus irmãos e Auguste Vacquerie, debatendo o fenômeno espírita. Em Jersey, dedica longas horas ao piano. Em 1854,

conhece o tenente inglês Pinson, por quem se apaixona perdidamente, a ponto de se considerar, em 1861, de maneira unilateral, sua noiva legítima. Fugirá de Guernesey em 1863, levando as joias da mãe, a fim de se encontrar com Pinson, à revelia deste, em Halifax, na Nova Escócia (Canadá). Lá, conhecerá uma existência miserável, seguindo o tenente, e perderá o juízo. Internada em 1872 em Saint-Mandé, morrerá em 21 de abril de 1915, sem ter recuperado a razão.

Hugo, Charles (1826-1871)

O primeiro filho de Hugo é o médium privilegiado dos instantes passados à mesa de Marine Terrace, entre 1853 e 1855. Em setembro de 1853, as Mesas o designam expressamente pelo termo “vidente”, transformando-o assim naquele a cujo respeito é dito que é “o mais fácil intermediário entre nós [os espíritos] e vós [os vivos], tu [Charles], cuja mão eu sinto” (sessão de 11 de dezembro de 1853).

Hugo, François-Victor (1828-1873)

O quarto filho de Victor Hugo é um dos menos assíduos às sessões espíritas. Ressabiado, considera tais práticas indignas do século XIX, afirmando que elas afastam os participantes das verdadeiras preocupações do século.

Kesler, Hennet de (c. 1804-?)

O barão Hennet de Kesler conhece Hugo nas barricadas, por ocasião do golpe de Estado de 1851. Já preso em 19 de junho de 1849 por sua participação na Jornada do dia 13, no Conservatório das Artes e Ofícios, é novamente preso em 4 de dezembro de 1851, em Paris, e deportado a bordo do Duguesclin. Passa dois anos em Londres, até aportar em Jersey em maio de 1854. Assiste regularmente, assim como seu companheiro de infortúnio do Duguesclin, Théophile Guérin, às sessões espíritas.

Le Flô, Charles (1804-1887)

General e diplomata francês. Por ocasião da revolução de fevereiro de 1840, é embaixador na Rússia. Membro da Constituinte e da Legislativa, onde atua à direita, é preso e expulso da França após o golpe de Estado. Em Jersey, é, ao lado da sra. Flô, um hóspede assíduo dos Hugo. Após a queda do Império, será ministro da Guerra.

Leguevel, Edmond (datas desconhecidas)

Juiz. Participa das Mesas junto com a sra. Leguevel.

Leroux, Pierre-Henri (1797-1871)

Editor, filósofo e político francês. Adere ao movimento saint-simoniano, que se propõe a reorganizar o trabalho sob a direção de uma elite industrial e religiosa. Em 1831, Leroux conhece George Sand, com quem inicia uma amizade que vai durar quinze anos. Em fevereiro de 1848, é eleito constituinte pelo departamento do

Sena. Reeleito por ocasião das eleições legislativas de 13 de maio de 1849, opõe-se à política de Luís Napoleão Bonaparte. Após o golpe de Estado de 2 de dezembro de 1851, Leroux se exila em Londres, depois na ilha de Jersey, onde convive com Victor Hugo. Os passeios de ambos pela praia de Samarez deixaram marcas na obra de Hugo. Volta à França em 1860, após a lei de anistia promulgada em 1859. Publica um longo poema filosófico em dois volumes (1863-64), *A praia de Samarez*. Leroux também é conhecido por ter dado aulas de frenologia, o estudo das faculdades intelectuais e do caráter a partir das bossas e depressões cranianas. Morrerá em Paris, em abril de 1871.

Meurice, Paul (1820-1905)

Desde os bancos escolares do liceu Charlemagne, Paul Meurice faz uma amizade sólida com Auguste Vacquerie e será o “fiel entre os fiéis” do clã Hugo. Chefe de redação de *L'Événement*, depois fundador de *Le Rappel*, escreveu também vários dramas e romances. Tendo permanecido na França após o golpe de Estado, serve de ponte entre o clã Hugo em Jersey e o continente. Passa algumas temporadas em Jersey e participa de várias sessões, entre as quais a de 22 de outubro de 1854, por ocasião da visita da Morte, bem como das últimas, de 7 e 8 de outubro de 1855. Deixa, no entanto, um conjunto de documentos únicos, folhas escritas a lápis, testemunhando o desenrolar de certas sessões, interrogações dos participantes, além de suas próprias reflexões. Discípulo fervoroso de Hugo, seu homem de confiança, será seu executor testamentário. Será o primeiro, em 1897, na *Tribune de Lausanne*, a vazar informações sobre as sessões espíritas de Jersey, fazendo alusão aos quatro cadernos elaborados em Marine Terrace, dos quais ele seria o depositário. Paul Meurice divulgará alguns brevíssimos excertos, indicando que cogita uma publicação (que terminará nunca acontecendo).

Pinson, Albert Andrews (datas desconhecidas)

Tenente inglês que se alistou a fim de evitar sua prisão por dívidas. Adèle o conhece em junho de 1854 e apaixona-se perdidamente por ele; empenha-se em romper com Auguste Vacquerie, pedindo inclusive sua partida para sua mãe, que recusa, para viver abertamente seu amor com o tenente inglês. Este não vê em Adèle senão um pretexto para uma breve aventura. Pinson deixa Jersey rapidamente, sem dramas, para juntar-se à sua guarnição em Halifax, na Nova Escócia [Canadá], onde é nomeado tenente em 1861. Ali, à sua revelia, é encontrado por Adèle e faz de tudo para escapar dela. Transfere-se de Halifax para Barbados em 1866. Adèle o segue para lá viver na miséria, sem revê-lo. É de lá que será repatriada para a França após mergulhar na loucura.

Reményi, Édouard, nascido Eduard Hoffmann (1828-1898)

Refugiado húngaro, compositor e violinista virtuose, apresentado a Hugo pelo

conde Teleki. Antes de sua chegada a Jersey com Teleki, viajava pela Europa na companhia do jovem Brahms, que mais tarde se inspirará no repertório de Reményi para compor suas danças húngaras. Alcinchado de “homem-violino” por Hugo. Após várias turnês na Europa, instala-se nos Estados Unidos em 1878. Morre no palco, durante um concerto em San Francisco, em 1898.

Ribeyrolles, Charles de (1812-1863)

Jornalista e chefe de redação da revista *La Réforme*. Janta uma vez por semana à mesa de Victor Hugo. Expulso de Jersey junto com Hugo, Ribeyrolles o seguirá até Guernesey.

Taly, coronel (datas desconhecidas)

Proscrito refugiado em Jersey.

Teleki, Sandor Alexander (1821-1892)

Conde e coronel húngaro; um dos arautos da Revolução de 1848. Ele retornará a seu país em 1867.

Tréveneuc, Henri de (1815-1893)

Conde, amigo do general Le Flô, membro da Assembleia Legislativa, representante do povo. Desaprova o golpe de Estado, mas não é expulso.

Vacquerie, Auguste (1819-1895)

Jornalista, dramaturgo e poeta. Inseparável de Hugo, ficará ao seu lado durante todos os anos de exílio. Assiste à primeira sessão das Mesas, a qual descreverá em *Les Miettes de l'histoire* (1863), um texto inspirado nas histórias e lendas de Jersey, bem como em sua experiência pessoal durante os anos de exílio. Ali, Auguste Vacquerie fará o relato da sessão de 11 de setembro de 1853, o qual, independentemente de todas as atas, constitui o primeiro de todos os documentos ligados às sessões espíritas. Esse texto será fundador e, na sua esteira, será adotado o hábito de anotar as circunstâncias precisas e o teor de todas as sessões que ocorrerão até outubro de 1855. É um dos participantes mais assíduos à mesa de Marine Terrace. Desempenha, quase meio a meio com Hugo, o papel de “escrevente”.

Vickery (prenome e datas desconhecidos)

Proscrito, assistiu apenas às sessões de 1853 na casa de Edmond Leguevel.

Índice dos personagens históricos e alegorias

O nome mencionado é o que as Mesas indicaram. Outros espíritos, não obstante pouco numerosos, compareceram sem que seu nome fosse determinado. A data indicada é a de sua primeira menção. Os nomes de personagens em negrito são os que mais se exprimiram em versos, criando alguns poemas notáveis.

1853

Ame Soror (Léopoldine) – 11 de setembro
Amélia – 12 de setembro
Luís Bonaparte – 12 de setembro
Damianiels – 13 de setembro
Astro Cometa – 13 de setembro
Chateaubriand – 13 de setembro
Vulcano – 13 de setembro
Glória – 13 de setembro
Haynau – 13 de setembro
Charlet – 13 de setembro
Dante – 13 de setembro
Roothan – 13 de setembro
Cesário – 13 de setembro
Racine – 13 de setembro
Rússia – 13 de setembro
A Ideia – 14 de setembro de 1853 a 11 de setembro de 1854
A Prece – 14 de setembro
O Drama – 14 de setembro de 1853 a 28 de maio de 1854
A Tragédia – 14 de setembro
O Devaneio – 15 de setembro
A Civilização – 15 de setembro
Joana d'Arc – 15 de setembro
Laís – 15 de setembro
Esopo – 15 de setembro
Jesus Cristo – 15 de setembro de 1853 a 22 de março de 1855
A Inspiração – 16 de setembro
O Romance – 16 de setembro
A Crítica – 19 de setembro
Voltaire – 19 de setembro

A Poesia – 28 de setembro
Napoleão, o Grande – 5 de outubro
Aníbal – 8 de dezembro
Moisés – 8 de dezembro
Vestris – 8 de dezembro
Aristóteles – 8 de dezembro
Cagliostro – 8 de dezembro
André Chénier – 10 de dezembro de 1853 a 6 de janeiro de 1854
Maquiavel – 10 de dezembro
Tirteu – 14 de dezembro
Josué – 16 de dezembro
Jean-Jacques Rousseau – 18 de dezembro
Maomé – 26 de dezembro
A jumenta de Balaão – 27 de dezembro
Abel – dezembro

1854

A Sombra do Sepulcro – de janeiro a dezembro
Z – 5 de janeiro
O Leão de Androcles – 6 de janeiro de 1854 a 26 de setembro de 1855
Shakespeare – 13 de janeiro de 1854 a 28 de fevereiro de 1855
Jacó – 22 de janeiro
Lutero – 29 de janeiro
Molière – 6 de fevereiro de 1854 a 18 de maio de 1855
Ésquilo – 7 a 26 de fevereiro
Rafael – 13 de fevereiro
Aristófanes – 19 de fevereiro
Latude – 27 de fevereiro
Bonnivard – 27 de fevereiro
O Máscara de Ferro – 27 de fevereiro
Judas – 27 de fevereiro
Caim – 27 de fevereiro
O Arcanjo Amor – 27 de fevereiro
A Asa Branca – 19 de março
A Dama Branca – 23 de março, 19 de junho de 1854
Anacreonte – 24 de março
Safo – 24 de março
Apuleio – 24 de março
A Felicidade – 25 de março
Amuca – 13 de abril

O Oceano – 22 de abril
Mozart – 23 de abril
A Metempsicose – 27 de abril
A Índia – 27 de abril
Sesóstris – 2 de maio
Alexandre, o Grande – 2 de maio
Leônidas – 2 de maio
Luís Filipe – 23 de maio
Cimarosa – 23 de maio
O Leão de Florença – 30 de maio
Marie Blanche – 2 de junho
O Porteiro Sombrio – 23 de junho
O Vento do Mar – 30 de junho
Cerpola, o pastor – 2 de julho
Zoilo – 16 de julho
Isaac Laquedem – 16 de julho
A Morte – 3 de setembro a 10 de novembro
Galileu – 10 de dezembro
Vestra – 28 de dezembro

1855

Um espírito – 21 de janeiro
Jesus Cristo – 11 de fevereiro, 18 de fevereiro, 15 de março, 22 de março
A Dama Branca – 1º de março
Um espírito – 8 de março
Molière – 30 de março, 13 de abril, 10 de maio, 18 de maio, 25 de julho
Um espírito – 29 de abril
Um espírito – 4 de junho
O Dedo da Morte – 11 de junho
Um espírito – 18 de junho
Um espírito – 29 de junho
Isaías – 2 de julho
Juliano, o Apóstata – 16 de julho
Um espírito – 4 de outubro
Um espírito – 5 de outubro

Esclarecimento

Para compreendermos a gênese desses *Cadernos*, dispomos de diferentes fontes originais. De um lado, os *Cadernos* propriamente ditos, que aparecem respectivamente sob os códigos N. A. F. 14.066, manuscrito surgido em 1962, e N. A. F. 16.434, adquirido em 1972 pela Biblioteca Nacional da França, e, de outro, as atas das sessões espíritas, estabelecidas livre e diretamente por ocasião da realização dessas sessões pelos diversos participantes. Uma quantidade notável dessas atas, muitas delas inéditas, está conservada na Maison Victor Hugo. Os documentos originais são, em sua maioria, escritos de próprio punho por Auguste Vacquerie e Victor Hugo. Também subsiste certo número de duplicatas ou cópias, escritas por Adèle Hugo, sua filha, pela sra. Hugo, por Paul Meurice e por Juliette Drouet. Algumas cópias emanam da sra. Daubray, secretária de Paul Meurice, amigo e executor testamentário de Hugo. Esses documentos fornecem informações novas e importantes relativas a dois *Cadernos* que faltam dos quatro supostamente redigidos por Victor Hugo em Jersey.

Essas atas são constituídas por elementos espantosos e díspares. Encontramos folhas avulsas, fragmentos de papel de todos os tamanhos, uma partitura musical, um envelope dirigido a Hugo, um sumário do punho de Vacquerie referente a um caderno seu desaparecido, uma página de jornal, bem como cadernetas, anônimas, mais consequentes, com cerca de quarenta páginas, que levantam imediatamente a questão de sua origem. A quem pertenciam? Há também uma série de fragmentos escritos de próprio punho por Paul Meurice que registram certo número de episódios ou perguntas específicas feitas por ocasião de diversas sessões, até a última, a de 8 de outubro de 1855, durante a qual elementos de uma importância irrefutável ainda não foram utilizados. Descobrimos igualmente um conjunto de 22 páginas arrancadas de um caderno, algumas escritas por Vacquerie, outras por Hugo. É lícito, portanto, nos perguntarmos se essas páginas pertenciam a um caderno de Auguste Vacquerie ou de Hugo, geralmente transcrito como aqueles que temos em nossa posse, escritos ora por um, ora por outro. Isso abriria novas perspectivas no que se refere ao mistério dos dois cadernos que faltam. O cotejamento rigoroso das atas e do conjunto dos documentos conservados na Maison de Victor Hugo com os dois cadernos correspondentes a uma parte do ano 1854 e do ano 1855 permite compreender a história dos manuscritos.

Existem assim duas fontes principais que relatam as sessões espíritas. Atas são redigidas diretamente por ocasião do desenrolar das sessões por um “escrevente” em folhas avulsas, às vezes simples pedaços de papel. Às vezes, e mesmo frequentemente, outros participantes estabeleceram suas próprias atas. Pode

então haver diferentes atas para uma mesma sessão. Em seguida, estas são a base para a transcrição, a passagem a limpo em um caderno, dessas sessões. O termo “manuscrito”, portanto, é polissêmico, denotando ao mesmo tempo as atas e os cadernos. Assim, não convém confundir atas e cadernos, que constituem duas fontes, dois suportes, distintos e independentes.

A transcrição dos dois cadernos originais de Victor Hugo é, aqui, normalizada e integral. Ela respeita o desenrolar cronológico das sessões e o teor dos manuscritos, ao mesmo tempo corrigindo, em caso de necessidade, a ortografia, a sintaxe e a pontuação, às vezes aproximativas, com a preocupação de permitir uma leitura fluente do manuscrito, tal como as sessões eram anotadas. Quando existem atas e elas correspondem a períodos diferentes dos períodos dos cadernos, estes são colocados na ordem cronológica. Nós então indicamos que se trata de atas, e determinamos os diferentes participantes, os que conduzem a mesa e os que registram as sessões (os escreventes). Não são transcritos aqui senão os documentos autênticos que encontramos e identificamos como originais, em sua maioria escritos por Victor Hugo, Auguste Vacquerie e às vezes pela sra. Hugo. As cópias ou duplicatas, extraídas do *Journal de l'exil* de Adèle Hugo ou de fontes incertas, foram descartadas.

O caderno surgido em 1972 verifica-se essencial para a compreensão do fenômeno que se desenrolou, entre setembro de 1853 e outubro de 1855, em Jersey e joga novas luzes sobre o suposto terceiro caderno, por muito tempo considerado o único *Livro das Mesas*. Esse manuscrito de Victor Hugo, que ainda não foi objeto de estudo ou edição, torna então caducos, equivocados ou incompletos os estudos anteriores. Tanto mais que, no interior desse novo caderno surgido em 1972, figuram duas fotocópias coladas nas páginas 45 e 46. Essas duas fotocópias constituem um documento espantoso. Trata-se de um artigo de imprensa intitulado: “As Mesas falantes de Jersey”. A rubrica “crônica” figura acima do texto, e o artigo é assinado Bernard Jourdan. Nossas pesquisas apontam tratar-se de um artigo publicado em 3 de junho de 1971, em *L'Éducation*. Ora, o que diz esse artigo? Convém citá-lo literalmente, pois suas indicações, na primeira pessoa, revelam-se das mais interessantes, em especial porque às vezes contradizem as observações do manuscrito N. A. F. 16.434:

Tive a sorte de encontrar o rastro de um desses livros [os quatro cadernos conhecidos como os *Livros das Mesas* expostos em 1933, por ocasião de uma mostra na Maison de Victor Hugo], depois o próprio livro.

Sua autenticidade é inquestionável. Tudo sugere que Meurice o teve em mãos e que Gustave Simon o consultou. Talvez inclusive esse livro tenha figurado na exposição de 1933. Com efeito, além de estampar de maneira inequívoca o algarismo 3 na capa e o mesmo algarismo 3 no interior dessa capa, traz também uma etiqueta, sobre a qual uma escrita bastante recente indica “4 volumes

Victor Hugo”. E houve quatro volumes na exposição de 1933. No estado atual de minhas pesquisas, não existe, ao que eu saiba, nenhum elo de parentesco, amizade ou vizinhança entre a família detentora do livro e a família de Meurice ou a de Gustave Simon. Mas a questão permanece em aberto.

Esse livro foi descoberto durante uma mudança, misturado com uma centena de livros de direito e jurisprudência, quando a família deixou Paris. Parece realmente que, durante os anos 1940-45, esse porão – como tantos outros – foi visitado.

Em todo caso, os detentores atuais desse volume me asseguraram não serem os vendedores de 1962.

O “livro” constitui um volume (formato 17 x 22 cm) de 270 páginas não numeradas, papel azul-claro, lombada e quinas (cansadas) em couro marrom, capa azul marmorizada, desgastada por uma longa manipulação. Oitenta e uma páginas são escritas por “escreventes” diversos: o mais das vezes, Victor Hugo, além de Auguste Vacquerie, Allix, Paul Meurice e um hóspede de passagem, Clément Dulac.

Isso significa que o proprietário ou os proprietários desse manuscrito leram e recortaram esse artigo, colaram no caderno original de Victor Hugo e depois o puseram à venda no ano seguinte. A Biblioteca Nacional da França fez sua aquisição em 29 de agosto de 1972 diretamente de um particular. Este fez questão de conservar o anonimato, e as condições da transação foram objeto de um protocolo que permaneceu confidencial. Esse caderno agora faz parte das novas aquisições francesas dos manuscritos ocidentais da rua de Richelieu, sob a cota N. A. F. 16.434. A designação desse manuscrito no catálogo da Biblioteca Nacional da França é, todavia, manifestamente distinta daquela proposta pelo autor do artigo. Evidentemente, essa descrição coincide em todos os pontos com a nossa observação:

- . Atas das sessões espíritas realizadas na casa de Victor Hugo.
- . Manuscrito em parte por Victor Hugo.
- . Atas das sessões de Jersey de 21 de janeiro de 1853 a 8 de outubro de 1855.
- . Papel 134 folhas (47-134 em branco) 220 x 170 mm caderno cartão (compra 1972).

Esse caderno não possui, portanto, propriamente 270 páginas, e sim 134 folhas. A diferença é mínima, mas todas as folhas estão numeradas no anverso. As páginas 47 a 134 estão em branco. Não há “81 páginas escritas por diversos escreventes”, e sim 77, das quais a grande maioria (55) foi escrita de próprio punho por Hugo. Trata-se de um pequeno volume com encadernação em estilo bradel ocre. Não se trata, portanto, de uma “capa azul marmorizada”. As páginas são brancas e não azul-claras. Essa cor teria desbotado com o tempo? Nada menos certo. Na lombada, há efetivamente uma etiqueta escolar, com as bordas azuis indicando: “Nº 45/ 4 Volumes Victor Hugo”. Na capa, é possível ler o algarismo 3, como indica o

autor do artigo. Por que tais diferenças? Não obstante, esse caderno cobre de fato o período que vai de 21 de janeiro de 1855 a 8 de outubro de 1855. Assim, colocam-se de cara várias perguntas essenciais. O autor desse artigo teve realmente o caderno nas mãos, examinou-o à vontade, com toda a curiosidade e exaltação que deve proporcionar a reaparição inesperada e capital de um manuscrito original de Victor Hugo? Ou simplesmente lhe revelaram a existência desse caderno sem que ele pudesse observá-lo pessoalmente? Seria possível existir outro caderno número 3? Uma coletânea de atas ou um manuscrito redigido *a posteriori* a partir destas? Houve um quarto caderno sequencial? Nesse caso, ele cobriria o período posterior a 8 de outubro de 1855. Sabemos, contudo, que as sessões espíritas foram interrompidas em outubro de 1855, *a priori* após uma crise nervosa de Jules Allix. Sem esquecer que Victor Hugo, expulso de Jersey na data de 2 de novembro de 1855, prefere antecipar essa medida coercitiva embarcando em 31 de outubro de 1855, às 7h15 da manhã, para Guernesey, onde não haverá mais sessões espíritas. O famoso *Caderno vermelho*, vendido ao leiloeiro Drouot em 1962, de maneira anônima e comprado pela Biblioteca Nacional da França, seria efetivamente um dos supostos quatro cadernos?

Estariamos então em presença de dois dos quatro cadernos redigidos em Jersey. O N. A. F. 14.066, que vai de 1º de fevereiro de 1854, quarta-feira, a 30 de maio de 1854, terça-feira, seria então o número 2. O número 1, desaparecido, cobriria o período de 11 de setembro de 1853 a 31 de janeiro de 1854, meses abundantes em sessões espíritas. Se o N. A. F. 16.434 é o número 3 (considerando a inscrição que figura na página de rosto, relativo ao período de 21 de janeiro de 1855 a 8 de outubro de 1855), que caderno cobriria então o período que vai de 31 de maio de 1854 a 20 de janeiro de 1855? Partindo do pressuposto de que o N. A. F. 16.434 é de fato um dos quatro cadernos e que não há outro posterior a ele, uma vez que todo o clã Hugo deixa Jersey em 31 de outubro, se acreditarmos igualmente nas afirmações do próprio Hugo e, por fim, como tenderiam a provar suas *Agendas de Guernesey*, o caderno número 3, de 21 de janeiro de 1855 a 8 de outubro de 1855 (N. A. F. 16.434), corresponderia na realidade ao caderno número 4. A menção equivocada do número 3 na capa procederia de outro punho que não o de Hugo e seria posterior a esse período. O número 3, supostamente existente e desaparecido, cobriria o período de 31 de maio de 1854 a 20 de janeiro de 1855. O número 2 seria o N. A. F. 14.066, de 1º de fevereiro de 1854 a 30 de maio de 1854. Ele não estampa número na capa. O número 1 estaria associado, por conseguinte, ao período de 11 de setembro de 1853 a 1º de janeiro de 1854. O quadro a seguir permite estabelecer a cronologia dos quatro cadernos, ao mesmo tempo comparando-a com as datas de publicação propostas por Gustave Simon, e relacioná-los às cópias de Cécile Daubray, bem como às diferentes atas estabelecidas em Jersey pelos participantes das sessões das Mesas.

Cronologia dos quatro cadernos

1853

Caderno 1: desaparecido

De 11/9/1853 a 31/1/1854

1854

Caderno 2: N. A. F. 14.066

De 1^o/2/1854 a 30/5/1854

Caderno 3: desaparecido

De 2/6/1854 a 20/1/1855

1855

Caderno 4: N. A. F. 16.434

De 21/1/1855 a 8/10/1855

Atas de Gustave Simon¹

1853

De 11/9 a 29/12

1854

De 2/1 a 19/12

1855

De 11/2 a 2/7

Cópias de Cécile Daubray²

De set./1853 a dez./1853

De 3/7/1854 a 19/12/1854

Atas

1853

De 12/9 a 29/12

1854

De 5/1 a 28/12

Mais um pequeno caderno 13 x 17 cm de 36 páginas que começa na data de 29 de

dezembro de 1854; apenas as páginas 1-2-4-5-6 estão escritas, todas por Victor Hugo.

1855

Somente 11/2; 18/2; 8/3; 15/3; 22/3; 20/9

Seis atas

Referências bibliográficas

Obras completas de referência de Victor Hugo

HUGO, Victor. *Oeuvres complètes*. Edição cronológica publicada sob a direção de Jean Massin. Paris: Club Français du Livre, 1967-1970, 18 tomos.

_____. *Oeuvres complètes*. Edição estabelecida sob a direção de Jacques Seebacher e Guy Rosa, pelo Groupe Interuniversitaire de Travail sur Victor Hugo. Paris: Robert Laffont, 2002, 15 tomos. Coleção Bouquins. Edição original: 1985-1990.

Manuscritos

Manuscritos originais, N. A. F. 14.066, 1854, e N. A. F. 16.434, 1855, Departamento dos Manuscritos Ocidentais, Biblioteca Nacional da França (ala Richelieu), Paris.

Manuscritos autógrafos, Maison de Victor Hugo.

Edições consultadas

HUGO, Victor. *Les Misérables*. Organização de Maurice Allem. Paris: Gallimard, 1951. Coleção Bibliothèque de la Pléiade.

_____. *Oeuvres politiques, Avant l'exil, 1802-1851*, t. I. Organização de Pierre Albouy. Paris: Gallimard, 1964. Coleção Bibliothèque de la Pléiade.

_____. *Oeuvres poétiques, Les Châtiments/Les Contemplations*, t. II. Organização de Pierre Albouy. Paris: Gallimard, 1967. Coleção Bibliothèque de la Pléiade.

_____. *Choses vues, 1849-1855*. Organização de Hubert Juin. Paris: Gallimard, 1972. Coleção Folio Classique.

_____. *Les Contemplations*. Organização de Jean Gaudon. Paris: Le Livre de Poche, 1972.

_____. *Les Contemplations*. Notas de Pierre Albouy. Paris: Gallimard, 1973. Coleção Poésie/Gallimard.

_____. *La Fin de Satan*. Organização de Jean Gaudon e Evelyn Blewer. Paris: Gallimard, 1984. Coleção Poésie/Gallimard.

_____. *Les Contemplations*. Organização de Jacques Seebacher e Guy Rosa. Paris: Robert Laffont, 1985. Coleção Bouquins.

_____. *Hernani*. Organização de Yves Gohin. Paris: Gallimard, 1995. Coleção Folio Théâtre.

_____. *Ruy Blas*. Organização: Patrick Berthier. Paris: Gallimard, 1997. Coleção Folio Classique.

- _____. *Les Misérables*. Organização de Guy Rosa e Nicole Savy. Paris: Le Livre de Poche, 1998. Coleção Les Classiques de Poche.
- _____. *Notre-Dame de Paris*. Organização de Gabrielle Chamarat. Paris: Pocket, 1998. Coleção Pocket Classiques.
- _____. *Les Lettres à Juliette Drouet de Victor Hugo*. Texto estabelecido e apresentado por Jean Gaudon. Paris: Pauvert, 1964. Nova edição: Paris: Fayard, 2001.
- _____. *L'Homme qui rit*. Organização de Myriam Roman e Delphine Gleizes. Paris: Le Livre de Poche, 2002. Coleção Les Classiques de Poche.
- _____. *Le Théâtre en liberté*. Organização de Arnaud Laster. Paris: Gallimard, 2002. Coleção Folio Classique.
- _____. *Les Travailleurs de la mer*. Organização de Marc Eigeldinger. Paris: Flammarion, 2002. Coleção Garnier Flammarion.
- _____. *Quatrevingt-treize*. Organização de Judith Wulf. Paris: Flammarion, 2002. Coleção Garnier Flammarion.
- _____. *Légende du beau Pécopin et de la belle Bauldour*. Organização de Claude Millet. Paris: Le Livre de Poche, 2003.
- _____. *William Shakespeare*. Apresentação de Dominique Peyrache-Leborgne. Paris: Flammarion, 2003. Coleção Garnier Flammarion.
- _____. *Le Dernier jour d'un condamné*. Organização de Marie-Henriette Bru. Paris: Hachette, 2005.

Testemunhos

- HUGO, Adèle (mãe de Adèle e esposa de Victor). *Victor Hugo raconté par un témoin de sa vie*. Organização de Évelyne Blewer, Sheila Gaudon, Jean Gaudon, Gabrielle Malandain, Jean-Claude Naret, Guy Rosa, Carine Trévisan, Annie Ubersfeld, sob a direção de Annie Ubersfeld e Guy Rosa. Paris: Plon, 1985. Edição original: 1863.
- HUGO, Adèle (filha). *Le Journal de l'exil*. t. I, 1852, t. II, 1853, t. III, 1854, apresentados por Frances Vernor Guille, t. IV, 1855, organizado por J.-M. Hovasse. Paris-Caen: Lettres Modernes Minard, 2002.

Bibliografia crítica

- ALBOUY, Pierre. *La Création mythologique chez Victor Hugo*. Paris: Corti, 1985. Primeira edição: 1963.
- ASSELIN, Alfred. *Victor Hugo intime*. Paris: Marpon et Flammarion, 1885.
- BARBOU, Alfred. *Victor Hugo et son temps*. Paris: Eugène Hugues, 1881.
- BAUDOUIN, Charles. *Psychanalyse de Victor Hugo*. Genebra: Éditions du Mont-Blanc, 1943. Nova edição: Paris: Imago, 2008.

- BÉNICHOU, Paul. *Romantismes français, I. Le Sacre de l'écrivain, Le Temps des prophètes; II. Les Mages romantiques, L'École du désenchantement*. Paris: Gallimard, 1973. Coleção Quarto.
- BERRET, Paul. *Le Moyen Âge dans La Légende des siècles*. Paris: Paulin, 1911.
- BERTAL, Georges. *Auguste Vacquerie: sa vie, son oeuvre*. Paris: Andréol et Pigeon, 1889.
- BESNIER, Patrick. *L'ABCédaire de Victor Hugo*. Paris: Flammarion, 2002.
- BLEWER, Evelyn. *Lettres à Victor Hugo de Juliette Drouet*. Paris: Fayard, 2001.
- COSNIER, Colette. *Hugo et le Mont-Blanc*. Chamonix: Guérin, 2002.
- DECAUX, Alain. *Victor Hugo*. Paris: Perrin, 1995.
- DELON, Michel et alii. *La Littérature française. Dynamique et histoire, t. II*. (org. Jean-Yves Tadié). Paris: Gallimard, 2007. Coleção Folio Essais.
- DESSEMOND, Maurice. *Victor Hugo. Le Génie sans frontières*. Genebra: Naef, 2002.
- FIZAINÉ, Jean-Claude. *Victor Hugo. Oeuvres complètes. Politique*. Paris: Robert Laffont, 2002. Coleção Bouquins. Edição original: 1985-1990.
- GAUDON, Jean. *Ce que disent les Tables parlantes: Victor Hugo à Jersey*. Paris: Pauvert, 1963.
- _____. *Victor Hugo, le temps de la contemplation*. Paris: Flammarion, 1969.
- GAUDON, Jean; GAUDON, Sheila. *Procès-verbaux des séances des Tables parlantes à Jersey dans Victor Hugo*. In: HUGO, Victor. *Oeuvres complètes, t. IX*. Edição cronológica publicada sob a direção de Jean Massin. Paris: Club Français du Livre, 1967-1970.
- GAY, Maurice. *Victor Hugo spiritualiste*. Paris: Gérard Nizet, 1955.
- GÉLY, Claude. *Victor Hugo, poète de l'intimité*. Paris: Gérard Nizet, 1969.
- GEORGEL, Pierre; BLONDEL, Madeleine. *Victor Hugo et les images*. Colloque de Dijon. Dijon: Aux Amateurs de Livres, 1984.
- GIRARDIN, Delphine Gay de. *Le Lorgnon*. Paris: Michel Lévy Frères, 1831.
- GODO, Emmanuel. *Victor Hugo et Dieu, bibliographie d'une âme*. Paris: Cerf, 2001.
- GRIMAUD, Michel (org.). *Victor Hugo 1, Approches critiques contemporaines*. In: *La Revue des Lettres Modernes*, n. 693-7, 1984.
- GUILLEMINE, Henri. *Hugo*. Paris: Le Seuil, 1994.
- HOVASSE, Jean-Marc. *Victor Hugo, t. I. Avant l'exil, 1802-1851*. Paris: Fayard, 2002.
- _____. *Victor Hugo, t. II. Pendant l'exil, 1851-1854*. Paris: Fayard, 2008.
- JUIN, Hubert. *Victor Hugo*. Paris: Flammarion, 1980.
- IAFORGUE, Pierre. *La Légende des siècles de Victor Hugo*. Paris: Gallimard, 2008.
- LASSÈRE, Madeleine. *Delphine de Girardin*. Paris: Perrin, 2003.
- IASTER, Arnaud. *Victor Hugo*. Paris: Belfond, 1984.
- LE GOFF, Jacques; RÉMOND, René (orgs.). *Histoire de la France religieuse, t. 3*. Paris: Le Seuil, 1991. Coleção Points Histoire.

- LESCLIDE, Richard. *Propos de table de Victor Hugo*. Paris: E. Dentu, 1885. Reedição sob o título *Victor Hugo chez lui. Souvenirs insolites de Victor Hugo*. Paris: Raymond Castells Éditions, 1998.
- LEVAILLANT, Maurice; DAUBRAY, Cécile. *La Poesie de Victor Hugo*. Paris: Delagrave, 1942.
- MAUREL, Jean. *Victor Hugo philosophe*. Paris: PUF, 1985.
- _____. *Chez Victor Hugo, Les Tables tournantes de Jersey*. Paris: L'École des Lettres, 1996.
- _____. *Le Vocabulaire de Victor Hugo*. Paris: Ellipses, 2006.
- MURAY, Philippe. *Le XIX^e Siècle à travers les âges*. Paris: Gallimard, 1999. Coleção Tel. Primeira edição: 1984.
- RENAN, Ernest. *Vie de Jésus*. Paris: Arléa, 1992.
- RETAT, Claude. *X, ou le divin dans la poésie de Victor Hugo à partir de l'exil*. Paris: CNRS Éditions, 1999.
- SAURAT, Denis. *La Religion de Victor Hugo*. Paris: Hachette, 1929.
- _____. *Victor Hugo et les dieux du peuple*. Paris: La Colombe, 1948.
- SIMON, Gustave. *Procès-verbaux des Tables tournantes de Jersey*. Paris: Louis Conard, 1923.
- SOUCHON, Paul. Juliette Drouet. *Mille et une lettres d'amour à Victor Hugo*. Paris: Gallimard, 1951. Reedição sob o título "*Mon grand petit homme...*". *Mille et une lettres d'amour à Victor Hugo*. Paris: Gallimard, 2002. Coleção L'Imaginaire.
- UZANNE, Octave. *Les Propos de table de Victor Hugo en exil*. Paris: Administration de l'Art et de l'Idée, 1892.
- VACQUERIE, Auguste. *Les Miettes de l'histoire, Trois ans à Jersey*. Paris: Pagnerre, 1863.

Grupo Hugo

Criado em 1969 na Sorbonne por Pierre Albouy, o Grupo Hugo [Groupe Hugo] foi refundado em 1975 na Universidade de Paris 7 por Jacques Seebacher, depois liderado, a partir de 1990, por Guy Rosa; agora o é por Claude Millet. Foi em seu âmbito que foram preparados diversos trabalhos e manifestações do centenário da morte de Hugo, em 1985, do bicentenário de seu nascimento, em 2002, bem como as publicações e edições críticas mais recomendáveis. O Grupo Hugo faz parte da equipe Cerilac (Centre d'Études et de Recherches Interdisciplinaires en Lettres, Arts et Cinéma) "Littérature et civilisation du XIX^e siècle". Os mais eminentes especialistas hugoanos nele representados colocam seus trabalhos à disposição dos participantes das atividades do Grupo Hugo, bem como do público, por intermédio do site: www.groupugo.div.jussieu.fr/

Notas

PREFÁCIO

- 1 Carta de Victor Hugo a Paul Meurice, 19/12/1851. In: Hugo, Victor. *Oeuvres complètes*, t. VIII, p. 952.
- 2 Carta de Hugo a Adèle, 17/1/1852. In: Hugo, Victor. *Oeuvres complètes*, t. VIII, p. 967.
- 3 Carta de Hugo a Adèle, 17/5/1852. In: Hugo, Victor. *Oeuvres complètes*, t. VIII, p. 1.003.
- 4 “Meu sonho seria morar em Guernesey, num quarto cuja janela desse diretamente para o mar, a fim de ver os barcos e navios passarem sob meus olhos.” In: Hugo, Adèle. *Journal de l'exil*, t. 1, 10/8/1952, 2002.
- 5 Idem, *ibidem*.
- 6 Hovasse, Jean-Marc. *Victor Hugo, Pendant l'exil*, t. II. Paris: Fayard, p. 88.
- 7 Hugo, Victor. *William Shakespeare*, I, t. 1, para todas as citações.
- 8 Hugo, Victor. *Atos e palavras*, II, 1860.
- 9 Hovasse, Jean-Marc. *Histoire d'un crime*. Depoimento de uma testemunha, prefácio, pp. 1-3. Edição prefaciada e anotada, complementada com ilustrações da edição E. Hugues de 1879 reunidas em álbum, organização de J.-M. Hovasse e G. Rosa. Paris: La Fabrique, 2010.
- 10 Idem, *ibidem*.
- 11 Idem, *ibidem*.
- 12 Muray, Philippe. *Le XIX^e Siècle à travers les âges*. Paris: Denoël, 1994; Gallimard, col. Tel, 1999, p. 70.
- 13 Idem, *ibidem*.
- 14 Idem, *ibidem*.
- 15 Laforgue, Pierre. *La Légende des siècles de Victor Hugo (Essai et dossier)*. Paris: Gallimard, col. “Foliothèque”, 2008, p. 24.
- 16 Auguste Vacquerie a Paul Meurice, setembro de 1853.
- 17 Hugo, Adèle. *Journal de l'exil*, terça-feira, 7/2/1854.
- 18 Murray, Philippe, op. cit., p. 576.
- 19 Hugo, Adèle. *Journal de l'exil*, 27/4/1854.
- 20 Idem, *ibidem*.
- 21 Como aponta Bertrand Marchal em *La Littérature française. Dynamique et histoire*: “As contemporâneas não são apenas o Túmulo de Léopoldine, nem sequer a grande pirâmide de um morto vivo. A solidão do exílio e, sobretudo, a experiência das Mesas (dois terços dos poemas

foram escritos nos dois anos de comunicação com os Espíritos) fazem dessas ‘Memórias de uma alma’ a obra-súmula do lirismo hugoano [...] e a grande meditação filosófica”.

22 Simon, Gustave. *Chez Victor Hugo. Les Tables tournantes de Jersey*, p. 99.

23 Hugo, Adèle. *Journal de l'exil*, 7/2/1854.

24 “Caro amigo, [...] onde diabos é possível encontrar os documentos em que G. Simon trabalhou para seu volume sobre as Mesas girantes de Jersey? [...] Conforme o testamento do poeta, todo papel coberto com sua letra, independentemente de sua natureza, deveria, após sua morte, ser entregue ‘à nação’. Os que têm a missão de zelar por esses manuscritos estão autorizados a se informar. [...] Trata-se, em todo caso, de documentos consideráveis, de uma tremenda massa de papéis que devem absolutamente encontrar lugar, seja em sua casa, seja na Nationale. [...] A srta. D. [Cécile Daubray], que trabalhou estreitamente com G. Simon, não pode ignorar o paradeiro desses manuscritos. [...] O livro que estou preparando sobre Hugo e o mundo do mistério exige a redescoberta desses documentos que soçobraram no desconhecido e que, em 1923, se achavam nas mãos de G. Simon.”

25 “Voltamos ao inventário de 1928. [...] Feitas as verificações, as peças visadas não se encontram na recente doação dos herdeiros ao Museu. Tampouco há motivos para que não tenham ingressado na BNF [Bibliothèque Nationale de France]. Além do mais, o inventário traz a marca de uma intervenção da sra. G. Simon, que reivindicava, além do manuscrito do primeiro volume das Mesas girantes, obra de seu pai, o segundo volume (jamais publicado, que eu saiba) e um maço de anotações. Onde foram parar esses papéis? [...] Sabe alguma coisa dos herdeiros da srta. G. Simon?”

26 “Caro, [...] Quer dizer que as famosas cópias foram de fato sequestradas pela srta. D.! Que miséria! Os originais, desaparecidos. A cópia G. Simon, apreendida. O que vai acontecer?”

27 Rascunho prévio à carta passada a limpo, enviada a Marguerite Simon: “[...] se o que nos interessa, a Guillemín e a mim, está nas mãos da sra. D., sabe Deus por que a sra. D. parece não gostar nada de Guillemín [...] não me admira essa resistência, que ela provavelmente manifestaria em qualquer circunstância. [...] É verdade que, nesse caso particular, ela vai um pouco mais longe, uma vez que se tratava de me persuadir e não me entregar, apesar do desejo que a senhora expressava. [...] Sua liberdade deve ser integral. Temo apenas, com toda a franqueza e honestidade, que sua decisão não beneficie a grande memória que tão bem defendi concernente a seu pai, à qual a senhora mesma é profundamente afeiçoada e que a sra. D. declarou servir, e efetivamente serviu, o melhor que pôde. Mas o quê! Apesar de sua vontade, a qual respeito, ela tem o direito de estar cansada hoje – e a utilização do documento em litígio, pois se trata claramente de materiais reunidos pelo sr. Gustave Simon para o segundo tomo de suas ‘Mesas girantes’ ou do manuscrito, não do livro publicado que a senhora possui, implica uma formação que ela não tem (ela reconhece isso), mas que possui H. Guillemín, grande professor universitário. Prova disso, seu trabalho sobre o pensamento religioso de VH. Penso,

e seremos muitos a pensar, que seria lastimável se ele não pudesse levar a cabo seu estudo sobre 'o pensamento religioso de VH', no qual o nome de G. Simon seria por certo citado com elogios. Continuo persuadido de que, tão logo tiver condições, a senhora o ajudará nessa tarefa sem melindrar nem magoar ninguém [...].”

28 “Senhor, como lhe disse a excelente Adèle, seria um prazer para mim lhe remeter o livro sobre as Mesas girantes, se o tivesse em mãos. Porém, tendo cometido o pecado de emprestá-lo a um erudito que desejava estudá-lo, nunca mais o vi e não tenho como fazer contato com a pessoa em questão. Demorei a lhe responder por causa disso; eis por que pensei em me dirigir à sra. Daubray, que deve ter o volume, e lhe escrevi para agendar um encontro, mas sua filha está muito doente e ela não pode receber, ela própria estando assoberbada de trabalho e preocupações. Se a coisa é urgente, estou convencida de que o volume se encontra na BNF.” (7/3/1951).

29 “Cavalheiro, Sua carta veio finalmente esclarecer uma coisa muito vaga, me haviam pedido o volume sobre as Mesas girantes. Ora, aconteceu que, tendo emprestado esse volume, ele não me fora restituído, o que explica meu primeiro silêncio. Mas eu me perguntava qual o interesse de uma coisa já publicada e fácil de providenciar? Compreendo agora seu desejo: tendo passado minha vida junto ao infatigável trabalhador que foi meu pai, sei o interesse que inéditos podem oferecer; além disso, o senhor pretende situar esses documentos do ponto de vista filosófico e religioso. Será que o subconsciente de Charles Hugo imprimiu sua marca sobre os versos? Ainda somos muito ignorantes a respeito de tudo que se refere à metempsicose. Infelizmente não posso atender ao seu apelo. Após a morte do meu pai, tudo associado aos manuscritos foi levado e depositado na Biblioteca Nacional.”

30 “Caro, Arre!! Leia isso... Não compreendo literalmente mais nada. O inventário, no entanto, declara de maneira explícita que o Manuscrito do tomo II das Mesas fora entregue a Gustave Simon... Ora, seria a BNF que teria encoberto esses documentos após a morte de Gustave Simon...! Talvez Julien Cain tivesse um motivo para não comentar nada comigo. Será que isso está não nos manuscritos Hugo, mas num espólio Gustave Simon...? [...]” (Berna, 8/3/1951).

31 “Faço questão de mantê-lo a par das questões relativas às Mesas girantes. A carta que acabo de receber do sr. Henri Guillemain, e à qual respondo, me esclarece plenamente seus desejos. Não se trata do volume já publicado que pode ser facilmente consultado, penso, mas de documentos inéditos e ainda não publicados. Tendo passado minha vida junto ao meu pai, sei com que paixão ele estudava e dedicava toda a sua existência a esses inéditos e a quaisquer pesquisas relativas aos manuscritos. Nesse caso, contudo, não tenho como atender a seus desejos, pois, logo após a morte do meu pai, manuscritos e inéditos foram depositados na Biblioteca Nacional.”

32 Correspondência descoberta na Maison de Victor Hugo.

33 Talvez seja mais verossímil ter-se tratado de uma manifestação, mais séria que o normal, de certa forma de delírio já conhecida em Jules Allix.

- 34 “Meu pai não esperou o prazo de 2 de novembro. Partiu esta manhã para Guerseny com Victor [François-Victor Hugo]. Meu pai, Victor, Charles e o sr. Auguste [Vacquerie] levantaram-se às 5h45. No mesmo momento, Bénézit entrava. Chuva insistente. Esses cavalheiros puseram-se a caminho, a pé, acompanhados de Allix, que carregava um saco de dormir, única bagagem de meu pai e meu irmão. Charles partirá sexta-feira, e nós, tão logo meu pai alugar aposentos em Guernesey.” Hugo, Adèle, op. cit. Ver também carta da sra. Hugo à sua irmã Julie Foucher, 24/2/1856.
- 35 Primeira agenda de Guernesey, fôlio 1, outubro de 1855.
- 36 Hugo, Adèle. *Journal d'exil*, t. III, 15/6/1854.
- 37 Hugo, Victor. *Les Contemplations*, VI, 25-30/4/1854.
- 38 Hugo, Victor. *Les Contemplations*, p. 490.
- 39 Hugo, Victor. *Les Contemplations*, XXVI, 1-13/10/1854.
- 40 Hugo, Victor. *Théâtre en liberté*, p. 17.

PRIMEIRO CADERNO

- 1 Essa sessão foi transcrita *a posteriori* e relatada por Auguste Vacquerie em *Les Miettes de l'histoire*, pp. 379-89.
- 2 *Les Miettes de l'histoire* e Atas das Mesas, 11/9/1853. Em um relato posterior publicado em *La Tribune de Lausanne*, em 19/2/1897, Paul Meurice acrescentará que, nessa noite, que não consta da transcrição, a sra. Hugo fizera uma pergunta à sua filha Léopoldine, cuja resposta fora decisiva para ela. Comportava, efetivamente, “a revelação de um fato de que só eu e minha filha tínhamos conhecimento” (ver Maurice Levailant. *La Crise mystique de Victor Hugo* (1843-1856). Paris: Corti, 1954). O próprio Paul Meurice relatou o desenrolar dessa sessão em um documento inédito, constituído de doze folhas, conservado na Maison de Victor Hugo, Paris.
- 3 C. D.: Cécile Daubray, herdeira designada pelos primeiros executores testamentários, sucedeu a Paul Meurice (1904-05), depois a Gustave Simon (1905-28), por ocasião da edição das obras completas de Victor Hugo, em 45 volumes, pela editora Ollendorf, ou “Imprimerie Nationale”, de 1933 a 1952. A pedido de Gustave Simon, ela copiou as atas das sessões espíritas, bem como os manuscritos em sua posse, os *Livros das Mesas*. As cópias de Cécile Daubray que reproduzimos aqui são extraídas de um maço de cópias manuscritas cobrindo os meses de setembro e outubro de 1853, bem como cinco sessões do ano de 1854.
- 4 Fim das folhas transcritas por Victor Hugo. O diálogo é reproduzido em uma cópia de Juliette Drouet, a quem Hugo entregava as primeiras atas para serem passadas a limpo. Uma filigrana aponta a origem do papel utilizado por Juliette Drouet: “Gosset 20 Queens”. Trata-se de um papel inglês de 1853. Essa cópia foi feita *a posteriori*, uma vez que Juliette jamais assistiu às sessões das Mesas, a partir de um conjunto de quatro folhas

duplas escritas unicamente no anverso. Isso corresponde à noite de 12 para 13 de setembro, como atesta a anotação final: “Noite de 12 para 13 7bro 1853 de segunda para terça-feira terminado às 2h45 da manhã”. Nela, Victor Hugo expõe sua visão pessoal do futuro de Luís Napoleão Bonaparte, prognosticando sua morte para dois anos mais tarde, punido por todos, e sua substituição por uma república universal. O espírito de uma pessoa viva pode então comunicar-se com os vivos. Luís Napoleão Bonaparte afirma que naquele momento está dormindo e que sofre com o sonho que tem, isto é, sua visita a Marine Terrace. Essa sessão foi transcrita por diversos participantes. Há, portanto, só para a sessão de 12 para 13 de setembro de 1853, uma ata de Hugo copiada por Juliette Drouet, uma ata de Vacquerie e uma ata da sra. Hugo.

5 Victor Hugo, Charles: o pai pródigo e o filho despreocupado dão-se as mãos nessas raras sessões em que ambos gozam de instantes de profunda cumplicidade.

6 Dentro de uma pasta de cartolina azul contendo as perguntas e respostas do Leão de Androcles, escritas por Hugo, encontramos um maço composto de seis folhas de 13 cm por 17 cm, escritas a lápis, exceção no conjunto das atas e dos dois cadernos, todos escritos com a mesma tinta marrom. Essas páginas não estão numeradas e foram escritas unicamente no verso. Correspondem aos “21 7bro e ao 22 7bro”, isto é, a 21 e 22 de setembro, primeiro mês das sessões espíritas, marcado principalmente pela visita de Léopoldine. Os participantes são Charles Hugo, a sra. Hugo, a sra. Hullis, o sr. Havin e Victor Hugo. A sra. Hullis e o sr. Havin permanecem um mistério para nós e não aparecem em mais nenhuma sessão. Nessas duas datas, duas visitas especiais aconteceram, as de Léopoldine e Claire Pradier, filha de Juliette Drouet, igualmente falecida. Essas atas constam como a transcrição de sessões durante as quais a conversa entre os espíritos e os participantes se deu por intermédio de uma lousa.

7 Essas palavras parecem vir de Claire Pradier.

8 “Sim, meu querido”: essas palavras provêm da Mesa e parecem se dirigir a Victor Hugo.

9 “Minha filha...”: trata-se do único elemento concreto e tangível, sob a forma de uma ata inédita, da visita de Léopoldine à mesa de Marine Terrace. Portanto, Léopoldine “vive” em um mundo feliz. Sua visita de 11 de setembro de 1853 não foi a única. Eis uma prova disso. Teriam acontecido outras, registradas nas atas ou nos dois cadernos desaparecidos?

10 *Je suis poésie, ô poète.*

Du Dieu clément, je suis la voix.

Le cœur humain est ma retraite.

Je suis l'esprit de ce grand bois.

Je suis la fée au regard triste

Qu'envoya vers l'humanité

Cette insatiable égoïste

L'inépuisable Charité.

Levez-vous, grandes soeurs, patrie et renommée!
 Les dieux sont avec nous, nous sommes leurs seuls fils.
 Barbares, nous pouvons accepter vos défis.
 Nos chevaux de dédain en dressent leurs crinières.
 Nous sommes tous les droits et toutes les colères.
 Ô Mars! Ô Jupiter! Rois de l'Olympe en feu,
 Versez sur le soldat la puissance de Dieu,
 Faites briller la lance et flamboyer les âmes,
 Donnez à l'homme un coeur et des bras même aux femmes,
 Si vous ne voulez pas, ô formidables dieux,
 Que ma voix, au retour, ne chante plus les cieux.

20 “Os quatro ventos do futuro”: impossível não pensar na futura antologia de Victor Hugo, a ser publicada em 1881, *Os quatro ventos do espírito*.

21 Il n'est donc plus d'espoir, et ma plainte perdue,

22 J'aurais flatté, gémi, pleuré, prié, pressé?

23 J'aurais maudit l'autel que j'ai tant embrassé.

24 Ô délices d'amour, et toi, molle paresse,[...]

Pour qui les yeux n'ont pas de suave poison,

25 Qui sans perdre leurs coeurs et sans brûler leurs âmes
 Ont frôlé le satin de la robe des femmes.

26 Qui, sans perdre son coeur et sans brûler son âme,
 A frôlé le satin d'une robe de femme.

27 Qui, sans perdre son coeur et sans brûler son âme,
 A frôlé le satin de ta mantille, ô femme.

28 Je t'appartiens, amour, amour inexorable!

29 Conduis-moi, cher Camille, et dis-lui que je suis
 L'esclave de ses jours conquis pendant ses nuits;
 Dis-lui que tout en moi par sa bouche respire,
 Et qu'étant une fleur, elle m'a pour zéphyre.
 Oh! qu'on souffre d'aimer! oh! quels cruels tourments!
 Pour un moment heureux combien d'autres moments
 Où l'âme pleure et tombe, et, pauvre feuille morte,
 Obéissant au vent qui t'arrache et qui l'emporte,
 Erre et tremble et palpite et songe au doux banquet
 Où Camille l'avait mêlé à son bouquet.
 Sage vieillesse, viens, je t'implore et t'appelle;
 Tu souris à l'amour comme le toit à l'aile.
 Sous ta chaste couronne on chemine à pas lents.
 Toujours la plume blanche aime les cheveux blancs.

*L'amour pour le vieillard prend sa plus douce voix.
 L'âge est un innocent qui vide le carquois.
 Et les tremblantes mains prennent aux voix naïves
 De l'amour, ces traits d'or, que nos âmes plaintives
 Gardent toute leur vie et qui durent toujours.
 L'épine reste au coeur, l'épine des amours.
 Et quand le soir arrive au bout de la journée,
 L'épine est dans le coeur, la rose s'est fanée.
 Toi, vieillesse, tu ris au seuil de ta maison.
 Le souvenir la dore ainsi qu'une saison.
 L'empire des amours se réduit à son chaume.
 L'océan se fait source, et la fatale pomme
 Qui divisa l'Olympe et qu'adjugea Pâris,
 Murit à ton pommier, on la mange, et tu ris.*

30 “O capítulo mais surpreendente de uma biografia”: Jean Marc Hovasse escolhe essa frase para título do capítulo XIII do tomo II da biografia que consagra a Victor Hugo (Victor Hugo, t. II, *Pendant l'exil*, 1851-1854, p. 197).

31 “Um beijo de Camille”. A vida um pouco dissipada de André Chénier foi pródiga em aventuras amorosas, como testemunham as *Elegias*.

32 Infelizmente, essa ata de páginas visionárias é interrompida neste ponto.

33 As atas das sessões espíritas em que o Leão de Androcles se manifesta estão conservadas na Maison de Victor Hugo. Esse espantoso conjunto de documentos encontra-se numa grande pasta de papelão azul, em cuja capa está anotado por Victor Hugo: “Isto contém as duas peças ao Leão de A. com a resposta oral”. Originalmente, essa pasta se encontrava protegida por uma página inteira de jornal, na qual figura a menção, igualmente de Hugo: “As Mesas”. Esse dossiê compreende o conjunto das atas manuscritas por Hugo, relativas às perguntas feitas ao Leão de Androcles, e as respostas recebidas.

34 *Sous ta chaste couronne habite le respect.*

*Cupidon dans ses jeux s'arrête à ton aspect
 Et cache (la malice est propre aux innocences)
 Son carquois, ce jouet rempli de nos souffrances.
 Et la colombe, essaim gourmand qui dans les cieux
 Promène de Vénus le char silencieux,
 Et qui va becqueter dans plus d'une âme éclore
 Les premiers grains d'amour qu'y sème Mise ou Rose,
 S'arrête sur ton seuil et dis: Paix aux vieux ans.
 Toujours la plume blanche est douce aux cheveux blancs.
 Des flèches d'Adonis votre âge vous protège.
 Ô vieux monts, le rayon épargne votre neige.*

47 Ce n'est pas un larron que l'ombre de la mort.
La mort ne vole pas leurs fleurons aux couronnes.
La mort n'est pas un vol de l'immortalité.
Le ciel garde la gloire, ô Dieu, quand tu la donnes,
Dieu n'ôte pas Shakespeare à son immensité.

Ne dites pas: la mort vient dans le cimetière,
La nuit, à pas furtifs, et comme un ennemi.
Vole l'Enfer à Dante et Tartuffe à Molière,
Et prend son épitaphe à Cervante endormi.

48 Non, poètes, la mort n'est pas un noir fantôme
Embusqué lâchement aux portes du tombeau.
Le sépulcre n'est pas, sur la route de l'homme,
Un piège que Dieu tend au grand, au juste, au beau.

Non, la mort, c'est la vie affranchie et superbe,
C'est le semeur du ciel, c'est le grand moissonneur
Qui coupe sur la tombe une dernière gerbe
Et jette sa moisson aux pieds du Seigneur.

L'oeuvre terrestre vit, l'oeuvre terrestre règne,
C'est notre clé d'amour pour entrer dans l'azur.
Que notre bras tressaille et que notre front saigne,
Jusqu'au ciel pierre à pierre élevons notre mur.

Entassons lentement chefs-d'oeuvre sur chefs-d'oeuvre,
Aujourd'hui Don Quichotte et demain Iago.
Aujourd'hui le lion et demain la couleuvre.
Aujourd'hui, moi, Shakespeare, et demain, toi, Hugo.

Puisque Dieu nous dépasse au moins de cent coudées
Donnons-lui de la peine à vaincre l'art vermeil,
Et qu'en voyant courir nos quadriges d'idées
Il triple l'attelage au char de son soleil.

Soyons fiers d'être ceux qui disputent l'empire
Et qu'en voyant les cieux on dise: ils sont plus grands.
Qu'au céleste clairon l'art mesure sa lyre
Et d'être de tels nains étant de tels géants!

Non, nous ne sommes rien, nous sommes un atome,
Non, nous ne sommes rien par la comparaison;
Nos livres sont petits devant le divin tome
Quand l'aurore a doré sa tranche à l'horizon.

49 Essa sessão é relatada em dois pedaços de papel com letra de Vacquerie e da sra. Hugo.

50 Rosaspina. Animula. Perlina. Marquise de la mer. Vol d'oiseau. Mouette de l'âme. Sultane de lys. Pandora. Parure de mai.

51 Quand Eschyle pensif sculpte l'âme d'Oreste,
Quand Cervantes songeur fait son grave hidalgo,
Quand l'amer Poquelin plisse le front d'Alceste,
Quand j'endors Desdémone à l'ombre d'Iago,

Quand du tremblant Hamlet je fais l'âpre ministre
Du spectre qui lui dit: Venge-moi! chaque soir,
Elseneur, quand je mets sur ton donjon sinistre,
Le doute en sentinelle au créneau du devoir;

Lorsque dans Caliban je peins l'être vorace,
Ou que dans Richard III je peins l'homme inhumain,
Quand, à Lady Macbeth refusant toute grâce,
Sombre, avec son forfait je lui gante la main,

À Juliette un soir quand je dis ma romance,
Quand je fais mon roi Lear et vous vos Triboulets
Quand, comme une caverne au fond d'un bois immense,
L'ancre de Grandgousier s'ouvre dans Rabelais;

Lorsqu'Ésope indigné d'être esclave de l'homme
S'évade dans la fable et fuit l'idéal,
Quand Tacite aux Nérons ouvre un cirque dans Rome
Et fait manger Tibère à son tigre royal,

Quand Silène s'enivre à ta treille, ô Virgile,
Quand parlant et prêchant dans le monde ébloui,
Moïse écrit la Bible et Jésus l'Évangile,
Et que la croix de loin parle au mont Sinaï,

Lorsque penseurs profonds et poètes sublimes,
Nous créons lentement, lorsque nous animons
Ces géants qui levant au ciel leurs vastes cimes
Font une ombre le soir plus grande que les monts,

Non, nous ne créons pas, nous plagions nos âmes,
Nous copions le Dieu qui fait les passions.
Nous plagions l'enfant, les hommes et les femmes,
Nous créons après Dieu dans ses créations,

Nous volons à la vie, à l'amour, à la tombe,
À l'un tous ses baisers, à l'autre tous ses os;
Nous dérobons sans bruit toute larme qui tombe.
Nous cherchons des trésors au fond de tous les maux.

O raio atrai a arte, eterno Prometeu.
Não estou satisfeito com esses versos. Prefere este?
E o raio teme a arte, eterno Prometeu.
A. v.: Preferimos o segundo. E tu?
— Sim.

4 Le ciel, écho profond du génie et du crime,
Écoute naître Hamlet, entend mourir Abel.
Le bruit de l'oeuvre humaine ou coupable ou sublime,
Monte éternellement l'escalier de Babel.

Les coups du bras qui crée ou du bras homicide
Font résonner la tombe au couvercle d'airain,
Que ce soit ta massue, ô belluaire Alcide,
Ou la tienne, Caïn.

Donc puisque rien ne meurt de ce que nous créâmes,
Donc puisque rien ne meurt de ce que nous tuons,
Comment voudriez-vous que mourussent nos drames?
Nommez le fossoyeur de mes créations.

Dans quelle nécropole ou dans quel sombre empire
Hamlet lit-il son nom gravé sous le boulevau?
L'épitaphe est humaine. Il en est pour Shakespeare,
Mais non pour Othello.

La résurrection pour Shakespeare et Molière
Est double: en descendant les marches du tombeau
Nous renaissions deux fois au ciel et sur la terre;
Au ciel dans l'infini, sur terre dans le beau.

Quand vous voyez aux pieds d'une autre Cléopâtre
Alceste doux lion courber son dos câlin,
Vous n'apercevez pas dans le fond du théâtre
L'ombre de Poquelin.

Quand vous voyez passer, dans le fond de la scène,
Hamlet vêtu de deuil, croyez qu'il n'est pas seul.
Shakespeare est dans son front, Shakespeare est dans sa veine.
Ce n'est pas un manteau qu'il a, c'est mon linceul.

Invisibles acteurs nous jouons nos chefs-d'oeuvre,
Nos noms sont sur l'affiche aux portes des tombeaux.
Et si l'on nous sifflait, nous dirions: la couleuvre
A passé dans nos os.

Notre statue en deuil s'en vient du cimetière.
Nous venons écouter critiques et défis.
Le commandeur descend du tombeau de Molière,
Je monte près d'Hamlet, et je lui dis: mon fils.

Vos applaudissements font tressaillir nos âmes.
Nos sépulcres sans bruit respirent vos bouquets.
Quand la goule Ducis enfonce dans mes drames
La dent des sobriquets,

Je m'indigne et je dis: profanateur, arrière!
Laisse mon crâne aux mains du fossoyeur! Le beau
Est un mort redoutable, il dort sous cette pierre;
Tes vers n'ont pas le droit d'entrer dans son tombeau.

Oui, nous vous entendons, penseurs, jeunes poètes,
Esprits religieux, si puissants et si doux;
Nous vous remercions, étant ce que vous êtes,
De vous mettre à genoux.

Votre pensée amie est veuve de Shakespeare.
Il la voit, il la sent, il lui parle toujours.
Vous gagnez la couronne et moi je la respire.
Vous êtes mes amants, vous êtes mes amours.

Quand une oeuvre de vous éclôt sur cette terre,
Je la prends dans mes mains et nous nous asseyons.
Cervantès fait du doigt taire le grand Molière,
Et tous disent: voyons!

On écoute le Drame et j'ai vu pleurer Dante
Quand vous mettiez l'amour dans l'âme des plus laids.
Et, quand vous aiguisiez votre langue mordante,
L'Olympe riait moins que ne rit Rabelais.

C'est bien. Continuez. Votre voix est sacrée.
Faites votre oeuvre après Hamlet et don Juan,
Vous êtes après nous la seconde marée
De l'immense océan.

Vous conduisez au port l'humanité. Vous êtes
Les pilotes pensifs du grand voyage au ciel;
Vous commandez debout la manoeuvre aux tempêtes.
Et la foudre craint l'art, Prométhée éternel.

Deux phares rayonnants conduisent votre voile,
Deux autels de granit dont on n'ose approcher,

“Horror” e “Dolor”. Este respondia a uma crítica de Auguste Vacquerie, formulada após a leitura desses dois poemas: “Essas duas peças de versos não atacam os que duvidam, e sim recriminam os que riem”. O plano geral de Hugo encontra-se igualmente aqui em sua criação literária: “reconduzir o homem ao espiritualismo, não mais negar a Deus e reconhecer a existência da alma”.

9 Essa sessão espírita é de sumo interesse para a compreensão do fenômeno das Mesas falantes de Jersey. Hugo duvida e faz *O Livro das Mesas*, “o espírito da verdade”. Shakespeare vem à mesa de Marine Terrace instigá-lo a prosseguir sua obra, que suscita a atenção e o respeito dos maiores: Molière, Cervantes, Dante, Rabelais, Shakespeare, Lutero. A verdade é que o que adveio das Mesas revela-se particularmente oportuno e dá origem a uma produção literária de grande riqueza, uma obra hugoana à parte. Os castigos estão terminados e *As contemplações* ainda não nasceram. Entre os dois, uma espécie de interlúdio. A abertura de um espaço de pensamento com os efeitos amplificados por uma nova prática. Uma experiência inédita que surge como um remédio “para a lenta marcha das coisas”. Uma experiência que também permite interrogar o processo de criação literária, o sentido do resultado dessa criação. Uma vez que Hugo foi “escolhido” por Deus, como Lutero acaba de afirmar nessa sessão de 3/2/1854, doravante não lhe resta outra coisa senão posicionar-se como um novo profeta. Um profeta que mais tarde possa postular a existência dos espíritos em todos os planos da criação, bem como uma doutrina do ser, do mundo e da alma. “O que diz a Boca de Sombra”, terminado na sexta-feira 13/10/1854, será o poema que resumirá a nova religião hugoana elaborada a partir das revelações ou confirmações da Mesa e poderá ser lido como um verdadeiro manifesto metafísico. Hugo reivindica isso e, em 22/10/1854, faz ele mesmo esta pergunta essencial à Mesa: “O que haverá no meu túmulo, um profeta ou um poeta?”. Será o próprio Jesus Cristo que virá, em fevereiro e março de 1855, trazer-lhe a resposta tão esperada e apoiá-lo em sua futura missão. Como aplicado discípulo espírita, Hugo compreendeu o movimento da História e, sagrado novo profeta, vai guiar a humanidade. Hugo passa a ser o “sonhador sagrado” que “lança sua chama/ sobre a eterna verdade”, construindo assim sua própria figura mítica, a do poeta mago, inspirado e visionário. Para Hugo, o fenômeno das Mesas passa rapidamente de um fenômeno “dos mais curiosos para se estudar” a uma realidade indiscutível: “um fato”. E *O Livro das Mesas* não passa da confirmação da sua intuição. Era o que declarava a Pierre Leroux em setembro de 1853: “Creio piamente no fenômeno das Mesas”, ao mesmo tempo relativizando sua fé: “Entretanto, não afirmo que sejam Joana d’Arc, Spartacus, César ou Tibério que apareçam. É possível que seja um espírito que adote esses nomes para nos atrair”. Nesse mesmo mês, é para o seu filho François-Victor, sempre cético, que Hugo desenvolverá seu pensamento: “O fenômeno das Mesas falantes não diminui o século XIX, engrandece-o. O fenômeno das Mesas falantes não constitui obstáculo à liberdade do homem e dá asas à fé humana. Esses espíritos falam conosco, tu negas. Por que negar a evidência?”. Hugo reconhecerá que o fenômeno vai contra o bom senso: “Contudo, a despeito do bom senso, a Mesa fala. Fala sob as mãos da sra. De Girardin, fala sob as mãos do sr. de Saulcy, fala sob minhas mãos; sem dizer grandes coisas, diz coisas bastante especiais. Sob as mãos de Charles, diz coisas sublimes. Por que

negar esse mundo intermediário? Por que julgar sobrenatural o que é natural? Para mim, o sobrenatural não existe: há apenas a natureza. Sim, é natural que os espíritos existam!”.

10 O teor dessa sessão constitui um condensado de diferentes capítulos de *William Shakespeare* (1864), em especial nas menções aos grandes gênios da humanidade e à trípole. “Como a obra parece sobre-humana, quiseram infundir-lhe o extra-humano; na Antiguidade, a trípole, em nossos dias, a mesa. [...] Por outro lado, a mesa, girante ou falante, foi muito ridicularizada. Falemos claro, esse escárnio é irrelevante. [...] O fenômeno da trípole antiga e da mesa moderna tem, como qualquer outro, direito à observação. [...] Homero afirma que as trípodas de Delfos andavam por si sós. [...] Platão conta que as estátuas de Dédalo gesticulavam nas trevas. [...] Fléchier, em sua *História de Teodósia*, menciona uma Mesa girante. [...] O fenômeno sempre foi rejeitado e sempre reaparece, não é de ontem” (I, II, “Os gênios”).

11 “Fostes escolhidos”: o tema da eleição, quase de direito divino, uma vez que são os espíritos que o afirmam, volta mais uma vez nessa sessão. Após Lutero, Shakespeare confirma que os participantes das sessões espíritas foram “escolhidos”. Hugo é naturalmente o primeiro dentre eles. Deverá, portanto, assumir plenamente o papel de profeta que agora lhe é atribuído. As Mesas lhe permitirão conquistar para sua causa “os escarnecedores”, afirmar ao mundo a existência da alma e converter o partido republicano à palavra de Deus.

12 *Ils entrent dans la mort en chantant leur victoire.
Les chevaux du soleil qui hennissent le feu,
Les mènent couronnés aux portes de la gloire,
Capitale de Dieu.*

13 *Créons! Créons! Soyons la phalange indomptée.
Molière fait Tartuffe et je fais Iago.
Aujourd’hui Phidias et demain Prométhée,
Aujourd’hui moi Shakespeare et demain toi, Hugo.*

14 Shakespeare volta a legitimar Hugo como seu digno sucessor. Victor Hugo é ao mesmo tempo o dramaturgo, o gênio e o mago. A missão do poeta é a de um novo profeta, mensageiro da palavra divina. Isso é repetido várias vezes na mesma sessão. Tenta-se convencer o próprio Hugo de seu próprio status? Ou, pela voz da Mesa, vista como palavra do além-túmulo, convencer os numerosos proscritos e exilados de todo tipo, presentes em Jersey, que duvidavam dela? É igualmente legítimo que os poetas se julguem grandes, caso contrário “seriam menos sublimes”. Sua força vem de sua fé em Deus. É sua missão transmiti-la. Esses quartetos assemelham-se, às vezes verso a verso, aos já ditados por Shakespeare na quarta-feira 25/1/1854 (pp. 170 ss.).

15 *Ô mon Dieu laisse-leur à ces pauvres poètes,
Laisse à tous ces penseurs, leurs consolations.
Laisse-les croire en eux, car ils sont tes prophètes.
Fais-leur la charité de leurs créations.*

17 Em fevereiro de 1854, quinze sessões terão sido realizadas em 28 dias. Se por um lado não passavam de entretenimento e distração pueril, por outro afetavam profundamente os planos romanesco e poéticos de Hugo. As incontáveis horas despendidas à mesa significam outras tantas perdas para a reflexão e criação hugoanas. Ora, em Jersey, Hugo empreende diversos projetos monumentais, que exigem um planejamento rigoroso de seu ritmo de vida e trabalho. Segundo Adèle Hugo, ele leva uma vida das mais regradas na ilha anglo-normanda. Dorme “sete horas por dia, nem mais, nem menos”, levanta-se ao alvorecer, trabalha a manhã inteira, dá, após cada refeição, seus “mil passos”, percorre sem cansaço dez quilômetros pelas praias, condena o uso do tabaco, “esse triste adormecedor, esse ópio do Ocidente”. Nada regularmente, faça o tempo que fizer: “desde as cinco da manhã, a casa reverbera gritos e chamados” de Charles, Auguste Vacquerie e Victor Hugo (*Journal de l'exil*) “procurando suas toalhas” (ibidem); chegou a experimentar a equitação. Algumas tardes são reservadas para visitas a Juliette. Aos que o cercam, fala incessantemente da obra imensa que lhe resta escrever. Em seu *Journal de l'exil*, Adèle anota em 18/6/1855: “Meu pai termina neste momento um drama, *Homo* [iniciado em 1854]; um poema épico, *O fim de Satã* [publicado em 1886]; uma história: *O crime de dezembro* [iniciada em 1851, título definitivo: *História de um crime*, publicado em dois volumes em 1877 e 1878]; um livro socialista; dois romances, entre eles *Os miseráveis* [*As misérias*, começado em 1845, que virá a ser *Os miseráveis*], *As pequenas epopeias* [sob o título definitivo: *A lenda dos séculos*, 1859] etc. Ele gosta de trabalhar em várias obras ao mesmo tempo. Descansa de um trabalho no outro”.

Nem sequer são mencionados aqui os poemas que integrarão o quinto e o sexto livro das *Contemplações*. Assim, as horas passadas à mesa, eventualmente de manhã, à noite quase diariamente, durante mais de dois anos, 26 meses exatamente, são roubadas dessa criação. A obra de Hugo prova que seu autor possui uma força titânica à qual não pretende se subtrair e que não pode desperdiçar com “criancice ou invenção infantil”. Basta, aliás, escutá-lo dialogar com as ilustres visitas que foram honrá-lo com sua presença, sugerindo uma rima mais rica a André Chénier ou arriscando um conselho de prosódia a Shakespeare, para tender, a princípio, a rejeitar qualquer ideia de suspeição. Não recusou igualmente tomar conhecimento do drama inédito de Shakespeare ditado em sua ausência, no começo de 1854, para não se arriscar a ser influenciado quando da futura composição de uma de suas próprias peças? Mal Hugo decifra as primeiras réplicas, para imediatamente anotar: “A analogia entre o início dessa cena e a ideia de uma coisa feita por mim em 23/11/1853, intitulada ‘Duas vozes no céu estrelado – Zênite. Nadir’, me obriga a me abster, e lamento isso profundamente, de toda e qualquer participação no trabalho da mesa durante esse drama. E exclusivamente no caso desse drama”. Portanto tudo contribuiu para demonstrar a honestidade intelectual de Hugo e o fato de ele permanecer totalmente alheio às intervenções da mesa. Ao mesmo tempo, isso demonstra que as sessões espíritas invadem o projeto literário do autor.

18 *Seuls vous ne passez pas, dans le monde où l'on passe*
Dans la vie où l'on meurt l'art est seul immortel.

*Mais avant d'approcher l'éternel face à face
Suicidez-vous tous à la porte du ciel.*

19 *Le ciel, écho profond du génie et du crime,
Écoute naître Hamlet*

[...]

Donc, puisque rien ne meurt de ce que nous créâmes.

[...]

Comment voudriez-vous que mourussent nos drames?

20 Ésquilo (525-456 a.C.) foi um dos três maiores tragediógrafos gregos, ao lado de Eurípides e Sófocles, e um dos grandes gênios da humanidade em *William Shakespeare* ("O outro, Ésquilo, iluminado pela adivinhação inconsciente do gênio". *William Shakespeare*, I, II, "Os gênios"). É uma figura recorrente na obra hugoana (*O homem que ri*, II, VII, 4: "As festas da grande deusa, cantadas por Ésquilo..."). Entre "os mais altos cimos" distinguem-se "Homero, Ésquilo, Jó, Isaías, Dante e Shakespeare" (ibidem). Ésquilo é visto como o principal esteta da desmedida, legitimando a desmedida shakespeariana e... hugoana.

21 *Dans les mondes punis, dans le monde où vous êtes,
Noir cachot dont le doute a forgé les barreaux,
Les êtres animés, les hommes et les bêtes,
Sont tous des condamnés et sont tous des bourreaux.*

*La justice divine a fait aussi le crime,
Il devient le remords, dans le même moment,
Le meurtrier soudain se transforme en victime,
Le crime est le fourreau d'où sort le châtement.*

*Tout souffre. Tout gémit. Tout travaille au supplice.
Le bourreau souffre autant que le coeur châtié.
Quand je mets Prométhée au haut du précipice,
Le vautour qui le mord me fait aussi pitié.*

*Les méchants sont bourreaux par l'ongle et par la serre,
Par le regard sanglant qui sort de leurs yeux ronds,
Parce qu'ils ont de la force au crime nécessaire
Et que Dieu leur a dit: je vous fais mes Néron.*

*Les méchants à leur tour sont de pauvres colombes,
Des âmes que le sort rive en ses noirs pontons,
Que le remords boucher égorge dans leurs tombes,
Tigres redevenus tout à coup des moutons.*

*Les bons sont des bourreaux qui s'ignorent eux-mêmes,
Oiseaux de nuit du bien, sombres hiboux du jour,
Faisant d'une action sortir les deux extrêmes,
Et créant la douleur parce qu'ils sont l'amour.*

*Et je vois à travers les trous de mes deux yeux
L'âme s'emplir de feuilles mortes.*

*Et devant moi rieur tout passe tour à tour,
Et le chant des oiseaux et ton chant, ô Molière,
Et les doux promeneurs disant des mots d'amour,
Je ris quand pleure La Vallière.*

*Le palais est rempli de courtisans hideux
S'habillant du haillon de la France abattue.
Et je ris quand son spectre errant au milieu d'eux
Vient s'accouder à ma statue.*

*Je ris du mois qui passe et de la fin du jour,
Du sombre hiver qui fait grelotter l'humble alcôve
Et dont la neige met pour le bal de la cour
Une perruque à mon front chauve.*

*Mon rire est comme une âme insensible à vos cris,
Que l'homme souffre, pleure, ou désespère, ou tombe,
Ô penseur, je rirais encor comme je ris
Si mon socle était une tombe.*

*Il se tut. Et je vis sous l'ombre des grands bois
S'animer ce fantôme au sourire funeste
Et je lui dis: ton nom, pauvre douleur sans voix?
Le rieur répondit: Alceste.*

*Toi qui du vieux Shakespeare as ramassé le ceste,
Toi qui, près d'Othello, sculptes le sombre Alceste,
Astre qui resplendit sur un double horizon,
Poète au Louvre, archange au ciel, ô grand Molière,*

*Ta visite splendide honore ma maison.
Me tendras-tu là-haut ta main hospitalière?
Que la fosse pour moi s'ouvre dans le gazon,
Je vois sans peur la tombe aux ombres éternelles.*

*Car je sais que le corps y trouve une prison,
Mais que l'âme y trouve des ailes.*

*27 Esprit qui veux savoir le secret des ténèbres,
Et qui, tenant en main le terrestre flambeau,
Viens furtif à tâtons dans nos ombres funèbres
Crocheter l'immense tombeau,*

*Rentre dans ton silence et souffle tes chandelles.
Rentre dans cette nuit dont quelquefois tu sors.
L'oeil vivant ne lit pas les choses éternelles
Par-dessus l'épaule des morts.*

28 *Les rois et vous, là-haut changez-vous enveloppe?
Louis quatorze au ciel n'est-il pas ton valet?
François premier est-il le fou de Triboulet,
Et Crésus le laquais d'Ésope?*

29 *Le ciel ne punit pas par de telles grimaces,
Et ne travestit pas en fou François premier,
L'enfer n'est pas un bal de grotesques paillasses
Dont le noir châtement serait le costumier.*

30 *Ils portent tous le fer. Leurs âmes enchaînées
Ont au pied le carcan de la prison des morts,
Et, lorsque devant nous elles sont amenées,
Leur crime les envoie au bagne du remords;*

*Je les fais tout le jour sans trêve et sans relâche
Suer dans un cachot dont nul ne peut sortir;
J'encourage le brave et fouette le lâche,
Car ils sont aux travaux forcés du repentir.*

*Jusqu'au jour où le Dieu des célestes phalanges,
Levant son front dans l'ombre où, crime, tu passas,
Avec tous ces maudits voulant faire des anges,
Enverra dans le ciel ce convoi de forçats.*

31 Molière responde em 48 versos distribuídos em doze estrofes de três alexandrinos e um octossílabo [na metrficação francesa]. Mais uma vez a caligrafia que reproduz os versos de Molière difere das perguntas de Victor Hugo, que são feitas (p. 25 do caderno) em dez alexandrinos em rimas seguidas e depois cruzadas, sem nenhuma correção e com a pontuação. Mas é efetivamente Auguste Vacquerie quem copia os versos pronunciados por Hugo. Chega a Sombra do Sepulcro, que dita quatro alexandrinos copiados em prosa (p. 25 do caderno), depois outros três em rimas cruzadas completadas por um octossílabo. Hugo lhe responde em três alexandrinos e um octossílabo em quatro rimas interpoladas, e A Sombra do Sepulcro em quatro estrofes, todas em alexandrinos e rimas cruzadas. Ou seja, um total de 94 alexandrinos (em 270 minutos, uma letra a cada cinco segundos). Após a rubrica: “Encerrado às 2h”, uma anotação esclarece: “Ao ditarem seus versos, Molière, Ésquilo, Shakespeare e André Chénier corrigem, interrompem, hesitam, apagam, refazem. A Sombra do Sepulcro, por sua vez, dita os versos como se fossem prosa”. Essa nota é em uma caligrafia diferente da cópia dos últimos versos da Sombra do Sepulcro. O que surpreende é que, com exceções, que constam de nossa edição, o caderno não traz vestígio de repetições, interrupções, hesitações, dos versos apagados

Vieux poète fatal affranchi par la tombe,
Dis-nous si sans mourir l'amour peut se calmer,
Et comment le vautour deviendra la colombe;
Car nous voulons penser, mais nous voulons aimer.

Faut-il tuer l'amour ainsi que tout le reste
Pour que l'homme soit libre enfin de tout côté?
Amour, ce mot charmant de la langue céleste,
Serait-il l'autre nom de la fatalité?

Si c'était elle, ô Dieu, si c'était son squelette,
Qui, rejetant le nom dont tu la désignais,
Revînt à nous un masque aux yeux? Toi, son poète,
Regarde bien, et dis si tu la reconnais.

Si c'était elle, ô Dieu, qui ressaisît notre âme
Et qui prit, remplaçant son attirail banal,
Pour sa chaîne de fer un cheveu d'une femme
Et pour son clou d'airain un repas virginal?

33 — Non, l'homme ne sera jamais libre sur terre.
C'est le triste captif du mal, du bien, du beau.
Il ne peut devenir, c'est la loi du mystère,
Libre qu'en devenant prisonnier du tombeau.

Non, il ne suffit pas qu'il ait conquis, doux rêve,
La liberté sur l'ombre et le jour sur le nord.
Sa conquête commence, et celui qui l'achève
C'est ce grand conquérant qui s'appelle la mort.

34 C'est le seul conquérant qui soit grand, c'est la mort.
Non, il ne suffit pas qu'il renverse une geôle,
Qu'il jette en rugissant les trônes à l'égout,
Son âme aura toujours une marque à l'épaule.
Le cœur humain n'aura jamais de dix-août.

Il sera toujours là, le sombre roi, le maître,
Le doute, de nos cœurs faisant ses noirs valets,
Passant et repassant derrière la fenêtre,
Allumant, éteignant les lustres du palais.

Vous tuez un tyran, mais l'esclavage reste,
Qu'il s'appelle l'amour ou la fatalité.
Lorsque Dieu veut punir dans le monde d'Oreste,
Il donne à ses bourreaux son immortalité.

*Vous tuez un tyran? Tuez la jalousie!
Mettez donc la douleur, comme le Louvre en feu!
Vous faites choir un roi quand votre heure est choisie.
Mais exécutez donc l'exécuteur de Dieu!*

*Fatalité, lion dont l'âme est dévorée,
J'ai voulu te dompter d'un bras cyclopéen,
J'ai voulu sur mon dos porter ta peau tigrée,
Et j'ai voulu qu'on dît: Eschyle néméen.*

*Je n'ai pas réussi. La bête fauve sombre
Remplit encor vos coeurs de son ongle éternel;
Le coeur de l'homme est plein encor de cris de haine,
Cette fosse aux lions n'a pas de Daniel.*

*Après moi vint Shakespeare. Il vit les trois sorcières,
Ô Némée, arriver du fond de ta forêt,
Et jeter dans nos coeurs, ces bouillantes chaudières,
Les philtres monstrueux de l'immense secret.*

*Il vint dans ce grand bois, la limite du monde.
Après moi le dompteur, il vint lui le chasseur;
Et comme il regardait dans son âme profonde
Macbeth cria: fuyons, et Hamlet dit: j'ai peur.*

*Il se sauva. Molière alors sur la lisière
Parut, et dit: voyez si mon âme faiblit.
Commandeur, viens souper. Mais au festin de pierre
Molière trembla tant que dom Juan pâlit.*

*35 As sans peur souffleté Tartuffe en pleine église
Et mené dom Juan souper dans le tombeau.*

36 “Ó leão castigo!”: a primeira visita do Leão de Androcles deu-se na noite de 6/1/1854. Ela é consignada em uma ata. O Leão voltará regularmente até 26/9/1854 e os pedidos precisos que ele fez constituem a fonte direta de alguns poemas de Victor Hugo. A presença do Leão nas sessões espíritas é completamente hugoana. O leão, em Hugo, é um símbolo constante do povo; essa comparação do povo com um leão volta constantemente em sua obra.

A origem do poema “Ao Leão de Androcles” pode ser detectada nas sessões das Mesas. Em 17/2/1854, o Leão de Androcles, após um amistoso “olá, imbecis”, pede versos a Victor Hugo. Diante da impossibilidade imediata de satisfazê-lo, o Leão vai embora furioso. No dia 18, Hugo escreve “Androcles” (*Os quatro ventos do espírito*, III, 15) e, em 28/2, termina “Ao Leão de Androcles”. Em 24 de março, após a leitura feita por Hugo dos versos compostos por ele, o Leão começa uma bela e longa resposta em versos. Essa troca parece ter intrigado Victor Hugo, como atesta a dupla anotação, reproduzida abaixo,

Son âme aura toujours une marque à l'épaule.
Le coeur humain n'aura jamais de dix-aût.

Il sera toujours là, le sombre roi, le maître,
Le doute, de nos coeurs faisant ses noirs valets,
Passant et repassant derrière la fenêtre,
Allumant, éteignant les lustres du palais.

Vous tuez un tyran, mais l'esclavage reste,
Qu'il s'appelle l'amour ou la fatalité.
Lorsque Dieu veut punir dans le monde d'Oreste,
Il donne à ses bourreaux son immortalité.

Vous tuez un tyran? Tuez la jalousie!
Mettez donc la douleur, comme le Louvre, en feu!
Vous faites choir un roi quand votre heure est choisie,
Mais exécutez donc l'exécuteur de Dieu!

Fatalité, lion dont l'âme est dévorée,
J'ai voulu te dompter d'un bras cyclopéen,
J'ai voulu sur mon dos porter ta peau tigrée.
Et j'ai voulu qu'on dît: Eschyle néméen.

Je n'ai pas réussi. La bête fauve humaine
Déchire encor vos chairs de son ongle éternel;
Le coeur de l'homme est plein encor de cris de haine.
Cette fosse aux lions n'a pas de Daniel.

Après moi vint Shakespeare. Il vit les trois sorcières,
Ô Némée, arriver du fond de ta forêt,
Et jeter dans nos coeurs, ces bouillantes chaudières,
Les philtres monstrueux de l'immense secret.

Il vint dans ce grand bois, la limite du monde.
Après moi le dompteur, il vint lui le chasseur.
Et, comme il regardait, dans son âme profonde
Macbeth cria: fuyons, et Hamlet dit: j'ai peur.

Il se sauva. Molière alors sur la lisière
Parut, et dit: voyez si mon âme faiblit.
Commençons, viens souper! Mais au festin de pierre
Molière trembla tant que don Juan pâlit.

Mais, que ce soit le Spectre ou la sorcière de l'Ombre,
C'est toujours toi, lion à la griffe de fer.
Tu remplis tellement la grande forêt sombre
Que Dante te rencontre en entrant dans l'enfer.

*Ce monstre a d'ossements blanchi tous les poètes.
Votre art après le nôtre achève la leçon.
C'est toujours mon lion qui ronge les squelettes
Que vos Quasimodo laissent à Montfaucon.*

*Donc, la fatalité, c'est moi qui te l'assure,
C'est l'amour, et l'amour c'est la fatalité.
C'est toujours cette dent dont l'horrible morsure
Fait que tous nos baisers ont l'air ensanglanté.*

*La boucle de cheveux que coupe le poète,
Que don Juan dérobe à quelque front charmant,
Que baise Roméo pensant à Juliette,
Est prise à ta crinière, ô lion châtimé!*

*Tu n'es dompté qu'à l'heure où la mort belluaire
T'arrache de la dent l'âme humaine en lambeau,
Te prend dans la forêt profonde et séculaire
Et te montre du doigt ta cage, le tombeau.*

42 “Vês nossa pobreza”: parece de fato que a situação financeira da família Hugo, no exílio em Jersey desde 5/8/1852, não era das mais animadoras. O livro-caixa, mantido pela sra. Hugo em Jersey, no qual figura aliás uma ata de sessão espírita, não datada, comprova contas na ponta do lápis e gastos limitados. Em 22/5/1855, a sra. Hugo escrevia à sua irmã Julie Foucher: “Se soubesses o consumo de comida que temos em nossa casa, não fazes ideia. Todo dia tenho gente para jantar, gasto quatrocentos francos por mês com a alimentação, entendo por isso tudo que entra no estômago, mas nada além disso. Gastamos de 12 a 15 mil francos por ano, é muito para nós, que temos o mercado da França fechado. Tu sabes que as peças do meu marido são encenadas e que os tribunais decidiram que ele não receberia nada relativo aos direitos”. A família Hugo vivia de direitos autorais, o que proporcionava, em 1855, duzentos francos por mês, ou seja, metade das despesas com alimentação. Victor Hugo expõe dessa forma a Adèle suas inquietudes quanto a seu futuro material e financeiro: “Será preciso uma economia sórdida. [...] Não sei como faremos. Só escolhi, naturalmente, em matéria de móveis, o estritamente necessário, a simplicidade é espartana” (Carta de Victor Hugo a Adèle Hugo, 5/11/1855).

Está comprovado que Hugo gastava muito em caridades diversas. A caridade era para ele um dever moral e social, ainda mais que na época não existia nenhum sistema de proteção social. Em *Os miseráveis*, Jean Valjean evoca frequentemente a figura hugoana: “Tinha sempre os bolsos cheios de trocado ao sair e vazios ao voltar” (I, v, 3). Esse trecho corresponde ao próprio comportamento de Hugo, que, desde o dia de seu retorno a Paris, em 5/9/1870, até 31 de dezembro do mesmo ano, doou em espécie, sem olhar para quem, 4.365 francos da época.

43 “Lamentamos não poder ajudá-los”: Hugo ajudará sempre, conforme suas possibilidades, aqueles de quem se sente devedor ou que aleguem necessidades. Em 4/10/1853, por exemplo, manda expedir, por intermédio de Paul Meurice, um bônus de 360 francos em nome de Jacques-Firmin Lanvin, tipógrafo que lhe permitira usar sua identidade para fugir da França. Hugo continuará a ajudar Lanvin mais tarde. Em Jersey, ajudará regularmente Sandor-Alexandre Teleki, um proscrito húngaro. As agendas de Guernesey, mantidas rigorosamente por Hugo, atestam suas doações à caixa de ajuda aos proscritos, às trabalhadoras “braçais”, a diferentes proscritos, uma vez que 38 deles foram expulsos em outubro de 1855, junto com Hugo. Em 27/5/1856, ele lançará um abaixo-assinado para ajudar as mulheres e filhos dos marinheiros desaparecidos no mar. Esse gesto sucedia o naufrágio do barco que fazia a linha entre Guernesey e Saint-Malo, cujo capitão, sr. Pengalley, deixara mulher e quatro filhos.

44 Personagem da tradição semítica, Jó encarna o homem justo golpeado pelo infortúnio e que interroga Deus sobre o mal. O *Livro de Jó*, na Bíblia, faz o relato de suas provações e sofrimentos, bem como de sua fidelidade a Deus. É um dos personagens bíblicos mais citados por Hugo e que alicerça sua mitologia pessoal (é o segundo dos grandes gênios da humanidade apontados como tais em *William Shakespeare*). Jó é um “Titã do estrume”, como diz um verso de “Deus”; é o gigante cujo monturo é também um “Cáucaso”. Encarna, através do monturo do qual se reergue, a onipotência paradoxal que pode nascer da humilhação e do sofrimento que consagra. “O monturo de Jó, transfigurado, será o calvário de Jesus” (*William Shakespeare*, I, II, “Os gênios”). Hugo põe em relevo sua grandeza colossal, sua força. Jó é um gigante: “caído, torna-se gigantesco”. É o mais miserável, e é justamente por isso que é o mais forte. O engajamento político de Hugo após os anos 1880 o levará a citar Jó para denunciar os primeiros *pogroms* de 1881 contra os judeus na Rússia.

45 Marat, Danton e Robespierre foram objeto de longos comentários, que mostravam tanto fascínio como repulsa, no romance de Hugo *Noventa e três* (1874). Uma ata, de outro período do ano 1854, transcreve uma conversa entre Marat e Hugo.

46 *Contre vous je n'ai pas de colères.*

*Je vois j'aime et je plains ce pauvre et ce proscrit
Qu'une oppression lâche enchaîne à ces galères
Où saigne encor le clou du forçat Jésus-Christ.*

*Je sais qu'ils ont besoin de tout, hors de courage,
Et que le dernier sue autant que le premier,
Qu'ils sont la sainte fleur robuste dans l'orage
Qui naît, ô Job, de ton fumier!*

*Je sais qu'ils sont sans force et vivent de misère,
Qu'ils sont faits de souffrance et d'amour et de foi,
Qu'ils sont pour l'homme enfant le tuteur nécessaire
Et qu'ils sont en haillons aux portes de la loi.*

*Je sais qu'ils sont sans pain sans abri sans refuges,
Qu'on les a vus partout errants, jamais fuyants,
Qu'ils sont des condamnés dont Dieu fera des juges,
Que des mains de ces mendiants*

*Le monde un jour verra tomber la grande aumône
Quand ne régnera plus Bonaparte-crispin,
Qu'ils chaufferont la terre en brûlant chaque trône
Et feront de l'amour du reste de leur pain.*

*Je sais bien tout cela, mais je sais mieux encore
Qu'ils ne sont qu'un atome emporté dans le ciel,
Que Danton est un bruit, Marat un météore,
Et que Shakespeare est éternel.*

*Je sais qu'ils passeront comme un vent sur la plaine,
Comme un flocon d'écume au bord du gouffre amer,
Qu'ils s'évanouiront quand cessera la haine
Et qu'étant la tempête ils sont moins que la mer.*

*Car ils sont les nochers et pas un d'eux ne sonde
La sombre immensité de la vie et du coeur.
La cloche de détresse, n'est-ce pas, mer profonde?
Ne vaut pas la cloche à plongeur.*

*Un seul mot de Shakespeare, un seul mot de Molière,
Fait plus au genre humain qu'éméutes et tambours.
Leur voix fait plus de bruit, leur voix si familière,
Que cent canons d'airain parlant à cent faubourgs.*

*Ils sont les bienfaiteurs de la souffrance humaine.
Ils sont au bas de tous les grands agenouillés.
Leur oeuvre au pied des croix, sublime madeleine,
A ses grands yeux toujours mouillés.*

*Chaque larme qui tombe ou glisse de leur âme
Reste dans notre esprit en sortant de leurs yeux.
Elle devient la perle ou l'étoile de flamme.
Dieu lui donne à choisir ou la mer ou les cieux.*

47 Tapner: ver nota à p. 195. Tapner, por sua personalidade execrável e pela amplitude de seus crimes, tinha todos contra si, sendo, portanto, um condenado ideal para o abolicionista Hugo. Desde a condenação à morte de Tapner, Hugo, fervoroso adepto da abolição da pena de morte, como o ilustra seu livro *O último dia de um condenado*, de 1828, militou para que esta fosse comutada em pena de prisão. Tapner se beneficiou de três sursis, tendo sido finalmente executado em 10/1/1854. *O Journal de l'exil*,

de Adèle Hugo, reproduz as declarações de seu pai de janeiro de 1854: “Há um ano, eu teria reunido os proscritos de Jersey e lhes sugerido fazermos uma manifestação para salvar Tapner. Este ano, preferi agir sozinho. Trabalhar com os proscritos é difícil. Eu não poderia colocar nada no meu apelo sem a sua adesão e, mesmo assim, eles teriam me acusado de querer dominá-los. Livrei-me de todas essas futricas. Aliás, sozinho tenho mais força, e toda proscrição me segue espontaneamente”. Hugo então, ao preferir agir sozinho, sentirá dolorosamente a execução de Tapner. Como se não bastasse, o poeta viveu esse desfecho como um fracasso pessoal, como mostra outra passagem do *Journal de l'exil*: “Meu pai soube pelo jornal *Star* de Guernesey que Palmerston ordenou a execução de Tapner, que será enforcado na sexta-feira 3 de fevereiro. Esta noite, meu pai está taciturno; só interrompe seus pensamentos para repetir: ‘A morte desse homem me oprime...’. Depois acrescentou: ‘Palmerston me pagará caro por isso’” (*Journal de l'exil*, t. III, 31/1/1854). No dia seguinte, pondo em risco a própria segurança, Hugo escreverá uma carta duríssima a lorde Palmerston, julgado responsável pela morte de Tapner: “Habitamos, o senhor e eu, o infinitamente pequeno. Não passo de um proscrito e o senhor não passa de um ministro. Sou cinza, o senhor é pó. Podemos conversar de átomo para átomo. [...] O quê! Nesse assunto, o senhor teria, o senhor, cavalheiro, receado melindrar o proscrito ao dar razão ao proscrito, o homem enforcado seria uma complacência, esse cadafalso seria uma amabilidade...”. Em seguida, Tapner se apresentará à mesa de Marine Terrace. Uma ata, não datada, escrita por Adèle Hugo, conservada na Maison de Victor Hugo, relata essa breve “entrevista”, em que Tapner descreve a angústia do condenado e os sofrimentos físicos padecidos durante sua execução. A voz da Mesa toma o lugar assim da voz do condenado anônimo de *O último dia de um condenado*. Ver a transcrição dessa ata na seção “Documentos”, p. 481.

48 *Sa pauvre âme en silence*
Dans un recueillement doux et religieux
Se fait, avec sa corde au pied de la potence,
Une échelle qui monte aux cieux.

J'ai défendu que nul ne vienne et ne dérange
Ce prisonnier pensif dont j'absoudrai la main.
Et que personne à lui n'arrive excepté l'ange
Qui doit lui montrer le chemin.

Paix à ce mort qui prie et qui vide ses haines
Dans le sein du Seigneur et qui redevient beau.
Ne trouble pas ce cœur qui des prisons humaines
S'est évadé dans le tombeau.

Laisse-le lentement sous le Dieu qu'il implore
S'épurer. Laisse-le penser au grand demain
Qui viendra l'enlever pour sa divine aurore
Au bonnet du sommeil humain.

negar esse mundo intermediário? Por que julgar sobrenatural o que é natural? Para mim, o sobrenatural não existe: há apenas a natureza. Sim, é natural que os espíritos existam!”.

10 O teor dessa sessão constitui um condensado de diferentes capítulos de *William Shakespeare* (1864), em especial nas menções aos grandes gênios da humanidade e à trípole. “Como a obra parece sobre-humana, quiseram infundir-lhe o extra-humano; na Antiguidade, a trípole, em nossos dias, a mesa. [...] Por outro lado, a mesa, girante ou falante, foi muito ridicularizada. Falemos claro, esse escárnio é irrelevante. [...] O fenômeno da trípole antiga e da mesa moderna tem, como qualquer outro, direito à observação. [...] Homero afirma que as trípodas de Delfos andavam por si sós. [...] Platão conta que as estátuas de Dédalo gesticulavam nas trevas. [...] Fléchier, em sua *História de Teodósia*, menciona uma Mesa girante. [...] O fenômeno sempre foi rejeitado e sempre reaparece, não é de ontem” (I, II, “Os gênios”).

11 “Fostes escolhidos”: o tema da eleição, quase de direito divino, uma vez que são os espíritos que o afirmam, volta mais uma vez nessa sessão. Após Lutero, Shakespeare confirma que os participantes das sessões espíritas foram “escolhidos”. Hugo é naturalmente o primeiro dentre eles. Deverá, portanto, assumir plenamente o papel de profeta que agora lhe é atribuído. As Mesas lhe permitirão conquistar para sua causa “os escarnecedores”, afirmar ao mundo a existência da alma e converter o partido republicano à palavra de Deus.

12 *Ils entrent dans la mort en chantant leur victoire.
Les chevaux du soleil qui hennissent le feu,
Les mènent couronnés aux portes de la gloire,
Capitale de Dieu.*

13 *Créons! Créons! Soyons la phalange indomptée.
Molière fait Tartuffe et je fais Iago.
Aujourd’hui Phidias et demain Prométhée,
Aujourd’hui moi Shakespeare et demain toi, Hugo.*

14 Shakespeare volta a legitimar Hugo como seu digno sucessor. Victor Hugo é ao mesmo tempo o dramaturgo, o gênio e o mago. A missão do poeta é a de um novo profeta, mensageiro da palavra divina. Isso é repetido várias vezes na mesma sessão. Tenta-se convencer o próprio Hugo de seu próprio status? Ou, pela voz da Mesa, vista como palavra do além-túmulo, convencer os numerosos proscritos e exilados de todo tipo, presentes em Jersey, que duvidavam dela? É igualmente legítimo que os poetas se julguem grandes, caso contrário “seriam menos sublimes”. Sua força vem de sua fé em Deus. É sua missão transmiti-la. Esses quartetos assemelham-se, às vezes verso a verso, aos já ditados por Shakespeare na quarta-feira 25/1/1854 (pp. 170 ss.).

15 *Ô mon Dieu laisse-leur à ces pauvres poètes,
Laisse à tous ces penseurs, leurs consolations.
Laisse-les croire en eux, car ils sont tes prophètes.
Fais-leur la charité de leurs créations.*

17 Em fevereiro de 1854, quinze sessões terão sido realizadas em 28 dias. Se por um lado não passavam de entretenimento e distração pueril, por outro afetavam profundamente os planos romanesco e poéticos de Hugo. As incontáveis horas despendidas à mesa significam outras tantas perdas para a reflexão e criação hugoanas. Ora, em Jersey, Hugo empreende diversos projetos monumentais, que exigem um planejamento rigoroso de seu ritmo de vida e trabalho. Segundo Adèle Hugo, ele leva uma vida das mais regradas na ilha anglo-normanda. Dorme “sete horas por dia, nem mais, nem menos”, levanta-se ao alvorecer, trabalha a manhã inteira, dá, após cada refeição, seus “mil passos”, percorre sem cansaço dez quilômetros pelas praias, condena o uso do tabaco, “esse triste adormecedor, esse ópio do Ocidente”. Nada regularmente, faça o tempo que fizer: “desde as cinco da manhã, a casa reverbera gritos e chamados” de Charles, Auguste Vacquerie e Victor Hugo (*Journal de l'exil*) “procurando suas toalhas” (ibidem); chegou a experimentar a equitação. Algumas tardes são reservadas para visitas a Juliette. Aos que o cercam, fala incessantemente da obra imensa que lhe resta escrever. Em seu *Journal de l'exil*, Adèle anota em 18/6/1855: “Meu pai termina neste momento um drama, *Homo* [iniciado em 1854]; um poema épico, *O fim de Satã* [publicado em 1886]; uma história: *O crime de dezembro* [iniciada em 1851, título definitivo: *História de um crime*, publicado em dois volumes em 1877 e 1878]; um livro socialista; dois romances, entre eles *Os miseráveis* [*As misérias*, começado em 1845, que virá a ser *Os miseráveis*], *As pequenas epopeias* [sob o título definitivo: *A lenda dos séculos*, 1859] etc. Ele gosta de trabalhar em várias obras ao mesmo tempo. Descansa de um trabalho no outro”.

Nem sequer são mencionados aqui os poemas que integrarão o quinto e o sexto livro das *Contemplações*. Assim, as horas passadas à mesa, eventualmente de manhã, à noite quase diariamente, durante mais de dois anos, 26 meses exatamente, são roubadas dessa criação. A obra de Hugo prova que seu autor possui uma força titânica à qual não pretende se subtrair e que não pode desperdiçar com “criancice ou invenção infantil”. Basta, aliás, escutá-lo dialogar com as ilustres visitas que foram honrá-lo com sua presença, sugerindo uma rima mais rica a André Chénier ou arriscando um conselho de prosódia a Shakespeare, para tender, a princípio, a rejeitar qualquer ideia de suspeição. Não recusou igualmente tomar conhecimento do drama inédito de Shakespeare ditado em sua ausência, no começo de 1854, para não se arriscar a ser influenciado quando da futura composição de uma de suas próprias peças? Mal Hugo decifra as primeiras réplicas, para imediatamente anotar: “A analogia entre o início dessa cena e a ideia de uma coisa feita por mim em 23/11/1853, intitulada ‘Duas vozes no céu estrelado – Zênite. Nadir’, me obriga a me abster, e lamento isso profundamente, de toda e qualquer participação no trabalho da mesa durante esse drama. E exclusivamente no caso desse drama”. Portanto tudo contribuiu para demonstrar a honestidade intelectual de Hugo e o fato de ele permanecer totalmente alheio às intervenções da mesa. Ao mesmo tempo, isso demonstra que as sessões espíritas invadem o projeto literário do autor.

18 *Seuls vous ne passez pas, dans le monde où l'on passe*
Dans la vie où l'on meurt l'art est seul immortel.

*Mais avant d'approcher l'éternel face à face
Suicidez-vous tous à la porte du ciel.*

19 *Le ciel, écho profond du génie et du crime,
Écoute naître Hamlet*

[...]

Donc, puisque rien ne meurt de ce que nous créâmes.

[...]

Comment voudriez-vous que mourussent nos drames?

20 Ésquilo (525-456 a.C.) foi um dos três maiores tragediógrafos gregos, ao lado de Eurípides e Sófocles, e um dos grandes gênios da humanidade em *William Shakespeare* ("O outro, Ésquilo, iluminado pela adivinhação inconsciente do gênio". *William Shakespeare*, I, II, "Os gênios"). É uma figura recorrente na obra hugoana (*O homem que ri*, II, VII, 4: "As festas da grande deusa, cantadas por Ésquilo..."). Entre "os mais altos cimos" distinguem-se "Homero, Ésquilo, Jó, Isaías, Dante e Shakespeare" (*ibidem*). Ésquilo é visto como o principal esteta da desmedida, legitimando a desmedida shakespeariana e... hugoana.

21 *Dans les mondes punis, dans le monde où vous êtes,
Noir cachot dont le doute a forgé les barreaux,
Les êtres animés, les hommes et les bêtes,
Sont tous des condamnés et sont tous des bourreaux.*

*La justice divine a fait aussi le crime,
Il devient le remords, dans le même moment,
Le meurtrier soudain se transforme en victime,
Le crime est le fourreau d'où sort le châtement.*

*Tout souffre. Tout gémit. Tout travaille au supplice.
Le bourreau souffre autant que le coeur châtié.
Quand je mets Prométhée au haut du précipice,
Le vautour qui le mord me fait aussi pitié.*

*Les méchants sont bourreaux par l'ongle et par la serre,
Par le regard sanglant qui sort de leurs yeux ronds,
Parce qu'ils ont de la force au crime nécessaire
Et que Dieu leur a dit: je vous fais mes Néron.*

*Les méchants à leur tour sont de pauvres colombes,
Des âmes que le sort rive en ses noirs pontons,
Que le remords boucher égorge dans leurs tombes,
Tigres redevenus tout à coup des moutons.*

*Les bons sont des bourreaux qui s'ignorent eux-mêmes,
Oiseaux de nuit du bien, sombres hiboux du jour,
Faisant d'une action sortir les deux extrêmes,
Et créant la douleur parce qu'ils sont l'amour.*

*Et je vois à travers les trous de mes deux yeux
L'âme s'emplir de feuilles mortes.*

*Et devant moi rieur tout passe tour à tour,
Et le chant des oiseaux et ton chant, ô Molière,
Et les doux promeneurs disant des mots d'amour,
Je ris quand pleure La Vallière.*

*Le palais est rempli de courtisans hideux
S'habillant du haillon de la France abattue.
Et je ris quand son spectre errant au milieu d'eux
Vient s'accouder à ma statue.*

*Je ris du mois qui passe et de la fin du jour,
Du sombre hiver qui fait grelotter l'humble alcôve
Et dont la neige met pour le bal de la cour
Une perruque à mon front chauve.*

*Mon rire est comme une âme insensible à vos cris,
Que l'homme souffre, pleure, ou désespère, ou tombe,
Ô penseur, je rirais encor comme je ris
Si mon socle était une tombe.*

*Il se tut. Et je vis sous l'ombre des grands bois
S'animer ce fantôme au sourire funeste
Et je lui dis: ton nom, pauvre douleur sans voix?
Le rieur répondit: Alceste.*

*Toi qui du vieux Shakespeare as ramassé le ceste,
Toi qui, près d'Othello, sculptes le sombre Alceste,
Astre qui resplendit sur un double horizon,
Poète au Louvre, archange au ciel, ô grand Molière,*

*Ta visite splendide honore ma maison.
Me tendras-tu là-haut ta main hospitalière?
Que la fosse pour moi s'ouvre dans le gazon,
Je vois sans peur la tombe aux ombres éternelles.*

*Car je sais que le corps y trouve une prison,
Mais que l'âme y trouve des ailes.*

*27 Esprit qui veux savoir le secret des ténèbres,
Et qui, tenant en main le terrestre flambeau,
Viens furtif à tâtons dans nos ombres funèbres
Crocheter l'immense tombeau,*

*Rentre dans ton silence et souffle tes chandelles.
Rentre dans cette nuit dont quelquefois tu sors.
L'oeil vivant ne lit pas les choses éternelles
Par-dessus l'épaule des morts.*

28 *Les rois et vous, là-haut changez-vous enveloppe?
Louis quatorze au ciel n'est-il pas ton valet?
François premier est-il le fou de Triboulet,
Et Crésus le laquais d'Ésope?*

29 *Le ciel ne punit pas par de telles grimaces,
Et ne travestit pas en fou François premier,
L'enfer n'est pas un bal de grotesques paillasses
Dont le noir châtement serait le costumier.*

30 *Ils portent tous le fer. Leurs âmes enchaînées
Ont au pied le carcan de la prison des morts,
Et, lorsque devant nous elles sont amenées,
Leur crime les envoie au bagne du remords;*

*Je les fais tout le jour sans trêve et sans relâche
Suer dans un cachot dont nul ne peut sortir;
J'encourage le brave et fouette le lâche,
Car ils sont aux travaux forcés du repentir.*

*Jusqu'au jour où le Dieu des célestes phalanges,
Levant son front dans l'ombre où, crime, tu passas,
Avec tous ces maudits voulant faire des anges,
Enverra dans le ciel ce convoi de forçats.*

31 Molière responde em 48 versos distribuídos em doze estrofes de três alexandrinos e um octossílabo [na metrficação francesa]. Mais uma vez a caligrafia que reproduz os versos de Molière difere das perguntas de Victor Hugo, que são feitas (p. 25 do caderno) em dez alexandrinos em rimas seguidas e depois cruzadas, sem nenhuma correção e com a pontuação. Mas é efetivamente Auguste Vacquerie quem copia os versos pronunciados por Hugo. Chega a Sombra do Sepulcro, que dita quatro alexandrinos copiados em prosa (p. 25 do caderno), depois outros três em rimas cruzadas completadas por um octossílabo. Hugo lhe responde em três alexandrinos e um octossílabo em quatro rimas interpoladas, e A Sombra do Sepulcro em quatro estrofes, todas em alexandrinos e rimas cruzadas. Ou seja, um total de 94 alexandrinos (em 270 minutos, uma letra a cada cinco segundos). Após a rubrica: “Encerrado às 2h”, uma anotação esclarece: “Ao ditarem seus versos, Molière, Ésquilo, Shakespeare e André Chénier corrigem, interrompem, hesitam, apagam, refazem. A Sombra do Sepulcro, por sua vez, dita os versos como se fossem prosa”. Essa nota é em uma caligrafia diferente da cópia dos últimos versos da Sombra do Sepulcro. O que surpreende é que, com exceções, que constam de nossa edição, o caderno não traz vestígio de repetições, interrupções, hesitações, dos versos apagados

Vieux poète fatal affranchi par la tombe,
Dis-nous si sans mourir l'amour peut se calmer,
Et comment le vautour deviendra la colombe;
Car nous voulons penser, mais nous voulons aimer.

Faut-il tuer l'amour ainsi que tout le reste
Pour que l'homme soit libre enfin de tout côté?
Amour, ce mot charmant de la langue céleste,
Serait-il l'autre nom de la fatalité?

Si c'était elle, ô Dieu, si c'était son squelette,
Qui, rejetant le nom dont tu la désignais,
Revînt à nous un masque aux yeux? Toi, son poète,
Regarde bien, et dis si tu la reconnais.

Si c'était elle, ô Dieu, qui ressaisît notre âme
Et qui prit, remplaçant son attirail banal,
Pour sa chaîne de fer un cheveu d'une femme
Et pour son clou d'airain un repas virginal?

33 — Non, l'homme ne sera jamais libre sur terre.
C'est le triste captif du mal, du bien, du beau.
Il ne peut devenir, c'est la loi du mystère,
Libre qu'en devenant prisonnier du tombeau.

Non, il ne suffit pas qu'il ait conquis, doux rêve,
La liberté sur l'ombre et le jour sur le nord.
Sa conquête commence, et celui qui l'achève
C'est ce grand conquérant qui s'appelle la mort.

34 C'est le seul conquérant qui soit grand, c'est la mort.
Non, il ne suffit pas qu'il renverse une geôle,
Qu'il jette en rugissant les trônes à l'égout,
Son âme aura toujours une marque à l'épaule.
Le coeur humain n'aura jamais de dix-août.

Il sera toujours là, le sombre roi, le maître,
Le doute, de nos coeurs faisant ses noirs valets,
Passant et repassant derrière la fenêtre,
Allumant, éteignant les lustres du palais.

Vous tuez un tyran, mais l'esclavage reste,
Qu'il s'appelle l'amour ou la fatalité.
Lorsque Dieu veut punir dans le monde d'Oreste,
Il donne à ses bourreaux son immortalité.

*Vous tuez un tyran? Tuez la jalousie!
Mettez donc la douleur, comme le Louvre en feu!
Vous faites choir un roi quand votre heure est choisie.
Mais exécutez donc l'exécuteur de Dieu!*

*Fatalité, lion dont l'âme est dévorée,
J'ai voulu te dompter d'un bras cyclopéen,
J'ai voulu sur mon dos porter ta peau tigrée,
Et j'ai voulu qu'on dît: Eschyle néméen.*

*Je n'ai pas réussi. La bête fauve sombre
Remplit encor vos coeurs de son ongle éternel;
Le coeur de l'homme est plein encor de cris de haine,
Cette fosse aux lions n'a pas de Daniel.*

*Après moi vint Shakespeare. Il vit les trois sorcières,
Ô Némée, arriver du fond de ta forêt,
Et jeter dans nos coeurs, ces bouillantes chaudières,
Les philtres monstrueux de l'immense secret.*

*Il vint dans ce grand bois, la limite du monde.
Après moi le dompteur, il vint lui le chasseur;
Et comme il regardait dans son âme profonde
Macbeth cria: fuyons, et Hamlet dit: j'ai peur.*

*Il se sauva. Molière alors sur la lisière
Parut, et dit: voyez si mon âme faiblit.
Commandeur, viens souper. Mais au festin de pierre
Molière trembla tant que dom Juan pâlit.*

*35 As sans peur souffleté Tartuffe en pleine église
Et mené dom Juan souper dans le tombeau.*

36 “Ó leão castigo!”: a primeira visita do Leão de Androcles deu-se na noite de 6/1/1854. Ela é consignada em uma ata. O Leão voltará regularmente até 26/9/1854 e os pedidos precisos que ele fez constituem a fonte direta de alguns poemas de Victor Hugo. A presença do Leão nas sessões espíritas é completamente hugoana. O leão, em Hugo, é um símbolo constante do povo; essa comparação do povo com um leão volta constantemente em sua obra.

A origem do poema “Ao Leão de Androcles” pode ser detectada nas sessões das Mesas. Em 17/2/1854, o Leão de Androcles, após um amistoso “olá, imbecis”, pede versos a Victor Hugo. Diante da impossibilidade imediata de satisfazê-lo, o Leão vai embora furioso. No dia 18, Hugo escreve “Androcles” (*Os quatro ventos do espírito*, III, 15) e, em 28/2, termina “Ao Leão de Androcles”. Em 24 de março, após a leitura feita por Hugo dos versos compostos por ele, o Leão começa uma bela e longa resposta em versos. Essa troca parece ter intrigado Victor Hugo, como atesta a dupla anotação, reproduzida abaixo,

Son âme aura toujours une marque à l'épaule.
Le coeur humain n'aura jamais de dix-aût.

Il sera toujours là, le sombre roi, le maître,
Le doute, de nos coeurs faisant ses noirs valets,
Passant et repassant derrière la fenêtre,
Allumant, éteignant les lustres du palais.

Vous tuez **un tyran**, mais l'esclavage reste,
Qu'il s'appelle l'amour ou la fatalité.
Lorsque Dieu veut punir dans le monde d'Oreste,
Il donne à ses bourreaux son immortalité.

Vous tuez un tyran? Tuez la jalousie!
Mettez donc la douleur, comme le Louvre, en feu!
Vous faites choir un roi quand votre heure est choisie,
Mais exécutez donc l'exécuteur de Dieu!

Fatalité, lion dont l'âme est dévorée,
J'ai voulu **te dompter** d'un bras cyclopéen,
J'ai voulu sur mon dos porter ta peau tigrée.
Et j'ai voulu qu'on dît: Eschyle **néméen**.

Je n'ai pas réussi. La bête fauve humaine
Déchire encor vos chairs de son ongle éternel;
Le coeur de l'homme est plein encor de cris de haine.
Cette fosse aux lions n'a pas de Daniel.

Après moi vint Shakespeare. Il vit les trois sorcières,
Ô **Némée**, arriver du fond de ta forêt,
Et jeter dans nos coeurs, ces bouillantes chaudières,
Les philtres monstrueux de l'immense secret.

Il vint dans ce grand bois, la limite du monde.
Après moi le dompteur, il vint lui le chasseur.
Et, comme il regardait, dans son âme profonde
Macbeth cria: fuyons, et Hamlet dit: j'ai peur.

Il se sauva. Molière alors sur la lisière
Parut, et dit: voyez si mon âme faiblit.
Commençons, viens souper! Mais au festin de pierre
Molière trembla tant que don Juan pâlit.

Mais, que ce soit le Spectre ou la sorcière de l'Ombre,
C'est toujours toi, lion à la griffe de fer.
Tu remplis tellement la grande forêt sombre
Que Dante te rencontre en entrant dans l'enfer.

*Ce monstre a d'ossements blanchi tous les poètes.
Votre art après le nôtre achève la leçon.
C'est toujours mon lion qui ronge les squelettes
Que vos Quasimodo laissent à Montfaucon.*

*Donc, la fatalité, c'est moi qui te l'assure,
C'est l'amour, et l'amour c'est la fatalité.
C'est toujours cette dent dont l'horrible morsure
Fait que tous nos baisers ont l'air ensanglanté.*

*La boucle de cheveux que coupe le poète,
Que don Juan dérobe à quelque front charmant,
Que baise Roméo pensant à Juliette,
Est prise à ta crinière, ô lion châtement!*

*Tu n'es dompté qu'à l'heure où la mort belluaire
T'arrache de la dent l'âme humaine en lambeau,
Te prend dans la forêt profonde et séculaire
Et te montre du doigt ta cage, le tombeau.*

42 “Vês nossa pobreza”: parece de fato que a situação financeira da família Hugo, no exílio em Jersey desde 5/8/1852, não era das mais animadoras. O livro-caixa, mantido pela sra. Hugo em Jersey, no qual figura aliás uma ata de sessão espírita, não datada, comprova contas na ponta do lápis e gastos limitados. Em 22/5/1855, a sra. Hugo escrevia à sua irmã Julie Foucher: “Se soubesses o consumo de comida que temos em nossa casa, não fazes ideia. Todo dia tenho gente para jantar, gasto quatrocentos francos por mês com a alimentação, entendo por isso tudo que entra no estômago, mas nada além disso. Gastamos de 12 a 15 mil francos por ano, é muito para nós, que temos o mercado da França fechado. Tu sabes que as peças do meu marido são encenadas e que os tribunais decidiram que ele não receberia nada relativo aos direitos”. A família Hugo vivia de direitos autorais, o que proporcionava, em 1855, duzentos francos por mês, ou seja, metade das despesas com alimentação. Victor Hugo expõe dessa forma a Adèle suas inquietudes quanto a seu futuro material e financeiro: “Será preciso uma economia sórdida. [...] Não sei como faremos. Só escolhi, naturalmente, em matéria de móveis, o estritamente necessário, a simplicidade é espartana” (Carta de Victor Hugo a Adèle Hugo, 5/11/1855).

Está comprovado que Hugo gastava muito em caridades diversas. A caridade era para ele um dever moral e social, ainda mais que na época não existia nenhum sistema de proteção social. Em *Os miseráveis*, Jean Valjean evoca frequentemente a figura hugoana: “Tinha sempre os bolsos cheios de trocado ao sair e vazios ao voltar” (I, v, 3). Esse trecho corresponde ao próprio comportamento de Hugo, que, desde o dia de seu retorno a Paris, em 5/9/1870, até 31 de dezembro do mesmo ano, doou em espécie, sem olhar para quem, 4.365 francos da época.

43 “Lamentamos não poder ajudá-los”: Hugo ajudará sempre, conforme suas possibilidades, aqueles de quem se sente devedor ou que aleguem necessidades. Em 4/10/1853, por exemplo, manda expedir, por intermédio de Paul Meurice, um bônus de 360 francos em nome de Jacques-Firmin Lanvin, tipógrafo que lhe permitira usar sua identidade para fugir da França. Hugo continuará a ajudar Lanvin mais tarde. Em Jersey, ajudará regularmente Sandor-Alexandre Teleki, um proscrito húngaro. As agendas de Guernesey, mantidas rigorosamente por Hugo, atestam suas doações à caixa de ajuda aos proscritos, às trabalhadoras “braçais”, a diferentes proscritos, uma vez que 38 deles foram expulsos em outubro de 1855, junto com Hugo. Em 27/5/1856, ele lançará um abaixo-assinado para ajudar as mulheres e filhos dos marinheiros desaparecidos no mar. Esse gesto sucedia o naufrágio do barco que fazia a linha entre Guernesey e Saint-Malo, cujo capitão, sr. Pengalley, deixara mulher e quatro filhos.

44 Personagem da tradição semítica, Jó encarna o homem justo golpeado pelo infortúnio e que interroga Deus sobre o mal. O *Livro de Jó*, na Bíblia, faz o relato de suas provações e sofrimentos, bem como de sua fidelidade a Deus. É um dos personagens bíblicos mais citados por Hugo e que alicerça sua mitologia pessoal (é o segundo dos grandes gênios da humanidade apontados como tais em *William Shakespeare*). Jó é um “Titã do estrume”, como diz um verso de “Deus”; é o gigante cujo monturo é também um “Cáucaso”. Encarna, através do monturo do qual se reergue, a onipotência paradoxal que pode nascer da humilhação e do sofrimento que consagra. “O monturo de Jó, transfigurado, será o calvário de Jesus” (*William Shakespeare*, I, II, “Os gênios”). Hugo põe em relevo sua grandeza colossal, sua força. Jó é um gigante: “caído, torna-se gigantesco”. É o mais miserável, e é justamente por isso que é o mais forte. O engajamento político de Hugo após os anos 1880 o levará a citar Jó para denunciar os primeiros *pogroms* de 1881 contra os judeus na Rússia.

45 Marat, Danton e Robespierre foram objeto de longos comentários, que mostravam tanto fascínio como repulsa, no romance de Hugo *Noventa e três* (1874). Uma ata, de outro período do ano 1854, transcreve uma conversa entre Marat e Hugo.

46 *Contre vous je n'ai pas de colères.*

*Je vois j'aime et je plains ce pauvre et ce proscrit
Qu'une oppression lâche enchaîne à ces galères
Où saigne encor le clou du forçat Jésus-Christ.*

*Je sais qu'ils ont besoin de tout, hors de courage,
Et que le dernier sue autant que le premier,
Qu'ils sont la sainte fleur robuste dans l'orage
Qui naît, ô Job, de ton fumier!*

*Je sais qu'ils sont sans force et vivent de misère,
Qu'ils sont faits de souffrance et d'amour et de foi,
Qu'ils sont pour l'homme enfant le tuteur nécessaire
Et qu'ils sont en haillons aux portes de la loi.*

*Je sais qu'ils sont sans pain sans abri sans refuges,
Qu'on les a vus partout errants, jamais fuyants,
Qu'ils sont des condamnés dont Dieu fera des juges,
Que des mains de ces mendiants*

*Le monde un jour verra tomber la grande aumône
Quand ne régnera plus Bonaparte-crispin,
Qu'ils chaufferont la terre en brûlant chaque trône
Et feront de l'amour du reste de leur pain.*

*Je sais bien tout cela, mais je sais mieux encore
Qu'ils ne sont qu'un atome emporté dans le ciel,
Que Danton est un bruit, Marat un météore,
Et que Shakespeare est éternel.*

*Je sais qu'ils passeront comme un vent sur la plaine,
Comme un flocon d'écume au bord du gouffre amer,
Qu'ils s'évanouiront quand cessera la haine
Et qu'étant la tempête ils sont moins que la mer.*

*Car ils sont les nochers et pas un d'eux ne sonde
La sombre immensité de la vie et du coeur.
La cloche de détresse, n'est-ce pas, mer profonde?
Ne vaut pas la cloche à plongeur.*

*Un seul mot de Shakespeare, un seul mot de Molière,
Fait plus au genre humain qu'émeutes et tambours.
Leur voix fait plus de bruit, leur voix si familière,
Que cent canons d'airain parlant à cent faubourgs.*

*Ils sont les bienfaiteurs de la souffrance humaine.
Ils sont au bas de tous les grands agenouillés.
Leur oeuvre au pied des croix, sublime madeleine,
A ses grands yeux toujours mouillés.*

*Chaque larme qui tombe ou glisse de leur âme
Reste dans notre esprit en sortant de leurs yeux.
Elle devient la perle ou l'étoile de flamme.
Dieu lui donne à choisir ou la mer ou les cieux.*

47 Tapner: ver nota à p. 195. Tapner, por sua personalidade execrável e pela amplitude de seus crimes, tinha todos contra si, sendo, portanto, um condenado ideal para o abolicionista Hugo. Desde a condenação à morte de Tapner, Hugo, fervoroso adepto da abolição da pena de morte, como o ilustra seu livro *O último dia de um condenado*, de 1828, militou para que esta fosse comutada em pena de prisão. Tapner se beneficiou de três sursis, tendo sido finalmente executado em 10/1/1854. O *Journal de l'exil*,

de Adèle Hugo, reproduz as declarações de seu pai de janeiro de 1854: “Há um ano, eu teria reunido os proscritos de Jersey e lhes sugerido fazermos uma manifestação para salvar Tapner. Este ano, preferi agir sozinho. Trabalhar com os proscritos é difícil. Eu não poderia colocar nada no meu apelo sem a sua adesão e, mesmo assim, eles teriam me acusado de querer dominá-los. Livrei-me de todas essas futricas. Aliás, sozinho tenho mais força, e toda proscrição me segue espontaneamente”. Hugo então, ao preferir agir sozinho, sentirá dolorosamente a execução de Tapner. Como se não bastasse, o poeta viveu esse desfecho como um fracasso pessoal, como mostra outra passagem do *Journal de l'exil*: “Meu pai soube pelo jornal *Star* de Guernesey que Palmerston ordenou a execução de Tapner, que será enforcado na sexta-feira 3 de fevereiro. Esta noite, meu pai está taciturno; só interrompe seus pensamentos para repetir: ‘A morte desse homem me oprime...’. Depois acrescentou: ‘Palmerston me pagará caro por isso’” (*Journal de l'exil*, t. III, 31/1/1854). No dia seguinte, pondo em risco a própria segurança, Hugo escreverá uma carta duríssima a lorde Palmerston, julgado responsável pela morte de Tapner: “Habitamos, o senhor e eu, o infinitamente pequeno. Não passo de um proscrito e o senhor não passa de um ministro. Sou cinza, o senhor é pó. Podemos conversar de átomo para átomo. [...] O quê! Nesse assunto, o senhor teria, o senhor, cavalheiro, receado melindrar o proscrito ao dar razão ao proscrito, o homem enforcado seria uma complacência, esse cadafalso seria uma amabilidade...”. Em seguida, Tapner se apresentará à mesa de Marine Terrace. Uma ata, não datada, escrita por Adèle Hugo, conservada na Maison de Victor Hugo, relata essa breve “entrevista”, em que Tapner descreve a angústia do condenado e os sofrimentos físicos padecidos durante sua execução. A voz da Mesa toma o lugar assim da voz do condenado anônimo de *O último dia de um condenado*. Ver a transcrição dessa ata na seção “Documentos”, p. 481.

48 *Sa pauvre âme en silence*
Dans un recueillement doux et religieux
Se fait, avec sa corde au pied de la potence,
Une échelle qui monte aux cieux.

J'ai défendu que nul ne vienne et ne dérange
Ce prisonnier pensif dont j'absoudrai la main.
Et que personne à lui n'arrive excepté l'ange
Qui doit lui montrer le chemin.

Paix à ce mort qui prie et qui vide ses haines
Dans le sein du Seigneur et qui redevient beau.
Ne trouble pas ce cœur qui des prisons humaines
S'est évadé dans le tombeau.

Laisse-le lentement sous le Dieu qu'il implore
S'épurer. Laisse-le penser au grand demain
Qui viendra l'enlever pour sa divine aurore
Au bonnet du sommeil humain.

49 Molière, que dis-tu de tes Femmes savantes?
Trouves-tu que ce soit une bonne leçon?
Les femmes, en effet, sont-elles des servantes
Dont l'esprit ne doit pas sortir de la maison?

Maître, leur dirons-nous: il ne faut pas qu'on lise?
Voir "comment va le pot" est-ce tout leur destin?
Est-ce que leur science a vraiment nom Bélise,
Et que leur poésie est vraiment Trissotin?

Bélise aime les vers: tu la fais sans cervelle.
Armande a regardé la lune: elle est sans coeur.
Quoi! Pour avoir tâché que le ciel se révèle!
Pour avoir épelé votre alphabet, Seigneur!

Clitandre passe un peu de pensée à la femme,
Mais il ne dit qu'un mot, et tout ton drame amer
N'est qu'un éclat de rire à la face de l'âme.
Le vers se couche à plat. Chrisale dans la chair.

Quoi! Les femmes n'auraient pas droit d'ôter leurs voiles!
Elles ne pourraient pas lever la tête! Quoi!
Elles ne pourraient pas regarder les étoiles!
Et l'homme dirait: le soleil est à moi!

Quand tu viens voir jouer ta pièce, et que la salle,
Toujours prompte, depuis ta mort, à t'admirer,
Bat des mains aux beaux vers monstrueux de Chrisale,
Est-ce que ton succès ne te fait pas pleurer?

Ne te repens-tu pas parfois de ce chef-d'oeuvre?
N'est-ce pas le point noir de tes cieux rayonnants
D'avoir fait par ce drame, admirable couleuvre,
Mordre ces petits pieds, hélas! déjà saignants?

Qui donc a droit de vivre ailleurs qu'en cette vie,
Sinon celles pour qui cette vie est de fer?
N'empêchons pas au moins que le ciel les convie
Puisque nous leur faisons de la terre un enfer!

Ô grand poète triste, est-ce toi qui les blesses?
Homme et penseur, ayant double virilité,
N'étais-tu pas l'appui de toutes ces faiblesses?
Ne les voyais-tu pas pleurer de ton côté?

Toi, Molière, qui fus toujours si bon pour elles,
Et qui leur as versé ton coeur à plein flacon,

Toi qui fais enlever toutes tes Isabelles
Par le premier Valère errant sur leur balcon,

Toi qui n'as jamais pu voir un amour en cage
Sans venir aussitôt le lâcher en plein air,
Toi qui défends l'amour contre le mariage
Jusqu'à nommer parfois les amants Jupiter!

Toi dont les Trufaldins ont tous des Mascarilles,
Non, tu n'as pas voulu – nous t'avons mal compris –
Cloîtrer des cerveaux, toi le hâisseur des grilles!
Quoi! Les ailes aux coeurs et la chaîne aux esprits!

Rieur terrible et doux qui détruis pour refaire,
Toi dont l'oeuvre se mêle à tous les droits conquis,
Toi, grand comédien révolutionnaire
Qui t'es armé du roi pour frapper les marquis,

Toi qui, plus sérieux quand tu sembles fantasque,
Sachant qu'au carnaval la liberté s'absout,
As pris la comédie ainsi qu'on prend un masque;
Toi qui te fais bouffon pour pouvoir dire tout;

Chez qui l'autorité fut toujours mal reçue;
Formidable farceur, Hercule-Turlupin,
Qui brises tout pouvoir de ton rire-massue;
Toi qui fais bâtonner les pères par Scapin!

Toi qui veux qu'en tous sens l'homme se civilise;
Toi qui, dans toute nuit allumant ton flambeau,
As, sans peur, souffleté Tartuffe en pleine église
Et mené don Juan souper dans le tombeau!

Non, tu ne peux pas dire aux femmes: le mystère
Ne vous appartient pas! Tu ne peux lier
Aux vils soucis du corps la moitié de la terre!
Toi le libérateur, tu n'es pas le géolier!

Tu ne leur défends pas, dans la cellule étroite
Où leur espoir étouffe en proie aux noirs bourreaux,
De mettre sous leurs pieds leur escabeau qui boite
Et de tâcher de voir le jour par les barreaux!

Non! Quand leur sort déjà saigne de coups sans nombre
Lorsque, leur empoignant rudement les deux bras,

*Le dur amour les scelle à sa muraille sombre,
Tu leur ôtes des clous, tu ne leur en mets pas!*

*Non, tu n'es pas chez nous pour obscurcir les âmes,
Toi qui, le plus grand jour où tu nous enseignais,
As tant fait sangloter ton École des femmes
Quand Arnolphe éteignit la lumière d'Agnès!*

*Arnolphe pleurait trop pour parler à Chrisale.
Il l'aurait sans cela prévenu tristement
Que rejeter dans l'ombre une âme, notre égale,
C'est une impiété qui devient châtement.*

*Non! Non! Il suffisait que tu fusses Molière
Pour ne pouvoir éteindre un seul instinct qui luit;
Car c'est le même mot que génie et lumière,
Et tu n'es pas soleil pour apporter la nuit!*

50 Foi Auguste Vacquerie, apaixonado por teatro, que, em quatro dias, compôs esses versos. Autor de uma curiosa antologia poética, *O inferno do espírito* (1840), destacou-se como dramaturgo, escrevendo, entre outras peças, *Tragaldabas*, encenada em 1848 e marcada por um fracasso retumbante. No entanto, esse drama agradava muito a Mallarmé, que via nele uma “grande comédia, quase heroica, e absolutamente farsesca”. Em Jersey, além de apaixonantes experiências fotográficas às quais se dedica, com talento aliás, na companhia de Charles Hugo, Auguste Vacquerie dispõe de um tempo livre imenso. As conversas com os dramaturgos que acabam de visitar a mesa de Marine Terrace e a composição dos versos solicitados lhe permitem ocupar-se e ao mesmo tempo dedicar-se à sua maior paixão.

51 *Toute oeuvre a deux aspects et tout drame deux ailes,
L'une que plume en bas le critique anxieux,
L'autre qui vole et plane aux voûtes éternelles,
Immense aile d'azur faite de l'air des cieux.*

*Penseur, voici le sens de mes Femmes savantes:
C'est l'esprit et la chair tous deux punis par Dieu.
L'esprit veut que la chair soit une de servantes,
La chair veut que l'esprit cuise son pot-au-feu.*

*L'esprit veut que la chair comprenne ses idées.
La chair veut que l'esprit comprenne ses besoins.*

52 *Ils trouvent en mourant, au lieu de la clarté,
Au lieu de la lumière, au lieu des espérances,
Leur crime spadassin dans la mort aposté.*

53 *Leurs crimes apostés derrière leurs tombeaux?*

54 *Ils sont les condamnés par leur pitié sublime
Qui fait d'eux la moitié de toutes les douleurs;
Quant à moi je plains plus la bonté que le crime
Et les hommes de sang moins que l'homme des pleurs.*

55 *Ils sont les condamnés de l'humaine misère
Parce que tous, petits et grands, pleurent près d'eux
Et qu'ils ont découvert l'égalité sur terre.
Non entre tous les fronts, mais entre tous les yeux.*

56 *Car ils sont fiancés à toutes ces pauvres filles
Et de fleurs d'oranger leurs coeurs sont toujours pleins
Car leur paternité, planant sur les familles,
Est une adoption de tous les orphelins.*

*Car Dieu par la pitié complétant leur supplice
Aux deux bouts de la croix fait saigner leur esprit
Et sur le noir calvaire, ô double sacrifice,
Madeleine les cloue autant que Jésus-Christ.*

57 *Ce lion est énorme et plein de catastrophes.
Vous avez eu le tort, penseurs, de le fâcher.
Il faudra que Hugo lui jette quelques strophes
Pour qu'il ait, s'il revient, un bon os à mâcher.*

58 *Eh bien, je me dédis. Fais les vers à cet être.
C'est toi que je choisis. Mais surtout fais-les beaux.
Car pour que ce lion consente à s'en repaître
Il faut beaucoup de moelle au fond de beaucoup d'os.*

59 *C'est que prochainement vous quitterez l'empire
Où l'Ombre du sépulcre a le commandement.
Vos lèvres aujourd'hui sont à la fin du pire.
Tout l'amer est au fond du vase châtiment.*

60 "Os ventos do túmulo": esse título se aproxima de *Os quatro ventos do espírito*, cujo projeto inicial é certamente de 1870 (o livro será publicado em 1881). Aproxima-se igualmente do tema do túmulo, acima abordado.

61 *Dividir o livro em quatro partes....* A Sombra do Sepulcro propõe um *Livro das Mesas* em quatro partes. Hugo, portanto, transcreverá as atas das sessões espíritas em quatro cadernos: os famosos "Cadernos vermelhos", lembremos, dos quais, após diversos incidentes, apenas dois sobreviveram.

62 *Il dort. Je vais aller coucher dans son esprit;
Je vais prendre, tandis que sa paupière tombe,*

*La plume avec laquelle il a, ce soir, écrit,
Et je la tremperai dans l'encre de la tombe.*

*De sorte que demain à l'heure du réveil
Il verra, sur la fleur de son esprit posée,
Une strophe par nous inspirée au sommeil,
À la fois goutte d'encre et goutte de rosée.*

63 Fenômenos misteriosos como esses vão se multiplicar, vindo reforçar o lado “assombrado sitiado por superstições e terrores infantis”, nas palavras de Jean Gaudon, de Victor Hugo. O tema da “casa visionada” está presente em *Os trabalhadores do mar*, no qual, mais que a casa de Gilliatt, é a de Plainmont que, aberta às aparições e aos sonhos mais aterradores, será visitada pelos espectros noturnos. No *Prefácio filosófico*, Hugo exprime nestes termos a dilatação do ato de contemplar em visão: “O Universo contemplado torna-se o Universo visionado”. Ele recorre igualmente ao neologismo “visionamento” para traduzir a especificidade do fenômeno.

64 *Vous ne verrez personne aujourd'hui, c'est le jour
Où, dans les vastes cieux, dont nous sommes les flammes,
Moi, l'Ombre du sépulcre et lui l'Archange Amour,
Nous nous distribuons les âmes.*

65 *Critique, j'ai cherché dans mes femmes savantes
Entre l'âme et le corps l'introuvable milieu.
Le corps veut que l'idée aille avec les servantes
Et faire à ce flambeau cuire le pot-au-feu.*

*L'esprit veut à son tour courber les sens rebelles
À la pensée, aux mots par l'homme estropiés.
Philaminte à la fin songe tant à ses ailes
Que Chrisale n'a plus de souliers à ses pieds;*

*Le corps veut que l'idée aime son haut-de-chausses
Et que, laissant dehors tout rêve ambitieux,
Elle aille à la cuisine y déguster les sauces,
Et fait remplir son verre à cette Hébé des cieux.*

*L'esprit injuste veut alors que la chair vassale
Souffre: voilà, dit-il, un corps original!
Que m'importe le vent dont grelotte Chrisale
Quand j'ouvre sur le ciel ta fenêtre, idéal?*

*Je trouve que ce ventre est plaisant dans son rôle.
Pense donc, brute, au jour, à la lune, au ciel bleu.
Que m'importent les trous du pourpoint de ce drôle
Lorsque mon regard plonge aux abîmes de Dieu?*

Que m'importe, appétit, que tu vives ou crèves!
Et ton immortel rôl mal cuit par Margoton?
Et que sur l'oreiller où je fais mes beaux rêves
Grogne confusément ton bonnet de coton!

Que m'importe ta vie et ta santé, Chrisale!
Henriette, et tes sens qui ne sont pas l'amour!
Je nage dans l'azur et non pas dans l'eau sale.
Je suis oiseau du ciel et non de basse-cour.

Vous êtes enrhumés, maigres, morts, beau désastre,
Faites, si vous voulez, appeler l'infirmier.
Moi, je plonge mon aile aux blonds cheveux de l'astre,
Et laisse vos groins à leurs tas de fumier!

66 Molière avait quitté le ciel, douce patrie,
Pour vous charmer. Il est parmi nous remonté.
Esprits, quand nous parlons, nous voulons qu'on sourie,
Ou que l'on soit épouvanté.

Molière aurait aimé qu'on lui dît ce qu'on pense,
Oui, qu'on dît: que c'est grand! Oui, qu'on dît: que c'est beau!
Attendez, pour avoir de ces airs de silence,
Que vous soyez dans le tombeau.

67 Et que ce grand flambeau cuise le pot-au-feu.

68 Et n'ai pas de groin pour vos tas de fumier!

69 Moi, le poète, alors, moi le penseur austère,
L'esprit chargé par Dieu de réconcilier
L'idée avec le corps, le ciel avec la terre,
La coupole avec le pilier,

Je dis à Philaminte: où vont donc tes démençes?
Vois jusqu'où dans le ciel tu t'égares, ma soeur.
Il faut dans le sillon que toutes les semences
Tombent des deux mains du penseur.

Il faut que des deux mains de ce divin apôtre
Sorte le double pain du corps et de l'esprit,
D'une main tous les lys et tous les fruits de l'autre.
Ce qui charme et ce qui nourrit.

Il faut qu'il ait, pendant que l'homme est sur les claies,
Pour l'âme et pour la chair des soins religieux,
Que, double médecin, il pose sur nos plaies
Le bandeau qu'il ôte à nos yeux!

70 *S'il doit considérer les astres, il est juste
Qu'il pense aux affamés dans l'ombre suppliant.
L'immonde pot-au-feu, ma soeur, devient auguste
Quand il cuit pour les mendiants.*

*Il faut qu'il songe à ceux qui sont près de l'église
Frissonnants, en haillons, blêmes sous le ciel bleu.
Le trou de vêtement d'un enfant sous la bise
Est un des abîmes de Dieu.*

*Si tu veux, ô ma soeur, comprendre les étoiles,
Commence par baisser les yeux sur les douleurs.
De là, tu verras Dieu, le ciel n'ôte ses voiles
Que pour les yeux voilés de pleurs.*

71 *L'idée et la souffrance, ô ma soeur, se ressemblent.
Recoudre un vêtement n'est pas s'humilier.
Vois, cet enfant a froid, ses petits bras qui tremblent
Empêchent ses mains de prier.*

72 “Gutenberg é um redentor. [...] Esse prodígio salvou a inteligência universal. [...] O auxiliar da vida; o colaborador permanente da civilização em progresso” (*William Shakespeare*, I, IV). Hugo não poupa elogios a Gutenberg, “o segundo pai das criações do espírito”. Ele proporciona “a emancipação do homem pela prensa” a fim de permitir “a preservação indefinida dos poetas e filósofos (*ibidem*). Hugo não se conformava com a destruição dos 700 mil volumes da biblioteca de Alexandria, entre eles um manuscrito único de Ésquilo, queimado por ordens de Omar. Esse episódio é longamente comentado em *William Shakespeare* (I, IV).

73 *Quand Molière te dit: femme, prends tes aiguilles,
Fière pensée, apprends que je te fais honneur.
Toute main qui recoud dans l'ombre des guenilles
Brode le manteau du Seigneur.*

*Ton autre fonction, pensée, est la science.
Pour elle rien n'est vil et rien n'est importun.
L'homme matériel est le vase, elle est l'anse,
La poésie est le parfum.*

*S'il avait écouté ta folle rêverie,
Philaminte, jamais Gutenberg, ce grand nom,
N'eût vu dans un plomb vil germer l'imprimerie
Et les mots sortir d'un canon.*

*Jamais Watt, qui rêvait de transformer le monde,
S'il eût de la cuisine eu cette étrange peur,
N'eût vu du pot-au-feu que tu traites d'immonde
S'échapper l'immense vapeur.*

*Tu ne veux pas compter avec ta cuisinière.
Eh bien, le chiffre ôté, que reste-t-il d'Herschel?
Vois, ce chiffre grossier soudain se fait lumière
Et trouve un astre dans le ciel.*

74 Anacreonte é um “espírito imenso”, “menor”, no entanto, segundo Hugo, do que os grandes gênios da humanidade listados por ele em *William Shakespeare*. Faltam-lhe “o exagero, as trevas, a obscuridade, a monstruosidade” (*William Shakespeare*, I, II, “Os gênios”).

75 Um poema de *Os quatro ventos do espírito* (III, 36), cujo manuscrito traz a data de 15/8/1854, evoca a misteriosa *Dama Branca* e parece separado das estrofes do poema “Àquela que é velada” (*As contemplações*, VI, XV):

*Santa serva, consciência,
Segue no escuro à minha frente!*

*Segue à minha frente, à espreita,
E me apontas a direção;
O véu da sorte na cabeça,
A lamparina de Deus na mão!*

*[Sainte servante, conscience,
Tu vas dans l'ombre devant moi!*

*Tu vas devant moi, toujours prête,
Et tu me montres le chemin;
La voile du sort sur ta tête,
La lampe de Dieu dans ta main!*

A *Dama Branca* que segue no escuro à frente do poeta poderia ser a emanção de sua consciência e seu infanticídio, aquele, inconsciente, de Hugo frente à perda de Léopoldine, quando ele a “abandonara” para uma longa viagem em companhia de Juliette.

76 A descoberta de André Chénier é muito recente em 1854. Sua obra suscita grande interesse de Hugo. Em *Os miseráveis*, o sr. Gillenormand condena, perante Marius convescente e louvando, por sua vez, o “gênio dos homens de 93”, a execução de André Chénier (V, V, III). Tapner, “Ankastrom” e Chénier apresentam a particularidade de terem sido ou decapitados ou enforcados.

77 Confusão com Délia, a amante cantada por Tibulo; Lésbia é a amante cantada por Catulo.

78 Entre 24/3 e 6/8/1854, o Leão de Androcles, finalmente satisfeito com os versos que Hugo lhe dirige, ditará, em um estilo igual, cerca de quarenta estrofes complexas, sextilhas heterométricas compostas de dois vezes dois alexandrinos seguidos de um hexassílabo.

79 *La ville ressemblait à l'univers. C'était
Cette heure où l'on dirait que toute âme se tait,
Que tout astre s'éclipse et que le monde change.
Rome avait étendu sa pourpre sur la fange.*

Où l'aigle avait pleuré, rampait le scorpion.
 Trimalcion foulait les os de Scipion.
 Rome buvait, gaie, ivre et la face rougie;
 Et l'odeur du tombeau sortait de cette orgie.
 L'amour et le bonheur, tout était effrayant,
 Lesbie, en se faisant coiffer, heureuse, ayant
 Son Tibulle à ses pieds qui chantait leurs tendresses,
 Si l'esclave persane arrangeait mal ses tresses,
 Lui piquait les seins nus de son épingle d'or.
 Le mal à travers l'homme avait pris son essor;
 Toutes les passions sortaient de leurs orbites.
 Les fils aux vieux parents faisaient des morts subites.
 Les rhéteurs disputaient les tyrans aux bouffons.
 La boue et l'or régnaient. Dans les cachots profonds,
 La tombe était un lit.
 Les bourreaux s'accouplaient à des martyres mortes.
 Rome, horrible, chantait. Parfois devant les portes,
 Quelque Crassus, vainqueur d'esclaves ou de Rois,
 Plantait le grand chemin de vaincus mis en croix,
 Et quand Catulle, amant que notre extase écoute,
 Errait avec Délie, aux deux bords de la route,
 Dix mille arbres humains saignaient sur leurs amours.
 La gloire avait hanté Rome dans les grands jours,
 Toute honte à présent était la bienvenue.
 Messaline en riant se mettait toute nue
 Et sur le lit public, lascive, se couchait.
 Épaphrodite avait un homme pour hochet
 Et brisait en jouant les membres d'Épictète.
 Femme grosse, vieillard débile, enfant qui tête,
 Captifs, gladiateurs, chrétiens étaient jetés
 Aux bêtes, et, tremblants, blêmes, ensanglantés,
 Fuyaient, et l'agonie effarée et vivante
 Se tordait dans le cirque, abîme d'épouvante.
 Pendant que l'ours grondait, et que les éléphants,
 Effroyables, marchaient sur les petits enfants,
 La vestale songeait dans sa chaise de marbre.
 Par moments le trépas, comme le fruit d'un arbre,
 Tombait du front pensif de la pâle beauté;
 Le même éclair de meurtre et de férocité
 Passait de l'oeil du tigre au regard de la vierge.
 Le monde était le bois, l'empire était l'auberge;
 De noirs passants trouvaient le trône en leur chemin,

Entraient, donnaient un coup de dent au genre humain,
 Puis s'en allaient. Néron venait après Tibère,
 César foulait aux pieds le Hun, le Goth, l'Ibère;
 Et l'empereur, pareil aux fleurs qui durent peu,
 Le soir était charogne à moins qu'il ne fût Dieu.
 Le porc Vitellius roulait aux gémonies.
 Escalier des grandeurs et des ignominies,
 Baigne effrayant des morts, pilori des néants,
 Saignant, fumant, hideux, ce charnier de géant
 Semblait fait pour pourrir le squelette du monde.
 Des torturés râlaient sur cette rampe immonde,
 Juifs sans langue, poltrons sans poing, larrons sans yeux;
 Ainsi que dans le cirque atroce et furieux
 L'agonie était là, hurlant sur chaque marche.
 Le noir gouffre cloaque au fond ouvrait son arche
 Où croulait toute Rome; et, dans l'immense égout,
 Quand le ciel juste avait foudroyé coup sur coup,
 Parfois deux empereurs, chiffres du fatal nombre,
 Se rencontraient, vivants encore, et, dans cette ombre
 Où les chiens sur leurs os venaient mâcher leur chair,
 Le César d'aujourd'hui heurtait celui d'hier.
 Le crime sombre était l'amant du vice infâme.
 Au lieu de cette race en qui Dieu mit la flamme,
 Au lieu d'Eve et d'Adam, si beaux, si purs tous deux,
 Une hydre se traînait dans l'univers hideux;
 L'homme était une tête et la femme était l'autre.
 Rome était la truie énorme qui se vautre.
 La créature humaine, importune au ciel bleu,
 Faisait une ombre affreuse à la cloison de Dieu;
 Elle n'avait plus rien de sa forme première;
 Son oeil semblait vouloir foudroyer la lumière,
 Et l'on voyait, c'était la veille d'Attila,
 Tout ce qu'on avait eu de sacré jusque-là
 Palpiter sous son ongle, et pendre à ses mâchoires
 D'un côté les vertus et de l'autre les gloires.
 Les hommes rugissaient quand ils croyaient parler.
 L'âme du genre humain songeait à s'en aller,
 Mais, avant de quitter à jamais notre monde,
 Tremblante, elle hésitait sous la voûte profonde,
 Et cherchait une bête où se réfugier.
 On entendait la tombe appeler et crier.
 Au fond la pâle mort riait, sinistre et chauve.

Ce fut alors que toi, né dans le désert fauve
Où le soleil est seul avec Dieu, toi, songeur
De l'ancre que le soir emplit de sa rougeur,
Tu vins dans la cité toute pleine de crimes.
Tu frissonnas devant tant d'ombres et tant d'abîmes;
Ton oeil fit, sur ce monde horrible et châtié,
Flamboyer tout à coup l'amour et la pitié;
Pensif, tu secouas ta crinière sur Rome,
Et, l'homme étant le monstre, ô lion, tu fus l'homme.

Le désert était sombre, aride, infranchissable.
Le mont y succédait à la plaine de sable.
À l'heure où le jour naît, seul dans ces vastes lieux
Où Dieu parle et se montre
Comme un roi vers un roi j'allais à la rencontre
Du soleil qui venait.

Nous montions tous les deux, dans nos fiertés superbes,
Le coteau, lui dorant et moi foulant les herbes.
Nous nous reconnaissons.
J'étais fier de l'avoir pour hôte dans mon ancre,
Il était fier de voir se mêler sur mon ventre
Mes crins à ses rayons.

Ainsi je vivais, seul, rêvant sous ma crinière,
Conduisant le soleil du ciel à ma tanière,
Majestueux, clément,
Redouté sans colère et fort sans violence,
Et disant au désert juge si ton silence
Vaut mon rugissement.

J'ouvrais dans les clartés ma paupière éblouie.
J'écoutais par moments le prophète Isaïe
Chanter le Dieu qu'il sert.
Car nous appartenions à la même phalange,
Et nous nous répondions, moi le lion, lui l'ange,
Des deux bouts du désert.

La bonté douce était l'haleine de ma bouche.
J'eusse ordonné le calme à l'ouragan farouche
Dompteur des flots mouvants.
J'aurais en y mettant ma volonté de marbre,
Sous chacun de mes pieds plus forts que des troncs d'arbre,
Pris un des quatre vents.

*Le désert était vaste, infranchissable et sombre,
 J'y régnais lumineux comme un phare dans l'ombre,
 J'y levais mon front haut.
 Dans le désert sans fond qui toujours recommence
 J'étais seul, j'étais seul sur cette page immense
 Comme un immense mot.*

80 As conversas estimuladas pelas intervenções dos espíritos de Marine Terrace, longe de prejudicarem a atividade poética de Hugo, a estimulam e alimentam. O mês de fevereiro de 1854 revela-se particularmente fecundo: Hugo dedica cerca de 150 sextilhas ao oceano, mais de mil versos, cujas estrofes serão frequentemente aumentadas e deslocadas para figurarem em suas antologias. Mais de 12 poemas, destinados a *Os quatro ventos do espírito*, *Toda a lira*, *A lenda dos séculos*, *As contemplações*, *Atos e palavras* e, especialmente, no essencial, a *Satã*, nasceram em Marine Terrace.

*81 Pendant que je vivais sous les célestes voiles
 Regardant chaque soir resplendir les étoiles
 Comme si tous les yeux
 Des vivants endormis dans l'ombre et le mystère
 Dans le même moment se fermaient sur la terre
 Et s'ouvraient dans les cieux,*

*Pendant que je contais dans mon austère étude
 Le grand enseignement de l'âpre solitude
 Sans orgueil, sans dégoût,
 Là-bas, dans une ville effrayante, inondée
 De lumière et de sang, volcan par son idée,
 Par ses crimes égout,*

*Dans une cité sombre et qu'on appelait Rome,
 Faisant des monstres dieux après le Dieu fait homme,
 Palais-charnier-harem,
 Des temples écroulés reconstruisant le dôme
 Poussant l'éclat de rire infâme de Sodome
 Derrière Bethléem;*

*Ville devant qui l'oeil épouvanté recule,
 Pleine d'un noir fumier, immense comme Hercule,
 Vile comme Augias,
 dans la boue et le sang plongeant ses murs sévères,
 Nid de crimes hideux où déjà les Tibères
 Couvaient les Borgias,*

82 *Traffiquant de l'Asie et crochetant la Gaule,
 Elle avait l'univers pour hotte à son épaule,*

*Avilissant les arts,
Son talent d'or partout montrait ses effigies,
Ses doigts de courtisane usaient dans les orgies
Le profil des Césars.*

83 *à payer des orgies
Dépensaient les Césars.*

*Dans cette ville donc, reine prostituée,
Virginité tombée et gloire polluée,
Veuve de son rayon,
Qui, tandis que Jésus naissait parmi les anges,
Ordonnait que le monde insultât à ces langes
Et baisât son haillon!*

84 *Ville ayant l'univers pour hotte à son épaule
Trafiquant... etc.
Avilissant... etc.
Souillant son talent d'or souillant ses effigies
Courtisane*

85 *Jetant dans les ruisseaux l'or de ses effigies,
Et, Laïs effrontée, à payer ses orgies
Dépensant les Césars.*

86 “Terça-feira, 4/3”: erro de transcrição tanto no caderno como na ata, trata-se evidentemente da terça-feira, 4/4/1854.

87 Em um longo texto de três páginas em prosa escritas no verso das provas do *Apelo ao povo*, de 31/10/1852 (que, todavia, podemos datar de 1853-54), conservadas em Jersey, Hugo elabora sua teoria dos mundos: “Os mundos são seres. Um mundo é uma alma”. Nesse sistema, ele define a Terra como um mundo intermediário entre “os mundos anjos: os paraísos” e os “mundos demônios: os infernos”. A Terra é um desses “mundos intermediários”, um “mundo-homem”, considerado por Hugo um espaço de purificação. Na teoria dos astros doentes, mortos, dos mundos punidos, dos mundos intermediários, de *A pluralidade dos mundos habitados*, segundo o título do livro de Camille Flammarion, astrônomo e espírita, Hugo se interroga sobre o lugar dos cometas. Está convencido de que, “assim como a ciência de ontem, a ciência de hoje ainda não disse a última palavra sobre os cometas” (*Post-scriptum à minha vida*). Para Hugo, os cometas são encarregados de ligar os universos entre si. Os cometas, portanto, têm um poder destruidor. Em “O cometa” (*A lenda dos séculos*, II, XVI), Hugo considera diferentes hipóteses sobre esse astro: “Talvez seja um inferno que voou para o céu”. Em *Deus*, e nos versos do Morcego, o cometa representa o ateísmo: “O cometa, estopim dos mundos, destrói o astro”. O interesse de Hugo pelos astros é antigo, mas sem dúvida se consolidou por ocasião de sua primeira visita ao Observatório de Paris, em 1834, acompanhado pelo cientista François Arago, que irá lhe inspirar “Promontorium somnii”. Em *As coisas do infinito*, Hugo descreve

minuciosamente os astros e as manifestações cósmicas. Paul Berret observa que “Hugo vivia no céu melhor do que muitos astrônomos de profissão. Teve inclusive a ideia de mandar construir um telescópio. Sabendo que o mundo físico é o arcabouço do mundo moral, considerava a astronomia a base natural de toda filosofia” (*La Légende des siècles de Victor Hugo*. Paris: Hachette, 1925, t. IV, p. 695). Seu interesse pela astronomia é inquestionável, assim como por um bom número de outras ciências, e o que o atrai nesse caso são principalmente os fenômenos surpreendentes, inexplicáveis, maravilhosos – tudo que induz ao sonho e à poesia.

88 “Ele acabava de ver um cometa”: a passagem do cometa de 1811 permanece uma recordação de infância para Hugo, que o vira quando se encontrava na Espanha. Voltará a vê-lo em julho de 1861, em Waterloo. Em *Os miseráveis*, Hugo escreve: “Alguma estrela bizarra desponta, sublinhada por uma cauda enorme. E isso provoca a morte de César. Brutus o golpeia com uma faca e Deus com um cometa” (IV, XII, II). A passagem de um cometa “anunciara” o assassinato de César por Brutus e seus conjurados. Ela evoca em *Os miseráveis* “93 em letras grandes, Napoleão em destaque, o cometa de 1811 no topo do cartaz”.

89 “Sua filha morta”: Léopoldine, morta em 4/9/1843. A sra. Hugo não só pensa nos mortos, como fala com eles. Eis o que escrevia, em 7/3/1855, que não consta aqui, à sra. Paul Meurice, iniciada junto com o marido nas sessões espíritas, que acaba de perder sucessivamente a mãe, a cunhada e o cunhado:

“Há muito tempo que falo com meus mortos. As Mesas vieram me dizer que eu não alimentasse ilusões. Não é uma bênção de Deus tê-la iniciado em nossas Mesas, que a senhora tenha lido o que elas diziam antes de seus entes queridos terem deixado este mundo? Deus que a ama quis que a senhora conhecesse o que está atrás do túmulo antes de arrebatá-los. O acaso não faz isso. A Mesa começou a responder à pergunta que seu marido enviou a Auguste”. (Carta da sra. Hugo à sra. Paul Meurice, 7/3/1855.)

90 Os dois álbuns de desenhos espíritas, publicados pela primeira vez em 1963, guardam o vestígio de 36 sessões sob a forma de desenhos a lápis. Alguns são acompanhados de legendas em latim e francês.

91 Qui, blasphémant Jésus et crachant sur ses langes,
Déployait dans le ciel et levait jusqu'aux anges
Ses drapeaux en haillon.

92 Sobre Babel e o balbuciar, ver a sessão de 21/4/1854, p. 267. Em *Os miseráveis*, Babel é encontrada em Babet: “Babet fala, Babet jura, Babet ruge. É a confusão tremenda das línguas. [...] Babet. [...] É Babet cujo final um diabo riscou” (III, VII, III).

93 A sessão de 6/8 não consta do presente caderno. Não obstante, nessa data, o Leão dirá sobre si mesmo, em latim, que se chama “presságio, luz, divindade”: *Omen, lumen, numen, nomen meum*. Hugo fará disso o título de um dos últimos poemas das *Contemplações*: “*Nomen, numen, lumen*” (o Nome, o Deus, a Luz, tripla paronomásia), escrito sete meses mais tarde (o manuscrito traz a data de 1^a/3/1855), sobre as sete letras do nome “Jehová” (*As contemplações*, VI, XXV).

94 Qui, blasphémant Jésus que berçaient les archanges,
Montrait aux nations à côté de ses langes
Un immense haillon.

95 Au milieu d'un sinistre et sombre amphithéâtre,
Cirque dont les gradins dallés
Faits de marbre et d'albâtre
Des cieux touchaient le bord,
Ainsi qu'un escalier aux étages funèbres
Descendu chaque soir par les pas des ténèbres
Et monté par la mort,

Dans l'arène, pendant que, de la base au faite,
Peuple, patriciens dans leurs toges de fête,
Les vierges, doux roseaux,
Catulle et sa maîtresse adorée et cruelle,
Portant des vers d'amour posés partout sur elle
Ainsi que des oiseaux,

Tous, l'enfant, le vieillard, les matrones romaines,
Applaudissaient au sang coulant des chairs humaines,
Criant, hurlant, frappant,
Pensant que, de ce bras qui va de l'Èbre au Tigre,
Néron, joyeux du meurtre, applaudissait au tigre,
Et Locuste au serpent,

96 Qui joint l'Èbre et le Tigre

Ô morne abaissement pendant que toute Rome
Venait voir en riant dévorer un pauvre homme
Que Jésus a lié,
Et qu'elle conduisait dans ces sombres arènes,
Aux victoires des loups, aux combats de hyènes,
Son aigle humilié

97 Todo esse diálogo entre o Leão e Hugo dá uma ideia de um trabalho de construção poética em que Hugo é o professor à escuta de um brilhante discípulo.

98 Pendant que le soleil, entrouvrant ses paupières,
Et voyant dans le sang la ville des lumières
Et des grands tourbillons,
S'indignait et, frappant ses chevaux centenaires,
Faisait subitement claquer dans les tonnerres
Son fouet de rayons,

D'autres lions que moi qui portaient ma crinière
Dans ce cirque attendaient l'heure où le belluaire

*Leur ouvrait leurs barreaux
Et le front dans le sang et les pieds dans les fanges
Déshonoraient mon nom, moi prêtre des archanges,
Eux valets des bourreaux.*

99 *Farei a letra*: a sensibilidade musical de Hugo parece ter se desenvolvido em Jersey, estimulada pela voz de Augustine Allix e pelo violino de Reményi: “Nos últimos tempos fazíamos muita música em Marine Terrace. Esse passatempo tornou-se inclusive uma paixão. Todas as noites escutávamos a bela voz da srta. Allix. Ontem escutamos o belo violino de Reményi. A música, esquecida na Place Royale, desdenhada na Rue de La Tour d’Auvergne, era recebida agora de braços abertos em Marine Terrace. A música exilada vinha encontrar os exilados” (*Journal de l’exil*, t. III, 5/9/1854). No que se refere a essa “música da *Marselhesa* da revolução futura”, o Oceano admitirá seu fracasso antes de passar a tarefa a Mozart. Este não poderá ser compreendido e interpretado, a despeito da ajuda de Charles Bénézit, mestre de composição musical de Adèle e concertista. Pediram a Cimarosa, sem resultado. Hugo então acha a solução: escolhe uma melodia que ele aprecia há muito tempo, que julgava ser de Beethoven e que sua filha tocava ao piano. Hugo escreve a letra e é assim que nasce, durante o verão de 1854, o hino franco-europeu *Patria*: “Essa ode em homenagem à França tem dois autores: um, europeu, nas palavras, o outro, alemão, na música; símbolo dessa sagrada fraternidade da França e da Alemanha que os reis não conseguirão destruir”. A canção será publicada na edição de 1870 de *Os castigos*, com a partitura em nota e precedida dessa introdução.

100 “Essa peça poderá ser cantada”: Essa “*Marselhesa* da futura revolução” devia ser cantada pela srta. Allix, cuja voz era muito apreciada por Hugo, mas não por Juliette Drouet: “Começo a não achar nada engraçado meu papel de mulher *respeitável* enquanto você namorica de braços dados e fazendo trejeitos com a doce Allix” (Juliette a Victor, 9/6/1855, *Cartas a Victor Hugo de Juliette Drouet*).

101 A cólera do Oceano reflete a devoção que Hugo lhe manifesta. Durante todo o mês de fevereiro de 1854, Hugo lhe consagrou cerca de 150 sextilhas, cujas estrofes serão frequentemente aumentadas e deslocadas para figurar em “Oceano”, datado de 18/2/1854 (*A lenda dos séculos*, III, xxii), “Procela noturna”, datado de 2/2/1854 (*Toda a lira*, II, 20), “No penhasco”, datado de 28/2/1854 (*Os quatro ventos do espírito*, III, 19), “Os camponeses à beira-mar”, datado de 1º/3/1854 (*A lenda dos séculos*, III, viii), “Canção de bordo” (*Toda a lira*, VII, 23, xii), composto de estrofes extraídas dos “Camponeses à beira-mar” e de “Oceano”, bem como de uma estrofe original, e as reescritas de “Oceano Nox” (*Os raios e as sombras*, 42).

102 “O crepúsculo”: o crepúsculo das liberdades, ou, em termos baudelairianos, o crepúsculo da manhã. A hora incerta entre a noite que termina e o novo dia de um exílio que mal começa.

103 “A noite é o espelho dos rostos”: Victor Hugo se interroga muito, nessa época, e muito antes de Freud, sobre o sonho e sua interpretação. As insônias de Hugo tornam-se cada vez mais frequentes. A proximidade do mar e o barulho das ondas e do vento

agravam-nas. Essas vigílias noturnas permitem a Hugo escutar seus semissonhos. O Drama acaba de dizê-lo, a noite está “repleta de sonhos refletindo as consciências”. Mais adiante, esclarecerá que não se trata dos “sonhos propriamente ditos”, e sim da “emanação da consciência, que se dá como a das flores, durante a noite”.

104 Na noite de 23 para 24/6, que não aparece nesse caderno, a Mesa dirá por intermédio do “porteiro sombrio” que “os sonhos são mais sérios do que supomos”. Adèle Hugo, em seu *Diário* (t. III, 24/6/1854), registra as declarações de seu pai a respeito: “Para mim, ela confirma a ideia que eu fazia do fenômeno dos sonhos. O sono toma o corpo e a alma alça voo, rumando para esse mundo desconhecido onde moram as almas dos mortos e vivos adormecidos. Daí ser comum vermos em sonho as fisionomias dos entes que amamos, e mais distintamente do que acordados”. No ano seguinte, em 29/4/1855, uma sessão da mesa será dedicada aos sonhos (ver p. 445). Hugo tenta, desde 1854, analisar os próprios sonhos e, para não esquecê-los, registra-os em pequenos pedaços de papel.

105 Esse pensamento de Hugo refere-se ao importante tema da metempsicose, que ganha todo o seu sentido em Marine Terrace, com a reflexão sobre os animais ocupando um bom tempo das sessões das Mesas. As intervenções destes últimos, assim como as de outros espíritos, vão contribuir para forjar a nova religião hugoana, baseada no princípio da metempsicose, que já mencionamos. O primeiro espírito animal a se apresentar à mesa de Marine Terrace foi o da jumenta de Balaão, em 27/12/1853. Ela revelava que os animais e as plantas encerravam almas condenadas a expiarem seus pecados, assinalando, além disso, que a Terra inteira é punida. O Leão de Androcles foi o segundo representante do reino animal a visitar a mesa. É o preferido de Hugo. Ele virá dezoito vezes no total, até 26/9/1854. A amplitude de suas revelações e a qualidade de seus versos o qualificam como um espírito maior. Essa intuição sobre a possibilidade de as plantas e animais terem uma alma remonta, com efeito, a muitos anos antes. Em *A lenda do belo Pécopin e da bela Bauldour*, publicada em 1842, Hugo medita, “colhendo de tempos em tempos, para aspirar sua alma, uma flor silvestre”, e já escreve, pela voz de Zin-Eddin ou Evilmerodach: “as pedras vivem, as plantas pensam e os animais sabem”. Hugo admitirá, no entanto, que foram as revelações das Mesas que lhe inspiraram a ideia da alma dos animais: “A única coisa que as Mesas postulam, e que eu absolutamente não afirmo no livro inédito que desejo publicar, é a alma dos animais, e, de toda forma, fiz disso um capítulo à parte. Quanto a essa ideia da alma do animal, tive-a muito tempo atrás” (sessão de 27/12/1853). Em *Os miseráveis*, Hugo sustentará a ideia de que os animais são constituídos de qualidades, vícios e virtudes das almas descendentes: “Os animais não são outra coisa senão as figuras de nossas virtudes e vícios [...] os fantasmas visíveis de nossas almas. Deus os expõe à nossa vista para nos fazer refletir. [...] O animal não progride: a alma encerrada no animal sofre um castigo; cumprida sua pena, ela é libertada”. Portanto, precipitar as almas delituosas na animalidade, ou mais baixo ainda, acarreta seu sofrimento. Frente ao sofrimento, nesse castigo, Hugo coloca a visão de Deus. Logo, o objetivo do sofrimento é fazer a visão divina penetrar na alma animal punida. Uma vez cumprida sua pena expiatória, compreendida e aprendida sua lição, a alma gradualmente volta a ser homem.

Ela esquece as etapas anteriores e os castigos pelos erros pregressos. Deus rompe o elo da memória e concede a liberdade. O homem sucede assim ao animal. O animal, por sua vez, sabe, mas conhece apenas seu erro e vê a Deus, ao passo que o homem não sabe mais, esquece sua vida anterior e não vê a Deus. Assim, mediante a dúvida, o homem adquire a inteligência que escapa ao animal. O homem tal como o conhecemos seria então o final de uma extensa sucessão de vidas anteriores que Deus o fez esquecer a fim de lhe oferecer a liberdade. O homem, contudo, sente esse passado soterrado nele (ver *As contemplações*, “Magnitudo parvi”, II, xxx). No que se refere à vida animal, a influência das Mesas sobre a produção poética hugoana será duradoura; os animais ocuparão um lugar cada vez mais importante na obra de Hugo. O tema da metempsicose alimentará em seguida toda a poesia hugoana.

106 A sessão de 24/4/1854, por encomenda expressa do Drama que se seguirá, dará origem ao imenso poema de oitocentos versos que se tornará “O que diz a Boca de Sombra”, em 13/10/1854. Essa passagem em prosa do Drama é desenvolvida em alexandrinos em “O que diz a Boca de Sombra” (v. 302-4). Reside aí uma das ideias fundamentais de Hugo, segundo a qual os animais e plantas são perfeitos em suas espécies. Eles veem e conhecem a Deus, ao passo que o homem é imperfeito e duvida. Disso Hugo deduzirá a superioridade do homem, que a dúvida transforma em um explorador, em um artesão, em um operário do conhecimento. Por ocasião de uma viagem à Espanha, durante o verão de 1843, uma passagem de Hugo sobre Pamplona e as touradas que se realizavam naquele mês de agosto revela, pela primeira vez em sua obra, sua preocupação com o problema filosófico da condição animal: “Eu me perguntava: o que pode acontecer e o que acontece com essas pobres mulas que, na espécie de sonambulismo em que vivem, vagamente iluminadas por fulgores vacilantes do instinto [...], se sentem acossadas, na sombra e no tumulto, por três satãs que elas não conhecem, mas sentem, que elas não veem, mas ouvem? O que significa para elas esse sonho, essa visão, essa realidade? É um castigo? Mas elas não cometeram crime. O que pensam elas a respeito do homem?”

Com efeito, quando a natureza volta seus olhos para nós, em determinadas horas, e vê as ações brutais que cometemos sem necessidade e como que por prazer, quando ela sofre as coisas más que os homens fazem, como sua atitude é triste e como seu silêncio é terrível!

Ninguém sondou essas questões. A filosofia humana pouco se ocupou do homem fora do homem, não tendo examinado senão superficialmente, e quase com um sorriso de desdém, as relações do homem com a coisa e com a besta, que, a seus olhos, não passa de uma coisa. Mas não existem aí abismos para o pensador? Devemos nos julgar insensatos por carregarmos no coração o sentimento da piedade universal?” (Édition Massin, t. VI, p. 903).

107 Toda essa passagem sobre os animais deserdados é repetida, quase que literalmente, mas em alexandrinos, nos versos 613-629 de “O que diz a Boca de Sombra”:

Chorai pela aranha imunda, pela minhoca,
A lesma de dorso molhado como o inverno,

O vil pulgão que vemos nas folhas pendente,
O feio caranguejo, a terrível lacraia,
O horrendo sapo, pobre monstro de olhos doces,
[...]

[Pleurez sur l'araignée immonde, sur le ver,
Sur la limace au dos mouillé comme l'hiver,
Sur le vil puceron qu'on voit aux feuilles pendre,
Sur le crabe hideux, sur l'affreux scolopendre,
Sur l'effrayant crapaud, pauvre monstre aux yeux doux...]

O bestiário hugoano junta-se ao bestiário da Mesa. A minhoca, o sapo, a lesma, o caranguejo, a lacraia (no masculino [*le scolopendre*] em Hugo, não por ignorância mas pela métrica do verso) são comuns aos dois textos, ao passo que a pulga vira pulgão. Em outras partes do poema, outros deserdados surgirão: o cardo será a reencarnação de Átila; a pedra torna-se Otávio; o escorpião, Clitemnestra; Anito, a cicuta.

108 “A guilhotina sofre”: em “O que diz a Boca de Sombra”, Hugo introduz no cerne da metempsicose uma coisa inédita, a memória, mais precisamente a memória pessoal que o animal tem de seu erro. O animal é uma alma que conserva a memória dos erros que cometeu pessoalmente e que ela deve expiar. O tema do sofrimento dos instrumentos de tortura, por sua vez, será desenvolvido em “O que diz a Boca de Sombra” sob uma forma similar às afirmações do Drama: “Ai! o ferrolho também sofre o calabouço;/ Chorai o prisioneiro, mas chorai o ferrolho./ Chorai o grilhão no fundo das celas insalubres;/ O cutelo e o cepo são dois seres lúgubres/ O cutelo sofre o mesmo que o corpo, o cepo/ Sofre igual à cabeça; ó mistérios do hermético! [*Hélas! le cabanon subit aussi l'écrou;/ Plaignez le prisonnier, mais plaignez le verrou./ Plaignez la chaîne au fond des bagnes insalubres;/ La hache et le billot sont deux êtres lugubres; La hache souffre autant que le corps, le billot/ Souffre autant que la tête; ô mystères d'en haut!*] (*As contemplações*, “O que diz a Boca de Sombra”, VI, XXVI).

109 Vimos que Anacreonte e o Leão de Androcles pediram a seus interlocutores que se dirigissem a eles por meio de versos inéditos. Por ocasião da publicação de *A lenda dos séculos*, Hugo tomara o cuidado de assinalar em uma nota que seus versos não deviam nada às intervenções e revelações da Mesa, principalmente aquelas dirigidas “Ao Leão de Androcles”. Esses esclarecimentos relativos à propriedade literária pareciam-lhe necessários, de tal forma as coincidências entre suas intuições, criações e pensamentos e as afirmações da Mesa tornavam-se cada vez mais frequentes e perturbadoras. Em 27/12/1853, Hugo, que entrara no meio de uma sessão, observara, lendo a ata em curso, que a intervenção da jumenta de Balaão correspondia “precisamente [à] ideia de um livro” que ele estava fazendo. Em 22/1/1854, Shakespeare resolvia ditar um poema inédito em francês, pois “a língua inglesa é inferior à francesa”, e continuava seu ditado em 25 de janeiro.

110 *D'autres lions que moi, qui pouvaient dire au monde
Nous sommes la puissance et la force profonde,
Nous sommes les lions,
Regardaient Rome en fête attroupée et sauvage*

Applaudir leur cri rauque et faire de leur cage
Un tréteau d'histrions.

Et monstres qu'on repaît de massacre et de honte,
Géants apprivoisés sur qui l'opprobre monte.
Sans coeur et sans esprit
Ils levaient sur les saints leur patte sacrilège
Et leurs ongles saignants s'enfonçaient viv...

111 Lâches comme des loups
Leurs pattes déchiraient les martyrs sur les claies
Et Jésus-Christ prenait leurs ongles dans ses plaies,
Ô gibet, pour tes clous.

112 Ils déchiraient les saints expirant sur les claies
Et leurs ongles hideux élargissaient la plaie
Au flanc de Jésus-Christ.

113 A sintonia entre o Leão e Hugo continua no dia seguinte, 24/4. Descobrimos, na Maison de Victor Hugo, um conjunto inexplorado de doze folhas, escritas a lápis por Paul Meurice. Entre elas, figura esta anotação (folha 1): "Analogia dessa página Zênite-Nadir dos Quatro Ventos do Espírito assinalada 3/9 (ilegível) adiante por V. H. Similitude do pensamento das Mesas e o pensamento de V. H. V. H. faz três versos idênticos aos da Mesa ao mesmo tempo que a Mesa. A Mesa recita dois versos inéditos de V. H.".

114 Leur patte déchirait les martyrs sur les claies
Et leurs ongles sanglants remplaçaient dans les plaies
Les clous de Jésus-Christ.
Si bien qu'eux, ces lions devant qui tout recule,
Eux ces lions que seul, ô fabuleux Hercule,
Sans peur tu regardas,
Ils sentaient sur leur fauve et terrible crinière,
Dans l'ombre se poser, flatteuse et familière,
L'humble main de Judas!

A partir da primavera de 1854, Hugo vai compor mais de 130 sextilhas, a maior parte em hexassílabos e alexandrinos, que se acrescentarão a duzentas sextilhas em octossílabos e alexandrinos, ou seja, aproximadamente 2 mil versos, para o núcleo central do sexto livro das *Contemplações*, "À beira do infinito".

115 Il est minuit. C'est l'heure immense et solennelle
Où j'ouvre devant Dieu ma splendide prunelle.
C'est l'heure de l'amour où sous les cieux cléments,
Sombres et taciturnes,
Les fleurs dans les forêts, ces coquettes nocturnes,
S'embaument pour le jour!

116 Em 19/9/1854, ausente desse caderno, Hugo anotará: “Os seres que habitam o invisível e que veem o pensamento em nossos cérebros sabem que, há cerca de 25 anos, estudo as questões que a Mesa levanta e aprofunda. Em mais de uma ocasião, a Mesa me falou desse trabalho; a Sombra do Sepulcro me intimou a terminá-lo. Nesse trabalho, e é evidente que o conhecem lá no alto, no trabalho de 25 anos, eu tinha chegado, exclusivamente pela meditação, a vários resultados hoje corroborados pela revelação da Mesa, tendo visto distintamente e exposto alguns desses resultados sublimes; eu entrevira outros, que permaneciam em meu espírito em estado de lineamentos confusos. Os seres misteriosos e grandes que me escutam olham a seu bel-prazer no meu pensamento, como quem olha em um porão munido de um archote; conhecem minha consciência e sabem que tudo que acabo de dizer é rigorosamente exato. Exato a ponto de eu me insurgir fugazmente em meu mísero amor-próprio humano contra a revelação atual, que veio projetar, em torno da minha singela lanterna de mineiro, uma luz de raio e meteoro. Hoje, a Mesa confirma as coisas que eu vira por inteiro, e as semicoisas, ela as completa. Nesse estado de ânimo, escrevo. O ser que se chama a Sombra do Sepulcro me aconselhou a terminar minha obra começada; o ser que se chama a Ideia [Hugo se engana, não se trata da Ideia, mas do Drama; a identidade real dos espíritos têm todavia pouca importância para ele, o Drama podendo igualmente ser Shakespeare e vice-versa] foi mais longe ainda e me ‘ordenou’ que fizesse versos pedindo misericórdia para os seres cativos e punidos que compõem o que parece aos não videntes a natureza morta. Obedeci. Fiz os versos que a Ideia me pedia; ainda não estão terminados. Para ser compreendido, foi preciso explicar. Tive de descer ao detalhe, detalhe que contém meu pensamento antigo expandido pela nova revelação.

Eis a pergunta que submeto à Mesa: ‘Será que a Ideia não me pediu, ou eu deveria dizer encomendou, esses versos para que eles sejam publicados? Será que a Sombra do Sepulcro não ordenou que eu terminasse minha obra para que ela fosse publicada?’.”

Essa pergunta, que Hugo dirige à Morte, parece conter toda a angústia do criador, que, de repente, não tem mais certeza se a criação emana dele e lhe pertence integralmente. Ela mostra a sintonia mental que se instalou, desde 11/9/1853, entre Victor Hugo e a Mesa. Mais tarde, em 4/1/1855, Hugo escreverá à sra. De Girardin: “Paul Meurice lhe disse que todo um sistema quase cosmogônico, por mim descoberto e escrito pela metade há vinte anos, havia sido confirmado pelas Mesas com desdobramentos magníficos? Vivemos em um horizonte misterioso que muda a perspectiva do exílio e pensamos na senhora, a quem devemos essa janela aberta”.

117 Trata-se do poema “Noite” (*Toda a lira*, II, 40). Ele também aparece sob o título “Vesper”: “Vergando o talo, abrindo os olhos, debruçando as urnas,/ As rosas dos tanques, essas sirigaitas noturnas” [*Courbant leur tige, ouvrant leurs yeux, penchant leurs urnes, / Les roses des étangs, ces coquettes nocturnes*]. O manuscrito do poema traz a data de 6/3/1854.

118 A folha de rosto de *A floresta molhada* traz a seguinte anotação: “Guardar as réplicas para reproduzi-las aqui e ali em *Homo*”. Um plano de abril de 1856 previa o “drama” *Homo* para completar os poemas de *Deus* e de *O fim de Satã*. O *Journal de l'exil* (t. IV) registra a finalização de *Homo* em curso na data de 18/6/1855. Adèle Hugo conta também, em 21/4/1856, as inten-

ções de seu pai quanto a *Homo*, assimilado então a *A floresta molhada*: “Fiz um drama inédito: *Homo*, uma peça que exige 150 cenários; nem por isso deixa de ser uma de minhas melhores. Nela, dou voz a pedras, urtigas e minhocas, o que dificulta sua montagem. [...] O tema é um jovem apaixonado pela natureza e que a natureza conspira para fazer apaixonar-se por uma mulher; meu herói entra em uma floresta molhada [...]”. *A floresta molhada*, terminada em 14/5/1854 e publicada em *Le Théâtre en liberté*, será encenada pela primeira vez em 1930, na Comédie Française. Dois atores em carne e osso interpretarão o vespão, a minhoca, os cascalhos e as amoras silvestres.

119 O prazo estipulado entre duas sessões verifica-se sempre o mesmo: onze dias. Essa duração tem decerto uma explicação. O primeiro “exílio” de Victor Hugo remonta a 1803, quando, entre fevereiro e novembro, ele mora primeiramente em Bastia, depois em Portoferraio, principal vila da ilha de Elba. Nessa ocasião, acompanhava seu pai, Léopold Hugo, chefe de batalhão então no ostracismo, que recebera ordens para se instalar em Bastia com um de seus batalhões. Sophie Hugo, mãe de Victor, que se desentendera com o marido, retornara a Paris no fim de 1802. Lá, sua intenção oficial era defender a causa de Léopold junto a seus protetores, que ela conhecera em Lunéville, José Bonaparte em pessoa ou, em sua ausência, Victor Lahorie. Este último, segundo alguns biógrafos, teria sido amante de Sophie Victor, o que explicaria em parte sua longa ausência, afastada do marido e dos filhos. Por ora nenhum documento autoriza essa hipótese.

A passagem de Hugo, seus dois irmãos, Abel e Eugène, e seu pai pela Córsega, terra natal de Napoleão, precede exatamente em onze anos ao desterro do imperador derrubado e terá a mesma duração. Meras coincidências, mas que fazem remontar as relações do poeta com a família Bonaparte à sua primeira infância. Foi igualmente em um 11/9 que aconteceu a primeira sessão espírita bem-sucedida, em 1853. Naquela noite, à mesa de Marine Terrace, apresentava-se Léopoldine, morta afogada dez anos e sete dias antes, no “4 7bro” de 1843, tal como grafa normalmente Hugo: 4 e 7 que também dão 11. Victor Hugo, que em suas demonstrações joga com as datas para nelas descobrir sinais, sempre foi muito suscetível às coincidências de datas para que estas não constituíssem um. Talvez seja igualmente possível ver nesse decurso de onze dias uma alusão impenetrável a uma expedição que Victor Hugo fez ao lago de Gaube, nos Pireneus. Naquela ocasião, colheira uma singela flor em memória de dois amantes mortos afogados nas águas do lago. A expedição se dava onze dias antes do drama de Villequier, onde pereceram Léopoldine e o marido, Charles. Eis o que, “alimentando-se de profundezas autobiográficas insondáveis” (J.-M. Hovasse. *Victor Hugo. Pendant l'exil*, 2008) talvez explicasse o prazo, sempre o mesmo, de onze dias, que separa os encontros marcados pelos espíritos de Marine Terrace. Por fim, convém acrescentar que o exílio de Victor Hugo após o golpe de Estado de 2/12/1851 começou em 11/12.

120 Esse drama inédito ditado por Shakespeare começa com um prólogo em prosa sob a forma de um diálogo, no céu, entre duas estrelas, o Inferno e o Paraíso. Hugo, na época, já expusera sua teoria cosmogônica (ver p. 604, nota 126). Nesse período, Hugo terminara, em 23/11/1853, um diálogo em versos entre “Zênite e Nadir” (“Duas vozes no céu”,

Os quatro ventos do espírito, diálogo intercalado entre “O Livro satírico” [I] e “O Livro lírico” [II]). Zênite representava o idealismo, o bem, o anjo; Nadir, o materialismo, o mal, a besta.

121 Em 10/11 do mesmo ano, a Morte confirmará que existem “mundos anjos” que ajudam “os mundos demônios”. “Constelações boas e fortes [...] tornam-se escravas da hedionda morgue do Castigo [...] uma ‘animália ofuscante de sóis formidáveis [...] por amor, se fazem totós e terras-novas da imensidão” (sessão de 10/12/1854). Essa doutrina da imortalidade dos astros funda a religião hugoana. É igualmente inseparável, como observa ainda Pierre Albouy em *La Création mythologique chez Victor Hugo*, de sua doutrina política, baseada nas noções de progresso e solidariedade.

122 O último espírito a se apresentar, alguns anos mais tarde, será o espírito da Ásia, em 22/8/1860, em Guernesey, em uma curtíssima sessão na qual Hugo não estaria presente. As divindades da Índia e do Egito são evocadas mais de uma vez, com uma significação análoga, Baal sentado exibindo as características clássicas de uma divindade fetal (ver “Eles estão sempre presentes”, *Os quatro ventos do espírito*, 1).

123 Em 17/4, o Drama, ou Shakespeare, ditava o prólogo de seu drama. Após lê-lo, Hugo decidiu abster-se de toda participação nas sessões a fim de salvaguardar sua originalidade poética e evitar ser acusado de plagiar Shakespeare, mas *Todo o passado e todo o futuro* (A lenda dos séculos, II, XIX) acolhe parcialmente as revelações da Mesa no segundo movimento do poema. Hugo terminara, em 23/11/1853, um diálogo similar para sua criação: “Duas vozes no céu estrelado, Zênite-Nadir”. A constatação da proximidade de ideias entre Shakespeare e ele o leva então a se abster de toda participação nas sessões das Mesas durante o desenrolar do ditado do drama inédito de Shakespeare. Hugo confessava-se disposto a “tudo no mundo” para evitar que sua obra “plagiasse a de Shakespeare” (*Journal de l'exil*, t. III, 30/4/1854). O que é uma maneira discreta e elegante de apontar a anterioridade de sua produção com relação à de Shakespeare e mostrar que, se havia plágio, não era Hugo o plagiador. Shakespeare plagiando Hugo, eis o que poderia constituir uma curiosa inversão da história literária!

124 “O mal age no bem”: do ponto de vista metafísico, o cerne do pensamento de Hugo é a ideia de que Deus fez necessariamente o homem imperfeito. Essa teoria tem como ponto de partida a ideia de que Deus é tudo e de que tudo é parte de Deus. A criação é a separação de uma parte de Deus mediante a introdução de uma imperfeição no ser. “Essa imperfeição é uma libertação, desejada por Deus, que, sem isso, ficaria sozinho. Assim, tudo é Deus mais ou menos eclipsado, e o grau de sombra coloca o ser mais alto ou menos alto na escada da criação” (Denis Saurat. *La Religion de Victor Hugo*, pp. 78 ss.). Essa imperfeição constitui a matéria. Em todos os seres, encontramos Deus e a matéria, Deus e o mal. Mas em todo mal, em toda matéria, Deus ainda subsiste, e a finalidade da evolução dos seres é a expressão desse bem que está em todo mal. No próprio mal, portanto, há um princípio de bem. “O fato de que esse mal, separando o ser de Deus, o criou, lhe deu sua liberdade. [...] O castigo, inevitável e impiedoso, não é feito para punir, mas para corrigir, elevar, para extrair do mal o princípio de bem nele embutido: a liberdade. A liberdade, cada vez maior, é a própria finalidade da evolução” (idem, *ibidem*). Assim,

todas as ideias de Hugo, essencialmente metafísicas, mas também sociais e políticas, constitutivas de um sistema de pensamento, convergem e vêm desembocar nessa mesma concepção, que é a presença necessária do mal na própria criação.

125 O tomo III do *Journal de l'exil*, na data de 30/4/1854, conta que, após Shakespeare ditar a primeira cena de seu drama, foi pedido a Hugo que a lesse. Ele se recusou: “Não quero ler nem conhecer essa peça de Shakespeare. Receio coincidir com esses espíritos. A leitura dessa peça me atrapalharia no que desejo fazer [trata-se de *A floresta molhada*], ainda mais que tenho a intenção de fazer um drama no qual entrará a natureza misturada com o homem e o mundo invisível misturado com o mundo visível. Admitindo que, apesar de minhas precauções, a peça de Shakespeare viesse a ter alguma semelhança com a minha e que, tendo publicado minha peça dentro de alguns anos, publiquem a dele depois, pelo menos terei feito tudo no mundo para impedir que minha peça plagie a de Shakespeare ou que a sua plagie a minha”.

Hugo parece assim temer a concorrência da voz da Mesa, que volta e meia parece ela própria reforçar a voz do poeta, suas intuições, suas afirmações, suas criações poéticas ou dramatúrgicas. Sabemos, contudo, a partir das revelações da jumenta de Balaão, em 27/12/1853, e das declarações da sra. Hugo, ao afirmar, na ata da sessão, que “o que tu [a jumenta de Balaão] nos dizes acerca dos destinos do homem é o que meu marido pensa e diz há muito tempo, exceto no que se refere aos animais e às plantas, em cuja alma meu marido não acreditava”, que Hugo devia algumas intuições e versos à Mesa. As ordens dadas pela Mesa, em 24/4/1854, relativas ao sofrimento dos objetos, pedras, plantas, animais, à alma que ocupa os corpos em todos os estágios da criação, serão executadas por Hugo, em grande parte, em 19/9, para dar origem a “O que diz a Boca de Sombra”. Não raro a voz da Mesa e o verbo hugoano coincidem.

126 “Os astros punidos”: primeiro esboço da teoria hugoana da progressão paralela dos astros no céu, da barbárie à civilização, que faz parte de uma das hipóteses formuladas anteriormente por Hugo, inspirada em Fourier, Jacques Boucher de Perthes, Jean Reynaud, Alexandre Weill e outros ocultistas desse período. A Terra é um desses “mundos intermediários”, um “mundo-homem”, considerado um espaço de purificação por Hugo. Essa teoria da progressão dos astros será sistematicamente desenvolvida à mesa de Marine Terrace.

127 “Beber uma virgem”: alusão à irreprimível inclinação de Luís XV pelas meninas-moças, virgens de preferência, que ele não hesitava em mandar raptar para saciar suas vontades. A idade de quinze anos parecia inclusive ao “Bem-Amado” um pouco tardia. Essa passagem e a seguinte lembram também *As duas descobertas de Gallus* e, em especial, o rapto de Lisbeth das mãos do noivo, bem como o rapto de Blanche em *O rei se diverte*. O duque de Gallus, personagem de ficção, é rei da Suábia. Como Luís XV, conversa com um homem, seu confidente, Gunich, que, por sua vez, também arranjou uma adolescente para ele seduzir. “Então é nesse pardieiro que mora essa garota!”, exclama Gallus, examinando o local. Enquanto Gunich gaba os atrativos da garota, o duque exclama: “A ave mais formosa dos ninhos!”. À pergunta do rei sobre a idade da presa, o conselheiro de Luís XV responde: “A idade em que as aves saem do ninho e as meninas se aninham”.

A aproximação de Gallus com o rei da França é operada em Hugo a partir do desejo do duque de ter sua “Pompadour como um rei mui cristão”.

128 Essa cena é típica das de gênero da vida camponesa nos vaudevilles e óperas cômicas do século XIX. Evoca uma peça de Hugo, composta muito tempo depois de *Hernani* e *Ruy Blas*, em 1869: *As duas descobertas de Gallus*. Ela constituirá o “Livro dramático” da antologia *Os quatro ventos do espírito*. O poeta faz a peça ser precedida pelo diálogo entre Zênite e Nadir, que funciona dessa forma como um intermédio entre o “Livro satírico” e o “Livro dramático” e que, como o diálogo entre o Inferno e o Paraíso aqui, faz as vezes de prelúdio à peça que segue. Escrita em versos, esta se apresenta na forma de um díptico: uma comédia e um drama, que compõem as duas partes de uma mesma história, a do duque Gallus, comportando, respectivamente, um ato com seiscentos versos e outro com mil. Ao retratar duas aventuras de um personagem central, príncipe alemão do século XVIII, velho libertino atrás de adolescentes virgens e inocentes para conspurcar, a obra consiste em uma meditação profunda e às vezes dolorosa sobre o poder, a velhice, a dissipação e o amor. O personagem de Gallus, déspota esclarecido, libertino senil depravado e depravador, cético declarado e sentimental enrustido, talvez seja um dos mais complexos do teatro hugoano. Podemos encontrar o texto da peça, com o subtítulo “La Femme” [A mulher], nas *Oeuvres complètes (Poésie, III. col. Bouquins. Paris: Laffont, 2002, pp. 1.199-287*; em *Os quatro ventos do espírito*, antologia apresentada e anotada por Danièle Gasiglia-Laster, e na edição do *Théâtre en liberté* (edição apresentada, estabelecida e anotada por Arnaud Laster, pp. 511-625).

129 “Casei-me sobre um túmulo”: essa réplica de Nihila, que, a propósito, lembra estranhamente a figura de Cosette, é como um condensado dos temas hugoanos primordiais: a presença do espírito dos mortos no mundo dos vivos, fé corroborada pelas Mesas, o túmulo/a tumba, último berço para uma nova partida (“E cada batimento no enorme Universo/ Abre para as almas, enxame de gaviões e pombas,/ De um lado os berços, do outro as tumbas”, “Os pobres”, *A lenda dos séculos*, I, XIII, III), a prece cotidiana a Deus (“Eles rezam. Quem? Deus. [...] Pensamento, devaneio, prece, estes são os grandes esplendores misteriosos. Respeitemo-los. Para onde vão essas irradiações majestosas da alma? Para a sombra; isto é, a luz”, *Os miseráveis*, II, VII, V), a Natureza, verdadeira igreja, concepção partilhada com Baudelaire (“A Natureza é um templo onde colunas vivas/ Deixam às vezes escapar palavras confusas”, “Correspondências”, IV, *As flores do mal*).

130 A cruz, para Hugo, é a imagem da crucificação da humanidade. Nihila será igualmente crucificada. Reencontramos aqui o mesmo estilo de diálogo amoroso simples, ágil e comovente de outra curta peça de Hugo, *A intervenção* (ver: *Le Théâtre en liberté*). O tema dos jovens namorados ameaçados por um poderoso que cobiça a adolescente constitui o impulso dramático de *Eles comerão?* e de *Torquemada*, bem como está presente em *O rei se diverte* com o rapto e o estupro de Blanche.

131 *C'est l'heure où des cités, des Babels, des Sodomes,*
On voit, de toutes parts, des troupes de fantômes
Aux visages de feu,

Ouvrant dans les éclairs leurs ailes hérissées,
Traverser le ciel noir ainsi que les pensées
Du grand cerveau de Dieu.

C'est l'heure où le jour naît dans la tombe ou dans l'ombre.
Le cadavre enterré par le fossoyeur sombre
Sent que le ver le mord;
C'est l'heure où l'on entend sur les champs de bataille
Les corbeaux annoncer, noirs coqs des funérailles,
Le lever de la mort;

Nesse ponto, o Leão de Androcles vai além do tema das pedras transformadas em masmorras, desenvolvendo, nessas duas sextilhas, o das punições personalizadas, que impõe aos criminosos a sentença que simboliza seu crime. Nemrod, Cleópatra e Fálaris, citados aqui pelo Leão, são retomados em “Lágrimas na noite” (*As contemplações*, VI, VI). Hugo multiplica aqui as enumerações e as gradações, acoplando a cada nome próprio um substantivo suscetível de representar o corpo ou a matéria bruta para onde a alma amaldiçoada daquele que é castigado migrou após sua morte.

132 Enquanto Nihila interroga seu agressor sobre o destino de seu marido, o rei exclama: “Essa pedra quer esposar uma pérola!”. O tema da pérola vai desempenhar um papel muito importante em uma comédia posterior de Hugo: “Margarita” (pérola, em latim), na qual o poeta faz referência a uma fábula de Fedro – adaptada por La Fontaine sob o título “O galo e a pérola” – que ele resume assim: “*Gallus escam quaerens margaritam reperit*” (“Um galo ciscando farelo encontra uma pérola”). A ideia de conceber uma obra a partir da fábula de Fedro é, todavia, anterior às sessões que ditaram Nihila. Ela é esboçada em um fragmento dramático, *As duas descobertas de Gallus*, datado de 1842 ou 1849. Hugo, portanto, antes de tomar ciência do drama da Mesa, pretendeu contar a história de um grão-senhor que tenciona corromper uma menina pobre.

133 “Esses astros, ó pedras, serão vossa morada”: das pedras às estrelas. O homem, portanto, graças à sua alma imortal, é um dos principais veículos entre os mundos. As almas sobem e descem do anjo à pedra por uma escada que se estende até os espaços astronômicos “dos sóis luminosos em cujas proximidades vivem os arcanjos nos mundos negros do castigo” (*La Création mythologique chez Victor Hugo*). Nessa estrutura do universo, o homem ocupa um lugar intermediário e vive em um mundo igualmente intermediário entre os mundos punidos e os mundos bem-aventurados, os “mundos anjos” e os “mundos demônios” (ver a sessão de 10/11/1854, pp. 405 ss.). Mas já em dezembro de 1852, “Lux” pressentia a redenção dos planetas desafortunados em um tempo futuro, “quando os céus [não] terão mais infernos” (*Os castigos*, Epílogo). “Abismo”, em novembro de 1853, anunciava que a Via Láctea era povoada por uma infinidade de astros que acolhiam humanidades diversas “próximas aos demônios ou aos anjos” (*A lenda dos séculos*, II, XXVIII).

134 Toda essa passagem evoca o tema da metempsicose: as plantas e animais contêm almas condenadas em expiação de seus pecados. Segundo a doutrina hugoana da metempsicose, o animal não progride, mas a alma, nele encerrada, sofre um castigo;

cumprida a pena, é libertada. A alma precipitada em seu castigo é, ao mesmo tempo, esclarecida. Só lhe resta cumprir a pena, a dúvida benevolente que eleva o homem e faz sua educação é retirada da alma condenada. As almas especialmente escolhidas para a educação da humanidade são “grãos de luz” que fluem primeiro para baixo, depois para o alto. São almas solares que pertencem não à Terra, mas ao Sol. Essa teoria acha-se desenvolvida em *William Shakespeare* (I, v). Uma alma corrompida pode assim ser punida descendo até os animais e plantas e, merecendo, subir até os anjos.

135 *Cheval Caligula qui broutes dans la tombe,
Xerxès chaîne de fer, Pyrrhus tuile qui tombe,
Toi face de l'Athos,
Alexandre, tombeau tourmenté par l'orage,
Spectre qui sens les vents te sculpter ton visage
À grands coups de marteaux,*

*Vous tous, êtres punis dont les douleurs sont lentes,
Arbres, épis, roseaux, pauvres petites plantes
Dont j'entends la clameur,
Fleurs, graines que répand dans les sillons funèbres
Cet autre fossoyeur qui vient dans les ténèbres
Et qu'on nomme semeur,*

*Infiniment petits sortis d'énormes crimes,
Monstres du genre humain devenus ses victimes,
Ombres du firmament,
Brins d'herbe, que Dieu seul au jour de la clémence
Pourra déraciner avec son bras immense
Du granit-châtiment!*

*Élevez vos regards vers le ciel, voici l'heure;
Ces astres, ô cailloux, seront votre demeure,
Pour vous ils sont vermeils;
C'est pour vous que, là-haut, Vénus rayonne; ô bêtes,
Mousses, lichens, chardons, espérez, car vous êtes
Des tiges de soleils!*

*Excréments, c'est à vous qu'appartiennent ces mondes,
Ces constellations sont à vous, rats immondes;
Vous avez l'astre en feu;
Te voilà fiancée, araignée, à l'étoile,
Et ce rayon de lune est un fil qu'à ta toile
Dans l'ombre ajoute Dieu.*

136 Sócrates não faz parte dos gênios da humanidade listados como tais por Hugo em *William Shakespeare*. É considerado o pai da filosofia, cuja característica básica reside

em sua fé na razão humana, mediante a qual o homem pode alcançar o autoconhecimento e a felicidade.

137 *Nous étions les bras forts de la France usurpée;*

Moi je fus la massue et toi tu fus l'épée,

Nous portions des drapeaux.

Nous étions les faux poids de la Balance humaine,

Et faisons promener Dieu du côté de la haine.

Les vers: Non, vous étiez des os.

Les os: Moi, je suis Tolbiaci, et toi, tu fus Pavie.

Je suis la mort d'un peuple, et toi tu fus sa vie.

Nous étions des géants.

Ce talon fut sanglant, ces mains furent féroces.

Nous étions des héros, nous étions des colosses.

Les vers: Vous étiez des néants.

Un des crânes: J'ai toujours, à genoux devant les amulettes,

Rempli des noirs gibets d'un monde de squelettes.

On craignait mon balcon.

Ô vers, votre dent sombre à toute heure me mine;

D'où venez-vous, bourreaux? D'où venez-vous, vermine?

Les vers: Des os de Montfaucon.

Un autre crâne: Roi lâche j'ai trahi mon pays en décombres,

J'ai regardé tomber mon peuple sous les ombres

Des arbres de mon parc.

J'ai d'un bûcher anglais rougi le ciel de France.

Ô vers, d'où venez-vous? D'où venez-vous, souffrance?

Les vers: Des os de Jeanne d'Arc.

Un autre crâne: Ô mort, quand finira ce tourment qui me navre?

Ils sont un million au moins sur mon cadavre.

Ô sépulcre ennemi!

Ma pauvre chair de roi lambeaux à lambeaux tombe.

Qui vous a, vers hideux, envoyés dans ma tombe?

Les vers: La Saint-Barthélemy.

Un autre crâne: Galant comme Henri, brave comme Xaintrailles,

J'ai relevé la France et j'ai bâti Versailles,

J'étais le roi vermeil.

Comme dans une fleur qu'une lèpre dévore,

Qui vous a, vers rongeurs, dans mes yeux fait éclore?

Les vers: Sire, votre soleil.

La terre: Ô rois! Dans bien longtemps, sous les pieds des saneurs,

Vous renaîtrez ivraie et plantes vénéneuses.

Le crime est sans pitié.

Vous renaîtrez chardon au penchant des collines,

*Et c'est vous qui serez les couronnes d'épines
Des dieux crucifiés.*

*Scélérats, vous serez la chose scélérate,
Vous serez la ciguë aux lèvres de Socrate,
Tyrans, vainqueurs, soldats,
Le poison et l'ortie écloront de vos têtes
Et vous serez broutés dans l'ombre par les bêtes
Et cueillis par Judas.*

*Vous serez, aux créneaux croulants de vos tourelles,
Les mousses que les vents soufflettent de leurs ailes,
Et, brins d'herbe broyés,
Chacun de vous, ô rois qu'avec terreur on nomme,
Pour avoir trop marché sur les grands fronts de l'homme,
Renaîtra sous ses pieds.*

*Un soupirail par où l'on voit le ciel étoilé:
Espérez, ô maudits, oubliez qui vous êtes.
La délivrance luit à travers les planètes
Au bord des horizons,
Et ces astres qui sont les célestes parures,
Sont les trous rayonnants de toutes les serrures
De toutes vos prisons.*

*Premier clou: Je suis le clou de fer, j'arrive d'où tu viens.
Renaîs, monstre! Je suis le canif de Damiens.
Au sombre châtiment des métaux je te livre,
Et mon assassinat, c'est de te faire vivre.
Tu seras fer.*

*Second clou: Méchant, tu seras pire encor.
Sois maudit pas le fer et sois puni par l'or!
Tu renaîtras monnaie et dans les lieux infâmes
Tu seras l'acheteur de la vertu des femmes.
Tu souffriras, tyran, des mots dont tu jouis,
Et garderas ton nom monstrueux de Louis.
Tu courras du tripot immonde dans l'orgie,
Et je marque ton âme avec ton effigie;
Tu seras or.*

Troisième clou:

138 *Damné, moi je suis le granit.
Je suis le clou fatal qui tient ceux qu'on punit.
Dans ce monde rempli d'obscures pénitences,
Moi je suis la racine horrible des potences.*

Ô rois, c'est mon devoir de tourmenter vos os,
 Et que vos gibets morts entrent dans vos tombeaux,
 Pendant que la potence, arbre sorti des crimes,
 Dans son noeud, sombre fleur, étrangle vos victimes,
 Il faut que vous sentiez, couchés sur des carreaux,
 Sa racine, autre noeud, à vos cous de bourreaux.
 Je suis celui qui sent frissonner les squelettes.
 Je suis le pilori, je suis les oubliettes.
 Despote, tu seras, c'est le décret d'en haut,
 Pierre d'un mur forçat qui sert dans un cachot.
 Tu vivras enchaîné dans l'ombre des Bastilles,
 Et, toi vice, toi boue et souillure des filles,
 Pour racheter ta vie, immense trahison,
 Vivant tu fus égout, mort tu seras prison.
 Le quatrième clou: Moi je suis l'ongle humain. Misérable fantôme,
 Tu vas tout expier.
 Le cadavre: Et redeviendrai-je homme?
 Le quatrième clou: Oui. Je te le promets.
 Le cadavre: Il est donc un moyen
 De reprendre ma forme?
 Le quatrième clou: Oui.
 Le cadavre: Quoi faire?
 Le quatrième clou: Le bien.
 Le cadavre: Comment?
 Le quatrième clou: Maudit, ta vie est un énorme abîme
 Où, longue cataracte, a coulé l'eau du crime.
 Mais tu peux soulever le coin de ton linceul.
 Le cadavre: Parle.
 Le quatrième clou: Tous tes forfaits se fondent en un seul.
 Le cadavre: Lequel?
 Le quatrième clou: Un couple heureux, grâce à toi, saigne et souffre
 Deux enfants qui jouaient sont tombés dans ton gouffre,
 Jérôme et Nihila.
 Le cadavre: Mes yeux sont aveuglés.
 Que faire?
 Le quatrième clou: Ils sont perdus.
 Le cadavre: Que faire?
 Le quatrième clou: Sauve-les.

139 O drama ditado por Shakespeare e pelo espírito do Drama é interrompido neste ponto, no estranho diálogo entre os quatro pregos do caixão de Luís XV e seu cadáver. A influência das revelações das Mesas no tema desse drama é manifesta. A questão abordada é a do crime e castigo que intervém no céu até o túmulo, trazendo à baila o

problema da metempsicose. Todas as coisas inanimadas falam aqui: as estrelas, o relógio, a alcova, as flores, o teto, os archotes, um botão de rosa, os móveis, a porta, a chave. Eles participam da ação e são os mais infelizes ao constatarem sua impotência para ajudar Nihila. Durante esse tempo, Hugo, que não assistia a essas sessões, terminara quatro cenas de uma comédia de 368 versos: *A floresta molhada* (publicada em 1886, no fim da edição original do *Théâtre en liberté*). Nessa comédia, o personagem principal, Denarius, atravessava uma floresta após a chuva. Durante a travessia, Denarius encontra duas jovens adolescentes que ele toma por deusas, apaixonando-se pela mais vulgar. Nessas diferentes cenas, todas as coisas inanimadas também falam: as flores, as plantas, os insetos, as árvores, as pedras, uma gota d'água, o tanque, uma nuvem, um asno... O drama inacabado de Shakespeare e a comédia terminada de Hugo apresentam muitas similitudes, assim como outras peças do *Théâtre en liberté*.

140 “O drama sou eu, é Molière, é Ésquilo, é Cervantes...”: é Hugo também. Antes mesmo de escrever sua comédia, *A floresta molhada*, ele fizera dialogar uma espada, uma lima, um marco de caminho, um túmulo, o vento, a justiça, animais, um navio, a justiça, o direito, a razão, a poesia... em dois poemas dos *Castigos*: “A beira do mar” (III, 15) e “Tudo se vai” (V, 4). Em 17/11/1853, as “Vozes num sótão” (*Os quatro ventos do espírito*, I, 6) fazem dialogar, em uma lista que antecipa [Jacques] Prévert, um casaco puído, uma cadeira sem palha, um forno frio, um copo cheio d'água, um pires empoeirado, uma cumbuca de madeira, uma janela quebrada, uma algibeira vazia, uma prancheta de escrever, um papel timbrado, um espelho rachado, um banquinho bambo, uma sola furada, um céu azul, o buraco da fechadura e um teto furado como em *Nihila*... Muitos outros poemas também fazem dialogar coisas inanimadas. Em “Sussurrando vozes” (*Toda a lira*, VII, 22, IX), escrito em 9/12/1853, são a lareira, a vidraça o relógio de bolso, um velho prego enferrujado na parede, um volume de André Chénier aberto sobre a mesa, uma garrafa, a felicidade, a porta, o baú, a parede, a cama, o travesseiro, a lamparina, a fatia de presunto, a mesa, uma carteira escolar, um tomo avulso de Bossuet, uma sandália, um chinelo, um busto na lareira que dialogam. Em “Abismo” (*A lenda dos séculos*, XX, XXVIII), escrito em 26/11/1853, são os planetas que conversam com o homem em uma escada que vai até Deus. Já no Epílogo de “Na sombra” (*O ano terrível*), escrito em 29/11/1853, trata-se de um diálogo entre o velho mundo e o oceano.

141 *Espère, car bientôt, qui sait, demain peut-être,
L'être ailé qui bourdonne à l'humaine fenêtre
Que mouillent tant de pleurs,
Cet ange papillon qui murmure espérances,
Qui, fait pour se poser sur toutes les souffrances,
Va des hommes aux fleurs,

Se prendra dans ta toile aux soyeuses dentelles,
Et tu t'envoleras toi-même avec ses ailes
De rayons en rayons
Jusqu'au ciel, toile immense où dans leurs fils de flammes*

*S'embusquent, pour y prendre au passage les âmes,
Les constellations!*

142 À asa, símbolo da liberdade, opõe-se a aranha, símbolo da fatalidade. Desde *Notre-Dame de Paris*, no qual Claude Frollo contempla, fascinado, uma mosca capturada na teia da qual ela não escapará mais, a aranha percorre, se é que podemos dizer, a obra de Hugo, constituindo um de seus motivos recorrentes. Esse tema é estudado por Pierre Albouy em *La Création mythologique chez Victor Hugo* (p. 169): nesse livro, o autor vê uma forma de semelhança entre a aranha e a estrela. A aranha é “sol negro do mal”, “ela destrói”; “a estrela clareia”. Mas a redenção é possível para a aranha. O poema “Potência igual bondade” (*A lenda dos séculos*, I, III), datado de 15/11/1857, conta a metamorfose da aranha em sol. Pierre Albouy acrescenta que a significação simbólica da aranha “ilustra um dogma fundamental, o da transfiguração do mal e da iluminação da sombra”. Sobre o símbolo hugoano da aranha, Charles Baudouin, em *Psychanalyse de Victor Hugo* (2008, pp. 137 ss.), desenvolve uma teoria da aranha “símbolo da Fatalidade e da Mãe terrível”. As sessões das Mesas já tinham esboçado esse tema, que aparece em “Amo a aranha e amo a urtiga” (*As contemplações*, III, XXVII).

143 *Humbles colimaçons qui rampez dans l'argile,
Et traînez tristement votre carcan fragile
Dans les puits désolés,
Ces yeux que vous dressez hors de vos enveloppes
Sont des cornes pour l'homme et sont des télescopes
Pour les cieux étoilés!*

*Tous ces regards d'amour sont pour toi, taupe aveugle.
Quand, dans les champs déserts où le boeuf rêve et beugle,
Tu creuses ton sillon,
L'astre qui te surprend perçant ta prison lourde
Dirige la clarté de sa lanterne sourde
Vers ton évasion.*

*Vous aurez, ô fourmis, si le pardon commence,
Pour fourmilière au ciel la Croix du Sud immense.
Dieu n'est plus irrité.
Chenille, à toi Vénus! Mouche, à toi la Grande Ourse!
Infusoire perdu dans les eaux de la source,
À toi l'immensité!*

144 *Vous aurez, ô fourmis, en changeant votre forme,
— — — — — énorme.
Insectes, regardez; regardez, nécrophores,
Poindre dans cette nuit ces millions d'aurores,
Et devenez joyeux.
Le matin du grand jour se lève, et voici l'heure*

*Qui luit de toutes parts dans la sombre demeure
À ces cadrans des cieux.*

*Espérez, vous aussi, soleils, astres sans nombre.
Le ciel n'est pas un bain où le forçat est l'ombre.
La délivrance luit.
Dieu n'a pas fait l'éther pour y mettre des bouges,
Et vous, vous n'êtes pas, ô soleils, des fers rouges
Dont il marque la nuit.*

TERCEIRO CADERNO

1 Já nos referimos às cópias manuscritas feitas por Cécile Daubray, aqui reproduzidas. Outro maço de cópias, dessa vez datilografadas, em ordem cronológica, estabelecidas por Cécile Daubray, foi encontrado na Maison de Victor Hugo, em uma caixa de papelão pertencente ao “espólio Gustave Simon”. A primeira parte dessas cópias corresponde ao período que vai de 1^a/2 a 30/5/1854. Elas coincidem com o teor das atas ou do *Livro das Mesas* de 1854. Outra parte dessas cópias datilografadas se estende de 3/7/1854 a 8/10/1855. Cobrem, portanto, períodos para os quais não existem às vezes nem atas nem manuscritos, revestindo-se, assim, de imensa importância. Naturalmente, na ausência de qualquer outro documento, as cópias de Cécile Daubray podem ser legitimamente questionadas quanto às escolhas efetuadas. No entanto, o cotejamento das cópias de Cécile Daubray com as atas de que dispomos, bem como com o caderno de 1855, mostra que suas transcrições, salvo por ínfimos detalhes, são absolutamente fiéis aos dois suportes que editamos e que Cécile Daubray respeitou quase literalmente os textos inéditos legados por Gustave Simon. Por essas razões, tomamos o partido de inseri-los entre os dois cadernos de Victor Hugo. O fato de Cécile Daubray ter podido copiar sessões ocorridas entre 3/7 e 19/12/1854 permite supor legitimamente a existência, além das atas, de um terceiro caderno, que iria de 31/5 ou 1^a/6/1854 a 20/1/1855. No que se refere ao ano de 1855, as cópias de Cécile Daubray não correspondem ao caderno de 1855 conservado na BNF. Faltam, nas cópias de Daubray, doze sessões presentes no caderno de 1855 (1^a/3, 8/3, 30/3, 13/4, 29/4, 4/6, 11/6, 13/6, 18/6, 16/7, 4 e 5/10), o que pode nos induzir a pensar que Cécile Daubray não se baseava no caderno de 1855, e sim nas atas das sessões. Transcrevemos aqui as cópias de Cécile Daubray referentes às sessões inéditas ausentes nos dois cadernos de 1854 e 1855.

*2 Vous êtes feux des nuits qu'allume le grand pâtre,
L'espoir du ver de terre et du grillon de l'âtre,
Vous êtes leurs réveils;
Le soir, lorsque le chien, las de sa chaîne, tombe,
Il sent que Dieu la brise et change dans la tombe
Les chaînons en soleils!*

Soyez fiers, ô soleil, d'apaiser les tanières;
Que le trou de l'insecte errant dans les ornières
Vers vous tourne ses yeux,
Et que le doux oiseau perdu dans le bois sombre
S'endorme en regardant briller là-haut dans l'ombre
Des nids mystérieux!

3 Comme l'ange parlait, le désert taciturne
Fixait sur lui d'en bas son beau regard nocturne.
L'ange luisait pour nous,
Les branches s'écartaient pour ne pas gêner l'herbe,
La montagne avait pris, complaisante et superbe,
La fleur sur ses genoux.

4 Pas un bruit; tout regarde et tout est aux écoutes;
La rosée étonnée a suspendu ses gouttes,
Et la mouche son vol;
Le silence remplit le nid de la fauvette;
La pierre d'un vieux mur, pauvre sourde-muette,
Fit taire un rossignol.

5 Toutes les grandes voix de l'ombre se sont tues;
Aux quatre bouts du ciel comme quatre statues,
Les vents, groupe effaré,
Font silence, et chacun, devant l'ange des bêtes,
A posé sur la bouche énorme des tempêtes
Son doigt démesuré.

Le cri des vautours cesse avec le chant des merles;
La fontaine interrompt le babil de ses perles;
C'est l'heure du remords;
Tout entend parler l'être aux ailes diaphanes,
Et le ver du tombeau l'écoute au fond des crânes
Par l'oreille des morts.

6 Pour ne pas empêcher les clochettes d'entendre,
Le Vésuve et l'Etna retinrent sous la cendre
Leur respiration;
Tout s'arrêta devant l'ange de la clémence;
De la création.

7 Ce fut, sous ce regard de la grande prunelle,
Une adoration pensive et solennelle;
L'arbre dit: aimons-nous!
Tout pria, le caillou se vit une auréole;

*Ce qui rampe se crut des ailes; ce qui vole
Se sentit des genoux.*

8 *Les gouttes de sang que tu prends pour des étoiles.*

9 *Et portant sur son front un haillon de lumière.*

10 Essa sessão da sexta-feira 29/12/1854 acha-se transcrita em um caderno em formato pequeno (13 x 17 cm) inédito, com a capa em mosaico verde. Comporta 36 páginas numeradas, as linhas são traçadas. Apenas as páginas 1, 2, 4, 5, 6 estão escritas; a p. 3 está em branco. Todas foram escritas por Victor Hugo. O caderno começa em 29/1/1854.

QUARTO CADERNO

1 Esse caderno de 1855 começa com a transcrição de uma curta sessão de 21/1, saltando em seguida para 11/2. O *Journal de l'exil* (t. IV, 11/1/1855), que começa em 1^a de janeiro de 1855, não faz alusão alguma às sessões das Mesas porventura ocorridas até 1^a/3. Vinte sessões foram realizadas entre 21/1/1855, data inaugural desse caderno, e 8/10/1855, fim das sessões espíritas de Jersey.

2 “O druidismo...”: “Chateaubriand, Arago e Jean Reynaud, a poesia, a ciência e a teologia, estas seriam as três fontes da astronomia hugoana”, observa Pierre Albouy em *La Création mythologique chez Victor Hugo* (p. 369). É muito provável que a doutrina druídica aqui referida tenha suas origens nas obras do “teólogo” da astronomia Jean Reynaud. No verbete “Céu”, publicado na *Nova enciclopédia*, de 1840, Reynaud explica que o céu, infinito e eterno como Deus, não é uma morada, mas um caminho. A vida no além é infinita e eterna e a alma muda incessantemente de aspecto, encaminhando-se para uma perfeição definitiva que convém considerar um termo ideal possível. Em suas *Considerações sobre o espírito da Gália*, obra publicada em 1847, mas em 1843 na *Nova enciclopédia* sob o título “Druidismo”, Reynaud remonta a origem de sua doutrina aos druidas, cuja missão era, por intermédio da Gália, transmitir ao mundo a ideia da imortalidade. Ora, *As coisas do infinito* começa com estas palavras: “As almas passam a eternidade percorrendo a imensidão. Eis o que diziam, há 2 mil anos, os Druidas”. Em junho de 1854, Reynaud publica sua obra teológica *Terra e céu*, na qual desenvolvia extensamente suas ideias. Hugo o tivera como colega na Assembleia Nacional e partilhava sua convicção de uma vida anterior e posterior à vivida aqui na Terra. Nesse aspecto, Reynaud opunha-se a outro conhecido de Hugo, Pierre Leroux, que acreditava apenas em reencarnações na Terra e, logo, na humanidade. O que permitia instalar a ideia de um socialismo fundado em um sentimento de solidariedade entre a humanidade de hoje e a de amanhã. No *Prefácio filosófico*, Hugo opõe-se à religião da humanidade de Leroux e defende a mesma doutrina da humanidade, em nome da democracia, de Reynaud.

3 À pergunta de Vacquerie feita no início da sessão, a Mesa responde de maneira fulgurante. Cabe a Hugo, em seguida, assimilar as instruções de Jesus Cristo e realizar o programa indicado. O fato fundamental de todo o sistema político, social, religioso,

metafísico, psicológico de Hugo é que, a partir de 1855, nasce uma nova religião, da qual ele se considera o fundador. Essa religião traz duas mensagens ao mundo: a ideia de que há almas individuais e conscientes em todas as coisas, até nas plantas e nas pedras, e a concepção de um perdão universal que não deixa nenhum pecado sem possibilidade de redenção, agora não mais eventual, e sim inevitável e certa. Jesus Cristo vem des-trinchar a nova religião, pela primeira vez, nesse domingo, 11/2/1855. Segundo Cristo, a humanidade deve ser governada sucessivamente por três grandes religiões: o druidismo, o cristianismo e “a verdadeira religião”. Duas dessas religiões pertencem ao passado, a terceira será a do futuro. Eis então definida a terceira religião, a verdadeira. Eis então o poeta designado sem engano possível pelo próprio Jesus Cristo. Fundador da segunda religião, Jesus Cristo vem falar e passar o bastão a Hugo. Sua missão está terminada e Jesus entrega o poder nas mãos do novo profeta, encarregado de conduzir a humanidade rumo ao “Oitenta e nove dos arcanjos”.

4 “Quando te vi sobre o martírio”: Hugo provavelmente se engana, substituindo o nome do local onde avistou sua interlocutora pelo que ela é para ele. Convém compreender aqui “o calvário”. O lugar onde Hugo costuma ver luzes estranhas, à tarde ou à noite, quando volta para casa, é o dólmen da Torre Branca, isto é, de Mont Ubé, hoje não longe do solar de Samares, que sobranceia a praia de Azette. O *Journal de l'exil* (t. IV, 1^a/3/1855) indica: “Praticamos as Mesas até 3h da m[anhã]. Meu pai interroga [a] luz”.

5 A partir de outubro de 1854, Hugo adquire o hábito de registrar similitudes entre as afirmações da Mesa e sua produção poética. Em 22/10/1854, quando a Mesa enunciou que “os astros são gotas de sangue”, Hugo indicou ter escrito o verso: “Dessas gotas de sangue que julgamos estrelas”. No mesmo dia, a Mesa ditava: “andrajos de raios” e Hugo apontava ter escrito: “andrajos de luz”. Em 10/11, a Mesa expunha a hierarquia dos astros no céu, Hugo mencionava seu poema “Explicação”, datado de 5/10/1854 (*As contemplações*, III, XII). Em 18/12, Hugo lia para o seu círculo os últimos versos de “Inferi”, manuscrito datado de 11/6/1854 (*A lenda dos séculos*, série complementar, VI), para mostrar o paralelo surpreendente entre as afirmações da Mesa e os seus versos, embora ressaltando a anterioridade de suas criações poéticas com relação às revelações da Mesa. Acontece o mesmo aqui. *As coisas do infinito* começa com esta frase: “As almas passam a eternidade percorrendo a imensidão”. Lembramos que essa ideia poderia advir da influência do teólogo Jean Reynaud, que afirmava, no verbete “Céu”, da *Encyclopédie nouvelle*, primeiro em 1837, depois em 1840, que o céu era um caminho e não uma morada, que a alma mudava constantemente de aspecto rumo a uma perfeição definitiva e ideal. A analogia entre as revelações da Mesa e as criações do poeta é uma faca de dois gumes. Ao mesmo tempo que garante a veracidade das afirmações da Mesa e a veracidade das intuições do poeta, ameaça destruir a originalidade da criação e transformar Hugo em um operário do Verbo, tradutor genial do ditado dos espíritos. Eis por que, sem dúvida, Hugo faz sempre questão de estabelecer a anterioridade de sua criação ou de sua intuição com relação às afirmações da Mesa.

6 “As únicas preces boas são as que semeamos ao vento sobre todos os túmulos”: em 1830, Hugo, assim como Lamartine, Vigny, Michelet, considera a Igreja uma instituição moribunda e julgam o dogma “ultrapassado”. Seus filhos, no entanto, foram criados na religião católica. Hugo não vai à missa, mas reza. Ele coloca na boca de Jean Valjean: “As crianças jantaram conosco; eu mesmo fui deitá-las e fazê-las dizer a reza”. À noite, quando é assombrado pelas visitas noturnas, é à prece que ele recorre.

7 A Dama Branca interveio em duas ocasiões, 23/3/1854 e 19/6/1854, marcando encontros com Hugo, “aonde ele deve ir sozinho” à meia-noite ou às três da madrugada, à beira do mar e “do infinito”, aos quais Hugo não ousou ir. A Dama Branca dá origem ao poema “Àquela de véu” (*As contemplações*, VI, XV), cujo título original era “À velada”. O poema traz a data fictícia de “janeiro de 1854”, mas o manuscrito está datado de “11/1/1855”. Esse poema revisita o tema da asa, contido em “Claire” (*As contemplações*, VI, VIII), e a ideia de que o homem em sintonia com o além é capaz de perceber a presença das almas, dos seres alados e invisíveis, dos anjos.

8 Nessa época, a produção poética de Hugo era respeitável. Entre o início do outono de 1853 e a primavera de 1855, ele terminara mais de duzentos poemas, alguns dos quais compreendiam mais de mil versos. A maioria destinava-se às *Contemplações*, a *Deus* e a *O fim de Satã*. Todas as antologias futuras estavam concernidas por essa verve poética, em especial *Os quatro ventos do espírito* e mesmo *Última sarça*. O ano de 1855 se afigurava especialmente fecundo, como Hugo escrevia a Émile Deschanel em 14/1/1855: “Trabalho praticamente noite e dia, navego em plena poesia, transpiro anil”.

9 *Le prophète et le poète*

Affirment l'être au néant

La terre écoute inquiète

Cet archange et ce géant;

La foule aux vils dialogues,

Ce tas de loups et de dogues

Qui rôde sous le ciel bleu,

Tout ce noir troupeau qui nie

Interlocuteur de Dieu.

10 “Quinta-feira, 22/3...”: No dia seguinte à sessão de 22/3/1855, eis o que conta Adèle Hugo em seu *Diário* (t. IV), em 23/3/1855:

“Depois do jantar. Meu pai pega o livro das Mesas e lê o seguinte: [lacuna] Victor lê. Charles está deitado no sofá. Charles fuma, minha mãe costura.

— Há quinze anos, quinze anos!, fiz os seguintes versos, que apresentam uma similitude completa.

Meu pai sobe ao seu quarto. Em sua ausência, minha mãe diz: Não impliquem com seu pai, crianças! Não impliquem com seu pai. Meu pai desce e chega com um papel amarelado e lê os seguintes versos: [lacuna]

— É belíssimo.

Charles dá uma baforada: Quando se vive em um círculo de ideias comuns, difícil não coincidir. Você está preocupado com as mesmas ideias que as Mesas. É claro que vai encontrá-las.

Meu pai: Admito perfeitamente, plenamente, em determinadas coincidências, pois acredito que o fundo de tudo é comum. Mas essas coincidências aqui são frequentes demais.

Charles: Mesmo assim, por mais que sejam frequentes, elas existem. Como impedi-las?

Meu pai: Não posso nem quero impedi-las, o único inconveniente dessas coincidências será me forçar a desistir de um livro que eu queria fazer sobre Filosofia e o Outro Mundo. Não copieie as Mesas, uma vez que, há 25 anos, cultivo essas ideias filosóficas da Mesa, mas serei compelido a desistir para que não digam: Ah, você viu?, o Victor Hugo copiou as Mesas e colocou em versos o que elas disseram em prosa.

Charles: Mas o raciocínio delas, a abordagem, perde a força diante disto: não existe nada de novo sob o céu, nem sequer as coisas mais novas. O crítico mais sutil, o espírito mais profundo não descobriu nada de absolutamente novo. As Mesas falam da alma dos animais. Desde o começo do mundo, isso é especulado. Houve quem dissesse: Os animais não têm alma. E outros: os animais têm alma. Lamartine atribuiu uma alma ao cão de Jocelyn. Em um livrinho que temos aqui, *Geneviève*, de Lamartine, a mesma ideia é aplicada a um pássaro. A questão reside principalmente em dizer a mesma coisa de uma forma diferente.

Meu pai: A única coisa que as Mesas afirmaram e que eu não afirmei no livro inédito que pretendo publicar é a alma dos animais, e mesmo assim, fiz disso um capítulo à parte. Admito, sim, que ideias iguais possam brotar em cérebros diferentes, mas sua expressão não pode ser a mesma. Ora, o que dificultará a publicação do meu livro é que coincido muito frequentemente com a Mesa, não só no nível da ideia, mas no estilo de frases e palavras. Quanto à ideia da alma do animal, ocorreu-me há muito tempo. Em todo caso, o mundo também a cultiva há muito tempo. A mitologia tem as driades e as hamadriades.

Victor Hugo larga o livro. A Charles: Por falar em alma dos animais, nas *Mil e uma noites* há duas irmãs transformadas em camelos. Minha mãe: Existem árvores que sangram quando cortadas.

Meu pai: Como! Existem árvores que emitem gritos humanos.

Minha mãe: A camélia chora quando a podamos".

É o próprio Victor Hugo, portanto, quem afirma: as ideias da Mesa, as palavras da Mesa, os estilos de frases da Mesa são hugoanos.

11 Pierre Albouy (op. cit.) desenvolveu extensamente essa ideia de *revolução*. Em 1860, Hugo retoma seu livro então intitulado *Les Misères* e apresenta Monsenhor Myriel, figura do espírito do Evangelho, "frente a uma luz desconhecida", a luz da Revolução que o convencional define como "o mais poderoso passo do gênero humano desde o advento de Cristo" (*Os miseráveis*, I, x). O Cristo Jesus anuncia e prefigura o outro Cristo, o Povo.

Na Conclusão de *Napoleão, o pequeno*, o povo francês é apresentado como o novo Messias, presidindo “a ceia das inteligências”, multiplicando “o pão da vida”, andando “sobre as águas das revoluções”, curando “as nações doentes”, embora o “grilhão da Inquisição acorrentado ao seu pé” o “cegue”, “o velho papismo” tendo-lhe “enchido as retinas de bruma e de noite”. Mas a paixão de Cristo caiu nas mãos dos “homens do passado”. “Uns forneceram a cruz, outros os pregos, outros o martelo. Falloux, por sua vez, colocou-lhe na frente a coroa de espinhos. Montalembert aplicou-lhe na boca a esponja embebida em vinagre e fel. Luís Bonaparte é o miserável soldado que lhe desferiu o golpe de lança no flanco e o fez dar o grito supremo: *Eli, Eli! Lamma Sabactani!*... O povo francês está morto...” (*Napoleão, o pequeno*).

Hugo vaticina em seguida a ressurreição do “Cristo-Povo” no terceiro dia. Michelet, em *O povo*, via em “Oitenta e nove” a “segunda época” de Deus, uma nova encarnação (*O povo*, III).

12 *La science affranchit le Titan chimérique;
Le feu du ciel soumis devient un noeud d'amour;
L'oiseleuse dans l'air noue un fil électrique
Aux pattes sombres du vautour.*

*La foudre devant qui pâlirent les prophètes
Par elle deviendra l'universel aimant.
Elle réconcilie au milieu des tempêtes
Tous les éclairs du firmament.*

*Le faux et le néant s'entrecroisent sur elle.
Elle a pour noirs barreaux la matière et le mal
Mais on sent par moments tressaillir d'un bruit d'aile
Cette cage de l'idéal.*

*Elle retient captifs dans ses étroites bornes
Galilée et Newton; sombre captivité!
Poètes prisonniers, ces deux grands savants mornes
Espionnent l'immensité.*

*Tous les deux enchaînés dans le chiffre tenace,
Ils sont dans cette cage où dort leur oeil terni,
Montrant leur envergure ainsi qu'une menace
Aux distances de l'infini.*

*Ils étaient faits pour l'air où l'aigle vole en troupe;
Mais la science étreint leurs deux essors vermeils.
AnGES mystérieux, ils permettent qu'on coupe
Leurs ailes pleines de soleils.*

*Ils portaient sur leur plume et les monts et la neige
Et les rayons du soir et l'ombre et le levant*

Et les voyages longs qu'aucun terme n'abrège
Et les quatre routes du vent.

Ils portaient les volcans, ils portaient les décombres;
Tous deux étaient de force à franchir le ciel bleu;
Ils pouvaient, grands faucons de la chasse des ombres,
Se poser sur le doigt de Dieu.

Ils pouvaient, changeant l'ordre où leur regard les mène,
Comme Eschyle chercher dans l'art les vérités
Et s'abattre du fond de la pensée humaine
Sur les chefs-d'oeuvre épouvantés.

Ils pouvaient s'emparer d'Oreste aux noirs désastres,
Prendre l'homme assassin ou l'ange d'Elseigneur;
Ils pouvaient dans la nue au lieu d'un de ses astres
Rapporter Hamlet au Seigneur.

Ils auraient pu saisir la muse ensablantée
Pour la jeter aux pieds du chasseur éternel
Et lui livrer l'orfraie immense, Prométhée,
À clouer aux portes du ciel.

13 Ô Newton, Galilée, Hippocrate, Archimède,
Devant le sphinx du mal Œdipe du remède,
Cygnes au grand oeil généreux
Qui, devenus hiboux aux luisantes prunelles,
Vîtes les chiffres noirs croître au bout de vos ailes
Comme autant d'ongles douloureux,

Sinistres chats-huants de l'immensité sombre,
Ô plongeurs de la nuit, ô regardeurs de l'ombre,
Qui viviez tristes dans vos nids
En dehors du réel, en dehors du possible,
Posés sur les créneaux de l'incompréhensible,
Forteresse des infinis,

Vous qui, vous acharnant à contempler l'extrême,
Ouvriez vos yeux ronds, spectres du théorème,
Devant les cieus illuminés,
Si bien que les soleils des abîmes funèbres
Se croyaient menacés d'en bas dans les ténèbres
Par des globes d'or indignés,

Ô pâles voyageurs de l'introuvable porte,
Qui, le matin, pensifs sur quelque branche morte

*Regardiez l'erreur qui vous suit,
En secouant votre aile humide, encore glacée
De l'humaine sueur, cette immense rosée
Qui tombe de l'humaine nuit,*

*Fantômes dont l'esprit ignore les coudées,
Captifs par vos calculs, libres par vos idées,
Tantôt loin de Dieu, tantôt près,
Esclaves de la nuit dont l'aurore est voisine,
Dont l'essor dans le ciel en terre a sa racine.*

14 O caderno de 1855 apresenta uma longa elipse entre 29/4 e 10/5. No entanto, na noite de 1ª para 2/5, Victor Hugo procedia à leitura de “Solitudines coeli”, poema impregnado das revelações da Mesa e inicialmente planejado para as *Contemplações*:

“— Então leia para nós alguma coisa das *Contemplações* [...]”

Meu pai finalmente cede e sobe. Desce com um manuscrito na mão. [...] Três velas desiguais ardião e iluminavam a pequena sala de jantar. [...] Eram 10h da noite. Escutávamos. Meu pai lê seu poema das Religiões, cujo título é ‘Solitudines coeli’. Começa falando da religião de Shiva, depois da religião do Bem e do Mal, luta escura dos dois, o Bem e o Mal. Era meia-noite; meu pai, cansado, fecha o manuscrito, diz que devemos estar enfasiados de duas horas de versos, pergunta aos presentes se deve continuar. Todo mundo exclama e lhe suplica que continue.

Ele continua. Fala do judaísmo, depois chega à religião de Cristo. Era 1h. Meu pai pergunta aos presentes se convém interromper; os ouvintes querem continuar escutando essa obra toda abstrata, que tinha o caráter de um drama e de uma epopeia. Meu pai refere-se às revelações feitas pelas Mesas, depois chega finalmente à sua própria religião, que se resume nesta grande palavra: Amor. O poema termina com reticências, isto é, só termina no Infinito.

Eram 2h30 quando meu pai terminou seu poema, que compreende 1.946 versos, um inventário das religiões que buscaram a Deus sem jamais encontrá-lo.

Kesler, o ateu, começa não obstante a crer em Deus, do qual esse poema gigantesco é a escada de fogo. Parte, dizendo consigo: É tão belo quanto o Apocalipse, e nos retiramos todos, emocionados e deslumbrados” (*Journal de l'exil*, t. IV, de 1ª para 2/5/1855).

Esse poema estava inicialmente programado para *As contemplações*, o que acabou não acontecendo. Ao longo dos anos, Hugo lhe acrescentará centenas de versos e mudará o título para *Deus*. Este só será publicado, de maneira póstuma, em 1891.

15 Molière reproduz em sua construção poética a forma de uma sextilha composta de duas vezes dois alexandrinos alternados, a cada vez, por um octossílabo. Tal forma, bastante rara na obra do dramaturgo, nos lembra as estrofes utilizadas por Hugo, um ano antes, entre março e junho de 1854. Seis poemas das *Contemplações* escritos nesse ano, “Horror” (VI, XVI), “Dolor” (VI, XVII), “Ó abismo! a alma mergulha...” (VI, XIV), os três escritos em março de 1854, “A claridade de fora” (III, XXII), composto em maio, “Ai de mim! tudo é sepulcro...” (VI, XVIII), escrito em junho, “Religio” (VI, XX), redigido em

outubro, adotam o mesmo modelo estrófico. Assim como outros três poemas das *Contemplações* escritos em data distinta, “Charles Vacquerie” (IV, XVII), em uma data incerta, “A estátua” (III, VII), no início de junho, e as cinco últimas estrofes de “Magnitudo parvi” (III, XXX), na mesma data. É evidente que a forma estrófica das peças da segunda metade do livro VI das *Contemplações* não resulta de um acaso. Cinco delas são agrupadas sob sete números, devendo, portanto, ser lidas na continuidade desejada por Hugo: XIV, XVI, XVII, XVIII, XX. As peças XIV e XX parecem emoldurar as peças XVI, XVII, XVIII, que são o par “Horror-Dolor” e “Ai de mim! tudo é sepulcro...”, escrito em 9/6, no mesmo arruibo dos demais poemas da mesma seção. Como observa Jean Gaudon (Edição Massin, t. IX, p. 695): “A escolha de uma forma estrófica não é nem mais indiferente nem mais fortuita para o poeta do que a de uma tonalidade para o músico (sol menor de Mozart ou lá bemol maior de Schubert)”.

16 “Seu feio monturo”: “O monturo de Jó, transfigurado, se tornará o calvário de Jesus” (Hugo, *William Shakespeare*, I, II, “Os gênios”). Charles Baudouin (*Psychanalyse de Victor Hugo*, 2008, pp. 88-9) mostrou que a curiosa associação entre o ouro e os excrementos era constante no poeta. A imaginação de Hugo explora-a em diversas ocasiões, em especial em *Os miseráveis* e no capítulo sobre “O intestino de Leviatã”, associado ao monturo. Um longo trecho de Hugo expõe as imensas possibilidades da utilização do insumo humano, essa riqueza desconhecida: “Se nosso ouro é estrume, em contrapartida nosso estrume é ouro” (*Os miseráveis*, V, II, I).

17 *Je vous prends à témoins, sculpteurs de la matière,
Dites à Philaminte avec moi, son Molière,
L'autre face du dieu réel,
À cette folle idée éprise des étoiles
Montrez l'énormité sombre et pleine de voiles
Des horizons verrous du ciel.*

*Parlez-lui du limon, de l'ordure et de l'auge,
Dites-lui que la boue où le pourceau patauge
Est une gloire, est un honneur,
Dites-lui, noirs savants, que la fange est sublime,
Et que l'excrément vil d'un ver est une cime
Sous l'immense pas du Seigneur.*

*Dites-lui que jamais le regard ne se baisse,
Que Job sur son fumier hideux où tout le blesse
Racle l'infini sur sa main,
Qu'une plaie est un astre en haillon sur les hommes
Et que vous êtes, vous, les pales astronomes
Des ulcères du corps humain.*

*Dites-lui qu'il n'est pas au fond de différence
Entre le mendiant abîmé de souffrance*

*Et cette nuit aux flancs maudits
Accroupie et gisante en sa guenille brune
Qui passe le tesson de verre de la lune
Sur sa lèpre de paradis.*

*Dites-lui que, pendant la tempête, la pluie
Lave ce vil manteau qu'avec dégoût essuie
Philaminte aux doigts orgueilleux;
Et que les vents du ciel, valets de la rafale,
Donnent du haut déchaussé immonde de Chrisale
Des coups de brosse furieux.*

*18 Dites-lui: rien de bas, rien de noir, rien d'indigne;
Toute ombre est l'oeuf charmant où la nuit couve un cygne,
Tous les rampants sont des ailés;
La vapeur d'un dîner voyage avec les trombes,
Et Dieu fait du gazon qui pourrit sur les tombes
Le fumier des cieux étoilés.*

*19 Vois cette basse-cour. L'ignoble troupeau d'oies
Y traîne dans la fange où le porc met ses joies
La plume des lettres d'amour.
Ce sont nos actions qui déposent les mondes,
Les astres de ta nuit, tas d'ordures immondes
De l'immense borne du jour.*

*La matière te fait peur, grande dégoûtée;
Il te faut Orion, Vénus, l'ombre lactée;
C'est donc là l'immatériel?
Sache que ce sont là pauvretés et misères;
Les constellations, les globes et les sphères
Sont les trous des haillons du ciel.*

*Toi qui ne veux pas coudre au pourpoint de Chrisale,
Veux-tu raccommoder la loque colossale?
Plairait-il mieux à ta fierté
De coudre à la clarté toute ombre inférieure,
De ravauder l'espace et d'emprunter à l'heure
L'aiguille de l'éternité?*

*Quand tu ferais un point au monde chimérique,
Et quand ce point serait le point géométrique,
Le point premier, le point dernier,
Sache que tu ferais en rejoignant les pôles
De pitié dans l'azur hausser les deux épaules
À Dieu, l'énorme chiffonnier.*

Haut-de-chausses de l'homme ou vêtement de l'ange,
C'est toujours la matière et la tache et la fange;
Toujours le vil habit charnel
Qu'on secoue et qu'on brosse à l'heure où la nuit tombe;
Qu'on use, et qu'à la mort on serre dans la tombe,
Malle du voyageur éternel.

Mais cette boue est grande et cette chair est belle;
La fleur naît de la boue, et de la chair sort l'aile.
Le verbe s'échappe du bruit;
Le bienfait sort du mal, et c'est de la rosée
Qui coule lorsque Dieu sur la terre épuisée
Lave ses mains noires de nuit.

Apprends cela de nous, esprit qui n'as de place
Que pour l'immensité, front vide et plein d'espace,
Étroit grenier d'astres garni,
Mendiant des cieus aux guenilles de flammes
Qui tends le bras au bord de l'ombre et qui réclames
Les petits sous de l'infini.

20 Em 31/5/1855, “às 9h da noite”, realizou-se um sarau muito ilustre. Com efeito, Victor Hugo procedeu à leitura de “Os magos” (*As contemplações*, VI, XVIII), poema extenso com 71 décimas, terminado, segundo o manuscrito, em “24/4/1855”, e que, segundo o *Journal de l'exil*, causou praticamente o mesmo efeito que a leitura de “Solitudines coeli”: “Nove horas da noite. Meu pai lê uma série de versos tirada das *Contemplações*; chama-se ‘Os magos’. Neles, desenvolve a ideia da Religião democrática, da santidade de seus padres”. Esse poema estabelece, desde os primeiros versos, o lugar do poeta na sociedade: “Deus com Suas mãos sagra os homens” [...] “Esses homens são os poetas”. São também os artistas, cientistas, pesquisadores, exploradores, profetas, “as mentes férteis”. Sua lista continua e compreende mais de oitenta nomes, dos quais mais de duas dezenas visitam a mesa de Marine Terrace. Esse poema parece ter, no espírito de Hugo, uma função demonstrativa comparável à desempenhada pela Mesa. “Para meu pai, os verdadeiros padres [...] são todos aqueles que têm o pensamento na frente, todos os que falam do mundo invisível, os profetas, sonhadores, cientistas, poetas: Homero, Isaías, Michelangelo, Shakespeare, Fulton. No entanto, em sua listagem dos grandes homens, ele reserva um lugar, quando não a Cristo, pelo menos ao cristianismo: Cristo na cabeça, Homero no peito... [...] Meu pai demonstra que liberdade, democracia, pensamento e ideia são formas distintas do mesmo fundo, Deus.” (*Journal de l'exil*, t. IV, 31/5/1855). As revelações das Mesas esgueiravam-se paulatinamente nos poemas de Hugo, que agora percebia a diferença entre os grandes gênios que o haviam precedido: Êsquilo, Dante, Shakespeare, Molière e ele. A morte os reduzira ao silêncio, ao passo que ele poderia sobreviver à sua morte seguindo os conselhos destilados pela Morte, em 22/10/1854, postergando a publicação do *Livro das Mesas*, “uma das grandes Bíblias do futuro”, para o século XX.

21 Sobre a teoria dos mundos sucessivos, ver p. 554, nota 52; sobre a definição que Hugo dá de sua nova religião, em 1853-54, ver p. 593, nota 87 [citação das três páginas de *Apelo ao povo*]. A concepção hugoana da espiritualidade postula a ideia de duas formas de vida no além: as metempsicoses na Terra e as migrações para planetas mais ou menos felizes. Ela se encontra em substância em “O que diz a Boca de Sombra” (*As contemplações*, VI, xxvi).

22 Lembramos que Jean Reynaud, no verbete “Céu”, publicado na *Nova enciclopédia*, de 1840, explicava que o céu, o infinito e o eterno como Deus, não é uma morada, mas um caminho. A vida no além é infinita e eterna e a alma muda incessantemente de aspecto, encaminhando-se para uma perfeição definitiva que convém considerar como um termo ideal possível. Ora, *As coisas do infinito* começa com estes termos: “As almas passam a eternidade percorrendo a imensidão”.

23 *Os astros se ligam aos astros por meio dos raios*: toda essa teoria desenvolvida pelo Dedo da Morte será completada por Hugo em três páginas de prosa escritas no verso das provas tipográficas do *Apelo ao povo* de 31/10/1852, já mencionado (ver p. 593, nota 87).

24 *Mes rayons sont les fils effrayants qui les tiennent*.

25 Na segunda-feira, 18/6/1855, Adèle anotava em seu diário: “Meu pai termina neste momento: um drama, *Homo*; um poema épico, *O fim de Satã*; uma história, *O crime de dezembro*; um livro socialista; dois romances, entre eles *Os miseráveis*, *As pequenas epopeias* etc.” (*Journal de l'exil*, t. IV, 18/6/1855).

Homo é um drama iniciado, ao que tudo indica, em 1854, e jamais concluído. *O fim de Satã* será publicado em 1856, após a morte de Hugo. O primeiro volume de *O crime de dezembro*, iniciado em 1851, será publicado em outubro de 1877 e o segundo, em 1878. O título definitivo será *História de um crime*. A redação dos *Miseráveis*, sob o título originário de *As misérias*, teve início no fim de 1845. É interrompida em fevereiro de 1848 para ser retomada no início de 1860. A publicação se dará em 1862. *As pequenas epopeias* terão como título final *A lenda dos séculos*. A primeira série será publicada em 1859; a segunda em 1877; a terceira em 1883.

26 O dr. Clair de Montigny, cirurgião-major que chegara da França na véspera, a quem Adèle chama Clever de Madigny: “Ex-cético convertido bruscamente às ideias da existência anterior e posterior, tornara -se nosso apóstolo afável e alegre das revoluções das Mesas” (*Journal de l'exil*, t. IV, 3/10/1855). Esse médico não parece particularmente apreciado por Paul Meurice, uma vez que “a conversa sobre Chilly é bruscamente interrompida pela chegada de um desconhecido que afugenta o sr. Meurice. [...] Ele é cirurgião-major. Mora na França e vem para visitar meu pai” (ibidem). A experiência singular liderada pelo dr. Clair de Montigny consistirá, durante três dias, em tentativas de atrair à mesa de Marine Terrace o espírito de um dos participantes adormecido nas proximidades. François-Victor, Augustine Allix, a sra. Paul Meurice prestaram-se à experiência, previamente colocados em estado de hipnose. O princípio do tratamento de certas doenças mentais por hipnose será desenvolvido no hospital de la Salpêtrière, a partir dos anos 1850, pelo professor Charcot, o que vai inspirar Maupassant por ocasião da criação do *Horla*. Outra experiência levada

a cabo pelo dr. Clair de Montigny consistiu em exercícios de escrita inconsciente, espécie de prática de escrita automática anterior ao surrealismo. Os participantes, reunidos ao redor da mesa, tocam no ombro ou na cabeça do médium, que, por sua vez, segura uma pena. A mão do médium se move à sua revelia e escreve palavras e frases que provêm dos outros participantes.

27 *Homme tant éprouvé que tu puisses paraître,
Au courage, à l'espoir ne dis jamais adieu.
Avec calme songe qu'il est toujours un être
Dont l'équitable loi nous gouverne: c'est Dieu.*

Hugo, o golpe de Estado, o exílio, a ameaça de uma nova expulsão, a esperança da queda de Napoleão III, de um retorno à França, Deus: tudo resumido em poucas linhas. Como poderia ser de outra forma?

28 Examinando o desenrolar dessa sessão, percebemos que Charles leva aproximadamente uma hora e quarenta minutos para escrever esta frase absconsa: “O mistério magnético não é mudo. Ele é verdadeiro mas é monossilábico”. Mais tarde, Charles dirá, consternado, “que os versos que o espírito ditara eram insignificantes, que aquele espírito era um cretino do espaço” (*Journal de l'exil*, t. IV, 4-5/10/1855). Adèle confirmará o pouco interesse dessas últimas sessões, deveras decepcionantes: “Antigamente os espíritos das mesas de Marine Terrace ditavam coisas sublimes pela mão de Charles; esses outros espíritos dizem coisas insignificantes pelas mãos de Duverdiere, Allix e esse Senhor [o dr. Clair de Montigny]” (Idem, *ibidem*).

Eis a explicação que a sra. Hugo dará ao marido para as platitudes ditadas pelas Mesas nos últimos dias: “Espíritos muito grandes que vêm a este mundo não procuram homens medíocres. Os homens medíocres têm espíritos inferiores, como os que ditam banalidades (*ibidem*)”.

Assim, a qualidade dos textos ditados pela Mesa, pelas vozes de Jesus, da Morte, de Shakespeare, do Leão de Androcles, de Galileu e da Sombra do Sepulcro, talvez se devesse exclusivamente à presença de Victor Hugo.

29 8/10/1855, véspera da partida da família Meurice, é a data da última sessão das Mesas registrada nas atas e nesse caderno. Diz a tradição que não houve mais sessões espíritas por vontade expressa de Hugo, em consequência da crise de loucura furiosa que teria acometido Jules Allix: trata-se de um equívoco manifesto.

30 A pergunta procede de Hugo e a resposta dada faz mais uma vez a ponte com as palavras pronunciadas por Léopoldine por ocasião da primeira sessão, em 22/9/1853: “Filha. Morta. Ame soror. Amar”. Em 8/10, Victor Hugo interromperá o último poema, quase terminado, das *Contemplações*: “Àquela que permaneceu na França”. Ele será terminado em 2/11/1855, dia de Finados, em Guernesey. Essa deslumbrante dedicatória final com “cerca de 250 versos que são o lacre final do livro” (carta de Victor Hugo a seu revisor, Noël Parfait, 25/10/1855) destina-se a Léopoldine: “Abre tuas mãos e pega este livro: ele é teu”. Este último poema, contagiado pelas revelações da Mesa, ecoa temas que percorrem

As contemplações. “O contemplador, triste e atormentado, porém sereno” pôde falar, em Marine Terrace, com sua filha.

ATAS NÃO DATADAS

1 Essas atas foram encontradas por nós na Maison de Victor Hugo, em uma caixa de papelão com o título “Madame Daubray” (secretária de Paul Meurice, depois de Gustave Simon, executores testamentários de Hugo). Trata-se de cópias manuscritas realizadas por Cécile Daubray, que correspondem a períodos para os quais não temos nenhum documento: as sessões de 2 a 6/12/1853 e de 9 a 14/12/1853. São, contudo, apenas cópias; que credibilidade lhes atribuir? São documentos relativos à visita dos “espíritos” de Jean-Jacques Rousseau, Victor Hugo não estando presente, depois de Aníbal, interrogado por Hugo; de Sócrates, Hugo não está presente; de André Chénier, Hugo está presente; de Tapner. São em geral sessões que não aconteceram na casa de Marine Terrace, mas na dos vizinhos Leguevel. É a única vez que este local é mencionado em todas as atas e essa indicação permanece sujeita a exame.

2 Tapner não perde a oportunidade de mencionar a fúria de Palmerston após receber a carta de Victor Hugo, a cujo respeito Auguste Vacquerie acrescentará: “O senhor pode dizer uma coisa terrível a Palmerston [em 1846, quando Hugo era Par de França e membro do Instituto, Palmerston, na época ministro das Relações Exteriores, foi recebido no domicílio de Victor Hugo, ‘conduzido pelo marquês de Normandy e pelo príncipe de Ligne’] a propósito da corda de Tapner, mal enforcado. Poderia dizer: Faz melhor o nó na sua gravata do que na dos outros” (*Journal de l'exil*, t. IV, 19/6/1855).

3 Essa anotação de Paul Meurice é bastante surpreendente. A crer na veracidade das anotações de Adèle Hugo, das atas e do livro de Auguste Vacquerie, *Les Miettes de l'histoire*, bem como no testemunho do próprio Victor Hugo, o poeta está de fato presente à sessão de 11/9/1853.

ESCLARECIMENTO

- 1 Gustave Simon nunca fala de cadernos, e sim de atas.
- 2 Cópias datilografadas sem relação com nenhum dos dois cadernos disponíveis.

Este livro foi composto na fonte Albertina
e impresso em março de 2018 pela RR Donnelley,
sobre papel pólen soft 80 g/m².